
ALÉM
DAS
ONDAS
AUTORA DE O INVERNO ENTRE NÓS
SAM BENNET

ALÉM DAS ONDAS

AUTORA DE O INVERNO ENTRE NÓS

SAM BENNET

Copyright © 2022 Sam Bennet
ALÉM DAS ONDAS

Capa: Larissa Chagas
Revisão: Bianca Bonoto
Leitura Crítica: Ana Paula Ferreira
Diagramação: Sam Bennet

Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados aqui são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos são reservados à autora. São expressamente proibidas a distribuição ou reprodução de toda e qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Esta obra segure as regras do Novo Acordo Ortográfico.

SUMÁRIO

SUMÁRIO
PLAYLIST
NOTAS DA AUTORA
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26

27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
REDES SOCIAIS DA AUTORA

PLAYLIST

1. Steal My Girl - One Direction
2. True Love - P!nk (feat. Lily Allen)
3. She Looks So Perfect - 5 Seconds of Summer
4. Paper Rings - Taylor Swift
5. Still into You - Paramore
6. Kiwi - Harry Styles
7. Won't Go Home Without You - Maroon 5
8. Dandelions - Ruth B.
9. Brutal - Olivia Rodrigo
10. Cruel Summer - Taylor Swift

Acesse à *playlist* completa no Spotify



NOTAS DA AUTORA

Este livro contém **gatilhos** relacionados ao luto e abandono parental. Possui também cenas com consumo de álcool e drogas lícitas, violência física, palavras de baixo calão e conteúdo sexual explícito, sendo **recomendado para maiores de 18 anos.**


SEABIRDS
SURF TEAM

01

Blaze

O piso de madeira range sob o solado dos meus coturnos conforme caminho pela sala de estar quase vazia do meu novo apartamento. Olho ao redor enquanto seguro o telefone em minha orelha e tento ser otimista e não fazer uma careta.

As paredes são totalmente brancas e sem graça, porque não tinha a menor condição de eu comprar tinta para pintá-las. Pelo mesmo motivo, há pouquíssimos móveis. Sorte a minha que vários deles vieram com o apartamento quando o aluguei, incluindo a cama do quarto de hóspedes, os gabinetes da cozinha e uma grande estante na sala, que ocupa quase uma parede inteira, e onde consegui acomodar todos os meus discos e alguns livros.

Tirando isso, tudo parece tão melancólico que me dá vontade de chorar. Com toda certeza, não foi isso o que planejei quando imaginei morar sozinha na universidade. Mas, como minha mãe gosta de me lembrar: a vida, quase nunca, acontece como planejamos e chega um momento decisivo em que temos que guardar nossos sonhos infantis no fundo de uma gaveta e encarar o mundo real.

Um mundo que não é nem um pouco bonito, colorido ou fácil. Um mundo com o qual estou bem familiarizada.

— B, você ainda tá aí? — Effy pergunta do outro lado da linha e só então me lembro que estamos em ligação. Engulo minha frustração em seco antes de respondê-la.

— Sim, estou.

— Como ficou o apartamento? Quero fotos. — Seu entusiasmo só me deixa ainda mais nauseada.

Eu não quero preocupar minha melhor amiga. Ela sabe o quão difícil foi pra mim me mudar de volta para Cardeen Bay e abandonar meu sonho de ir para Los Angeles, estudar na UCLA com ela. Tentei demonstrar otimismo em nossas últimas conversas,

falei sobre o quão empolgada estava com meu novo apartamento que tinha uma bela vista para a praia.

Agora, Effy acha que estou superfeliz com minha nova vida.

— Ele não está pronto ainda, Effy — digo, tentando escapar daquela situação. Se minha amiga ver as fotos, vai perceber que está tudo dando incrivelmente errado.

Embora o apartamento seja mesmo legal, o aluguel é muito caro, principalmente por causa da localização. Isso significa que vou ter que dividir os gastos com uma colega de apartamento, o que, definitivamente, não teria sido minha primeira escolha. E só tem um banheiro, o que é pior ainda. Além disso, não tenho muitos móveis para preencher os cômodos, nem dinheiro para a decoração.

Merda.

Sinto como se alguém tivesse acabado de pisar em todos os meus sonhos e expectativas para o futuro, esmagando-os e transformando-os em sucata.

Pior do que isso seria apenas ficar na casa da minha mãe. Ao menos fica muito longe do campus. A parte ruim é que não pude trazer meu irmãozinho comigo. Não confio em minha mãe para deixá-lo sozinho com ela.

— Mas logo vai ficar, né? — Em resposta, apenas dou um muxoxo. — Nossa, B, eu estou tão feliz por você. E com um pouco de inveja da sua banheira também.

Rio anasalado, atravessando a sala e indo para a sacada.

As portas estão abertas, permitindo que a brisa costeira entre. O céu está muito azul e o sol brilha intensamente. Diante de mim há uma bela praia, pela qual Cardeen Bay é conhecida. Areia branca, água do mar límpida, jovens felizes surfando e jogando vôlei. Parece o cenário perfeito e o sonho de muitas pessoas.

Suspiro, me apoiando contra a balaustrada de madeira da varanda.

Eu trocaria aquela vista incrível e até mesmo a banheira estúpida para uma passagem só de ida para L.A.

— Eu também. Está tudo dando certo.

Forço um sorriso, mesmo sabendo que Effy não pode ver e que, se visse, perceberia bem rápido que ele é totalmente falso.

Minha amiga fica em silêncio por um instante e continuo olhando para a paisagem.

Nunca pensei que voltaria para cá desde que me mudei quando tinha doze anos. Gostava de morar em Sacramento, embora a vida nunca tenha sido fácil. Ao menos lá não morávamos no pátio de trailers, onde passei toda minha infância aqui em Cardeen Bay.

Mesmo na Califórnia, lidar com os problemas da minha mãe não foi fácil. Ainda assim, eu tinha Effy e meus outros amigos. Kyle, meu irmão, estava bem.

Principalmente, eu tinha meus sonhos a um passo de distância.

Acho que me iludi achando que conseguiria ter pelo menos isso.

— B, você vai me contar se tiver algo de errado, não vai? — pergunta Effy, preocupada.

— Vou ficar bem, sempre fico. Você sabe disso.

— Eu sei, mas também sei que você acha que precisa lidar com tudo sozinha. E você não precisa.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Às vezes eu queria poder desabafar e deixar todos os meus sentimentos saírem, mas não posso. É como se houvesse uma represa dentro de mim, com tudo o que reprimi durante minha vida toda. Se eu deixar as barreiras dela se romperem, não haverá volta. E preciso permanecer de pé, firme e forte, por Kyle.

É por ele que estou fazendo esse sacrifício de viver em Cardeen Bay. E ele vale a pena.

— Vai dar tudo certo — garanto. — Tenho que desligar agora, Effy. Meu primeiro dia no Meg's começa em meia-hora.

Ela suspira e se despede, então a chamada se encerra.

Neste momento, só sei que preciso fazer isso dar certo, não importa o quanto eu esteja frustrada. Talvez as coisas melhorem nos próximos anos. Ao menos, foi o que minha mãe garantiu. Que iria,

finalmente, se manter em um emprego, parar de gastar todo nosso dinheiro e, finalmente, assumir alguma responsabilidade na vida.

Eu sei que as coisas ficaram piores para ela quando nos mudamos para Sacramento, após o meu pai ir embora de uma vez por todas. Ela pensou que seria como começar de novo e eu concordei. Contudo, ficar longe de sua cidade natal e de seus amigos fez mais mal do que bem para Dinah.

Ela ficou instável em Sacramento. Passava dias fora, agindo como se fosse uma adolescente rebelde em vez de mãe de dois filhos. Nossa vizinha chamou o serviço social uma vez, depois que tive que ir até sua casa pedir comida.

Nossa geladeira estava vazia e não havia dinheiro para ir até o mercado reabastecer. Dinah, como sempre, estava fora.

Contudo, Kyle amava a mamãe e eu não queria que ele fosse parar no sistema de adoção, então convenci a assistente social de que tudo estava bem. Ajudei minha mãe a manter nossa tutela, embora ela não merecesse. Tudo o que ganhamos dela durante toda nossa vida foi sua negligência.

De qualquer forma, ter que fazer o sacrifício de voltar para cá para ficar ao lado do meu irmão é doloroso, mas vou sobreviver. Preciso acreditar que as coisas vão melhorar agora que Dinah está trabalhando de novo. Talvez aconteça um milagre e ela se torne uma mãe decente do dia para noite.

Até lá, preciso realmente guardar meus sonhos numa gaveta.



O Meg’s é uma lanchonete localizada perto do meu apartamento e do campus da Cardeen Bay College — CBC. Desde que cheguei na cidade, no fim de maio, estive muito ocupada com a mudança para me concentrar em encontrar um emprego.

Ainda assim, distribuí meus currículos em vários lugares e torci para que um deles me desse um retorno. Mason, o dono do Meg’s, me ligou na semana passada, o que me deixou muito aliviada.

Preciso desesperadamente trabalhar, ou não vou conseguir me sustentar morando sozinha. Tive sorte em conseguir uma bolsa integral na CBC. Consegui me candidatar para ela de última hora, quando ficou claro que minha mãe não mudaria de ideia sobre voltar para Cardeen Bay. Por um momento muito curto, passou pela minha cabeça não ir com ela. Mas então, lembrei de Kyle e logo descartei a ideia.

Não há a menor chance de eu abandonar meu irmão, assim como nosso pai nos abandonou.

Após um dia de treinamento, entendi o funcionamento da lanchonete. Ela é pequena, mas aconchegante e bastante movimentada, muito famosa pelo milkshake de mirtilo e os bagels.

A equipe inclui outras duas garotas além de mim: Alice, a barista, e Sage, a outra garçonete, e todas nós temos que usar uniformes no estilo dos anos 80, combinando com a decoração do lugar.

É um vestido azul de botões e colarinho brancos que vai até acima dos joelhos. Há uma pequena plaquinha com nosso nome do lado esquerdo do peito e devemos sempre ter um avental branco e limpo amarrado na nossa cintura.

É brega, mas não me importo. O salário é decente e posso ficar com toda gorjeta que ganhar. Além disso, é bem perto do meu apartamento e posso ir a pé, o que é ótimo, porque não tenho um carro. Costumava dirigir o da minha mãe, um *Honda Civic* dos anos 90 que só tem duas portas, mas agora ela usa o carro em tempo integral para levar Kyle a escola e ir trabalhar.

Pego o ritmo da lanchonete bem rápido e, depois do horário de almoço agitado, as coisas se acalmam e finalmente chega o tempo de intervalo dos funcionários. Nesse momento, pego meu inseparável maço de cigarros da minha bolsa atrás do balcão e vou até o beco atrás do Meg's, saindo pela porta dos fundos.

Lá fora está quente e, assim que saio, sinto o contraste com o interior do Meg's, onde o ar-condicionado está ligado e agradável. Me sento na escadinha que leva à rua de trás do comércio e acendo o cigarro, colocando-o entre os lábios e dando uma longa tragada

enquanto observo as pessoas que passam por ali com roupas leves de verão, em direção à praia.

Algumas vezes, estou tão estressada e pilhada que a única coisa capaz de aliviar minha tensão é um pouco de nicotina. Eu devo estar viciada nessa droga, já que fumo desde os catorze anos, mas tento não pensar muito a respeito.

Poucos minutos depois, a porta atrás de mim se abre e Sage sai, mas, ao contrário de mim, está segurando um livro espesso.

Franzo o cenho, observando quando ela atravessa o beco, parando do outro lado, onde apoia um ombro contra um poste e abre o livro.

— Aproveito os intervalos para tentar estudar — explica ela quando nota meu olhar. — É impossível lá no alojamento da Universidade.

Ela rola os olhos e dou risada.

— Sei como é.

Também costumava ser impossível estudar quando eu morava com a minha mãe.

Sopro a fumaça e observo Sage. Ela é muito bonita, tem os cabelos longos e cacheados e a pele negra. Seus olhos são castanhos, parecidos com os meus.

Meu celular vibrando no bolso do meu uniforme chama minha atenção e apanho o aparelho, checando a nova mensagem recebida:

Alex Jackson: *Vai ter uma festa na Beta Omega Tau hj à noite pra comemorar o início do ano letivo. Quer ir cmg?*

Franzo o cenho ao ler a proposta.

Alex é um antigo amigo da época que eu morava aqui quando era criança. Na verdade, ele era meu vizinho e costumávamos brincar juntos. Obviamente, perdemos o contato totalmente quando me mudei.

Também perdi o contato com a outra única criança que costumava ser legal comigo em Cardeen Bay. Eric Sawyer era um dos meninos ricos, mas não me julgava por morar no parque de trailers, diferente dos outros.

Não haviam muitas crianças dispostas a serem legais comigo em Cardeen Bay. O irmão de Eric, com certeza, se classificava no grupo que adorava implicar comigo. Não era por causa da minha condição social, como os outros faziam. Ele só parecia gostar de me tirar do sério. E eu o revidava, porque também gostava de irritá-lo.

De qualquer modo, quando voltei, há três meses, Jackson e eu nos reencontramos na mercearia e nos reaproximamos. Acabamos ficando algumas vezes, mas nada sério. Ele é do time de natação da Universidade e é uma ótima distração. Precisei disso nas últimas semanas, mas nunca pensei em manter o rolo por mais tempo além do verão.

Não tenho tempo para compromisso nenhum.

Coloco o cigarro de volta na boca antes de digitar uma resposta.

Blaze Kingston: *N posso, ainda tô arrumando as coisas no apartamento novo.*

Alex Jackson: *Nos vemos amanhã então?*

Mando um *emoji* padrão como resposta e espero que isso baste. Talvez eu possa aproveitar um pouco mais da distração, mas preciso me certificar de que Jackson esteja ciente de que é apenas isso.

— Então. — Sage quebra o silêncio. Guardo o celular e volta a fitá-la. — Como era lá na cidade grande?

Suspiro, lembrando da minha vida em Sacramento.

Levava uma vida de adulta lá. Aos quinze anos já trabalhava em dois empregos: como garçonete e babá de Anna, a filha mais nova dos nossos vizinhos da frente. E ainda estudava, porque não queria me tornar minha mãe no futuro. E ainda tinha que cuidar de Kyle, porque Dinah nunca estava presente.

— Era legal, na maior parte do tempo — resumo, sem entrar em detalhes. — Bem melhor do que aqui, na verdade.

Sage ri, fechando o livro e vindo até mim, sentando-se ao meu lado.

— Cardeen Bay não é tão ruim. Vai acabar se acostumando.

— Esse é meu medo — resmungo, mas acho que Sage não ouve, porque não responde.

Não quero me acomodar à vida pacata e praiana de Cardeen, só porque é o que me restou. Não quero parar de desejar mais, de acreditar que mereço mais, apesar de talvez não merecer.

Continuo conversando com Sage até o fim do nosso intervalo. Descubro que ela nasceu e cresceu em Raleigh, capital do estado, e que está cursando o curso preparatório para Medicina na CBC. Ela sonha em ir para Harvard e se tornar neurocirurgiã.

Quando voltamos para o interior da lanchonete, me preparo para voltar ao trabalho.

Com o fim da tarde se aproximando, o movimento volta a crescer, então Sage e eu começamos a correr de um lado para o outro carregando bandejas e anotando pedidos nos nossos bloquinhos. E é quando estou equilibrando uma bandeja com três taças de milkshake de mirtilo que resolvo desviar o olhar do caminho para checar em meu bloquinho se o pedido está correto.

Mas, obviamente, essa foi uma péssima ideia. Descubro isso da pior maneira: trombando com um cliente e derrubando as bebidas da bandeja, que caem e entornam todo o líquido roxo, cremoso e gelado em cima de mim antes dos recipientes rolarem pra fora e encontrarem o chão, se partindo em um monte de pedaços e causando uma barulheira.

Fico paralisada por alguns segundos, ainda segurando a bandeja vazia na mão direita, minha boca totalmente aberta em espanto e os olhos arregalados.

— Puta merda — xinga o cliente com quem colidi e, pela primeira vez, coloco meus olhos sobre ele.

Primeiro coisa que reparo: ele é alto. *Muito*. Provavelmente tem mais de 1,90m. Seus ombros são largos e seus braços são musculosos na medida certa. Definitivamente, o corpo de um atleta.

Pele branca e bronzeada, tórax amplo sob a regata azul que está usando. Rosto muito bonito, com traços firmes e masculinos. Os cabelos são castanhos, mas a maior parte deles está escondida sob um boné com a aba virada para trás.

Seus olhos encontram os meus e fecho a boca para cerrar os dentes, como se isso pudesse conter minha irritação. Vejo suas íris verde-oliva me reconhecerem ao mesmo tempo em que também o reconheço.

— *Você* — sibilo, com raiva.

Arkin Sawyer, também conhecido como o babaca da minha infância. Irmão de Eric. Bastardo incurável.

E, pelo visto, ele deixou a puberdade num passado muito, muito distante. Ele é um homem agora. Um homem *extremamente* atraente.

— Pequena B. — Ele sorri com divertimento e covinhas irritantes surgem em suas bochechas. O sorriso lhe dá um ar de menino, deixando-o alguns bons anos mais jovem. Me concentro em engolir em seco para evitar que isso me distraia. O efeito hipnotizante logo passa, principalmente quando percebo que Arkin está tomando um tempo para me olhar dos pés à cabeça de maneira indiscreta e lenta. Muito lenta. — Olha só, você cresceu. E está coberta de mirtilo.

Estreito meus olhos para ele, tentando desassociar aquele homem lindo ao garoto irritante que me perturbava aos doze anos. Ele sempre teve olhos bonitos e covinhas charmosas, mas esses detalhes eram facilmente mascarados pela sua personalidade repugnante. Duvido que isso tenha mudado.

— Pois é, obrigada por isso. Você ainda é ótimo em estragar meu dia.

Arkin ri e cruza os braços, totalmente confortável com a situação.

Sou forte o bastante para não olhar para os músculos em seu bíceps e transformo toda essa energia em cólera. Nunca pensei que fosse ver Arkin novamente, mas agora que ele está diante de mim, a única coisa que quero fazer é bater com a bandeja em sua cabeça.

— O prazer é todo meu, gatinha — devolve, utilizando da minha ferramenta preferida: sarcasmo.

Fecho minha mão livre em punho.

— O tempo não fez bem pra você. — Observo. — Continua um babaca.

— E você continua estressadinha — responde, provocativo. — Mas não posso dizer o mesmo. O tempo fez *muito* bem pra você.

Sua voz repleta de malícia, combinado à maneira como ele está me olhando agora, faz meu rosto se transformar numa careta.

Que nojo.

Sinto minhas bochechas queimando e sei que não é de vergonha, embora seja isso o que aquele desgraçado queira causar em mim. Esse é seu *modus operandi*. A diferença é que agora sou melhor em esconder minhas vulnerabilidades do que eu era aos doze anos e não vou deixá-lo me afetar.

Ao menos, é isso o que quero me convencer.

Abro a boca para lhe responder da maneira mais malcriada possível, mas me contenho ao reparar que todos os olhos nessa lanchonete estão vidrados na cena.

Estou discutindo com um cliente no meu primeiro dia de trabalho nesse emprego. *Que maravilha.*

Se Mason souber disso, vai me demitir num piscar de olhos.

Seguro minha língua e dou um sorriso nada simpático que espero que possa traduzir todos os meus pensamentos raivosos. Isso vai ter que bastar por ora. Não posso deixar Arkin Sawyer estragar o emprego que é minha tábua de salvação.

Olho para baixo, vendo meu uniforme arruinado e respiro fundo, reunindo meu autocontrole escasso. Em seguida, giro os calcanhares, dando as costas para Sawyer e caminhando de volta para o balcão, sentindo os olhares dos outros clientes me acompanhando.

Sage me encara com tanto choque quanto os outros.

— O que foi aquilo? — Sage sussurra, vindo até mim.

— Nada, só um babaca que pegava no meu pé na escola primária.

Esse breve resumo não faz jus a todo estresse que Arkin Sawyer me causou. Suas provocações infantis iam desde puxar meu cabelo a jogar lama nos meus sapatos no parquinho. Eu, como

sempre, ficava irritada facilmente e ele achava isso a coisa mais divertida do mundo.

A pior parte era que, no fundo, eu gostava de ser o alvo da atenção de Arkin Sawyer, o garoto popular de quem todos queriam ser amigos. Mas a antiga Blaze era uma garotinha ingênua.

— O babaca da sua antiga escola é o astro dos Seabirds agora — Sage conta, se debruçando no balcão e entrando na conversa. — Na verdade, ele ficou em primeiro lugar nas regionais do meio-Atlântico e ganhou um lugar VIP no Campeonato de Surfe da Costa Leste. É praticamente uma celebridade por aqui, apesar da péssima reputação de *playboy*.

É bem aí que tenho vontade de gritar.

O *Easterns Surfing Championships* é o campeonato de surfe mais importante da costa leste, antes, é claro, dos mundiais. Não ligo muito para o esporte, mas minha mãe, como qualquer outra cidadã nata de Cardeen Bay, é viciada nisso. E, quando eu era mais nova, os únicos momentos em que eu podia aproveitar um tempo com ela era quando ela se sentava no sofá para assistir ao WCT na televisão. Acabei aprendendo uma coisa ou duas sobre o surfe.

É por isso que sei a importância de entrar com tudo no *Easterns* — e a dificuldade também. Há muitos surfistas na Carolina do Norte e tenho certeza que todos eles dariam um braço pra ficar em primeiro lugar nas regionais e se classificar com vantagem para o campeonato do leste dos Estados Unidos.

O mundo é tão injusto que a vaga tenha sido desperdiçada com alguém como Sawyer.

A maioria das pessoas evoluem com o tempo, mas o comentário de Sage sobre a reputação dele diz bastante sobre quem o diabólico Arkin Sawyer se tornou.

Me viro, olhando por sobre o ombro e o vejo se acomodar numa das mesas, com outros dois caras e uma garota. Eles usam as camisetas e bonés com o símbolo da equipe de surfe de Cardeen Bay.

Pelo o que eu sei, os Seabirds sempre foram os melhores da Carolina do Norte e um dos melhores de toda a Costa Leste,

colecionando títulos regionais e nacionais há mais de vinte anos. Além de serem, obviamente, *super* populares na cidade.

E é claro que Arkin tinha que ser um deles.

Assim como Arkin, os outros são muito bonitos e charmosos e atraem a atenção dos outros clientes do Meg's. Já era assim na época em que eu morava aqui há alguns anos. Os Seabirds carregam um grande legado. Os torneios de surfe são a maior atração da cidade e são responsáveis por trazer turistas de todo o país para cá. Isso justifica a popularidade de todos que fazem parte do grupo.

Os olhos de Arkin encontram os meus novamente. Ele está apoiando os cotovelos na mesa enquanto me encara sem pressa, um sorriso descarado brincando no canto de sua boca.

Ele era bonito quando criança, mas nada se compara a como está agora. Arkin parece meio inacreditável.

Mais uma vez, o mundo é muito injusto.

Pigarreio e me viro novamente, quebrando o contato visual. Sage ainda está me olhando com curiosidade.

— Não se preocupe, vou limpar a bagunça — garanto, me recompondo.

— Não, vá se trocar. Eu dou um jeito no salão — Sage oferece, me fazendo suspirar de alívio.

Sinto o tecido do vestido grudando na minha pele úmida de milkshake e o cheiro de mirtilo se impregnando em mim, me deixando enjoada.

Deixo a bandeja sobre o balcão e saio andando, pisando com força na direção do banheiro dos funcionários. Durante todo o caminho, amaldiçoo até a décima geração de Arkin Sawyer e quase posso ouvi-lo rindo de mim, de novo.

02

Blaze

— Deveríamos ser exclusivos — propõe Alex, me fazendo engasgar.

Acho que essa é a pior coisa que já ouvi depois de uma transa. Ainda estou nua na cama, sob o cobertor aveludado, encarando a minha guitarra pendurada na parede, do outro lado do quarto pequeno.

Penso no que devo fazer a seguir. Fingir que não ouvi não é uma opção e duvido que encenar um desmaio o convença.

Merda, isso é exatamente o que eu estava tentando evitar desde o começo.

Baixo o olhar para as minhas mãos sobre meu colo, por cima da coberta. Minhas unhas pequenas e irregulares estão pintadas de preto, como de costume, mas o esmalte já está descascando.

Os segundos de silêncio se prolongam e se transformam em minutos e presumo que ele ainda esteja esperando uma resposta, mas, honestamente, não sei o que dizer.

Por fim, suspiro e, finalmente, viro o rosto para fitá-lo.

Alex é bonito, não me entenda mal. Ele tem um corpo de arrasar também. É um atleta e isso já diz tudo. Tem cabelos loiros ondulados e olhos castanhos. Ele também é bom de cama. Se fosse há uns três anos atrás, eu teria dado tudo para ouvir a oferta que acabou de sair de sua boca. Agora, contudo, não tenho tempo ou disposição para um relacionamento.

Trabalho quase quarenta horas por semana e passo o resto do tempo me preocupando com meu irmão. Até mesmo a Universidade, que costumava ser meu sonho, vai ficar em segundo plano assim que as aulas começarem, na próxima segunda-feira. Qualquer relacionamento que eu tente iniciar agora vai estar fadado ao fracasso.

Tenho certeza que nenhum cara quer ficar em segundo lugar na vida de uma garota, quanto mais em *quinto* lugar, que provavelmente seria o único espaço que um namorado poderia ocupar em minha vida.

Eu já disse isso a Alex quando começamos nossa *amizade colorida*, se é que posso chamar assim, e ele pareceu compreender. Agora, no entanto, estou duvidando disso.

— Meu Deus, Blaze, você está me olhando como se eu tivesse acabado de confessar que perdi seu bichinho de estimação. — Ele ri com descontração, mas sei que realmente estou pálida e em choque agora.

Engulo em seco e desvio o olhar novamente. Dessa vez, começo a observar minha coleção de pôsteres de filmes de terror, que decoram as paredes sem graça do meu quarto. Tem de tudo ali. *O Massacre da Serra Elétrica, Halloween, A Hora do Pesadelo*...

O que posso dizer? Gosto dos clássicos.

E preferia estar num desses filmes de terror a ter que lidar com a situação em que me encontro agora.

— Alex, as aulas vão começar em dois dias — digo, esperando que isso seja o suficiente para justificar tudo. — Minha vida vai ficar ainda mais caótica. Não posso lidar com um relacionamento.

— Quem foi que falou em relacionamento? — rebate ele, deslizando para mais perto de mim na cama e envolvendo minha cintura com seu braço. — Não tem que ser complicado, B. É só que estamos ficando há quase dois meses e não estou saindo com mais ninguém. Você está? — Balanço a cabeça negativamente. — Viu só? Por que não sermos exclusivos então? Podemos curtir um com o outro, vai ser divertido. Seremos amigos com benefícios.

Não sei se ele está sendo pragmático ou apenas muito estúpido.

Honestamente, acho que nunca tive nenhuma relação exclusiva com ninguém. Eu já quis, em alguns momentos. Mas, no fim das contas, a perspectiva de que todo relacionamento é encrenca prevaleceu.

— Relaxa, B. Não tem que ser um compromisso.

Suspiro.

Talvez seja mesmo mais fácil ter um amigo e uma foda para todas as horas, sem precisar me preocupar com expectativas ou todo o trâmite que envolve encontrar sexo casual quando preciso de distração. Talvez possa mesmo ser simples e descomplicado, como Alex está sugerindo. Além disso, eu o conheço. E, de todo o modo, é bem melhor dormir com alguém que você conhece do que um estranho qualquer.

— Tudo bem — cedo. — Mas, se começar a complicar, a gente termina com isso na hora.

Alex sorri e me puxa para seus braços, rolando na cama para ficar sobre mim. Seguro seus ombros fortes com minhas mãos, deslizando-as em sua pele quente.

— Você não vai se arrepender — garante, antes de me beijar. — Vou me certificar de que esteja sempre feliz e satisfeita.

E então, ele começa a cumprir sua promessa.



Após anotar a bibliografia da aula de História da Arte que foi escrita na lousa pelo Sr. Roberts, me levanto, assim como os outros alunos que ocupam a sala. É a última aula da segunda-feira, o que significa que preciso sair correndo a tempo de chegar no horário no Meg's, para o início do meu turno.

Contudo, tão logo passo pela porta e saio para o corredor do segundo andar do prédio de Belas Artes da Cardeen Bay College, ouço meu estômago roncar. Alto o suficiente para eu ouvir isso acima de todo o som de conversação dos alunos que passam por mim. Bufo, andando na mesma direção da manada de estudantes, que seguem rumo às escadas.

Não vai dar tempo de parar para comer nada antes do trabalho e, se continuar de estômago vazio, é provável que minha pressão caia e eu desmaie no meio do salão da lanchonete. Isso, certamente, não deixaria Mason nada satisfeito.

Antes de virar nas escadas, porém, vejo no fim do corredor o que pode ser a solução de todos os meus problemas. Uma máquina

de lanches que parece reluzir exatamente como a luz no fim do túnel. Corro até lá e dou uma olhada nas minha opções através do vidro enquanto tateio o bolso frontal da minha bolsa em busca de algumas moedas.

Não há nada que possa realmente saciar minha fome ali e entre salgadinho sabor cebola e uma barrinha de *Snickers* que vai grudar toda nos meus dentes, opto pelos *Skittles*. Ao menos vai enrolar meu estômago até o horário do jantar.

Coloco as moedas, aperto o número 4 no painel e começo a esperar. Então, meu celular vibra na minha mão esquerda. Despreocupadamente, dou uma olhada na tela. Assim que leio a mensagem, solto um palavrão.

Sasha: *Hey, B. Dsclp, mas n vou mais precisar dividir um apto. Meu namorado me chamou p morar com ele. N é incrível? Boa sorte c a busca por um colega de quarto* □

Releio a mensagem umas dez vezes e a cada uma delas solto um ganido mais alto de desespero.

Hoje era o dia da mudança dela e eu tinha preparado tudo no quarto de hóspedes. Especialmente, tinha preparado tudo para dividir as contas exorbitantes que eu venho pagando sozinha há dois meses.

— Só pode ser brincadeira — murmuro, incrédula.

Como pode tudo dar errado tão miseravelmente assim?

Merda, merda, merda.

O som abafado da máquina de guloseimas chama minha atenção e levanto o olhar para ela. A abertura por onde meu *Skittles* deveria ter saído ainda está vazia e a caixa metálica já engoliu minhas únicas moedas. Dou uma batida em sua lateral, esperando que isso faça ela expelir meu almoço.

Nada.

Não é possível.

Bato de novo, dessa vez mais forte e com o punho fechado, causando um barulhão. A caixinha de balinhas coloridas ainda está imóvel e intacta na prateleira. E não há nenhum sinal de que ela vai cair e escorregar para fora.

— Porra! — xingo, e bato de novo, mirando no vidro.

Não posso acreditar que vou perder uma colega de apartamento *e* minhas moedas no mesmo dia. Me sinto como se estivesse dentro daquele filme com a Lindsay Lohan, “Sorte no Amor”. Só que sem o amor e, obviamente, sem a sorte.

— Está tentando deixar a máquina com medo de você? — Uma voz masculina me faz saltar de susto. Me viro, me deparando com um cara alto e ruivo.

— Se isso fizer ela devolver minhas moedas, então sim.

Viro novamente para a máquina, o painel digital voltou à página inicial, como se já estivesse pronto para enganar a próxima idiota desavisada e azarada feito eu.

O ruivo se aproxima, me fitando com curiosidade. Ele tem um par de óculos redondos empoleirados no nariz e usa uma camiseta branca com uma estampa padrão. Está segurando uma pilha de livros nos braços, mas não parece apressado.

— Então você é uma caloura. — Observa ele.

Sua pele branca é bem pálida e seu rosto é repleto de sardas. Os olhos são escuros, iguais aos meus. Parece ser tão jovem quanto eu, mas não deve ser um calouro também.

— Como sabe? — Ele sorri, como se a resposta fosse óbvia.

— Todos os veteranos sabem que essa máquina não funciona. Na verdade, acho que foi sabotada por alguns dos caras da Kappa Phi Nu no ano passado.

Bufo, ajeitando a bolsa em meu ombro.

— Que ótimo — murmuro, irônica. — Mas obrigada por avisar.

Dou um meio sorriso para o desconhecido e me viro, voltando a caminhar para as escadas. Surpreendentemente, o ruivo me acompanha.

— Dia ruim? — pergunta, andando ao meu lado. — A propósito, sou Finn.

— Blaze — me apresento. — E acho que tá mais pra um ano ruim.

Não faço ideia de como vou continuar mais um mês naquele apartamento pagando todas as contas sozinha. Um terço do meu salário vai para as economias da faculdade de Kyle, porque quero que ele tenha um futuro decente e se depender da nossa mãe, isso não vai acontecer. Vou ter que pegar mais turnos extras no Meg's se não quiser ser despejada, o que não vai deixar nenhum tempo sobrando para estudar.

Sem dúvidas, é mesmo um ano ruim.

Finn está me olhando confuso agora. Suspiro, deixando os ombros caírem.

— Minha colega de apartamento acaba de me deixar na mão pra ir morar com o namorado — conto, com pesar.

E já é o início do ano letivo, o que significa que todos os outros estudantes já encontraram um lugar para morar. Demorei um mês para achar a Sasha, agora só vou conseguir outra pessoa sabe lá Deus quando. Talvez eu nem mesma consiga, aí serei despejada e terei que voltar a morar com minha mãe.

Que pesadelo.

— Não mora no alojamento estudantil? — pergunta Finn, surpreso.

Sei que a maioria dos alunos com bolsa integral fica nos dormitórios da universidade, mas passei minha adolescência inteira trabalhando e juntando dinheiro para morar num apartamento com Effy em Los Angeles. Consegui uma reserva legal de dinheiro para isso, apenas para descobrir logo depois que eu não podia ir para Los Angeles, porque minha mãe tinha conseguido um emprego na Carolina do Norte.

Então, quando cheguei em Cardeen Bay, pensei que, já que todos os meus planos tinham sido jogados na lata de lixo, eu poderia ao menos me dar ao luxo de usar minhas economias para bancar um apartamento legal na cidade.

Retiro o que disse. Talvez eu ainda seja idiota e ingênua.

— Bem — Finn continua, colocando as mãos nos bolsos das calças cáqui —, podemos encontrar um novo colega de quarto pra você, mas vai ter que pendurar um anúncio por toda a Universidade.

Faço uma careta.

Não era a minha primeira opção, mas, obviamente, não estou em posição de fazer exigências.

— Acha que pode dar certo? — Finn dá de ombros.

— Sempre tem a possibilidade de você encontrar um estudante que ainda não tem um teto no início do ano letivo. Só se prepare para entrevistar alguns malucos antes de deixá-los morar com você.

Rio, assentindo.

— Eu realmente não tenho muitos critérios. Qualquer um disposto a dividir as contas comigo pode ficar com o quarto.

— Depois não diga que não avisei. Agora vem, vamos até a Informática imprimir alguns cartazes pra colar por aí.

Finn me puxa pela mão até a sala da informática, no primeiro andar. Quinze minutos depois, saímos de lá com uma pilha de folhas de sulfite com o anúncio impresso nelas.

Não coloquei o número do meu telefone nos cartazes, porque, se a CBC tem mesmo um monte de malucos, como Finn mencionou, não quero que eles tenham acesso ao meu número.

Começamos a pendurar o anúncio nos quadros de aviso do prédio da Belas Artes, mas logo recebo uma mensagem de Sage dizendo que estava me esperando. Ela vai me dar carona até o Meg's e o nosso turno começa em apenas alguns minutos.

— Tenho que ir — aviso Finn, que está pregando a folha A4 no painel de cortiça. — Se eu chegar atrasada, meu chefe vai me enviar de volta para Sacramento com um belo chute na bunda.

Finn gargalha.

— Então você é da Califórnia? Isso faz todo o sentido.

Franzo o cenho, mas não pergunto o que ele quer dizer com isso. O ruivo dá um passo para trás e olha para o anúncio mais uma vez. Faço a mesma coisa e praticamente consigo ler o desespero através das palavras impressas nele.

— Espero que funcione — digo, cruzando os braços.

— Seja otimista, Kingston — incentiva ele, usando o sobrenome que consta no meu endereço de e-mail, e me empurra levemente com o ombro. — Vai receber tantos e-mails que vai até ficar zonza.

Não tenho tanta certeza disso e não restou muito otimismo em mim para me fazer acreditar num milagre dessa proporção.

— Se você diz...

— Agora, é melhor você ir antes que o seu chefe te mande de volta. Deixa que eu penduro os últimos cartazes — oferece, com tanta gentileza que me deixa espantada.

Arregalo os olhos.

Um completo estranho oferecendo ajuda de graça? Não tinha muito disso na cidade grande. Pelo contrário. Por lá, as pessoas se alegravam com o fracasso dos outros. Sei disso porque quando minha mãe precisou de ajuda para encontrar um emprego, todos amigos que ela tinha lá lhe deram as costas.

Semicerro os cílios na direção de Finn, tentando descobrir alguma intenção oculta. Nunca o vi antes, mas ele parece ser um cara legal. Legal até demais.

— Por que está me encarando desse jeito esquisito? — ele pergunta, achando graça.

— Por que está me ajudando?

Finn não se ofende com a pergunta, apenas dá de ombros.

— Já ouviu falar sobre a nobre hospitalidade da Carolina do Norte? — Tombo a cabeça para o lado e levanto uma sobrancelha, cética. Então, ele ri. — Ei, baixe a guarda, garota. Sou monitor do primeiro ano, minha função é ajudar. Além do mais, você vai me retribuir pagando uma bebida para mim no Outpost mais tarde.

Ele me lança uma piscadela.

Não faço a menor ideia do que é o Outpost e nem tenho tempo de perguntar ou recusar, porque ele gira nos calcanhares e sai, levando os cartazes para pendurá-los por aí pelo campus.

Não posso reclamar, embora admitir que preciso de ajuda não seja meu forte.



Depois de um turno tranquilo e, graças a Deus, sem incidentes no Meg's, volto para meu apartamento vazio e silencioso. Chequei minha caixa de e-mails tantas vezes ao longo da tarde que a bateria do meu celular até acabou. Ainda não recebi nenhum, o que provavelmente é compreensível, já que os anúncios foram pendurados depois das aulas.

Tento ser racional, mas o pessimismo absoluto está tentando me sabotar.

Mais cedo, recebi um convite de Alex para irmos até o Outpost, que presumi ser um bar aos arredores do campus da Universidade. Aceitei, embora esteja cansada e ainda seja início da semana.

Umas cervejas podem ser tudo o que preciso depois desse dia de merda. Além disso, tenho quase certeza de que devo uma bebida ao Finn e ele provavelmente vai estar lá.

Tomo um banho rápido e me troco com algo mais aceitável do que o uniforme do Meg's: saia preta, meia arrastão e minha camiseta favorita do Led Zeppelin. Coloco meu par de coturnos de sempre e passo um batom vermelho na boca antes de sair. O clima ameno de Cardeen Bay faz com que eu não precise de jaqueta, o que é um ponto positivo.

Jackson vem me buscar às nove em ponto e pouco tempo depois estamos entrando no Outpost.

O lugar está lotado, abarrotado de universitários que já estão bêbados numa segunda-feira; primeiro dia de aula. Alex não tenta pegar minha mão enquanto passamos por entre as pessoas, ainda bem.

Antes que possamos chegar ao balcão do bar, contudo, ele para perto de um grupo de caras e engata numa conversa, sem se dar ao trabalho de me apresentar a eles. Eles começam a falar sobre a temporada de campeonato de natação. Devem ser da mesma equipe que Jackson na CBC.

Dois dos caras da roda de conversa lançam olhares indiscretos para mim, provavelmente se perguntando o que estou

fazendo ali. Estou prestes a me virar e sair quando Sage aparece magicamente ao meu lado.

— Hey! Não sabia que vinha — diz, antes de olhar para o grupo de atletas perto de mim. Em seguida, ela olha para mim e levanta uma sobrancelha fina em questionamento. Tal como ela, também não sei o que diabos estou fazendo aqui com esses caras. De costas para eles, posso fazer uma careta que somente Sage pode ver. Espero que possa explicar tudo. Ela entende e ri. — Vem, vamos pegar uma bebida.

Ela apanha minha mão e me puxa com ela. Olho para trás para falar com Alex, mas ele está tão imerso na conversa que nem sequer repara que estou saindo. Reviro os olhos e deixo pra lá. Sage me guia até uma mesa do outro lado do salão do Outpost, onde Finn está tomando uma margarita.

— Achei ela junto com os babacas dos *Sharks* — Sage explica para Finn, sentando-se do outro lado da mesa.

Não fazia ideia de que os dois se conheciam. Me sento no último assento disponível da mesa e finalmente relaxo. Jackson e seus amigos nadadores não são a melhor companhia do mundo e sou grata por Sage ter me resgatado de lá.

— Que crime — Finn diz, brincando. — Pelo menos eles são bonitos.

— Está saindo com um deles? — Sage pergunta, antes de dar um gole na garrafa de cerveja à sua frente.

Ela está bem bonita nessa noite, usando uma maquiagem leve em seu rosto que combina muito com ela e acrescenta um brilho em sua pele negra. Também acentua as sardas em suas bochechas e seus grandes olhos. Um *gloss* rosado faz seus lábios brilharem.

Dou de ombros.

— Acho que sim, mais ou menos — me limito a dizer.

Não sei exatamente o que Alex e eu somos. Na verdade, acho que somos compatíveis apenas na cama. Não costumamos conversar muito. É melhor assim, de qualquer maneira. Se não gosto dele de verdade, então não corro nenhum risco.

— É melhor tomar cuidado, eles não são as pessoas mais legais do campus — Sage adverte. Eu sorrio.

— Eu sei, por que você acha que estou saindo com um deles?

Finn e Sage explodem em risadas.

— Você é das minhas, garota. Gostei de você — Finn fala, levantando a mão para um *high five*. Bato minha mão na sua, rindo também.

Logo entramos numa conversa fácil e descontraída. Sage e Finn são muito legais e me fazem realmente sentir acolhida. Deixar Effy para trás e ir para um lugar totalmente novo, sem conhecer basicamente ninguém, foi difícil para mim. Não sou muito boa em fazer amigos, nunca fui. Acho que é porque não me abro facilmente, nem confio facilmente.

— Minha cerveja acabou — Sage reclama, fazendo beicinho.

— Vou até o bar pegar mais — digo, já levantando.

Ainda não bebi nada e minha boca está seca. Preciso de uma cerveja também. Sage agradece e eu me distancio, passando por entre as pessoas para ir até o balcão.

Uma música que não conheço toca baixinho no ambiente e é muito boa. Enquanto aguardo meu pedido, encostada contra o balcão de madeira, olho ao redor. Meu olhar instantaneamente cruza com o de Alex, que ainda está perto da porta com seus amigos. Ele me lança uma piscadela. Retribuo com um sorriso fraco.

Quando o *barman* me chama, deposito uma nota no balcão à sua frente e apanho as duas *longnecks* geladas. Segurando-as, me esgueiro pelo mar de pessoas ao tentar voltar para a mesa de Sage e Finn. Antes de chegar lá, ouço alguém chamar meu nome. Tenho certeza que é Alex antes mesmo de olhar para trás. Mas então, minha atenção é totalmente quebrada, porque colido contra outra pessoa.

De novo.

Por sorte, não foi forte o suficiente para me desequilibrar e continuo segurando as garrafas. Mesmo assim, uma mão grande

segura minha cintura, me mantendo no lugar. E, novamente, estou olhando para familiares e odiosos olhos verdes.

— Cuidado aí, gatinha, imagina se você esbarra em alguém e derruba as bebidas em si mesma — diz Sawyer, sorrindo amplamente.

Bufo, me desvencilhando do toque de sua mão na minha cintura.

Arkin não está usando boné dessa vez, deixando visível seu cabelo escuro e liso, meio bagunçado, que cai levemente sobre sua testa. Ele inclina a cabeça para o lado antes de me olhar dos pés à cabeça, exatamente como fez no Meg's. Aproveito que seu olhar não está em meu rosto para checá-lo também. É quando percebo a tatuagem em seu braço esquerdo, parcialmente coberta pela manga da blusa.

Não faço ideia de qual seja o desenho pintado na pele de Sawyer, mas, por um momento, prendo a respiração. Aquilo o deixou umas duas vezes mais sexy, o que é péssimo. A maneira como ele está olhando meu corpo, definitivamente, não ajuda.

Engulo em seco pesadamente antes de pigarrear, chamando sua atenção.

— Engraçado, Sawyer. Muito engraçado — finalmente respondo sua menção ao incidente no Meg's na semana passado. — Agora saia da minha frente.

Minha voz demonstra o quão irritada ele já me deixou, o que talvez não seja a melhor estratégia para lidar com Arkin Sawyer. Talvez indiferença seja mais eficaz, uma vez que me irritar sempre foi o objetivo dele. Porém, isso é impossível. Não consigo ignorá-lo. O odeio demais para isso.

— Nossa, quanto mau-humor. Irritar você era mais divertido na escola primária. — Ele cruza os braços e continua na minha frente, bloqueando meu caminho, grande e imóvel como a porra de uma parede.

— É, quando a gente tinha doze anos — retruco. — Mas acho que só um de nós cresceu e amadureceu. Não estou surpresa de que não tenha sido você.

— As garotas por aqui podem discordar de você. Todas parecem concordar que eu sou *bem* maduro.

Rio anasalado com desgosto e decido que, dessa vez, precisarei ignorar. Dou um passo adiante e tento passar por ele, mas Arkin se move para continuar interceptando meu caminho. Bufo alto.

— O que diabos você quer comigo, Sawyer? — pergunto de uma vez, perdendo a paciência. O sorriso de escárnio sumiu de seu rosto, porém. Agora ele está me olhando sério.

— Nunca pensei que você fosse voltar — diz, me surpreendendo. — O que é que você disse no *Twitter* mesmo? — Ele finge estar pensando e eu estreito meu olhar em sua direção. — Ah, sim. *"Prefiro ser devorada viva por um tubarão do que voltar para Cardeen Bay".*

Como ele sabe disso? E, principalmente, por que se importa? Não é como se costumássemos ser grandes amigos aos doze anos. Quando fui embora, não lamentei nem um pouco por não vê-lo mais. E não por causa de suas provocações idiotas, já que nunca levei elas a sério. Mas por causa do único dia em que uma delas, especificamente, ultrapassou todos os limites.

Arkin passou de o babaca que eu brincava de odiar para o babaca que me humilhou propositalmente na frente de todos os seus amigos. Não sei se ele pensou que, naquele momento, eu também estava jogando nosso jogo de provocações ou se sabia que aquilo me machucaria de verdade. De qualquer forma, já passou. Não sou mais aquela garotinha facilmente machucável, mas isso não significa que eu quero ter qualquer coisa a ver com Arkin Sawyer agora, mesmo depois de vários anos.

É o que dizem... As feridas da infância são as mais difíceis de curar.

— Andou me *stalkeando*?

— Seu perfil é público, sabia? — Devolve. *Touché*. — Além disso, meu amigo te segue nas redes sociais. Ele gosta dos seus covers.

Engulo em seco com a possibilidade de Arkin ter assistido aos meus covers. Não que eles sejam ruim. Modéstia à parte, são bem decentes. Mas, por algum motivo, sinto náuseas ao imaginá-lo me ouvir cantar.

— Ele deve ser mais inteligente que você então. — Forço um sorriso arrogante e ele ri, expondo novamente suas covinhas insuportáveis.

— *Ouch*. — Ele coloca a mão no peito teatralmente. — Gatinha ferina, gostei.

Rolo os olhos, determinada a acabar com aquela conversa de uma vez por todas.

— Tchau, Arkin. — Forço minha passagem, batendo meu ombro contra o dele de propósito e andando rápido para longe, como se assim pudesse despistá-lo.

Quando chego à mesa e finalmente me sento, estou com os nervos à flor da pele. Tomo metade da cerveja de uma vez só antes de perceber que vou precisar de algo mais forte se quiser enfrentar as últimas horas desse dia horrível.

— Acho que Arkin Sawyer causa esse efeito nas pessoas — brinca Finn. Ótimo, provavelmente eles me viram conversando com o babaca. — Vocês se conhecem?

— Infelizmente — lamento, relaxando contra a cadeira. — Eu daria meu braço esquerdo para mudar isso.

Eles riem.

— Você é a primeira, então. A maioria delas daria os *dois braços* para ir para a cama com ele — Sage continua, e Finn assente.

Não duvido disso.

Mesmo na escola primária, quando garotos e garotas se detestam e sentem nojo um do outro, Arkin era uma exceção. Ele chamava a atenção de todos. Seja por sua personalidade particularmente desagradável ou por seu rostinho angelical, que não combina nem um pouco com sua atitude. Com a puberdade e os músculos desenvolvidos após anos de treino de surfe, imagino que isso só tenha aumentado.

Não sou cega, sei o quanto Arkin é bonito e charmoso e não tenho dúvidas de que a maioria das garotas por aqui devam ser fascinadas por ele. Toda essa atenção deve massagear muito seu ego. Tenho certeza que ele adora.

Como se não pudesse me conter, olho sobre o meu ombro, procurando-o. Como se estivesse provando o que penso sobre ele, encontro Arkin perto do balcão do bar, com uma loira bronzeada pendurada em seu pescoço.

É, algumas coisas nunca mudam.

03

Blaze

O cheiro do molho bolonhesa que borbulha na panela é muito satisfatório.

Acho que essa é a grande evidência de que sou uma pessoa multitarefas, pois, enquanto mexo em movimentos circulares a colher na panela, falo com Finn no telefone e ainda fico de olho em Kyle, que está assistindo TV na sala de estar. Consigo ter uma ampla visão dele sentado no chão aqui da cozinha, já que ela é totalmente aberta.

— *Eu ri sozinho umas três vezes hoje de manhã enquanto lembrava da cara daqueles idiotas quando você negou beber com eles* — diz Finn do outro lado da linha. Rio, lembrando também.

Enquanto Finn, Sage e eu estávamos no Outpost ontem, uns quatro caras vieram até nossa mesa para pedir meu telefone ou tentar me pagar uma bebida. Sage disse que é porque sou "carne fresca", o que é um termo horrível, mas entendi o que ela quis dizer. Os caras da CBC caem matando em cima das calouras em todo início de ano letivo e comigo não foi diferente. E admito que tive um certo prazer em dispensá-los.

— Foi ótimo, acho que esse vai ser meu novo passatempo — brinco, equilibrando o celular entre a orelha e o ombro.

Desligo o fogão e começo a servir o jantar: *penne* à bolonhesa. Dois pratos apenas, porque não faço ideia de que horas minha mãe vai voltar do trabalho ou se vai voltar. Já são sete e meia e nenhum sinal dela. Ela também não responde às minhas mensagens.

Não sei o que pensar, mas estou tentando não me preocupar. Esse comportamento é típico de Dinah. O problema é que, quando ela agia como uma adolescente, eu precisava agir como adulta e cuidar do meu irmão. Isso era fácil quando morávamos juntos. Mas agora eu sou, de fato, adulta, e tenho minhas próprias coisas para cuidar, não posso mais ser a mãe postiça de Kyle.

Só que, ao que parece, não tenho muita opção.

— *Então, já recebeu algum e-mail sobre o anúncio*? — pergunta Finn. Suspiro em frustração e levo os pratos servidos para a mesa da sala de jantar.

— Ainda não — respondo, lacônica.

— *Mas vai receber em breve, tenho certeza.*

— Espero que sim, porque não tenho outra opção.

Volto à cozinha apenas para buscar os talheres, os copos e a jarra com suco de laranja com limão, o preferido de Kyle.

— Ky, o jantar tá na mesa — chamo, terminando de organizar a mesa. Ele não responde.

— *É o seu irmão?* — Finn pergunta. Assinto, embora saiba que ele não possa ver, e me sento no meu lugar na mesa.

— É, tô cuidando dele hoje.

— *Se precisar de ajuda, pode me chamar. As crianças me adoram.*

Rio fraco, mexendo o macarrão com a ponta do garfo, sem muito apetite.

— Sério?

— *Qual parte?*

— Sobre você bancar o babá. Preciso fazer hora extra no Meg's pelo menos três vezes por semana pra conseguir pagar as contas sozinha.

— *Pode contar comigo, B. Sei como é precisar dar conta de tudo. Mas não tem que fazer isso sozinha.*

Faço uma careta. Ele está soando como Effy agora.

Desvio minha atenção para meu irmão quando ele entra no meu campo de visão. Kyle tem os cabelos loiros do nosso progenitor e os olhos cor de âmbar dele, enquanto eu sou completamente idêntica à minha mãe quando ela tinha vinte e poucos anos. Cabelos e olhos bem escuros.

Ele está usando uma das minhas camisetas antigas, com estampa do Beetlejuice, e parece com sono.

— Obrigada, Finn. Te ligo depois — me despeço e, em seguida, desligo.

Kyle se senta à minha frente, do outro lado da mesa. Ele tem olheiras arroxeadas ao redor dos pequenos olhos amendoados, que ficam ainda mais evidentes devido à sua pele claríssima.

— Ei, campeão. Como foi seu dia? — pergunto.

Quando cheguei, há algumas horas, Dinah já tinha saído para trabalhar e Ky estava dormindo no sofá. Não tivemos muito tempo para conversar. Eu precisava fazer o jantar. Algo fresco, para variar. Minha mãe não sabe cozinhar, então gasta o orçamento do supermercado com todo tipo de comida congelada.

— Legal — meu irmão responde, monossilábico.

Suspiro, lembrando de quando Dinah garantiu que a mudança para Cardeen Bay faria Ky feliz. Ele não tinha muitos amigos em Sacramento, principalmente porque minha mãe nunca tinha dinheiro para pagar as atividades extracurriculares. Excursões e acampamentos não fizeram parte da infância de Ky, assim como não fizeram da minha. Era para a nossa vida melhorar com o passar do tempo, mas acho que isso também não está acontecendo.

O som da TV ainda ligada chama minha atenção e viro a cabeça para olhar na sua direção. A tela exibe o reprise da cobertura do campeonato regional de surfe, mostrando os atletas se preparando, os espectadores vibrando, as ondas grandes e azuis quebrando na baía.

Não é nenhuma surpresa que Kyle esteja assistindo àquilo. Ele sempre foi um entusiasta do surfe.

De repente, Arkin Sawyer aparece na tela, sendo entrevistado por Cassie Hall, a famosa jornalista esportiva. Seu olhar obviamente interessado sobre Sawyer parece ultrapassar *um pouco* os limites profissionais e me faz revirar os olhos.

Alterno meu olhar para ele. Acho que já surfou, porque seus cabelos estão molhados. Ele usa o traje azul-escuro de surfe com a logo dos Seabirds estampada na parte da frente. O tecido fino está colado em sua pele, emoldurando seus trapézios e os músculos de seus braços.

Merda.

Não posso culpar a Hall por encará-lo daquela forma, no fim das contas.

Sawyer começa a falar sobre seu treino pesado e seus planos para o *Easterns* e desvio meu olhar de volta para meu prato, onde meu jantar permanece intocado. Tento ignorar a televisão, mas o som da voz odiosa de Arkin é o único preenchendo o ambiente.

— Ele quebrou todos os recordes das regionais e não só as do meio-atlântico — meu irmão conta, com a voz impressionada de alguém que fala sobre seu ídolo. — As duas primeiras ondas dele já tiveram nota máxima e foram em menos de seis minutos!

Rio anasalado.

— Ele deve ter muita sorte — comento, sem querer dar o braço a torcer.

— Não é sorte, B. Ele é muito bom. Com certeza vai pro torneio mundial no ano que vem.

Ótimo, meu irmão caçula *tinha* que ser o fã número um do cara mais babaca que eu conheço.

Aceno com a cabeça, assentindo, e resolvo mudar de assunto. Me recuso a conversar sobre Arkin Sawyer no jantar.

— Como foi seu primeiro dia de aula na escola nova? — pergunto, num tom animado. De repente, Ky murcha como se eu tivesse acabado de lhe negar doce após o jantar.

— Legal. — Ele volta a ser lacônico.

— Fez muitos amigos? — Kyle dá de ombros.

— Alguns.

Estreito meus olhos em sua direção com desconfiança.

— O que está acontecendo, Ky? Pode conversar comigo sobre qualquer coisa.

Ele desvia seu olhar para o prato que, assim como o meu, permanece imaculado desde que servi a comida minutos atrás.

Sei que algo está acontecendo e posso apostar que tem a ver com Dinah. A casa estava um lixo quando cheguei. Latas de cerveja e embalagens de guloseimas espalhadas por todo o canto. As

cortinas e janelas fechadas, tornando o interior da casa um ambiente escuro e melancólico.

Também não é como se a casa de dois dormitórios que minha mãe está alugando seja muito grande e bonita. É bem simples, com paredes pintadas de cinza e móveis velhos. Mas poderia ser confortável ou ao menos limpa.

— Mamãe pediu para não te contar — explica ele, baixinho. Respiro fundo, tentando afastar a raiva e o rancor que sinto dela. Não quero assustar meu irmão, nem fazê-lo se sentir culpado.

— Pode confiar em mim, Ky — prometo, esticando meu braço sobre a superfície de madeira da mesa para alcançar a mão dele, que repousa ao lado do seu prato.

Então, ele ergue os olhos para mim e diz:

— Ela está saindo com um cara novo. — Fecho os olhos e trinco o maxilar, gritando internamente um milhão de palavrões. — Sai com ele quase todas as noites depois do trabalho e, às vezes, traz ele pra cá depois.

Sempre foi assim.

Em Sacramento, tínhamos três padrastos diferentes por ano, às vezes mais. Nunca era um cara legal ou decente, nunca era um relacionamento saudável ou estável. Era um cara mais louco do que o anterior.

Da última vez, um deles ameaçou bater em Kyle e eu surtei, levando-o embora de casa. Passamos o fim de semana no hotel e só voltamos porque ela prometeu que nunca mais iria levar nenhum de seus namorados para casa.

Como se Dinah sentisse que estou pensando nela, a porta de entrada da casa se abre e ela entra, usando o uniforme de trabalho e carregando um pacote. Ela trabalha no salão de cabeleireiro de uma de suas amigas na cidade Os cabelos escuros estão soltos e ela parece de bom humor, está sorridente.

Provavelmente, esteve com o namorado novo.

— Olá, crianças — cumprimenta, indo até o gabinete da cozinha, onde deixa a sacola que trouxe.

Sigo-a com o olhar enquanto Dinah anda de um lado para o outro. Pendura o molho de chaves no gancho na parede, deixa a bolsa sobre o aparador, larga os sapatos no meio da sala e vai até a geladeira enquanto cantarola uma música.

— Ky, por que não termina de jantar no seu quarto? — pergunto, atraindo seus olhos para mim. Tiro o celular do bolso do meu casaco de moletom e estendo para ele. — Pode jogar no meu celular.

Meu irmão não hesita, apanha o aparelho e, em seguida, seu prato e vai para o quarto. Ergo a cabeça e encontro minha mãe encostada na geladeira, abrindo uma lata de refrigerante.

— É agora que você vai me dar um sermão como se soubesse como criar uma criança melhor do que eu? — pergunta, despreocupada.

Rio anasalado e me levantando, afastando a cadeira para trás num ruído alto e incômodo.

— Disse que ia parar com as suas merdas se a gente se mudasse para cá — falo, com o tom firme. Dou a volta na mesa e paro diante de Dinah.

Uma mãe deve proteger seus filhos de toda e qualquer potencial ameaça, até de si mesma, se for necessário. Dinah nunca se incomodou em fazer isso, em esconder sua parte sombria. Lidávamos com ela diariamente. Com seus problemas, suas frustrações, suas reclamações incessantes. E fazíamos isso sozinhos, enquanto ela saía com seus namorados ou passava dias fora.

E restava para mim a tarefa de criar uma criança, mesmo que eu só tivesse dezesseis anos de idade. Ensinei Kyle a ler, ajudei a fazer a lição de casa, o levei para passear e fazer compras. Porra, eu até fui às reuniões de pais na escola.

— Pare de me olhar como se você fosse melhor que eu, Blaze — diz, me fuzilando com seus olhos escuros. Então, ela bebe mais um gole da bebida e se afasta.

— Não pode continuar fazendo isso por aqui, mãe. Tem que parar de agir como se ainda fosse uma *groupie* adolescente e

começar a ser a adulta que você já é. Tem uma criança de treze anos que precisa de você.

Minha mãe tinha mesmo sido uma *groupie* durante a juventude. Foi assim que conheceu meu pai, um astro do rock em ascensão. Ele nunca se tornou, de fato, um astro, embora achasse muito que isso ia acontecer. Foi por isso que nos abandonou para ir tentar a fama em qualquer outro lugar.

Foi difícil para a minha mãe. Ele a deixou depois de anos de uma relação conturbada. Depois que ele se foi, ela se desligou de tudo e todos. Se perdeu completamente.

Mas ela não pode mais ficar nessa. Não quando ainda tem uma criança em seus cuidados.

Dinah finalmente para de sorrir e se volta na minha direção, séria.

— Acha que eu não me esforço? Acha que não dou duro para manter essa casa funcionando e dar tudo o que seu irmão precisa?

— Ah, é? E você faz isso passando os fins de semana em bares e saindo com seus namorados? — pergunto, dando um passo em sua direção. — Você ao menos está trabalhando?

— É claro que estou — garante, se afastando de mim. — E você não tem moral para me julgar, Blaze. Não faz a menor ideia de como é criar uma criança.

Respiro fundo e tento afastar minhas próprias emoções e lidar com aquela situação de uma maneira racional.

— Você falhou comigo, mãe, mas não vou deixar você falhar com meu irmão. Ou você realmente começa a colocar em prática as promessas que fez quando viemos para cá, ou juro por Deus que vou tirar Kyle de você.

Ela volta a rir, com mais entusiasmo agora.

— Você não pode tirar a guarda legal de uma mãe.

— Levando em consideração que tenho um apartamento bom e bem localizado, muito mais limpo e organizado que a sua casa, que trabalho e me sustento sozinha e ainda ajudo com as contas dessa casa, acho que tenho chances. Coloco todo mês dinheiro numa poupança para Kyle e praticamente o criei durante toda a sua

infância enquanto você fazia sabe-se Deus o quê. Então, acho que consigo sim. — Meu tom de voz é duro e impassível e, embora não passe de uma ameaça, vejo o medo cruzar os olhos dela. Não faço ideia se é mesmo possível que eu tenha qualquer chance numa disputa judicial contra a minha mãe pela tutela do meu irmão, mas sei que, no fundo, Dinah não quer isso. No fundo, ela ama Kyle. — Por favor, mãe. Kyle está infeliz. Quando foi a última vez que passou algum tempo de verdade com ele?

Ela fica em silêncio. Provavelmente, não se lembra. Kyle e eu não temos nenhuma boa memória em família. Éramos apenas nós dois contra o mundo. Nossa mãe sempre se concentrou em um milhão de outras coisas em vez de se preocupar em dar um pouco de suporte ou carinho para seus filhos.

Vejo seus ombros caírem e seu olhar baixar. Ela deixa o refrigerante em cima da bancada e suspira.

— Não é fácil, Blaze.

Não sei se ela está se referindo a cuidar de uma criança ou a parar de agir como uma, mas não discuto. Apenas lhe dou outro olhar de aviso antes de virar as costas.

Saio dali e vou até o quarto de Kyle. Sei que ele deve ter ouvido tudo e isso não é bom. Abro a porta e o encontro deitado de costas na cama, encarando o teto. Seu rosto é tão triste que quebra meu coração. Tiro meus sapatos e subo na cama ao seu lado, abraçando-o.

— Vai ficar tudo bem, K — prometo.

Seja lá o que vai acontecer, não importa. Nunca vou abandonar Kyle.

Fico ali até ele dormir, uma hora depois.

04

Arkin

Acordo com a luz forte do Sol em meu rosto, me incomodando. Faço uma careta, sentindo meus músculos cansados e meu corpo, pesado. Minha cabeça dói como o inferno e sinto como se não estivesse nem um pouco descansado. Abro meus olhos, me deparando com um teto branco.

Onde diabos eu estou?

Tento me lembrar da noite passada e alguns *flashes* surgem em minha memória. Na maioria deles, estou virando *shots* de tequila na festa dos calouros da Kappa Kappa Zeta. Um sorriso de satisfação surge automaticamente em meu rosto quando me lembro de fazer um *body shot* em Jill Tyler, a líder de torcida gostosa com quem estou ficando há alguns meses.

Uma pontada latejante de dor surge do lado direito da minha cabeça e um grunhido baixo de dor me escapa. Cubro o rosto com a mão, bloqueando os raios quentes do Sol que o atingem e parecem queimar minha retina. Meu corpo inteiro dói, na verdade. É como se eu tivesse sido atropelado por uma dezena de caminhões que passaram por cima de mim, deram ré e depois passaram por cima de novo.

E ainda não faço ideia de onde estou.

Tomo coragem para me sentar e olhar ao redor. Quando o faço, suspiro com alívio. É meu quarto na república. Ótimo, ao menos não passei a noite bêbado e caído numa vala qualquer. Mas é quando olho para a garota nua ao meu lado na cama bagunçada que sei que estou fodido.

É Mia Harlow, minha única amiga mulher, e irmã de Jay Harlow, meu colega de equipe e o proprietário da casa onde moro com os outros caras.

Puta merda.

Ela está deitada de bruços, o rosto virado para o outro lado, e está totalmente pelada, com a bunda redonda marcada pelo contorno do biquíni, emoldurado em sua pele bronzeada. Os longos cabelos loiros estão espalhados pelo travesseiro, numa bagunça completa. Ela respira rítmica e profundamente, tomada por um sono tranquilo.

E é quando mais *flashes* surgem, num ritmo desenfreado. Mia e eu compartilhando uma garrafa de gin enquanto dançamos, ela me beijando dentro do *Uber* que pegamos de volta para casa, nós subindo as escadas sem conseguir manter as mãos longe um do outro. A gente transando feito loucos durante a noite inteira.

Puta merda, puta merda!

Nunca transei com Mia — não até ontem à noite, aparentemente —, embora ela seja obviamente muito gostosa. Ela é minha amiga e eu deveria manter as coisas apenas assim. Jay vai me matar. Porra, ele vai me matar *pra caralho*.

Puxo o lençol branco para cobrir o corpo de Mia e me levanto, só então percebendo que também estou pelado e exibindo uma gloriosa ereção. A pior parte é que nem posso dar um jeito nisso com uma rapidinha matinal. Ainda tenho amor pela minha vida, então essa possibilidade é totalmente inviável.

Costumava pensar que sou um cara de sorte quando se trata de sexo e mulheres, mas acho que isso acabou ontem à noite, quando tomei a péssima decisão de dormir com Mia Harlow. Dessa vez, me dei muito mal.

Procuro minhas roupas pelo chão do quarto com uma pressa que beira o desespero. O lugar está uma completa bagunça. Nesse momento, nem me importo mais com a enxaqueca da ressaca fodida na qual me encontro. A dor de cabeça não vai nem se comparar à dor de ter minha cara quebrada pelo punho de Jay.

Assim que encontro uma cueca no chão, apanho a peça rapidamente e a visto, então começo a buscar as roupas de Mia, que devem estar perdidas em algum lugar sob o caos em que esse dormitório se encontra.

Organização nunca foi meu ponto forte. Mas a bagunça, como posso comprovar nesse exato momento, é inimiga da pressa. E Mia

precisa se vestir e dar o fora daqui o mais rápido possível, antes que seu irmão nos pegue no flagra e cometa um assassinato.

Isso não é, nem de longe, o que eu tinha planejado para ontem. Pretendia ir àquela festa e beber até esquecer o meu nome, mas me lembro de voltar cedo porque, por algum motivo, Mia e eu achamos que era uma boa ideia transar. O álcool, provavelmente, ajudou um pouquinho nessa parte.

Ontem foi mais um dia de merda. Pior do que os outros na verdade. A única data que eu odeio mais do que o Natal. Uma data que, definitivamente, pedia por altas doses de álcool, distração e esquecimento. De qualquer modo, eu tinha planejado fazer isso sozinho, não com Mia Harlow. Ela sempre esteve fora dos limites para mim e deveria ter continuado assim.

Coloco suas roupas sobre a cama antes de dar a volta e parar diante dela. Mia é branca, sua pele levemente bronzeada, e alta, com o rosto de uma modelo da *Victoria's Secret* e está dormindo pacificamente como um anjo agora.

— Mia — digo, baixo para que ninguém que eventualmente esteja passando no corredor lá fora escute. — Mia, acorde.

Ela desperta um pouco, rolando na cama. Me concentro em manter minha atenção fixa em seu rosto quando ela abre os olhos azuis e me olha confusa.

— O que você tá fazendo no meu quarto? — pergunta com a voz rouca e arrastada de sono.

— É você quem está no meu quarto — conto, dando um passo para trás.

Mia franze o cenho antes de olhar para baixo e perceber que está pelada. Depois, ela olha ao redor, vendo todos os pôsteres de surfe pendurados nas paredes do meu quarto. Seus olhos se arregalam e ela tampa a boca, abafando um grito de choque.

— Que porra aconteceu? — pergunta por trás da sua mão. Nem sei como compreendi o que saiu de sua boca, mas me solidarizo com seu desespero, uma vez que ele reflete o meu.

— Eu não faço a menor ideia — respondo num sussurro alto. — Bem, na verdade, eu *faço* alguma ideia e acho que você também,

já que nós dois acordamos pelados numa cama bagunçada. Mas não importa. Você tem que dar o fora daqui antes que Jay te veja.

Ela pragueja uma dúzia de vezes e salta da cama, começando a se vestir em tempo recorde. Me viro para dar alguma privacidade dela, embora talvez não adiante de muita coisa, já que vi com muito detalhes daquele corpo durante a noite. Mesmo assim, é estranho. *Muito*.

Quando conheci Mia, óbvio que pensei em dormir com ela. A garota é legal, divertida e bonita pra caralho. Mas ficamos amigos bem rápido e eu sabia que iria acabar estragando tudo se a gente transasse, então passei a vê-la somente como amiga. Além disso, eu não tinha a menor vontade de ter meu belo nariz quebrado pelo irmão dela.

Na noite passada, nós dois jogamos nosso bom senso pela janela. Lembro vagamente de Mia estar chateada porque Lucas lhe deu um fora e eu já estava um caco, num dia em que não estava me importando com porra nenhuma. Duas pessoas bêbadas e magoadas numa festa de fraternidade também não é uma boa combinação.

Isso não pode se repetir nunca. E Jay não pode nem sonhar que aconteceu.

— Merda, merda, merda! — pragueja ela atrás de mim. — Meu Deus, eu beijei você — diz, com a voz retorcida por asco. — E depois transei com *você*.

Ergo as sobrancelhas, surpreso com o tom de asco em sua voz.

— Uau, obrigado pela parte que me toca.

— Que droga, Arkin, isso não deveria ter acontecido.

— Não me diga — cantarolo, sarcástico, mas ela me ignora.

— Pode se virar agora.

Faço isso e a encontro sentada na beira da cama, abotoando as sandálias nos pés. Mia está usando um vestido dourado perigosamente curto, provavelmente de ontem. Os resquícios de sua maquiagem, que na noite passada com certeza estava perfeita,

está acumulada sob seus olhos. Não consigo evitar rir, apesar da situação não ser nem um pouco engraçada.

— O quê? — indaga, balançando a cabeça. — Do que você tá rindo, babaca?

— Você parece um panda — explico, entre risadas. Manchas pretas de maquiagem emolduram os olhos dela.

Mia me lança seu olhar mais mortal antes de bufar e se levantar.

— Muito engraçado, Arkin. *Ha, ha, ha.*

É óbvio que ela está de mau humor, mas isso é bem raro. Mia é a pessoa mais alegre e agitada que já conheci, embora tenha passado por umas merdas difíceis na adolescência. Não sei como ela consegue se manter tão firme e forte. Eu, com certeza, não consigo.

Sua irritação agora me faz lembrar de Blaze Kingston. Mais especificamente, de quando trombei com ela no Outpost, vestindo aquela sainha apertada.

Porra, a garotinha que eu irritava por diversão se tornou uma das mulheres mais lindas que eu já tinha visto. Não é surpresa que todos os caras da Universidade estejam tentando levá-la pra cama. Talvez eu também tentasse, se ela não me odiasse.

— Merda, não acredito que vou ter uma maldita caminhada da vergonha saindo do quarto de *Arkin Sawyer* — reclama Mia, pronunciando meu nome com um desprezo que me deixa ofendido.

A maioria das garotas não costuma reclamar. Na verdade, elas adoram.

— Ei, você não estava reclamando por estar na cama de *Arkin Sawyer* ontem à noite.

Na verdade, consigo me lembrar até das caras que ela estava fazendo e ela estava se divertindo bastante. Nós dois estávamos, o que teria sido ótimo se ela fosse qualquer outra pessoa e não Mia Harlow.

— Tanto faz, nunca mais vamos falar sobre o que aconteceu ontem à noite.

Dou de ombros.

— Por mim tudo bem.

— Lucas não pode saber disso.

Mia pega sua bolsa, que também estava jogada no chão, e checa o interior.

Ela tem uma queda — ou melhor, um abismo — por Lucas Donovan, meu melhor amigo, desde o primeiro ano da faculdade. Porém, Luke entrou para a CBC namorando sério uma garota de Jacksonville, sua cidade natal. Eles terminaram no início do último verão, o que deixou ele arrasado e custou sua vaga no *Easterns*. Ele estava desconcentrado, chateado e desmotivado, resultando em uma péssima performance nas ondas.

Outra coisa que o deixou arrasado.

Não sei exatamente o que aconteceu exatamente entre Lucas e Mia para que ela tenha ficado tão chateada ontem à noite, mas deve ter sido ruim.

Abro a boca pra lhe responder, mas não tenho tempo. No segundo seguinte, a porta do meu quarto é aberta num rompante, me deixando diante de Jay Harlow. Meu amigo tem o queixo caído enquanto alterna o olhar de mim para sua irmã.

— Pensei mesmo ter ouvido sua voz — diz, com o cenho franzido. — O que faz aqui tão cedo? E com as roupas da festa de ontem?

Sigo o olhar do meu amigo até o chão de madeira, onde há não um, não dois, mas *três* pacotes de camisinha rasgados.

Uau, a noite foi longa.

Suspiro, porque todo o transtorno que tentei evitar está prestes a explodir bem na minha cara.

A compreensão toma o semblante de Jay lentamente enquanto ele assimila as informações.

— O que diabos aconteceu aqui? — ele pergunta, com os olhos tão furiosos que poderiam saltar de seu rosto a qualquer momento.

— Cara, acho que você não quer saber.

Eu não estava tentando zombar da situação, mas foi exatamente o que pareceu, o que deixou Jay ainda mais furioso.

— Sawyer, seu filho da puta!

A próxima coisa que sinto é a dor do soco.



O som das ondas se quebrando na orla da praia é reconfortante. A visão também é incrível. Cardeen Bay é linda e as praias têm tudo a ver com isso.

O Sol está a pino, o que faz com que a praia esteja cheia, assim como o mar. Algumas pessoas surfam ao longe, procurando a onda perfeita, enquanto outras apenas aproveitam para dar um mergulho refrescante.

Enquanto os observo, penso no meu irmão. Ele estaria no mar também agora, se ainda estivesse aqui. Eric e o oceano eram como uma coisa só e era impossível tirá-lo de lá durante a temporada de surfe.

Um nó cresce em minha garganta assim que começo a pensar sobre ele e todos os sentimentos que tentei evitar ontem com minha noite de farra estão vindo à tona agora. Sinto o aperto sufocante no peito, um vazio que só cresce dentro de mim.

Às vezes, sinto tanta saudade de Eric, que acho que nunca vou superar. Perdê-lo foi como perder uma parte de mim e agora só há um buraco, um vazio dolorido em mim e na minha vida.

Já fazem cinco anos desde que ele se foi, mas a dor nunca diminuiu. Muito pelo contrário, a cada dia ela se intensifica mais. Mas não é apenas o luto, é a agonia de saber que sou o responsável.

Eric, assim como eu, gostava da adrenalina do surfe. Acho que ele não enxergava os limites, porque tudo o que sentia era o desespero para provar a si mesmo. Provar que era capaz.

Ele estava buscando alguma coisa naquelas ondas. Liberdade e autodescobrimento, talvez. Eu busco fuga. E toda vez que entro no mar, me sinto mais perto do meu irmão e mais longe de precisar enfrentar a verdade.

— Ei, cara. — A voz de Lucas me desperta de meus devaneios e ergo a cabeça. Ele se senta ao meu lado na areia, com os joelhos

dobrados igual a mim. — Como vai o maxilar?

Rio anasalado.

A dor ainda está presente onde o punho de Jay acertou e, provavelmente, vai surgir um hematoma no meu rosto. No entanto, não é tão ruim. Na verdade, eu sabia que ele ia me bater e deixei ele acertar o primeiro soco, porque, honestamente, eu merecia por ter quebrado minha promessa, mas depois disso não fiquei inerte e deixei ele continuar socando.

Não sou tolo o suficiente para isso.

Lucas tem uma garrafa de água nas mãos e parece meio pensativo.

Ele é negro, tão alto quanto eu, e seus cabelos são cortados num corte militar. Ele está vestindo o traje de surfe dos *Seabirds*. Nosso treino começa em meia-hora e quero desesperadamente entrar no mar para esquecer de tudo.

— Está ok — digo, dando de ombros. — Mas fico feliz por ter revidado.

Porque, apesar de eu ter quebrado minha promessa, não é como se eu tivesse corrompido sua irmã pura e inocente ou algo assim. Mia é maior de idade e digamos que eu não sou o primeiro — e com certeza não serei o último — com quem ela vai transar casualmente na universidade.

Em nosso nível de amizade, há intimidade o suficiente para que ela se sinta livre em compartilhar vários detalhes de sua vida sexual. Mia faz de propósito para me irritar, só porque me deixa desconfortável ouvir sobre o tamanho do pau dos caras com quem ela dorme.

Tenho — ou tinha — uma relação muito legal com Mia, um tipo de amizade que nunca pensei que teria com uma mulher. Fizemos uma burrada na noite passada e talvez isso tenha arruinado tudo. E é por isso que me sinto culpado. Estragar as coisas boas na minha vida são minha especialidade.

— Mia andou te procurando, acho que ela quer conversar — ele fala. Noto sua postura mudar imediatamente quando ele menciona o nome da minha amiga. Franzo o cenho.

Todos os caras que estavam em casa naquela manhã ouviram a discussão entre Jay, Mia e eu. Nosso plano de enterrar a história com discrição, sem ninguém saber, foi por água abaixo.

— O que rolou entre vocês, afinal?

— Ela me beijou — explica, olhando para o mar à nossa frente. — Mas não sei se estou pronto pra me envolver com outra pessoa. Mindy ainda tá muito recente.

Mindy é o nome da ex dele.

Acho que ela queria transformar Lucas em alguém que ele não é. Quando alguém leva o tipo de vida que nós levamos, viajando o tempo todo durante a temporada para os campeonatos, se arriscando para conseguir as melhores ondas, treinando feito loucos..., não dá pra ficar com alguém que não entenda como é esse tipo de paixão.

Lucas e eu vemos o surfe de uma maneira parecida. É mais que uma paixão, é como uma religião ou algo do tipo. Não dá pra viver sem isso. É por esse motivo que eu fujo de relacionamentos. Encontrar alguém que entenda é difícil pra caralho.

Além disso, prometi a mim mesmo me manter longe de qualquer tipo de compromisso que não envolva o surfe.

— Isso é uma merda — digo, por falta de saber o que dizer quanto àquilo. Tanto Lucas quando Mia são meus amigos e quero que os dois sejam felizes, então não posso escolher um lado.

— É... — concorda ele, pensativo, antes de mudar de assunto. — Mas e aí? Já encontrou um lugar pra morar? O prazo para requerimento do alojamento estudantil se encerrou na semana passada.

Sorrio sem humor diante da minha maldita falta de sorte.

Dividir um dormitório no alojamento não era minha primeira opção, de qualquer maneira. Já que precisarei me mudar, agora que fui despejado pelo proprietário da casa em que morava, quero ir atrás de algum lugar que fique perto da praia e do campus ao mesmo tempo, o que talvez seja um pouco difícil.

Porra, vai ser *muito* difícil.

— Vou dar um jeito, não se preocupe.

Ele assente, embora resignado, e não insiste.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas observando as ondas.

Talvez eu não esteja em uma posição de escolha, então caso eu não encontre nenhum apartamento legal perto do mar, não me importo de ir morar em qualquer buraco que não seja a casa do meu pai. Do meu pai e sua família substituta.

Ao pensar nisso, fecho o punho instintivamente.

Durante a temporada, faço o possível para manter longe da minha cabeça tudo o que me desestabiliza. Concentração é uma base fundamental do surfe. Quando estamos de pé numa prancha, sobre uma onda imensa, a menor distração pode causa uma queda e, consequentemente, uma fratura grave. Mas desde que Thomas anunciou a porra do seu casamento e fez a questão de me entregar o convite pessoalmente, não consigo pensar em mais nada.

Meus nervos estão à flor da pele e preciso colocá-los no lugar antes de Nags Head no fim do mês.

— Você falou com o seu pai ontem? — Lucas quer saber depois de um tempo.

Trinco o maxilar, lembrando-me da ligação de Thomas. A ligação que eu tive prazer em recusar antes de começar a me embebedar.

— Não — respondo, simplesmente. — Ele me ligou, mas não atendi.

Não estava a fim de ouvir as baboseiras lamuriosas do meu pai ontem e ainda não estou agora.

— Cara… — Identifico rapidamente o tom de voz repressivo de Lucas e prevejo um sermão se aproximando. — O dia de ontem também não foi fácil pra ele.

Me viro para ele e balanço a cabeça.

— Eu não dou a mínima para os sentimentos dele, Lucas — o interrompo de maneira rápida e fria, desviando o olhar em seguida. — Meu pai já não ligava pra nossa família muito antes da morte do Eric, e agora eu não me importo mais em fingir que ainda há alguma relação entre Thomas e eu.

Eu só tentava manter as coisas pacíficas entre nós por causa do irmão. Desde a morte dele, não tenho mais nenhum motivo para isso. E a culpa é toda de Thomas e de como ele agiu durante todos os anos depois da morte da minha mãe. Só piorou quando ele resolveu tomar o posto de pai em outra família e ser para três desconhecidos o que ele nunca tinha sido para Eric e eu.

Só porque ele vive uma farsa, não significa que eu tenha que embarcar em seu teatrinho familiar junto com ele. Thomas odiava o que meu irmão fazia e também odeia o que eu faço.

— Ele expulsou Eric logo antes de ele morrer. — Faço questão de lembrar Lucas. — E agora ele quer me ligar no dia da morte do meu irmão só para lamentar em conjunto? — Rio anasalado, achando graça da cara de pau do meu pai. — Ele pode lamentar sozinho ou com a nova família dele, porque eu estou fora dessa palhaçada.

Levou um certo tempo para Eric e eu percebermos que não importasse o que fizéssemos, nunca agradaríamos ao Thomas. Mais do que isso: nunca faríamos ele sequer se importar. Sua ausência nos disse muito mais do que palavras poderiam.

Ele não tem o direito de querer consertar tudo agora. Não é assim que as coisas funcionam.

Antes que Lucas diga alguma coisa, me levanto e saio, indo em direção ao mar para um mergulho. Nesses momentos, quando estou tão estressado e colérico, a única coisa que consegue me anestesiar é o mar. Eric e eu éramos parecidos nisso.

E enquanto afundo na água, amaldiçoo meu irmão por ter deixado que isso o destruísse.

05

Blaze

— Hoje é o melhor dia da minha vida! — exclamo, me jogando em uma das cadeiras vazias ao redor da mesa que Sage e Finn ocupam na cafeteria da universidade.

Eles rapidamente erguem os rostos para me olhar e franzem o cenho ao encontrarem o sorriso gigante que estou exibindo agora. Nem eu acredito que finalmente, pela primeira vez desde que cheguei em Cardeen Bay, algo deu certo. Bem, não deu realmente certo ainda, mas, surpreendentemente, estou otimista dessa vez.

Estava na fila para apanhar meu almoço quando recebi um e-mail sobre meu anúncio. Tem alguém interessado o bastante para marcar uma visita hoje mesmo. Na verdade, aquele e-mail pareceu tão desesperado quanto os cartazes que espalhei pela universidade. Isso é fantástico, porque aumenta muito as chances de eu terminar o dia de hoje com um colega de quarto fixo.

Acho que nenhum de nós está com muitos critérios, estamos apenas sendo movidos pela necessidade urgente de conseguir pagar por um teto sobre nossas cabeças.

— Alguém te mandou um e-mail sobre o anúncio? — sugere Finn, tentando avinhar. Nem consigo disfarçar minha animação. — Eu sabia!

Nós dois começamos a rir sem parar e damos um *high five*.

— Espera, você realmente conseguiu um colega de quarto? — Sage pergunta, ajeitando sobre o nariz os óculos que está usando hoje. — Caramba, que sorte.

Estou prestes a lhe falar que há controvérsias sobre isso quando o último assento da mesa é ocupado repentinamente pelo corpo grande de Jackson, que se senta displicentemente como se fosse o dono do pedaço e passa um braço ao redor dor meus ombros.

— Quais as boas novas? — pergunta diretamente para mim.

— Consegui um novo colega de quarto — anuncio com orgulho. Ele sorri.

— Uau, parabéns. Quem é a garota de sorte?

— Na verdade, é um cara — revelo. — O nome dele é Jason.

Finn engasga com seu suco verde ao mesmo tempo em que Alex paralisa.

— Um cara — Finn ressoa, como se estivesse tentando assimilar a informação. Apenas rolo os olhos.

Eu sei bem o que as pessoas vão achar por eu compartilhar o apartamento com um cara, mas, honestamente, não dou a mínima. Não posso me dar ao luxo de escolher, não é como se houvessem dezenas de pessoas batendo à minha porta e se oferecendo para dividir o aluguel caro do meu apartamento.

Não tenho dúvidas de que não será moleza, contudo. Nunca morei com nenhum garoto além do meu irmãozinho, que sempre foi muito limpo e organizado, mas sei que eles não têm uma boa reputação nesse quesito.

De qualquer modo, já encarei muita situação difícil na minha vida e não vou ser intimidada pelos estereótipos masculinos, seja lá qual forem. Posso lidar com a tampa do vaso sanitário levantada e jogos de *baseball* passando na tevê nos fins de semana.

Não pode ser tão ruim, certo? Ao menos eu não serei despejada.

— Não gosto da ideia de você morando com um cara, B — diz Alex, insatisfeito.

Ele está virado na minha direção, então não vê quando Sage aponta o dedo indicador para sua boca aberta, fingindo que vai vomitar. Me seguro para não rir e tento encontrar uma maneira educada de dizer a ele que não me importo se ele gosta ou não.

— Não é como se eu tivesse um grande leque de opções — o recordo.

Se eu pudesse escolher, nem sequer dividiria o apartamento com alguém. Me dou melhor sozinha, de qualquer maneira.

Contrariado, Alex apenas suspira e aproxima o rosto do meu.

— Tudo bem, mas deixe claro para ele que você já é a minha garota, ok?

Franzo o cenho.

— Mas eu não sou a... — Sou impedida de terminar, porque Alex gruda sua boca na minha, me calando. Quando me afasto, ele se levanta.

— Tenho treino agora, te vejo mais tarde.

Em seguida, ele se distancia. Bufo, rolando os olhos.

— Eca. — Finn faz uma careta. — Esse cara é tão...

— Esquisito? Babaca? Insuportável? — Sage sugere, me fazendo rir alto.

Sage odeia atletas com todas as suas forças. Não posso culpá-la, a maioria deles aqui em Cardeen Bay parece ter o cérebro do tamanho de uma azeitona. Jackson não é diferente. É legal quando não está em público, mas age como um idiota na frente dos outros. Ao menos não é como Arkin, que provavelmente é desprezível em todos os momentos possíveis.

Crispo o nariz ao pensar em Sawyer e me esforço para varrê-lo para longe da minha cabeça. Só porque a cidade parece girar ao redor dele, não quer dizer que eu preciso contribuir para isso. Arkin é insignificante para mim.

— Ele parece meu ex. — Continua Sage, com a voz exalando rancor. — Ambos são atletas idiotas. A diferença é que um é surfista e o outro, nadador.

Finn revira os olhos.

— E lá vamos nós outra vez…

Dou uma risada.

Agora o ódio de Sage pelos atletas faz muito mais sentido. É pessoal. Ao que parece, ela teve uma experiência ruim com um deles. Contudo, a menção ao surfista desperta meu interesse e logo me lembro de quando ela falou sobre Arkin quando o vimos no Meg’s.

Naquele dia, pensei que ela estivesse falando dele como se o conhecesse apenas por sua reputação, mas talvez haja algo mais.

— Quem? Sawyer? — pergunto, levantando uma sobrancelha com curiosidade.

O rosto de Sage se retorce numa careta de asco.

— Não, meu Deus — ela se apressa em negar. — Foi o amigo dele, Jay Harlow.

— Só você para dispensar um *Seabird* mesmo — Finn brinca, recebendo um empurrão no ombro como resposta.

— Não cometo duas vezes o erro duas vezes. Eles são os maiores galinhas que já vi.

Quanto a isso, provavelmente ela está mais do que certa. Nas raras vezes que vi Sawyer e os outros surfistas pelo campus, eles estavam rodeados de garotas. É meio patético, na verdade.

Roubo uma batata frita da bandeja de Finn antes de olhar para a fila que se formou em frente ao balcão da cafeteria. Está imensa. Não há a menor chance de eu voltar para lá para tentar pegar meu almoço, uma vez que minha empolgação com o e-mail foi tanta que esqueci totalmente que fiquei de barriga vazia durante toda a manhã. Agora acho que vou passar em algum dos quiosques espalhados pelo campus e comprar alguma coisa depois.

Sage pragueja alto ao olhar para o horário que a pequena tela de seu *smartwatch* exibe.

— Tenho que passar na biblioteca antes da aula da Sra. Humphrey — diz, juntando todos os livros na mesa e pegando sua bolsa no chão antes de se levantar. — Vejo vocês mais tarde.

Ela sopra um beijo para mim e Finn e se retira com pressa.

Me solidarizo por sua urgência. As aulas da CBC começaram com tudo. Os professores não estão pegando leve nem com os calouros como eu, então para as classes mais avançadas deve estar ainda pior.

Até agora, todas as minhas aulas têm me agradado. Os professores demonstram muito conhecimento em tudo o que falam. No primeiro dia, fiquei praticamente hipnotizada com tudo. Estar num ambiente cercado por música e arte é incrível e faz eu me sentir um pouco melhor. Preenche, ao menos em parte, o vazio que cresceu na minha vida quando voltei para esta cidade.

Ainda tenho a música e isso é reconfortante. Sempre vou ter a companhia da coisa que tem sido minha maior válvula de escape na última década. E poder estudar sobre isso de verdade me faz sentir um pouco mais próxima do sonho que precisei abandonar para vir para Cardeen Bay.

A rotina é pesada. Como disse, os professores não pegam leve e sempre há muita coisa para estudar. Fica ainda mais tumultuado considerando as horas-extras que faço no Meg's. É extenuante, mas desistir não passa na minha cabeça.

Gosto de ocupar todo meu tempo. E todo o estresse vale a pena para ter contato com a Música.

Finn empurra a cesta de papel repleta de fritas na minha direção e eu aceito sua oferta silenciosa, pescando mais algumas com os dedos e jogando na boca.

— Como estão as coisas com Kyle? — Finn pergunta depois de algum tempo.

Acho que ele ficou um pouco preocupado desde que me ofereceu seus serviços de babá. Em parte, ele tem razão. Também não faço a menor ideia de como vou conseguir dar conta de tudo.

— Tudo bem, acho. Ele não tem me falado mais sobre a rotina da nossa mãe desde que nos ouviu brigar naquela noite. Acho que não quer que eu fique brava com ela.

Eu não o culpo. Viver em um lar instável não é fácil pra ninguém. As brigas só devem deixá-lo mais triste e confuso. Ao mesmo tempo em que quero poupá-lo, também não posso fingir que não estou vendo minha mãe cometer os mesmos erros que nos trouxe aqui, em primeiro lugar.

— Falei sério sobre bancar o babá — diz Finn, me olhando sério.

— Eu sei — garanto, balançando a cabeça. — Obrigada, Finn, vai me ajudar demais. Acho que vou precisar trabalhar até mais tarde no fim de semana.

— Certo, é só me ligar e avisar.

É um pouco estranho saber que posso contar com alguém que conheço há tão pouco tempo. Não era assim em Sacramento.

Eu só tinha Effy como amiga realmente confiável. Nunca tentei me abrir de verdade para qualquer outra pessoa.

— Eu sei como é. — Finn continua. Seu semblante de sempre mudou e ele parece meio contemplativo agora. — Sou o mais velho de quatro irmãos órfãos. Fomos criados pelo nosso avô, que não podia dar conta de tudo sozinho por causa da idade. Tive que ajudar a criar meus irmãos. Sei tudo sobre crianças.

Sua história faz meu coração se apertar e meus ombros caem com um suspiro.

— Sinto muito, Finn.

Ele dá de ombros.

— Não se preocupe, já faz muito tempo que meus pais morreram. Meus irmãos nem se lembram deles.

Me familiarizo com essa parte e pigarreio ao pensar na minha própria família.

Quando eu tinha a idade de Kyle, também era confuso para mim e eu não tinha nenhum irmão mais velho para ficar ao meu lado e garantir que tudo ficaria bem. Tive que me virar sozinha e foi uma droga. Posso não ser a melhor irmã do mundo, mas é reconfortante saber que Kyle não teve que passar pelo mesmo que eu.

— Meu irmão também não se lembra do nosso pai. Acho que ele tem sorte, eu queria não me lembrar também — confesso.

Finn arqueia as sobrancelhas acobreadas e vejo a lamentação tomar seu rosto.

— Nossa, B, sinto muito, eu...

— Não se preocupe, meu pai não está morto — esclareço, com um riso sem humor.

Mas às vezes eu gostaria que estivesse, completo mentalmente.

Seria mais fácil assim. Afinal, ao menos Kyle e eu saberíamos que não fomos abandonados propositalmente. A realidade é mais dura e injusta que isso, no entanto. Alguns pais escolhem ir embora e deixar seus filhos para trás enquanto outros não têm opção, são arrancados de suas famílias por algo que ninguém pode controlar: a morte.

Desvio o olhar para o outro lado da cafeteria, evitando encarar Finn. Pouco tempo depois, ele tenta mudar de assunto, mas não consigo voltar totalmente para a conversa. Minha cabeça fica longe, pensando sobre todas as coisas que eu não deveria mais pensar.



Dou um sorriso genuíno para a tela do meu celular, que mostra uma das fotos que Effy acabou de me enviar. Nela, minha amiga está com os longos cabelos ruivos soltos e esvoaçantes. Um par de óculos escuros protege seus olhos dos raios dourados de sol que brilham sobre a paisagem ao redor. Atrás de Effy está a emblemática placa de Hollywood e o sorriso enorme no rosto da minha amiga demonstra perfeitamente toda a sua empolgação e felicidade.

É contagiante.

Effy quer ser atriz desde que assistiu a um filme pela primeira vez. Está estudando Artes Cênicas na UCLA agora.

Movo meus polegares sobre a tela *touchscreen*, digitando uma resposta às suas mensagens.

Blaze Kingston: *É tão lindo! Tá gostando de L.A?*

Effy Richards: *É perfeita, vc n faz ideia. Queria q estivesse aqui cmg.*

Escrevo que também queria estar, mas apago logo em seguida, reformulando a resposta.

Blaze Kingston: *Aproveite muito. Tb tô adorando Cardeen Bay <3*

Coloco o celular de lado e dou um suspiro, tombando a cabeça para trás na parede e encarando o teto do meu apartamento. Estou há uma hora esperando a chegada de Jason e já enviei um e-mail perguntando se ele está chegando, já que não tenho o número de seu telefone, mas não obtive nenhum resposta.

Precisei sair mais cedo do trabalho para dar uma organizada básica no apartamento antes de encontrar o meu possível colega de quarto, então estou frustrada pra cacete com o atraso. Na verdade,

tô começando a desconfiar que ele não vai aparecer. Ver as fotos de Effy me distraiu por um momento, mas logo volto ao meu estado inquieto e ansioso, contando cada minuto de atraso de Jason.

Ser atrasado não é um bom sinal. Na verdade, é uma característica que usualmente indica irresponsabilidade, falta de compromisso e desorganização. Obviamente, ninguém quer dividir contas com alguém assim. Mas esse homem atrasado, irresponsável, descompromissado e desorganizado é a porra da minha última esperança.

Embora Finn tenha me advertido para ter muito cuidado na hora de escolher com quem vou morar, uma vez que Cardeen Bay College tá cheia de gente maluca, não pensei em levar seu conselho em consideração. Até poucas horas trás, eu estava disposta a aceitar o primeiro que aparecesse. Agora, já estou duvidando dessa minha decisão impulsiva. Talvez morar com qualquer um realmente não seja uma boa ideia e traga mais prejuízos do que benefícios.

Sou impedida de continuar pensando sobre isso quando o som alto da campainha ressoa pelo apartamento escasso de móveis. Arregalo os olhos e me levanto de uma só vez, checando a tela de notificações do meu celular para conferir se havia o alerta de um novo e-mail.

Nada.

Decido que isso não significa muita coisa e que finalmente meus problemas podem estar prestes a acabarem. Corro para a porta de entrada, passando pela cozinha americana que limpei e lustrei para causar uma boa impressão em Jason. Ajeito meus cabelos e confiro se minha roupa está aceitável antes de preparar um sorriso simpático e, finalmente, abrir a porta antes que ele toque a campainha novamente.

E então paraliso, porque quem está parado no corredor do meu andar, bem diante de mim, é o maldito Arkin Sawyer.

Ele abre um sorriso enquanto o meu desaparece lentamente do meu rosto, exibindo suas covinhas irritantemente charmosas.

Sawyer está vestindo uma regata casual e solta, que deixa à mostra seus braços bem torneados. Levanto as sobrancelhas e

meus olhos correm por sua figura, digitalizando sua presença até que a ficha caia e eu perceba que ele realmente está ali.

— Que diabos você está fazendo aqui? — pergunto, com uma voz aguda de choque. Assim que ele abre a boca para responder, contudo, o interrompo. — Espere, não quero saber. Trate de dar o fora, estou esperando alguém.

O que quer que o babaca do Sawyer esteja fazendo na minha porta às oito da noite, não vale à pena saber. Ele precisa sumir o mais rápido possível, antes que Jason chegue.

Tento fechar a porta na sua cara, mas ele coloca o pé entre ela e o batente, me impedindo.

— Deixe-me adivinhar — pede, com um sorriso ladino no rosto. — Está esperando seu amigo Jason Statham?

Franzo o cenho, lembrando do nome e sobrenome do cara que me enviou o e-mail interessado na vaga do apartamento.

— Como é que você... — Me calo quando a compreensão me invade e fecho os olhos, dando um passo para trás e levando as mãos à cabeça. — Ah, não. Não, não, não!

Eu deveria ter imaginado que algo assim aconteceria. Deveria saber que espalhar meu endereço de e-mail por todo o campus resultaria em Arkin Sawyer me pregando uma peça. Era isso que ele costumava fazer sempre quando éramos crianças, afinal.

Porra, como fui idiota.

Arkin passa por mim e entra no apartamento, olhando ao redor como se estivesse na própria casa. Vejo sua testa se franzir quando ele percebe que não há nenhum sofá na sala, apenas um amontoado de almofadas no chão que está servindo como assento. Ao contrário do que imaginei, ele não menciona isso.

— Honestamente, gata, não sei como você não percebeu que o nome era falso. Nunca assistiu Carga Explosiva?

Levanto as sobrancelhas, observando-o com um misto de choque e incredulidade. Não faço a menor ideia do que ele está falando e nem me esforço para entender. Sawyer vive num universo paralelo que só existe em sua própria cabeça.

— O quê? Não! É claro que não — respondo, enquanto tento estrangular a cólera que ferve dentro de mim. Seguro a porta aberta e espero ele sair, mas Arkin toma seu tempo para olhar para os discos enfileirados na estante perto do rack onde a tevê está. — Tudo bem, já chega. Você já tirou uma com a minha cara, pode ir embora agora.

Estou me segurando para me controlar, porque o que realmente quero é gritar e chorar de frustração, porque é óbvio que o desgraçado do Sawyer tinha que estragar a única coisa que eu preciso mais do que tudo agora.

— Uau, seu gosto musical é bom. Quem diria... — comenta, sua atenção fixa nos títulos dos discos de bandas de rock que eu coleciono há pelo menos uma década.

Respiro fundo.

— Arkin! — chamo, elevando o tom de voz e perdendo a paciência. Ele levanta o rosto na minha direção e seu semblante parece o de uma criança inocente, não da verdadeira peste que ele é. — Vai embora.

Ele franze o cenho e me olha confuso.

— Por que eu iria embora? Somos colegas de apartamento.

É aí que eu rio.

Rio mesmo, porque devo ser realmente muito patética para Arkin se empenhar tanto só pra me pregar uma peça. Ele deve me odiar demais, muito mesmo, para fazer um plano tão diabólico apenas para infernizar um pouco mais a minha vida.

— Não, não somos não — respondo, ainda rindo. Arkin, contudo, está parado com as mãos nos bolsos da calça jeans, me fitando sem um pingo de humor no seu rosto. Paro também, minha postura ficando subitamente rígida. — Espera, você tá falando sério?

Arkin e eu? Colegas de apartamento?

Não existe nenhuma piada que possa se igualar ao nível dessa hipótese. É simplesmente ridículo, fora de questão.

— Claro que estou — diz, simplesmente. — Preciso de um lugar pra morar e se eu te mandasse um e-mail com o meu nome

real, tenho certeza de que não iria me responder.

— É, você estava cem por cento correto. Não vou dividir o apartamento com você nem em um milhão de anos.

Arkin suspira e vem até mim, parando apenas a alguns passos de distância. Sua pose irreverente sumiu. Ele me encara com seus olhos verde-oliva penetrantes, o que me faz engolir em seco.

— Esse prédio tem a melhor localização do mundo pra mim. Preciso ficar perto do mar *e* da universidade por causa dos treinos. Não posso bancar um aluguel sozinho por aqui e não há nenhuma outra vaga além da sua, o que torna *você* a minha única opção.

Lembro de quando, instantes atrás, pensei que Jason era minha única opção. Acontece que Jason não existe e que Arkin Sawyer pode ser minha luz no fim do túnel.

Sei que disse que não posso me dar ao luxo de escolher, mas isso foi antes de ficar diante da possibilidade de dividir um apartamento com Sawyer. Não posso nem ao menos considerar isso. É ridículo, impensável. Todos os dias ele me faria desejar que minha cabeça explodisse.

Não, sem condições.

Mas *uma* coisa no discurso de Arkin chama minha atenção.

— Por que você não pode bancar um apartamento sozinho? Você é rico.

O pai de Arkin fundou uma empresa no ramo de análise de dados ou algo assim, depois a vendeu numa proposta milionária e ficou ridiculamente rico. Pelo menos, isso foi o que minha mãe me contou quando morávamos em Cardeen Bay da primeira vez.

— Eu não sou rico, meu pai é — sua resposta vem curta e grossa. Seu semblante continua insípido por mais um momento antes de relaxar. — Qual é, pequena B? Você vai adorar dividir um apartamento comigo.

Meu queixo cai ao chão com sua ousadia.

— Eu prefiro dividir o apartamento com um crocodilo que vai me devorar.

Um sorriso sujo cresce em seu rosto.

— Quem disse que eu não vou te devorar?

Esse é o estopim, a última gota que faltava para trasbordar o copo da minha paciência. Assim que me recupero do choque inicial de sua voz rouca e maliciosa mencionando me devorar, pisco e me endireito.

— Não vamos morar juntos, Arkin. Agora, dê o fora. — Aponto para a porta aberta.

Sawyer rola os olhos e dá outro passo na minha direção.

— Vamos, Blaze, me diz o que você precisa para me deixar morar aqui? Eu juro que vou pagar todas as contas em dia. Posso até arcar sozinho com as despesas do supermercado. Eu cozinho e limpo o apartamento inteiro. Você fica com a louça e a lavanderia. Além disso, vai ter a oportunidade única de ver minhas cuecas.

Ele me lança uma piscadela e um de seus sorrisos matadores. Felizmente, não surtem efeito em mim.

Não faço a menor ideia de porquê Arkin está sem um lugar para morar, mas eles parece bem desesperado em encontrar um, o que me deixa levemente curiosa para saber o motivo. Ele é veterano, afinal. E é um *Seabird*. Pensei que ele morasse numa fraternidade ou algo do tipo.

— É claro, por que não pensei nisso antes? Ver suas cuecas é tudo com o que eu mais sonhei na minha vida. — Meu sarcasmo ferino não o intimida e ele continua me fitando com seus enormes olhos de Gato de Botas.

— É a melhor oferta que você vai conseguir e você sabe.

Suspiro e levo os dedos em pinça até a ponte do nariz, fechando os olhos enquanto penso numa maneira de me livrar dele.

É quando uma vozinha diabólica sussurra no meu ouvido uma pergunta simples e, ao mesmo tempo, maluca. *E se eu topasse?*

Arkin tem um ponto. Não vou conseguir outra proposta tão cedo e não posso esperar. Não posso ficar nem mais um mês sem dividir o aluguel com outra pessoa e não há a menor chance da minha mãe me ajudar nisso. Ela mal tem dinheiro para pagar o

aluguel da própria casa. Eu precisaria tirar o dinheiro da poupança da faculdade de Kyle e nunca me perdoaria se fizesse isso.

Não sou como nossos pais.

Merda, merda, merda.

Começo a andar de um lado para o outro, as engrenagens na minha cabeça trabalhando para pensar em qualquer saída, qualquer possibilidade.

Arkin Sawyer morando comigo. Dividindo um apartamento de setenta metros quadrados. Coabitando o mesmo espaço pequeno e apertado por tempo indeterminado.

Parece algum tipo de provação bíblica, só que sem uma recompensa divina no final.

É ruim. Muito ruim.

Mas então, penso na ordem de despejo sendo empurrada para debaixo da minha porta e eu voltando com minhas malas e o rabo entre as pernas para a casa da minha mãe, onde ela me olharia com aquela cara de "eu te avisei". Consigo até ouvir sua voz me recepcionando assim que eu chegasse lá para me mudar de volta.

"Achou que era melhor do que eu, huh? Achou que podia se dar bem sozinha? Você falhou, Blaze, de novo*."*

Ah, isso parece muito pior, definitivamente.

— Três meses — digo alto, de repente, me virando na direção de Arkin como se eu fosse Newton e tivesse acabado de descobrir a Lei da Gravitação Universal.

— O quê? — pergunta Sawyer, levantando uma sobrancelha.

— Você vai morar aqui por três meses. É tempo suficiente para você encontrar outro lugar para morar e eu encontrar outro colega de quarto. Durante esse tempo, você paga metade das contas, cozinha e limpa o apartamento. É pegar ou largar, *Sawyer*.

De qualquer forma, não sobreviverei a mais de três meses morando com meu pior inimigo, então não vai importar se eu não encontrar um novo colega de apartamento até o fim do terceiro mês.

Mas eu *vou* encontrar. Tenho certeza.

Arkin pensa por um minuto antes de suspirar em derrota e estender a mão. Estreito meus olhos com desconfiança, mas ele insiste e, por fim, coloco minha mão na sua num cumprimento formal.

— Negócio fechado, *Kingston* — diz, selando o acordo. — Me mudo até o fim do dia de amanhã. Prometo que não vai se arrepender.

Rio anasalado, sem nenhum humor.

— Duvido muito disso.

06

Blaze

Se arrependimento matasse, eu já estaria morta e enterrada.

Esse é o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça assim que pulo pra fora da banheira, após ser atingida pela enxurrada de água gelada do chuveiro. Considerando que ouvi o som do banho de Arkin Sawyer por *trinta* minutos hoje mais cedo, tenho uma boa ideia do porquê a água quente acabou.

Ele se mudou ontem à tarde, quando eu estava trabalhando, e quando cheguei à noite, ele tinha deixado um *post-it* colado na geladeira dizendo que iria a uma festa e passaria a noite fora.

Naquele momento, o que pensei foi que talvez aquela tivesse sido uma ótima ideia. Afinal, Arkin era um atleta festeiro. Quando não estivesse no mar treinando, estaria por aí bebendo e transando com garotas de fraternidade. Logo, a gente não se veria com frequência e eu mal notaria sua presença.

Ledo engano.

Enrolo uma toalha em meu corpo nu e abro a porta do banheiro com tanta força que me surpreendo por não ter arrancado a maçaneta fora. Água fria está escorrendo do meu cabelo escuro, rolando pelo meu pescoço e seguindo pelas minhas costas, gelando até os meus ossos. Meus dentes batem de frio e minha visão fica vermelha quando marcho descalça pelo corredor em direção à sala.

Estou com tanta raiva agora que nem consigo me preocupar com as pegadas molhadas que estou deixando no piso de madeira do apartamento.

Encontro Arkin na cozinha, de costas para mim, cozinhando algo no fogão. A primeira coisa que noto são suas costas largas e bronzeadas, juntamente a todas as definições torneadas de músculos. E só consigo ver tudo isso porque ele está apenas de cueca na *minha* cozinha.

E, definitivamente, ele está cozinhando alguma coisa. O cheiro dança no ar, fazendo meu estômago rugir alto feito um animal selvagem. Eu até poderia prestar atenção na minha fome se eu não estivesse tão chocada.

Sua cueca boxer preta atrai meu olhar para a sua bunda. Se Effy estivesse aqui, ela diria que é uma bela bunda. Mas ela não está, então me forço a focar em algo que não seja o corpo atlético e surreal de Arkin Sawyer. Ou seja: no ódio borbulhando sob minhas veias.

— Que porra é essa?! — pergunto, alto. Ele não se assusta, apenas olha por cima de seu ombro e sorri.

— Gosto de chamar de panquecas, mas “porra” também serve — responde, cínico. — Bom dia, a propósito.

Me forço a ignorar seu comentário para não ficar ainda mais irritada.

— Você está só de cueca na cozinha — aponto, com a voz indignada.

— E você está só de toalha na cozinha — rebate com tranquilidade. Acho que ele percebe meus ombros se tencionando, pois sorri ainda mais antes de voltar a olhar para a panqueca assando na frigideira em suas mãos. — É só uma observação, não estou reclamando, gata. Pode ficar até pelada, se quiser.

Rolo os olhos e cruzo os braços bem apertado sobre o peito, garantindo que a toalha fique exatamente onde está. Tenho sorte dela cobrir até a metade das minhas coxas, impedindo que Arkin tenha visão de qualquer parte mais reveladora do meu corpo. Mas, de qualquer modo, sinto minhas bochechas queimarem. Não sei por quê. Não tenho problemas com meu corpo e vários caras já me viram com muito menos que uma toalha.

Mas a atenção de Arkin e seu comentário de tom sugestivo está me fazendo formigar. Eu sei que ele só está provocando, porque esse é seu passatempo favorito. A reação do meu corpo, contudo, é involuntária.

Pigarreio, me livrando desses pensamentos ridículos.

— Você é nojento. E usou toda a água quente do prédio.

— Usei? Nem percebi. — Trinco o maxilar com raiva. Arkin Sawyer é um cínico dos infernos. — Então… por que você não tem um sofá?

Ele muda de assunto naturalmente após empilhar a última panqueca no prato ao lado e se virar, levando o café da manhã até a bancada da ilha da cozinha. Parece despreocupado e muito à vontade, como se fizéssemos isso há décadas.

— Sério? — pergunto, incrédula. Ele apenas dá de ombros e se debruça na bancada, se inclinando na minha direção enquanto espera por uma resposta. — Bem, Arkin, algumas pessoas passam por um problema muito comum chamado “falta de grana”, mas acho que você não sabe como é.

Bem, não estou sendo totalmente sincera, mas Arkin não tem como saber disso. Na verdade, durante a mudança, minha mãe me ofereceu o nosso antigo sofá, já que ela ia comprar outro maior em uma liquidação, para mobiliar a casa nova em Cardeen Bay. Eu neguei, dizendo que já havia alugado um apartamento com sofá.

É só que não acho que eu precise de um. E, honestamente, uma parte de mim ainda deseja que essa mudança não seja tão permanente quanto parece.

Arkin levanta as sobrancelhas com surpresa, seus olhos grandes e verdes me escrutinam com curiosidade até que um sorriso divertido surge no canto de sua boca.

— Uau, você é sempre tão combativa assim ou é só mau humor matinal?

Franzo o cenho, me empertigando.

— Não sou combativa.

— Lamento informar, pequena B, mas você é sim.

Deus… eu odeio quando ele me chama de Pequena B. Ele vivia me chamando assim na época da escola, porque eu era mais baixa do que todas as crianças da nossa idade.

— Não, não sou — contrario. — Também não estou de mau humor. Mesmo se estivesse, seria totalmente justificável já que você acabou com a maldita água quente e eu preciso tomar banho antes da aula!

Talvez Arkin apenas desperte meu lado irritável e, embora odeie admitir, combativo. Mas ele nunca vai me ver dar o braço a torcer na vida.

Arkin ri alto, jogando a cabeça para trás e expondo as covinhas em suas bochechas lisas. Ele está sempre perfeitamente barbeado. Não sei se fez isso hoje, porque não vi nenhum barbeador ou frasco de espuma de barbear no banheiro. Também não vi seu perfume, apesar de ter procurado assim que entrei lá há alguns minutos, uma vez que o cheiro era maravilhoso e estava por toda parte depois que ele tomou banho.

Talvez ele seja do tipo organizado, que não deixa suas coisas espalhadas por aí. Espero que seja isso mesmo, embora, talvez, eu não possa reclamar caso ele queira sua parte no gabinete do banheiro. Somos colegas de apartamento, afinal. Terei que lidar com os objetos pessoais de Arkin mais cedo ou mais tarde.

Quando ele volta a olhar para mim, está com semblante de quem acabou de vencer um jogo.

— Você sabe que acabou de provar o meu ponto, né? — Abro a boca, indignada, mas não tenho tempo de negar. Não adiantaria mesmo, de qualquer forma. — Não se preocupe, eu gosto disso em você. Quer panquecas?

O fuzilo com meus olhos da maneira mais intensa que posso, mas não parece surtir qualquer efeito nele. Arkin continua inclinado sobre o balcão, me encarando sugestivamente. Nem sequer olho para o café da manhã que ele se deu ao trabalho de preparar.

Ele pode achar que venceu seja lá o que estávamos jogando, mas não o deixarei sentir o gostinho da vitória.

Soltando um grunhido baixo, giro sobre os calcanhares e saio pisando duro, de volta ao banheiro. Assim que entro lá, bato a porta atrás de mim com força, fazendo as paredes do apartamento tremerem.

E enquanto eu tomo o banho mais gelado da minha vida, posso jurar escutar a risada convencida de Arkin Sawyer.



— Você parece preocupada — Alex diz, quebrando o silêncio que estava no interior de sua caminhonete.

Estou olhando através da janela do banco do carona para a fachada da escola pública onde Kyle está estudando. Estamos estacionados bem em frente. O dia letivo ainda não acabou. Achei melhor chegar cedo para não correr o risco de deixá-lo esperando.

Dinah não pôde buscá-lo hoje. Perguntei a ela o motivo quando ela me pediu para fazer isso, mas minha mãe não respondeu.

Não posso dizer que estou surpresa.

— Estou preocupada — respondo Alex, ainda olhando para o pátio vazio em frente à escola.

Tive que sair no meio do trabalho para buscar meu irmão porque minha mãe não iria fazer isso. Eu não teria problema nenhum em fazer se fosse alguma emergência para Dinah. Talvez até seja esse o caso, mas o fato de precisar desconfiar de seus motivos só demonstra como ela está falhando na sua promessa de ser uma mãe melhor.

E não sei mais até que ponto isso está afetando Kyle, porque ele não tem me contado mais nada relacionado a Dinah desde que ele nos ouviu brigando após o jantar na semana passada. Não sei o que devo fazer.

— Kyle vai ficar bem, B — garante Alex, estendendo uma mão para apanhar a minha, que repousa sobre minha coxa. Viro o rosto para fitá-lo. — Ele não é mais um bebê. Você se preocupa em protegê-lo demais quando deveria deixá-lo enfrentar seus próprios problemas sozinho.

Franzo o cenho com a naturalidade com que essas palavras saem da sua boca. Puxo minha mão para longe de seu toque e cruzo os braços.

— Você não sabe do que está falando.

Meu tom sai hostil e rude, mas não me importo.

Ninguém além de Effy sabe como as coisas são com a minha mãe. Sua instabilidade e irresponsabilidade me fez perder minha adolescência inteira. No único fim de semana que dormi fora de

casa em Sacramento, quando voltei encontrei meu irmão ardendo em febre no quarto.

Minha mãe nem tinha notado que seu filho estava doente.

É sempre assim.

— Ei, estou só querendo ajudar.

Alex levanta as mãos em rendição.

A realidade finalmente me bate e percebo que talvez esteja descontando minha frustração em alguém que não tem nada a ver com os problemas da minha família.

Suspiro e fecho os olhos, tombando a cabeça para trás na poltrona do carro.

Alex foi bem legal hoje.

Ele estava no Meg's com os caras da equipe de natação quando recebi a mensagem da minha mãe. Fiquei desesperada, porque não tinha como eu sair do trabalho no meio do expediente, pegar um ônibus até a escola de Kyle e depois voltar. Tive sorte por Sage aceitar me cobrir na lanchonete para que que nosso chefe não descobrisse e me colocasse no olho da rua e mais sorte ainda por Alex ter percebido que eu estava com problemas e ter me oferecido carona.

— Eu sei, só estou sob muito estresse ultimamente — falo, voltando a abrir os olhos para encontrar o rosto de Alex. — Obrigada pela carona, de verdade.

Vou ter que conversar com Dinah para que essas situações não se tornem recorrentes. Não posso ficar faltando ao trabalho pra realizar uma tarefa que deveria ser dela. Se eu for demitida, estou totalmente ferrada.

— Tudo bem, baby. — Ele dá um sorriso e volta a estender sua mão, dessa vez para tocar meu rosto carinhosamente. — Então Finn, vai bancar o babá hoje?

Assinto com a cabeça.

— Acho que eles vão se dar bem.

Finn é muito legal e engraçado, meu irmão vai adorá-lo, tenho certeza. Na verdade, tenho sorte de ter encontrado pessoas

incríveis como Sage e Finn aqui em Cardeen Bay. Tenho sorte de ter reencontrado Jackson também.

Eu não admitiria isso em voz alta, mas talvez sua ideia de sermos exclusivos não tenha sido ruim. Pode estar mesmo dando certo. Ainda assim, não quero pensar no que isso deva significar a longo prazo.

— Vem comigo na festa de sábado? — Alex pergunta, em seguida.

Faço uma careta.

— Não posso, vou passar o fim de semana descansando.

Estava contando com meu dia de folga do Meg's e com essa festa na praia da qual todos estavam comentando para tirar um tempo em paz em casa. Quero muito descansar e Arkin certamente vai para o evento e ficará fora a noite toda fora, o que significa que terei o apartamento inteiro só para mim. Pretendo inaugurar a banheira enquanto bebo um bom vinho e depois assistir a filmes na *Netflix*.

— Ah, qual é, B? Vai ser sua primeira festa universitária. Você não ficar o tempo todo cuidando dos outros e não viver sua própria vida.

Não sei se Sage e Finn vão à festa e não quero realmente passar a noite toda com Alex e seus amigos. Não tenho nada a ver com eles.

— Por favor — Alex pede novamente, fazendo uma cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança. — Prometo que vou fazer valer a pena.

Ele abre um sorriso malicioso antes de soltar o cinto de segurança e se inclinar na minha direção, roçando os lábios em meu pescoço. Alex começa a distribuir uma trilha de beijos até minha clavícula. Então, seus dedos começam a explorar a parte da frente do meu uniforme do Meg's, tentando abrir o primeiro botão.

O empurro quando, pela visão periférica, vejo as crianças passarem pelas portas da escola, saindo com suas mochilas.

— Ei — Alex protesta enquanto me endireito, colocando o vestido do uniforme de volta no lugar. — Você costumava ser mais

divertida no verão.

Levanto uma sobrancelha em sua direção, incrédula.

É sério isso?

— Você costumava não ser um babaca no verão — devolvo, e faço menção de abrir a porta do carro para ir procurar Kyle. Alex, porém, segura meu braço e sou obrigada a voltar a encará-lo.

— Eu só quero sair com você, me divertir com você — justifica. — Detesto ver você sempre preocupada e estressada.

— Tenho responsabilidades, Alex

— Eu sei — concorda, suspirando. — E eu também sei que você odeia essa cidade. Mas deveria dar uma chance para isso aqui. Deveria tentar, pelo menos.

Em parte, Alex está certo. Não estou tentando como eu prometi a Effy que tentaria. Estou vivendo no automático, sem me permitir qualquer chance de construir uma vida feliz em Cardeen Bay.

Respiro fundo, considerando. Odeio dar o braço a torcer mais do que qualquer coisa.

— Vamos, B, por favor. Vai ser divertido — volta a pedir, dessa vez com a voz bem mansa.

— Tudo bem — cedo de uma vez, jogando as mãos para o ar. — Mas quando eu quiser ir embora, eu vou embora. *Capiche*?

Ele sorri vitorioso e se inclina para depositar um selinho em meus lábios antes de responder:

— *Capicho*.

07

Arkin

— Estou morto de fome — falo assim que me jogo numa das poltronas do Meg's.

Meus amigos se sentam ao redor da mesa escolhida também. Mia ao meu lado, Lucas e Charlie na nossa frente. Todos eles estão tão exaustos quanto eu. Com o *Easterns* se aproximando, estou dobrando meu horário de treino, Mia também, já que ela é a única da equipe feminina dos *Seabirds* que vai para Nags Head em Setembro.

A cidade inteira, a universidade e todos os outros *Seabirds* vão estar depositando suas expectativas em nós. Preciso voltar para casa com o troféu de primeiro lugar. Preciso fazer isso para esfregar na cara do meu pai, que vem me subestimando desde que nasci, praticamente.

— Você tá sempre com fome, cara — responde Lucas, fazendo Mia e Charlie rirem.

Acabamos de sair do treino na academia do centro esportivo de Cardeen Bay. Pegamos pesado, como sempre.

Algumas pessoas pensam que os surfistas treinam sempre na água, mas não há nada mais longe da verdade do que isso. Grande parte do que faz um bom surfista é sua resistência muscular localizada. É isso o que nos permite aguentar longos períodos remando sobre a prancha enquanto esperamos a onda perfeita.

Então, os treinos físicos são bem intensos e envolvem todo tipo de exercício, desde flexão dos braços até arremessar bolas de tênis na parede para trabalhar o nosso tempo de reação.

Depois desses treinos eu fico morto de fome. E nada melhor do que ir até o Meg's, que tem vários pontos positivos: a comida é boa, fica perto da academia e a garçonete é a minha colega de apartamento — que eu adoro provocar e deixar irritada.

— Acho que preciso de um milkshake — Mia comenta.

— Eu acho que preciso pedir, no mínimo, metade das opções do menu para satisfazer minha fome agora — Charlie diz, olhando ao redor em busca da garçonete. Faço a mesma coisa e rapidamente a localizo.

Meu olhar encontra o seu quando ela vira seu rosto na minha direção. Blaze está parada perto do balcão, conversando com a ex do Jay. Ela frequentou a república algumas vezes enquanto os dois estavam de rolo. Acho que seu nome é Sage. De qualquer forma, não importa. Minha atenção está presa em Blaze agora.

A garota fecha o semblante assim que se depara comigo, o que faz um sorrisinho de satisfação surgir em meu rosto. Me recosto na poltrona de couro e cruzo os braços displicentemente, sem desviar meus olhos dela.

A garota bufa, retirando do bolso do uniforme o bloquinho de anotações e puxa de seu coque uma caneta que estava prendendo seus cabelo castanho-escuros antes de vir até a mesa que eu e meus amigos ocupamos.

— Bem-vindos ao Meg's, posso anotar seus pedidos? — Blaze pergunta em um tom casual, o olhar direcionado propositalmente para qualquer um na mesa que não seja eu.

Agora meu sorriso está mais do que evidente. Ela está tentando me ignorar.

O rosto pálido de Blaze está ficando rosado e sei que ela está irritada com a minha presença. Esse é o efeito que causo nela e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me diverte pra caralho.

Os caras começam a fazer os pedidos e Blaze anota tudo habilmente. Enquanto isso, tomo meu tempo para analisá-la.

Blaze Kingston está vestindo o uniforme clássico do Meg's. É delicado e em cores pasteis, o que não combina nada com a maquiagem preta que ela usa nos olhos e que, de alguma forma, acentua suas íris castanhas. Suas unhas também estão pintadas de preto e há alguns anéis prateados adornando seus dedos lânguidos.

Ela é pequena, provavelmente tem em torno de 1,50m, o que deixa ainda mais divertido quando ela fica brava, porque é óbvio que

a garota não pode causar nenhum estrago. Ao menos, nenhum aparente.

Desço meu olhar por sua silhueta. O vestido do Meg's se molda perfeitamente às curvas de Blaze. É meio sexy, para falar a verdade.

Kingston é uma garota gostosa e inacessível para todos os caras que já tentaram algo com ela. Foram muitos e, considerando que ela está na cidade há pouquíssimo tempo, posso dizer que Blaze está chamando atenção por aqui. Pelo o que sei, ela está enrolada com o babaca do time de natação, o que é um puta desperdício.

Normalmente, não fujo de um bom desafio, mas esse aqui é impossível por diversos motivos. Começando pelo fato de ela me odiar e terminando no fato de que precisamos conviver pacificamente por pelo menos três meses. Não a culpo pelo primeiro. Eu costumava lhe dar muitos motivos para me desprezar.

Bem, é uma pena. Blaze e eu poderíamos nos divertir muito um com o outro se as circunstâncias fossem diferentes.

Quando meu olhar desce até seus pés, não consigo evitar rir. Ela está usando umas botas pretas de combate que não combinam nem um pouco com o vestido do Meg's que carrega uma pequena placa com seu nome.

— Posso saber o que tem de tão engraçado nos meus pés? — A voz de Blaze me traz de volta à realidade e levanto o rosto para encontrar seu rosto ranzinza.

— Desculpe, mas os coturnos fazem parte do uniforme? — provoco. A garota semicerra os longos cílios, me fuzilando com seus olhos escuros.

— Por quê? Você gostou tanto que também quer um par? — revida ela, com veneno sarcástico escorrendo de suas palavras.

— Com certeza, porque eles são muito... — volto a olhar para seus sapatos, tentando achar o adjetivo perfeito para descrevê-los — *discretos*.

Ela percebe a ironia. Todos na minha mesa também. Charlie até solta uma risadinha. Observo ela engolir em seco e respirar

fundo, parecendo estar reunindo seu autocontrole para não enfiar aquela caneta em meu olho.

Não me importa o quanto esteja alimentando o ódio de Blaze agora, porque adoro deixá-la louca. Sempre gostei. Só não suportava quando ela me ignorava, isso eu não posso aceitar.

Viver nos extremos com Blaze Kingston sempre foi o ponto alto do meu dia. Algo nela parece muito real e quando estou perto dela só consigo pensar em arrancar qualquer coisa dessa garota, nem que seja um palavrão ou um comentário sarcástico. Qualquer coisa para ter um vislumbre do que ela esconde por trás daquele escudo que ela construiu ao seu redor.

— Ótimo, sem comida pra você — decide ela, colocando a caneta de volta em seu coque meio bagunçado.

Agora ela conseguiu me atingir.

— O quê? — pergunto, arregalando os olhos. — Você não está falando sério.

— Acredite, eu estou.

— Você não pode fazer isso — desafio, percebendo só depois que pode ter sido uma péssima ideia.

— Não posso? Então observe. — Blaze gira sobre os calcanhares e anda para longe, me ignorando totalmente.

— Nossa, a garota realmente te odeia — Charlie comenta rindo, atraindo minha atenção de volta à mesa. — Gostei dela.

Rolo os olhos.

— Você a conhece? — pergunta Lucas, levantando uma sobrancelha. — Ela não é a garota nova que tá namorando o Jackson?

Percebo Mia enrijecer com a menção ao seu ex-namorado cretino. Apesar de eles terem ficado juntos por pouco tempo, foi o bastante para ele magoá-la e humilhá-la. Ele não presta.

Não que eu não seja um canalha, mas ao menos não iludo e traio garotas por aí.

— Somos velhos amigos. — Dou de ombros, mas logo depois acrescento: — E colegas de apartamento.

Eu deveria ter lhes contado antes, principalmente para Mia. Mas sabia o que ela ia pensar: que esta é mais uma encrenca na qual estou me envolvendo. Talvez seja mesmo.

Charlie engasga numa gargalhada alta e diz:

— Isso fica cada vez melhor.

— É sério? — Mia entra na conversa, preocupada. — Arkin, parece que aquela garota poderia atear fogo na sua cama enquanto você dorme.

Pondero por um segundo, lembrando do rosto irritado de Blaze quando ela estava brigando comigo na cozinha, enrolada apenas em uma toalha.

Morar com ela pode ser muitas coisas, mas certamente não é entediante.

— Provavelmente ela faria isso mesmo. — Rio, embora Mia pareça mesmo preocupada. Ela e Lucas estão sempre tentando colocar juízo em minha cabeça e me livrar das enrascadas em que geralmente me envolvo.

Observo meus dois melhores amigos. Eles parecem relaxados perto um do outro, apesar de eu saber que as coisas estão esquisitas entre eles. Preciso me lembrar de perguntar sobre isso a Mia depois. Também precisamos conversar sobre o que aconteceu entre nós na noite da festa. Aparentemente, nosso pequeno deslize não mudou nada entre a gente, mas preciso me certificar disso.

Além disso, tenho que alertar Mia sobre o cara que ela gosta. Tentei me manter fora desse assunto desde que percebi que ela estava afim de Lucas, mas se ela insistir nisso, só irá se machucar. Está claro que meu amigo ainda não superou a ex e não quero que Mia continue se magoando. Depois que Eric se foi, ela se tornou o mais próximo de família que eu ainda tenho e considero.

Pensar nisso só me faz odiar ainda mais por ter estragado tudo transando com ela.

— Espero que saiba o que está fazendo, cara — Lucas adverte antes de mudar de assunto. — Viu o que estão falando no *Twitter* sobre a festa da Kappa Kappa Zeta?

Bufo, deixando minhas costas caírem contra o encosto macio da poltrona.

Tento ao máximo não checar com frequência minhas redes sociais. No início, parecia divertido ter tanta gente falando sobre mim. Devido à notoriedade de meu pai em seu meio trabalho, os holofotes sempre estiveram virados para nossa família.

E não importava se eu era apenas um adolescente revoltado com a morte do irmão ou se estava fazendo burradas por aí apenas para punir meu pai, porque os veículos de mídia divulgavam a fofoca da maneira que bem entendiam. Isso fazia meu pai me odiar ainda mais.

Tudo só piorou quando comecei a ganhar notoriedade com o surfe. Qualquer erro que eu cometia — e eu cometi vários —, ia parar na internet. Eles consolidaram minha reputação de *playboy* encrenqueiro e irresponsável. Odeio ter sido reduzido a isso.

Odeio ser definido pelos meus erros do passado, mas sei que sou o único culpado por isso.

Permiti que eu me perdesse na minha raiva por meu pai e, posteriormente, na culpa e no luto por meu irmão.

Depois de perceber que não poderia fazer nada para mudar meu passado e as coisas que os outros pensam ao meu respeito, passei a me concentrar em fazer as minhas coisas e parei de procurar o que estavam falando sobre mim por aí. Entretanto, isso não fez com que parassem.

— Tem um milhão de fotos e vídeos de você totalmente chapado — Charlie continua. — Todos estão comentando.

— Não dou a mínima para o que estão comentando — respondo um pouco ríspido, cortando totalmente o assunto. Ninguém além de Lucas e Mia sabem o quão difícil aquela data é para mim.

Não importa que tenha sido uma circunstância ruim do aniversário da morte do meu irmão mais velho. Para essas pessoas, só importa o que elas pensam.

A internet pode falar a porra que eles quiserem, ninguém sabe merda nenhuma sobre mim, não importa o quanto eles

pensem que sim.

Mia muda o rumo da conversa para algo relacionado ao treino de hoje e me desassocio mentalmente. Olho para o lado e deixo minha atenção se desviar para a coisa mais interessante que tem por aqui: Blaze Kingston.

Ela está encostada contra o balcão da cafeteria, mexendo em seu *iPod*. Parece totalmente alheia a tudo ao redor. Está mordendo o canto dos lábios enquanto os olhos estão vidrados na pequena tela em suas mãos.

Blaze ainda tem o mesmo rosto jovem de quando era criança. Seus olhos, contudo, não mantiveram o brilho de inocência. Ela parece muito durona e me pergunto o que aconteceu para que ela se tornasse assim, sempre na defensiva.

Quando éramos mais novos, as outras crianças costumavam pegar no pé dela porque ela e a família moravam num trailer. Era injusto e cruel.

Quando nos vimos pela primeira vez, ela estava sentada sozinha no balanço do parque, chorando por causa de um desses comentários idiotas. Tentei consolá-la, mas ela pensou que eu ia zombar dela como os outros e gritou comigo, me mandando ir embora.

Foi quando vi que ela era durona demais para uma criança.

Blaze capturou minha atenção naquele dia. Gostei da garota e tentei chamar sua atenção também. Acho que piadinhas e provocações novas não foram a melhor maneira de fazer isso, mas, mesmo assim, funcionou para que ela estivesse muito ocupada brigando comigo para dar ouvidos ao que as outras crianças falavam dela.

Quando volto meu olhar para a mesa, Mia está me encarando com uma expressão contemplativa de quem sabe muito mais do que diz, enquanto Charlie e Lucas estão entretidos numa conversa paralela.

— Cuidado, Arkin, quem brinca com fogo sempre acaba se queimando.

Sorrio, cruzando os braços sobre a mesa e me inclinando em sua direção.

— Garanto que não vou acabar queimado.

— Se você diz...

Somos impedidos de continuar a conversa porque duas garotas se aproximam de nossa mesa. Levanto meu rosto para fitá-las. A que está sorrindo sugestivamente para mim usa um boné salmão e tem uma câmera fotográfica pendurada no pescoço. Analisando brevemente suas roupas, chego à conclusão de que é uma turista, provavelmente vinda da cidade grande.

— Você é Arkin Sawyer, não é? Eu vi todos os vídeos de você surfando. Tira uma foto comigo? — pede a garota do boné, que tem longos cabelos lisos num tom castanho-claro.

Antes de responder, troco um olhar com Mia, que está segurando uma risada. Ninguém nunca me pediu uma foto antes e, considerando o jeito que a garota tá me olhando agora, sei que seu pedido não tem relação nenhuma com o surfe. Mia sabe disso tanto quanto eu.

Viro de volta para a garota e, voluntariamente, mordo sua isca.

Me levanto a retribuo seu sorriso malicioso antes de dizer:

— É claro.



Darsey, a turista gostosa vinda de Atlanta que me abordou no Meg’s, tem cheiro doce de morango. Pode ter a ver com o seu brilho labial ou com seu perfume. Honestamente, não dou a mínima. Só quero me embriagar nesse aroma enquanto me afundo dentro dela repetidamente.

Arrasto meus lábios sobre seu pescoço e desço em direção à clavícula, chupando a pele suave em minha boca o suficiente para deixar uma marca. Ela solta um gemido e se contorce sob mim, fazendo um sorriso de satisfação brotar em meu rosto. Suas mãos estão passeando sob o tecido da minha camiseta e ela fricciona o quadril contra o meu com avidez.

— Tira logo a camisa, Sawyer — pede, impaciente, puxando a barra da minha blusa.

— Seu pedido é uma ordem, gata.

Me ergo apenas para puxar a peça de roupa sobre minha cabeça e arremessá-la em um lugar qualquer da sala de estar do apartamento. Darsey morde o lábio inferior, me olhando com malícia quando estende as mãos e desliza as unhas pelo meu abdômen.

Ela está deitada, os cabelos bagunçados sobre o tapete liso, apenas vestindo sua lingerie branca, e suas pernas estão enganchadas no meu quadril.

Sorrio e me abaixo para voltar a beijá-la. Suas mãos continuam descendo por meu corpo até alcançar minha ereção por cima do tecido jeans.

Quando penso em me levantar para tirar as calças, sou interrompido pelo som alto da campainha.

Darsey e eu bufamos ao mesmo tempo quando sou obrigado a me colocar de pé e ir até a porta.

Quem diabos pode ser? Blaze deixou um bilhete dizendo que trabalharia até tarde hoje. Estou contando com isso. Preciso desesperadamente de uma distração e Darsey parece muito animada em ser a minha esta noite.

Solto um palavrão baixinho antes de abrir a porta e solto outro em voz alta quando me deparo com meu pai.

Ele está usando uma camisa social com as mangas dobradas, expondo o *Rolex* em seu pulso. No rosto, o mesmo olhar de decepção que tenho encarado desde que tive idade o suficiente para entender o que ele significa. Seus cabelos estão mais grisalhos do que da última vez que o vi e seu rosto parece mais cansado também.

Ainda parece o mesmo empresário milionário e inalcançável que eu costumava admirar até perceber que ele só era bom nos negócios porque não era um bom pai. Ele se aproximou do trabalho para precisar se afastar de Eric e eu, as memórias vivas de que sua esposa estava morta.

— *Pai* — digo após engolir em seco. Essa palavra, de alguma forma, sempre soa esquisita quando eu a pronuncio. — O que tá fazendo aqui?

Eu nem contei a ele que estava me mudando, porque se revelasse o motivo, ele iria me olhar como se não estivesse surpreso e dizer “isso é típico de você, Arkin” com aquele seu irritante tom de voz.

— Lucas me disse onde você estava morando, já que você não foi capaz nem de fazer isso — responde, desapontado como sempre.

Filho da puta.

Sei que Lucas é um bom amigo e se importa comigo, mas ele precisa saber quando parar de se meter na porra da minha vida. Meu relacionamento com meu pai não é algo que quero resolver. Estive nesse caminho antes, durante toda a minha infância e adolescência, para perceber que não vale a pena.

Contenho um suspiro cansado.

Não tô a fim de lidar com as merdas de Thomas hoje. Mas ele nunca liga para o que eu quero. Tenho que estar sempre disponível para ouvir suas críticas e reclamações intermináveis sobre mim.

Não preciso que ele diga que sou um fracasso, nem que me culpe pela morte de Eric. Eu mesmo faço isso, todos os dias.

Os olhos escuros do meu pai se desviam para algo atrás de mim e nem preciso me virar para saber que está olhando para uma Darsey seminua no meio da sala.

Dou um passo adiante no corredor e fecho a porta do apartamento atrás de mim, cortando sua visão.

— Vejo que tem andado ocupado — reflete ele, com ironia. — É por isso que não retornou às minhas ligações?

— Eu não retornei porque não havia nada a dizer. E ainda não há.

Thomas nunca disse em voz alta que me culpava, mas nossa relação de merda só se deteriorou ainda mais depois da morte do

meu irmão. Vejo o ressentimento e a decepção em seus olhos toda vez que ele olha para mim.

O escrutínio crítico de Thomas percorre meu rosto enquanto ele reflete em silêncio. Meu corpo, que estava relaxado há poucos minutos, agora está cheio de tensão e estresse. Esse é o efeito que me pai causa a todos ao seu redor.

Sem dizer nada, meu pai tira o celular do bolso e busca algo no aparelho por um instante antes de virar a tela na minha direção. Cerro a mandíbula ao encarar a foto em que estou bebendo um shot de tequila diretamente da barriga de uma líder de torcida só de biquíni em cima de uma mesa.

Novamente, a maldita festa da Kappa Kappa Zeta...

Cruzo os braços, subindo meu olhar de volta para Thomas.

— Já deve estar sabendo que essa foto está nos sites de fofoca. Junto do vídeo em que você está fumando um baseado.

Rolo os olhos.

— E o que as pessoas estão comentando? Que sei como me divertir? — zombo, apenas para irritá-lo, porque não acho graça.

Sei o que meu pai vai achar, que estou retornando aos velhos hábitos de viver em festas, bebendo e arranjando problemas. Se ele já não me levava a sério antes, agora deve levar menos ainda.

— A vida é uma piada pra você, Arkin? — Não respondo. Meu pai não estaria fazendo essa pergunta se me conhecesse, mesmo que pouco. — Sabe quem não achou graça nenhuma? *Liam Scott*.

Praguejo mentalmente, fechando os olhos por um segundo.

Scott, além de amigo do meu pai, é o CEO da Maximus, uma marca famosa de bebida energética que aceitou me patrocinar no ano que vem, quando eu começar a tentar disputar os campeonatos mundiais. Apesar de odiar admitir, tive sorte por Thomas ter conseguido esse contrato para mim.

Não são muitos atletas da minha idade que podem começar a carreira profissional com uma marca de peso pagando por tudo.

Tive outras propostas após as Regionais, mas ninguém estava disposto a investir tanto em mim quanto a Maximus. E

quando digo “tanto”, me refiro a um número com *muitos* zeros.

— Nenhuma marca com o mínimo de credibilidade quer vincular seu nome a um moleque mimado, festeiro, irresponsável e de reputação duvidosa.

— Uau, quantas qualidades fascinantes você usou para me descrever, pai. — Sorrio, meu sarcasmo vindo à tona novamente.

A pior parte é que ele tem razão. Sei que fiz ele se preocupar quando estava no Ensino Médio. Realmente fui irresponsável diversas vezes e quase me dei mal por isso, principalmente depois do que aconteceu, mas não sou mais assim. Levo o surfe realmente a sério, mas meu pai não enxerga isso. Para ele, ainda sou o mesmo babaca de sempre.

Na verdade, acho que minhas ações só o irritam porque saem sempre na mídia e acabam prejudicando-o nos negócios.

Sei que fui mimado e imaturo e passei metade da minha adolescência tentando irritá-lo e a outra metade fazendo de tudo para esquecer a morte do meu irmão. No meio de tudo isso, arranjei problemas na escola, me meti em brigas e até fui detido pela polícia uma vez.

Mas não sou mais assim. Me arrependo principalmente por causa de duas coisas: isso tirou meu foco do surfe e levou a pessoa mais importante que eu tinha.

Se eu não tivesse levado o surfe como uma válvula de escape, porque gostava da adrenalina e de provocar meu pai praticando de forma perigosa o esporte que ele nunca quis que seus filhos praticassem, meu irmão ainda estaria aqui.

Cerro a mandíbula, sentindo o familiar aperto da culpa queimar dentro de mim e esmagar meu peito.

Daria qualquer coisa para mudar o passado, mas meu pai não dá a mínima para isso.

— Está jogando seu futuro no lixo — continua Thomas. Isso foi exatamente o que ele disse quando eu desisti de ir para a faculdade de Medicina para me concentrar no surfe. — E além de tudo, também está jogando sua *família* no lixo.

Dessa vez, não contenho a risada.

— Então isso é sobre o casamento — concluo.

Deveria imaginar que Thomas não iria desistir tão facilmente de me convencer a comparecer àquele evento ridículo.

— Isso é sobre tudo! Sobre as únicas coisas que importam e que você insiste em arruinar.

Dessa vez, jogo fora o resquício de paciência e civilidade que me sobraram.

— Eu não estou arruinando a minha família. Sabe por quê? Porque eles estão mortos. — Jogo as palavras em sua cara sem pensar. Elas são cruéis, mas nesse momento não me importo. — Minha mãe e meu irmão estão mortos e eles vão continuar assim, não importa o quanto você tente fugir da verdade enquanto brinca de casinha com sua nova família. E não finja que você dá a mínima para a carreira que eu escolhi. Não finja que você não passou toda a minha vida tentando me convencer a não surfar.

Thomas não se abala pelo o que eu disse. Ou, pelo menos, não deixa transparecer. Ele continua firme e frio, inabalável como uma rocha. Sempre no controle de tudo. Isso é o que mais me irrita.

Ele é um ator bom pra caralho, fingindo que tudo vai ficar bem, que vai voltar a ser como antes. Se ele acha que vou embarcar nesse teatro e esquecer como os erros dele arruinaram nossa família, então realmente não faz ideia de quem eu sou.

— É claro que você acha que eu não me importo. Você ainda é o mesmo adolescente rebelde de sempre. Não vou discutir sobre isso, pense o que quiser. — Ele dá de ombros. — Liam estará no casamento. Faça algo por você mesmo e demonstre o mínimo de responsabilidade até lá para que ele desista da ideia de abandonar o patrocínio.

Quando Thomas faz menção de se virar e sair, o interrompo, ainda sentindo a irritação percorrer as minhas veias. Quero discutir, gritar, magoá-lo... Quero lhe dar um choque de realidade, apesar de saber que não vai mudar nada. E, ao mesmo tempo, quero deixar que ele vire as costas, já que essa é sua especialidade, exatamente por saber que nada nunca vai mudá-lo.

— Fugir é tão típico de você.

Estamos há anos presos nesse ciclo de destruição mútua, competindo para ver quem machuca mais um ao outro. Já estou exausto pra caralho disso. Só quero voltar para dentro e me perder naquela garota até esquecer de toda essa merda. Descontar minha raiva e frustração em uma foda dura e áspera é tudo o que eu preciso agora.

Recorrer a festas e sexo tem se tornado um ciclo na minha vida desde que tudo aconteceu. Com meu pai e os tabloides em cima de mim e o peso da culpa me esmagando, às vezes tudo fica insuportável. Às vezes, é como se eu estivesse preso embaixo da água, sufocando repetidamente, sem conseguir alcançar a superfície.

— Então devemos ser mais parecidos do que imagina — Thomas rebate, voltando os olhos severos de volta para mim. — Mas você quer disputar o QS na próxima temporada? — Não preciso responder, ele sabe que isso é o que eu mais anseio desde que subi numa prancha pela primeira vez. — E como pretende fazer isso? Fumando maconha e dormindo com uma garota diferente todo dia? Porque é isso o que as pessoas veem quando olham pra você.

— Aposto que é o que você vê também.

Ele não nega e, de alguma forma, ainda consigo me surpreender e deixar que isso me atinja.

— É melhor encontrar uma forma de mudar esse seu comportamento, ou ninguém nunca vai te levar a sério. — Cerro a mandíbula, sentindo a tensão migrar para irritação e, por fim, para frustração. Nem se eu tentasse ao máximo eu seria capaz de agradá-lo, mas sinto vontade de tentar apenas para provar que consigo. — Esteja no casamento, Arkin. Falo sério.

Então, Thomas finalmente me dá as costas e vai embora.

Passo as mãos nos cabelos e me permito dar um longo suspiro de desgosto, meus ombros caindo. É sempre assim.

Os motivos que fazem com que Thomas me queira em seu casamento não são paternos. A imprensa estará lá, noticiando o grande evento, porque Thomas ainda é um multimilionário influente e todos ainda ficam de olho nas notícias que envolvem nosso sobrenome.

Ele só se importa com as aparências.

Livro meu rosto de qualquer expressão que possa transmitir o que estou sentindo e me endireito.

O que diabos eu poderia fazer para manter a droga do patrocínio e ainda provar que meu pai está errado? Abandonar o surfe não é uma opção, mas não consigo pensar em nada além disso que vá deixar meu pai satisfeito.

Bufo, me sentindo péssimo, e entro de volta no apartamento, deixando a porta bater atrás de mim. Encontro Darsey sentada no amontoado de almofadas no chão da sala — a versão de sofá de Blaze Kingston. Sei pela expressão em seu rosto que ela ouviu tudo e está apreensiva.

Acho que essa noite, definitivamente, não está correndo como nós dois imaginamos.

Coloco as mãos nos bolsos dos meus jeans e caminho na direção da garota. Não estou mais no clima pra porra nenhuma, agora só tenho que achar uma maneira de dispensá-la educadamente.

Normalmente, não preciso fazer isso. As garotas que ficam comigo conhecem muito bem meu *modus operandi* pós transa. Ou elas vão embora por si só ou eu invento alguma desculpa para sair. Digo que gostaria de vê-las novamente, mencionando seu primeiro nome para mostrar que me lembro e não sou tão babaca. Em seguida, sempre peço seus números de telefone, mas nunca ligo.

Acho que agora só preciso seguir o mesmo protocolo.

— É... — começo, ao me aproximar. Darsey não me deixa continuar, contudo.

Ela se levanta e vem até mim, enlaçando meu perco com seus braços finos.

— Então, onde foi que paramos? — pergunta, num sussurro sedutor. Logo seus lábios estão nos meus, atacando minha boca como se precisasse do ar meu meus pulmões para respirar. Depois, desce seus beijos para meu pescoço.

Quando dou por mim, ela já baixou o zíper da minha calça, me puxou de volta para o chão e estamos emaranhados um no

outro. Tento me concentrar no gosto de seus beijos e no seu toque quente e provocativo.

Até que a porta do apartamento é aberta de supetão.

Darsey se assusta, soltando um grito agudo que, por sua vez, *me* assusta. Saio de cima dela, rolando para o lado e olhando na direção da porta escancarada.

— Que porra é essa?! — Blaze indaga alto. Está parada na soleira, vestindo o uniforme do Meg's.

Levanto as sobrancelhas, surpreso. Minha cabeça gira enquanto tento digitalizar sua presença.

— Você disse que ia voltar mais tarde hoje — é a única coisa que sai da minha boca.

O queixo de Blaze está no chão e seu rosto está ficando gradativamente vermelho pela raiva. Acho que nunca a vi tão furiosa quanto hoje, e já a provoquei de todas as maneiras possíveis quando éramos crianças. Minha especialidade é levá-la ao limite, mas acho que agora, talvez, eu tenha feito com que ela *ultrapassasse* o limite.

Porra, talvez essa seja a noite que Blaze irá colocar fogo em minha cama enquanto durmo.

— Já é tarde, Arkin, é meia-noite!

Em que mundo meia-noite é considerado tarde?

Estou prestes a perguntar isso quando sou interrompido pela garota sentada ao meu lado, que esteve silenciosa e encolhida até então.

— Você tem namorada? — A voz de Darsey atrai nossa atenção para ela, que tenta cobrir sua nudez com uma das almofadas de Blaze.

— O quê? — Quase engasgo com a mera possibilidade. — Não!

— Eu não namoraria esse porco — Blaze rebate.

Poderia ter ficado ofendido, se já não estivesse tão acostumado com as ofensas dela. Só consigo achar graça e um riso anasalado me escapa.

Alguém só pode ter me amaldiçoado para que eu não transasse hoje.

Por um momento, ficamos os três nos entreolhando, esperando alguém fazer alguma coisa. Blaze parece uma pequena pilha de nervos prestes a explodir e sei que isso não pode ser bom — principalmente para mim.

Tentando conter os danos da melhor maneira que posso, olho para Darsey e torço para que ela consiga decifrar o que significa.

Ela é muito gostosa, mas hoje, *definitivamente*, não é a melhor noite.

Darsey estala a língua, captando o sinal, e se levanta, começando a se vestir numa velocidade impressionante. Quando está completamente coberta, ela se vira para mim e me lança um novo sorriso malicioso. A garota tira da bolsa uma caneta esferográfica e vem até mim, apanhando minha mão na sua para anotar algo na palma.

Posso escutar Blaze bufando alto do outro lado do apartamento. Ela nunca foi a pessoa mais paciente do mundo.

Ao terminar, Darsey se coloca na ponta dos pés e me dá um beijo na bochecha.

— Me liga quando sua casa não estiver tão movimentada.

Observo-a passar por uma Blaze furiosa e sair, fechando a porta atrás de si. Mantenho meus olhos na superfície de madeira branca da porta antes de deslizar meus olhos para minha colega de apartamento nada amigável.

A morena está de braços cruzados me encarando como se pudesse iniciar uma combustão espontânea. Seu olhar deixa o meu para se mover pela sala e o balcão da cozinha, onde tem uma caixa de pizza aberta e algumas garrafas de cerveja que Darsey e eu bebemos antes de partir para o ataque.

E rápido assim, já sei que a situação piorou.

— Que porra é essa, Sawyer? — ela volta a perguntar, com o tom de voz mais baixo dessa vez. A raiva ainda está lá, porém.

Parece pior, na verdade.

Não faço ideia de como vou me safar dessa e permanecer até o fim da noite com as duas coisas que Blaze parece querer muito tomar de mim agora: minha vida e minha moradia.

Suspiro e abotoo minhas calças novamente.

Blaze entra no apartamento, deixando sua mochila no balcão. Ela acende um cigarro antes de começar a recolher as garrafas vazias.

Faço automaticamente uma careta com o cheiro do tabaco.

— Você precisa mesmo fumar dentro do apartamento? — pergunto, mas logo percebo que foi uma ideia ruim.

Muito, muito ruim.

Acabei de atear fogo numa poça de gasolina.

Blaze ri, tirando o cigarro dos lábios e soprando a fumaça.

— Será que você precisa mesmo deixar lixo espalhado pelo apartamento e transar com uma desconhecida no meio da sala de estar? — retruca, com uma mistura de sarcasmo e rispidez.

Vou até a cozinha e apanho um saco de lixo para ajudá-la. É a única coisa que posso fazer, porque sei que estou errado. A questão é que não costumo muito dar a mínima para isso, mas sinto Blaze não vai deixar esse deslize passar.

Não estou acostumado a morar com uma garota. Os caras na república não davam a mínima para porra nenhuma. A casa vivia bagunçada e nunca tinha comida na geladeira. Ainda assim, sobrevivíamos. Na verdade, eu costumava ser o mais asseado de lá.

— Que merda, Arkin, será que você não tem a menor noção de regras de convivência? Pra que diabos você tem um quarto se vai trepar na sala?!

Ela joga as garrafas na sacola e depois a arranca da minha mão, soprando a fumaça furiosamente na minha direção. Estreito os olhos ao observá-la se mover pelo apartamento como um furacão, pisando tão duro que o vizinho de baixo deve estar odiando o momento em que decidiu se mudar para o mesmo prédio que Blaze Kingston.

Ela parece mais estressada do que o usual e duvido que tenha apenas a ver com nossos problemas de convivência. Tem maquiagem preta manchando a pele sob seus olhos inchados.

Ela andou chorando.

— Ah, qual é? Darsey e eu não estávamos *trepando* na sala — argumento.

Mas, talvez, nós estaríamos se Blaze tivesse demorado um pouco mais pra chegar.

Blaze ri mais alto, me deixando um pouco assustado.

Normalmente, ela é do tipo mal-humorada, sarcástica e taciturna, não totalmente maluca. Agora, é como se ela realmente fosse capaz botar o prédio abaixo a qualquer momento.

Definitivamente, outra coisa aconteceu para deixá-la assim e não tenho ideia do quê. Eu não sei muito sobre Blaze, apenas que sua mãe tinha problemas e que ela tem um irmão mais novo por quem daria sua vida. Ela sempre esteve cuidando dele, mesmo quando ainda éramos crianças.

— Darsey? — repete ela, com tanta intensidade que pareceu estar amaldiçoando o nome da garota. — Que tipo de nome é *Darsey*?

Dessa vez, sou eu quem dou risada.

— Está com ciúmes, gatinha? — provoco, tentando descontrair o clima e relaxá-la, trazê-la de volta para o ponto em que nos irritamos mutuamente de forma leve e divertida.

Não dá certo, obviamente.

A garota se vira pra mim com brutalidade.

— Vai se foder, Sawyer — ela cospe as palavras em minha direção com muita seriedade. — Por que você tem que ser tão babaca? Deveria ser mais como o seu irmão, ele sim é um cara legal.

Blaze me olha, esperando uma resposta minha que alimente mais a nossa pequena guerra civil. Provavelmente porque está tão acostumada quanto eu com os padrões de nossa relação disfuncional.

Só que dessa vez, eu paro.

Meu punho se fecha instantaneamente e travo a mandíbula forte o bastante para ouvir meus dentes rangerem.

Dessa vez, Blaze Kingston passou dos limites. E sei que é exatamente isso o que ela buscava: me empurrar do meu limite também. Porque, em nossas provocações, estávamos sempre indo cada vez mais longe, mais fundo. Tentando atingir um ao outro. Ela nunca conseguia me acertar realmente, não até agora. Não até mencionar Eric.

Não teria me importado de passar a madrugada inteira discutindo com o furacão Blaze, normalmente. Acharia divertido até. Teria feito isso se ela não tivesse soado como meu pai agora.

Dou um riso sem humor e me abaixo para apanhar minha blusa, vestindo-a.

— Bem, é uma pena que ele esteja morto, não é? — retribuo, usando propositalmente as palavras cruas que vão chocá-la.

Assisto a compreensão invadir os seus olhos e ela praguejar baixinho, dando um passo em minha direção, mas não fico para ver seu arrependimento aparecer.

— Droga, Arkin, eu…

Me viro, dando as costas a ela, e vou até a saída.

Sei que não é justo culpá-la por algo que ela não sabia. Blaze não diria aquilo se soubesse. Ou, *talvez*, dissesse nesse momento. Não usávamos coisas sérias para ofender um ao outro, esse era o *nosso* limite. Mas não sei o que aconteceu hoje com Kingston para que ela esteja à flor da pele e também não sei se ela teria mesmo respeitado às barreiras da nossa zona de guerra.

Além disso, agora só quero alguém pra culpar e um motivo para sentir raiva. A mesma raiva que me leva a encher a cara até esquecer meu próprio nome.

Fico mais do que satisfeito em despejar isso em Blaze.

Abro a porta e saio sem olhar para trás, batendo-a forte no mesmo segundo em que ouço Blaze me chamar novamente.

08

Blaze

Fecho meus olhos enquanto meus dedos trabalham habilmente nas cordas da guitarra.

O som alto explode pelas caixas de som e é como uma injeção de endorfina direto em minhas veias. A música suprime meus pensamentos e meus sentimentos, na maioria das vezes. Agora, contudo, parece não ser o suficiente, porque assim que deixo minha mente se distanciar por apenas um segundo, me encontro relembrando da discussão com a minha mãe ontem após o trabalho.

Me lembro do que senti quando abri a porta de casa para levar o dinheiro que eu deixo com Dinah toda semana. Seu salário não é o bastante para dar conta dos gastos dela e de Kyle. Ela me pediu isso quando comecei a trabalhar, quando ainda estávamos em Sacramento, e nunca parei.

Depois de fazer as horas-extra no Meg's, eu estava cansada, meu corpo praticamente agindo no automático, roboticamente. E assim que entrei na sala da casa em que minha mãe mora com meu irmãozinho, encontrei tudo bagunçado de novo e minha mãe quase transando com um cara no sofá da sala.

Acabamos discutindo feio. Ela disse que gostaria que eu tivesse sumido em vez do meu pai e voltei todo o caminho para casa chorando no ônibus. Até entrar no meu apartamento e ver a mesma droga de cena.

Eu explodi com ele e fui uma idiota, para variar. Fiquei esperando quase a noite toda para que Arkin voltasse e eu pudesse me desculpar, mas ele sumiu. Não sei nem se ele vai voltar em algum momento.

Não deveria ter falado sobre o irmão dele. Não envolvemos mais ninguém em nossas briguinhas infantis e eu teria me freado antes de ultrapassar esse limite se não estivesse tão irritada e chateada ontem.

Normalmente, eu gostaria de culpar Arkin de dez formas diferentes, mas não posso ser hipócrita. Ele errou e eu agi da pior maneira possível. Não tinha que passar a mão na cabeça dele, mas também não tinha que ter descontado todos os meus dezenove anos de frustrações nele.

E agora, estou descontando na minha guitarra e no riff tão intenso que chega a ser quase brutal que estou tocando. Só paro quando sou interrompida por um toque em meu ombro.

Abro os olhos, vendo Jackson parado em minha frente no estúdio de música da Universidade. Meus dedos param e o som estridente cessa.

— Você tá bem? — ele pergunta, com uma expressão divertida no rosto.

Suspiro, passando a alça da guitarra pela cabeça e colocando-a no suporte no canto da sala.

— Estou bem.

— Tem certeza? Você parecia meio agressiva enquanto tocava.

Não estou nem um pouco a fim de conversar sobre meus sentimentos com ninguém, principalmente com Alex. Sei exatamente o que ele vai dizer. Que não posso deixar as palavras da minha mãe me abalarem, que preciso relaxar, que tenho que superar...

Como se fosse assim fácil. Para ele, deve ser mesmo.

— Sim, tenho certeza.

Me viro em sua direção, cruzando os braços enquanto espero ele falar o motivo de estar aqui. Reservei a sala para esse horário justamente porque sabia que ninguém estaria por aqui. Eu precisava de privacidade para extravasar da única maneira que eu sabia: fazendo música.

Pra ser sincera, nem sei como Alex conseguiu me encontrar.

— Vem assistir ao meu treino hoje — pede, em um tom de ordem que me forço a ignorar. — É a última semana antes do início das regionais.

Ele parece realmente animado, com um sorriso que vai de orelha a orelha.

— Não posso, tenho que trabalhar.

— Pensei que hoje fosse seu dia de folga.

— *Era*. Troquei com a Sage. Vou ter que cuidar do Kyle no domingo.

Alex faz beicinho, como se isso pudesse me convencer. Seus olhos pidões me fazem rir.

— Estou louco pra passar um tempo sozinho com você. Por que não passa na KPN depois do trabalho? — pergunta com a voz baixa e maliciosa antes de capturar meus lábios com os seus.

Ele está se referindo à Kappa Phi Nu, fraternidade da qual faz parte. Faço uma careta e me desvencilho dele. Me recuso a fazer uma caminhada da vergonha para fora de seu quarto amanhã de manhã.

— Já vamos nos ver amanhã na festa.

— Não me culpe por querer passar mais tempo com você, baby.

Me viro e começo a arrumar e guardar os equipamentos de som que estive usando.

Estou me esquivando dos instintos melosos de Alex desde que começamos a ser exclusivos porque não quero que ele tenha a impressão errada do que somos.

— Eu avisei a você que minha vida era uma bagunça e que eu mal tinha tempo para mim mesma.

Alex bufa alto atrás de mim. Ultimamente, parece que tudo tinha que ser do seu jeito, no seu tempo, ou ele se frustrava e se irritava comigo. Então, ele repetia que eu precisava relaxar.

Não é que eu não queira transar com ele, é só que essa não é uma prioridade imediata na minha vida quando tenho coisas vitais para cuidar. Não preciso que Alex adicione ainda mais pressão em mim.

— Você sempre faz isso — conclui ele, com decepção. — Foge quando sente cheiro de compromisso.

— Talvez seja porque eu te *avisei* que não queria compromisso e *você* concordou.

Volto a encará-lo nos olhos e ele suspira.

Sabia que isso ia acontecer. Eu o avisei e mesmo assim ele quis embarcar nessa. Nunca alimentei suas falsas expectativas. Não era para que isso entre nós fosse um namoro. Deveríamos ser amigos com benefícios e apenas isso, sem complicações.

— Eu pensei que você iria acabar mudando de ideia — confessa, me fazendo praguejar mentalmente.

— Eu não vou mudar de ideia, Alex.

Não quero alguém na minha vida agora. Não estou nem um pouco preparada para esse tipo de vulnerabilidade, para deixar alguém me conhecer além das minhas barreiras e ver de perto como minha vida é uma bagunça. Pensei que Alex e eu estávamos na mesma página quanto a isso.

Se ele soubesse onde está se metendo — ou querendo se meter — ele também não iria querer mais do que sexo casual e descomplicado comigo.

— Olha, a gente combinou que se tudo ficasse complicado a gente iria acabar com isso. Talvez essa seja a hora — falo, olhando-o diretamente nos olhos.

— Eu não quero acabar com isso, Blaze. *Porra*.

Passo as mãos nos cabelos, jogando-os para longe do meu rosto. Sabia que começar esse lance de amigos com benefícios seria uma péssima ideia. Mas, aparentemente, ando colecionando péssimas ideias. A mais recente: morar com Arkin Sawyer.

— Alex...

Ele olha para o relógio pendurado na parede acima da minha cabeça e um palavrão escapa baixinho de sua boca.

— Eu tenho que ir pro treino agora, mas podemos conversar amanhã na festa? — Hesito. Não parece haver muito mais para conversarmos. Queremos coisas diferentes e isso está bem claro aqui e agora. Isso não vai mudar amanhã. — *Por favor?*

Assinto, mesmo sabendo que essa vai se tornar mais uma decisão a entrar para minha coleção de péssimas ideias.

Alex sorri, aliviado, e me dá um selinho breve antes de sair apressado. Quando o observo sair pela porta, percebo Finn se aproximando com um sorriso e uma sobrancelha levantada.

Ele chegou bem na hora que eu disse que terminaria de tocar. Finn me ofereceu carona para o Meg's, já que Sage não iria trabalhar hoje, e aceitei.

— Interrompi os pombinhos apaixonados? — pergunta, entrando na sala. Automaticamente, faço outra careta.

— Não somos pombinhos e, com certeza, não estamos apaixonados.

Vou até a mesa e pego minha bolsa e os dois livros que peguei emprestado na biblioteca para a disciplina de história. Pensei que iria me livrar dos livros teóricos quando escolhi a Faculdade de Música. *Ledo engano*.

— Não é o que Alex tem dito por aí — diz Finn quando me aproximo. — Agora todos meio que estão acreditando que vocês namoram.

Reviro os olhos.

— Que ótimo — murmuro, sarcástica.

Mais um motivo pelo qual devo terminar seja lá o que Alex e eu temos agora. É uma droga que tenha que fazer isso na festa de amanhã.

Enquanto Finn e eu andamos pelos corredores da escola de música, percebo seu olhar analítico sobre mim, me observando. Viro o rosto para fitá-lo.

— O que foi?

— Você tá um caco — ele fala, com uma sinceridade que me faz rir.

— Não dormi muito bem na noite passada.

— Preocupada com seu irmão?

— Tenho medo que ele se afaste de mim por causa das minhas discussões com a nossa mãe — admito, porque confio em Finn e porque ele conhece Kyle.

Infelizmente, enquanto bancava o babá para o meu irmão duas noites atrás, ele também teve o desprazer de conhecer minha mãe em um de seus dias ruins, quando ela fica desesperada para jogar no lixo seus meses de sobriedade. Ela é uma dependente química que não está limpa há muito tempo, o que me deixa com muito medo, mas não posso mais fazer nada além de confiar que ela cumprirá sua promessa de continuar assim. Se não por mim, então ao menos por Kyle.

Mas ontem à noite, enquanto Dinah e eu gritávamos uma com a outra, acordamos Kyle e ele saiu para ver o que estava acontecendo. Pareceu chateado e não o culpo.

Era uma droga ouvir as discussões entre nosso pai e nossa mãe e nunca me esqueci das gritarias durante a madrugada, mesmo sendo bem nova na época. Acho que esse é o tipo de coisa que não some da nossa mente nunca.

Me ressinto de Dinah até hoje por causa disso, mas não sei se vou suportar que Kyle se ressinta de mim.

— Ky é um bom garoto, você tem sorte. Meu irmão e eu estamos em pé de guerra desde que aprendemos a falar palavrão — conta Finn, me fazendo rir.

Ele mora com um de seus irmãos agora, o mais velho dentre os outros, e pelo que Finn me conta, eles realmente se odeiam quase tanto quanto se amam. Estão sempre discutindo pelas coisas mais triviais. Típico de irmãos que possuem idade próxima, presumo. Quanto a isso, não tenho do que reclamar. Kyle sempre foi um anjo.

— Se precisar de uma folga dele e quiser um novo lugar pra morar, pode morar comigo. Eu acho que posso estar prestes a te implorar por isso, na verdade.

— Qual é o problema com Jason? Não me diga que não deu certo.

— Bem que eu queria que o nome dele fosse Jason. — Meu amigo para de andar e me para também, me olhando com se exigisse respostas. Suspiro. — Arkin Sawyer é meu colega de apartamento. Ele fingiu ser outra pessoa no e-mail.

Demora um segundo para que Finn caia na gargalhada. Ele ri tanto que lágrimas se acumulam no canto de seus olhos. Bufo, dando-lhe um tapa no ombro, e volto a andar.

— Meu Deus, B, o Karma realmente te atingiu com força.

— Não tem graça, ele tá me enlouquecendo.

— Eu imagino, mas você tem uma puta sorte. Quer trocar de colega de apartamento comigo? — Rolo os olhos e volto a cruzar os braços. — Me conta, como está sendo?

— Na verdade, está sendo um maldito inferno. Ele é... *impossível*.

Arkin Sawyer me tira do sério com uma facilidade impressionante, mas talvez a culpa seja minha. Quero dizer, como é possível alguém poder me abalar assim? Não dou a ninguém esse poder. Talvez eu esteja deixando-o me afetar. Mas não posso dizer que estou surpresa. Sempre foi desse jeito, desde que tínhamos dez anos de idade. Arkin simplesmente consegue se infiltrar sob minha pele.

Esse é seu dom e a minha maldição.

Finn está ansiando por detalhes, tão animado que parece que eu tinha revelado que acabei de ganhar na lotaria. No fundo, ele também deve nutrir um certo fascínio pela lenda de Cardeen Bay.

— Não pode ser tão ruim, B, você mora com o cara mais gostoso do campus.

Exatamente.

Arkin Sawyer é uma tortura de muitas formas. Sua aparência de tirar o fôlego e o sorriso sedutor que ele faz questão de direcionar a mim quando faz insinuações sacanas são apenas a cereja do bolo. Infelizmente, ele é quente como o inferno e isso não passou despercebido pelo meu corpo traidor. Nem mesmo sua personalidade repugnante é capaz de amenizar o efeito que Sawyer causa na pessoas. Gostaria de dizer que sou imune a isso, mas não sou. Nunca fui.

Tem algo especialmente atrativo em Arkin e que vai além de sua aparência. Talvez seja sua reputação de canalha que o faça parecer perigoso e dez vezes mais sexy. Ou, talvez, seja o fato de

que ele parece inatingível. Ele sempre andou por aí com sua postura arrogante e seus comentários engraçadinhos, distribuindo olhares arranca-calcinhas e magnetizando tudo ao seu redor. Era como se nada no mundo pudesse abalá-lo, como se ele apenas fosse inalcançável demais para se importar com qualquer coisa.

Eu realmente pensava que ele não se importava com nada até ontem a noite. Ontem, percebi que tudo isso não passa de um escudo que Arkin construiu. Ele quer que as pessoas pensem assim dele, talvez porque não quer que ninguém veja suas fraquezas e perceba que ele não é realmente inatingível. Ele é só um cara comum que, na verdade, parece estar sofrendo.

Quando mencionei Eric ontem, vi algo nos olhos de Arkin que nunca tinha visto antes. Era *dor*.

Despertei isso da maneira mais insensível que tinha e agora estou me remoendo em culpa.

Porra, como eu não fiquei sabendo sobre a morte de Eric?

Ainda não parece real que essa tragédia tenha acontecido.

Eric era um cara muito, muito legal. Estava sempre cuidando das pessoas e, principalmente, de seu irmãozinho caçula. Ele era alegre, aventureiro e cheio de vida. Era um bom amigo, embora não fôssemos muito próximos por nossa diferença de idade.

Mas lembro de uma vez, quando caí de uma árvore que estava escalando só para provar a Arkin e seus amigos que eu podia, em que Eric limpou o machucado em meu joelho e me comprou uma casquinha de sorvete. Ele foi gentil e me fez sentir melhor.

— Blaze — Finn chama, me despertando dos meus devaneios. Levo meu olhar até seu rosto. — Você ficou pensativa por um momento.

Respiro fundo, colocando as mãos nos bolsos da minha jaqueta.

— Ontem Arkin e eu estávamos discutindo e perguntei por que ele não podia ser mais como o irmão dele. — Finn imediatamente franze o cenho e crispa os lábios numa careta que deixa óbvio que dei um grande fora.

— Blaze, o irmão dele...

— Está morto — completo. — Agora eu sei disso. Descobri da pior maneira. Arkin ficou... — Tento encontrar uma maneira de descrever, mas não consigo. Apenas não parecia com o Arkin de sempre. — Sei lá, nunca o vi daquela maneira antes. O que aconteceu?

— Foi um acidente enquanto ele surfava no Havaí, há uns cinco anos. Foi um prato cheio para a mídia. Eles dissecaram o assunto até não restar mais nada e as pessoas daqui não ajudaram. Todos só falavam sobre a tragédia. Isso destruiu Arkin. Todos pensaram que ele nunca mais voltaria a surfar depois disso.

Ótimo, agora me sinto pior ainda por ter usado isso contra ele ontem.

Não sou assim cruel. Acho que Sawyer tem o dom de despertar o pior de mim.

Cubro o rosto com as mãos, sentindo a culpa me invadir e corroer meus ossos. Tento me colocar em seu lugar. Se ele me falasse algo assim, agindo como se soubesse alguma coisa da minha vida, eu teria surtado e acabado com ele. Ele apenas me olhou como se eu tivesse o ferido e depois me deu as costas.

E isso doeu em mim mais do que eu poderia prever.

O toque de cumplicidade da mão de Finn em meu ombro me faz voltar a olhá-lo.

— Você não sabia, tá tudo bem.

— Não, não está. Tenho que pedir desculpas.

— Ele vai entender, B. Você não diria isso se soubesse, mesmo detestando o cara.

Não, eu não diria.

Aprendi bem cedo que não se pode mexer com as partes sensíveis da vida de alguém, porque todo mundo esconde uma batalha interna. Mesmo sabendo que ninguém tinha a vida perfeita, por muito tempo achei que a de Arkin era. Achei que ele não se importasse que nada, que não passava de um babaca superficial.

Acho que, no fim das contas, Arkin apenas sabe disfarçar muito bem sua própria batalha. Nós dois somos mais parecidos do

que eu imaginava.



Estou subindo os lances de escada em direção ao andar do meu apartamento enquanto tomo esse tempo para tentar pensar rapidamente no que devo dizer a Arkin caso ele esteja em casa.

Sei que preciso engolir meu orgulho e pedir desculpas. Acho que deveria propor que nos reuníssemos para definir algumas regras de convivência e, portanto, uma trégua saudável para nós. Certamente, isso poderia ajudar duas pessoas tão diferentes e sem nenhuma afinidade a sobreviverem sob o mesmo teto e, assim, evitar as discussões em que magoamos um ao outro.

Não faço ideia de como as coisas funcionavam onde Arkin morava antes, mas ele não pode continuar agindo da mesma maneira aqui.

Estou determinada a ser diplomática quando chego finalmente ao andar certo. Uma música alta está tocando e demora apenas um instante para que eu perceba que vem do 43B, o apartamento que Arkin e eu dividimos. A porta está escancarada e há algumas pessoas no corredor com copos de plástico e garrafas de cerveja, bebendo e fumando.

Elas conversam e riem como se estivessem numa festa.

Ah, não.

Enquanto ando cautelosamente e ainda chocada pelo corredor em direção à porta aberta, sou parada por um cara alto e ruivo. Seus olhos estão vermelhos e ele sorri como se estivesse chapado. Provavelmente, está mesmo.

— Ei, você é a namorada do Jackson, não é? Não sabia que viria para a festa.

Pisco, sem conseguir acreditar.

— Não sou namorada dele e eu *moro* aqui.

Tenho que me lembrar de matar Alex amanhã, depois de matar o maldito Arkin Sawyer hoje.

Passo pelo cara e piso duro até o apartamento, entrando de uma vez. A música lá dentro está ainda mais alta, numa batida

agitada. A fumaça dos cigarros criaram uma leve neblina no ar, que embaça um pouco minha visão.

Há muita gente aqui, espalhada por todos os cantos do pequeno apartamento. Deixo meus livros sobre o aparador ao lado da porta, mas continuo segurando minha bolsa. Tenho que me espremer entre as pessoa para passar e conseguir chegar até a sala de estar para procurar o causador disso tudo.

Eu vou realmente matá-lo quando o encontrar.

Minhas sobrancelhas se levantam até quase bater na raiz do cabelo quando me deparo não apenas com um homem de aparência impressionante no meu apartamento, mas quatro.

Existem quatro deles aqui e todos me olham ao mesmo tempo assim que me aproximo.

Eles estão bebendo cerveja sentados no chão da sala — já que não há um sofá — e há dois deles sentados nos banquinhos do balcão que divide a cozinha e a sala. Também há embalagens de comida do *Danny's Burger* espalhadas pelos cantos.

Não preciso que se apresentem para saber que são *Seabirds*. Suas peles possuem um leve brilho dourado de bronzeado natural e seus cabelos são meio desbotados nas pontas. É óbvio que passam muito tempo sob o sol.

Meu olhar rastreia Arkin com facilidade e logo o localizo. Ele está de pé, encostado na minha estante de discos, com um boné virado para trás na sua cabeça. Seus olhos verdes me analisam dos pés à cabeça antes que ele sorria de uma forma que deixa claro que está adorando a expressão de choque em meu rosto.

Ainda estou com meu uniforme do Meg's e, por algum motivo, isso me faz sentir mais vulnerável ainda sob os olhares das pessoas ao redor. Cruzo os braços como um escudo que me separa deles.

Eu simplesmente não acredito que Arkin deu mesmo uma festa sem meu consentimento e chamou todos os seus amigos. Ele nem me avisou. Pensei que era óbvio que, mesmo sem termos estabelecido algumas regras, ele deveria ao menos me dizer quando planeja trazer dezenas de pessoas para dentro do nosso apartamento.

É questão de respeito.

— Porra, Ark, você não disse que ela era gostosa — um deles, de cabelos escuros e várias tatuagens pelos braços, diz alto, por cima da música.

Levanto minhas sobrancelhas e fuzilo *Ark*, com toda a minha determinação. Ele está totalmente relaxado e despreocupado, não é nem uma sombra do cara que saiu magoado do apartamento na noite anterior. Voltou a ser o Sawyer que eu conheço e detesto.

Ótimo, esse Sawyer não me faz sentir nem um pouco de remorso. Ele facilita muito as coisas pra mim.

— Que merda é essa, Sawyer? — pergunto para Arkin, saindo do silêncio.

— Esses são Lucas, Charlie e Maddox — Sawyer diz, me ignorando enquanto aponta para cada um ao apresentá-los e passo meu olhar por eles. — Caras, essa aqui é a Blaze.

Lembro de dois deles do Meg's. Estavam com Arkin ontem, junto com a loira que parece uma supermodelo.

Lucas é o único que me desperta uma simpatia imediata. Ele acena para mim e sorri com os olhos da mesma forma que fez no Meg's ontem. Reconheço Charlie também, o loiro com cara de menino travesso, e Maddox é o tatuado que parece perigoso.

Meneio minha cabeça em um cumprimento educado na direção deles. Eles podem ser iguais ou piores que Arkin, mas não os conheço e eles não têm culpa que meu colega é um desgraçado que nem sequer me perguntou se poderia dar uma festa hoje.

— Arkin, podemos conversar? — pergunto, fazendo um esforço hercúleo para ser o mais diplomática possível.

Sawyer dá de ombros e leva sua *longneck* aos lábios, bebendo cerveja despreocupadamente.

— Pode falar, gatinha, estou bem confortável aqui.

Trinco o maxilar e respiro fundo, contando mentalmente até dez uma porção de vezes. Meus olhos travam uma batalha intensa contra os de Arkin, como se estivéssemos nos matando por telepatia. Não duvido que eu realmente seria capaz de estrangulá-lo agora.

— Porra, eu não queria perder isso, mas preciso muito mijar — Charlie fala, atraindo meu olhar de incredulidade para si. — Podem esperar eu voltar do banheiro antes de começarem a brigar?

Ouço alguém segurar o riso baixinho, mas não perco meu tempo procurando quem foi. À essa altura, vários dos convidados de Arkin estão de olho na cena.

Sei bem o que Arkin está fazendo. Ele quer me intimidar, mas não vai conseguir. Não mesmo. Já lidei com coisas muito piores do que essa situação.

— O que é isso aqui, Sawyer? — volto a perguntar.

— O que parece? É uma *reuniãozinha* com meus amigos. Pensei que não tinha problema, já que esse apartamento também é meu por pelo menos três meses.

Seu tom inocente esbanja cinismo, o que só me irritou mais.

— Pensou errado. Deveria ter me perguntado primeiro o que eu achava do lugar em que eu moro abrigar uma festa de fraternidade.

— Sério? Por que será que não pensei nisso?

Ele está me provocando, o bastardo. Na verdade, ele está se vingando por ontem.

Fecho minhas mãos em punho, afundando minhas unhas curtas nas palmas.

Sou uma idiota.

Sempre soube que Arkin não era confiável e mesmo assim aceitei essa ideia ridícula de dividir o apartamento com ele. Odeio isso. Odeio ter precisado me colocar nessa situação de merda. Mas se Sawyer acha que vou deixar barato, ele está profundamente enganado.

Nunca deixei ninguém tirar vantagem de mim e me passar para trás e, com toda certeza, não será ele quem conseguirá essa proeza.

Umedeço os lábios e deixo as mãos na cintura.

— Coloque todos para fora antes que eu coloque *você*.

Sawyer nem se dá ao trabalho de desencostar da estante onde está com sua pose relaxada de quem tem tudo sob seu controle e domínio. Seu olhar arrogante não cede e um sorriso desafiador brinca em seu rosto bonito e irritante, evidenciando a covinha em sua bochecha.

— Você não pode fazer isso — debocha.

— Cara... — Lucas, o único aparentemente sensato, diz em tom de advertência. Arkin, entretanto, não dá ouvidos.

Por incrível que pareça, fico satisfeita com sua decisão. Estou doida para me vingar dele e já sei exatamente o que fazer. Apenas sorrio, garantindo que ele vai se arrepender de sua decisão.

Giro sobre os tornozelos e começo a marchar na direção de seu quarto. Abro a porta com força e nem olho ao redor, embora seja tentador bisbilhotar suas coisas. Vou direto para seu armário. Abro as portas e as gavetas e começo a arrancar suas roupas lá de dentro.

— O que diabos você está fazendo? — Ouço-o perguntar da porta, mas não paro.

Segurando seus pertences em meus braços, vou até a janela aberta pela qual a leve brisa noturna invade o cômodo. Olho por sobre o ombro e lanço uma piscadela na direção dele antes de despejar todas as suas coisas para fora. Assisto suas roupas voarem para baixo lentamente e se espalharem pela rua e calçada.

Ele tem sorte de não estar ventando.

— Você é maluca, porra?! — Arkin grita, entrando no quarto com os olhos arregalados. Seus amigos apenas observam da porta, sem nem conter as risadas.

— Sim, eu sou maluca — grito de volta, cara a cara com ele. Definitivamente, eu o tirei do sério de novo. *Ótimo*. — Agora você vai acabar com essa maldita festa ou vou precisar jogar todas as suas coisas lá embaixo?

Arkin balança a cabeça, furioso, suas narinas estão dilatadas e seus olhos, semicerrados. Por um momento, penso que a próxima coisa a ser arremessada da janela serei eu, mas então ele se vira e volta para a sala.

O som é desligado e, com apenas algumas palavras, vejo as pessoas começarem a se movimentar em direção à saída. Demora cinco minutos até o apartamento estar totalmente vazio, exceto por nós dois. Fico observando tudo com os braços cruzados e o ombro escorado contra o batente da porta de seu quarto.

A organização e limpeza do apartamento já era. Tudo está uma zona. Ao menos nada parece quebrado, mas tenho certeza que os vizinhos vão enviar uma carta de reclamação de cinquenta páginas para o síndico.

— Vou tomar um banho — aviso calmamente para Arkin, que acabou de fechar a porta e está voltando na minha direção com um olhar fulminante no rosto. — Espero que saiba que você é o responsável por limpar e arrumar o apartamento todo.

— Qual é a droga do seu problema? — questiona, pronunciando cada palavra lentamente como se estivesse falando com uma criança. Ele ainda parece irritado pra caramba quando para apenas a alguns passos de distância.

— Você é o meu problema, Sawyer! — acuso, erguendo a cabeça para conseguir olhá-lo nos olhos apesar de nossa diferença de altura. — Eu sempre soube que você era um babaca, mas você nem mesmo se esforça para tornar nossa convivência suportável.

— Talvez eu não me esforce porque não vale a pena. Você já decidiu que eu sou um babaca, não é?

— Então por que você não vai embora? Dá o fora, não vou te impedir.

Assim que as palavras saem, me arrependo.

Não posso me dar ao luxo de expulsar a única pessoa que topou dividir as custas desse apartamento comigo. Mas agora estou furiosa demais para pensar racionalmente. Arkin não tem o mínimo de respeito e consideração, ele está tentando me enlouquecer.

E, bem, ele está conseguindo.

— Você adoraria que eu fosse embora, não é, gatinha? — provoca, dando mais um passo para eliminar a distância entre nós. Eu poderia me afastar, mas não quero dar esse gostinho a ele. — É por isso que não vou. Ficarei bem aqui pelos próximos três meses

apenas para te irritar. Se não gostar, então você mesma pode se mudar.

Acho que eu poderia começar a tremer de tanta raiva a qualquer momento. Nem acredito que me senti culpada achando que tinha o magoado ontem.

Posso sentir a respiração quente de Arkin no meu rosto e o cheiro agradável de seu perfume cítrico e fresco. Ele não parece, nem de longe, tão incomodado com a proximidade quanto eu. Espero, pelo bem do meu orgulho, que meu nervosismo não esteja transparecendo.

— Eu odeio você — rosno, entredentes. Seu sorriso apenas aumenta.

— Eu sei.

Seu olhar desce até minha boca e ele não o move de lá. Permanece encarando meus lábios sem remorso. Paraliso sob seu escrutínio.

Eu deveria continuar gritando com ele ou ao menos me virar e sair de perto antes que perca totalmente minha razão, mas não consigo. Não quando aqueles olhos verdes parecem estar ardendo com o que só pode ser desejo ao olhar para mim, me deixando arrepiada dos pés à cabeça e um pouco, apenas um pouco, curiosa para saber o que aconteceria se eu alimentasse o desejo flamejante nas íris de Sawyer.

Sinto o calor emanando do seu corpo forte e me envolvendo, fazendo minha boca salivar.

Acho que estou preses a beijá-lo ou esganá-lo, não faço ideia de qual dos dois.

Pisco, tentando buscar os pensamentos racionais dentro do meu cérebro. Arkin parece tão perto que, com o menor dos movimentos, podemos estar nos tocando. O sacana está fazendo de propósito, eu sei. Ainda assim, não posso me mover. Estou presa em seu campo de força.

Quando penso que ele vai realmente aniquilar o espaço entre nós, seu sorriso cresce e ele se distancia bruscamente. Automaticamente, minhas respiração volta ao normal e me recuso a

considerar a pontada de frustração que surge. Me endireito, aliviada por recuperar minha sanidade, embora esteja um pouco decepcionada também.

— Acho que eu vou tomar um banho agora — diz Sawyer casualmente.

Demora um segundo para que eu lembre que disse que tomaria banho primeiro. Ainda estou cheirando às batatas-fritas do Meg's.

Mas quando me viro para correr para o banheiro, já é tarde demais. Ele fecha a porta na minha cara e ouço a tranca quando ele gira a chave, se trancando lá dentro. Reprimo um grito de frustração e bato na superfície de madeira com o punho fechado.

— Eu odeio você! — grito, do lado de fora. Arkin ri alto do outro lado da porta.

— Eu sei, amor. Eu sei.

09

Blaze

— Não quero nunca mais olhar para aquele otário — reclamo, olhando pela janela do carro de Sage.

O céu já está numa cor alaranjada de fim de tarde e observo a luz dourada do sol sobre as folhas das árvores bonitas do lado de fora.

Estamos indo para a praia secreta de Cardeen Bay, onde estará acontecendo a festa que prometi a Alex que iria. Não aceitei sua carona, porque não pretendo voltar com ele. Na verdade, pretendo terminar tudo antes que comece. Na cabeça de Alex e de todo mundo, estamos namorando e essa foi a única coisa que avisei a Alex que não queria quando começamos nosso lance de amizade com benefícios.

Não posso continuar nessa e fazê-lo acreditar que vou mudar de ideia. Não vou corresponder às suas expectativas, nem as de ninguém. Minha vida é complicada o suficiente sem ter um namorado para torná-la mais bagunçada.

— Qual deles? — Sage pergunta com o tom de voz divertido.

Uma música do *Maroon 5* toca baixinho no rádio de seu carro, que percorre calmamente à estrada de terra cercada pela mata. A praia para a qual estamos indo não é muito movimentada, Sage disse que os turistas nem sabem onde ficam. É frequentada apenas pelos locais, principalmente os surfistas.

— Os dois. — Sage ri alto. — Podemos dar o fora assim que eu terminar tudo com o Alex?

— B, você pode aproveitar a festa. Há quanto tempo não se diverte e realmente desliga sua mente?

Penso a respeito e não consigo me lembrar. Acho que foi no último dia em que Effy e eu estivemos em Sacramento. Passamos a noite inteira fora, bebendo e dançando até o sol nascer. Tive uma

ressaca terrível depois, mas valeu a pena. Foi uma boa despedida para nós duas.

— Hoje você vai esquecer o Alex e o Arkin e apenas curtir, ok? — propõe ela.

Cedo, concordando com a cabeça sem muita opção.

Não vai fazer mal tomar alguns drinks hoje à noite. Posso ficar bêbada e, com sorte, realmente conseguir esquecer que divido o apartamento com o maior babaca do planeta.

Sage está muito bonita hoje. Sua pele negra reluz com a luz dourada do sol poente e sua maquiagem cintila. Ela está toda produzida com uma saia longa e *cropped*. Eu, por outro lado, fiz minha maquiagem de sempre e coloquei apenas um vestido preto curto com um leve brilho.

Antes mesmo de sairmos da estrada, já consigo avistar a praia e algumas pessoas por lá. Sage estaciona o carro próximo aos outros e então saímos. Há uma grande fogueira acesa e, ao redor dela, várias pessoas agrupadas.

Sage pega minha mão na sua e me guia para a areia clara e macia, na qual meu pé afunda. Enquanto vamos até a mesa de bebidas, viro a cabeça para olhar ao redor.

Algumas garotas dançam perto da caixa de com onde toca uma música pop qualquer. Elas estão rodeadas por uns caras que bebem e as observam de perto como predadores.

Do grupo que está na praia, reconheço poucas pessoas. Já vi algumas delas pelo campus da Universidade e até mesmo no meu apartamento ontem à noite, no que Arkin chamou de sua *reuniãozinha* de amigos.

Apanho uma cerveja do *cooler* com gelo e a levo aos lábios antes de caminhar para mais perto do mar, até sentir meus pés molhados, o resquício das ondas lambendo meus tornozelos.

A paisagem aqui é simplesmente estonteante. Parece um daqueles lugares únicos no mundo. A água do mar é tão azul e límpida que dá pra ver perfeitamente através dela. Não é gelada também.

Meu olhar se perde no horizonte pincelado com as cores do crepúsculo. É a primeira vez que realmente paro para apreciar o paraíso onde estou morando. Estive tão ocupada lamentando estar na Carolina do Norte e não na Califórnia que quase perdi isso aqui.

Há uma porção de surfistas no mar e alterno meu foco para eles, precisando espremer meus olhos para observá-los apesar da distância. Observo um deles, especificamente. Não tem como prestar atenção em mais nada depois que vejo Arkin Sawyer sobre uma prancha de surfe.

Ele desliza sobre a onda como se fosse a coisa mais simples do universo, como se o oceano inteiro pertencesse a ele e nada pudesse derrubá-lo. Suas manobras são feitas com destreza e dominância e, mesmo não entendendo muito sobre o esporte, é impossível não ficar hipnotizada, fascinada.

A prova disso é que não sou a única a assisti-lo. Há vários espectadores próximos ao mar, com os olhos grudados no rapaz alto e bonito que está domando as ondas com facilidade.

Já ouvi muito sobre o quanto Sawyer é um deus do surfe, mas não tive certeza disso até agora. Ele parece totalmente concentrado, imerso no que está fazendo. Imagino que deva ser a mesma coisa que sinto quando estou tocando e cantando. O mundo lá fora se afasta tanto que deixa de ser relevante. Nada mais parece importar.

Não percebi a garota que se aproximou de mim e parou ao meu lado para observar Arkin também, até ela dizer:

— É impressionante, não é?

Viro meu rosto em sua direção, encontrando a loira bonita que estava com Arkin e seus outros amigos no Meg’s.

Ela é alta e esguia, os longos cabelos loiros e meio desbotados pelo sol estão caindo ondulados sobre seus ombros. Está de braços cruzados e também segura uma garrafa de cerveja. A garota usa uma saia longa e branca, combinando com a parte de cima do biquíni.

— É — concordo, voltando a olhar para o mar.

Arkin agora está sentado sobre sua prancha, flutuando ao lado de Lucas, que está na mesma posição. Eles parecem estar conversando tranquilamente enquanto os outros caras pegam as ondas.

— Sou Mia — ela se apresenta, com um sorriso. — E você é a garota que divide a casa com o Ark.

— Blaze — corrijo. — E o *Ark* torna muito difícil dividir a casa com ele.

Mia ri alto.

— Ele torna muitas coisas difíceis, mas vocês vão acabar se dando bem.

— Eu duvido muito.

Arkin e eu somos tão opostos quanto fogo e gelo. Nada entre nós parece funcionar. Antes dos três meses do acordo, aposto que vamos nos matar. Contanto que eu o mate primeiro, não vejo problema.

Mia comprime os lábios, segurando um sorriso. Seus olhos azuis estão me fitando como se ela soubesse de algo que eu não sei. Uma pontada de curiosidade surge em mim, mas permaneço calada.

Nada que envolva Arkin Sawyer me interessa.

Bebo mais um gole da minha cerveja e não consigo não me perguntar qual a relação entre Mia e Arkin. Ele não parece ser do tipo que cultiva amigas mulheres, mas também não parece manter por muito tempo as garotas com que transa.

Chacoalho a cabeça, afastando esses pensamentos.

Não é da sua conta, Blaze, repito internamente.

— Ouvi dizer que você jogou as roupas dele pela janela ontem.

— Infelizmente não foram todas.

Depois de tomar um banho longo o suficiente para acabar com a água *quente de novo*, Arkin desceu para recuperar suas roupas. Ele conseguiu, o que é uma pena. Da próxima vez, preciso pensar em algo mais efetivo.

Mia volta a dar risada, jogando a cabeça para trás. Ela está se divertindo com o rancor que nutro por seu amigo.

— Deus... Você deve deixá-lo louco.

— Ele mereceu.

— Tenho certeza que sim — ela afirma.

Sendo amiga de Arkin, Mia deve conhecer bem o lado dele que é impossível de lidar. Sawyer é mimado, arrogante e egoísta. Ele toma o que quer, quando quer, sem se importar com mais nada. Acha que é o centro do mundo, o idiota.

Mia se vira na minha direção e, ainda que a sombra de um sorriso esteja em seu rosto, ela me olha com seriedade.

— Não deixe que Ark te tire do seu eixo. Acredite, ele vai tentar. Ele pode ser um saco às vezes, mas não é uma pessoa ruim.

Ela me lança uma piscadela antes de se afastar, voltando para seu grupo de amigos. Franzo o cenho, pensando no que ela acabou de dizer, e quando retorno meu olhar para o mar, percebo que Sawyer está olhando para trás por cima de seu ombro.

Seu olhar está em mim e eu o sustento por apenas alguns segundos. Logo me viro também, me afastando de Arkin e seu campo magnético.



— Você viu o Alex por aí? — pergunto para Sage, assim que a avisto.

Ela não está bêbada, porque vai dirigir na volta, mas não posso dizer o mesmo de mim. Acabei de sair de uma competição de shots de *vodka* na qual minha cabeça ficou girando. Perdi para um dos amigos de Arkin, mas não me lembro direito seu nome. É o forte e tatuado.

Madden ou Max, algo assim. Só sei que começa com a letra M.

— Não vi — Sage responde, colocando uma mão em meu braço quando meu equilíbrio vacila. — Ele não ia te mandar uma mensagem quando chegasse?

— Bem, ele não mandou — murmuro.

Já está de noite, mas continua calor e ainda tem algumas pessoas na parte rasa do mar. À essa altura, a festa está cheia de pessoas bêbadas dançando loucamente e casais se beijando — *se devorando* — pelos cantos. Também gostaria de achar alguém pra beijar, mas simplesmente não consigo encontrar o Jackson.

— Vou procurá-lo de novo — aviso Sage antes de me distanciar de onde estamos, perto da fogueira.

Saio andando pela área da festa, olhando ao redor à sua procura. Tem muitas pessoas aqui, o que torna minha missão ainda mais impossível.

Estou relaxada demais para ficar furiosa com Alex por me dar um bolo, mas não consigo evitar de me sentir um pouco chateada. Ele ficou me importunando para que eu estivesse aqui e agora desaparece?

Após dar uma volta e ainda não conseguir encontrá-lo, finalmente desisto. Talvez seja até melhor assim, afinal. Posso dar o fora em Alex na segunda-feira e não vou me sentir culpada por fazer isso em uma festa. E, principalmente: não vou estar prestes a desistir dessa ideia e aceitar o que Alex parecia querer ontem só porque estou bêbada e me sentindo sozinha.

Mas então, quando estou me dirigindo de volta para onde vi Sage pela última vez, ouço a voz de Alex e me detenho. Paro e volto a olhar, tentando localizá-lo.

Infelizmente, dessa vez o encontro.

Ele está sentado na areia, com uma ruiva montada em seu colo e a língua na garganta dela. Os dois parecem estar prestes a arrancar suas roupas e fazer sexo bem ali na frente de todo mundo.

Meu queixo quase cai na areia com o choque.

— Hey, B. — Sinto o cheiro de bebida que Charlie emana antes de vê-lo se aproximar e passar um braço sobre meus ombros. Ele segue a direção do meu olhar e faz uma careta. — Aquele não é seu namorado?

— Ele *não é* meu namorado. Não é porra nenhuma.

Me desvencilho do braço de Charlie e me afasto, pisando duro para longe daquela cena ridícula e, ao mesmo tempo, fingindo

não ver que algumas pessoas ali estão me encarando com olhar de pena.

Engulo em seco minha frustração, tentando não deixar nada transparecer em meu rosto.

Eu não teria ficado tão incomodada com aquele babaca pegando outra garota se ele não tivesse espalhado pro campus inteiro que estávamos namorando.

Qual a porra do problema dele?

Preciso desesperadamente de mais bebida. Não estou, nem de longe, embriagada o bastante para lidar com isso. Talvez eu possa entornar alguma na cabeça do babaca do Alex.

Não sei o que há comigo que faz com que todos pensem que podem me tratar feito trouxa, mas já estou cansada disso. Nunca deveria ter dado nem uma chance ao Alex.

Que droga, pensei que pelo menos fôssemos amigos.

Não sei porque ainda me dou ao trabalho de ficar decepcionada. É sempre assim.

— Ei, pequena B. — A voz de Arkin me chamando interrompe meu percurso até a mesa de bebidas. Paro e me viro em sua direção. — Quer jogar?

Arkin está sentado perto da fogueira num círculo com seus amigos e tem uma garrafa de tequila à sua frente. Seus cabelos escuros estão molhados e bagunçados e ele está sem camisa, com seu corpo escultural à vista para que todas as garotas ali possam apreciar livremente.

Cruzo os braços, cerrando meus olhos em sua direção.

— Não tenho interesse em fazer nada com você. — Minha resposta o faz rir baixinho.

— Acho melhor mesmo, você parece bêbada o suficiente.

— Eu não tô bêbada — rebato, tentada a chutar areia em seus olhos bonitos.

O que eu gostaria de dizer é que não estou, nem de longe, tão bêbada quanto gostaria de estar. Ainda estou sã o suficiente para me importar com o fato de Alex não ter tido a mínima

consideração comigo. Ele não pensou duas vezes antes de me ferrar enquanto eu estava tentando fazer a coisa certa com ele.

Deus... como eu sou idiota.

— Então prove — Sawyer desafia com suas palavras traiçoeiras. — Jogue.

Respiro fundo, ainda sem acreditar que estou mesmo considerando cair em sua armadilha voluntariamente.

Que se dane.

Desvio do meu caminho e vou até seu círculo de amigos. Ele acena para que eu me abaixei do seu lado e, estupidamente, eu obedeço. Apenas giro a chavinha da consciência que há dentro da minha cabeça, desligando o meu lado racional.

— Já fez um *body shot*, gata? — um dos amigos de Arkin pergunta.

Dou risada.

— Não vou fazer *body shot* em você, Sawyer — garanto, olhando no rosto dele.

Arkin está com o rosto levemente vermelho, queimado pelo sol, o que fez com que sardas castanhas aparecessem suavemente sobre seu nariz e bochechas. Sob a luz alaranjada e bruxuleante da fogueira, seus olhos verdes adquirem um tom diferente, especial. Suas pupilas estão dilatadas quando ele me olha de volta e sorri de um jeito sacana.

— Por quê? Tá com medo de gostar?

Quero gargalhar tão alto que o deixe envergonhado.

Gostar de lamber a pele de Arkin? Faça-me rir. Isso não aconteceria nem em um milhão de anos. A única coisa que ele é capaz de me despertar é desprezo.

— Só nos seus sonhos, Sawyer.

— Então não vai ter problema em brincar.

Ótimo, ele fez com que isso se tornasse questão de honra para mim. Não posso desistir agora ou vai parecer que realmente tenho medo do que essa proximidade vai causar.

Quer saber? Foda-se. Eu já estou no inferno mesmo, então vou me queimar de uma vez.

Dou um sorriso tão perverso quanto aqueles que Arkin pode dar e me viro para o cara ao seu lado, que segura a tequila e o saleiro. Apanho os dois recipientes de sua mão e fico de joelhos para poder nivelar minha altura com a de Sawyer, que tá sentado. Seus amigos riem e comemoram, mas ele está totalmente sério quando coloca uma fatia de limão entre seus lábios.

Seu olhar segue meus movimentos enquanto ele espera e não rompo nosso contato visual em nenhum momento. Se vou fazer isso, então vou tornar o processo muito doloroso e torturante para ele.

Me aproximo o suficiente para sentir calor e meu corpo se enrijecer sem a minha permissão.

Posso praticamente ouvir o meu coração martelando com intensidade quando Arkin curva a cabeça para o lado, me dando acesso ao seu pescoço. Seguro a respiração e me inclino para chegar mais perto. Não desgrudo os olhos dele em nenhum momento enquanto despejo um pouco de sal em sua pele, sobre a curva de seu pescoço.

Percebo que Arkin também não está ileso dos efeitos da nossa proximidade. Seus ombros estão retesados e ele está prendendo a respiração.

Contenho um sorriso. Ótimo, espero que esteja sofrendo. Quero puni-lo por estar tornando a minha vida um inferno e, ao mesmo tempo, me vingar do desgraçado do Jackson.

Coloco o saleiro de lado antes de voltar a me aproximar lentamente de seu corpo. Com a mão direita, seguro a garrafa de tequila que está pela metade e, com a esquerda, me apoio no ombro oposto de Arkin.

Levo minha boca entreaberta para seu pescoço e lambo a pele quente com o sal. Mal consigo ouvir os uivos de seus amigos, porque eles estão muito distantes agora. Não há espaço para mais nada em minha mente além da loucura que estou fazendo.

Sentir sua pele na minha língua e a proximidade entre nossos corpos faz alguma coisa tremer dentro de mim, e não sei se isso acontece porque já estou um pouco bêbada ou porque estou lambendo Arkin Sawyer.

Estou arrepiada e, devo admitir, com muita vontade de fazer uma loucura. Seu cheiro me inebria e sinto um frio na barriga de antecipação. Isso nunca acontece comigo, mas aqui está Arkin despertando uma parte silenciosa e meio esquecida dentro de mim. A parte que ainda fica nervosa quando está perto de um cara.

Sentindo minha língua pinicar com o sal, me apresso em beber de uma só vez um gole generoso da tequila, que desce queimando por todo o caminho da minha garganta, antes de me voltar para o rosto de Arkin e a fatia de limão presa em sua boca rosada e carnuda.

Porra, ele parece a tentação em pessoa.

Minha respiração está tensa e pesada conforme alcanço seu rosto. Seu olhar desce para meus lábios da mesma maneira que fez ontem e isso quase me mata. Subo a minha mão de seu ombro para a sua bochecha, segurando seu rosto no lugar para levar minha boca à sua. Ou melhor, ao *limão*.

Seus lábios parecem muito deliciosos e começo a imaginar qual deve ser seu gosto. Deve ter algo mágico que faça com que todas as garotas fiquem enfeitiçadas por esse canalha. Devem ser macios e habilidosos e sua língua...

Por que diabos eu estou pensando na língua dele? Deve ser culpa do álcool.

Impaciente, Arkin deixa de ficar imóvel e me puxa pela cintura, me aproximando de uma só vez. Isso me desequilibra e quase caio em seu colo. Por sorte, me firmo com minha outra mão em seu ombro. Desço minhas unhas curtas em sua pele, sentindo a respiração dele em meu rosto e seu olhar intenso me escrutinando. Se me inclinar apenas um pouco para frente, nossos narizes iriam se tocar e, em seguida, nossas bocas.

E eu iria beijar o único cara além do meu pai que já partiu meu coração.

Não parece justo comigo mesma me enfiar nessa situação, mas também é difícil de resistir, principalmente quando ele me olha como se fosse me devorar inteira a qualquer momento. E, principalmente, quando eu quero fazer a mesma coisa com ele.

Só pode ser efeito do álcool, certo?

Sentindo sua mão me segurando pela cintura, prendo a respiração como se isso pudesse controlar os meus batimentos cardíacos descontrolados. Se eu o beijasse agora, iria esquecer amanhã?

Iria querer esquecer?

Engulo em seco e resolvo me apressar antes que faça uma burrada.

Capturo o limão de sua boca, tomando cuidado para nossos lábios não se encostarem, e sugo o suco da fruta antes de me distanciar como se tivesse acabado de me queimar.

Por fim, dou uma última olhada em Arkin. Ele ainda está tão rígido e tenso como eu, só que não disfarça tão bem. Um sorriso cheio de satisfação e malícia surge em meus lábios. Ver o estado em que o deixei realmente compensou toda a raiva que ele me fez passar na última semana.

No fim das contas, a vingança é mesmo um prato que se come frio.

Me levanto, deixando-o lá enquanto volta a si. Olho para seus amigos. Alguns estão chocados e outros riem de Sawyer.

Faço uma reverência desajeitada.

— Eu fico com a garrafa — notifico. Então simplesmente me viro e vou embora.

10

Arkin

Blaze Kingston é o diabo.

E, porra, eu nunca quis tanto uma mulher na minha vida. Poderia culpar a bebida por isso, se não estivesse totalmente sóbrio. A verdade é que eu queria jogar com ela, mas no final foi ela quem jogou comigo. Nunca vou admitir isso em voz alta, é claro, mas ela conseguiu o que queria.

Estou duro feito pedra desde aquele maldito *body shot.*

Só propus o jogo porque pensei que ela não teria coragem de ir até o final. Eu a subestimei *de novo.* Agora está mais do que claro que isso é um péssimo hábito que não posso continuar repetindo.

— Porra, Sawyer, a garota é gostosa mesmo. Transe com ela antes que eu transe — um Maddox bêbado diz, se aproximando acompanhado de Jay Harlow.

Não falei com Jay desde que fui expulso da república, mas não parece que ainda há algo mal resolvido entre nós. Resolvemos tudo nos socando mutuamente. Acho que nós dois precisávamos disso, no fim das contas.

Movo meu olhar para Maddox, já sabendo de quem ele está falando sem ele nem precisar mencionar o nome dela.

A cena que Blaze e eu compartilhamos não passou despercebida por muitas pessoas. E foi tudo culpa dela e de como ela conseguiu transformar um simples e inocente *body shot* em uma cena quase erótica.

— Você vai manter suas patas sujas bem longe da minha colega de apartamento — determino, sem conseguir impedir que a ideia de Maddox tentar levar Blaze para a cama me perturbe. — Nós já temos problemas de convivência o suficiente.

— Ah, sei — murmura com ironia. — Com certeza você só não quer que eu coma ela para evitar problemas de convivência e não porque você mesmo quer fazer isso.

Blaze não iria transar com Maddox nem em um milhão de anos. Conheço a garota e ela é difícil pra caralho.

Exceto o verme do Jackson, algo que ela talvez possa se arrepender depois. O desgraçado traiu Mia diversas vezes. Eu não colocaria minha mão no fogo de que ele não fará isso de novo.

E, para a minha infelicidade, Blaze também não iria transar comigo. Talvez fosse mais fácil se transasse. Poderíamos descontar todo esse ódio mútuo e tensão sexual de uma maneira mais proveitosa do que gritando um com o outro.

— Talvez *eu* deva transar com ela — Jay entra na conversa, me provocando de propósito ao insistir nessa porra desse assunto. — Você transou com a minha irmã, assim ficaremos quites.

Que lógica mais fodida e sem sentido.

Jay e eu nos conhecemos há muito tempo, desde o Ensino Médio, porque ele e Mia sempre moraram em Cardeen Bay. Somos duas pessoas com personalidades fortes, o que nos fez entrar em alguns atritos ao longo dos anos. Harlow tem um grande coração, apesar de tentar esconder isso com seu orgulho. Ele não costuma pedir desculpas. Só tenta se aproximar de novo e deixa as coisas se resolverem naturalmente, no seu próprio tempo.

Nunca houve nenhum conflito grave ou físico até nós até o dia que causou minha expulsão da república, mas acho que isso se resolveu quando nos socamos mutuamente. Manter o diálogo entre nós é a maneira de Jay dizer que está pronto para seguir em frente e deixar o desentendimento no passado.

— Blaze não é minha irmã — aponto o óbvio. — Quer saber? Ninguém aqui vai transar com ela.

— Nem você? — Maddox pergunta.

— Não, nem eu.

Infelizmente.

Ela não iria querer, nem mesmo se eu tentasse. Duvido que exista outra pessoa no mundo que a garota odeie mais do que eu. De qualquer forma, também não gosto dela. Mas não sou cego e nem sou feito de pedra. É óbvio que notei o quanto ela é linda e

como tem um corpo surreal, que poderia fazer qualquer homem implorar para tocar.

Seu temperamento difícil só me faz querer prová-la ainda mais.

Blaze Kingston é um quebra-cabeças impossível de ser resolvido, mas eu adoraria tentar. De preferência, com ela debaixo de mim na minha cama. Isso provavelmente estragaria tudo o que já é ruim em nossa convivência sob o mesmo teto, mas foda-se. Valeria a pena.

Não que isso seja uma opção, de qualquer forma.

— Jackson é um fodido de sorte — Maddox reflete, após beber um gole da garrafa de vodka em sua mão. — Primeiro Mia, depois Blaze, agora a Camille...

Franzo o cenho, sem entender.

— Camille?

É uma ruiva bonita, presidente da irmandade Beta Zeta Tau. No ano passado, Jackson ficava em cima dela rondando feito um abutre.

— Pois é, eles estavam praticamente fodendo ao ar livre há uma hora atrás — Jay completa.

Exatamente o que eu imaginava. Jackson é um filho da puta.

— Blaze sabe disso? — pergunto para Maddox, subitamente preocupado sem nem saber o porquê. — Pensei que ela e o Jackson estavam juntos.

— Charlie disse que ela viu.

— Como ela ficou?

— Eu vou lá saber, porra? E por que você se importa, de qualquer forma?

Não sei. Não faço a menor ideia do motivo. Ainda assim, não consigo evitar e nem afastar esse pensamento conflituoso da minha cabeça.

Não é nenhuma surpresa que Jackson tenha feito algo assim. Não sei se ele e Blaze estão mesmo namorando, mas foi o que ele

disse por aí para todo mundo que perguntava. E agora, todos viram ele beijar outra garota publicamente.

Blaze deve estar, no mínimo, irritada. Ao menos, eu estaria.

De repente, sou tomado por um instinto desconhecido, uma inquietação. Acho que Blaze não sabia que Jackson era um babaca, senão teria o mantido longe assim como faz com todos os outros.

— Estou indo embora — aviso aos caras e, sem esperar uma resposta, saio andando.

— Mas já? — Maddox pergunta atrás de mim. Apenas dou de ombros e continuo andando.

Costumo ser sempre um dos últimos a sair de uma festa, mas não estou a fim disso hoje.

Enquanto atravesso a área da festa com a areia grudada em meus pés, olho para todos os lados à procura da garota arredia de cabelos escuros e olhar intimidador. Já é tarde, então algumas pessoas já foram embora. Talvez ela tenha ido também, após se deparar com a cena entre Jackson e Camille. É provável, já que não a vi mais depois do *body shot*.

Só de pensar no *body shot* e na língua de Blaze deslizando quente pelo meu pescoço, sinto meu pau endurecer de novo. Aquela garota tem algo que tá me deixando maluco, à beira do limite. Acho que isso é exatamente o que ela quer, no fim das contas.

Diabinha ardilosa.

Sou surpreendido pela figura de Blaze assim que me aproximo do campo de cascalhos onde os carros estão estacionados. Ela está perto da estrada que leva de volta à cidade. Está olhando em seu celular, se equilibrando em uma perna só enquanto tenta encaixar sandália no outro pé.

Tomo um segundo para observá-la de longe. Seus cabelos escuros estão soltos e bagunçados pelo vento. O vestido apertado que ela usa mal chega ao meio das coxas, expondo suas pernas finas e pálidas.

A garota não percebe minha aproximação, nem mesmo quando paro perto do jipe que está atrás dela. Distraída demais para

o próprio bem.

Escoro meu ombro no carro e cruzo os braços.

— Precisa de carona, pequena B? — pergunto, atraindo sua atenção. Ela vira o rosto para mim, seus olhos escuros e apáticos me encarando.

— Não — recusa sem hesitar, finalmente conseguindo calçar seu sapato. — Vou chamar um *Uber* quando meu celular tiver sinal.

Tão teimosa...

— Não vai ter sinal aqui — aponto o óbvio. — Caso não tenha reparado, você está numa praia deserta longe da cidade.

Blaze não responde, apenas volta a olhar para o celular, como se eu não valesse seu tempo. Provavelmente, não valho mesmo, mas também não consigo simplesmente me virar e deixá-la ali.

Ainda mais quando ela não parece muito bem.

Estranhei quando a garota aceitou brincar de *body shot* comigo, mas não tanto quanto estou estranhando agora, quando Blaze prefere ficar em silêncio a me retrucar com um de seus comentários malcriados.

Risadas altas e masculinas soam perto e desvio meu foco de Blaze para procurar ao redor. Encontro um pequeno grupo de calouros voltando do mar e vindo nesta direção. Eles parecem embriagados demais para conseguir andar em linha reta.

Suspiro e desencosto do carro, indo até Blaze.

— Vamos, Blaze, aceite a carona — peço, prestes a começar a barganhar. — Estamos *literalmente* indo para o mesmo lugar.

Seu olhar entediado volta para o meu rosto. Tento encontrar algum vestígio de tristeza ou raiva, uma vez que ela viu Jackson ficando com outra garota. Contudo, só encontro o vazio nas íris castanhas de Blaze Kingston.

— Eu prefiro ir andando — rebate, com sua voz embolada de quem bebeu bem mais do que deveria.

— Tudo bem, então vou andando com você. — Dou de ombros. — Se começarmos a caminhar agora, acho que

conseguimos chegar em casa na hora do almoço. Por mim, sem problemas.

Não há nenhuma chance de eu deixar Blaze bêbada e sozinha no meio da madrugada numa praia deserta cercada por mata. Se ela é teimosa o bastante para querer ir para a cidade a pé, então vai ter que me aturar caminhando ao lado dela até lá.

Blaze bufa alto e finalmente abaixa o celular, virando-se na minha direção.

— Por que diabos você não me deixa em paz?

— Porque eu não vou te deixar aqui sozinha na beira da estrada com uma festa cheia de babacas bêbados acontecendo a cinco metros de distância.

Ela dá risada, inclinando a cabeça para o lado.

Tem maquiagem preta borrada no canto de seus olhos oblíquos, mas Blaze continua sexy. O batom vermelho em seus lábios carnudos em formato de coração ainda está intacto, mesmo que seja o fim da noite. Os cabelos castanho-escuros estão caindo, levemente ondulados sobre seus ombros estreitos e desnudos pelo vestido justo de alças finas.

Blaze Kingston parece um tornado prestes a varrer a sanidade de alguém. E, sem dúvidas, esse alguém sou eu.

Não sei se ela tem alguma noção do quanto é bonita, mas tenho que me conter para não falar isso para ela agora. Ainda que, provavelmente, ela não se lembre de muita coisa quando acordar de manhã, Blaze ainda me odeia. E é melhor para nós dois que continue dessa forma.

Ela não iria passar batido como qualquer outra garota que cai em minha cama.

E é por ela ser uma diabinha de olhos atrevidos que a atenção de todo e qualquer cara na festa esteve nela a noite toda — incluindo eu, infelizmente. Não sei se ela reparou, já que esteve mais concentrada em acabar com nosso estoque de álcool, mas Blaze atrai todos com sua força magnética.

De qualquer modo, não conheço e nem confio em todo mundo que tá presente aqui. Algum desgraçado poderia olhar para

Blaze nesta situação e vê-la como um alvo fácil. Não seria a primeira vez que algo assim acontece numa festa universitária. O mundo está longe de ser um lugar seguro.

— Caso não saiba, *Ark*, você é um desses babacas bêbados.

Sorrio com a maneira desdenhosa que ela pronuncia meu apelido.

— Garanto a você que sou um babaca inofensivo e, além do mais, não ingeri nem uma gota de álcool essa noite. Quero surfar de manhã cedo e não posso estar de ressaca. — O surfe é a única coisa que ainda levo a sério na minha vida e por isso o sermão que meu pai deu ficou martelando na minha cabeça. — Se decida, pequena B, prefere ir andando ou de carro? Seja qual for, saiba que estarei do seu lado para te infernizar durante todo o percurso. Pelo menos de carro você vai se livrar de mim mais rápido.

Ela joga as mãos para o alto, se rendendo, o que me faz abrir um sorriso de vitória antes mesmo que ela comece a caminhar até o meu carro, pisando duro com toda sua rebeldia. Rio baixinho de sua atitude contrariada.

Blaze sendo Blaze.

Vou até o jipe para checar se minha prancha está bem amarrada à parte de cima do carro e, depois, apanho minha camiseta jogada no banco de trás, vestindo-a e me acomodando no assento do motorista. Só então dou a partida.

— Que fique claro — começa a dizer, com as palavras arrastadas de bêbada. — Só aceitei a carona porque já estava cansada de ouvir o som da sua voz. Você não para nunca de falar?

Dou risada, manobrando o jipe para a estrada escura. O farol alto ilumina o caminho de terra enquanto dirijo abaixo do limite, para a segurança de nós dois.

Nem mesmo em seu estado de embriaguez, Blaze pega leve comigo. Acho que subestimei a amplitude de seu rancor.

— Não finja que você não ama o som da minha voz.

— O guincho dos porcos é mais agradável do que o som da sua voz.

Dessa vez ela consegue me fazer gargalhar alto.

Não sei se já me diverti tanto como faço desde que trombei com Blaze. Ela é uma coisinha sarcásticas e atrevida capaz de tirar qualquer um do sério. Ela sempre foi assim e sempre gostei de provocá-la exatamente por esse motivo.

— O guincho dos porcos não faz você suspirar e ter sonhos eróticos como eu faço.

Blaze faz uma careta, franzindo o nariz.

— *Jesus*... como você é arrogante. Só porque é gostoso e tem essas covinhas atraentes, acha que todo mundo tá a fim de você.

Levanto as sobrancelhas, desviando o olhar para seu rosto por um momento.

É assim que tenho a certeza de que Blaze está realmente alta. Ela nunca diria algo dessa natureza para mim se estivesse sóbria, é orgulhosa demais pra tal. Isso só torna tudo mais divertido.

— Então quer dizer que você me acha gostoso?

— Ah, não seja cínico. Você é consciente da sua aparência.

Sim, sou mesmo, e saber que ela também é me enche de uma profunda satisfação.

Blaze não pode evitar ficar vermelha. Suas bochechas estão coradas quando ela se concentra em levar seu olhar para qualquer outro lugar que não seja meu rosto.

Abro um sorriso e volto minha atenção para a estrada.

Estamos quase nos aproximando do retorno que leva de volta a Cardeen Bay quando percebo que Blaze ficou muito quieta de repente.

Ela está encolhida contra a porta do carro, abraçando as pernas dobradas junto ao seu corpo. Seus pés descalços estão sobre o banco e, normalmente, eu teria dito para colocá-los para baixo, mas vou dar a ela uma folga essa noite.

Seu olhar está vagando na noite densa através da janela e sua mente parece estar mais distante ainda.

— Você tá bem? — pergunto, alternando minha atenção entre sua figura frágil e a estrada à minha frente, incapaz de deixar seu silêncio se prolongar.

Blaze não responde de imediato, mas noto de soslaio quando ela tomba a cabeça na minha direção, me observando.

— Sinto muito por ter falado do Eric.

Suas palavras me surpreendem e, imperceptivelmente, seguro o volante um pouco mais apertado. Não costumo falar sobre meu irmão com ninguém e não vou começar a fazer isso logo com Blaze Kingston.

— Tudo bem, você não sabia.

— Ele era um cara legal.

— Ele era.

— Você sente falta dele, não é?

— Blaze... — advirto, esperando que ela encerre o assunto. Funciona, porque ela volta ao seu silêncio. Isso não deveria me incomodar, mas incomoda. Decido testá-la, já que ela parece propensa à honestidade pela embriaguez. — Sinto muito pelo Jackson.

— Tudo bem, não me importo.

Não tão honesta, aparentemente. Dá pra ver em seus olhos que ela se importa.

Voltamos a ficar quietos, apenas ouvindo a música que toca baixinho. Quando uma da Taylor Swift se inicia, aumento o volume. *You Belong With Me* é um clássico contemporâneo e não confio em ninguém que pense o contrário.

Blaze vira a cabeça e semicerra os olhos ao me analisar.

— Você ouve Taylor Swift? — pergunta, sem acreditar.

— É claro que sim, ela é genial. Sabia que ela compõe as próprias músicas?

Kingston continua me encarando com seus enormes olhos castanhos chocados como se não soubesse como reagir a essa informação.

Quando chega no refrão da música, canto alto e desafinado para arrancar uma reação de Blaze. E eu consigo, porque ela olha para mim e cai na gargalhada, jogando a cabeça para trás e

fechando os olhos quando faz isso. É genuíno e engraçado, me fazendo rir também.

— Você tá rindo mesmo? Meu Deus, eu fiz Blaze Kingston rir!

— Só porque estou bêbada — rebate, sem querer dar o braço a torcer. Mas o sorriso continua em seu rosto até chegarmos em casa.



Preciso ajudar Blaze a descer do carro, porque ela mal consegue permanecer de pé. Mantenho meu braço em sua cintura fina, servindo de apoio enquanto andamos para dentro do prédio. Passamos pelo saguão e seguimos para as escadas.

Ela faz questão de tornar o processo todo bem torturante para mim. Além do seu perfume feminino e inebriante que tenho certeza de que vai ficar impregnado na minha roupa, sua mão está no meu pescoço, as unhas curtas e pintadas de preto roçando os cabelos da minha nuca.

Estou arrepiado, com calor e só queria que ela estivesse fazendo isso sóbria e consciente, para que eu pudesse jogar meu autocontrole na casa do caralho.

Não é uma surpresa perceber que eu estava certo, essa mulher é mesmo diabólica, capaz de levar qualquer um à loucura sem nem tentar.

E, diferentemente de quando estávamos no carro, Blaze parece incapaz de ficar em silêncio agora.

— Eu sabia que ele era um babaca — diz alto, sem se preocupar que já passa das três da manhã e que a maioria dos nossos vizinhos devem estar dormindo. — Eu ia terminar com ele hoje, sabia? Não daria a menor importância se ele resolvesse foder outra garota depois que eu deixasse bem claro que não queria mais ficar com ele. Só que ele não fez isso, fez? Ele preferiu ser um cafajeste e enfiar a língua na garganta daquela ruiva na frente de todo mundo, mesmo após ter espalhado por aí que a gente estava namorando.

Ela parece totalmente indignada e dou razão a ela. Jackson é um otário, mas duvido que Blaze iria estar abrindo seu coração e trocando confidências comigo se estivesse sóbria. Tomara que amanhã ela não se lembre ou é capaz de me odiar o dobro do que já odeia agora.

— Blaze, fale mais baixo — peço, quando chegamos no nosso andar.

— Eu deveria ter enfiado a língua na *sua* garganta para me vingar dele.

Sua declaração não me surpreende. Honestamente, nada do que Blaze embriagada diga pode me surpreender mais.

— Não bêbada desse jeito.

— Mas eu não beijaria você se estivesse sóbria — argumenta, como se fosse óbvio.

— Exatamente. Vem, vamos te levar pra dentro.

Blaze não discute, se segurando em meu ombro enquanto destranco a porta do apartamento. Acendo a luz ao entrar e fecho a porta, voltando a fitar Blaze.

O que devo fazer agora?

Nunca cuidei de nenhuma garota bêbada antes. Na verdade, nunca cuidei de *ninguém* antes. Mas Blaze parece perdida demais, olhando ao redor do apartamento como se fosse a primeira vez, para que eu simplesmente deixe-a aqui e vá para o meu quarto.

— Deveria tomar um banho — sugiro, atraindo a atenção dela de volta para mim.

— O que há de errado comigo? — ela indaga com a voz fanha, olhando em meus olhos ao ignorar minha última fala. — O que faz as pessoas quererem tanto me tratar como lixo?

Paro e franzo o cenho, pego desprevenido por aquela pergunta. Blaze continua me olhando, esperando uma resposta. Balanço a cabeça, incrédulo e puto pra caralho por Jackson tê-la feito pensar essas coisas, e me aproximo dela.

Ela permanece parada e totalmente perdida.

Os olhos castanhos que normalmente estão preenchidos pelo calor de sua irritação dirigida a mim ou totalmente entediados, agora

estão perdidos. Sem brilho, sem esperança. É de partir o coração.

Enfio as mãos nos bolsos da minha bermuda, para me impedir de tocar nela para tentar confortá-la.

O que deu em mim?

Deve ser apenas a boa e velha empatia. É melhor que seja só isso.

— Não há nada de errado com você, Blaze, mas há muitas coisas erradas com o otário do Jackson. E nenhuma delas tem a ver com você.

— Promete?

— Prometo.

Blaze sorri e, em seguida, arregala os olhos, correndo para o banheiro. Suspiro e vou atrás dela, seguindo-a para dentro do cômodo, já imaginando o que me aguarda.

A garota está ajoelhada, com a cabeça dentro do vaso sanitário, colocando para fora todo o álcool que ingeriu durante a noite. Me apresso em ir até ela e segurar seu cabelo para o alto, me ajoelhando ao seu lado.

Depois que termina, ela limpa a boca com o dorso da mão e volta a me fitar. Seus olhos não parecem mais tão vazios quanto antes. Agora estão mais para nebulosos e meio confusos.

— Você também é um cara legal, Arkin — ela diz, momentos antes de voltar a vomitar.

11

Blaze

Minha cabeça parece prestes a explodir.

Droga.

Levo minha mão à testa antes de abrir os olhos lentamente e olhar em volta. Estou na minha cama. Pelo menos isso.

A ressaca me arrebatou com força, ao que parece. Minha garganta está seca e minha cabeça está doendo tanto que sinto que posso começar a ver estrelas a qualquer momento.

Olho para baixo. Ainda estou com o vestido da noite passada. Então, olho para o lado, encontrando algo na minha mesinha de cabeceira. Tem um copo de água com um *post-it* amarelo grudado e uma cartela de aspirina. Preciso espremer meus olhos para conseguir ler os garranchos escritos na nota.

Tome isso, vai ajudar com a dor de cabeça.

Fui surfar, volto a tempo do almoço.

— A.S

O quê?

É quando começo a me lembrar da noite anterior. Apenas *flashes* de memória surgem, mas são o suficiente para me fazer grunhir de vergonha.

Eu fiz *body shot* no Arkin Sawyer na frente de todo mundo. Ele praticamente teve que me carregar escada acima de tão chapada que estava. Ele segurou meu cabelo enquanto vomitava.

Merda, merda, merda.

Não deveriam me deixar beber nunca mais, eu fiquei totalmente descontrolada. E Sawyer me *viu* descontrolada.

Como vou conseguir olhá-lo nos olhos outra vez depois disso? Será que eu disse alguma coisa inconveniente?

Não consigo me lembrar de tudo, tem alguns buracos em minha memória.

Estou pensando em como sou deplorável quando o som que me acordou e que pensei ser fruto da imaginação soa novamente. É o sino irritante da campainha. Franzo o cenho e procuro o relógio digital em minha mesa. Ele marca onze da manhã.

Quem está na porta?

Bufo e afasto o edredom pesado que me cobre, me colocando a contragosto para fora da cama. Todos os meus músculos doem, é horrível.

Arrasto meus pés descalços para a porta da frente e a abro, encontrando Kyle parado diante de mim.

— O que você tá fazendo aqui? — pergunto, procurando por Dinah no corredor atrás do meu irmão. Ele está sozinho, porém.

Kyle não espera meu convite para entrar no apartamento. Observo preocupada ele retirar a mochila em suas costas e deixar sobre o aparador antes de ir para a sala.

— Vou ficar com você hoje, esqueceu?

Puta merda.

Fecho os olhos, levando minha mão à cabeça de novo. Como pude esquecer?

Fecho a porta e vou atrás do meu irmão. Ele está com o controle remoto da TV nas mãos, se acomodando nas almofadas que servem de assento.

— Não, não esqueci.

— Esqueceu sim — contraria Ky. — Você ainda tá com roupa de festa e tem maquiagem nas suas bochechas.

Ele não parece bravo ou chateado quando diz isso, apenas fala em tom de constatação. Isso não significa que ele não esteja bravo ou chateado, uma vez que Kyle é bom em esconder suas emoções. Essa habilidade é um pressuposto de sobrevivência no tipo de lar em que crescemos.

Fecho os olhos novamente, xingando internamente a mim mesma de todos os palavrões que conheço. Não acredito que fiz isso com Kyle. Sou uma irmã de merda.

— Me desculpe, Ky — peço sinceramente. Sua atenção está toda na televisão e no programa de comédia que está passando em um dos canais.

— Tudo bem, B. Não é sua obrigação tomar conta de mim.

E com uma frase, meu coração se parte em um milhão de pedaços. Talvez não seja mesmo a minha obrigação e sim da nossa mãe negligente, mas eu não sou como ela e nem como o nosso pai. Ao menos, achava que não era. Prometi a mim mesma e ao Kyle que sempre estaria cuidando dele, que seria a adulta responsável por nós dois. Faria isso por ele já que ninguém fez por mim.

— Eu vou tomar um banho rápido e depois vou fazer o melhor almoço do mundo para compensar você, prometo.

Dou um sorriso, torcendo que isso o faça se sentir melhor, e me viro para ir em direção ao banheiro. Atrás de mim, Ky diz:

— Blaze, tome um banho longo. Você tá fedendo.

Meu sorriso aumenta até tomar o meu rosto inteiro.

Eu tenho o melhor irmão do mundo.



Assim que fecho o forno após colocar a pizza lá dentro, a porta do apartamento se abre e Arkin entra e vem até a cozinha, vestindo uma bermuda e regata. Seus cabelos estão molhados, confirmando o que tinha dito sobre ter ido surfar.

Fico instantaneamente nervosa, sentindo seu olhar me acompanhar enquanto me movimento pela cozinha, lavando e guardando as coisas que utilizei para preparar a pizza. De soslaio, vejo sua figura parada, um ombro escorado contra o pilar de gesso na entrada da cozinha.

Não sei mais como devo agir perto de Arkin. Não sei o que dizer e nem o que pensar. Se eu soubesse que aquela noite terminaria com ele me levando para casa, eu definitivamente não teria bebido tanto.

Só de pensar nas coisas ridículas que devo ter dito sob influência do álcool, sinto vontade de pular da janela.

— Está cozinhando? — Ele finalmente quebra o silêncio. Engulo em seco o nó em minha garganta antes de responder, ainda sem olhar na sua direção:

— Sim, fiz pizza.

Quando começo a passar um pano para limpar o balcão que eu já limpei há vinte minutos, Arkin finalmente entra na cozinha e se aproxima.

— Blaze — chama, colocando uma mão no meu braço. — Você tá bem?

Parece haver preocupação legítima em sua voz e isso me faz tomar coragem para levantar a cabeça e encará-lo de uma vez.

Não sei porque diabos eu estou envergonhada perto de Arkin Sawyer, mas não posso evitar. Ele é um atleta mulherengo e festeiro, que está sempre envolvido em alguma fofoca na internet, e mesmo assim estou envergonhada pela situação de ontem à noite.

Acho que o problema não é saber que ele me viu totalmente bêbada e até me colocou na cama porque eu era incapaz de fazer isso sozinha, mas saber que ele me viu com a guarda abaixada. E, obviamente, também me incomoda pra caramba não saber exatamente o que eu fiz ou disse ontem. Posso ter sido mais patética do que estou supondo que fui.

Os olhos verdes de Arkin escaneiam meu rosto minuciosamente, como se estivessem procurando por alguma coisa.

Decido que é melhor tomar coragem e mencionar o elefante na sala antes que ele faça isso.

— Sinto muito se eu fiz ou disse alguma coisa embaraçosa ontem. Não costumo beber tanto assim.

Mesmo quando Effy e eu saíamos para ir a alguma festa, era sempre ela quem bebia até perder a consciência. Eu ficava responsável por garantir que ela não fizesse nenhuma loucura da qual se arrependeria depois.

Acho que ontem eu descontei todas as minhas frustrações da semana numa mesma noite de bebedeira.

— Tudo bem, sem problemas — garante Arkin, cruzando os braços sobre o peito. — Você não se lembra de nada?

— De praticamente nada. Foi muito ruim?

Não acredito que estou tendo esse tipo de conversa com Arkin Sawyer. É quase como se ele estivesse sendo civilizado em vez de agir como o babaca egoísta de sempre. Essa mudança me deixa ainda mais receosa sobre o que pode ou não ter acontecido naquela noite.

Arkin dá de ombros e se afasta.

— Nada que eu mesmo já não tenha feito antes. — Ele deveria saber que isso não me faz sentir nem um pouco melhor. Tem o efeito contrário, na verdade. — Quem diria, pequena B, você é uma grande festeira.

Não respondo, apenas vou até o armário e pego os pratos para o almoço, colocando-os no balcão.

— Obrigada por ter... você sabe. — Pigarreio, evitando seu olhar.

— Não, não sei.

Suspiro, me virando de volta pra ele. Certo, vou ter que engolir meu orgulho.

— Obrigada por ter cuidado de mim na noite passada — digo, de uma vez.

Arkin Sawyer era a última pessoa que eu confiaria para depender em estado de embriaguez, mas ele me surpreendeu. Pelo o que me lembro, ele foi gentil e cuidadoso quando poderia apenas ter deixado eu me virar sozinha.

Ele sorri, cruzando os braços.

— De nada.

— Blaze, você... — A voz de Kyle nos interrompe. Ele estava entrando na cozinha quando parou ao notar a presença do meu colega de apartamento. Mordo o interior da bochecha, alternando meu olhar entre os dois. — Você é Arkin Sawyer?

— Da última vez que chequei, sim — Arkin responde em tom de diversão. — E você é...?

Kyle parece tão impressionado que poderia desmaiar bem ali. Sua reação me faz sorrir. Eu sabia que ele gostava de surfe e era fã

do Sawyer, mas não pensei que era tanto. Seus olhinhos estão brilhando e ele está realmente sem palavras.

Não o culpo. Provavelmente eu ficaria assim também se ficasse frente a frente com um dos meus ídolos do rock.

Acho que devo ajudá-lo.

— Arkin, este é Kyle, meu irmão caçula. Ele é um grande fã de surfe.

— Você namora a minha irmã? — Kyle pergunta de repente, me fazendo engasgar.

— Não — me apresso em negar. — Ele só tá morando aqui por um tempo.

Kyle me olha com os cílios cerrados, sua maneira de me informar que está chateado por eu não ter contado isso a ele antes. Eu deveria mesmo, mas a última semana foi uma bagunça completa que isso nem passou pela minha cabeça.

Arkin acha graça da minha resposta, mas não diz nada sobre isso, apenas se vira de volta para meu irmão.

— Então você surfa?

— Não, não temos dinheiro para as aulas.

— Bem, o que acha de eu te dar umas aulas de graça então? — Arkin oferece, sem nem pensar. Vejo Kyle se encher de esperança antes que eu possa impedir.

— Arkin, não precisa...

Essa não parece uma boa ideia por vários motivos. Começando pelo fato de que não quero dever favores para Sawyer. Essa é a última coisa da qual preciso. Além disso, não sei se o que Kyle precisa agora é passar tempo com alguém irresponsável e indisciplinado como meu colega de apartamento.

— Por favor, Blaze — Arkin pede com seriedade.

Acho que nunca o ouvi dizer essas palavras antes.

Olho para Kyle por um momento e me deparo com o maior olhar pidão que existe.

Sei que aprender a surfar é o que meu irmão mais quer desde que descobriu o esporte e também sei que o chateia não

termos dinheiro para as aulas. Mas não posso simplesmente entregar a alguém que mal conheço a responsabilidade sobre meu irmãozinho. Nem sempre vou poder acompanhar as aulas por causa do trabalho e o surfe é um esporte perigoso...

O oceano é um lugar perigoso. Não é à toa que quase me afoguei quando tinha a idade de Ky. A lembrança faz um calafrio me atingir e gelar as extremidades do meu corpo. É uma das piores memórias que tenho e o motivo pelo qual evitei o mar durante todos os últimos anos da minha vida. Imaginar meu irmão nessa situação é quase sufocante.

Kyle deve ter interpretado meu silêncio como uma negativa, porque nem fica ali para ouvir. Se vira e vai embora, triste e contrariado, me deixando culpada. Suspiro, massageando as têmporas.

Tudo o que eu sempre quis foi proteger meu irmão, garantir que esteja seguro.

Arkin deve ter captado cada uma das preocupações que cruzaram a minha mente e me fizeram hesitar, porque logo depois ele diz:

— As primeiras aulas são na areia. Ele não vai para a água até que esteja pronto. Vamos tomar todas as precauções e medidas de segurança, prometo. — Arkin Sawyer prometendo alguma coisa? Principalmente alguma coisa relacionada à responsabilidade? Parece pouco provável. — Você pode até assistir a algumas aulas para se sentir mais segura.

— Kyle é só uma criança — argumento. — Ele pode se afogar.

— Eu também era uma criança quando Eric me ensinou a surfar. Ele não deixou que nada acontecesse comigo e também não vou deixar nada acontecer com o Kyle. — Franzo o cenho com o tom de seriedade em sua voz. Ele parece querer muito ajudar e não faço ideia do motivo. Mas, pensando bem, talvez tenha a ver com Eric. — Blaze, pode confiar em mim pelo menos uma vez?

Suspiro, cedendo.

Vou fazer isso por Kyle. Porque acho que ele nunca quis tanto algo antes.

Nossa vida nunca foi fácil, colecionamos várias frustrações ao longo dos anos. Coisas que não podíamos ter ou fazer, porque não tínhamos dinheiro ou porque os vícios de Dinah estragavam todos os planos. Nossa vida praticamente era ditada pelos problemas dela. Alguns dias, era quase insuportável viver assim.

— Vai cuidar dele com a sua vida? Nada menos que isso serve.

— Prometo que vou.

Acho que nunca vi Arkin tão sério quanto nesse momento. Seus olhos estão fixos em mim e transmitem uma espécie de segurança, algo que Ky e eu nunca tivemos muito. Segurança, estabilidade, confiança... Todos esses são valores essenciais na criação de alguém e todos estiveram ausentes no lar dos Kingston.

— Tudo bem, mas apenas uma aula por semana. O foco dele tem que continuar nos estudos.

Em seguida, Arkin faz a coisa mais improvável possível: se inclina e dá um beijo estalado em minha bochecha antes de seguir atrás de Kyle para contar a notícia.

Arregalo os olhos, sentindo meu rosto formigando onde os lábios dele estiveram e, involuntariamente, meu coração pula uma batida. Minha eu de doze anos que nutria uma paixão secreta por ele está comemorando em algum lugar dentro de mim e é difícil afastá-la. É difícil não sentir o frio na barriga e é difícil não ficar um pouco extasiada com esse gesto tão simples.

Deus... Arkin consegue mesmo mexer com a minha mente.

Chacoalho a cabeça, tentando afastar esses pensamentos e calar esses sentimentos intrusos, e me debruço no balcão, assistindo meu irmão e, aparentemente, seu novo amigo comemorarem com um *high five*.

Acho que faz anos que vi meu irmão tão feliz assim. Provavelmente, na última vez em que nosso pai resolveu aparecer. Kyle o adorava e, depois daquele Natal em que voltou pra casa, ele sumiu de vez.

Ky tinha só cinco anos.

Foi depois disso que nossa mãe resolveu jogar tudo para o alto e parou de se importar com tudo, como se não tivesse que criar duas crianças indefesas e assustadas.

Os feriados eram as piores datas, e Ky e eu passamos todos eles com a família de Effy assim que nos tornamos amigas. Nunca sabíamos se encontraríamos nossa mãe ao voltar para casa. Por muito tempo, pensei que, um dia, minha mãe iria embora como nosso pai. Algumas vezes, torci para que fosse. Sua presença só magoava a Kyle e a mim.

De qualquer forma, acho que estive tão obcecada em proteger Kyle de qualquer risco aparente que poderia ter estragado a oportunidade que Arkin oferecia.

Ao menos Jackson pode estar certo quanto a uma coisa: preciso relaxar.

12

Blaze

Estou caminhando por um dos corredores do prédio da faculdade quando meu celular começa a tocar, interrompendo a música que tocava em meus fones de ouvido. Quando vejo o nome de Effy na tela, suspiro e, com pesar, nego a chamada. Não sei exatamente o porquê, mas não estou com humor para ouvir sua empolgação ao relatar todas as experiências incríveis que está tendo em L.A.

Não sei como dizer a ela que as coisas aqui em Cardeen Bay não estão muito melhores do que eram em Sacramento. Não sei o que fazer com a minha mãe e, às vezes, essas preocupações nem me deixam dormir. Ainda vai demorar alguns anos para que Kyle cresça e se torne responsável por si mesmo.

Até lá, tenho que cumprir o papel que nossa mãe não cumpre.

E, para completar minha lista de frustrações, divido o apartamento com Arkin Sawyer.

Esse pensamento incômodo me faz parar em frente ao primeiro quadro de avisos que vejo para checar se meu aviso de procura a um colega de apartamento ainda está lá.

Embora faça pouco tempo desde que Sawyer se mudou, quero encontrar outra pessoa para morar comigo antes do fim do período de três meses que acordamos. Infelizmente, não recebi nenhum outro e-mail interessado na vaga. Pensei até que os cartazes que Finn e eu penduramos poderiam ter sido arrancados, mas não foram.

Ao menos, esse aqui não foi. Ainda está intacto, pregado ao quadro junto com outros folhetos e cartazes. Acho que apenas não estou com sorte. Só espero que três meses sejam o suficiente para encontrar alguém.

Movo meu olhar pelos outros cartazes. Tem de tudo por aqui. Alguns oferecem aulas particulares, outros estão à procura de um serviço de DJ... Tem também alguns folders com os próximos eventos acadêmico. Um deles prende minha atenção. É sobre uma audição feita pela Universidade em parceria com a Gravadora *Global Records*, de Los Angeles.

Segurando minha bolsa mais firme no ombro, começo a ler as informações. Aparentemente, uma série de audições com os alunos da graduação em Música serão feitas no próximo mês e um deles vai ser escolhido para um contrato de um ano com a gravadora. Sinto que meus olhos estão brilhando neste momento.

Um contrato com a *Global Records*... Isso não significa apenas dinheiro, mas uma oportunidade real de trabalhar com música, de correr atrás do meu sonho. Isso é uma das únicas coisas que me importava durante minha adolescência.

Trabalhar com música não é fácil. Algumas pessoas passam a vida inteira buscando uma oportunidade de fazer dar certo (acho que meu pai é uma dessas pessoas). E a única coisa capaz de nos mover nessa direção é a paixão.

Para mim, a música não é *apenas* um trabalho e, por isso, a *Global Records* não é *apenas* uma oportunidade. A música me move e me faz respirar. Quando estou compondo, colocando todos os meus sentimentos e conflitos no papel e transformando isso em arte, a vida parece fazer mais sentido. Quando canto ou toco, me sinto livre. Isso é a maior parte de mim.

É o que torna Cardeen Bay tão frustrante para mim. Não há muito espaço para grandes músicos em cidades pequenas da Carolina do Norte.

A parte debaixo do cartaz diz para que os interessados procurem o professor Hayword. Ele dá aulas no Laboratório de Orquestra, disciplina obrigatória no período em que estou cursando. Não sei porque ele nunca mencionou esse concurso, mas, definitivamente, estou interessada.

Checo o relógio em meu pulso para ter certeza de que ainda tenho dez minutos antes do início da próxima aula e me viro, correndo para o lado oposto do corredor. Subo as escadas,

galgando os degraus de dois em dois, e percorro o terceiro piso em busca da sala 457. Quando a alcanço, já estou ofegante. A porta está aberta e, felizmente, encontro o professor Hayword sentado em sua mesa folheando alguns papéis.

Assim que paro na soleira da porta, ele levanta o rosto em minha direção.

Hayword tem em torno de quarenta anos e é um violoncelista conceituado na sua área. Se formou em *Juilliard*, o que torna muito curioso o fato de ele estar atualmente em Cardeen Bay. Ele é alto, tem a pele negra e os cabelos castanhos em *dreadlocks.* Ele parece mais novo do que sua idade, na verdade.

— Senhorita Kingston, posso ajudá-la? — pergunta, com seu tom formal de sempre.

Hesito um pouco antes de dar dois passos para dentro de sua sala.

— Eu acabei de ver o cartaz sobre as audições da *Global Records* e fiquei muito interessada. Um contrato com uma gravadora desse nível parece surreal, eu...

Paro de falar quando vejo a expressão em seu rosto. Ele comprime os lábios e suspira, deixando os papéis sobre a mesa.

— Sinto muito, mas o número máximo de vagas já foi preenchida no verão.

Sinto minhas esperanças e expectativas serem amassadas como papel e arremessadas na lata de lixo. Meus ombros encolhem e me forço a engolir o bolo de frustração que se formou em minha garganta.

— Oh... — Balanço a cabeça, assimilando. — Tudo bem, eu entendo.

— Talvez no próximo ano? — Ele dá um pequeno sorriso otimista que me sinto obrigada a retribuir.

— Claro, no próximo ano. Obrigada.

Suspiro também, me virando e me distanciando da sua sala e voltando para as escadas. Fui muito idiota de deixar que um pequeno cartaz me enchesse de esperança. Já deveria imaginar que nada é assim tão fácil.

De volta ao segundo piso, na sala da disciplina de Produção de Mídia, me sento e espero a professora, que se atrasa.

Uma música do *Skid Row* toca alto em meus fones de ouvido enquanto meus olhos leem e releem as palavras rabiscadas em uma das páginas do meu caderno de composição. Tento compor, porque a música sempre é a única coisa capaz de me consolar. Infelizmente, não tá dando muito certo agora.

Nada parece ficar bom ou mesmo aceitável. É como se os versos não se encaixassem, como se não pertencessem à mesma composição. No fim das coisas, talvez seja até bom que eu não participe das audições. É melhor me frustrar agora do que depois, quando eu não fosse aceita pela gravadora.

Bufo, riscando tudo com a ponta do lápis e passando para uma nova tentativa em uma folha em branco. Às vezes gostaria de fazer exatamente isso com a minha vida: virar a página e começar tudo de novo numa folha em branco.

Estou sentada na fileira do meio do auditório, nem muito no fundo e nem muito na frente. Não estou muito focada hoje e, assim que vejo uma figura desfocada passar pela porta e vir na minha direção, levanto a cabeça para olhar.

Embora ainda seja de manhã, Mia parece estar arrumada o suficiente para desfilar numa passarela agora. Seus cabelos estão perfeitamente arrumados e brilhante e não há nem uma sombra de olheira em seu rosto.

A amiga de Arkin se senta no lugar vazio ao meu lado e sorri para mim, seu olhar escorregando por um momento para o caderno aberto à minha frente. Retiro os fones de ouvido antes que ela diga:

— Hey.

— Hey — cumprimento, franzindo o cenho. — Não sabia que estudava música.

— Ah, não, faço Biologia Marinha. Mas Produção de Mídia parecia uma boa disciplina eletiva. — Ela dá de ombros. — Se divertiu na festa de sábado?

Não posso evitar a careta que surge em meu rosto assim que me lembro daquela festa. Queria poder simplesmente passar uma

borracha nesse evento e apagá-lo da minha memória. Ou, ao menos, apagar aquele *body shot.*

Não apenas porque foi uma péssima decisão lamber meu arqui-inimigo na frente de todo mundo, embora eu só o tenha feito para não dar o braço a torcer na frente de Arkin. Mas, principalmente, porque ainda consigo sentir o gosto salgado e quente de sua pele em minha língua, se fechasse os olhos. Ainda consigo sentir seu cheiro fresco de colônia masculina e mar pinicando em meu nariz.

É um maldito pesadelo.

— Tirando o fato de que eu deveria ser proibida de beber novamente, me diverti sim.

Mia dá risada, mostrando seus dentes retos e brancos, sem nenhuma imperfeição.

— Beber até fazer bobagem é um rito de passagem em Cardeen Bay, ninguém vai te culpar por isso.

Se essas bobagens não envolvessem Arkin Sawyer, eu não teria problema com isso. Até onde eu sei, posso ter dito algo revelador para ele naquela noite. Ao menos ele não usou isso contra mim depois. Espero que continue assim.

Ontem, percebi que perdi meu irmãozinho para Sawyer. Normalmente, eu estaria furiosa por isso, mas foi impossível depois que observei eles juntos. Dizer que eles se deram bem séria um eufemismo. Ky não se divertia tanto assim há anos. E tenho que admitir que Arkin parece ter jeito com crianças. Ele conseguiu entreter meu irmão durante a tarde toda, de uma maneira que eu nunca consegui.

A parte mais confusa é que ele pareceu gostar disso. Pareceu gostar de passar um domingo assistindo *Family Guy* e jogando videogame com uma criança de treze anos.

Foi meio bizarro.

Afasto esses pensamentos da minha mente e fecho o caderno que ainda está aberto na mesa. Me viro para voltar a falar com Mia e reparo que algumas pessoas sentadas ao redor estão

olhando na nossa direção de maneira nada discreta. Outras estão cochichando entre si, também com olhos virados para Mia e eu.

Uau, as pessoas daqui são mesmo um exemplo de discrição.

— Por que todo mundo tá te encarando? — pergunto baixinho, voltando-me para a loira sentada ao meu lado.

Ela nem olha ao redor para checar, apenas crispa o nariz e se inclina na minha direção com ar de quem lamenta.

— Não estão olhando pra mim, Blaze. — Significa, então, que estão olhando pra *mim*. — Você checou suas redes sociais hoje?

— Não, mas se estiverem falando sobre aquela festa ridícula, não me importa.

Mia franze os lábios numa linha fina, como se estivesse escondendo alguma coisa. Sua reação me deixa preocupada. Me endireito sobre a cadeira, meus ombros ficando automaticamente tensos.

— Não é sobre a festa?

Ela nega com a cabeça antes de apanhar seu celular da bolsa de grife que carrega com si. Mia procura algo no aparelho e volta a me fitar. Seu rosto não apenas está sério, mas também um pouco consternado.

— Sinto muito, pensei que você sabia.

Agora estou mesmo aflita.

Pego o *iPhone* de sua mão e olho para a tela. É um vídeo que alguém postou nos *stories* do *Instagram* ontem à noite. A voz de Jackson soa alto, atraindo a atenção de todos aqui que ainda não estavam me encarando.

Alex está sentando na beira da fogueira, com a ruiva da festa em seu colo. Seus olhos estão vermelhos e relaxados e é óbvio que está bêbado e chapado e que foi gravado no meio de uma conversa.

“*O que posso dizer? Blaze Kingston ama o meu pau. Mas ela só serve para uma boa foda. Uma foda bem bruta, se vocês me entendem.”*

Em seguida, ele começa uma imitação ridícula de gemidos sexuais enquanto revira os olhos e é ovacionado pela risada de

seus amigos. O vídeo termina logo depois e o auditório inteiro cai num silêncio sepulcral.

Pisco. Uma, duas, três vezes até sair do transe do choque. De modo robótico, estendo o braço e devolvo o celular de volta para Mia.

— Blaze, eu...

Não ouço o que ela diz depois, apenas recolho minhas coisas, jogando-as na mochila, e me levanto. Algumas dezenas de cabeças estão viradas na minha direção, com olhos curiosos vidrados em mim.

Não posso ficar aqui nem mais um segundo.

Passo por Mia, me espremendo entre as fileiras de assentos, e vou até as escadas, descendo os degraus com tanta velocidade que me surpreendo não ter caído.

Preciso sair daqui, essas paredes estão me sufocando. Não dou a mínima se vou perder a aula, nem se isso vai fazer com que todos fofoquem ainda mais. Não dou a mínima para porra nenhuma agora.

É quase a mesma coisa que aconteceu comigo aos doze anos. O sentimento de vergonha e humilhação é exatamente o mesmo.

Seguro a mochila com força e passo pela porta da sala como um furacão, sem nem olhar para a professora que se aproxima com o rosto confuso. Não vejo mais nada, nem ninguém, enquanto percorro os corredores até sair do prédio.

Sei que não devo dar a mínima para o que um idiota como Jackson diz sobre mim, mas simplesmente não consigo. Odeio me sentir vulnerável e exposta. Não sou uma puritana, mas a maneira como Jackson falou, como se eu fosse um objeto descartável... *foi nojento*.

Foi depreciativo e vexatório.

Passamos o verão juntos e é isso o que ele pensa de mim? É que diz para seus amigos?

Quando percebo que meus olhos estão ardendo com as lágrimas iminentes, preciso me desviar do caminho para a saída do

campus e correr até o banheiro mais próximo. Pelo menos ele está vazio assim que entro e me tranco numa das cabines.

Coloco as mãos na cabeça, olhando para o teto cinza do banheiro e piscando repetidamente para afastar as lágrimas. Me recuso a chorar por isso. Eu não sou assim. Não sou de deixar ninguém me atingir. Não *posso* ser assim.

Acho que é um acúmulo de coisas que desaba sobre mim de uma vez só, ou, ao menos, é o que vou dizer a mim mesma para me convencer de que Alex Jackson não me fez chorar. É a frustração de estar num lugar onde não quero estar, a raiva que sinto da minha mãe, o medo que sinto por meu irmão, a saudade de Effy... É tudo isso que transborda.

O som da porta do banheiro se abrindo me assusta e me apresso em passar as mãos pelo rosto, me livrando de qualquer lágrima que possa ter vazado sem minha permissão. Prendo a respiração para que um soluço não escape. Seria bem pior se estivessem falando por aí que me deixei abalar por aquele vídeo ridículo.

— Blaze? — A voz de Arkin me faz fechar os olhos e bufar. — Eu sei que você está aí.

Era só o que me faltava.

Sawyer me ver chorar é *exatamente* o que faltava para estragar de vez esse dia de merda. Como se já não bastasse ele ter me visto vomitar na outra noite.

— Esse é o banheiro feminino, Sawyer, cai fora.

— Não — ele se recusa.

Vejo a sombra de seus pés debaixo da porta, ele está parado diante da cabine em que estou me escondendo. Solto internamente uma dúzia de palavrões e permaneço com os olhos fechados, tombando a cabeça contra a parede do reservado.

— Quer conversar?

— Não. Eu não quero conversar com ninguém, muito menos com você.

Ele bufa alto lá fora. Ótimo, tomara que isso signifique ele está perdendo a paciência e está prestes a ir embora.

— Jackson é um babaca.

— Eu sei e não me importo com o que estão dizendo de mim.

— Se importa sim. Todo mundo se importa, Blaze.

— Eu não — minto descaradamente e torço para que ele não perceba.

— É mesmo? É por isso que está se escondendo aí dentro?

Nem mesmo num momento desses eu consigo me livrar da presença irritante de Arkin Sawyer. Certamente ele foi colocado na minha vida como punição para que eu pague por todos os meus pecados.

— Não estou me escondendo — retruco, por mais que ele esteja certo. O inferno vai congelar antes que eu diga a Arkin que ele tem razão de algo. — Vá embora e me deixe em paz, Sawyer.

Não quero que Arkin me veja assim tão vulnerável e patética.

Por um momento ele fica em silêncio e penso que finalmente me livrei dele. Mas não tenho tanta sorte e vejo sua sombra ainda parada do outro lado da porta que nos divide.

Engulo em seco e me sento sobre a tampa abaixada do vaso sanitário.

Não sei quanto tempo pretendo ficar aqui me escondendo dos olhares inquietantes dos fofoqueiros de Cardeen Bay, mas não me importaria de ficar para sempre. Ou, ao menos, até eu ter um plano para dar o fora dessa cidade e nunca mais olhar para trás.

— Quando Eric começou a surfar profissionalmente, todos ficaram de olho nele. Ele era um Sawyer, afinal, e nosso pai estava no auge naquela época. Ele estava sendo pressionado pra caralho por todo mundo e achou que precisava provar algo, principalmente depois que se lesionou numa queda. Então ele voou para o Havaí para surfar num dos lugares mais traiçoeiros. Eric não estava pronto e não estava totalmente curado da lesão. Ele caiu da prancha de novo, mas não voltou dessa vez.

Meu corpo inteiro se arrepia de apreensão com a história que Arkin está contando. Memórias de um Eric jovem e sonhador surgem na minha cabeça. Mesmo achando Arkin um babaca desde a época em que convivíamos juntos aqui em Cardeen Bay, era

impossível não notar a admiração que ele sentia pelo irmão mais velho.

Deve ter sido doloroso perder o irmão dessa forma. Tento me imaginar perdendo Kyle e algo bate profundo em meu peito, um nó pesado se alojando na base da minha garganta. Me forço a engoli-lo e encaro fixamente a porta azul-claro da cabine, como se pudesse enxergar a silhueta de Arkin através dela.

Isso, este momento, parece pessoal demais para se compartilhar com alguém que você odeia.

— Por que você tá me contando isso? — pergunto, com a voz pacífica.

Por que ele está se abrindo agora, logo comigo? Não somos os melhores amigos do mundo. Bem longe disso, na verdade. Sequer nos suportamos.

Não sei o que faria se fosse ao contrário, mas duvido que eu conseguiria simplesmente abrir meu coração para fazê-lo se sentir melhor. Ele é Arkin Sawyer, no fim das contas, e esmagou meu coração com seu punho uma vez. Tudo bem que ele tinha apenas doze anos na época, mas, mesmo assim... Ele me envergonhou publicamente e nunca pediu desculpas por isso.

Gostaria de não ser do tipo que guarda rancor, mas realmente guardo.

— Depois que ele morreu, todos acharam que tinham o direito de dissecar a vida dele e da nossa família na internet, do jeito que bem queriam. Meus erros da adolescência viraram manchetes de sites de fofoca como o *Cardeen Bay Gossip* — diz, baixinho. Apesar de não poder vê-lo, nem olhar em seus olhos agora, consigo sentir o sofrimento em sua voz. Aquele assunto o machuca. *Muito*.
— O que eu quero dizer é que as pessoas estão à procura de apenas uma oportunidade para tentar te destruir. Sempre vão fazer isso na internet, porque é onde se sentem mais poderosos. E não é justo, porque o mundo não é justo. Mas o que eles dizem de você nunca vai definir quem você é e não vai te atingir se você não der esse poder a eles. Se as pessoas não te conhecem de verdade, não podem te machucar.

Sou pega desprevenida por suas palavras e cada uma delas bate em mim com força, me atropelando. Várias coisas passam pela minha cabeça e percebo que estive totalmente enganada. Talvez sobre tudo.

Sawyer pode não ser apenas o atleta canalha que eu passei toda a minha vida acreditando. Como diabos não percebi isso? Que tipo de babaca cuida de uma garota bêbada que no dia anterior jogou suas roupas pela janela e depois a conforta no banheiro?

Ou eu bati a cabeça e perdi todo meu discernimento, ou Arkin Sawyer é... *gentil*?

Engulo em seco, sentindo meu coração doer por Eric e também por Arkin. Por tudo o que ele teve que passar, tudo o que esteve guardando dentro de si e compartilhando agora, *comigo*.

Franzo o cenho, meus olhos percorrendo toda a extensão da porta da cabine. Tomo um momento para assimilar o que ele acabou de me dizer e, principalmente, para assimilar Arkin. Pensei que não fosse difícil compreendê-lo. O que havia para saber sobre um garoto rico e mimado que passou a adolescência achando que o mundo era apenas o seu *playground*? Bem, muito mais do que eu imaginava, acho.

Por incrível que pareça, o que ele disse me faz sentir melhor e sua presença aqui, mesmo que estejamos separados pela porta dessa cabine, me faz sentir, de alguma forma, menos sozinha.

Ele tem razão, no fim das contas. Jackson não me conhece realmente e menos ainda as pessoas que estão por aí fofocando sobre mim.

Talvez o inferno congele hoje, porque posso estar prestes a dizer a Arkin que ele tem razão. E, na verdade, posso estar prestes a dar um abraço nele. Um abraço de agradecimento e de conforto, algo que, talvez, afaste um pouco a dor que esteve presente em sua voz enquanto ele contava aquela história.

Respiro fundo e me levanto, tomando coragem para abrir a porta e encará-lo. Mas, quando o faço, me frustro ao me deparar apenas com um banheiro totalmente vazio.



— Acho que Mason precisa transar — Alice diz de detrás do balcão do Meg's. O movimento está bem lento hoje, o que permite que Sage, Alice e eu possamos fofocar entre um cliente e outro.

Isso me ajuda a manter a mente ocupada — na medida do possível.

— Ele ainda tá estressado? — Sage pergunta, sem conseguir esconder o sorriso de diversão em seu rosto delicado.

Zombar de nosso chefe é o melhor dos passatempos. Mason não vem com frequência aqui na lanchonete, mas quando vem, está sempre mal-humorado e resmungando pelos cantos. Não faço ideia do que o aborrece tanto, mas não deixa de ser divertido. Ao menos ele não deixa que seu temperamento irritadiço transpareça para os clientes. Os funcionários, contudo, não têm tanta sorte.

— Ele deve ter nascido estressado — respondo, entrando na conversa. As duas riem.

— Acho que tem a ver com divórcio. A aliança sumiu do dedo dele — Alice conta. — Além disso, ele falou que vai acompanhar o trabalho aqui, alguns dias por semana.

Não sabia que nosso chefe é casado — ou *era*. Bem, acho que isso explica muito coisa, pra falar a verdade. Não sei se já conheci alguém que realmente é feliz no casamento. Meus pais fizeram um ótimo trabalho em demonstrar onde casamentos levam: infelicidade, traição, abandono e arrependimentos.

É por isso que prefiro deixar os relacionamentos sérios bem distantes dos meus planos para o futuro. Todo mundo vai embora, no fim das contas.

— Caramba, deve estar sendo difícil — Sage lamenta, ficando pensativa por um instante.

Metade dos casamentos terminam em divórcio. Grande parte dos relacionamentos estão fadados ao fracasso desde o início. Acho que o dos meus pais se encaixa nisso. Nenhum deles estava preparado para as implicações de um casamento e, mais ainda, de ter filhos.

Eles eram adultos, mas nunca agiram dessa forma. Joe só se preocupava em fazer sua carreira musical dar certo e Dinah queria

ter o mesmo estilo de vida que tinha quando acompanhava a banda do meu pai nas turnês, só que ela não podia porque tinha que cuidar sozinha de seus dois filhos.

Joe disse, em algumas das discussões com minha mãe, que nós éramos a âncora que impedia sua vida profissional de deslanchar. Acho que o motivo da minha mãe nunca ter se recuperado desse relacionamento é o fato de ele não tê-la levado junto quando finalmente foi embora de vez.

Sinto olhares sobre mim e levanto o olhar, encontrando Sage me encarando com preocupação. Não estou muito falante hoje e acho que ela percebeu. Tudo o que eu queria era passar o dia todo no meu quarto, mas não podia faltar ao trabalho.

Quando cheguei ao Meg's hoje mais cedo, sabia que ela já tinha ouvido a nova fofoca quente de Cardeen Bay. Em vez de me perguntar como eu estava, o que me faria lembrar de toda aquela merda novamente, Sage apenas me deu um sorriso reconfortante e iniciou uma conversa trivial que serviu para me distrair.

Às vezes, a melhor coisa que se pode fazer por um amigo é ficar em silêncio e apenas permanecer ao seu lado.

Pelo resto da tarde, tento ao máximo manter minha mente focada enquanto trabalho, mas depois de trocar dois pedidos e deixar a bandeja cheia de louça suja cair no meio do salão, eu finalmente percebo que minha tentativa não está me levando a lugar nenhum.

Arkin Sawyer está por toda a minha cabeça e eu só quero descobrir como tirá-lo de lá.

Suas atitudes controversas me deixam confusa. Antes, achava que sabia exatamente o que esperar dele. Mas agora, algo mudou. Arkin pode me surpreender e me pegar desprevenida como fez hoje no banheiro.

E não gosto de ser pega de surpresa. Nem um pouco.

Mais do que tudo, não gosto que me vejam vulnerável e hoje foi a segunda vez que Arkin lidou comigo assim. É muito estranho. Não sei como vou aguentar três meses dividindo o apartamento com ele.

Agradeço aos céus quando o horário do meu intervalo chega, após algumas horas bem lentas de trabalho duro na lanchonete. Agora posso finalmente parar de fingir que não estou com a mente em qualquer outro lugar que não seja o aqui e agora.

— Vou sair pra fumar — aviso Sage e Alice após apanhar o maço de cigarros e o isqueiro na minha bolsa atrás do balcão.

Quando desço os degraus para o beco lateral do Meg's, um vento gelado me atinge. Olho para cima, vendo as nuvens se acumularem no céu cinza-escuro acima da minha cabeça. Acho que vai chover em breve. Já era hora. O tempo tem estado tão seco e quente nos últimos dias que beira o insuportável. Não vejo a hora do outono chegar

Mesmo com a mão em concha sobre minha boca para impedir que o vento apague a chama do isqueiro, minhas tentativas de acender o cigarro entre meus lábios falham miseravelmente. Depois de um tempo, apenas desisto com um suspiro exausto.

Nem mesmo o vento quer colaborar comigo hoje.

Me viro para voltar para o interior da lanchonete, mas paro quando Jackson aparece em meu campo de visão, vindo até mim. Ele tá usando um moletom dos *Sharks*, as mãos nos bolsos, enquanto caminha para cá.

E ele está com um olho roxo.

— O que você tá fazendo aqui? Não quero falar com você, Jackson — digo, cruzando os braços.

Seus cabelos castanhos estão levemente bagunçados e, se ele tivesse aparecido há três dias, eu teria o achado sexy e provavelmente iríamos acabar transando. Mas agora não consigo sentir nada além de repulsa.

Alex suspira e levanta as mãos em rendição.

— Só quero conversar, Blaze.

— Você deveria ter tentado conversar antes de pegar outra garota na frente de todo mundo e gravar um vídeo no qual praticamente me chama de vadia.

— Eu não sabia que estavam gravando. Estava muito bêbado e chapado — argumenta. Levanto as sobrancelhas.

Ele vai mesmo usar isso em sua defesa? Patético.

Me viro, fazendo menção de voltar para dentro do Meg's.

— Tchau, Alex.

— Porra, Blaze, o que você esperava depois de ficar com o Sawyer? Você quebrou o acordo de exclusividade primeiro.

Volto meu olhar descrente para o rosto de Alex. Por um segundo, penso que ele está brincando ou me testando, mas sua feição está totalmente séria agora. Não consigo evitar rir, no entanto.

A ideia é tão ridícula que nem consigo acreditar que realmente saiu da boca de Jackson.

— Eu fiquei com Sawyer? Ficou maluco? De onde tirou isso?

Minha mente traidora me leva a pensar nisso, a me imaginar ficando com Arkin Sawyer. Para minha surpresa, meu estômago não se embrulha e uma careta de asco não surge automaticamente em meu rosto. Na verdade, meu corpo inteiro se arrepia quando lembro da fração de segundos em que nossos lábios se encostaram quando capturei a fatia de limão da sua boca na festa.

Teria sido muito fácil simplesmente agarrá-lo e matar minha curiosidade sobre o seu gosto.

A voz de Alex soa de novo, me trazendo de volta à realidade. Ainda bem. Esses pensamentos não vão me trazer nada além de problemas. É melhor mantê-los o mais distante possível.

— Todo mundo viu vocês tendo uma DR na festa que ele deu no seu apartamento na sexta.

Solto uma lufada de ar, incrédula.

— Não estávamos tendo uma DR, estávamos brigando porque estamos dividindo o apartamento e ele deu uma festa sem me avisar — esclareço, apesar de achar que Alex não merece nenhuma explicação minha.

Alex fica surpreso, levantando as sobrancelhas.

— Os caras da natação disseram que...

— Eu não dou a mínima para o que seus amigos falam. Você não acha que ao menos deveria ter falado comigo antes de me

tratar pior do que lixo no sábado?

Essa acusação o irrita e ele ergue seus olhos para mim sem nenhum vestígio de culpa neles.

— E você não acha que deveria ter me avisado que estava morando com o fodido Arkin Sawyer?

— O que há entre vocês, afinal?! — rebato, perdendo a paciência. Sempre soube que eles não se davam bem, mas nunca soube o motivo. Mas, de repente, um pensamento surge na minha cabeça. — Alex, quem bateu em você?

Ele ri.

— Advinha só? — Suspiro, respondendo mentalmente à minha própria pergunta antes que Alex precise fazê-lo. — Seu *namoradinho* fez isso. Bem no meio da porra do refeitório, na frente de todo mundo. Você precisa dele para te defender agora?

Porra. Não acredito nisso. Simplesmente não acredito que Arkin fez isso.

Eu vou matá-lo.

— Eu não controlo o que o Sawyer faz, Alex.

Ele balança a cabeça negativamente, pouco convencido. Não me importo se Jackson acredita ou não em mim. Não devo mais explicação nenhuma para ele, de qualquer modo.

— Você ia terminar comigo no sábado, não ia? — Não sei qual a relevância disso agora, mas não posso mentir.

Assinto com a cabeça, fazendo-o rir novamente.

— Combinamos que não deixaríamos isso aqui — aponto com o dedo indicando nós dois — ficar complicado. E olha só onde estamos.

Eu deveria ter terminado antes, quando Alex começou a acreditar que éramos namorados — e a fazer todo mundo acreditar nisso também. Achei que podia lidar com isso depois e só acabei me ferrando.

— Acho que eu não estava tão errado então. Você é mesmo uma vadia.

Uau. Todas as garotas automaticamente se tornam vadias só porque não querem namorar com o fodão do Alex Jackson? Nossa, como foi que eu não percebi que estava transando com um idiota chauvinista?

— Vai se foder, Jackson.

— Você já fez isso, lembra?

Não fico ali nem mais um minuto para escutar as merdas que ele tem a dizer.

Jackson não vai pedir desculpas pelo o que disse sobre mim. Mas esse é o problema com os babacas, concluo, eles nunca assumem seus erros, simplesmente porque não se importam. Em vez disso, preferem culpar os outros pelas merdas que fazem.

Lição do dia: ficar longe dos babacas, porque no fim das contas quem sai perdendo sempre será só você.

13

Arkin

Depois da minha última série de exercícios, estou acabado. Ofegante, me recosto contra a parede da academia para descansar e beber o resto da água na minha garrafinha.

Hoje tínhamos treino no mar, mas a chuva torrencial caindo lá fora estragou os planos do treinador Jenkins, então viemos para o Centro Esportivo pegar um pouco mais pesado na nossa rotina de exercícios físicos. Para mim foi ótimo, porque pude descontar de maneira produtiva toda a frustração e raiva de mim mesmo que estou sentindo desde que a Sra. McMiller me perguntou hoje mais cedo o porquê de eu ter faltado na prova de Cinesiologia semana passada.

Demorou uns cinco minutos até que eu lembrasse que foi num dia em que acordei de ressaca, sem nem lembrar do meu próprio nome, muito menos da maldita prova de Cinesiologia.

Nem precisei revelar o motivo à McMiller. Pela minha cara de culpado, ela logo deduziu. E o olhar que ela me deu não foi nada bom. Ela também não precisou me explicar o que ele significava, porque eu sabia. Eu sei. Se minhas notas baixarem, eu posso dar adeus à bolsa esportiva integral que consegui com meu próprio esforço, embora meu pai tenha dito que eu não conseguiria e que era melhor ele pagar de uma vez para que eu fosse aceito no programa de surfe.

Odeio ser subestimado, mas gosto de desafio. Passei o último ano do Ensino Médio estudando feito louco, mas passei brilhantemente na porra do programa e deixei a carta de admissão na mesa do escritório de Thomas. Ele não disse nada, nem me parabenizou. Acho que ele ainda estava muito puto por eu ter desistido da minha vaga em Medicina na UPenn.

Mas eu não podia ir. Não podia abandonar o surfe, mesmo depois que meu irmão morreu surfando.

Bem, de qualquer modo, o que importa é que não posso perder a bolsa que suei tanto para conseguir e, assim, dar a Thomas o gostinho de ver a minha derrota e saber que estava certo. Não vou mesmo.

Agora, estou suado e cansado, totalmente esgotado da última semana e da sessão pesada de treinos de hoje. Só quero voltar para casa cedo, provavelmente pela primeira vez na vida, e me jogar na cama para tirar um bom cochilo antes de estudar para a próxima prova de Cinesiologia.

Se teve algo que eu aprendi na aula de Anatomia Humana e Fisiologia é como nosso corpo precisa estar em equilíbrio com todas as nossas necessidades fisiológicas para que possamos ter um bom desempenho físico e mental.

Ou seja, preciso colocar meu sono em dia se quiser estar cem por cento em Nags Head e, ainda, gabaritar a prova e não reprovar na disciplina da McMiller.

Falta menos de um mês para o *Easterns* e, para retornar à Cardeen Bay com um troféu de primeiro lugar, vou ter que engolir meu orgulho e aceitar que meu pai está certo.

O estilo de vida que tenho levado não está contribuindo para que eu esteja no QS na próxima temporada. Odeio dar o braço a torcer e admitir que ele tem razão, mas ele realmente tem.

Porra.

— Caralho, acho que estou morto — Charlie diz, botando o supino no suporte e se levantando do assento do aparelho.

Levanto minha cabeça para olhar em sua direção.

Charlie tem a pele branca, muito clara e sensível, de modo que tem que passar toneladas de protetor solar antes de ir surfar. Assim que sua temperatura corporal aumenta, seu rosto fica vermelho como um pimentão. E é assim que está exatamente agora, e seu cabelo loiro-claro totalmente molhado de suor.

Jogo minha garrafa de água para ele. Charlie engole o resto do líquido no recipiente de uma só vez e depois seca o suor do rosto com uma toalha que retirou do bolso.

— Infelizmente, ainda está bem vivo e falante como sempre. — Maddox entra na conversa, vindo de seu treino de corrida na esteira.

Ele parece ser o único de nós que fica totalmente intacto depois de uma tarde de treino intensivo. O bastardo parece ser feito de aço, nada o abala. Parece incapaz de ficar cansado ou fadigado. Não deve ser humano.

Charlie arremessa a toalha em Maddox, que se esquiva e solta um grunhido de asco.

— Não jogue seus fluidos em mim, seu idiota.

Não consigo evitar rir.

Sinto falta de morar com os caras, eles sempre fazem eu me sentir mais inteligente quando estou perto deles.

— Vai ao Outpost mais tarde? — Charlie pergunta, se virando para mim.

— Hoje as mulheres pagam a metade do preço dos drinks, sabe o que isso significa? — Maddox complementa. — Vai estar cheio de gatas lá essa noite.

— Vou ter que passar. Tenho que estudar pra uma prova, senão vou me foder.

— Ah, é, cara. Esqueci que você é um nerd — Maddox provoca, sem esconder uma risadinha de deboche.

Rolo os olhos.

— Nem todos têm o seu talento especial.

Nunca vi Maddox Northwood se esforçar por precisar de nota em uma disciplina da faculdade. Ano passado ele quase reprovou, mas disse que reverteu a situação com sua lábia. Ele chama isso de seu *talento especial*. Mas eu e os caras sabemos que se trata de outra coisa.

— Desde quando transar com a professora de Literatura virou um talento especial? — Charlie pergunta, me fazendo rir alto.

— Desde que ela reprovou dois terços da classe e eu não fui um deles — Maddox se gaba, dando uma piscadela arrogante.

Balanço a cabeça, rindo.

— Vê se não reprova, cara. Precisamos de você nos Outer Banks — diz Charlie com seriedade, se virando pra mim.

Maddox e eu fomos os únicos Seabirds classificados para o *Easterns*, além de Mia, que vai competir na disputa feminina. Confio que um de nós dois vai levar o título masculino no Jannette's Pier em Nags Head, já que ocupamos os dois maiores espaços no ranking das regionais. Não vou negar que gostaria que fosse eu. Estive batalhando por isso desde que consigo me lembrar adoraria esfregar meu êxito na cara de Thomas Sawyer.

Mia também tem chances na disputa feminina. Na minha opinião, ela é uma das melhores surfistas que já vi. Seu talento é natural. Quando está no mar, ela se conecta totalmente com as ondas. É surreal.

— Tá brincando? — Maddox indaga, apontando para mim. — Sawyer não vai reprovar, ele é o cretino mais inteligente que conheço.

— Não vou reprovar — garanto, confiante. Consigo ser muito bom em tudo aquilo em que realmente me dedico. Se me esforçar, consigo tirar de letra a prova de Cinesiologia. — Por isso preciso ir pra casa estudar. Tenho algumas horas antes de Blaze voltar do trabalho.

Não que ela atrapalhe. Honestamente, quase nunca estamos no apartamento ao mesmo tempo. Blaze tem uma rotina agitada entre trabalhar e cuidar do Kyle, então sempre sai bem cedo e chega bem tarde. Eu, por outro lado, quase nunca durmo e acordo em casa, já que sempre tem alguma festa para ir e às vezes eu acabo dormindo na república e indo direto pra aula no dia seguinte.

Parece que ela faz isso de propósito para que a gente não se trombe acidentalmente. Acho que está me evitando desde a festa do último sábado. Não vou mentir, isso está me incomodando. Deveríamos ser capazes de interagir de maneira civilizada sem precisar ignorar um ao outro.

Mas, pensando bem, nada entre Blaze e eu é civilizado. Perto um do outro, agimos irracionalmente como dois adolescentes imaturos. É como um jogo e, por mais que seja excitante e divertido

às vezes, também me frustra pra cacete. Mas nada me frustra mais do que dividir o apartamento com um fantasma.

Deveria estar aliviado de não precisar discutir constantemente com Blaze porque sequer nos vemos com frequência e nos comunicamos apenas através de *post-its* sobre questões domésticas. Só que não é assim que me sinto. Pensei que iríamos progredir depois do fim de semana passado.

Contudo, Blaze permanece tão arredia quanto era aos doze anos.

Talvez não tenha sido uma má ideia definir um prazo para essa convivência, no fim das contas.

— Como tá sendo morar com a Kingston? Ela tem jogado alguma roupa sua pela janela ultimamente? — Charlie brinca.

— Não, mas eu preferia que estivesse — respondo, me lembrando daquela noite em que Blaze quase me fez perder o controle. Fiquei muito perto de puxá-la e beijá-la até que ela aprendesse a deixar de ser abusada. — Seu tratamento silencioso me irrita.

— Você é meio masoquista né? — ele pergunta. Não posso nem negar, realmente devo ser. — Harlow disse que deixaria você voltar pra república se pedisse a ele. Você faz falta lá na casa, Jay consegue ser um *déspota* do caralho quando quer.

— Nossa, quando foi que você aprendeu essa palavra? Pensei que seu limite fosse duas sílabas.

Dou risada.

Apesar de Jay e eu não estarmos nos matando, também não estamos nos falando muito. Sei que ele me deixaria voltar se eu pedisse, mas não farei isso por dois motivos. O primeiro, não vou engolir meu orgulho e voltar com o rabo entre as pernas. O segundo e decisivo motivo é que não estou pronto para desistisse do desafio de convivência com Blaze.

Após mais algumas provocações e comentários engraçadinhos do Charlie e Maddox, me despeço e saio da academia. Mas antes que eu possa, de fato, deixar o prédio, vejo

Mia tomando seu suco verde na lanchonete do Centro Esportivo. Ela acena assim que me nota e desvio do meu caminho para ir até ela.

A lanchonete está movimentada com os treinos de fim de tarde. Muitos dos caras ali observam Mia de longe, mas ela não dá atenção a nenhum deles. Parece estar com a cabeça avoada, como sempre.

Me sento à sua frente na mesa.

— Hey, como foi o treino? — pergunta, antes de colocar o canudo do suco de volta na boca.

Honestamente, não sei como ela consegue tomar essa coisa. Nem mesmo os benefícios proporcionados pela mistura podem me convencer a mandar esse líquido verde e pastoso goela abaixo.

Parece ter gosto de pântano.

— Normal. — Dou de ombros. — E o seu?

— Normal também, tirando o fato de Jill Tyler ter ficado cinco minutos ininterruptos falando sobre suas habilidades sexuais. — Mia rola os olhos. Me limito a rir. — Ela perguntou quando você sairia com ela de novo. Pensei que você detestasse figurinha repetida.

— Eu detesto.

Sei o que acontece após repetir uma transa várias vezes. Expectativas começam a ser criadas e a coisa toda fica mais pessoal do que deveria. Em geral, não me saio muito bem em corresponder às expectativas dos outros — meu pai que o diga. Então prefiro manter tudo o mais simples e descomplicado possível.

Transei com Jill Tyler umas três vezes e eu teria continuado, se não achasse que ela pode estar começando a se apegar.

— Falando nas minhas habilidades — continuo, usando o tom malicioso que irrita Mia. — Nós dois estamos bem sobre o que aconteceu, né?

Minha amiga nem titubeia, ela apenas sorri e inclina a cabeça.

— Ark, não é só porque vi o seu pau que não podemos mais ser amigos.

Sorrio com sua honestidade, essa é uma das características que gosto em Mia Harlow.

Sinto o peso em meus ombros se aliviar e relaxo meu corpo na cadeira.

Nunca quis colocar minha amizade com Mia em risco, mas o fiz assim mesmo, porque sempre acabo conseguindo estragar tudo. Ao menos isso não deixou as coisas estranhas entre nós. Podemos finalmente seguir em frente e esquecer aquele erro.

De repente, a expressão facial dela murcha e seus ombros caem.

— Além disso, eu ainda gosto do Lucas.

— Como ele ficou com todo o drama?

— Ele não pareceu se importar. Essa é a pior parte, porque significa que ele não quer mesmo nada comigo.

Esse é meu momento de ser cem por cento sincero com ela. Não posso deixar Mia criar mais expectativas ainda sobre essa coisa toda com Lucas. Se ele ficasse com ela agora, seria apenas para esquecer a ex e minha amiga merece mais que isso.

— Talvez você deva deixar pra lá, Mia. Não acho que ele vai superar a Mindy tão cedo.

Os olhos azuis de Mia desvanecem, o brilho de otimismo e esperança sumindo gradativamente. Sua boca se curva para baixo e ela desvia o olhar do meu, concentrando-se em seu suco verde.

— Por que o único cara que eu quero não me quer?

Minha mente treinadora ecoa aquela pergunta e a imagem de Blaze surge.

Ela é atraente quando briga comigo e me provoca, mas, porra, nada se compara à Blaze vulnerável de que tive um vislumbre no fim de semana passado. A garota é um mistério total.

Um mistério delicioso e perigoso. *Impenetrável*.

— As coisas são como são, Mia — respondo, tentando reconfortá-la. — Nem sempre podemos ter o que queremos.

Ela suspira e acena, se endireitando e livrando seu rosto de qualquer sinal de chateação.

— Falando nisso, como está sua mão, Rocky?

Faço uma careta antes de baixar o olhar para o dorso da minha mão direita. Os nós dos dedos ainda estão um pouco avermelhados desde que dei um belo soco em Alex Jackson na segunda-feira. Pensei que iria me sentir satisfeito depois, mas não me senti. Acho que ele merecia mais. Merecia algo que o fizesse sentir como ele fez Mia e Blaze se sentirem.

— Tá melhor do que a cara do Jackson — me gabo, subitamente de mau humor. Falar nesse otário sempre me deixa puto.

O silêncio recai entre nós, restando apenas o som das conversações que nos cercam. Quando volto minha atenção para Mia, a pego com seus olhos semicerrados e astutos já me escrutinando, um sorriso comedido pairando no canto de seus lábios finos.

— O quê?

— Nada. — Dá de ombros, inocentemente. — O treinador vai te matar.

— Não se ele não descobrir.

Se Jenkins ficar sabendo, ele vai me chutar da equipe e nem mesmo meu excelente desempenho nas regionais vai me safar dessa. Não sou cego e nem ele, nós dois sabemos que sou o *Seabird* mais promissor e relevante da equipe, meus números dizem por si só.

Mas Jenkins preza pela integridade de deus atletas. Ele odeia quando a gente se envolve em alguma confusão que possa nos comprometer nos campeonatos. Ele está certo e tenho tentado ao máximo entrar em qualquer tipo de briga física — algo que, lamentavelmente, eu fazia com frequência no Ensino Médio.

Só que não pude evitar perder o controle com Jackson. O desgraçado praticamente pediu por isso e eu estive querendo ensinar a ele uma lição desde que magoou Mia.

Babaca.



É impossível não ser atingido pela chuva no curto percurso entre meu carro e a entrada do prédio, porque está ventando pra caralho, de modo que as palmeiras que seguem toda a costa de Cardeen Bay estão sacudindo tanto que não me surpreenderia se fossem arrancadas do solo. As tempestades são comuns por aqui nessa época do ano, mas nunca me acostumei a elas.

Quando finalmente chego ao apartamento 43B, estou com os cabelos pingando e as roupas encharcaras. Antes mesmo de destrancar a porta com a minha chave e abri-la, ouço a evidência clara de que Blaze está em casa e é tão alto que abafa o ruído dos trovões e o uivar do vento lá fora.

Entro em casa e o barulho da guitarra fica ainda mais alto e impossível de ignorar. Blaze deve estar no quarto, tocando tão violentamente quanto consegue. Dá pra sentir sua irritação pelas notas intensas, quase brutais, do instrumento.

Franzo o cenho, checando a hora no meu celular enquanto retiro os tênis, chutando-os para baixo do aparador ao lado da porta.

Não são nem seis da tarde ainda, o que diabos Blaze está fazendo em casa? E por que está irritada o suficiente para tocar sua guitarra em volume máximo sem se preocupar que moramos num prédio?

Minha ideia de tirar um cochilo antes de estudar acaba de ir por água abaixo, junto com a chuva perturbadora lá de fora.

Puxo meu casaco de moletom dos Seabirds pela cabeça, arrancando-o e jogando-o no balcão.

O cheiro de cigarro está por todo o apartamento também, me fazendo torcer o nariz. Odeio essa merda.

Consigo prever mais uma discussão exaustiva entre nós antes mesmo que meus passos irritados me levem até a porta de seu quarto.

Não me surpreendo ao puxar a maçaneta e encontrar a porta destrancada, porque Blaze não age como se dividisse o apartamento com outra pessoa. Ou ela ignora minha existência totalmente, ou age como se fosse irrelevante.

Deixo o jantar pronto para ela todas as noites, como o combinado. Gosto de cozinhar e, modéstia à parte, minha comida é incrível. Ainda assim, o prato que guardo para Blaze no forno ainda está intocado na manhã seguinte. E todas as noites em que fico em casa, a ouço chegando do trabalho silenciosamente e indo direto para o banho. O número de vezes em que pensei em sair da cama e ir até lá confrontá-la é maior do que eu gostaria.

Preferia apenas não dar a mínima, como ela não dá.

Assim que abro a porta, meus olhos se fixam instantaneamente na figura irritante de Blaze. Acho que é a primeira vez que a vejo sem suas roupas típicas e a maquiagem que ela usa como armadura. Seu rosto está totalmente limpo, sem nem um sinal do lápis preto ao redor dos olhos ou do batom vermelho que deixa seus lábios grandes e apetitosos. Ela também não está com as roupas pretas e os coturnos de sempre.

Blaze está de pé, os cabelos escuros presos num rabo de cavalo bagunçado. Ela usa um shorts curto de moletom e uma camiseta larga com estampa do *Pulp Fiction*. Está descalça. Poderia parecer quase inofensiva, para alguém que não a conhece.

Acho que ela nunca esteve tão atraente quanto agora.

A garota levanta o rosto e seu olhar se prende ao meu, seus dedos param de se mover sobre as cordas da guitarra e o som cessa.

— O quê? — ela pergunta, seca, como se eu fosse nada além de um incômodo.

Não sei o que aconteceu para deixá-la assim e tenho certeza de que ela não responderia se eu perguntasse, mas uma parte de mim fica satisfeito por ela não estar mais me ignorando ou sendo condescendente. Ao menos com a Blaze combativa eu consigo lidar.

— Eu não sei você, mas não estou nem um pouco a fim de ser expulso do prédio. — Cruzo os braços, escorando meu ombros contra o batente de madeira da porta.

— Ao menos assim eu poderia me livrar de você.

Franzo o cenho.

Acho que fui ingênuo de pensar que minha tentativa de ajudá-la quando a vi correndo transtornada para o banheiro no outro dia iria estabelecer algum tipo de trégua entre nós.

— Você está especialmente desagradável hoje. Alguém pisou nas suas botas ou roubou seu disco do *Iron Maiden?*

Blaze ri, balançando a cabeça antes de passar a alça da guitarra pela cabeça, tirando-a. Ela coloca o instrumento delicadamente no suporte e vem até mim, cruzando os braços. Nossa diferença de altura é imensa, o que faz com que ela precise erguer a cabeça para me olhar nos olhos.

Suas bochechas estão naturalmente vermelhas, da maneira que fica quando ela está com raiva, e suas íris castanhas estão se movendo conforme ela perscruta cada canto do meu rosto com intensidade o suficiente para me causar dor física.

— Não seja cínico, Sawyer — ela diz, quase rosnando. Seus olhos brilham em revolta. Levanto as sobrancelhas, ainda sem entender. — Você bateu no Alex na frente de todo mundo. Você me fez parecer uma garotinha indefesa, como se eu precisasse que você protegesse a minha honra!

Ah, então é por causa disso.

Espera, ela está puta comigo por causa do otário do Alex Jackson?

Balanço a caneca em descrença.

— Eu não estava defendendo a sua honra, gatinha — garanto, com a voz firme. — Eu já tinha problemas com ele muito antes de você chegar em Cardeen Bay. O mundo não gira ao seu redor, sabia?

Estou sendo sincero, mas não totalmente.

É verdade que não soquei o rosto insolente de Jackson porque achava que Blaze precisava ser defendida, também é verdade que eu já tinha um atrito com o babaca há muito tempo. Não foi por isso que joguei meu autocontrole pela janela.

Foi porque, de alguma forma, pareceu muito errado que um sacana qualquer fizesse alguém impenetrável feito Blaze Kingston chorar no banheiro.

— Poderia me agradecer por ter feito o que *você* gostaria de fazer — complemento, com tranquilidade.

— Você é tão egocêntrico — Blaze insulta, apertando os olhos ao me encarar. — Minha vida e o que acontece nela *não são* da sua conta. Fique longe, Sawyer.

— Eu gostaria muito de ficar longe. Mas é meio difícil quando você desconta sua raiva tocando guitarra bem em frente ao meu quarto.

— Fique feliz por eu não descontar minha raiva quebrando a guitarra na sua cabeça.

Não consigo evitar rir.

Esqueci totalmente que estou com o corpo molhado e gelado da chuva. Minhas interações com Blaze me divertem mais do que eu gostaria.

— Aí você seria presa e eu finalmente iria desfrutar de um pouco de paz e silêncio para estudar.

Não que Blaze não toque bem. Muito pelo contrário.

Assisti a todos os vídeos dos *covers* da Blaze no *YouTube* muito antes dela voltar para a cidade. Na maioria deles ela toca o violão, mas alguns poucos, meus preferidos, são a capela. Ela tem a voz de um anjo. Não é muito fina, nem muito rouca. É suave e marcante... *perfeita*.

Kingston é muito talentosa.

— Você consegue estudar sem ter um cérebro?

Não me ofendo, porque sei que ela está só provocando de volta. Blaze não vai muito além do limite de nossos joguinhos, a prova disso foi a cara que ela fez quando mencionou Eric na outra noite. Deixei o apartamento antes que ela pudesse pedir desculpas, mas vi que se arrependeu do que falou logo depois de ter falado.

E, por alguma razão misteriosa, me senti à vontade o bastante para compartilhar com ela a história de Eric. Ao menos, uma parte dela. Não converso sobre ele com muitas pessoas, mas Blaze precisava ouvir e eu precisava falar.

Agora, em vez de retribuir o insulto, escolho outra arma de ataque. Uma bem mais divertida.

— Eu consigo fazer muitas coisas, pequena B — digo, com a voz baixa e maliciosa. — Quer que eu te mostre?

Seus olhos se arregalam em surpresa, mas ela não dá para trás.

Desço meu olhar por seu corpo esguio. A pele pálida de seu pescoço livremente exposto, os braços finos e... *porra*. Ela está sem sutiã, o contorno de seus mamilos aparecem sob sua camiseta, pressionando o tecido.

Blaze sabe que estou encarando sem nem disfarçar, mas ela não faz nenhum movimento para encobrir seu corpo. Ela não tem vergonha. Pelo contrário. A diabinha parece saber que a silhueta de seus peitos empinados envia um sinal quente direto para o meu pau, porque um sorriso arrogante está no brincando em seus lábios.

— Prefiro ser queimada viva — sussurra pausadamente, empinando seu nariz fino antes de se endireitar e dar um passo para trás. — Estou falando sério, Arkin. Seu showzinho só fez as pessoas comentarem mais.

— Desde quando você liga para o que as pessoas comentam?

Aquele dia no banheiro, ela disse que não se importava, mas eu sabia que nem mesmo alguém com tanta pose de durona como Kingston era inabalável.

— Desde que elas acham que nós estamos juntos. — Sua voz é o puro retrato da repulsa quando ela menciona a última palavra.

Os caras me provocaram sobre isso algumas vezes nos últimos dias, mas não dei a mínima. Não é o primeiro nem o último boato que inventam e que me envolve. Se eu fosse perder o sono por causa de cada um deles, estaria ferrado.

Em resposta, sorrio malicioso.

— Bem que você gostaria de estar comigo.

Blaze bufa, rolando os olhos.

— Com certeza, sonho com isso todas as noites — retruca, sarcástica, antes de fechar a porta na minha cara com uma batida forte.

Apenas dou risada e replico, aumentando o tom de voz:

— Sonhos eróticos, espero.

Ela não responde e nem precisa, sei que está se mordendo de raiva lá dentro e essa constatação só me faz rir mais no meu caminho em direção ao banheiro.

Pensei que ela voltaria a ligar a guitarra e tocaria ainda mais alto e furiosamente. Sou surpreendido quando ela não faz. E, depois de tomar um banho e colocar roupas quentes, saio de volta para o corredor apenas para me deparar com a melodia baixa e suave de um violão vindo do quarto de Blaze.

Fico mais surpreso ainda quando percebo que a música tranquila dela ajuda na minha concentração enquanto leio os livros de Cinesiologia e me preparo para o teste da McMiller.

14

Blaze

— Quando é que você vai parar de fingir que tá compondo em vez de secando o corpo de Arkin Sawyer?

A voz de Finn me tira do meu transe e pisco, abaixando o caderno com a página ainda em branco.

— Eu não estou *secando* o corpo dele — nego, na defensiva. Meu amigo levanta uma sobrancelha e inclina a cabeça para o lado, sem acreditar em uma só palavra. Pigarreio, me recompondo. — É só que é meio difícil não notar.

É o fim de tarde do meu dia de folga no trabalho e estou na praia, deitada de bruços sobre uma toalha na areia e com os olhos vidrados na aula de surfe que Arkin está lecionando a Kyle. Gostaria de dizer que meu irmão e seu desempenho é o foco da minha atenção minuciosa, mas eu estaria mentindo para mim mesma.

Droga, sou uma péssima irmã.

Mas, como eu disse a Finn, é difícil não notar o corpo alto e esguio de Arkin. Ele está de bermuda e boné, com seu abdômen trincado exposto apelativamente, à disposição para a cobiça alheia — principalmente das outras mulheres na praia. Sawyer, contudo, está cem por cento concentrado em ensinar ao meu irmão a forma correta de se posicionar na prancha. Parece muito alheio ao alvoroço que desperta ao seu redor.

Ele não mentiu quando disse que as primeiras aulas seriam na areia, o que me deixou muito mais tranquila. Ver a disposição de Arkin em ensinar e a animação de Kyle em aprender também me deixou feliz. Acho que meu irmão realmente estava precisando de um hobby, algo que tirasse um pouco sua mente da convivência exaustiva com nossa mãe.

— Quantos gominhos você acha que tem no tanquinho dele? — Finn pergunta, me fazendo rir alto. Se tem alguém aqui que encara Sawyer descaradamente, com certeza é ele.

Não posso culpá-lo, pois não estou em uma posição muito mais favorável.

Hoje de manhã, acordei atrasada. Desde que morar com Arkin se mostrou uma tarefa bastante penosa, passei a adiantar em trinta minutos o meu despertador, assim eu poderia tomar banho, comer algo rápido e sair de casa antes de meu colega de apartamento acordar. Se não nos víssemos, então não brigaríamos. Ao menos, foi o que pensei. Só que meu plano se provou ser uma droga.

É impossível ignorar a presença imponente de Arkin Sawyer. Ele se faz notar da maneira menos discreta possível.

E, na noite passada, dormi mais do que deveria por causa do cansaço e do estresse de ter meu chefe no Meg's, me vigiando e criticando durante o dia todo ontem. Acordei trinta minutos depois do que deveria e, assim que saí do quarto, encontrei um Arkin Sawyer usando apenas uma toalha enrolada perigosamente baixo em seu quadril. Ele estava no banheiro, com a porta aberta enquanto escovava os dentes, o corpo ainda úmido do banho recém tomado.

Acho que fiquei uns bons três minutos paralisada o encarando. Ele é todo composto por músculos magros muito bem torneados e pele levemente bronzeada pelo sol. O fim de seu abdômen possui as linhas em "V" nas laterais do quadril e uma trilha de pelos escuros e finos percorre o caminho sob seu umbigo até a pélvis.

É injusto que sua aparência seja tão impressionante, como algo saído direto da capa de uma revista. E, mais do que tudo, é injusto o que isso faz comigo.

O cretino sabe muito bem disso e acho que está usando contra mim. Ele ainda não parou de jogar e seria ótimo se sua nova linha de provocações sugestivas não me atingissem nem um pouco. Só que atingem. E não posso pensar em Arkin desse jeito. Ele ainda é o babaca da minha infância, só que muito mais alto e gostoso. O

que o torna mais perigoso para mim — e, talvez, para o meu coração.

Mesmo assim, ele é um mulherengo de primeira e um festeiro irresponsável, irritante e prepotente. Depois de todo o drama com Alex, está mais do que claro de que ambos fazem um tipo que eu tenho que evitar. Ainda mais agora, que os boatos de que estamos juntos correm soltos por Cardeen Bay.

Ainda sinto meu rosto formigar toda vez que lembro sobre o vídeo em que Jackson fala sobre mim. Odeio ser exposta publicamente e, mais do que tudo, ser *humilhada*. Quando Sawyer fez isso comigo anos atrás, chorei por uma semana.

Tudo o que eu *não* preciso agora é ser vista como o brinquedinho dele também.

Essas fofocas são comuns aqui em Cardeen Bay. Todos acham que têm algum tipo de direito sobre a vida uns dos outros. Mesmo sendo criança, eu notava como os problemas da minha mãe e do meu pai eram um assunto recorrente, até mesmo na escola entre as outras crianças ou entre os próprios professores.

Normalmente, eu não daria mesmo a mínima para isso, mas, como disse, meu orgulho está ferido.

— Ele pode ser bonito por fora, mas por dentro ainda é um idiota — resmungo, me forçando a desviar os olhos para qualquer outro lugar. Foco nas linhas vazias do meu caderno de anotações.

Já faz vários dias que não consigo compor nada, nem mesmo um simples verso. Às vezes, me encontro num bloqueio criativo porque minha mente está muito vazia e soturna. Agora, no entanto, é o exato oposto. Tenho um turbilhão na cabeça e não sei como apaziguá-lo para poder voltar a me concentrar no que realmente importa: a música.

— Por dentro, é muito inteligente também. — Finn sai prontamente em defesa de Arkin, me fazendo franzir o cenho e virar meus olhos para ele. — O quê? É verdade. Dou aulas particulares às quartas na biblioteca e Sawyer sempre está lá estudando nesses dias.

Logo me lembro do que ele disse ontem sobre precisar estudar. Ele ficou no seu quarto o resto do dia ontem, provavelmente fazendo isso.

— O que ele estuda? — pergunto, num lapso de curiosidade.

— Nutrição Esportiva — revela Finn, com empolgação. — Ouvi dizer que Sawyer é muito bom. Ele poderia ter largado a faculdade quando ganhou as Regionais na última temporada, já que os patrocinadores estavam em cima dele que nem urubus, e Arkin se daria muito bem se dedicando apenas no surfe. Mas acho que ele realmente quer um diploma.

Não imagino o porquê.

Finn está certo, se Sawyer quisesse largar a faculdade e apenas se concentrar em surfar, ele poderia já estar ganhando muito dinheiro, treinando para alcançar o campeonato de elite.

Acho que, no fim das contas, não importa o quanto eu acho que sei sobre Sawyer, não o conheço de verdade. Ele é um mistério e preciso parar de presumir coisas sobre ele, porque ele continua me surpreendendo e me pegando desprevenida.

Levanto uma sobrancelha desconfiada para Finn.

— É impressão minha ou você está tentando pintar o Arkin como um bom partido?

Meu amigo faz cara de paisagem, desviando o olhar para o mar cristalino à nossa frente.

— Não sei do que você está falando — desconversa ele. — Mas, de qualquer modo, não acho que eu preciso fazer isso, já que você e Sawyer moram juntos. Além disso, ele bateu no Jackson por você e agora está ali, todo fofo, dando uma aula pro seu irmãozinho.

Reviro os olhos e me seguro para não olhar na direção de Arkin.

— Não tem nada entre nós — garanto, sem nenhuma dúvida. — Você tem que parar de dar ouvidos a esses boatos ridículos.

— Você é uma estraga-prazeres, sabia?

— Chega de falar do Sawyer — declaro, mudando de assunto. Ele já tem ocupado demais os meus pensamentos, não

posso permitir que comece a dominar todos os aspectos da minha vida. — Como foi seu encontro ontem?

Finn está de óculos escuros e sentado de pernas cruzadas, o corpo inclinado na direção do resquício de sol do fim do dia.

Na semana passada, ele conheceu um cara bem bonito chamado Derek no Outpost. Os dois trocaram telefone e saíram duas vezes, a última foi ontem. Estou curiosa para saber como foi, porque eles ficaram trocando mensagens sem parar nos últimos dias. Meu amigo parecia empolgado com Derek.

— Foi bom — Finn diz num tom casual, dando de ombros. Da mesma forma como ele fez comigo antes, levanto as sobrancelhas e inclino a cabeça, esperando pela resposta sincera. — Tá, foi ótimo. *Espetacular*. Ele transa muito bem.

Abro um sorriso. Finn me disse que não saía com ninguém há um bom tempo, então fico feliz por ele.

— E aí?

De repente, a expressão de alegria em seu rosto murcha e seus ombros encolhem.

— E aí que ele não me mandou nenhuma mensagem hoje, nem ligou.

Crispo o nariz.

Já tive minha cota de caras que só querem sexo e só parecem incríveis até conseguir o que queriam. Nunca me importei muito, porque também só queria sexo, mas sei o quando isso pode frustrar quem está esperando algo a mais.

— Ele já tinha dito alguma vez que queria algo sério? — pergunto, desconfiada.

— Já — afirma com veemência. — Esse é problema. Pensei que estávamos na mesma sintonia.

— Se ele for um cara realmente legal, ele vai te mandar uma mensagem em breve. Se ele só estava te usando, então é melhor que ele desapareça de uma vez. Você não precisa disso.

Finn dá uma fungada antes de assentir, se deitando ao meu lado na toalha sobre a areia.

Mais alguns minutos se passam com nós dois tendo conversas triviais, até que, pouco antes do fim da aula de surfe, o nome de Finn é chamado por uma voz masculina e grave. Nós dois nos viramos para olhar naquela direção e encontramos Derek se aproximando com cautela. Ele não chega muito perto, parando a uns três metros de distância e olhando diretamente para o meu amigo.

Derek é bonito, alto e magro, com cabelos cacheados. Está usando uma roupa leve de praia, um par de óculos escondendo seus olhos. Ele parece um pouco resignado parado ali, trocando olhares significativos com Finn por um ou dois minutos inteiros.

Finn me olha como se pedisse permissão. Eu o trouxe como meu reforço para enfrentar uma tarde inteira perto de Sawyer, mas não posso segurá-lo aqui, principalmente quando ele tem seus olhinhos brilhando em expectativa como agora.

Dou um sorriso cúmplice e aceno na direção de Derek.

— Não faça nada que eu não faria.

Finn ri e se inclina para me dar um beijo estalado na bochecha antes de se levantar.

— Você é a melhor. Te ligo mais tarde para dar os detalhes sórdidos.

Ele me lança uma piscadela antes de pegar suas coisas e se distanciar, seguindo Derek para o outro lado da praia.

Suspiro e viro meu rosto de volta para Arkin e Kyle.

Os dois estão a apenas alguns metros de distância, o que torna meu trabalho de observação muito fácil. Acho que a aula já terminou, porque agora eles estão apenas conversando, ambos com sorrisos no rosto.

Pensei que seria improvável que Kyle se desse bem logo de cara com um desconhecido, mesmo que fosse seu suposto ídolo. Estava errada, obviamente. Arkin e meu irmão parecem velhos amigos. Ky, que costuma ser tímido e retraído perto dos outros, está totalmente à vontade com Sawyer.

Ver a interação dos dois mexe com alguma coisa dentro de mim. Me faz ver Arkin de uma maneira diferente. Nunca imaginei

que ele fosse do tipo que se dá bem com crianças, mas ele realmente é bom nisso.

De repente, os olhos de Arkin se voltam para mim. Prendo a respiração um segundo, um pouco envergonhada por ter sido pega no flagra enquanto o encarava descaradamente.

Ele tem um sorriso tranquilo nos lábios enquanto me olha de longe, como se estivesse lendo minha mente e desvendando meus pensamentos. Automaticamente, um arrepio cruza minha espinha, disparando meu senso de autopreservação.

Quebro o contato visual ao abaixar a cabeça e também começo a recolher minhas coisas para ir embora. Por último, sacudo a toalha para me livrar dos resquícios de areia e a coloco na minha bolsa de praia antes de caminhar na direção de Arkin e Kyle. Ambos se viram para mim quando percebem minha aproximação, mas mantenho meu foco em Ky.

Meu irmão está com o rosto corado do sol e tem um sorriso que ocupa todo seu rosto.

— E aí, como foi a aula? — pergunto, bagunçando seu cabelo com a mão.

— Foi demais, B. Arkin disse que logo posso começar a ter aulas no mar.

Engulo em seco minha preocupação e meu instinto protetor.

Surfe é um esporte perigoso e Eric Sawyer é a prova disso. Embora eu não acompanhe muito o esporte, já vi algumas notícias sobre todo tipo de acidente envolvendo surfistas. Além disso, sempre nutri certa desconfiança em relação ao oceano, o que só piorou desde que quase me afoguei. Acho que a palavra certa é *medo*.

Não é por menos que estive evitando contato com o mar desde que me lembro. A praia não é meu lugar favorito no mundo, mas quando a frequento, me mantenho apenas na areia. Apenas o mero pensamento de ficar perto de me afogar já me causa calafrios.

— Vamos ver isso depois. — Coloco uma mão no ombro de Ky e mantenho um sorriso otimista, não quero acabar com suas

esperanças depois de um dia tão legal para ele. — O que acha de tomarmos um milkshake antes de eu te levar pra casa?

O rosto dele se ilumina e, em seguida, ele diz a pior coisa que poderia dizer agora:

— O Ark pode vir junto?

O sorriso congela em meu rosto e me forço para não olhar para Sawyer*,* apesar de sentir sua presença próxima e conseguir identificar sua silhueta pelo canto do olho.

— Lamento, Ky, mas acho que o *Ark* está ocup...

— Eu tô livre! — exclama Sawyer. — Adoraria tomar um milkshake agora.

Não posso evitar de levantar um olhar fulminante para ele, que ostenta um grande sorriso no rosto direcionado a mim.

— *Perfeito* — resmungo, entredentes.

Contrariada, cruzo os braços e sigo meu inimigo e meu irmãozinho traidor em direção ao jipe branco de Arkin, estacionado na rua. A cada pisada dura que dou na areia, amaldiçoo Sawyer.



Quinze minutos depois, terminamos numa lanchonete dos anos 60 chamada Poppy. A decoração interior é bonita, me lembra um pouco o Meg's. O ponto alto é que não é muito movimentada, então menos pessoas vão me ver jantando com Sawyer.

Não quero alimentar os boatos.

Depois de comer uma porção de palitos de peixe empanados e tomar um milkshake grande de morango, Kyle saiu da mesa para ir até os fliperamas nos fundos do restaurante. Tem outras duas crianças lá e estou quase me levantando para ir jogar com elas também, só para não precisar ficar na mesa sozinha com Arkin e seu escrutínio silencioso.

Ele comeu muito e agora está finalizando seu milkshake. Acho que, por gastar muita energia diariamente, Arkin precisa repor seu estoque com frequência.

Depois de ficarmos sozinhos em silêncio por alguns minutos, com ele me encarando e eu fugindo de seu olhar, decido falar

alguma coisa. Pigarreio e me endireito, tomando coragem para fitar as belas íris de Arkin.

Só agora percebo que há algumas manchinhas castanho-douradas em meio ao verde-oliva intenso de seus olhos. Ele deixou o boné no carro, então seus cabelos escuros estão bagunçados de uma forma sexy, as ondas suaves caindo sobre sua testa — essa percepção faz eu me recriminar.

— Obrigada pela aula de surfe — digo, sincera. — Posso pagar por elas se você for continuar ensinando Kyle.

— Não precisa pagar, gatinha — recusa, rapidamente. — Eu falei que faria isso de graça.

Ele falou, mas ainda não entendi o motivo. Por que ele faria qualquer coisa por mim?

Ao mesmo tempo, nós dois olhamos na direção do fliperama, onde meu irmão brinca e ri com as outras crianças.

Apesar de todos os meus problemas com Sawyer, não posso negar que ele fez muito bem para Kyle hoje. Na semana passada, eu não sabia o que deveria fazer para que meu irmão deixasse de parecer tão deprimido, mas agora parece muito claro. Acho que ele se sentia solitário, preso quase o dia inteiro naquela casa, com nossa mãe sempre fora.

— Obrigada de novo por isso. Acho que não vejo meu irmão tão feliz desde que... — Suspiro, ainda observando Kyle de longe. — Bem, desde que nosso pai foi embora.

Ky ainda era muito jovem naquela época, mas ele já achava que Joe Carter era seu super-herói, talvez porque nosso progenitor enchia sua cabeça sobre ele ser uma estrela rock. Meu irmão acreditava em cada palavra que ele dizia. Ele contava para todo mundo que seu papai era um astro famoso e que por isso nunca aparecia nas reuniões de pais ou nos eventos escolares.

Como dizer a uma criança de cinco anos que seu super-herói, seu *pai*, o abandonou e nunca voltaria? Como explicar que a pessoa que deveria te amar e te proteger acima de tudo simplesmente não te quer? Que, em sua lista de prioridades, o nome de seus próprios filhos nem aparecem lá?

Acho que ninguém nunca está preparado para esse tipo de abandono. Eu mesma, mesmo tendo acompanhado tudo, fiquei em negação por um tempo. Eu *sabia* que Joe não voltaria e me ressentia, ainda me ressinto, mas isso não me impediu de torcer todos os dias para ele voltar e provar que eu estava errada. E, com certeza, não me impediu de procurar por ele em todos os homens que eu via.

No fim das contas, algumas pessoas apenas não deveriam ser pais.

Pigarreio quando percebo a revelação que escapou da minha boca e pisco algumas vezes, retornando dos meus devaneios. Olho para Arkin, torcendo para que ele não tenha ouvido, mas é impossível que não tenha, porque ele parece muito concentrado em mim agora.

Arkin está me perscrutando com cuidado e curiosidade. Não sei se ele já me fitou dessa forma antes.

Conheço todos os olhares de Sawyer desde que tínhamos doze anos. Há o olhar arrogante, o debochado, o irritado, o olhar provocativo... Mas agora acho que acabei de conhecer o olhar pensativo. Ele desliza por todo o meu rosto, como se estivesse me analisando e tentando extrair alguma coisa de mim.

Seu pomo de Adão se movimenta quando ele engole em seco e um vinco se forma entre suas sobrancelhas.

Torço em silêncio para que ele não me pergunte mais sobre isso. Não sei se algum dia vou estar pronta para falar sobre o quanto a ausência do meu pai ainda me machuca, mesmo depois de tantos anos.

— Acho que podemos estabelecer alguma trégua, já que vamos ter que conviver por causa do Ky — propõe, com a voz séria, sem nenhuma brincadeirinha ou provocação.

Nossas discussões e joguinhos não vão nos levar a lugar nenhum, de toda forma. Posso não ter esquecido e nem perdoado a vergonha que Sawyer me fez passar quando eu era mais nova — e, com certeza, não esqueci todas as provocações irritantes que ele direcionou a mim desde que nos encontramos novamente em Cardeen Bay —, mas talvez seja mais fácil simplesmente

convivermos em harmonia. Talvez isso faça os três meses passarem mais rápido.

Quem eu quero enganar?

Fico ávida para os momentos em que não estamos brigando. Nossas discussões são um combustível e, às vezes, ele me deixa tão louca que quero lhe dar um tapa na mesma proporção em que quero beijá-lo. Mas nada se compara aos momentos em que baixamos a guarda. São raros, mas únicos. E me atingem direto no peito.

— Tudo bem. *Trégua* — concordo, após tomar uma respiração profunda. — Mas, para isso dar certo, temos que criar algumas regras de convivência. Não quero ter o receio de entrar em casa e encontrar você fazendo um *ménage à trois* no meio da sala de estar.

Arkin gargalha alto, jogando a cabeça para trás quando o faz. Uma pontada desconhecida surge dentro de mim com essa visão. As covinhas, o som da sua risada e as rugas sutis que surgem no canto de seus olhos... Deve ser isso o que faz as garotas pirarem perto de Sawyer.

Quando ele volta a me olhar, ainda está sorrindo e eu estaria mentindo se dissesse que não é um sorriso hipnotizante de molhar qualquer calcinha.

— Tudo bem, anotado — diz, relaxando na poltrona da lanchonete. — Sem *ménage* na sala de estar.

— Sem *qualquer* tipo de ato sexual em *qualquer* outro lugar que não seja seu quarto — corrijo, cruzando os braços sobre a mesa. — E, por segurança, deixe uma meia na maçaneta externa da sua porta.

Assim, eu poderia me preparar e decidir se iria ou não passar a noite no apartamento. Não estou nem um pouco a fim de ouvir sons de sexo enquanto tento descansar após um longo dia de trabalho.

— Ok. — Ele dá de ombros. — Então sem cigarros dentro do apartamento também. Prefiro manter meus pulmões limpos e saudáveis, obrigado.

— Certo, é justo — concordo, balançando a cabeça. — E sem festas surpresas no meio da madrugada. Se quiser fazer alguma coisa, tem que me avisar antes.

— Fechado.

Arkin nem hesita antes de me estender sua mão para selarmos o acordo. Eu, por outro lado, fico encarando sua mão por alguns segundos antes de colocar a minha sobre ela. Seu toque me assusta de primeira. Sua mão é quente e um pouco áspera, envia uma descarga elétrica que sobe todo o caminho pelo meu braço até me atingir em cheio. Me apresso em recolher minha mão de volta para o meu colo depois disso.

É então que uma coisa me ocorre.

— Não vai pedir para eu não tocar guitarra no apartamento? — pergunto, curiosa.

Ontem, fui dispensada do trabalho algumas horas mais cedo porque Mason *decidiu* que eu não estava concentrada o suficiente. Quando cheguei em casa, estava tão frustrada com isso, com o que Jackson me contou na segunda-feira e com todos os boatos desde então, que nem pensei. Só queria direcionar toda essa raiva e frustração para a música. Não pensei que talvez não fosse uma boa ideia, não pensei em nada.

Arkin balança a cabeça, negando.

— Não. — Dá de ombros novamente. — Gosto de ouvir você tocar.

Agora é a minha vez de franzir o cenho em confusão.

Arkin Sawyer acabou mesmo de dizer que gosta de me ouvir tocar? E não parece nem um pouco arrependido de sua confissão?

— Gosta?

— Sim, você toca bem — afirma, como se fosse óbvio. Apesar de não gostar disso, seu elogio surte efeito direto em mim. — Quando começou?

Hesito em lhe revelar isso, mas então me lembro de como me senti quando peguei um violão pela primeira vez. Foi como se eu finalmente tivesse encontrado algo no que me agarrar, algo pelo qual aguentar firme. Os momentos em que eu chegava da escola e

tocava por horas a fio eram os mais preciosos. Tudo parecia valer a pena.

— Acho que eu tinha uns treze ou catorze anos — conto, sem conseguir que um sorriso nostálgico automaticamente surja no meu rosto. — Foi logo após nos mudarmos para Sacramento. A casa em que morávamos pertenceu a um senhor que havia morrido há alguns meses. Ele deixou umas coisas antigas no porão, incluindo um violão. Aprendi como manuseá-lo vendo tutoriais na internet. Não parei de tocar desde então.

Arkin fica em silêncio, prestando atenção enquanto falo. Seus olhos me perscrutam com atenção durante todo o momento, o que, por algum motivo, me faz sentir meio envergonhada.

Ele dá um pequeno sorriso e baixa o olhar para as próprias mãos, cruzadas sobre a mesa.

— Eric tocava violão também — diz, compartilhando do mesmo tom de nostalgia que eu. — Ele era muito bom, levava o instrumento pra todo lugar.

Imaginar isso me faz sorrir também e imagino o jovem garoto que conheci tocando violão na beira da praia.

— Gostaria de ter visto ele tocar.

— Tenho alguns vídeos, se você quiser ver depois.

— Quero sim.

Não sei como chegamos nesse estágio, de conseguir ter uma conversa sem direcionar nenhum insulto ou ofensa um ao outro. É... *bom?*

Não é tão estranho quanto pensei que seria, parece quase natural.

Puxo meu celular da bolsa para conferir a hora e arregalo os olhos com o horário. Já é bem tarde. Pego minha bolsa e a carteira, tirando lá algumas notas para pagar o jantar.

— Tenho que ir. Já é tarde e Kyle tem aula amanhã cedo — aviso, me levantando.

— Eu levo vocês em casa. — Arkin se prontifica, também levantando.

— Não precisa, vamos de *Uber*.

— Ah, qual é? Meu carro tá bem ali na frente, não vai ser incômodo nenhum levar vocês.

O pensamento de Arkin indo até a casa de Dinah e podendo encontrar com ela me deixa instantaneamente nervosa. Nunca sei quando minha mãe está num bom dia ou não e hoje já tiveram revelações demais entre mim e Sawyer. Não preciso que ele tenha mais um vislumbre da minha vida ferrada.

Minha realidade não é nada parecida com a de Arkin. Não que ele não tenha tido sua própria cota de desastres, tenho certeza que a morte de Eric foi dolorosa. Ainda assim, um penhasco enorme separa nós dois e as nossas vidas. Arkin ainda é um menino de ouro, que cresceu cercado por dinheiro, boas influências e uma dose generosa de bajulação.

Ele não faz ideia do que é estar na outra ponta do iceberg e eu não quero que saiba como é. Mais do que tudo, não quero que me veja lá.

Olho para ele e volto a repetir, com firmeza:

— Obrigada, mas nós vamos de *Uber*.

Arkin suspira, a frustração dominando seu rosto quando ele cai de volta na poltrona.

Podemos estar em trégua, mas não somos iguais e nunca vamos ser melhores amigos. É melhor assim, de qualquer forma. Não odiar Arkin Sawyer pode ser muito perigoso.

— Com você é sempre um passo pra frente e dois para trás, não é, gatinha?

Sua pergunta não carrega irritação e nem os seus olhos. Ele só parece intrigado.

Dou um riso anasalado. É mais seguro para nós dois que ele esteja dois passos trás.

— Tchau, Arkin.

15

Blaze

Assim que passo pela porta do apartamento 43B, sinto meu celular vibrar no bolso traseiro do meu jeans. Foi mais uma noite de hora-extra, só que também foi dia de pagamento, o que melhorou consideravelmente meu humor. Entrando em casa, deixo minha bolsa sobre o balcão da cozinha e apanho o telefone, vendo o nome de Effy no centro da tela.

Já faz algum tempo que não nos falamos, então imagino que ela esteja preocupada. Deslizo o dedo, atendendo a chamada, e levo o celular ao ouvido.

— Hey, Effy — cumprimento, um pouco envergonhada.

Quando morávamos em Sacramento, não se passava um dia sem que nos falássemos. Éramos super próximas, como irmãs mesmo. Ela garantiu que nada entre nós mudaria, mesmo que estivéssemos em pontas opostas do país, mas eu sabia que não era assim que as coisas funcionavam.

Não quero preocupar minha melhor amiga com meu desgosto pela minha vida pacata na Carolina do Norte. Ela já ficou triste o suficiente por eu ter que abdicar do meu sonho em L.A. para ficar de olho na minha mãe e irmão.

— Oi, sumida. Pensei que eu teria que viajar até Cardeen Bay pessoalmente para conseguir falar com você.

Faço uma careta e seguro o celular com o ombro enquanto tiro meu casaco, deixando-o sobre uma das banquetas do balcão da cozinha americana.

— Desculpe por não ter retornado suas ligações, é que as coisas têm estado uma bagunça ultimamente.

— E você deveria estar conversando sobre isso comigo, B. Qual é? Você é a minha pessoa e eu sou a sua.

Rio de sua referência a *Grey's Anatomy*.

Não é o meu tipo favorito de série, mas Effy é obcecada e me fez assistir a todas as temporadas com ela. Rimos e choramos com a trajetória dos personagens, foi legal. Agora, só de pensar nisso, meu peito se aperta com saudade e nostalgia.

— A Meredith e a Cristina também acabaram se separando quando a Yang se mudou pra Europa — argumento, entrando na cozinha para procurar algo pra comer.

— *Você não está na Europa, Kingston, e se continuar me evitando, vou pegar um voo para a Carolina do Norte só para te lembrar que ainda sou sua pessoa.*

Acho que Effy sempre vai ser a minha pessoa, não importa o quão distante estejamos. Porque, apesar de não nos vermos com frequência, compartilhamos um pedaço significativo da vida uma da outra. Compartilhamos segredos e memórias e nada vai apagar isso. Alguns vínculos são para a vida toda.

— Sabe que eu te amo, né?

— *Eu sei e eu te amo também.* — A voz dela fica embargada por um momento e eu consigo ouvi-la fungando para conter o choro. Ela continua molenga. — *Agora, você tem muito o que me atualizar. O que anda acontecendo aí em Cardeen Bay?*

Reprimo um grunhido.

— Nada tão interessante quanto deve estar acontecendo aí em Los Angeles.

Antes que eu abra a geladeira, noto o *post-it* amarelo colado na porta. Tem a letra garrancho de Arkin nela.

Guardei pizza para você no forno.
— A.S.

Meu estômago ronca alto assim que leio a palavra pizza.

Não é a primeira vez que Sawyer deixa o jantar pronto pra mim. Acho que ele gosta de cozinhar e faz isso com frequência, mas não costumo ter muita fome à noite. Hoje, contudo, é uma exceção.

— *Los Angeles não é tão legal* — garante Effy, me fazendo rir alto com sua tentativa falha de me reconfortar. — *Tudo bem, talvez seja muito legal, mas aposto que Cardeen Bay não fica pra trás.*

Ainda com um sorriso no rosto, balanço a cabeça, indo até o forno.

Effy tem o irritante hábito de fazer qualquer coisa pra ajudar alguém a se sentir melhor, até mesmo contar mentirinhas.

Pego a caixa de pizza do forno e a coloco no balcão, abrindo-a. Mais da metade dela foi devorada, mas ainda sobraram três pedaços.

Assim que abro a boca para responder à minha amiga, um grito soa alto no apartamento, me fazendo congelar no lugar. Meus olhos ficam imediatamente arregalados e antes que eu possa pensar em fazer qualquer coisa, outro grito soa. Dessa vez, não parece exatamente com um grito. É mais um gemido bem alto e eufórico.

Depois desse vem outro. E mais outro.

— *Uau, parece que Cardeen Bay realmente não fica pra trás* — Effy diz, rindo. — *Você tá num clube de swing por acaso? Não estou julgando, só pensei que não fosse a sua praia.*

Praguejo mentalmente e marcho pra fora da cozinha, indo até a sala, de onde tenho visão do corredor. E lá está.

Uma grande meia preta pendurada na maçaneta.

Reviro os olhos e outra sessão de gemidos altos e descontrolados começa.

Arkin não perdeu tempo, ao que parece.

— Não é *swing*, Effy. É só meu colega de apartamento.

Minha amiga acha graça e ri ainda mais.

— *Acho que ela não faz muito o tipo silenciosa, né?*

— Na verdade, é *ele* — confesso, me afastando da porta do seu quarto e voltando pra cozinha.

Mas acho que não existe qualquer lugar neste apartamento que esteja seguro dos sons do sexo de Arkin. Porra, não sei se tem qualquer lugar nesse prédio que esteja. Provavelmente, os vizinhos

vão fazer um abaixo assinado para o nosso despejo. Primeiro a festa, depois meu deslize com a guitarra e agora *isso*.

— Isso, Arkin, bem aí. Estou quase lá!

Fecho os olhos, sentindo uma vontade imensa de saltar da sacada. Mordo o interior da bochecha, incomodada.

Não acredito no que tá acontecendo ao mesmo tempo que sei que eu já deveria esperar por isso. Afinal, estamos falando de Arkin Sawyer. Ao menos ele cumpriu com nosso acordo e está mantendo sua festinha no próprio quarto. Não tem motivo para eu ficar brava com ele dessa vez.

Mas, por alguma razão que desconheço, eu fico mesmo assim. Não consigo explicar para mim mesma o motivo. É irracional e infundado, mas forma um nó na minha garganta que é difícil de engolir. É uma droga.

— *Arkin?* — Effy indaga. — *Como seu pesadelo da infância, Arkin Sawyer?*

Eu sempre contava tudo para minha melhor amiga e acho que a história sobre Arkin surgiu numa noite regada a muita tequila e comida mexicana. Ela ficou do meu lado logo de cara e também passou a odiá-lo.

Já posso imaginar a careta que ela vai fazer quando eu lhe contar a situação em que me meti.

— Ele mesmo — confirmo, porque não tem mais pra onde fugir. — Ele tá morando aqui temporariamente.

— *Blaze!*

— Eu não tive escolha, tá legal? Ele foi o único que se interessou pela vaga e eu não podia continuar bancando esse apartamento sozinha, estava liquidando todo meu salário.

— *Mas tinha que ser Arkin Sawyer? Blaze, ele leu o seu diário na frente de todo mundo.*

Bufo alto e volto para a cozinha para apanhar meu casaco e minha bolsa quando os gemidos voltam. Melhor dar o fora daqui enquanto posso. Duvido que *isso* vai acabar nos próximos minutos — ou horas. E a cada vez que me dou conta de que Arkin está *transando* com uma garota a apenas poucos metros de onde estou

agora, mais aquele incômodo desconfortável e desconhecido cresce dentro de mim.

Eu jogaria suas roupas pela janela novamente, se pudesse.

— Não preciso de lembrete, Effy. Eu estava lá quando ele fez isso, lembra?

Não teria sido tão ruim se meu diário não estivesse repleto de confissões sobre meu amor por ele.

Argh.

Eu era uma pré-adolescente estúpida e ele era um babaca. De qualquer forma, isso não deveria mais importar. Já faz muito tempo e, graças a Deus, superei minha paixonite ridícula pelo garoto que vivia pegando no meu pé. Não sei porque na puberdade somos levadas a acreditar que, se um garoto implica com a gente, isso significa que ele secretamente nos ama.

Mas era o que a minha mãe dizia para mim quando eu reclamava do comportamento de Arkin.

"*Ele age assim porque gosta de você, querida*."

É tolice, mas acreditei. E, por algum tempo, gostei dele. Até ele encontrar meu diário e me humilhar publicamente por isso.

Idiota.

— *Tudo bem, tudo bem*. — Effy suspira do outro lado da linha. — *Pelos gritos, parece que seu colega de quarto é um deus do sexo. Estou quase invejando a garota.*

É, eu também...

Espera, o quê?

Fecho os olhos e chacoalho a cabeça, como se isso pudesse fazer esse pensamento abominável sumir.

Deve ser só a falta de sexo que me fez ter um breve lapso de sanidade e me deixou um pouco curiosa. Além do mais, Effy está certa, Arkin parece mesmo bom no que tá fazendo neste exato momento e uma parte bem pequena e indesejada de mim gostaria de saber como é tocá-lo dessa forma, ser o alvo do seu desejo.

Que desastre. Acho que perdi o juízo.

Pego minhas chaves e bolsa no aparador, saio do apartamento praticamente correndo, como se estivesse fugindo de alguma coisa.

No fim das contas, talvez eu esteja mesmo.



É sexta de manhã, o que significa que meu primeiro período de aula começa mais tarde. Devido às circunstâncias, eu deveria ter saído do apartamento bem cedo para não precisar lidar com Arkin e sua garota, mas decidi não fazer isso. Também moro aqui, afinal. Tenho o direito de ficar.

Eu bem que poderia trazer alguém para transar tão alto quanto eles e, assim, dar o troco. Mas, pensando bem, não estou a fim de ver ninguém por enquanto, o que é uma pena. De qualquer forma, não sei se Arkin iria dar a mínima para isso. Ele só está aqui por conveniência, duvido que se importe dessa forma com o que eu faço.

Ontem, depois de sair do apartamento para não ficar ouvindo os sons da diversão de Sawyer, jantei numa pizzaria a duas quadras daqui. Voltei para casa duas horas depois, torcendo para que os gemidos escandalosos tivessem cessado. Para minha sorte, eles tinham. E eu pude, finalmente, dormir em paz.

Agora, estou comendo cereal, sentada no balcão da cozinha americana, enquanto rolo a *timeline* do *Instagram* em meu celular. Ainda tô de pijama, porque a preguiça me venceu. Queria poder matar aula só para colocar o sono em dia, mas não posso. Tenho um teste oral de História da Arte às onze e meia e preciso ensaiar depois.

Nada de descanso para mim, aparentemente.

Levanto os olhos da tela do celular quando ouço uma porta se abrir. Minha atenção vai diretamente para o corredor, onde Arkin e uma loira de pernas infinitas aparecem. Bebo o café enquanto os assisto com uma pitada de irritação.

— Me liga, tá? — ela pede num ronronar, entregando a ele um papelzinho onde presumo estar anotado seu número.

— Pode deixar — garante Sawyer.

Ele está só de cueca enquanto ela está vestida com as roupas da noite anterior. Os dois se despedem no corredor.

Meu Deus, ele não vai nem levá-la até a porta?

A loira longilínea se vira e vem andando na direção da cozinha. Assim que seus olhos azul-cobalto me encontram ela semicerra os cílios.

— Bom dia — cumprimento, oferecendo um sorriso, sem saber o que devo fazer ao certo.

Ela para a alguns metros de distância, o queixo caído enquanto absorve a minha presença. A garota é bem bonita, devo admitir. Tem um rosto esguio de modelo e lábios cheios e delineados. É um pouco parecida com a amiga de Arkin, Mia.

Será que esse é o tipo dele? Loiras altas e cheias de curvas, totalmente diferentes de mim, que parecem ter saído de um editorial de moda?

— O quê...? Eu... — gagueja a garota, parecendo confusa.

Ela não esperava encontrar outra garota no apartamento onde mora o maior galinha da cidade. É compreensível. Ela não sabe quem eu sou e nem como deve agir.

— Não se preocupe, sou apenas a colega de apartamento do Arkin.

— Oh. — Compreensão e tranquilidade invadem seu rosto e ela assente, mas ainda parece receosa enquanto continua sua caminhada da vergonha até a saída do apartamento. — Nesse caso, bom dia. — Ela também sorri antes de abrir a porta e olhar para trás, onde Arkin está parado na entrada do corredor, os braços cruzados e o ombro escorado contra a parede. — *Tchauzinho*, *Ark*.

Ele apenas acena de volta para ela e, no minuto seguinte, está fechando a porta atrás de si.

Alterno meu olhar da porta para Arkin.

Seu cabelo está uma bagunça castanha e há uma feição preguiçosa de pós-sexo no rosto dele. Queria recriminá-lo por isso, mas não posso. Não quando ele parece tão bonito assim. Acho que nem posso continuar olhando para ele.

Pigarreio e volto minha atenção para o celular em minha mão.

— Bom dia, colega de apartamento — diz ele, com a voz ainda rouca de sono. Engulo em seco, evitando contato visual quando meu corpo inteiro se arrepia involuntariamente.

— Bom dia — devolvo o cumprimento, sem conseguir disfarçar o descontentamento na minha voz. — Deveríamos pensar em colocar algum isolamento acústico no seu quarto.

Vejo de soslaio ele vindo até a cozinha e me concentro em beber o resto do café, agindo com tanta naturalidade quanto consigo. Não vou dar a ele o gostinho de saber que sua noitada me incomodou. E também não quero que ele perceba que sua nudez parcial me deixa inquieta.

Se bem que ele parece já saber disso, uma vez que faz questão de usar pouca roupa por aqui o tempo todo.

— Fomos muito barulhentos? — pergunta, cínico como sempre. Bufo quando Arkin para do outro lado do balcão, apoiando os antebraços na superfície e inclinando o corpo em minha direção. — Ficou impressionada?

Rolo os olhos antes de, finalmente, tomar coragem para encará-lo.

— Mais como *enojada*.

O canto de sua boca se repuxa num sorriso e ele me observa por um instante com os cílios semicerrados antes de responder, com a voz tomada por divertimento:

— Se você diz.

Ele não parece convencido.

Meu desconforto com sua vida sexual é tão evidente assim? Por que eu sequer estou desconfortável, afinal? Não é como se eu me importasse com quem Arkin transa ou deixa de transar. Não somos nada, nem mesmo amigos. Ele é só a droga do meu colega de apartamento.

Sigo-o com o olhar fixo nos músculos de suas costas largas. Ele vai até a lixeira no canto da cozinha e arremessa o papelzinho com o telefone da garota direto para dentro.

— Uau, que cavalheiro — murmuro, irônica.

— Acredite, gatinha, fui bem cavalheiro na noite passada. — Ele pisca para mim de um jeito irritantemente charmoso e abre a geladeira, enfiando a cabeça lá dentro para procurar alguma coisa. — Ela sabia o que esperar na manhã seguinte.

— Difícil acreditar, já que ela pediu para você ligar e você concordou.

Arkin fecha a geladeira e está segurando uma fatia da pizza amanhecida de ontem. Ele volta para sua posição anterior à minha frente no balcão e dá uma mordida generosa na pizza.

— Foi só o convencional ritual pós-sexo — explica, depois de mastigar. — Ela sabe que eu não ligarei.

Não sei se ele realmente acredita nisso ou se está apenas tentando me convencer. Algumas mulheres também buscam sexo casual, obviamente, mas a que saiu do quarto de Arkin há alguns instantes não é uma delas. O jeito que ela olhou para ele deixa suas intenções bem explícitas. Ela queria vê-lo novamente e, para minha infelicidade, não posso culpá-la por isso.

— Não parecia saber, não — continuo, em parte apenas pelo prazer de discordar *dele*. — Acho que você iludiu a pobre garota.

Arkin ri, inclinando a cabeça para o lado como se estivesse conversando com uma criança ingênua. Diferente do que imaginei, ele não fica irritado com minha insistência. Acho que o sexo o deixou de bom humor.

— Eu não iludo ninguém — garante. — Quando transo com uma garota, nós dois estamos na mesma página de que será apenas sexo e nada mais.

Levanto as sobrancelhas e desvio meu olhar de volta para a tela do telefone.

— Se você diz — imito sua voz e suas palavras.

— Você deveria tentar um pouco de sexo casual também, pequena B. Talvez assim você fique menos resmungona.

Arkin coloca o resto da pizza na boca, ainda me observando enquanto finjo estar prestando atenção no celular e não pensando na ideia de sexo casual com ele.

— Está se oferecendo para esse trabalho, *Ark*? — devolvo a provocação, voltando a olhá-lo. Para minha surpresa, ele assente:

— Pode apostar que sim.

Por apenas um mísero segundo, me permito imaginar essa situação. *Arkin e eu transando.*

Além do desastre iminente que isso parece, um formigamento familiar e inquietante surge entre minhas coxas e sou obrigada a fechá-las apertado. Meu corpo novamente se arrepia só com o pensamento de como deve ser ter a voz rouca de Arkin falando sacanagem ao pé do ouvido. Seu corpo grande e forte cobrindo o meu enquanto ele se esforça para que eu seja ainda mais escandalosa do que a garota de ontem...

Porra.

Pisco para afastar essas imagens da minha mente. É só uma leve atração física, apenas isso. Arkin é muito bonito, o que torna quase impossível não vê-lo e ficar pensando em *coisas*. Felizmente, essas *coisas* nunca irão ser materializadas e colocadas em prática, porque eu ainda tenho algum senso de autopreservação.

Não quero fazer a caminhada da vergonha no meu próprio apartamento. E, mais do que tudo, não quero ser humilhada por ele novamente.

Pelo sorriso vitorioso que paira no rosto de Sawyer agora, ele sabe exatamente o que está se passando na minha cabeça. Decido que a melhor tática é ignorá-lo agora, mas ele também percebe isso e dá uma risadinha.

— Vou tomar um banho, tente não me imaginar pelado, Kingston.

Até parece.

Meu corpo só relaxa novamente quando ele se afasta em direção ao corredor, provavelmente indo até o banheiro.

Até o final dos três meses, eu já terei enlouquecido, tenho certeza. Pensei que seria mais fácil, mas entre lidar com os joguinhos de provocação de Arkin e sua aparência física que beira o impressionante... estou ferrada.

Finalmente volto minha atenção para o celular e tento manter a concentração nisso em vez de no cara de um metro e noventa de altura e sorriso ladino com quem divido o apartamento.

Estou passando meus olhos por postagens aleatórias no *Instagram* quando vejo algo que me faz congelar no lugar. Meu queixo cai e preciso aproximar a tela do telefone até quase tocar meu nariz, só para ter certeza do que estou vendo.

É uma foto em que aparece Arkin e eu, sentados naquela lanchonete depois da aula de surfe de Ky. Foi num momento em que ambos estávamos sorrindo, a tensão entre nós tinha sumido por um momento. Além disso, nossa linguagem corporal fala por si só. Estávamos inclinados na direção um do outro, os olhos conectados. Para alguém de fora, poderia parecer que somos... *um casal?*

A foto foi postada num perfil de fofocas de Cardeen Bay e não tem legenda, mas tem uma porção de comentários insinuando — de uma maneira não muito polida — que estamos juntos. Arregalo os olhos quando percebo que Arkin curtiu a publicação.

Sinto minhas bochechas corarem gradativamente com o calor da irritação.

Qual é a droga do problema dele? Isso só vai aumentar ainda mais essa fofoca absurda.

Não sei o que ele está pensando, mas vou matá-lo.

Salto da banqueta em que estou sentada e cruzo o apartamento pisando duro, indo até o banheiro sem pensar. Puxo a maçaneta para baixo e empurro a porta, levantando as sobrancelhas em choque quando ela cede e abre. O vapor do banho quente que paira no ar não é o suficiente para tampar a visão de Arkin Sawyer de pé na banheira. *Pelado*.

Ele nem fechou a cortina!

Solto um barulho de espanto quando seus olhos me encontram e se arregalam também. Arkin passa a mão sobre os olhos para tirar o excesso de água que está escorrendo de seus cabelos e embaçando sua visão, mas parece estar se certificando de que realmente estou aqui. Depois disso, ele ainda pisca algumas vezes, confuso.

— *Jesus*, Kingston, imaginar não foi o suficiente? Teve que ver por si mesma? — pergunta ele, rindo.

Talvez — apenas talvez — meu queixo esteja no chão e eu não esteja conseguindo manter meu olhar preso ao rosto de Arkin. Ele está descendo pela curva dos músculos firmes de seu peitoral, o tanquinho rígido em seu abdômen e os sulcos na lateral de seus quadris em direção ao... *puta merda*.

Puta merda, estou olhando para o pau de Arkin Sawyer. E agora parece totalmente justificável o escândalo que a loira estava fazendo ontem à noite. É *enorme*. A visão de seu corpo gloriosamente nu e molhado leva um impulso direto para o meio das minhas pernas e me sinto fervilhar de dentro para fora.

Minha boca saliva quando meu olhar sobe de volta para o rosto de Sawyer só para ver que a diversão sumiu de seus olhos, sendo substituída por... *desejo*?

O oxigênio parece sumir de meus pulmões e sou obriga a engolir em seco, ainda estática.

Depois disso, demora apenas centésimo de segundo antes que eu finalmente caia na real e cubra os olhos com as mãos.

— Sawyer, por que diabos a cortina não tá fechada?!

Minha voz sai indignada porque eu *estou* indignada. Não era para eu ver isso, porque agora acho que vai ser difícil de esquecer. Não tenho mais que imaginar, agora sei exatamente como seu corpo é. Agora conheço sua forma e tamanho e é mais do que impressionante.

Sinto a ponta sensível dos meus seios pressionando o tecido fino da blusa do pijama. E aperto ainda mais meus olhos fechados, garantindo que permaneçam assim.

Posso estar louca, mas é como se eu conseguisse vislumbrar sua silhueta grande e masculina por detrás das minhas pálpebras. Por garantia, me viro de costas.

Não pensei muito antes de entrar no banheiro, mas eu contava com duas coisas: a porta trancada ou a cortina fechada.

Merda, e agora?

— Porque eu não esperava que alguém fosse invadir o meu banho — argumenta ele e, em seguida, acho que fecha o registro do chuveiro, porque o som da água caindo cessa.

Mordo meu lábio inferior com força, me xingando mentalmente com todos os insultos que conheço.

Demora um pouco até meu cérebro voltar a funcionar e meus pensamentos fluírem novamente para que eu me lembre do motivo de ter invadido seu banho, em primeiro lugar.

— Você sabia que estavam falando sobre nós nas redes sociais — acuso, sentindo o calor em meu corpo se transformar em combustível para raiva. — Acham que estamos dormindo juntos, Sawyer!

Ouço Arkin se movimentar atrás de mim, o que me deixa um pouco nervosa. Não sei exatamente onde está, nem o que está pensando ou o que pretende fazer.

— E daí? — diz, como se eu tivesse acabado de lhe contar a coisa mais irrelevante do mundo. — Pode se virar agora.

Olho com hesitação por cima do ombro, vendo-o de braços cruzados e com uma toalha ao redor da cintura. Suspiro aliviada e finalmente me viro.

— E daí? — repito, incrédula. — Arkin, eles estão inventando coisas, estão mentindo. Nós não estamos dormindo juntos.

Ele para por um momento, parecendo pensar. Então, de repente, um sorriso gigante — e um pouco assustador — toma seu rosto ao mesmo tempo em que seus olhos se iluminam como se ele tivesse acabado de ter uma ideia genial. Em seguida, ele diz a coisa mais maluca que já saiu da sua boca:

— Mas e se estivéssemos?

— O quê?

Minha boca fica imediatamente seca ao passo em que minhas mãos começam a suar.

Ele não estaria propondo alguma coisa, estaria?

— E se estivéssemos dormindo juntos ou, sei lá, namorando?

Não sei se estou ouvindo direito. Na verdade, não sei o que diabos estou ouvindo. Tenho certeza de que um de nós dois não

está são.

— Você perdeu o juízo?

Arkin revira os olhos e se aproxima, chegando muito perto. Ele me segura levemente pelos ombros, deixando meu corpo inteiro rígido e tenso assim que o toca.

— Blaze, me escuta — pede, um pouco eufórico, me olhando direto nos olhos. — Preciso limpar minha imagem se eu quiser manter meu contrato com um patrocinador importante. Namorar pode ser a melhor maneira de fazer isso, já que, assim, eu estaria sendo responsável e assumindo um compromisso com alguma coisa, pela primeira vez. Além disso, preciso de alguém para ir comigo no casamento do meu pai e me ajudar a provar que eu mereço o patrocínio. Podemos, não sei, alimentar esses boatos. Deixamos todos acreditarem que somos um casal, você vai comigo no casamento em novembro, convencemos meu pai e o patrocinador e *pronto*.

Pisco algumas vezes, repassando suas palavras mentalmente só para garantir que não estou ficando louca e que ele está mesmo sugerindo que a gente finja estar namorando.

Assim como no dia em que ele propôs que morássemos juntos, fico esperando ele desmentir e começar a me zoar, mas esse momento nunca vem. Ele permanece sério e impassível.

— Você não pode estar falando sério, Sawyer.

— Vamos lá, Kingston. É a melhor maneira de você se vingar do babaca do Jackson.

— Eu não dou a mínima pro Jackson, Arkin. Não vou fingir namorar você. Eu nem gosto de você!

Ao menos, não gosto dele na *maioria* do tempo, mas ele não precisa saber disso. Não precisa saber que, em alguns breves momentos, mais do que aprecio sua companhia. Esses breves instantes, no entanto, não bastam para amenizar os outros, quando ele faz de tudo para agir como o maior cretino do planeta.

Arkin é tão egoísta. Ele não está nem aí para as consequências que essa sua proposta maluca vai trazer para mim, só está pensando em como se dar bem. Parece ser sempre assim,

ele vai atrás do que é mais conveniente para ele e não mede esforços para tentar conseguir. Foi exatamente igual quando ele tentou me convencer de que dividirmos este apartamento era uma ideia brilhante.

Não me surpreenda que ele esteja prestes a perder o patrocínio. Acho que não sou a única que percebe o quão ruim ele consegue ser.

— Melhor ainda, assim você não corre o risco de se apaixonar por mim — ele responde, sorrindo. Acho que ele nem mesmo se dá conta da seriedade do que tá me pedindo. Será que ele, de fato, leva *alguma* coisa a sério? Balanço a cabeça, descrente, e faço menção de me virar para sair, mas Arkin segura meu braço e me faz voltar a fitá-lo. — Você não está vendo como isso pode beneficiar nós dois.

— Não mesmo, só estou vendo como vai beneficiar *você*.

— Blaze, você está ficando conhecida pelos seus *covers*, essas fofocas só vão atrair mais público pra você. Vai ficar mais conhecida e vai ter mais gente ouvindo sua música.

Por apenas um microssegundo, essa ideia parece tentadora. Atrair holofotes para minha música, algo com que eu sempre sonhei em trabalhar, parece muito bom, mas eu não seria capaz de fazer qualquer coisa por isso. Certamente, não aceitaria fingir namorar alguém só pra conseguir isso.

E eu não estaria fingindo namorar qualquer um, mas Arkin Sawyer. Isso, por si só, parece uma ideia muito ruim que vai trazer mais malefícios do que benefícios, principalmente para mim.

Não estou disposta a isso.

— Minha resposta final é um grande e sonoro “não” — digo, encerrando o assunto. — Encontre outra pessoa, Arkin, eu tô fora.

Em seguida, saio do banheiro antes que ele possa me impedir.

16

Blaze

— Você tem que ver isso, Blaze. Ele fez um aéreo reverso de *frontside* perfeito! — diz Kyle, lá da sala.

Ele está no sofá com o celular na mão, assistindo ao novo vídeo do perfil de Arkin no *Instagram*, que exibe uma de suas manobras incríveis no surfe. Meu irmão fica impressionado com qualquer coisa que Sawyer faça e não o culpo. Das poucas vezes em que permiti minha curiosidade vencer e pesquisei sobre Arkin na internet, me deparei com vários de seus vídeos surfando.

Ele é bom. Muito bom. Na verdade, ele se arrisca demais. Suas manobras são feitas sempre com ousadia, como se ele estivesse desafiando a si mesmo e ao mar. É intenso e hipnotizante de assistir. Acho que o surfe é a coisa que Arkin mais se dedica. Dá para ver que ele coloca toda sua alma nisso, que realmente nutre paixão pelo esporte.

Não é uma surpresa que ele tenha tantos fãs e tantas expectativas sobre ele. Arkin é uma das grandes promessas do surfe nacional e suspeito que, em pouco tempo, ele vai estar no CT, ainda mais famoso.

— Depois eu vejo, Ky — prometo, voltando meus olhos para o livro de Teoria da Música que está aberto diante de mim na mesa de jantar da casa de Dinah. — Preciso adiantar isso aqui primeiro.

Essa é uma das disciplinas que mais me dão trabalho, porque, como o próprio nome diz, tem *muita* teoria. E preciso terminar de estruturar o seminário para a aula de amanhã. Obviamente, procrastinei até o último minuto e vou ter que passar a madrugada finalizando a apresentação.

Mais uma noite sem dormir, que ótimo.

Na verdade, eu já estaria em casa, trabalhando no seminário para concluí-lo o mais rápido possível, se Dinah tivesse chegado na hora. Mas ela se atrasou, *de novo*.

Vários minutos se passam e demora até que eu perceba que os sons vindos do celular de Kyle pararam e a sala está silenciosa. Se o conheço bem, ele deve ter adormecido no sofá.

Coloco de lado a caneta grifa-texto que estou usando para destacar as principais informações do livro e arrasto a cadeira cuidadosamente para trás antes de me levantar e ir, na ponta dos pés, até a sala verificar. Como eu esperava, Kyle está dormindo de bruços. Seu rosto angelical está totalmente relaxado enquanto ele suspira profundamente.

Parece um anjinho e queria mantê-lo assim para sempre, preservando sua inocência e seus sonhos. Protegendo-o da dureza da vida.

Um sorriso surge no meu rosto ao assisti-lo dormir, mas morre logo depois, quando a porta principal da casa é aberta e minha mãe entra. Gesticulo um sinal para ela fazer silêncio e meneio a cabeça na direção da cozinha.

Dinah dá uma olhada apreensiva na direção do filho e me segue em silêncio para o outro cômodo.

— Não acredito que ele já dormiu, eu comprei comida chinesa pro jantar — reclama ela, com a voz fanha quando coloca sua bolsa e uma sacola de papel no balcão da cozinha.

Massageio minha têmpora, respirando fundo.

— Ele já jantou, mãe — digo, me esforçando para manter a voz o mais suave e tranquila possível. Não quero iniciar uma discussão. Não tenho forças para brigar com Dinah esta noite, estou cansada demais para isso. — São onze e meia.

— Caramba, não percebi que era tão tarde.

Se a conheço bem, ela não percebeu mesmo.

Dinah nunca foi muito boa com planejamento, organização ou com tudo o que envolve responsabilidade no geral. Ela só segue o fluxo da vida e torce para tudo dar certo. Acho que foi exatamente por isso que eu cresci tentando fazer diferente e planejando meu futuro. Eu sabia bem, e ainda sei, que torcer para tudo dar certo não basta.

Se ficarmos parados deixando que a vida nos leve, sem lutar pelo que realmente queremos e precisamos, podemos terminar num lugar bem sombrio.

E eu prometi a mim mesma que nunca cometeria os mesmos erros que a minha mãe cometeu. Ainda assim, aqui estou eu. Vivendo um *loop* temporal contínuo e sem fazer muita coisa para mudar. Quando vim para esta cidade, me convenci de que estava fazendo o melhor com o que eu tinha e talvez fosse verdade, mas não consigo ver uma saída disso num futuro próximo se continuar desse jeito.

O que me lembra das audições para a Global Records e a oportunidade que o professor Hayword me negou. Será que desisti muito fácil? Tinha como convencê-lo a me dar uma chance? Meu maior medo ao voltar para Cardeen Bay sempre foi o de ficar estagnada, de me contentar com *essa* vida, a vida que minha mãe aceitou. Talvez eu já esteja me contentando, talvez não esteja lutando para sair dessa.

Mas pode ser que eu ainda consiga convencer o Hayword. Posso lhe mostrar meus *covers* ou tentar fazer um acordo, qualquer coisa. Se eu não agarrar essa chance agora, não sei quando aparecerá outra.

São muitos “talvez” e pouquíssimas certezas.

— Blaze? Está me ouvindo? — minha mãe chama, sacudindo as mãos na minha frente para me acordar. Engulo em seco e balanço a cabeça, anuindo.

— Desculpe, me perdi em pensamentos por um instante.

Ela dá risada, se recostando no balcão e cruzando os braços para me observar.

— Você sempre foi meio avoada mesmo. Igual a mim.

Contra *isso* eu não posso argumentar.

Nós duas ficamos em silêncio, apenas olhando uma a outra, sem saber o que dizer.

Nunca tivemos uma relação de mãe e filha do tipo Rory e Lorelai de *Gilmore Girls*. Nem perto disso, na verdade. Não me

lembro de quando tivemos uma conversa sincera ou quando pensei que podia contar com ela. Nunca fomos mãe e filha realmente.

Quando você passa a precisar cuidar da sua mãe em vez de ela cuidar de você, sua visão sobre ela muda. Consequente, sua relação também.

Suspiro e vou até a mesa onde meus livros e cadernos estão abertos e espalhados.

— Você coloca o Ky na cama? Tenho que ir pra casa e finalizar um seminário.

Fecho meus materiais e os enfio na bolsa com pressa.

— B, podemos conversar por um momento?

A voz de Dinah soa tão pacífica e tranquila pela primeira vez em muito tempo que paro e levanto a cabeça, meus olhos encontram os dela. Hesito, temendo o destino que essa conversa pode tomar. As íris de Dinah brilhando em otimismo, contudo, me convencem.

Com um suspiro, anuo e puxo uma cadeira para sentar. Minha mãe senta à minha frente.

Só então realmente olho para ela. Para além da mulher que, diferente do meu pai, esteve presente fisicamente, mas apenas isso. Dinah está abatida e envelhecida. Sua pele está muito pálida e seus lábios, secos. Ela não parece mais feliz aqui do que estava na Califórnia.

— Mãe, tá tudo bem? — A preocupação em minha voz é palpável.

Entre a raiva e a mágoa pela vida que levávamos por causa da minha mãe, ainda há a preocupação e o medo. Não me ressinto de Dinah por não termos tido muito recursos financeiros durante minha infância e início de adolescência. Poderíamos ter lidado com isso juntas, se minha mãe tivesse se esforçado em estar lá para nós.

Mas ela nunca estava. Ela preferia passar os dias na casa de seus namorados ou saindo para alguma festa. Quando ela estava por perto, sempre reclamava e lamentava a falta de Joe. Era como

se ela não enxergasse que Kyle e eu estávamos bem ali, sentindo que ela havia partido junto com nosso pai.

Ainda assim, me preocupo com Dinah. Não só com seu estado mental, mas com o físico também. Nos últimos meses, parece que ela está apenas perdendo mais e mais peso.

— Estou bem, docinho. Não precisa se preocupar — garante, dando um sorriso fraco. — Na verdade, quero me desculpar com você por *aquela* noite. Dave e eu tínhamos brigado e acabei descontando em você.

Agora, presumo que esteja falando da noite em que disse que desejava que eu tivesse ido embora em vez do meu pai.

Respiro fundo e assinto com um gesto de cabeça. Ao menos, ela está se desculpando, é mais do que já fez em todos os anos que moramos em Sacramento.

Já é um bom começo.

Uma parte de mim quer que isso não amoleça meu coração, porque Dinah já me fez passar por poucas e boas. Ainda assim, não consigo, porque a outra parte de mim, a parte que silenciosamente sente a falta de uma figura materna, quer que tudo se resolva e fique bem.

No fundo, acho que sempre quis o tipo de relação que mãe e filha que Effy tem com a Sra. Richards. As duas são como melhores amigas. Tive inveja disso toda vez que presenciava suas interações.

— Tudo bem, mãe. Já é passado.

Dou um sorriso, mas ela não retribui. Na verdade, Dinah franze as sobrancelhas da maneira que faz quando se sente culpada.

— Se não for incômodo, eu queria te pedir uma coisa...

Aí está.

Fecho os olhos por um segundo, a ilusão de que estávamos progredindo em nossa relação começando a se desfazer. Uma pontada de dor e decepção me atingem bem no peito e me faz cerrar a mandíbula.

Eu sabia que seu jeito dócil e voz aveludada não eram uma tentativa de mudar nossa relação. As coisas nunca são tão fáceis

assim com Dinah Kingston.

— De quanto você precisa?

— São só alguns dólares — promete ela, da mesma forma que já fez diversas vezes antes. — Eu estou com algumas dívidas e preciso pagar antes que comece a recair os juros.

Na linguagem de Dinah, “alguns dólares” significam “algumas centenas de dólares”.

Seguro a respiração como se isso fosse tornar tudo mais fácil e pego a carteira em minha bolsa, tirando de lá o cheque preenchido por Mason há uns dias. Meu salário que sequer tive a chance de levar ao banco para descontar.

Deslizo o papel retangular pela mesa na sua direção enquanto repito que estou fazendo isso por Ky. Estou fazendo isso por ele porque ninguém fez por mim. Se Dinah ficar sem dinheiro, vai começar a tirar grana das coisas essenciais para pagar suas dívidas de jogo. Coisas que Kyle precisa, como *comida*.

Não posso deixar isso acontecer.

— É a última vez que eu peço, juro.

Já ouvi isso antes. Era o que ela me dizia quando o dinheiro acabava e ela precisava tirar das minhas economias para a faculdade, que juntei trabalhando em dois empregos. Precisei começar a esconder dela o dinheiro, fingindo que não tinha nada, numa tentativa de ela ganhar alguma consciência e parar de gastar com festa, cerveja e jogos de azar.

Engulo em seco a apenas aceno em sua direção com a cabeça.

Mais tarde, chego em casa com um nó alojado na minha garganta e uma vontade imensa de chorar até soluçar, mas acho que eu não conseguiria nem se tentasse. É como se estivesse anestesiada agora. Ainda tentando absorver o fato de que mal vou ter dinheiro para pagar tudo o que preciso esse mês. Sorte que ainda tenho uma pequena quantia guardada para emergências.

Não consigo nem sentir raiva da minha mãe por ter gastado todo dinheiro de seu salário em vez de ter guardado um pouco para pagar as dívidas que vinha fazendo. Não consigo sentir nada, para

falar a verdade. Meu corpo está reagindo automaticamente, como um robô. Nem me lembro direito do percurso de ônibus que fiz de volta até o apartamento. Estive totalmente alheia a tudo desde que saí da casa de Dinah.

Assim que entro no 43B, me deparo com Arkin sentado nas almofadas do chão da sala, nosso sofá improvisado. Ele parece estar estudando também, segurando um livro com uma das mãos enquanto tira colheradas de um pote de sorvete *Ben & Jerry's* com a outra.

Ele ergue o rosto e seu olhar pousa em mim. Nos encaramos por algum tempo enquanto ainda tô parada perto da entrada. Arkin tomba a cabeça para trás ao me analisar, seus olhos passando por cada centímetro do meu rosto como se ele buscasse alguma coisa, alguma resposta.

Não sei se dá pra perceber que vim da casa de Dinah até aqui segurando um choro de frustração, mas espero que não.

Fico esperando que ele solte mais um de seus comentários engraçadinhos ou comece uma provocação, mas, em vez disso, Arkin pergunta:

— Você tá bem?

Acho que minha aparência não faz muito para disfarçar a bagunça que há dentro de mim. Devo parecer exatamente como me sinto: totalmente deplorável.

Há algumas semanas, eu provavelmente estaria indo para o quarto para me chafurdar na minha própria miséria, mas não quero repetir esse ciclo ridículo de comiseração e autopiedade. Cansei de lamentar e de me perguntar o motivo das coisas serem como são, o motivo de não ser tudo mais fácil. As respostas para isso nunca vem.

Arkin estava mesmo certo naquele dia no banheiro da universidade: a vida não é justa.

Às vezes, tudo é apenas uma grande merda sem sentido, não há um motivo oculto. A dor é a consequência de viver num mundo onde as pessoas são imperfeitas. Um mundo onde as pessoas conseguem perder o controle da própria vida.

Acho que perdi o controle da minha.

— Não — respondo, simples e sinceramente.

Tiro os sapatos e a jaqueta, jogando-a no balcão da cozinha. Arkin me observa com cuidado, acompanhando meus movimentos com os olhos.

Ele está usando um casaco de moletom da universidade de Cardeen Bay e um par de calças. As pernas estão esticadas em frente ao corpo e os tornozelos, cruzados. Os pés estão descalços no tapete da sala. Ele parece tão normal e tranquilo, tão diferente do Arkin Sawyer, astro do surfe, arrogante e inalcançável.

Diferente do cara que quebrou meu coração antes mesmo de eu entender o que isso significava.

— Quer conversar sobre isso? — volta a perguntar.

É tentador, por um momento. Às vezes acho que vou acabar morrendo sufocada com tudo o que sinto. Compartilhar talvez ajude. Ainda assim, não consigo. Não quero causar pena em ninguém, muito menos em Arkin.

— Não.

— Ok, então pegue uma colher. — Ele maneia a cabeça na direção da cozinha. — É sorvete sabor cookie de chocolate com menta, seu preferido.

A mera menção ao doce me faz sorrir.

Hoje decido que não vou me importar em tentar entender o que essa atitude de Sawyer significa, nem tentar lutar contra isso só porque não sei como agir de outra forma quando se trata dele. Hoje nada disso importa. Posso simplesmente pegar uma colher e dividir um pote de sorvete com meu colega de apartamento sem me preocupar com mais nada.

E é exatamente isso o que eu faço.

Apanho uma colher na cozinha e vou até a sala, me sentando ao lado dele sobre as almofadas macias e coloridas. Instantaneamente, sinto o cheiro do seu perfume. É bom e inebriante. De alguma forma, se tornou familiar também. Provavelmente porque é o cheiro que sinto quando entro no

banheiro após o banho de Arkin. Cheiro de colônia masculina sexy e amadeirada.

O que me lembra de ter invadido o banho dele ontem. A visão surge na minha memória, fazendo, no mesmo instante, meu baixo ventre apertar. Foi difícil enfrentar o dia anterior sem pensar nisso e foi mais difícil ainda dormir, sabendo que ele estava bem ali do outro lado do corredor.

O efeito que o corpo nu dele causou em mim vai além de confusão e desejo. Embaralhou meus pensamentos, da mesma forma que sempre acontece com qualquer coisa que Arkin faça. Não é justo que, mesmo após tanto tempo e tudo o que aconteceu, ele ainda mantenha uma parte de mim como refém.

Pensei que esses sentimentos tolos que ele me despertava quando éramos mais novos não fosse nada além de uma fase. Pensei que Arkin fosse apenas uma fase. Nunca esperei que isso se transformasse em outra coisa, algo ainda mais intenso e perturbador.

Para desviar meus pensamentos desse caminho perigoso, me concentro em levar minha colher até o pote de sorvete para apanhar um pouco.

— Como sabe que é o meu preferido? — pergunto, após enfiar na boca uma colherada generosa dessa maravilha.

Definitivamente, essa é a única coisa capaz de melhorar o meu dia. Não consigo deixar de saborear o gosto doce e levemente fresco do sorvete. É tão bom e reconfortante que fecho os olhos e solto, involuntariamente, um gemido de apreciação.

Esse sorvete tem tantas memórias afetivas. Me lembro de tomá-lo com Effy, sentada nos degraus da varanda da minha casa em Sacramento, enquanto observávamos as pessoas caminhando na rua e especulávamos sobre suas identidades e histórias de vida.

No próximo segundo, quando volto a abrir os olhos, encontro as íris de Arkin escorregando até a minha boca no momento em que capturo com a língua o resquício de sorvete que gela meus lábios. A linha de seu maxilar fica tensa quando ele cerra a mandíbula e noto o esforço que demanda para que ele leve a atenção de volta aos meus olhos.

Ele pigarreia, piscando.

— Só tinha isso na sua geladeira. Mais precisamente, no *freezer*. Comida congelada e *Ben & Jerry's* sabor cookie de chocolate com menta.

Dou risada, inclinando a cabeça para trás pra encostar na parede também.

— Não gosto muito de cozinhar e, se eu pudesse escolher, esse sorvete seria minha última refeição. Gosto de poder ter minha última refeição todos os dias.

— Essa é uma ideia inteligente, pequena B. — Ele me cutuca na costela com diversão. O princípio de cócegas me faz rir e me encolher.

Esses momentos em que não discuto com Arkin são perigosos, mas também não me permito pensar nisso hoje. Não sei como lidar quando ele não está sendo sarcástico e provocativo, mas sério e gentil. É confuso, mas também alimenta uma pequena faísca calorosa dentro do meu peito, da mesma maneira que ele fez quando me confortou no banheiro ao compartilhar uma parte muito dolorosa de sua vida.

É uma pequena faísca que tem brilhado por Arkin Sawyer desde que eu tinha doze anos e que não se apagou nem mesmo quando passei a odiá-lo.

As coisas entre nós podem ser disfuncionais, mas também são completamente reais. E agora, essa parece ser a única certeza que eu tenho.

— Acho que você é um cara legal, Arkin Sawyer — confesso, porque talvez essa seja a primeira e última vez que vou ter coragem de dizer isso em voz alta.

Arkin pode se esforçar muito pra ser um babaca e, frequentemente, me deixa com tanta raiva que sinto que posso entrar em combustão espontânea. Ainda assim, não posso ignorar que ele não é tão ruim quanto passei os últimos anos acreditando. Ele foi legal comigo várias vezes e o rancor que nutri pelo o que aconteceu na nossa infância me impediu de ver isso.

Só espero que não esteja me enganando agora e que sua gentileza não tenha um preço. Espero que ele não esteja sendo legal só porque quer que eu finja ser sua namorada.

— Isso significa que você gosta de mim? — pergunta ele, com um sorriso no canto da boca.

Desvio o olhar de seu escrutínio intenso e apanho outra colherada de sorvete:

— Não.

— Que pena... — murmura, com decepção fingida. — Então provavelmente também não quer ser minha namorada de mentira?

Dessa vez eu gargalho alto.

— Não, definitivamente não.

Ele ri também e pega mais uma colher de sorvete. Aproveitamos em silêncio por algum tempo até que ele pergunta:

— Blaze, por que você não tem um sofá?

Tombo a cabeça para trás e meus olhos encontram o teto branco. Como se fosse uma tela, vejo projetado nele algumas cenas marcantes que compartilhei com Effy e sua família em Sacramento. Eles eram uma família de verdade. Se reuniam nos feriados para celebrar juntos e aos domingos, no sofá em frente à televisão para assistir aos jogos de futebol.

Era ali que eles criavam memórias em conjunto, onde relembravam histórias engraçadas e se conectavam. Era onde pareciam realmente felizes.

Pensando em tudo isso, respondo apenas:

— Não é um lar sem um sofá.

Não sei se Arkin entende e também não quero explicar, mas, de qualquer forma, ele não insiste no assunto.

Durante o resto da noite, ajudo Arkin e acabar com o sorvete e ele me ajuda com o seminário. Não falamos sobre mais nada além do aqui e agora e é surpreendentemente fácil. Parece que subestimei a possibilidade de me dar bem com ele, afinal.

Acho que essa foi a melhor noite que tive desde que me mudei de volta para Cardeen Bay e, apesar de tudo, essa

percepção me assusta pra cacete.



— Acho que tô apaixonado — diz Finn, assim que saímos do prédio da biblioteca. Ele parecia estar tendo dificuldade de manter o silêncio exigido no interior do prédio e agora entendo o porquê. — Graças a Deus que finalmente falei, não conseguia mais segurar isso.

Sage e eu rimos enquanto descemos os degraus da saída. Aqui fora está ventando e meus cabelos soltos ricocheteiam no ar. Coloco as mãos nos bolsos da minha jaqueta e sigo meus amigos pelo campus.

Nós três passamos a última hora estudando na biblioteca, mas eu mal consegui manter meus olhos abertos. Finalizei o seminário por volta das quatro da manhã. Arkin já tinha adormecido em cima das almofadas na sala e, já que iria me demandar um grande esforço me arrastar até o meu quarto para cair na cama, simplesmente dormi no chão junto com ele.

Por sorte, acordei bem cedo e pude tomar banho e dar o fora do apartamento antes que ele acordasse e compartilhássemos a estranheza daquela situação.

De qualquer forma, minhas três horas de sono não foram, nem de longe, suficientes. Ainda me sinto meio morta. Nem tive tempo para me maquiar antes de sair de casa, então grandes olheiras escuras emolduram meus olhos no melhor estilo zumbi do *The Walking Dead*.

— Eu sabia que você iria acabar se apegando — Sage diz a Finn. — Você não serve pra sexo casual.

— Ei! — Finn protesta, mas depois para pra pensar e acaba concordando com a amiga. — É verdade, não sirvo mesmo. Mas pelo menos Derek e eu estamos querendo a mesma coisa por enquanto.

Abro um sorriso e aperto seu ombro com cumplicidade.

— Fico feliz por você, Finn. Você merece um cara legal.

Finn é uma das melhores pessoas que conheço, sempre está disposto a fazer qualquer coisa para ajudar os outros e isso diz muito sobre ele. Meu amigo realmente merece ser feliz e, enquanto Derek estiver empenhado nisso, vou apoiar a relação deles.

Sage e Finn aceitam parar numa cafeteria para que eu consiga um pouco de cafeína para me manter de pé pelo resto do dia. Ainda tenho um longo turno de trabalho mais tarde e hoje é noite de hora-extra, então preciso ficar firme. Ao menos amanhã é sábado e vou poder dormir até mais tarde.

Enquanto espero na fila pelo preparo do meu café americano sem açúcar, converso com Sage e Finn sobre assuntos triviais. Conto sobre a apresentação do meu seminário hoje no primeiro período. Tirei a nota máxima e assim que meu professor deu essa notícia, a primeira coisa em que pensei foi em contar para Arkin — obviamente, não digo essa última parte para meus amigos. Foi um sentimento estranho, mas acho que é compreensível, uma vez que ele ficou acordado de madrugada só para me ajudar a finalizar o projeto.

Quando Sage fica muito quieta de repente, levo meu olhar para ela e a encontro encarando algo em seu celular.

— O que foi? — pergunto, preocupada. Ela bufa e guarda o telefone de volta no bolso antes de responder.

— Harlow me chamou pra passear no barco dele.

— Harlow? — Finn repete, incrédulo. — Como Jay Harlow?

— É, o próprio — confirma ela, entediada. — Mas nem fique empolgado, não vou aceitar.

— O quê? Por quê?

— Porque ele é um babaca com a missão de transar com todas as garotas do campus — explica Sage, com a voz irritada.

— Deve ser um mal comum dos *Seabirds* — murmuro, lembrando com amargura das garotas que Arkin já levou ao apartamento.

— É por isso que fico longe deles — Sage argumenta.

— Ele tem mesmo um barco? — Finn indaga, impressionado.

— Um bem caro — Sage responde, torcendo o nariz. — A família Harlow é tão rica que não me surpreenderia se eles tivessem um cruzeiro.

Quando meu nome é chamado no balcão, pego meu copo fumegante de café a agradeço o barista antes de me virar para ir até a saída. Sage e Finn estão alguns passos à minha frente, discutindo sobre os prós e contras de sair com Jay Harlow, quando vejo o professor Hayword sentado numa mesa perto da porta, conversando com outro homem que não conheço, mas que presumo ser professor também, pelo modo *classudo* que está vestido.

Interrompê-lo em seu intervalo não é o melhor momento para implorar para que me deixe participar da audição com a Global Records. Eu iria acabar importunando-o e obliterando totalmente minhas chances de conseguir o que quero — e, talvez, o que preciso desesperadamente.

O dinheiro que acompanharia esse contrato seria muito mais do que bem-vindo. Poderia ser minha grande oportunidade de mudar de vez a situação de Dinah e Kyle. Além de, obviamente, ser um passo na direção do meu sonho de viver de música.

Mas agora não é o momento de explicar isso a Hayward. Estou fazendo uma anotação mental para me lembrar de procurá-lo mais tarde quando ouço sua conversa e paro antes de sair da cafeteria.

— Não sei mais o que posso dar de aniversário ao Jake. A única coisa que ele queria era a droga do ingresso VIP para assistir ao *Easterns* em Nags Head. Não acredito que já acabaram todos.

Instantaneamente, uma ideia totalmente insana começa a se formar na minha cabeça. Sinto minhas mãos suarem e ouço meu nome ser chamado por Finn, mas não presto atenção. Meus olhos estão fixos em Hayword e no que ele representa: a oportunidade de mudar meu futuro. De mudar *tudo*.

Antes que eu possa impedir, meus pés me levam até a mesa do professor e paro diante dele. Hayword levanta a cabeça para me olhar.

— Kingston — constata, um pouco surpreso pela minha intromissão. — Posso ajudar?

Abro a boca para falar, mas hesito por um momento, me dando uma última chance de desistir dessa maluquice.

Não acredito que vou realmente fazer isso, mas, pensando bem, não pode ser tão ruim. Eu prometi a mim mesma que não aceitaria ficar estagnada, vendo as oportunidades passarem diante dos meus olhos, covarde demais para correr atrás de alguma. Eu posso fazer isso

— Eu... Desculpe, acabei ouvindo sua conversa. Acho que posso ajudá-lo a conseguir um ingresso VIP pro *Easterns*.

Ele levanta uma sobrancelha, provavelmente sem acreditar. Deve me achar tão maluca quanto acho que estou nesse momento. Mas agora já é tarde demais pra voltar atrás.

— É mesmo?

— Sim, meu namorado é um *Seabird*.

Os olhos dele se arregalam, mas agora parece começar a prestar atenção e me levar a sério. Hayword vira o corpo na minha direção, um sorriso otimista crescendo em seu rosto.

— Meu filho, Jake, é um *super* fã dos *Seabirds*.

— Sério? Que coincidência. — Levo uma mão ao peito, como se nem eu pudesse acreditar em tamanha *coincidência*. — Meu namorado vai competir no *Easterns*, não vai ser problema conseguir ingressos VIPs pra vocês.

Espero que não seja realmente um problema ou estarei ferrada.

Droga, não acredito que estou mesmo embarcando nessa ideia ridícula. Quais as chances de dar tudo errado?

— Quem é seu namorado?

Respiro fundo e lhe ofereço o melhor sorriso que tenho. De soslaio, consigo identificar Sage e Finn me encarando de perto, tão incrédulos quanto embasbacados.

— Arkin Sawyer.

17

Arkin

— Quais as chances de foderem com a gente em Nags Head? — Maddox pergunta, de trás do balcão da Offshore, a loja de surfe onde ele e Lucas trabalham.

Também trabalhei meio-período aqui durante o último ano antes da universidade. Me ajudou a juntar uma grana. De vez em quando, ainda dou uma mão para Kiera, a dona do lugar. No verão, ajudei ela com a reforma do estabelecimento. Ela pintou todo o interior e deu uma cara nova à melhor loja de surfe de Cardeen Bay — e, segundo ela, de toda Carolina do Norte.

Kiera foi a professora de surfe de Eric e, além disso, foi como uma mãe para nós desde que a conhecemos. Sou muito grato a ela por isso. Quando saí da casa do meu pai e me mudei para a república, Kiera me deixou usar o pequeno galpão nos fundos da Offshore para guardar meu *quiver* e o de Eric — não consegui nem pensar em me desfazer das pranchas dele. Elas eram a vida dele.

Na verdade, ela fez mais por mim do que a maioria das pessoas. Me ajudou quando estava na minha pior fase, depois da morte de Eric. Se não fosse por ela, acho que nunca teria deixado de ser um moleque irresponsável e levado o surfe a sério.

Sou mais grato a Kiera por isso do que ela pode imaginar.

— Relaxa, ninguém vai foder com a gente — garanto, terminando de fazer as linhas com a parafina de base no centro da minha Semi Gun.

Na verdade, é a Semi Gun preta de Eric, sua preferida. Ele até a chamava de sua garota, *Danielle*. Vou levá-la comigo para Nags Head na semana que vem, junto com a minha Fish. Já tirei a parafina antiga dela e reapliquei, trocando as quilhas. Agora é a vez da Semi Gun levar um trato.

Esse ritual de cuidado com as pranchas era algo que meu irmão e eu costumávamos fazer juntos, bebendo uma cerveja e

jogando conversa fora até de madrugada. Foi mais uma coisa que mudou quando ele se foi.

É o fim da tarde após um treino funcional dos *Seabirds* e todos estão ansiosos e empolgados para o *Easterns*. Já surfei nos Outer Banks antes e, especificamente, em Nags Head, no último verão. Em geral, não tive nenhum problema com outros surfistas lá, mas não sei como vai ser com a adrenalina da competição.

Sei que um dos surfistas que vai estar na disputa tem fama de roubar ondas. O nome dele é James Forbes. Não o conheço, só sei que é bom, mas não é confiável. Espero não ter problema com ele.

Às vezes, principalmente em disputas, os surfistas locais tentam foder quem vem de fora. Todos nós já ouvimos histórias sobre isso, principalmente uma que o treinador Jenkins nos contou, de quando ele quase se meteu numa briga física com um *Black Trunk* no Havaí nos anos 80. A ilha, em especial Pipeline, é o pico de surfe que mais sofre com o localismo do esporte.

O localismo faz parte e, se teve algo que Jenkins nos ensinou bem, foi para respeitar o pico onde surfamos e, principalmente, os locais, até para evitar qualquer encrenca que nos prejudique.

Algumas pessoas, contudo, levam o localismo ao extremo, envolvendo até violência. Os *Black Trunks* agiam como se o mar havaiano pertencesse a eles, o que levou ao caso de Jenkins, que foi derrubado da prancha no meio de uma bateria e perseguido na areia porque um dos caras achou que teve sua onda roubada por ele.

Essa história assustou alguns dos *Seabirds* que sonham surfar em Pipeline algum dia, incluindo Maddox, embora ele não vá admitir.

Um dia, se eu chegar ao WCT, vou ter que surfar lá também. Não sei como isso vai ser, nem se vou conseguir pisar em Pipeline algum dia sem pensar que mandei meu irmão para lá e ele nunca voltou.

Talvez, surfar Pipeline seja minha redenção. Ou, talvez, seja minha ruína. Só espero estar preparado para as duas coisas quando

o momento chegar. Se fosse hoje, não tenho certeza se conseguiria ir.

Tenho pesadelos com o lugar. Só de pensar em Eric lá, afundando no mar e sendo levado pelas ondas, começo a hiperventilar. É como se eu sentisse o que ele sentiu. A dor, o desespero, o medo...

Fico me perguntando como é a sensação, se ele sofreu ou se sabia que iria morrer.

Onde quer que esteja agora, espero que ele saiba que nunca vou me perdoar por ele ter passado por isso. Em alguns dias, isso é tudo em que consigo pensar. Acho que estou me torturando, mas não me importo com a dor que isso causa. Culpa nenhuma vai chegar perto do que Eric passou.

— Tomara, porque eles não vão gostar quando eu revidar. — O resmungo de Maddox me traz de volta à realidade e pisco algumas vezes, me recompondo.

Limpo a garganta e pego a parafina de água fria para passar na prancha que está sobre a mesa, no canto da loja.

Além de vender todo tipo de artigo para surfe, inclusive roupas e trajes, a Offshore também fornece aulas para iniciantes. Acho que Kiera nunca deixou de gostar de lecionar. Ela diz que vive para pregar a palavra do surfe e ensinar a cultura desse esporte para todos que queiram ouvir.

— Não deixe o Jenkins te ouvir dizer isso ou ele arranca sua cabeça — digo, mas Maddox apenas responde com um grunhido de desdém.

Jenkins é totalmente contra a violência e já disse várias vezes que dará a punição máxima para um *Seabird* que se envolver em confusão, especialmente em algum torneio. No ano passando, ele esteve em cima de mim como um falcão, esperando o meu mínimo deslize.

E eu quase deslizei por causa do desgraçado do Alex. Não só porque ele traiu Mia, mas porque ele faz questão de me provocar sempre que estava por perto. E ele sabe como jogar sujo, usando meu passado contra mim. Mas Jenkins me deu uma segunda e

última chance e não podia mais colocar tudo a perder, então estava tentando me controlar.

No minuto seguinte, Lucas volta do estoque nos fundos do bar trazendo nos braços uma caixa para descarregar e colocar nas prateleiras.

— Não deixe Jenkins ouvir o quê? — pergunta, colocando a caixa no balcão da loja.

— Que Maddox está implorando pra ser expulso da equipe — provoco, erguendo a cabeça para encarar meu amigo. Ele levanta o dedo do meio para mim e dou uma risada alta.

— Sem ofensas, cara, mas não sei como você ainda não foi expulso — Lucas diz.

Eu também não sei como.

O estilo de surfe de Maddox é agressivo, para dizer o mínimo. Embora ele seja muito rápido, também joga duro quando tá numa prancha. Acho que isso tem a ver com a maneira como foi criado. Seu pai era um alcoólatra que foi preso uma porção de vezes por violência doméstica, mas meu amigo nunca ficou parado vendo sua mãe sofrer nas mãos dele. Ele sempre a defendeu, precisando brigar com o próprio pai para isso.

É uma realidade pesada, difícil e admiro Maddox por ter conseguido passar por tudo isso e nunca permitir que sua mãe fosse ferida, mesmo que ele tivesse que sofrer sob a ira de seu pai como consequência. Ele falou sobre essa parte de sua vida apenas uma vez e nenhum dos caras tocou nesse assunto depois, porque é óbvio que é difícil para ele. De qualquer modo, ele e a mãe, felizmente, se livraram dessa situação quando o pai de Maddox foi preso pela última vez, há três anos.

Meu amigo conheceu a violência de perto desde muito cedo e talvez isso tenha influenciado muito na maneira como ele age, inclusive quando surfa. Mas ele é um cara legal quando se conhece a fundo. É um dos melhores que já conheci.

Ainda assim, por causa desse seu comportamento explosivo, é uma surpresa ele nunca ter se metido em nenhuma confusão relevante. Mas, pensando bem, Maddox ainda não tá competindo

nos torneios maiores. Aqui em Cardeen Bay, e em todo o litoral do estado, de uma forma geral, nós somos os locais. Mas lá fora, no Havaí ou em outros países, Mad vai ter que segurar a própria onda ou vai acabar se ferrando.

Se eu não soubesse que Maddox tem um coração enorme e que não pega pesado com a intenção de prejudicar outras pessoas, nós dois teríamos um problema.

Não que eu também não tenha a cabeça quente, mas estou tentando não cruzar mais os limites, o que não impede Jenkins de continuar de olho em mim, se certificando de que não vou sucumbir aos velhos hábitos irresponsáveis.

— Porque sou um surfista brilhante, diferente de vocês, cuzões — Mad se gaba, e Lucas e eu reviramos os olhos.

Depois de terminar de aplicar a parafina e trocar as quilhas da prancha, adicionando uma a mais do que uso quando surfo aqui em Cardeen Bay, levo a Danielle para os fundos da loja, junto com minhas outras pranchas.

Não tem muito espaço no apartamento para colocar uma prancha lá e não sei se Blaze concordaria. Ela é tão imprevisível, nunca sei o que esperar dela. Ao menos, parece que estamos nos saindo bem nesse lance de *trégua.* Ontem à noite foi a prova disso, parecíamos quase velhos amigos. Isso pode dar certo, tirando pelo fato de que eu penso em transar com ela com mais frequência do que deveria.

Vê-la tomando aquele sorvete ontem foi praticamente um exercício de resistência para mim e o meu pau. Não é só o fato de Blaze ser linda pra caralho e conseguir me deixar louco com mais facilidade do que qualquer uma já conseguiu. Ela é como um quebra-cabeças que preciso montar. É como se ela me *desafiasse* a isso, a desvendá-la.

Antes de voltar para o salão da loja, sinto meu celular vibrar no bolso da bermuda e o apanho. Sorrio ao ver uma mensagem da garota que vem dominando meus pensamentos ultimamente. É como se ela tivesse lido a porra da minha mente.

Blaze Kingston: *Parabéns, agora sou sua namorada.*

Arkin Sawyer: *Uau, rápido assim? N vai nem me pagar um jantar primeiro?*

Blaze Kingston: *Só se for um jantar de mentira. Igual a esse namoro.*

Dou risada quando ela envia logo depois um emoji revirando os olhos.

Por que agora, de repente, ela resolveu aceitar minha proposta? Quando mencionei a mera possibilidade, Blaze ficou tão ultrajada que pensei que fosse, como Mia disse uma vez, tocar fogo na minha cama enquanto eu dormia.

Arkin Sawyer: *Oq fez vc mudar de ideia?*

Blaze Kingston: *O acordo passou a ser vantajoso p mim.*

Eu passei os últimos dois dias torcendo para que Blaze mudasse de ideia e aceitasse embarcar nessa farsa comigo, porque sei que pode ser a única maneira de realmente convencer meu pai e, consequentemente, seu amigo Scott. Mesmo assim, não posso evitar ficar um pouco desconfiado agora.

Blaze parecia tão irredutível... O que a fez mudar de ideia?

Antes que eu possa pensar mais a respeito ou pressionar Blaze sobre o motivo de sua aceitação, Lucas aparece no corredor, vindo até mim.

— Ei, cara — diz, colocando as mãos nos bolsos da jaqueta esportiva que está usando. — Posso falar com você um minuto?

Franzo o cenho, pensando que tem a ver com Mia. Ainda não sei se ela seguiu o meu conselho e deixou pra lá ou não.

— Fala, o que foi?

— Seu pai esteve aqui ontem, procurando uma prancha para dar de aniversário ao Kevin.

Isso não me surpreende. Embora o meu pai não goste de surfe, ele faz qualquer coisa para mimar os filhos de sua futura esposa, Lisa. Sua dedicação é impecável, na verdade. Algo que Eric e eu nunca conhecemos durante nossa adolescência.

— É, Kevin faz aniversário no domingo. E daí?

— E daí que Thomas disse que você pode ficar sem patrocinador para o QS na próxima temporada.

Suspiro, levando meus dedos para a ponte do nariz. Isso também é típico do meu pai.

— Tenho tudo sob controle — afirmo, voltando a olhar para Lucas. Mas vejo em seu rosto que ele não acredita nem um pouco.

— Duvido muito disso.

— Olha só, Liam Scott e a Maximus, provavelmente influenciados pelo meu pai, estão receosos que eu represente a marca deles nos mundiais no ano que vem — explico, lembrando do diálogo nada amigável em que meu pai jogou isso na minha cara, praticamente me chamando de fracasso. — Acham que minha reputação é uma droga.

— Sua reputação é uma droga — concorda Lucas, dando uma apunhalada no meu ego.

— Uau, obrigado, cara.

Não que ele esteja errado. Não fui confiável durante muito tempo.

O estopim para o meu pai foi quando me meti numa briga numa festa e cheguei em casa acompanhado da polícia.

Quando não estava procurando por adrenalina e desafio no surfe, estava buscando formas de esquecer o que aconteceu com meu irmão.

Posso não ter me importado com muita coisa na vida, mas o surfe é a exceção. Isso é a minha vida e não posso arruinar isso.

— Não há de quê. — Lucas dá um tapinha em meu ombro. — E o que você pretende fazer?

— Melhorar minha reputação.

— E como vai fazer isso? — devolve, ainda mais descrente. Dou de ombros.

— Da melhor maneira possível: namorando uma garota.

As sobrancelhas escuras de Lucas quase batem na raiz do seu cabelo quando ele arregala os olhos.

— O quê?

Suspiro.

— Olha só, meu pai e o Scott acham que sou um irresponsável e não os culpo por isso, mas vou provar que estão errados. Tudo o que preciso é mostrar a eles que sou confiável. — Ao menos, espero que isso seja o suficiente para convencê-los. Além de, é claro, comparecer ao maior evento contemporâneo de tortura: o casamento do meu pai. Rapidamente acrescento: — Não se preocupe, não vai ser um namoro real.

— Claro, porque você nunca seria capaz disso.

Depois disso, Lucas fica algum tempo em silêncio, provavelmente absorvendo todas as informações. Ele deve achar que pirei de vez.

Lucas esteve presente em todas as doideiras que fiz nos últimos tempos. Num primeiro momento, ele hesita e duvida, mas *sempre* fica ao meu lado. É um ótimo amigo e confio nele para qualquer coisa, inclusive me ajudar agora. Ele sabe o que o surfe significa para mim e que eu faria qualquer coisa, sem exceção, para mantê-lo.

O surfe profissional tem sido um sonho para mim desde sempre e, sim, é difícil e desafiador, principalmente com um pai que te lembra constantemente que você é um fracasso e que acha que você nunca vai conseguir. Sei que dei a ele muitos motivos pra isso com todas as merdas que fiz. Nunca me dediquei realmente a nada além do surfe, nem mesmo a um namoro.

É por isso que talvez essa seja a ideia perfeita para fazer meu pai e, portanto, Liam Scott, perceber que, quando concentro meus esforços em algo, realmente consigo fazer dar certo. Depois do choque inicial de me ver dedicado a um relacionamento sério, ele vai se convencer.

— Sei que parece ridículo, mas conheço o Thomas. Ele acha que não sou capaz de me dedicar a um namoro muito mais do que acha que não sou capaz de levar o surfe a sério e fazer disso uma carreira.

— E sua ideia brilhante foi fingir um namoro? — repete, ainda meio incrédulo. Balanço a cabeça, assentindo. — Ok, mas qual a garota maluca que toparia isso?

Acho que Blaze Kingston é a única que a aceitaria. Foi por isso que fiz a proposta para ela, em primeiro lugar. Mia passou pela minha cabeça por alguns segundos também, mas ela nunca toparia isso. Ela é apaixonada demais pelo Lucas — e Jay ficaria maluco.

Mas Blaze é a escolha perfeita e não só porque algumas pessoas já acreditam que estamos namorando, embora esse tenha sido um fator positivo, mas, de alguma forma, acho que Blaze e eu somos parecidos. Nós dois faríamos qualquer coisa pelas nossas paixões. A dela, no caso, é a música. Então acho que, seja lá o que a fez mudar de ideia sobre esse acordo, tem a ver com isso.

Além disso, e não querendo ser presunçoso, não queria correr o risco de que a garota que aceitasse a proposta se apaixonasse por mim. Blaze nunca se apaixonaria por mim. Ela me odeia demais para isso. Claro, estamos conseguindo conviver e até ter uma relação pacífica, mas sei que ela ainda não gosta de mim. Ela me vê da mesma forma que o meu pai me vê.

Talvez isso até seja bom, pode fazer com que eles se identifiquem um com o outro.

Dou um sorriso antes de responder:

— Aparentemente, minha colega de apartamento



A noite está inesperadamente fria. Ainda bem que estou vestindo meu casaco de moletom dos *Seabirds.* Uso os bolsos para aquecer as mãos enquanto espero do lado de fora do Meg's, encostado contra o jipe e aguardando o fim do turno de Blaze. Já é tarde e não tem mais quase ninguém no interior da lanchonete. Honestamente, não sei porque ela tem que ficar até esse horário, não tem muito movimento agora. Acho que ela faz pelo dinheiro extra.

Quando a porta de vidro finalmente abre, Blaze sai acompanhada de sua amiga. Elas estão entretidas numa conversa e o rosto de Kingston está leve e sorridente, algo raro.

Ontem ela chegou com os olhos tão tristes que, mesmo de longe, quase pude sentir os pedaços quebrados dentro dela. Não sei o que aconteceu e ela não quis conversar a respeito, mas

suspeito que tenha sido ruim e, por alguma razão, isso me incomodou.

Pelo pouco que conheço Blaze, ela não parece ser do tipo que sofre à toa. Na verdade, acho que ela esconde muita coisa para não parecer fraca ou vulnerável. Me pergunto o que aconteceu para que ela se tornasse assim. O que tem na sua vida que a machuca tanto? O que torna seus sorrisos tão escassos?

Ela mencionou que seu pai a abandonou há muito tempo, mas será que é apenas isso?

Vou descendo meu olhar por sua figura pequena. Seus cabelos estão presos num rabo de cavalo despenteado e ela ainda está vestindo o uniforme azul-pastel do Meg's, mas por cima há uma jaqueta de couro, protegendo-a do ar gelado da noite. Nos pés estão seus costumeiros coturnos de couro. Eles combinam muito com ela.

Quando ela detecta minha presença, seus olhos se estreitam e ela franze o cenho, mas não parece irritada, apenas surpresa. Ela acena para Sage, se despedindo, e desvia seu caminho para vir até mim. Sua amiga me olha dos pés à cabeça e crispa o nariz em descontentamento antes de continuar até o estacionamento.

— Ei, o que tá fazendo aqui? — pergunta Blaze, colocando uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha.

O vento sacode a saia do seu vestido e as pontas de seus cabelos. O frio repentino faz com que a ponta do nariz pequeno e fino de Blaze fique vermelho e ela encolhe os ombros.

— Vim buscar a minha *namorada* no trabalho. — Lhe dou um dos meus sorrisos de canto.

É estranho dizer essa palavra em voz alta. Nunca tive uma namorada antes e, sendo sincero, nunca quis ter. Seria apenas mais uma pessoa que eu acabaria decepcionando. Meu foco sempre estará totalmente no surfe e esse esporte exige que eu sempre esteja viajando para todos os mais diversos lugares ao redor do mundo. Não sei se conseguiria manter um relacionamento sob essas circunstâncias, cobranças e pressões. Nunca quis nem pensar em tentar, apesar de oportunidades não terem faltado.

Prefiro evitar as expectativas que vem junto com um relacionamento e, consequentemente, as frustrações.

Blaze inclina a cabeça para o lado e morde o canto do lábio inferior. Ela parece estar ponderando qual decisão tomar quando olha por cima do ombro para o estacionamento, uma ruga de hesitação se formando entre suas sobrancelhas.

Por um momento, penso que ela vai mandar eu me ferrar e sair andando para longe. Mas então ela endireita a coluna e passa por mim, dando a volta no jipe e indo até a porta do passageiro.

— Não precisava vir — diz, me olhando por cima do carro antes de abrir a porta. Seguro um sorriso vitorioso e me viro, entrando no carro logo após ela.

O interior do veículo está consideravelmente mais quente e posso finalmente relaxar os músculos, prendendo o cinto e girando a chave que já estava na ignição.

— Sim, precisava — discordo, dando a partida enquanto a observo de soslaio. — E mais tarde vamos ao Outpost fazer nossa primeira aparição como casal.

A companhia de Blaze não é tão ruim — quando ela não está atirando minhas roupas pela janela — e precisamos fazer mais do que alimentar os boatos, precisa parecer um namoro real, algo além dos meus casos de uma noite só. Nunca fiquei com alguma garota por muito tempo, então aparecer frequentemente com Blaze em público vai ser uma quebra de expectativa para todo mundo.

Principalmente para o meu pai.

— Está mesmo levando isso a sério, não é? — Sua voz sai abafada e me viro para saber o motivo. Ela está com um cigarro entre os lábios e retirando um isqueiro da bolsa. Tiro uma das mãos do volante para puxar a droga da sua boca e jogá-la pela janela sob seus protestos. — Ei! Qual é? A regra era sobre não fumar no apartamento.

— Nova regra: não fumar dentro do meu carro.

Ela bufa alto e revira os olhos, fazendo beicinho como uma criança emburrada.

— Você é um estraga-prazeres — resmunga, e dou risada de seu tom de voz mal-humorado.

Sorrio e levo meus olhos de volta para a estrada.

— Então... por que mudou de ideia?

Blaze suspira e, com o canto dos olhos, a vejo levar as mãos aos cabelos para soltá-los.

— Já ouviu falar na *Global Records*? — pergunta, e eu nego com um gesto de cabeça. — É uma gravadora muito famosa em Los Angeles. Eles impulsionaram o início de carreira de vários artistas famosos.

Como presumi, tem a ver com música. Ainda assim, não consigo ver muita relação com nosso acordo peculiar.

— E o que isso tem a ver com nosso namoro falso?

— Resumindo a história, a *Global Records* fez uma parceria com a universidade e está fazendo algumas audições para escolher um aluno para fechar contrato. O prazo para as inscrições fechou no mês passado, mas, por sorte, o professor responsável por elas tem um filho que é fã dos *Seabirds*. Ele ficou muito impressionado quando eu disse que era sua namorada e que podia conseguir ingressos VIPs que ele pudesse levar o filho para assistir ao *Easterns* de camarote. Acho que isso faz ele gostar de mim e mais propenso a me dar uma chance nas audições.

— É faz, sentido — comento, parando num farol a apenas uma quadra de distância do nosso prédio. — Sorte a sua que cada *Seabird* tem direito a três entradas VIPs. Meu pai, obviamente, não vai aparecer, então pode dar duas para seu professor.

— E a terceira?

— O quê? — Me viro para fitá-la e já a encontro me esquadrinhando com seus grandes olhos castanhos.

— Você disse que eram três entradas VIPs — repete. — O que vai fazer com a terceira?

Como ela ainda tem alguma dúvida sobre isso?

Acho que Blaze pode ser tão ruim quanto eu quando o assunto é namoro, mesmo sendo um de mentira.

— A terceira é sua, é claro. Vai a Nags Head comigo — digo, só então percebendo que não pensei muito em como tudo funcionaria nesse nosso esquema. — É o que namoradas fazem.

Não pode ser muito complicado, certo? Só vamos ter que fazer parecer um namoro legítimo em público. As pessoas vão acreditar, basta eu levá-la para os eventos do surfe e as festas universitárias comigo. E, depois, levá-la para casa pra conhecer meu pai, quem realmente precisa acreditar nessa história.

Droga, a ideia de Blaze conhecendo Thomas não é muito empolgante. Embora eles possam compartilhar da mesma opinião sobre mim, Kingston é dona de um gênio difícil que meu pai chamaria de petulante e, até, desrespeitoso.

— Mas a gente nem combinou como vai ser esse namoro — argumenta Blaze. — Nem estabelecemos as regras.

Levanto as sobrancelhas, sorrindo.

— Você adora regras, não é, gatinha?

— Claro, elas me mantém a salvo de *você.*

Seu tom acusatório me faz rir alto. Sinto o calor de seus olhar em mim quando ela cede e acaba rindo também. Me viro só para ver isso, seu rosto se suavizando e suas bochechas ficando rosadas.

— Não sei se precisamos de regras. — Analiso, estacionando o carro na nossa rua. — Parece bem simples. Você só tem que parecer loucamente apaixonada por mim, mas isso não deve ser difícil.

— Rá! Tá brincando? Fingir que eu não te detesto vai ser a missão mais difícil da minha vida.

— Continue enganando a si mesma, gata.

Lhe dou uma piscadela e posso jurar que seu corpo se enrijece. Blaze comprime os lábios numa linha fina e foge do meu olhar, se concentrando em alguma coisa na alça de sua bolsa.

— Vamos fazer isso até quando? — pergunta, com a voz séria e um pouco consternada dessa vez.

Ela parece um pouco preocupada, na verdade.

— Até o dia vinte de novembro, que é o dia do casamento do meu pai — informo, fazendo uma careta quando sinto o gosto de bile que surge em minha boca ao imaginar esse casamento. Estive fugindo dessa situação desde que meu pai decidiu que precisava se dedicar a uma nova família, mas agora não tenho mais para onde correr. Vou ter que ir. — Precisamos estar lá para convencê-lo de que sou responsável o bastante para honrar com o compromisso do patrocínio.

Blaze balança a cabeça, anuindo conforme assimila.

Realmente não pensei muito sobre as consequências desse namoro fingido, mas ela, diferente de mim, parece estar considerando tudo enquanto toma alguns segundos para ficar em silêncio, ponderando.

— Tudo bem. Já vai ser quase no final dos três meses do nosso acordo. Então você vai se mudar logo depois do nosso "término". — Ela desenha aspas no ar ao falar aquela palavra. — Pode dar certo.

— *Vai* dar certo.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro, pode mandar.

— Por que você não arranja uma namorada de verdade? — indaga, franzindo o cenho. — Tenho certeza que dezenas de garotas na CBC iriam se candidatar à vaga.

Dou um riso nasalado.

— Não quero compromisso, gatinha — ressalto. — O surfe é e sempre vai ser minha única prioridade.

Blaze apenas assente, como se compreendesse. Me surpreendo ao não receber seu julgamento sobre essa minha escolha.

De qualquer forma, o nosso relacionamento falso seja mais bem sucedido do que a maioria dos relacionamentos reais por aí. Afinal, já sabemos quando vai acabar.

— Ok, acho que temos um acordo então.

18

Blaze

Quando entramos no Outpost, a mão de Arkin está grudada na minha, nossos dedos entrelaçados como se fosse o gesto mais natural do mundo. Não sei se ele pode sentir minha palma suando pelo nervosismo, mas, se pode, ele não menciona. Na verdade, Sawyer está tão confiante que parece que já fez isso uma dúzia de vezes. Parece que já fez isso *comigo*. Está tão tranquilo que me irrita. É como se nada no mundo pudesse abalá-lo.

Eu, por outro lado, estou pirando. Nem tive tempo de explicar a Sage e Finn sobre essa loucura. Na verdade, acho que não tive muito tempo para *pensar* sobre essa loucura. Se estivesse em sã consciência, teria pulado fora. Eu *deveria* ter pulado fora. Mas agora, quando penso nisso, lembro do rosto animado e otimista do professor Hayword.

Ele não estaria nem perto de mudar de ideia se eu não o tivesse oferecido os ingressos e Arkin não teria simplesmente aceitado fazer esse favor para mim depois que neguei fazer um favor pra ele.

Tinha que ser *quid pro quo*.

Tinha que ser esse namoro falso.

Estou numa enrascada? Sim, mas é por um bom motivo.

Tento me convencer disso, tento imaginar Hayword e eu no deck VIP do Jannette's Pier. Ele vai estar tão feliz por seu filho estar feliz que não vai nem pensar em dizer não quando eu pedir uma chance nas audições.

Ao menos, é o que espero.

O interior do Outpost está lotado de universitários começando o fim de semana da melhor maneira possível: se entupindo de cerveja. Acho que nunca vi esse bar tão cheio quanto hoje. Arkin abre caminho à frente, me guiando com sua mão ainda colada na minha.

Ele é bem mais alto do que a maioria das pessoas que nos cercam, o que facilita para que ele consiga passar sem muitos problemas. As pessoas simplesmente saem de seu caminho. Muitas cabeças se viram na nossa direção, olhos arregalados e incrédulos nos assistem enquanto nos aproximamos da mesa em que os amigos de Sawyer estão. Há quatro deles, mas só reconheço Maddox, Lucas e Charlie.

Quando eles me veem de mãos dadas com seu amigo, se entreolham confusos. Não os culpo, porque se me dissessem, há uma semana, que eu estaria namorando Arkin Sawyer, ou *fingindo* namorá-lo, provavelmente iria rir até minha barriga doer. Nós dois somos o casal mais inesperado do mundo.

— Ei, cara, pensei que não viria — cumprimenta Charlie, alternando o olhar de mim para Arkin. Os outros três estão em silêncio, totalmente chocados.

— Foi uma decisão de última hora. Não é, *amor*? — Arkin me olha com suas íris verdes brilhando em diversão.

Forço um sorriso que se congela no meu rosto e que tenho quase certeza que não demonstra muita *amabilidade*.

Sinto a atenção dos outros quatro caras à minha frente queimando sobre mim, mas não desvio meu olhar de Arkin. A forma como ele me chamou de amor foi totalmente ridícula e espero que ele consiga sentir meu descontentamento através da forma como estou fuzilando-o silenciosamente.

Os outros podem não perceber o sutil tom de ironia em sua voz quando ele me chamou daquela forma, mas eu senti. Ele sabe que vou odiar cada segundo do nosso namoro fingido e acho que pretende usar essa oportunidade para me irritar e me deixar maluca pelos próximos três meses.

Só que eu não vou deixá-lo fazer isso, e não apenas por causa da nossa recém-instaurada trégua. Mas porque não vou ceder facilmente apenas para manter a credibilidade da nossa farsa.

Se ele quer jogar, então vou ser sua pior rival.

Sawyer se senta numa das duas cadeiras livres e cumprimenta os amigos com toques de mão masculinos que nunca

compreendi muito bem. Ele precisa afastar a cadeira para trás um pouco, para poder acomodar suas pernas longas e esticadas, mas o espaço que ele abre me dá uma ideia diabólica que espero muito que não acabe se virando contra mim num futuro próximo.

Em vez de me sentar na outra cadeira, me sento no colo de Arkin e coloco um braço sobre seus ombros. Sua mão vai instintivamente à minha cintura, mas ele semicerra os cílios ao me fitar, a boca entreaberta como se eu tivesse roubado suas palavras.

Sorrio com satisfação antes de virar a cabeça na direção de seus amigos e encontrar quatro queixos caídos. Até mesmo Maddox, que não parece ser facilmente impressionável, está chocado.

— Olá, meninos — cumprimento, me forçando a agir com naturalidade.

É um tarefa difícil, principalmente quando sinto o corpo rígido de Arkin sob mim, *pressionado* em mim. A mão grande que estava na minha cintura há um minuto agora está deslizando para baixo, passando pela barra da minha saia curta até pousar no topo da minha coxa, coberta apenas pela meia arrastão, que não faz muito para impedir o contato das nossas peles. Sua mão é quente e seus dedos passam a fazer movimentos circulares, iniciando uma carícia lenta que me faz engasgar.

Um arrepio elétrico percorre minha espinha e estremeço. Como resposta, escuto a risadinha de Arkin atrás de mim.

Canalha.

— Hey, B — Charlie devolve o cumprimento, migrando do estado de choque para o de quase divertimento.

— Gata, esse é Jay Harlow, o responsável pela minha expulsão da república. — Apresenta Arkin, indicando o único rosto desconhecido na mesa. — Os outros caras você já conhece.

Levanto as sobrancelhas, reconhecendo o nome. É o ex da Sage.

Ele é muito bonito. Tem cabelos loiros, mas não tão claros como os de Charlie. São mais puxados para o tom de mel. Seus traços são familiares, mas não sei exatamente de onde.

Então, Arkin foi expulso e por isso precisou encontrar outro lugar para morar. Agora faz sentido. Estou me coçando para perguntar o motivo que levou a isso, mas tenho que fingir que não há muita coisa sobre meu *namorado* que eu não sei.

Por algum motivo desconhecido, essa percepção me incomoda.

Passei tempo demais julgando Arkin, achando que já sabia tudo o que havia a saber sobre ele, que é estranho perceber que ele não é mais o garoto de doze anos que puxava meu cabelo na escola. Ele se tornou um homem surpreendente. Seu lado suave e gentil mexe comigo tanto quanto seu lado atrevido e provocativo e eu nem sabia que essa parte dele existia.

Acho que ainda há muita coisa a descobrir sobre Arkin Sawyer e estaria mentindo se dissesse que não quero descobrir tudo. Mas, provavelmente, não vou. Somos só colegas de apartamento e namorados de mentira, o certo a fazer é manter tudo dessa forma, para que nada se complique no futuro.

E algo me diz que Arkin Sawyer é especialista em complicar as coisas.

— Então é você quem eu tenho que agradecer por expulsar o Ark? — pergunto, direcionando meu olhar ao Jay. — Se não fosse por você, ele nunca teria ido morar comigo e não estaríamos namorando e apaixonados agora.

Maddox engasga de choque e começa a tossir sem parar. Lucas dá alguns tapas em suas costas para ajudá-lo.

Coloco a mão na frente da boca para ajudar a esconder o sorriso que tenho que segurar.

— Namorando? — Jay indaga.

— Apaixonados? — Charlie quase grita, ao mesmo tempo.

— Sim. Você não contou a eles, *amor*?

Me viro para olhar para Arkin, que, pela primeira vez desde que propôs esse namoro fingido, parece estar se arrependendo. Ele está estático e sem palavras novamente.

— Não tive tempo.

Sorrio, voltando-me para os outros.

— Ark fez uma surpresa linda para me pedir em namoro — conto, inventando a primeira coisa em que consigo pensar. A mentira sai com tanta facilidade que até me surpreende. — Encheu nosso apartamento com pétalas de rosas e até se ajoelhou.

Aperto meus lábios para impedir que uma risada alta escape. A cara que os amigos dele estão fazendo é impagável. Essa é, simplesmente, a melhor vingança em que eu poderia pensar. Espero que eles falem sobre isso para todos que conhecem e que espalhem os boatos sobre Arkin Sawyer, o surfista fodão e mulherengo, que nunca passou mais de uma noite com uma mulher, ser um romântico incurável.

— Nossa, mas foi tão... — Maddox faz uma pausa, parecendo procurar a palavra certa — rápido.

— O amor é assim — digo, batendo meus cílios enquanto me recosto no peito escultural de Arkin — *imprevisível*.

Não sei se minha encenação de garota apaixonada está colando, mas eles parecem tão chocados que devem estar acreditando. Acho que essa é a maior diversão que tive em meses. Nunca pensei que ferrar com Sawyer pudesse ser tão fácil.

Passo meus olhos por cada um dos quatro caras à minha frente. Charlie parece estar segurando a risada tanto quanto eu. Maddox e Jay estão igualmente perplexos e Lucas... Bem, na verdade, Lucas parece ser o único que não está surpreso.

— Você está tão quieto, Lucas. — Chamo sua atenção e ele me olha. — Não tem nada a dizer?

Ele dá de ombros e balança a cabeça negativamente.

— Se meu amigo está feliz, então eu estou feliz.

— Quanto a isso, você não precisa se preocupar. Ark está muito feliz. — Uso minha mão, que está na parte de trás de seu pescoço, para retribuir as carícias enrolando os dedos nos cabelos escuros e sedosos de sua nuca. Percebo quando ele prende a respiração, afetado. — Não é, amor?

Levo meu olhar até os olhos de Sawyer, que já estão fixos em mim. Suas pupilas estão dilatadas enquanto ele esquadrinha meu rosto. A posição em que estou nos deixa muito próximos, tanto que

consigo ver as sardas suaves em seu rosto. Sua pele é lisa e perfeita. Tudo o que consigo sentir agora é o cheiro de seu perfume e loção pós barba, que ele deixou impregnado por todo o banheiro após seu longo banho antes de virmos para cá.

A intensidade de seu escrutínio é tanta que desaparece com toda a confiança que encenei com intuito de irritá-lo. Meu corpo começa a formigar, ciente dos pontos de contato entre nossos corpos. Principalmente de sua pélvis contra a minha bunda e sua mãos roçando em minha coxa.

— Delirantemente feliz — garante ele, sorrindo.

No segundo seguinte, ele aproxima seu rosto do meu, colando nossas bochechas. Para qualquer um vendo de fora, parece que ele está me dando um beijo no rosto, mas, na verdade, seus lábios estão próximos da minha orelha.

— Você me paga — sussurra Arkin, entredentes, ao pé do meu ouvindo.

Apenas sorrio, porque, pela primeira vez, mal posso esperar pela sua revanche.



Estou saindo do banheiro após retocar o batom vermelho em meus lábios quando dou de cara com Sage. Abro a boca para dizer alguma coisa, mas, antes que possa, ela me pega pelo cotovelo e me leva de volta para o interior do banheiro. Então, cruza os braços e me encara, nada feliz.

— O que você estava fazendo na mesa dos *Seabirds*? — questiona, levantando suas sobrancelhas espessas. — E, ainda por cima, sentada no colo de Arkin Sawyer?

Já faz mais ou menos uma hora desde que Arkin e eu chegamos ao Outpost e passamos todo esse tempo sentados bebendo cerveja e jogando conversa fora. Os amigos dele são engraçados e divertidos e, diferente do que pensei que fosse acontecer, não me senti entediada e nem com vontade de ir embora.

Depois do espanto inicial do anúncio sobre o namoro, os rapazes começaram a conversar sobre o *Easterns*. Eles estavam

cheio de ansiedade e expectativas, principalmente sobre Arkin. Todos tinham certeza de que ele iria ganhar e apesar da confiança que meu namorado falso esbanja, percebi em seus olhos que a pressão o incomoda.

Os caras não me excluíram da conversa só porque não entendia do assunto, como sempre aconteceu quando tentei interagir com os amigos dos caras com quem fiquei — incluindo Alex. Pelo contrário. Arkin e Lucas me explicaram com detalhes como funciona o torneio de surfe da Costa Leste e confesso que fiquei empolgada com a ideia de assistir tudo no deck VIP.

Deu para perceber que não é só os olhos de Arkin que brilham quando fala sobre surfe. Seus amigos também são totalmente apaixonados pelo esporte e foi legal ouvi-los conversando sobre isso e se prontificando em tirar minhas dúvidas sobre os pontos que não entendia.

Na verdade, os *Seabirds* não são tão ruins quanto eu achava e quanto Sage prega que são.

Mas, para além do desagrado que a equipe de surfe causa nela, sei que Sage está atônita e confusa por me ver sentada em cima do cara que eu costumava dizer aos quatro cantos que desprezava.

Acho que, quando ela souber a verdade, não vai ficar nem um pouco menos indignada.

Suspiro, me recostando na bancada de mármore das pias, e começo a contar a história de uma forma resumida. Sage fica em silêncio, ouvindo com atenção até eu terminar. Seus olhos castanhos me estudam, como se ela estivesse procurando por um sinal de que é tudo uma pegadinha.

Essa história é tão absurda que realmente parece que é uma grande brincadeira, que estou tirando uma com a sua cara.

Quem me dera...

— Então é isso? Você vai fingir um namoro com Arkin Sawyer por três meses?

— Infelizmente, sim.

— Isso é loucura.

— Eu sei.

Sage suspira e crispa o nariz da forma que sempre faz quando algo a desagrada.

— Você tem que contar isso ao Finn — determina, então me pega pela mão e me leva para fora do banheiro.

Enquanto sou arrastada pelo bar inteiro, olho ao redor, procurando Arkin. Mas há pessoas demais aglomeradas aqui para que eu possa encontrá-lo.

Quando chegamos até a mesa onde Finn está sentado, bebendo uma soda, repito a mesma história. Ele reage de uma forma bem diferente de Sage. Ele fica empolgado, como se eu contasse que estou namorando uma celebridade ou algo do tipo.

Depois de contar tudo sobre como está sendo namorar de mentira com Arkin Sawyer, me sinto mais leve. Nunca planejei mentir para esses dois também. Valorizo demais a amizade deles para isso e confio que não vão sair por aí desmascarando Arkin e eu.

A verdade sobre nossa farsa deve ficar restrita ao menor número de pessoas possível para esse plano dar certo — e algo me diz que Lucas sabe.

De qualquer modo, é bom poder compartilhar essa loucura com eles. Ao menos agora eles vão poder me aconselhar.

Depois de algum tempo de conversa, decido que preciso de uma bebida para acompanhar as piadas de um Finn à beira da embriaguez e me levanto para ir até o balcão do bar. Me esgueiro entre as pessoas para alcançar o barman e pedir minha vodca com suco de cranberry.

Todas as banquetas do balcão estão ocupadas, então permaneço de pé esperando o meu pedido. Assim que me viro para voltar a procurar os olhos verdes de Sawyer na multidão, uma voz soa ao meu lado:

— Você não é o tipo de garota que bebe vodca com suco de cranberry.

Meus olhos encontram os de Alex, sentado no banco mais perto de mim. Ele está usando a jaqueta dos *Sharks*, os braços

cruzados sobre a superfície de madeira do balcão.

Bufo, sentindo meu humor despencar instantaneamente. A irritação me preenche quando me lembro da última vez em que conversamos, quando ele explicitamente me chamou de vadia após me humilhar em público.

Me odeio por não ter percebido antes que ele não passava de um cafajeste. O deixei se aproximar e se tornar um amigo. De uma certa forma, *confiei* nele. Jackson fez mais do que me decepcionar.

Só queria poder voltar no tempo e nunca ter transado com ele da primeira vez.

Mas está certo em sua observação.

Sou mais do tipo que prefere as bebidas puras. Cerveja ou a boa e velha tequila, mas hoje estou me sentindo confiante o suficiente para inovar. Além disso, essa era a bebida que Effy sempre pedia nas festas e sempre me recusei a experimentar.

Escolho ignorá-lo, então apenas olho para o outro lado.

— Você está linda, Blaze.

— E você é um babaca. — Alex não se ofende, apenas dá um sorriso.

— Gosto quando fica brava.

Ele inclina o rosto para o lado, seus olhar descendo por minha silhueta da forma mais descarada possível.

— Ou você me chama de vadia ou tenta flertar comigo, Alex. Os dois não dá.

Jackson suspira, apoiando a cabeça na mão.

— Nunca deveria ter dito isso — admite, encolhendo os ombros.

— Agora é tarde demais para se arrepender.

— Qual é, Blaze, não é tarde demais para nós dois.

Sinto vontade de rir, mas apenas balanço a cabeça.

— Não existe nós dois, Alex.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas não tem a chance.

Com o canto do olho, vejo uma pessoa se aproximando. Basta que eu vire o rosto um pouco para a esquerda para identificar Arkin marchando até aqui.

Seus olhos estão fixos em mim e ele parece irritado.

Não, é mais do que isso. Arkin parece *contrariado*.

E não tenho tempo de reagir, porque ele me alcança surpreendentemente rápido e, antes que eu consiga raciocinar, ele me pega pela cintura e gruda sua boca na minha.

Meus olhos estão arregalados com o choque e seus dedos estão fincados no espaço de pele entre meu *cropped* de couro e a saia apertada, por baixo da jaqueta aberta que cobre meus braços, mas não demora até que ele enrole um braço ao redor da minha cintura e me puxe para si de maneira brusca, fazendo com que eu colida contra seu peito.

É só então que percebo que estou beijando Arkin Sawyer.

Meus olhos se fecham e meus lábios abrem e, de repente, a língua cálida e macia dele está na minha boca, roçando contra a minha. Seu braço me prende apertado contra ele, me impedindo de afastar. Mas eu não quero, de toda forma.

Porque tem uma chama incandescente dentro de mim assim que sinto o gosto dele, uma mistura de menta com a cerveja que ele estava bebendo da última vez que o vi. Arkin reivindica minha boca e me guia com o controle e a confiança de alguém que sabe exatamente o que tá fazendo.

E, porra, ele faz isso muito bem. Poderia beijá-lo por horas e nunca estar satisfeita. Eu quero mais.

Mas logo minha ficha cai. Ele disse que eu ia pagá-lo.

Essa é sua revanche.

Me afasto, tirando minha boca da sua. Abrimos nossos olhos e nos encaramos ao mesmo tempo. Seu rosto está tão atordoado e arrebatado quanto o meu. Ele não está rindo com arrogância ou fazendo algum comentário sarcástico. Ficamos em silêncio, digerindo o que aconteceu, pelo o que parece ser uma eternidade.

Nesse instante, não consigo nem me lembrar onde estamos. Só consigo olhar para Arkin e sua boca avermelhada, que beijei com

avidez, curiosa para saber como era e desesperada para alimentar essa sensação indescritível.

— Sawyer.

Pisco, voltando à realidade, e puxo uma respiração profunda, forçando meu coração a desacelerar. Nós dois olhamos ao mesmo para o homem com quem eu estava conversando poucos minutos atrás.

— Jackson — devolve Arkin, sem tirar a mão possessiva em minha cintura. — Importunando a minha garota?

Minha garota?

O semblante de Jackson se altera, seus olhos ficando coléricos rapidamente. Ele o alterna entre Arkin e eu algumas vezes antes de responder.

— Nós estávamos conversando antes de você nos *interromper*.

Mal consigo prestar atenção nos dois, porque minha cabeça está totalmente bagunçada depois do beijo.

O beijo.

Deus... o que foi aquilo?

Os motivos para Arkin ter feito isso são bastante claros, mas não explica o efeito que um simples beijo causou em mim. Acho que é porque não foi um simples beijo. Não tem como ter sido.

Mas, ao mesmo tempo, não tem como ter sido nada além disso. Só é estranho porque não é como se fosse o primeiro cara que beijo na vida. Já beijei muitos, principalmente nas festas loucas para as quais Effy me arrastava com ela. Esqueci de todos eles no instante em que terminou, de tão superficiais que eram.

— Então vocês estão mesmo juntos? — Alex levanta as sobrancelhas, descrente.

— Nós estamos — afirma Arkin, categoricamente.

Suspiro, percebendo a tensão crescer no ar. Arkin já deu um soco em Alex antes por causa de uma atitude babaca dele e estou temendo que isso possa acontecer de novo esta noite.

Alex dá um sorriso repleto de malícia e se levanta. Ele tira uma nota de dólar do bolso e deixa sobre o balcão antes de se virar de novo para nós.

— Boa sorte no *Easterns*, cara. Ouvi dizer que vai disputar o QS na próxima temporada — diz, num tom casual que não me engana. — Uma pena que Eric não teve essa mesma oportunidade. Deve ser difícil viver com a culpa.

Agindo por puro instinto, me coloco na frente de Arkin ao mesmo tempo ele que ele faz menção de ir para cima de Jackson. Levo minhas mãos ao seus ombros, parando-o antes que ele faça alguma coisa da qual vá se arrepender depois. Não vou deixá-lo se envolver em encrenca por causa desse babaca.

— Não vale a pena — digo, atraindo os olhos de Arkin para o meu rosto. — Vamos sair daqui.

Arkin assente, mesmo resignado, e, sem direcionar outro olhar para o idiota do Alex, ele me guia para longe, em direção à porta, com uma mão espalmada na base das minhas costas. Sinto a tensão que emana dele e como ele deve estar furioso, se controlando muito agora.

À essa altura, já ficou claro que seu irmão é seu calcanhar de Aquiles. E não sei o que Alex queria dizer quando mencionou que a culpa da morte de Eric era de Arkin, mas isso foi cruel e conseguiu tirar ele do sério. Não o culpo por isso. Sei muito bem que Jackson pode jogar sujo quando quer. É como se ele gostasse de machucar as pessoas.

Antes de passarmos pelas portas, olho para trás, vendo que o olhar de Alex ainda está fixo em mim. Ele sorri e levanta uma mão, balançando os dedos numa despedida. Travo a mandíbula, irritada, e levanto uma mão também, mas para lhe mostrar o dedo do meio.

Quando finalmente saímos do bar, o ar gelado da noite nos envolve e eu cruzo os braços para me proteger dele. Arkin se desvencilha e se afasta, levando as mãos à cabeça com irritação e impaciência.

— O que diabos foi aquilo, Arkin? — indago, consternada.

— Qual parte? — rebate, de costas para mim.

— A parte em que você estava prestes a socar a cara do Jackson — explico, tão impaciente quanto ele. — Não vou nem mencionar sua tentativa ridícula de me beijar para marcar território e o quão *inconveniente* foi.

Ele ri alto e com deboche, se virando para voltar a me encarar.

— Tem certeza de que achou inconveniente?

Não, não achei. Eu quase gemi de prazer quando senti sua língua na minha boca e, se não estivéssemos em público ou se não soubesse que tudo aquilo era falso, eu provavelmente não teria parado. Teria implorado para que ele me colocasse sentada no balcão do bar, igualando nossas alturas, e ficasse entre minhas pernas para que pudéssemos continuar nos beijando pelas próximas horas.

Obviamente, Arkin nunca vai saber disso.

Porque aquele beijo foi falso, assim como tudo o mais que há entre nós.

— Por que Jackson disse aquilo? — pergunto, hesitante.

— Porque ele é um filho da puta — xinga, com o rosto ainda colérico. — Desde que brigamos por ele ter magoado Mia, ele tenta revidar usando meu irmão e meu passado contra mim.

Arkin é vago, evitando entrar a fundo no assunto que envolve seu irmão. Quero fazer mais perguntas, mas sua vida não é da minha conta.

Mas me surpreendo um pouco pela informação de que Alex e Mia já se envolveram. Acho que ele é um canalha compulsivo, já que não sou a única com quem ele aprontou. O babaca deve ter feito uma merda muito grande com Mia para Arkin ter se envolvido e brigado com ele.

De qualquer modo, é evidente que a menção ao seu irmão deixou Arkin abalado. Seus olhos ainda estão nebulosos e ele está ofegante, como se estivesse se segurando para não voltar para o interior do Outpost e começar uma briga com Alex.

Fico em silêncio por mais algum tempo, apenas observando Arkin. Ele logo se acalma e solta um suspiro, voltando seus olhos

para mim.

— Você está bem?

— Sim, estou — responde, a expressão em seu rosto se suavizando. — Vem, vamos pra casa.

Assim, sigo silenciosamente atrás de Arkin em direção ao seu jipe, enquanto afasto à vontade quase insuportável de consolá-lo.

19

Blaze

Arkin foi para Nags Head no início dessa semana.

Sete dias foram reservados para o *Easterns*, mas ele não surfaria em todos. Ele me explicou que em torneios desse tipo, um período grande de tempo é selecionado devido à imprevisibilidade do mar. Não tem como prever se o mar estará totalmente plano ou em boas condições em um determinado momento, então os surfistas devem ficar preparados a semana inteira para surfar em qualquer dia que as condições estejam perfeitas.

Para a categoria que Arkin vai disputar, esse dia é hoje e por isso precisei, de última hora, trocar meu dia de folga com Sage. Arkin pediu para Lucas me buscar cedo em Cardeen Bay. Por sorte, a cidade não é longe dos Outer Banks e chegamos em Nags Head após pouco menos de duas horas de viagem. Durante o percurso, o amigo de Arkin me explicou mais sobre os detalhes técnicos de um torneio de surfe, algo no qual sou totalmente leiga.

Ele me disse que é provável que todas as etapas do torneio sejam definidas hoje ao longo do dia: eliminatórias, semifinais e finais, que será disputada pelos seis surfistas que melhor se saírem nas etapas anteriores. A etapa eliminatória é composta por seis baterias, também chamadas de *heats*, nas quais quatro surfistas vão ao mar ao mesmo tempo, por quinze minutos, para surfar as melhores ondas que puderem.

Os surfistas que conseguirem a melhor pontuação com as duas ondas mais bem avaliadas após dois *rounds*, passam para a próxima etapa.

Parece simples, mas tenho certeza de que não é.

Assim que Lucas estacionou o carro perto do Jannette’s Pier, local onde ocorre a competição, comecei a ficar nervosa. Mesmo agora, já sentada na tenda VIP junto com alguns outros surfistas, ainda não relaxei. A praia está lotada, parece que a cidade inteira

apareceu para assistir os melhores surfistas da Costa Leste disputando o troféu.

Já vi algumas dessas competições passando na televisão, principalmente porque é a única coisa que Kyle assiste, mas estar aqui é diferente. É mais real e emocionante.

O dia está bonito e o mar azul brilha refletindo a luz intensa do sol. Não há uma só nuvem no céu. As ondas parecem grandes hoje, apesar de eu não saber como comparar.

Tem uma bancada de jurados do outro lado do enorme píer onde estamos. Daqui, temos uma visão mais do que privilegiada da porção do mar onde vai ocorrer o campeonato, o que é ótimo, porque não quero perder nada.

Tem bastante gente aqui. Técnicos, treinadores, surfistas, e fãs do esporte que compraram a entrada VIP. Todos parecem agitados e não sei se isso é comum ou se estão preocupados por algum motivo.

Minhas mãos não pararam de suar desde que cheguei e nem sei porque estou tão tensa. É só mais um torneio, certo?

O fato de Arkin, meu namorado falso *e* colega de apartamento, estar participando não deveria mudar nada. Só que muda, e eu o odeio um pouco mais por isso.

— Até parece que é você quem vai surfar hoje — Lucas diz, sentado na cadeira ao meu lado.

Ele não está junto com o grupo de *Seabirds* reunidos lá embaixo, perto da areia, e algo me diz que é por minha causa. Ele parece estar de olho em mim. Tem me encarado com receio e estranheza, como se eu fosse um extraterrestre, desde que entrei em seu carro hoje mais cedo.

— Surfe é um esporte perigoso — lembro, com uma pontada de preocupação.

Eric não foi o único surfista que perdeu a vida para o mar. Muitos se acidentam e se ferem gravemente durante o esporte.

Demora um par de minutos para que eu perceba que Lucas está me perscrutando com os cílios semicerrados em desconfiança. Lucas é bonito, como todos os *Seabirds* parecem ser. Tem a pele

negra e os cabelos e olhos num tom de castanho-escuro. A linha de sua mandíbula é forte e marcada e está parcialmente coberta por uma barba por fazer.

— Arkin dá conta — garante Lucas, com tranquilidade. — E você se preocupa demais para uma namorada falsa.

Meus olhos se arregalam assim que essas palavras saem da sua boca. Apesar de ele ter dito baixinho, ainda olho em volta para ver se ninguém conhecido está por perto para ouvir, especialmente o Hayword. Não quero ser desmascarada no meio desse campeonato, na frente de todo mundo.

— Eu sabia que ele tinha te contado — acuso, ainda em choque.

— Você também sabe que esse namoro é uma loucura, né?

— Eu sei, mas foi ideia do seu amigo — rebato, cruzando os braços. — Diga isso a ele.

— Eu já disse, mas ele não me deu ouvidos.

Dou uma risada baixa com seu semblante contrariado.

Acho que Arkin enlouquece seus amigos da mesma forma como faz comigo. Ninguém parece ser páreo para sua teimosia.

Como se ele soubesse que estamos falando dele, o cretino aparece, acompanhado de Mia. Acho que passou os últimos dias treinando sob o sol, porque está mais bronzeado do que o usual. Seu corpo alto e atlético está vestido com uma camiseta branca com o símbolo da *Eastern Surfing Association* — ESA — e um par de bermudas azul-escuro.

Continua tão bonito que parece de mentira.

Assim nossos olhares se encontram, ele sorri como se realmente estivesse feliz em me ver, as covinhas em suas bochechas aparecem, me fazendo querer sorrir também. É inesperado, principalmente considerando que não nos vimos e nem nos falamos muito essa semana.

Depois do encontro com Alex no Outpost, Arkin ficou muito mal-humorado e se isolou. Passou os últimos dia antes da viagem surfando ou fazendo qualquer outra coisa fora de casa. Então, seu sorriso é inesperado e age em mim antes que eu possa impedir.

Como se apenas isso não fosse inesperado e surpreendente o bastante, Sawyer se inclina e cola nossos lábios num selinho rápido, se afastando logo depois.

Pisco, sem saber como reagir.

— Oi, gatinha — cumprimenta Arkin, me esquadrinhando com seus potentes e magnéticos olhos verdes.

— Oh, olha só pra vocês. São o casal mais fofo que já vi — Mia comenta, com a voz tão melosa que quase me faz revirar os olhos.

A amiga de Arkin está com os cabelos loiros presos num longo rabo de cavalo, a brisa leve sopra a ponta deles da mesma maneira que balança meus cabelos soltos. Está vestindo uma calça *legging* e uma camiseta de alças na cor verde. Está tão bronzeada quanto Arkin, seu nariz e bochechas estão num tom corado de vermelho por causa do sol e do calor.

Sinto as minhas começarem a corar também, mas por um motivo totalmente diferente. Isso nunca acontece comigo. Não faço o tipo tímida, mas Arkin consegue me deixar desconcertada. Não sei como consegue fazer isso e esse seu poder me deixa um pouco irritada, pra falar a verdade.

Esse namoro nem mesmo é real, caramba. Como ele consegue mexer tanto com a minha cabeça?

Deve ser porque não parei de pensar naquele beijo estúpido e *inconveniente* nos últimos dias. Minha eu de doze anos, que fantasiava em saber como era a sensação de beijar Arkin Sawyer, comemorou esse fato como uma idiota. A repreendi tanto quanto pude e calei seus gritinhos de felicidade ao empurrar a memória do gosto de Sawyer para o fundo da minha mente.

O problema é que ela não ficou lá. Continuou me assombrando em todos os momentos possíveis, especialmente à noite, antes de dormir.

— Então, já sabe em que bateria você está? — Lucas pergunta, mudando de assunto.

Acho que eu poderia ser capaz de agradecê-lo por isso, se não fosse pelos olhos de Arkin ainda grudados em mim, me

estudando. Ele demora o que parece ser uma eternidade antes de finalmente desviar sua atenção para seu amigo.

É quando consigo soltar a respiração com alívio.

— Primeira — responde Arkin. — Mad tá na última.

A voz de um dos narradores soa pelos alto-falantes, avisando que a primeira bateria vai se iniciar em quinze minutos. Arkin se despede para descer de volta para a praia e se preparar. Assisto enquanto Mia deseja boa sorte ao amigo com um abraço.

— Eu vou com você — Lucas anuncia, se levantando para seguir Sawyer. Antes que eles possam se distanciar, entretanto, não consigo me segurar e chamo:

— Arkin?

Ele para e se vira, me fitando. Mordo o canto da boca, incerta.

— Toma cuidado lá.

Eric morreu fazendo aquilo que mais amava: surfar. Ainda é meio inacreditável pensar nisso, principalmente porque ainda lembro dele quando criança, tão alegre e gentil. E ele se foi após uma queda no mar. Surfistas caem da prancha o tempo todo, mas o que é preciso para que uma queda dessas se torne fatal como se tornou para Eric? Ainda mais sob a tensão de um campeonato.

— Eu sempre tomo — se gaba, me dando uma piscadela antes de finalmente ir.

Viro o pescoço para conseguir acompanhar Arkin enquanto ele se distancia junto de alguns outros *Seabirds*, incluindo Maddox. Meus olhos estão apreensivamente fixos nas suas costas largas conforme ele se afasta até sumir de vista.

Antes de voltar meu corpo pra frente para assistir ao início do torneio, vejo o professor Hayword sentado com um garoto da idade de Kyle, provavelmente é seu filho. Nossos olhares se cruzam e acenamos ao mesmo tempo.

Nem penso em ir falar com ele agora. Isso pode esperar.

Me endireito e direciono minha atenção para o mar.

— Não se preocupe — diz Mia, sentada ao meu lado, no lugar onde Lucas estava há alguns momentos. — Arkin já surfou

dezenas de campeonatos. Ele é o melhor aqui hoje.

— Acha que ele consegue vencer?

— Ele *vai* vencer — afirma, sem uma sombra de dúvida presente em sua voz. — Ei, sinto muito de novo pelo o que houve com Alex. Ele é um idiota.

— Tudo bem. — Dou de ombros. Foi bom saber exatamente que tipo de pessoa ele é. — Arkin quase bateu nele de novo na semana passada. Eles realmente se odeiam.

Ela faz uma careta.

— Acho que isso é culpa minha — informa, se encolhendo. — Alex e eu namoramos por pouco tempo no meu primeiro ano. Ele me traiu e, como você deve imaginar, não foi nem um pouco discreto. Quando Arkin descobriu, os dois tiveram uma briga feia no meio de todo mundo. Alex saiu humilhado e, desde então, tem tentado se vingar.

Levanto as sobrancelhas, surpresa.

Deus... Alex realmente não presta. Homens como ele têm o ego bem frágil, por isso precisam se reafirmar o tempo todo.

Ainda assim, lembro de algo que me faz engolir em seco.

— Ele mencionou a morte de Eric para tentar atingir Arkin da última vez.

Mia suspira, balançando a cabeça com decepção.

— *Covarde* — xinga, baixinho. — Arkin nem sempre foi um surfista prudente, Blaze. Na verdade, Arkin era totalmente irresponsável na adolescência. Se meteu em algumas encrencas junto com Eric. Ele não se orgulha disso, mas Jackson fica usando os erros dele o tempo todo para tentar atingi-lo. Acho que ele não vai sossegar enquanto não fizer Arkin perder a cabeça e ser expulso dos *Seabirds.*

Franzo o cenho.

Sempre soube que havia uma parte de Arkin que não era confiável e acho que ouvir isso de outra pessoa não me faz sentir melhor em relação a Sawyer.

Acho que Mia deve ter percebido a cara que estou fazendo, porque ela emenda logo depois:

— Ele não é mais assim, Blaze — garante. — Ele percebeu que seus atos poderiam ter consequências ruins e desde então vem tentando provar ao pai e ao treinador Jenkins que leva o surfe a sério e com responsabilidade. O treinador o mantém em rédea curta e não tolera que a gente se envolva em confusão. Ark quase foi expulso da equipe na primeira briga que teve com Alex.

Quero acreditar nisso, mas uma parte de mim ainda permanece desconfiada, principalmente porque ele está ensinando Kyle. Mas Mia ainda está certa, as pessoas mudam e tenho certeza de que a morte de Eric foi determinante para a mudança de Arkin. Eu não iria querer ser julgada por quem fui no passado, então imagino que Sawyer também não queira.

Além do mais, ele ainda não me deu nenhuma razão para questionar sua responsabilidade em relação ao Kyle e as aulas de surfe. Na verdade, Arkin prometeu que iria cuidar dele. Acho que vou lhe dar essa chance, esse voto de confiança, mas ainda vou continuar cautelosa.

Agora faz ainda mais sentido o porquê ele está prestes a perder o patrocínio. Seu pai não confia nele e, certamente, o patrocinador também está receoso. Por isso Arkin quer tanto provar que mudou, que pode ser responsável e confiável.

Quando o narrador anuncia o início do *round* da categoria em que Arkin está competindo, fico atenta ao mar. Ou, mais especificamente, no cara alto de cabelos castanhos e blusa branca.

Ele carrega sua prancha para o mar e rema mais para o fundo quando o cronômetro de quinze minutos inicia. Os outros caras fazem a mesma coisa. Eles estão espalhados pelo mar, mantendo distância um do outro. Um dos outros surfistas rapidamente pega uma onda, mas cai antes de finalizá-la. Sua nota vem logo depois: 2.27.

Demora alguns minutos até que Arkin resolva pegar uma onda, mas assim que fica de pé na prancha, me inclino para frente, assistindo vidrada. Ele surfa com tranquilidade, característica que se tornou marcante em seu estilo. Quando tá em cima de uma onda, Arkin a domina com facilidade.

Ele finaliza a onda sem cair e, mesmo de longe, posso ver o sorriso arrogante que ele dá antes de se jogar na água. As pessoas comemoram, principalmente Mia, mas não dura muito, porque nos concentramos em aguardar a nota dele, que não demora a vir.

Ele dispara para o topo do ranking com a primeira onda de 4.67.

Abro um sorriso satisfeito, voltando a relaxar no assento.

Está apenas começando.



Quase sete horas depois, as finais masculinas da categoria de Arkin se iniciam. Mia já surfou algumas vezes na sua categoria e também chegou nas finais femininas, mas estas só vão acontecer depois que o vencedor masculino for definido.

Diferente dos outros esportes que estou mais acostumada a ver na tevê, os campeonatos de surfe são muito longos, o que não alivia minha ansiedade. Na verdade, só piora. Existem muitas categorias, várias baterias e *rounds*, de modo que, na maior parte do tempo, ficamos assistindo outros competidores aleatórios surfando.

Ainda bem que tem bastante comida disponível o tempo todo aqui no deck VIP e pude me ocupar assim — e também respondendo às mensagens infinitas que Kyle envia de hora em hora pedindo atualizações sobre o campeonato e fotos exclusivas, que tenho o prazer em tirar para mandá-lo.

Queria que ele estivesse aqui também. Meu irmãozinho iria adorar a coisa toda. Ele disse recentemente que pretendia disputar a categoria *junior* do *Easterns* no ano que vem. Essa ideia me apavorou, mas me esforcei para domar meu instinto protetor e não destruir as esperanças dele.

Não vou poder protegê-lo para sempre e, se ele decidir que quer seguir carreira no surfe, também não vou impedi-lo. Quero que ele siga seus sonhos, mesmo que estes me deixem preocupada.

Neste momento, os competidores da categoria feminina *júnior* estão saindo do mar enquanto os adultos da categoria masculina se

posicionam para começar. As garotas foram muito boas, embora sejam bem novas. Elas me deixaram impressionada, na verdade.

Apesar de ser um esporte de riscos, assim como todos os outros, acho que o surfe gera um fascínio muito grande nas pessoas, principalmente nas crianças inseridas nesse meio. Ao que parecem, elas começam a treinar desde muito jovens e por isso acabam se tornando tão boas. A prova disso é todos os competidores das categorias *júnior*, que deixaram todo mundo de boca aberta com seu talento e ousadia.

Se fosse Kyle ali, eu ficaria preocupada, mas também muito orgulhosa. Acho que devo incentivá-lo mais em relação ao surfe, já que essa parece ser a coisa que mais motiva meu irmão.

Mia volta correndo para o lugar do píer que monopolizamos assim que o narrador dispara o cronômetro para as finais. Ela está com um copo de suco na mão e os olhos fixos no mar, acompanhando o movimento dos rapazes. Seu cabelo está molhado, assim como suas roupas. Ainda bem que está calor, apesar de já ser quase o fim da tarde, ou ela estaria congelando.

— E aí, o que tá achando? — pergunta, puxando conversa sem desviar os olhos da disputa. — É sua primeira vez num campeonato de surfe, né?

— É diferente — respondo, dando de ombros, mas logo acrescento: —Emocionante também.

— Arkin é impressionante, não acha?

Sua voz admirada atrai meu olhar para seu rosto. Seus olhos claros brilham de orgulho quando ela fala dele.

Não que ela não esteja certa. Arkin liderou o placar de suas baterias nos dois *rounds* das eliminatórias e ficou em segundo lugar nas semifinais. Um surfista chamado Forbes ficou em primeiro. Durante a disputa, não tirei meus olhos do mar por um só segundo.

Mas acho que Mia tinha razão, no fim das contas. Arkin se sobressai com o domínio que tem sobre as ondas. Acho que realmente é o melhor aqui hoje.

Todos vibram quando Arkin sobe na prancha e lamentam quando ele cai durante uma manobra — o que aconteceu apenas

algumas raras vezes. Não há duvidas sobre ele ser o favorito, parece que todos o amam.

— É, sim — concordo, respondendo Mia laconicamente.

Arkin, Maddox, Forbes e outro surfista estão no mar, remando em busca de alguma onda. O primeiro a tentar é Arkin, mas assim que ele direciona a prancha para o pico da onda, Forbes entra na sua frente, obrigando-o a desviar para o outro lado.

Arregalo os olhos, sem acreditar, e me levanto para ir até a cerca de madeira na borda do píer. Sinto o sol esquentar minha cabeça desprotegida, mas nem me importo. Só quero observar tudo o mais próximo possível. Aperto meus olhos, forçando minha visão a acompanhar Arkin apesar da distância.

Ele está irritado, dá para ver. Está praticamente fuzilando Forbes com os olhos enquanto ele surfa na onda roubada. Por azar, Forbes finaliza a onda com uma manobra e eu solto um palavrão.

A nota que vem depois me deixa com mais raiva ainda: 7.73.

— Arkin não vai deixar barato — Mia especula, surgindo ao meu lado. Pela primeira vez, seu tom de voz está preocupado. — Forbes roubou a onda dele na cara dura. Isso costuma causar brigas.

Posso não ser uma *expert* em surfe, mas sei que roubar ondas de outros surfistas é uma atitude muito recriminável no esporte. Mia está certa, isso já causou várias brigas no mar antes. Dependendo dos surfistas, a coisa pode até ficar feia.

Percebo que não sou a única que se deslocou para perto da cerca do píer. Todos estão atentos e ávidos pelo resultado da disputa.

Meus olhos seguem Arkin. Ele ainda está remando, passando com a prancha por baixo de algumas ondas, sem pegar nenhuma. Durante esse tempo, Maddox pega duas ondas que, somadas, dão 12.35. Mia comemora, mas não consigo compartilhar sua empolgação.

Meu coração está batendo quase desesperadamente contra minhas costelas, encarando Arkin com tanta intensidade que eu não me surpreenderia se ele estivesse conseguindo sentir fisicamente.

Não sei porque me importo tanto que ele vença. Não estou fingindo agir como uma boa namorada agiria neste momento. Realmente estou vidrada, ansiando pelos próximos momentos, pelo *grande* momento. No qual Arkin vai dar um espetáculo, como sempre faz. E não sei o por que, mas estou ansiosa por isso. Estou *torcendo* por isso, por *ele*.

Faltando sete minutos para o fim da bateria final, Forbes pega uma nova anda. Ainda bem que a pontuação que ele consegue é baixa.

Arkin ainda não pegou nenhuma e isso é preocupante. Não sei o que ele está esperando, ele nem tentou novamente e precisa surfar o máximo de ondas que puder para aumentar suas chances de conseguir duas notas que o levem para o topo do placar.

Cubro a boca com as mãos, ansiosa quando vejo ele remando com os braços para uma onda que se forma. Ao mesmo tempo, vejo Forbes vindo da direção oposta, remando para o mesmo pico que Arkin, determinado a roubar essa onda também.

— Merda — xingo, baixinho.

Dessa vez, Forbes não chega a tempo e Arkin entra na onda, se levantando sobre sua prancha e começando as manobras. Um sorriso esperançoso se forma, mas logo se desfaz. Acho que ele não entrou na onda do jeito certo, porque, diferente do seu estilo usual de surfe, ele está tenso e não consegue ficar na onda por muito tempo. Após tentar uma nova manobra, ele cai.

Um suspiro de espanto me escapa quando ele desaparece na água, sendo engolido pela onda. Levo minhas mãos à cerca de madeira quente da borda do píer e a seguro para manter o equilíbrio. Procuro Arkin no mar, mas não o encontro. Ele não volta a superfície.

— Cadê ele? — pergunto, para ninguém em especial. — Cadê ele?!

O desespero bate em mim por pouco tempo, mas é o suficiente para fazer minha garganta secar e meus ossos tremerem. Quando a camiseta branca de Arkin surge de novo acima da água, finalmente consigo expirar o ar com alívio. Levo as mãos à cabeça,

normalizando meu ritmo respiratório. Minhas mãos estão suando tanto que escorregam.

Sua nota é anunciada e uma onda de grunhidos decepcionados e pessimistas domina o píer. 5.21.

E agora faltam menos de quatro minutos para o fim da bateria.

Puta que pariu. Não poder ser.

Arkin precisa vencer. Ele é o favorito, é o melhor.

A preocupação me corrói quando entramos nos três minutos finais e vejo os quatro finalistas começarem a remar feito loucos para o lado contrário. Sawyer e Forbes estão na frente e parecem estar numa batalha de coliseu um contra o outro.

— O que tá acontecendo? — indago, me virando para Mia. Suas sobrancelhas estão arqueadas e ela parece nervosa.

— É o *Paddle Battle* — informa, com certo desgosto. — Depois que todos os surfistas pegam ondas, eles remam consecutivamente para a zona do *take-off*. Quem chegar primeiro tem prioridade com a próxima onda.

Escuto os burburinhos ao meu redor.

“Sawyer não vai conseguir”

“Sawyer é superestimado”

Não deixo esses comentários influenciarem meus pensamentos, mas, mesmo assim, meu queixo cai de surpresa quando Arkin rema tão rápido que ultrapassa Forbes. Ele não apenas chega no *take-off* primeiro, como se aproxima do pico de uma grande onda e se levanta sobre a prancha.

Meu pulso está disparado e é como se meu coração fosse pular para fora a qualquer momento. Sinto a adrenalina ser injetada em minhas veias e a euforia me dominar quando a onda começa a quebrar atrás dele, formando o tubo.

É aí que todos começam a gritar, incrédulos e fascinados. O tubo vai se fechando atrás de Arkin e, por um momento, parece que vai engoli-lo, mas então, surpreendendo todos ainda mais, ele consegue sair, finalizando a manobra ainda de pé na prancha.

Demora um segundo até que eu perceba que estou gritando de euforia tanto quanto todos os outros — talvez até mais.

Arkin sabe muito bem que o que acabou de fazer não é nada menos que surreal e impressionante, porque ele joga as mãos para o alto com arrogância antes de saltar no mar, mergulhando depois que a onda se quebra quase que totalmente.

Acho que o sorriso em meu rosto é tão grande que poderia rasgar minhas bochechas, mas não consigo parar.

Os gritos retornam quando os alto-falantes anunciam a nota: 9.17. Somado com a nota de sua onda anterior, totaliza 14.38, o que leva Arkin para o topo do ranking, abrindo uma diferença quase impossível de ser alcançada pelos outros surfistas.

Ele conseguiu.

Ainda gritando de animação, sendo acompanhada por Mia, me viro e a abraço. Pulamos e comemoramos juntas, totalmente tomadas pelo momento de euforia.

Nunca fui ligada em nenhum esporte, muito menos assisti a algum deles assim tão de perto, mas imagino que esse seja o sentimento que faz com que algumas pessoas se dediquem a times de futebol como se fosse uma religião.

É surreal e acabou de me deixar sem palavras.

No próximo minuto e meio, Forbes tenta fazer outra onda, mas não chega nem perto do que foi aquele tubo de Arkin e não alcança uma nota alta o suficiente nem para substituir os pontos que fez com suas ondas anteriores.

Mesmo assim, só consigo respirar aliviada de verdade quando o cronômetro zera e todos voltam a comemorar. Os surfistas no mar começam a remar para a saída e, sem pensar em mais nada, me viro e saio correndo do píer.

Sou totalmente movida pela sensação da adrenalina da disputa e da emoção da vitória perfeita de Arkin e é só isso que domina meus pensamento.

O deck é extremamente comprido, mas consigo chegar à ponta oposta, na areia, numa velocidade espantosa. Só paro de correr quando sinto meus pés afundarem na areia quente, mas

continuo andando rápido pelo labirinto de pessoas que toma toda a orla da praia.

Desvio de cada um, passando pelas inúmeras tendas da ESA, até me aproximar do mar no mesmo instante em que Arkin está caminhando para fora da água, segurando sua prancha. Todos o ovacionam e se aproximam para cumprimentá-lo, tão entorpecidos pelo o que acabou de acontecer quanto eu estou.

Arkin para e finca a prancha na areia para falar com a multidão que se cerca ao seu redor, mas ele não tem tempo. Quando seu rosto se vira na minha direção e ele sorri, me jogo nele, abraçando-o sem nem me importar com o fato de que está molhado da cabeça aos pés. Sinto minhas roupas umedecerem também, colando nossos peitos, mas não ligo.

Meus braços estão ao redor dos seus ombros e Arkin está me segurando pela cintura com força, me apertando contra ele enquanto rimos descontroladamente, como se estivéssemos na mesma sintonia. Com a força de um só braço, ele me levanta e, instintivamente, engancho minhas pernas em seus quadris. Talvez eu esteja louca, mas consigo sentir seu coração batendo forte contra meu peito, em conjunto com o meu.

Não acredito que estamos mesmo aqui, enrolados um no outro, mas é como se tudo desacelerasse. As vozes das pessoas parece se distanciar e, por um instante, é como se tivesse apenas nós dois nessa praia.

— Quando você caiu e desapareceu debaixo daquela onda... — digo, com o rosto colado em seu pescoço. — Você quase me matou de susto, Sawyer.

Planejei que aquilo soasse como uma repreensão irritada, mas falhei miseravelmente em esconder o tom de apreensão.

— Preocupada comigo, pequena B? — Sinto o sorriso presunçoso em sua voz e faço uma careta.

— Nunca.

Me afasto para olhar em seus olhos. Gotas espessas de água escorrem pelo seu rosto e alguns fios escuros de seu cabelo estão grudados na sua testa. Suas pupilas estão muito dilatadas, quase

tomando suas íris inteiras, e seu nariz está próximo do meu, quase tocando.

Minha respiração está tão ofegante que meu peito sobe e desce desenfreadamente contra seu tórax firme. Sua mão escorrega até o fim da minha coluna e, por apenas um segundo, penso que ele vai me beijar. Eu não o impediria se tentasse. Porra, acho que eu iria gostar.

Mas, antes que qualquer um de nós possa fazer ou dizer alguma coisa, alguém chama o nome de Arkin e ele pisca, saindo do transe ao mesmo tempo que eu. O momento some tão rápido quanto veio, se dissolvendo no ar. O frenesi desaparece e volto à realidade.

Deslizo minhas pernas para baixo e dou dois passos para trás quando meus pés encontram o solo, desconcertada com todos os olhares sobre nós dois.

O que diabos foi isso?

Não é o tipo de coisa que faço com os caras com que eu costumo ficar e, considerando que eu não estou nem *ficando* com Arkin, essa situação se torna ainda mais fodida. Ele é meu colega de apartamento *e* namorado de mentira, além de ter sido o primeiro cara que me fez chorar — nem o babaca do meu pai conseguiu essa proeza. Não posso continuar nesse caminho, porque sei que o destino não vai ser nada bom, principalmente para mim.

Atração física é uma coisa. É compreensível, considerando o belo pedaço de homem que dorme do outro lado do corredor, mas *isso*, essas borboletas que se agitam no meu estômago quando ele me toca e a reação do meu corpo quando Arkin sorri, se esquentando todo, é inadmissível. Não gosto disso e, o pior, sei onde vai dar.

E, se bem conheço Arkin, ele vai começar a usar isso contra mim assim que perceber o que está rolando. Podemos ter declarado trégua nas nossas brigas e provocações, mas ele não parou de jogar e a prova disso foi o beijo daquela noite no Outpost. Se eu ceder, se baixar a guarda e levantar bandeira branca, ele vai acabar cravando uma faca em minhas costas.

Sou empurrada para longe quando várias pessoas ficam entre nós e eu permito. Maddox, Lucas e os outros *Seabirds* levantam Arkin no alto e cantam o grito de guerra da equipe. Ele gargalha, entretido com a festa que fazem ao seu redor. Acho que gosta um pouco de ser o centro das atenções.

Aproveito de sua distração para me esgueirar para fora do círculo de pessoas ao seu redor e ir embora sem que percebam.

20

Blaze

— Obrigada pela carona, professor — digo, sorrindo com gratidão assim que ele estaciona o carro em frente ao prédio onde moro. — Sinto muito pelo incômodo.

Hayword sacode a mão na minha direção, como se não fosse nada, mas ele me salvou de ter que pagar uma fortuna num *Uber* de volta para Cardeen Bay — isso sem mencionar a situação horrível de ter que embarcar no carro de um desconhecido para uma viagem de duas horas de noite.

Estaria mentindo se dissesse que não me sinto culpada por ter saído sem avisar, mas não podia continuar lá. Não depois dos sentimentos conflituosos que apareceram só para me deixar ainda mais confusa e acrescentar mais um problema na minha lista interminável.

Além disso, tenho certeza que Arkin vai passar a noite em Nags Head com o resto da equipe e preciso ir trabalhar amanhã cedo para compensar o tanto que troquei de turno e saí sem fazer as horas-extra no Meg's. Pior do que voltar para casa com Sawyer, numa viagem de duas horas onde eu só iria continuar cozinhando pensamentos inconvenientes e perigosos na minha cabeça, seria dormir no hotel onde os *Seabirds* provavelmente devem estar hospedados durante a semana.

O professor Hayword praticamente salvou minha vida quando me ofereceu uma carona pra casa assim que trombei com ele no estacionamento do Jannette's Pier e serei eternamente grata a ele por isso. Agora posso postergar mais um pouco o momento em que terei que encarar Arkin novamente.

— Sem problemas, não foi incômodo nenhum — responde Hayword, do seu jeito polido e educada. — É uma pena que seu namorado precise ficar em Nags Head até amanhã.

Ao menos, foi essa a desculpa que usei para justificar o fato de ter que voltar sozinha e deixar para trás meu namorado após sua

grande vitória.

Não gosto de mentir, principalmente para alguém tão gentil e solícito como Hayword, mas foi a minha única opção. Além do mais, já estou mentindo para ele sobre meu namoro com Sawyer, de qualquer forma.

Mas saber que estou fazendo isso por um motivo válido não ajudou a atenuar a culpa que cresceu dentro de mim durante o percurso da viagem, principalmente quando Jake, no banco de trás, repassava todos os seus momentos favoritos do *Easterns* com a empolgação que só uma criança consegue ter.

Conhecer mais o professor também só piorou minha culpa. Ele me contou sobre sua carreira em Nova Iorque, onde se apresentou nos principais teatros da Broadway, e sobre como conheceu seu marido, Rayne, um dramaturgo escocês.

Agora, estou me sentindo a pior pessoa do mundo por enganá-lo.

— É mesmo — concordo, pensativa.

O silêncio no banco de trás chama minha atenção e me viro apenas para ver o pequeno Jake com a cabeça tombada contra a janela do carro, dormindo. Sorrio com a semelhança que ele tem com Kyle. Quando mais novo, meu irmão nunca voltava acordado após um passeio de carro.

Na verdade, quando ele tinha cerca de três anos e chorava com uma frequência assustadora, era isso o que meu pai fazia — quando ele estava em casa, pelo menos. Sempre saía com Ky para dar uma volta de carro e, dez minutos depois, retornava com meu irmão embalado num sono profundo.

— Srta. Kingston, quero agradecê-la novamente pelos ingressos VIPs — o professor volta a falar, dessa vez mais baixo ao perceber que o filho está dormindo. — Nunca imaginei que ficar sentado durante oito horas, vendo pessoas aleatórias surfarem, poderia fazer alguém tão feliz, mas Jake disse que foi o melhor presente do mundo. Vai entender as crianças...

— Acho que é mais comum do que o senhor imagina. Meu irmão provavelmente diria a mesma coisa. Ele é louco por surfe.

E por Arkin Sawyer, acrescento mentalmente com desgosto.

— Escuta, sei que disse que as inscrições para as audições da *Global Records* estavam encerradas, mas um dos alunos acabou desistindo da vaga e trancando a minha disciplina. O lugar dele é seu se você quiser.

Levanto as sobrancelhas e aperto os lábios, pega de surpresa. Pensei que havia chance de ele aceitar se eu *pedisse* pela vaga, mas nunca imaginei que ele ofereceria assim pra mim, numa bandeja. Sinto como se estivesse um pouquinho mais perto do meu sonho e da chance de mudar a minha vida e a da minha família.

E, já que estou numa sessão de culpa auto infligida, aproveito para me culpar também por ter esquecido o motivo pelo qual topei a loucura do namoro fingido, em primeiro lugar. As reviravoltas envolvendo Arkin nublaram tanto o meu discernimento que me permiti esquecer, por alguns instantes, que estou fazendo tudo isso para poder dar o fora de Cardeen Bay de uma vez por todas.

O dinheiro que posso receber com o contrato da gravadora pode ser um fator decisivo para acabar com o problema financeiro que minha mãe esteve enfrentando desde que Joe foi embora. Vai ser o suficiente para garantir que nada falte para ela ou Kyle e vou poder, finalmente, ir para Los Angeles viver a vida que estive esperando dezenove anos para viver. Até lá, vou me certificar de que Dinah está mesmo no caminho certo para a recuperação, como ela me disse da última vez.

— Srta. Kingston? — Hayword chama quando permaneço em silêncio por muito tempo.

Finalmente desperto e deixo transparecer em meu rosto a felicidade e gratidão que estou sentindo.

— Ah, meu Deus. Sério? Professor, isso é... — Tento encontrar as palavras exatas que transmitam o que estou sentindo agora, mas não consigo. — O senhor não tem noção do quanto isso significa pra mim.

Engulo em seco quando meus olhos começam a arder, um prenúncio das lágrimas indesejadas que podem escapar a qualquer momento.

— Na verdade, acho que sei — discorda, franzindo a testa. — Já fui um jovem que não tinha nada além do próprio talento e o sonho de viver da música. Quando precisei, alguém me deu uma oportunidade que fez toda a diferença, que mudou tudo. Quero fazer a diferença para você. Você tem o talento, assisti aos seus *covers*, e sei que tem determinação também.

— Obrigada — repito. — *De verdade.*

Ele anui com a cabeça e entendo isso como uma despedida, levando a mão à maçaneta da porta para sair do carro. Contudo, sua voz me impede.

— Seu namorado tem muita sorte, vi o quanto torceu por ele lá no píer.

Forço um sorriso e, dessa vez, saio mesmo do carro. Não quero continuar lá tecendo mais mentiras, especialmente agora que ele me deu a oportunidade da audição.

Em vez disso, aceno e caminho em direção à entrada do prédio. Estou tão feliz e empolgada que sinto que poderia explodir.

Agora, a única coisa da qual realmente tenho certeza, é de que vou fazer de tudo para conseguir ganhar este contrato.



Assim que acordo, apanho meu celular na mesinha ao lado da cama para checar se não perdi o horário do turno no Meg's. Se eu me atrasar, Mason vai me trucidar. Por sorte, ainda tenho algumas horas antes do expediente.

A contragosto, afasto as cobertas e me levanto da cama. Dormi feito pedra a noite toda e ainda sinto que não foi o suficiente. Acho que preciso passar um dia inteiro na cama, dormindo, para recuperar minhas energias e poder relaxar de verdade.

Arrasto os pés até o banheiro para escovar os dentes e vejo que Arkin já tomou seu banho. O espelho ainda está um pouco embaçado do vapor e o cheiro marcante de seu perfume está pairando no ar. Acho que esse aroma já está impregnado na minha mente e, sendo bem sincera, não quero tirá-lo de lá.

Depois que termino, saio para o corredor e dou passos cautelosos para a sala. Sei que ele está em casa e não faço ideia de como vou encará-lo depois de ontem. Uma parte de mim teme que tudo volte a ser como era antes de nossa trégua e, a outra parte, quer que isso aconteça porque sabe que é melhor assim.

O cheiro do banho de Arkin é rapidamente substituído pelo cheiro do seu café da manhã conforme me aproximo da cozinha. O encontro sentado na ilha, comendo uma porção generosa de ovos com bacon.

Uma das coisas que aprendi sobre Arkin morando com ele é que Sawyer come *muito.* Ainda bem que ele é o responsável pelo supermercado, porque, do contrário, eu iria ter que fazer compras umas três vezes por semana. Deve ser por causa do seu tamanho e da quantidade de exercício físico que faz por dia.

Antes de entrar, de fato, na cozinha, paro e penso em voltar para o quarto para me trocar. Só agora, vendo-o sem camisa, sentado no balcão, é que me dou conta de que ainda estou usando o que visto para dormir: uma camiseta larga e shorts de moletom que são curtos o suficiente para desaparecer sob a peça de cima.

Mas não tenho tempo para dar meia-volta e entrar no meu quarto novamente, porque Arkin levanta a cabeça e vira seus olhos para mim. Espero alguma reação sua, mas ele permanece em silêncio, com o rosto sem nenhuma expressão. Seu olhar sobe e desce pela minha silhueta umas duas vezes antes de voltar sua atenção para seu prato de café da manhã.

— Bom dia — cumprimento, entrando na cozinha de vez.

Espero por sua resposta, mas ela não vem. E, considerando que Arkin é uma das pessoas mais falantes e expressivas que conheço, ficando atrás somente de Finn, acho que isso significa que ele está puto comigo.

Engulo em seco e vou até a cafeteira para produzir minha dose sagrada de cafeína. Arkin sempre deixa o café pronto para mim quando acorda antes, mesmo não consumindo a bebida, mas acho que hoje não vai ser um desses dias, considerando que ele deve estar me odiando.

— Esqueceu sua educação em Nags Head? — provoco, um segundo antes de descobrir que, na verdade, há café pronto na cafeteira.

— Depende — responde, me pegando desprevenida. Pensei que seu tratamento silencioso iria durar mais tempo. — Onde foi que esqueceu o seu bom senso?

Com a alça da jarra da cafeteira ainda nas mãos, me viro incrédula na direção dele. Sua mandíbula está cerrada e seus olhos, semicerrados enquanto ele me esquadrinha como se estivesse tentando usar telecinese para me destruir.

Definitivamente ele está bravo comigo. Se eu tivesse que chutar, diria que é muito.

Suspiro, colocando a jarra de volta no gabinete e me virando em sua direção. A bancada da ilha está entre nós e Arkin está apoiando as mãos na superfície do móvel. Não está mais comendo, sua atenção exclusiva está focada em me fuzilar com seus olhos.

Acho que não fui realista quando pensei que ir embora sem avisá-lo não me renderia uma dor de cabeça muito grande.

— Escuta, Arkin... — Ele não me deixa terminar.

— Não, me escuta você — rosna, com cólera. — Tem alguma noção do quanto fiquei preocupado? Havia centenas de pessoas naquela maldita praia e você simplesmente desapareceu! Não teve nem a consideração de enviar a porra de uma mensagem dizendo que tinha ido embora. Eu te liguei uma dúzia de vezes, Blaze.

Pisco, atordoada.

Ele estava preocupado?

Entreabro a boca para dizer alguma coisa, mas logo a fecho. Não sei o que dizer. Na verdade, não sei como reagir. Coloquei o celular no modo avião antes da rodada final do campeonato, mas não imaginei que Arkin ligaria.

Eu não imaginei que ele se *importaria*.

Pensei que ele ia ficar confuso pelo meu desaparecimento repentino e que ia ser um incômodo, já que Lucas havia me dado carona, mas não imaginei que Arkin ficaria preocupado. Não temos o tipo de relação que envolve isso.

Mas, pensando bem, faz sentido. A praia de Nags Head estava tumultuada ontem. Havia muitas pessoas por toda parte e era uma cidade totalmente estranha para mim. Eu realmente poderia acabar me perdendo. Só pensei que Arkin estaria ocupado demais para sequer notar. Afinal, estavam fazendo festa pela vitória dele, comemorando e ovacionando-o.

Puxo uma respiração profunda antes de começar a me explicar. Nem sei se deveria, porque, pelo olhar fulminante no rosto do meu colega de apartamento, não parece que ele quer me ouvir.

— Eu sei que errei — admito, dando um passo até o balcão da ilha. — Mas acabou sendo bom. O professor Hayword me ofereceu uma vaga na audição e...

Sou interrompida de novo quando seu rosto se enche de compreensão.

— Você está se escutando agora? Faz ideia do quanto egoísta soa? — Arkin acusa, se colocando de pé e dando a volta na ilha para ficar frente a frente comigo. — Mas você só pensa em si mesma, não é, Kingston? Agora que já conseguiu o que queria vai pular fora do nosso trato também?

Abro a boca, ofendida.

Me recuso a acreditar que ele está dizendo isso só porque voltei pra casa sem avisá-lo. Não pode ser apenas isso, ele está irritado demais. De qualquer modo, isso não lhe dá o direito de falar assim comigo, nem me acusar de nada.

Em vez de dar um passo para trás para me afastar dele, dou um passo para frente, diminuindo a distância entre nós. Nunca fugi de uma discussão com Sawyer, nem ouvi calada seus insultos, e não é agora que vou começar.

— Não, não vou — respondo à sua pergunta com um tom evidentemente irritado, talvez tanto quanto ele. — Prometi que iria ao casamento do seu pai e não quebro minhas promessas.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho — garanto. — Sinto muito por não ter avisado que estava indo embora, mas...

Não consigo completar a frase, porque não tenho uma boa justificativa. Acho que ele percebe isso, porque dá uma risada de deboche e balança a cabeça.

Não posso dizer a verdade, a resposta que sei que ele quer ouvir, porque isso me colocaria numa grande confusão.

Não posso dizê-lo que fui embora porque tudo o que senti ontem em relação a ele me assustou mais do que qualquer coisa. Porque eu nunca tinha sentindo uma vontade tão grande de abraçar alguém como senti quando o vi saindo do mar, tanto que nem pensei antes de me jogar nele.

Para ser justa, se a situação fosse contrária e ele tivesse desaparecido sem me avisar, eu também iria ficar chateada. Muito, na verdade. Mas não considerei essa possibilidade quando resolvi ir embora. Coloquei meu senso de autopreservação em primeiro lugar e não quero me arrepender de ter feito isso.

Só que agora, me arrependo um pouco. Me pergunto o que teria acontecido se eu não tivesse fugido.

Arkin faz menção de se virar e sair, como se continuar discutindo comigo não valesse a pena. Isso me irrita.

Ele não pode decidir quando nossa briga começa e quando termina. Não pode simplesmente me dar as costas com esse semblante de decepção no rosto.

— O que diabos você quer de mim afinal, Sawyer? — pergunto, alto o bastante para fazê-lo voltar a se virar para mim.

Ele acaba com a distância entre nós, parando apenas quando estamos tão próximos que acho que ele pode escutar as batidas intensas e aceleradas do meu coração. Posso sentir o calor da raiva que seu corpo emana e me recrimino silenciosamente por achar isso sexy como o inferno.

A raiva fica bem em Arkin. A veia saltada em seu pescoço, a mandíbula cerrada, o olhar matador... Tudo isso, somado ao fato de que sei que está assim por minha causa, porque o deixei frustrado e preocupado, surte um efeito direto em mim, arrepiando minha pele.

Inquieta, alterno o peso de perna, esperando por sua resposta. Ele toma muito tempo estudando meu rosto antes de

dizer:

— Quero que pare de ser uma medrosa fujona.

Agora é a minha vez de rir.

— Eu não devo nada a você — sibilo as palavras lentamente, esperando que cada uma delas entre finalmente na cabeça de Arkin. — Preciso te lembrar que tudo o que nós temos é uma grande mentira com prazo de validade? É tudo fingimento, Sawyer.

Ao menos, da parte dele eu sei que é.

Quanto a mim, não sei se sou capaz de desvendar o que é ou não mentira em relação a ele. Ou melhor, em relação ao que eu sinto quando estou perto dele. Porque quando ele finge, me beijando na frente dos outros, eu não deveria querer mais. E, principalmente, agora quando estamos no meio de uma discussão, não deveria estar pensando no quanto quero levantar a mão e tocar seu corpo.

Preciso me lembrar de que o que acabei de dizer a ele é verdade. Nós dois não passamos de uma mentira que já tem data para acabar. Não posso complicar essa situação que já é maluca o suficiente sem essa atração física magnética que cresce cada vez mais.

— Fingimento? — repete, achando graça. — Jura?

Sinto minha garganta seca e engulo, precisando levantar a cabeça para manter meus olhos nos dele quanto ele dá outro passo.

Abro a boca para confirmar, mas não tenho tempo. Arkin me segura pelo pescoço e me cala com um beijo.

Sua boca colide contra a minha com furor e voracidade. Diferente da primeira vez em que nos beijamos no Outpost, quando parecia que ele estava me provando, agora ele me devora. E ele faz isso de um jeito perfeito, como se estivesse tentando decorar o sabor e a forma dos meus lábios.

Não sei se já fui beijada assim antes, de uma maneira tão profunda que me sinto sendo consumida por fogo, mas aproveito cada segundo. Levo minhas mãos para o seu peito, como estive pensando em fazer desde que o vi sem camisa pela primeira vez.

Sua pele é lisa e macia, quente o bastante para eu saber que ele está sentindo a mesma loucura que domina meu corpo agora. Seus músculos são definidos e contraem quando prendo seu lábio inferior entre os dentes, dando uma leve mordida.

Mal consigo notar quando ele tira a mão do meu pescoço apenas para levar à minha cintura e me levantar, me colocando sentada na bancada atrás de mim. Automaticamente, abro as pernas e ele se aloja entre elas.

Nos tocamos sem parar, como se fosse impossível manter as mãos longe um do outro. Acho que, neste momento, realmente é. Sabemos que vai acabar logo, então aproveitamos cada segundo como se fosse o último.

Estou bagunçando seu cabelo com os dedos no momento em que ele aperta minha coxa com tanta firmeza que provavelmente vai deixar marca. Gemo em sua boca e Arkin faz de novo, quase me levando à loucura. Suas mãos sobem da minha coxa, passando pela minha barriga e meus seios. A leve fricção de sua mão contra meus mamilos duros e sensíveis sob a camiseta fina me fazem ofegar em sua boca.

Mas então ele leva uma mão até a minha nuca, seus dedos se enrolando nas mechas de cabelo antes de ele puxar, fazendo minha cabeça se inclinar para trás, expondo meu pescoço. Arkin aproveita para mover sua boca para essa área, onde começa a distribuir beijos molhados pela minha garganta até a clavícula.

Finco minhas unhas em seus ombros ao sentir meu baixo ventre pulsar.

O sexo com esse homem deve ser indescritível. Deve ser por isso que aquela garota estava gritando feito louca. Só de imaginar na sensação, nas coisas que ele pode fazer...

Acho que acabo gemendo de novo só com esse pensamento.

Enrolo minhas pernas ao redor de seu quadril, puxando-o para mim. Como se pudéssemos chegar mais perto...

Arkin ainda está beijando meu pescoço quando ele move uma mão de volta para baixo. Mais precisamente, para a barra do meu short. Antes que eu consiga entender o que ele está prestes a

fazer, seus dedos mergulham sob o tecido, se infiltrando na minha calcinha encharcada.

Não resisto. Inferno, eu não seria capaz de resistir nem se tentasse. Neste instante, estou tão desesperada que não o impediria nem se ele tentasse arrancar minha roupa e se enterrar em mim bem aqui no balcão da cozinha. Na verdade, eu provavelmente o imploraria para fazer isso.

Afundo meus dentes no meu lábio inferior quando o sinto muito perto do meu clitóris e estou prestes a pedir para que ele não pare nunca quando ele faz exatamente isso.

Ele para.

— Isso é fingimento pra você, gata? — sopra ao pé do meu ouvido, me fazendo arrepiar inteira. Congelo. — Para mim, parece bem real.

Em seguida, ele se afasta.

Pisco, chocada. Meu queixo está no chão e estou paralisada, sem acreditar que caí em mais um de seus jogos, mais uma de suas armadilhas.

Impedindo meu queixo de tremer, cerro o maxilar tão forte que consigo ouvir meus dentes rangerem. Meu sangue esquenta com a raiva que começa a se acumular sob minha pele.

A dor da humilhação pinica minha pele, esquentando minhas bochechas.

— Eu te odeio — declaro, mas não parece mais tão convincente.

Acho que Arkin percebe isso também, porque ele apenas sorri com aqueles lábios vermelhos de tanto explorar minha boca.

— Amanhã temos almoço na casa do meu pai — anuncia, se afastando. — Espero que você finja tão bem quanto fez agora.

21

Arkin

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Blaze pergunta, rompendo pela primeira vez seu voto de silêncio desde o nosso episódio na bancada da cozinha ontem. — Parece que você preferiria passar pelos portões do inferno do que por essa porta agora.

Não sei há quanto tempo estou encarando a porta branca da mansão de Thomas Sawyer, mas aposto que já faz alguns bons minutos.

Desde que chegamos para o almoço, ainda não tive coragem de entrar. Já sei o que me espera lá dentro e não estou nem um pouco ansioso para mais uma sessão de julgamento do meu pai, muito menos para qualquer tipo de interação com sua noiva e os filhos dela.

Almoços em família nunca foram algo comum para Eric e eu durante nossa infância. Não sei se já tivemos esse tipo de coisa em algum momento, antes da nossa mãe falecer. Eu era muito novo nessa época para lembrar. De qualquer forma, Thomas sempre deixou claro que achava esse tipo de confraternização uma perda de tempo que o aborrecia.

Mas tudo mudou quando ele decidiu que iria dar uma chance à família de Lisa. Tudo o que ele nunca deu para Eric e eu agora estava oferecendo de bom grado aos filhos dela, Kevin e Ellie. Estava até se aposentando para poder passar mais tempo com eles.

Eu não teria problema com essa história se soubesse que é algum tipo de encenação, uma fachada. A pior parte é que sei que real. Thomas está se esforçando para fazê-los feliz. Está querendo ser um bom pai para Kevin e Ellie de uma forma que nunca foi para meu irmão e eu.

Fomos basicamente criado por babás, porque Thomas nunca estava presente. Seu trabalho vinha acima de tudo e todos para ele. Não sei até que ponto ele realmente priorizava seu precioso

emprego ou se apenas o usava de desculpa para evitar passar qualquer tempo conosco. De qualquer forma, conheço bem as suas costas porque foi tudo o que ele reservou para nós. Isso era tudo o que eu via quando ele ia embora por essa porta.

A mesma porta pela qual saí e nunca mais quis voltar. Mesma porta diante da qual estou agora, prestes a levar Blaze Kingston como minha *namorada* para o lugar frio e vazio que ninguém merece conhecer.

— Provavelmente, eu preferia mesmo — respondo, depois de um tempo. — Mas tenho que entrar.

Talvez haja um dia em que eu não precise mais fazer isso, um dia em que terei credibilidade o suficiente para não precisar depender dos contatos do meu pai para fazer a única coisa que realmente amo. Até lá, contudo, tenho que jogar o jogo dele. Tenho que fingir mais do que um namoro. Tenho que fingir que posso ser quem meu pai espera que eu seja.

— Não, você não tem — ela discorda.

Franzo a testa, me virando para olhar Blaze diretamente pela primeira vez hoje.

Acho que, desde ontem, estive a evitando tanto quanto ela esteve. Naquela bancada da cozinha tentei provar um ponto: que aquela química evidente entre nós não era fingimento.

Porra, quando ela me abraçou depois do campeonato pareceu muito real. O mais surpreendente — e aterrorizante — é que eu *quis* que fosse real. Não sei exatamente o porquê. Acho que é porque, depois da morte de Eric, sempre pareceu muito solitário toda vez que eu participava de um torneio ou campeonato.

Eu vencia, ficava no auge, comemorava com meus amigos, mas era como se faltasse alguma coisa. Como se faltasse alguém para compartilhar aquele momento de uma forma mais pessoal, mais íntima.

Sei lá, nunca tinha me dado conta desse vazio até Blaze preenchê-lo. Então, ela sumiu e me deixou louco. Deveria ter passado a noite em Nags Head, mas não consegui. Voltei para Cardeen Bay de madrugada para ter certeza de que ela estava bem

em casa. Mas quando a encontrei em seu quarto, dormindo pacificamente em sua cama enquanto eu tinha passado as últimas horas num inferno de preocupação, só consegui ficar irritado pra caralho.

Não ajudou quando ela insinuou, na manhã seguinte, que nada, nenhum dos momentos que compartilhamos, foi real.

Não passamos de uma mentira com prazo de validade.

Besteira. Eu vivi uma mentira durante boa parte da minha vida, sei quando algo é real e quando não é. Essa química explosiva entre Blaze e eu? Cem por cento real.

Acho que consegui provar isso para ela, mas quase saiu do meu controle. Depois de provar sua boca pela primeira vez, tudo o que eu queria era mais. Ainda quero.

Passei o dia todo ontem pensando no corpo dela e de como ela gemeu nos meus lábios quando coloquei a mão em sua calcinha.

Essa garota vai acabar me deixando louco.

Acho que ela está empenhada nisso, na verdade, porque agora está usando um vestidinho amarelo de alças finas que cobre menos da metade de suas coxas e expõe suas pernas sensuais. É delicado como nada que já vi Kingston usar, o que só me deixa com mais vontade de vê-lo no chão do meu quarto. Ou no chão do meu carro. Honestamente, não importa onde vai ser, contanto que seja logo.

Talvez eu volte ao normal se transar com Blaze e, assim, arrancá-la do meu sistema. Quanto mais adiar esse momento, mais vou desejá-la e esses pensamentos estão ocupando toda a minha cabeça recentemente. Ela está me desconcentrando.

Antes, eu pensava que essa ideia era impossível de ser concretizada, afinal, a garota me odeia mais do que tudo. Mas descobri que ela também me deseja. Ontem estava molhada pra caralho para mim e interromper o que poderia ter acontecido naquela cozinha demandou toda a força que eu nem sabia que tinha.

Embora ela queira, sei que não vai ceder facilmente a esse desejo, o que significa que vou ter que conquistá-la. Temos mais de dois meses dessa farsa entre nós. Muito tempo presos um com o outro. Poderíamos tornar esse trato bem mais divertido.

Contanto que não passe de diversão casual e descomplicada, acho que estaremos bem.

— Arkin? — Blaze chama, me despertando dos meus devaneios com a irritação de sua voz. — Você não tem que entrar.

— Claro que tenho.

Ela se vira, séria, voltando-se para mim. Sua expressão está desprovida de qualquer sarcasmo ou indiferença. Blaze não está provocando nem tentando dar o troco depois de ontem. É quase como se ela pudesse ver o quanto isso é difícil para mim.

Quase como se ela se importasse.

— Você ganhou o *Easterns* — relembra. — Vai para o QS na próxima temporada. Não precisa provar nada a ninguém. Pode conseguir outro patrocinador sem a ajuda do seu pai.

Outro patrocinador com um contrato dos sonhos a oferecer para um novato dos confins da Carolina do Norte? Pouco provável.

— Não é assim tão fácil, garanto. — Suspiro, desejando que pudesse ser.

Queria poder dar meia-volta e voltar para o jipe. Dirigir para bem longe dessa casa e dessa família.

Antes eu podia fazer isso, porque Eric estava comigo. Era mais fácil enfrentar toda essa merda com alguém que sabia como era. Agora não tenho mais nenhuma vontade ou disposição de ser civilizado com Thomas e, ainda assim, preciso fingir ter.

Blaze abre a boca para responder, mas não tem tempo. A porta da frente é aberta e Lisa nos encara da soleira. Ela é uma mulher bonita, com cabelos em um tom de loiro-morango e um sorriso gentil que ela sempre distribui a todo mundo. Parece a esposa perfeita, a mãe perfeita. Eu poderia ter gostado dela, se as circunstâncias fossem diferentes.

— Arkin — ela diz meu nome com surpresa, como se não esperasse que eu aparecesse hoje. — Que bom que veio.

Não consigo nem mesmo forçar um sorriso, porque, por cima de seu ombro, vejo meu pai no foyer, segurando uma taça de vinho.

Ele está cercado por Kevin e Ellie, que brincam e riem, mas o sorriso de diversão morre em seus lábios assim que ele também me vê. Com o rosto retornando ao semblante de apatia que conheço muito bem, Thomas se afasta das crianças e vem até a porta, colocando um braço ao redor da cintura de sua noiva.

— Filho, não sabia se realmente viria.

O tom de sua voz faz parecer que minha presença é um incômodo e me pego considerando a ideia de Blaze de dar o fora daqui. Estou quase dizendo que foi um erro e que estou saindo quando sinto a mão quente dela deslizar na minha, entrelaçando nossos dedos.

— Acho que não nos conhecemos ainda, sou Blaze — ela se apresenta, oferecendo a ele um de seus grandes sorrisos falsamente amigáveis. — A namorada do seu filho.

Thomas e Lisa paralisam, alternando seus olhares de mim para Blaze uma porção de vezes. A expressão em seus rostos me dá vontade de rir. Acho que alguém vai precisar pegar o queixo de Thomas que está no chão agora.

— Namorada? — meu pai finalmente pergunta, saindo do seu estado de choque.

Ele dá risada, como se alguém tivesse acabado de lhe contar a ideia mais absurda do mundo. Até Lisa fica desconfortável, mas Blaze não se abala.

— Desculpe, eu contei alguma piada?

— Sinto muito, é que pensei que meu filho nunca traria uma namorada pra casa — explica, antes de tomar um gole do vinho branco em sua taça. — Aliás, você não estava com outra garota da última vez que nos vimos?

Porra.

Deveria ter dado o fora assim que Blaze mencionou. Na verdade, não deveria nem ter vindo. Sabia que ele iria nos empurrar para uma situação desagradável porque era o que Thomas sempre

fazia. Ele fica lá, sentado em seu trono de superioridade, julgando a tudo e todos como se não fosse nada.

Idiota.

— Nosso relacionamento é recente — falo, apertando a mão de Blaze.

— E você já a trouxe pra casa?

— *Thomas* — repreende Lisa, entredentes.

Seu rosto começa a ficar vermelho e ela me pede desculpas com o olhos. Honestamente, não sei como ela aguenta meu pai. Os dois são diametralmente opostos.

— Soube que você estava sério com uma garota, mas pensei que eram apenas boatos — continua meu pai, com a testa franzida. — Não me culpe por estar surpreso. Nós dois sabemos que você é avesso a compromissos, Arkin.

— Bem, não são boatos — é a única coisa que digo.

— Entrem, queridos. — Felizmente, Lisa interrompe nosso impasse. — O almoço será servido em dez minutos.

Lisa e Thomas abrem espaço e, mesmo contrariado, entro, sendo acompanhado de perto por Blaze.

A última vez que estive nessa casa foi para o funeral de Eric, mas tudo permanece igual. São os mesmos móveis caros e paredes frias das quais me lembro na infância. A única diferença é que agora há quadros e porta-retratos com fotografias da família por toda a parte.

Ao seguir até a sala de estar, passo por alguns dos convidados de Thomas. São amigos próximos, principalmente do trabalho. Todos são velhos e obscenamente ricos e me fazem sentir um peixe fora d'água. Nunca foi o tipo de ambiente do qual Eric e eu quisemos fazer parte. Tudo isso foi nos empurrado goela abaixo e teria sido ainda pior se tivéssemos seguido o plano profissional que Thomas traçou para nós.

Tudo o que meu irmão e eu não queríamos era nos tornar versões dele.

Blaze observa tudo ao redor enquanto caminhamos de mãos dadas. É quase como se ela quisesse decorar cada canto da casa.

A mansão Sawyer pode parecer impressionante para os olhares desatentos. É uma residência suntuosa, bem planejada e decorada, repleta de vasos caros e tapetes ornamentais importados. Mas não é um lar.

Ao menos, não para mim.

Blaze para no corredor, os olhos fixos num dos quadros na parede. Seus olhos estão brilhando em curiosidade enquanto ela analisa as fotografias.

Ouço as vozes de Thomas e Lisa se distanciando, indo para o outro lado da casa, e cerro o maxilar. Acho que Blaze percebe a mesma coisa, porque se vira para mim.

— Agora eu entendo porque você não queria entrar — ela sussurra. — Que babaca.

Dou um sorriso fraco pela maneira como ela falou, tão irreverente.

Eu já sabia que seria necessário, quando tive a ideia do namoro falso, apresentar Blaze para Thomas, mas não gosto disso. Sempre mantive meu pai e nossa relação miserável o mais longe possível dos meus amigos. Não que Blaze e eu sejamos, de fato, amigos, mas sei lá. Não queria que as pessoas soubessem sobre todo esse desastre, nem que fossem alvos da personalidade desagradável do meu pai.

Ele simplesmente fala tudo o que pensa sem se preocupar se isso vai machucar alguém.

— Pode inventar uma desculpa para sair antes do almoço, se quiser — sugiro, colocando as mãos nos bolsos quando Blaze as solta.

Não vou culpá-la nem um pouco se quiser fugir desse circo. Eu mesmo fugiria, se pudesse.

Ela inclina a cabeça para me fitar e levanta uma sobrancelha.

— E que tipo de namorada eu seria se fizesse isso?

Sua resposta me faz sorrir e percebo quando seus olhos castanhos caem para minha boca por um milésimo de segundo antes de ela afastar o olhar de volta para um dos porta-retratos em cima do aparador.

Ela o apanha para analisar mais de perto.

— É você — diz, olhando para o garotinho de oito anos segurando uma mini prancha de surfe ao lado de uma mulher alta e bonita. — Sua mãe era linda.

Sorrio automaticamente ao me lembrar do dia em que aquele foto foi tirada por Eric. Foi numa tarde relaxante e divertida na praia. Apenas aproveitamos o dia ensolarado de verão em família. Minha mãe tornou tudo especial.

— Ela era — concordo, meio entorpecido pelas memórias.

Acho que Thomas nunca mais foi o mesmo depois que ela se foi, mas isso não justifica nada. Eric e eu também estávamos sofrendo e precisávamos dele, mas, em vez de estar lá por nós, Thomas se fechou em seu luto e mergulhou no trabalho, nos deixando para trás.

Tudo poderia ter sido diferente se ele tivesse escolhido passar por aquilo conosco.

— O que houve? — Blaze pergunta com cautela, levando seu olhar de volta para mim.

— Aneurisma cerebral, pelo que sei.

— Sinto muito, Arkin.

Seu rosto está cheio de sinceridade e, pela primeira vez, essas palavras que já ouvi centenas de vezes fazem eu me sentir melhor.

— Tudo bem, já faz muito tempo.

Não me lembro muito da minha mãe, o que é triste. Queria ter memórias de momentos específicos com ela, mas eu era novo demais quando ela morreu. Só lembro que ela estava sempre lá, ao nosso lado, e que sempre fazia tudo parecer melhor.

— Não significa que dói menos — responde Blaze, colocando o porta-retratos no lugar.

A pior parte é que ela está certa. A perda da minha mãe e, posteriormente a do meu irmão, ainda me destroem um pouco todos os dias. É a mesma dor de sempre, só fica mais fácil de esconder.

Há um silêncio constrangedor na mesa enquanto almoçamos.

Meu pai e seus amigos conversaram sobre negócios por um tempo, mas o assunto logo acabou, restando apenas o som dos talheres de prata batendo contra a louça conforme comemos. O almoço é excelente, mas isso não é nenhuma surpresa. Se conheço bem Thomas Sawyer, ele contratou cozinheiros profissionais para preparar a refeição requintada.

Até mesmo as crianças estão quietas. Meu pai deve ter feito uma lavagem cerebral nelas e em sua futura esposa.

Eu não esperaria nada menos que isso.

— Então... — Blaze quebra o silêncio, atraindo a atenção de todos na mesa para ela. Ela não parece desconfortável nem intimidade e isso me faz gostar um pouco mais dela. — Vocês assistiram à vitória do Arkin nos *Easterns?* Foi brilhante.

Estreito meus olhos na sua direção, tentando captar algum tom de ironia ou provocação, mas não vejo nada. Na verdade, Blaze está quase dócil hoje. Nunca a vi sair em público com tão pouca maquiagem ou usando um vestido tão leve e delicado.

Se eu não a conhecesse, diria que está tentando impressionar minha família.

— Não pude assistir, querida, mas ouvi dizer que foi excelente — Lisa diz, com as sobrancelhas arqueadas de quem lamenta. Em seguida, volta seus olhos cor de mel para mim. — Meus parabéns, Arkin.

Aceno um breve cumprimento antes de baixar os olhos de volta para meu prato, onde ainda tem mais da metade do *ceviche* do qual me servi.

Reuniões familiares sempre me fazem perder o apetite.

— Não tenho tempo para esse... tipo de coisa — meu pai se pronuncia. Sua resposta não me surpreende nem um pouco e me limito apenas a dar uma risada nasalada.

— Bem, é uma pena — continua Blaze, após beber um gole de suco. — Foi fantástico. Realmente fantástico.

Paro e a observo em silêncio.

Acho que ela não percebe o que está dizendo e como está dando o braço a torcer em meu favor. Gostaria de saber dizer se isso é real agora ou se ela apenas está tentando bancar a boa namorada, mas, seja lá qual for, é reconfortante.

— Fantástico foi quando Arkin passou no curso de Medicina da Universidade da Pensilvânia — Thomas discordou, sem nos dirigir seu olhar. — Só pra não ir depois.

Prendo a respiração por um segundo, meus dedos congelando ao redor do garfo.

Ele sempre traz esse assunto à tona. Sempre quando acho que está superando essa merda, ele volta com isso. Ele faz de propósito para me tirar do sério.

Blaze vira o rosto na minha direção e me perscruta em silêncio por um momento.

— Eu só queria provar que podia entrar — explico.

Cogitei cursar Medicina por pouquíssimo tempo depois de Eric rompeu um ligamento surfando um dos nossos desafios ridículos. Minha mãe era médica, especialista em Medicina Esportiva. O pensamento cruzou minha mente por pouco tempo, mas foi exaustivamente incentivado pelo meu pai, que queria muito que eu fizesse qualquer outra coisa que não fosse surfar.

Recebi cartas de admissão de todas as três universidades para as quais me inscrevi em Medicina. A mais relevante delas era a UPenn, mas nenhuma ficava no litoral ou tinha um programa de surfe como a Cardeen Bay College. Meu pai ficou delirantemente feliz com a possibilidade de ter um filho que, assim como ele, se formaria na Ivy League.

Ele achava que eu não conseguiria entrar, provei que pude. Ganhei seu respeito por poucos segundos antes de dizer que não iria. A cara que ele fez foi impagável.

— O que importa é que você está feliz. — Blaze sorri para mim. Acho que ela realmente não dá a mínima para esse tipo de coisa. Porra, eu adoro isso nela.

— Acha que isso é o suficiente? — meu pai continua, me obrigando a respirar fundo. — Acha que o surfe é o suficiente?

Quanto tempo até você desistir disso também?

Antes que eu possa me dar conta do que estou fazendo, bato o punho na mesa com força suficiente para fazer as taças de cristal tremerem. Thomas se cala e me olha com um misto de surpresa e espanto.

Já ouvi esse discurso centenas de vezes e sei que nada vai mudar a cabeça do meu pai sobre isso, mas a cada vez eu fico mais desapontado com nós dois. Com ele, por insistir nisso, e comigo por deixar que suas palavras ressoem na minha cabeça e me atinjam.

Sob os olhares de todos ao redor da mesa, me levanto e saio antes que eu exploda com meu pai e a coisa fique realmente feia. Não quero ter uma de nossas discussões na frente dos filhos de Lisa, eles são apenas crianças. E também não quero que Blaze veja. Assim, me afasto.

Preciso esfriar a cabeça.

Saio pela porta dos fundos e me sinto grato pela brisa leve lá de fora.

A varanda da parte de trás do casarão leva a um belo jardim com uma grande piscina retangular, balanço e vista para a praia. Costumava ser o lugar favorito da minha mãe. Ela sempre estava ao ar livre, cuidando do jardim ou caminhando na areia. Era assim que ela queria que Eric e eu crescêssemos: em contato com a natureza. Queria que amássemos o mar.

Foi exatamente o que aconteceu.

Me apoio no corrimão de madeira enquanto meu olhar se perde na paisagem. É um dia lindo, com céu azul e sol leve, perfeito para surfar. É o que eu gostaria de estar fazendo agora em vez de estar aqui.

Ouço a porta se abrir de novo atrás de mim e cerro a mandíbula, esperando que seja Thomas, pronto para me dar mais um de seus sermões. Quando identifico Blaze se aproximando, respiro com alívio. Ela para o meu lado, também se apoiando na balaustrada de madeira da varanda.

Blaze fica em silêncio por um instante, apenas compartilhando o momento comigo, e fico grato por isso. Não sei se

quero falar sobre meu pai agora.

— Meu pai foi embora quando eu era um pouco mais nova do que Kyle — ela começa a falar. Sua voz está serena e sua postura, relaxada, enquanto ela observa o mar a poucos metros de distância. — Ele nunca esteve presente, estava sempre viajando. Mas um dia ele simplesmente não voltou. — Blaze dá uma risada anasalada, como se achasse a situação trágica e, ao mesmo tempo, cômica. — Dormi no chão, em frente à porta do trailer, por um mês esperando-o passar por ela. E mesmo sabendo que ele não iria voltar, o esperei todos os dias pelos próximos três anos. Minha mãe ainda está esperando.

Algo naquelas palavras me acerta direto no peito e viro meu rosto para olhar para ela.

O cabelo de Blaze está preso num rabo de cavalo, mas alguns fios estão soltos em suas têmporas, emoldurando seu rosto delicado. Ela está mordendo o canto da boca, como faz quando fica nervosa ou pensativa. Seus olhos estão tristes novamente e me sinto tentado a puxá-la para um abraço.

Sei que ela está se contendo para não chorar.

Não queria que ela precisasse se segurar, mas ainda há barreiras entre nós. Nesse momento, desejo derrubar cada uma delas e mergulhar na mente e no coração de Blaze Kingston, conhecê-la de uma forma que ninguém nunca pôde. Quero que ela sinta que possa chorar perto de mim.

Não sei de onde vem esse pensamento, mas é forte e quase me faz ceder. Estou quase indo abraçá-la quando ela se endireita e respira fundo, se recuperando do momento antes de virar os olhos para mim.

Seja lá o que a fez se abrir desse jeito para mim pela primeira vez, não quero que pare.

— Sempre vai haver um buraco em mim e na minha vida por causa dele, no lugar que ele costumava ocupar — continua ela, olhando para longe. — Ele nunca foi um pai excepcional. Sempre priorizou a música em vez da família. Mesmo sabendo disso, não dá pra evitar a mágoa, o ressentimento... *o vazio*. — Engulo em seco, franzindo o cenho com a profundidade com que suas palavras me

atingem. — Me sinto a maior idiota do mundo por sentir falta dele às vezes.

— Você não é uma idiota, Blaze — garanto. Sentir falta do próprio pai é a reação mais natural que existe, mesmo que o pai em questão não mereça nem um pouco. — Por que está me contando isso?

— Porque você fez isso por mim quando eu precisei. — Assim que ela diz isso, me recordo do nosso momento no banheiro da universidade e um sorriso fraco toma meu rosto involuntariamente. — O que estou querendo dizer é que sei como é desejar o amor e a aprovação de alguém que não está nem aí.

Franzo a testa e balanço a cabeça negativamente, desviando o olhar para longe do rosto dela.

— Não desejo a aprovação do meu pai.

Minha resposta não convence nenhum de nós.

— Você não é difícil de ler, Arkin Sawyer. — Blaze ri fraco. — Seu desempenho no *Easterns* foi surreal. Se ainda não teve nenhuma proposta de patrocínio, então poderia facilmente conseguir uma. Talvez até uma melhor do que a que tem agora. Você quer esse porque, se ganhá-lo, também ganha o respeito e o reconhecimento do seu pai.

Fecho o semblante, irritado.

Como Blaze consegue entender uma ação do meu subconsciente que nem eu compreendo?

Não é justo que ela me deixe exposto e vulnerável sendo que foge toda vez que se sente assim.

Principalmente porque nunca parei para pensar nisso. Nunca passou pela minha cabeça que eu ainda esteja buscando a aprovação do meu pai, mas Blaze está certa. Depois do *Easterns*, recebi alguns e-mails e ligações de possíveis patrocinadores, mas nem ouvi suas propostas, só me convenci de que nenhuma seria melhor que a de Scott.

— Chega de terapia por hoje, *Freud* — resmungo, contrariado.

Blaze apenas dá risada e empurra meu ombro de brincadeira.

— Não tem nada de errado nisso, sabia? Ainda não desisti da minha mãe também e ela me deu muitos motivos para isso.

Abro a boca para perguntar a ela sobre sua mãe, mas paro antes. Algo me diz que tenho que levar Blaze como uma cebola: tirando uma camada de cada vez. Não quero que ela se assuste e volte a se fechar em seu casulo.

Tenho que admitir que ela está certa.

Uma parte de mim tem vergonha por ainda, no fundo, desejar uma relação decente com Thomas. Mas ele é meu pai, no fim das contas. A outra parte de mim sempre vai querer que tudo se resolva entre nós e que, um dia, eu não o decepcione mais.

Essa é a verdade crua e dolorosa sobre os relacionamentos entre pais e filhos: não importa o quanto um magoe o outro, eles ainda representam um conceito primário de lar. E todos querem, em algum momento, voltar para casa.

— Ei. — Blaze me cutuca, quebrando o silêncio contemplativo que estabeleci. — Quer fazer algo que vai deixar seu pai maluco?

Seus olhos castanhos estão brilhando em diversão e há um sorriso diabólico pairando em seu rosto agora. Não sei o porquê, mas isso me excita. E não importa o que ela esteja pensando, vou topar.

— O que está tramando?

Blaze morde o lábio, travessa, mas não me responde. Em vez disso, se abaixa e tira os tênis *All Star* dos pés, ficando descalça. Em seguida, ela passa por mim e corre para o jardim em direção à piscina. Antes que eu tenha tempo de processar, ela pula na água de roupa e tudo, dando um gritinho de empolgação.

A água da piscina espirra para todos os lados, caindo para fora. Não passa muito tempo antes que sua cabeça apareça acima da superfície e ela está rindo tanto que me faz rir também.

— O que está esperando, Sawyer? Vai ficar aí parado pra sempre?

Balanço a cabeça, sem acreditar que estou mesmo prestes a pular de roupa na piscina da casa do meu pai por causa de Blaze

Kingston. Mas só de pensar na cara que ele vai fazer quando ver, começo a rir e tiro os tênis também. Tiro meu celular e a carteira do bolso da calça antes de caminhar para o jardim. A grama e as pedrinhas arranham a sola dos meus pés, mas mal percebo.

Meu olhar está travado em Blaze. Nos cabelos escuros e molhados grudados em seu rosto, na saia do vestido de verão que está flutuando na água ao seu redor como a cauda de uma sereia e no sorriso espirituoso que ela está exibindo agora.

A combinação de tudo isso me faz achar que estou ficando louco.

Blaze Kingston está me deixando louco.

E é por isso que não penso duas vezes antes de dar um impulso e pular na piscina. Não é funda para mim, mas sob a água consigo ver os pés de Blaze balançando incessantemente acima do chão, sem conseguir alcançá-lo. Isso me faz rir quando volto à superfície e encontro seus olhos em mim.

— Se sente melhor agora? — pergunta, nadando até mim.

Passo a mão no rosto, me livrando das gotas de água em meus olhos. Quero vê-la de forma clara e límpida.

Não sei se Blaze percebe o quanto estamos próximos agora — e não só fisicamente —, mas eu com certeza noto. Me aproximo ainda mais e coloco uma mão em sua cintura sob a água.

— Muito — sopro, perto do seu rosto.

O sorriso de Blaze morre e o olhar divertido é gradativamente substituído por desejo.

Eu iria beijá-la e não deixaria dúvidas sobre ser ou não real.

Nossos narizes estão quase se tocando quando a voz severa do meu pai soa.

— O que tá acontecendo aqui?!

Blaze e eu nos viramos ao mesmo tempo para olhar na sua direção. Ele está parado na varanda, junto de Lisa. Thomas está perplexo, mas isso não se estende à sua noiva. Ela parece estar se segurando para não sorrir.

— Estava muito quente, precisávamos nos refrescar — explico, o que só o deixa mais irritado.

Agora sou eu quem está segurando para não rir. Blaze tinha razão, é divertido deixar meu pai maluco.

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, Kevin e Ellie aparecem de trás deles.

— Eba, piscina! — comemoram, correndo para cá.

Ninguém consegue impedi-los de pular na água também, de roupa e tudo.

Meu pai protesta, mas as crianças não dão ouvidos e começam a nadar e a brincar. Blaze não se aborrece e fico um pouco mais longe, assistindo enquanto ela se junta às brincadeiras dos irmãos. Acho que nunca a vi sorrir assim antes. É tão intenso e genuíno que faz algo apertar dentro de mim.

Juro que o Sol no verão não poderia brilhar tanto quanto Blaze neste momento.

Queria estar com meu celular agora, para tirar uma foto e registrar esse momento. Não sei quando vou vê-la brilhar assim novamente, mas sei que vou me lembrar disso.

22

Blaze

— Você já viu que está famosa? — Sage pergunta ao me interceptar no meio do pátio da universidade enquanto me dirijo ao refeitório.

Apenas faço uma careta, pois teria sido impossível não perceber que a foto do abraço que dei em Arkin após sua vitória no *Easterns* está rodando a internet. Alguém foi rápido o bastante para registrar o momento em que pulei em cima dele logo depois de ele sair do mar.

Ao menos nosso namoro falso está sendo convincente, porque há centenas de comentários sobre como somos um casal fofo. Até quem não é fã de surfe está compartilhando a imagem e os fãs mais ferrenhos — principalmente do público feminino — já se apressaram para descobrir quem era a garota na foto.

Ganhei centenas de seguidores durante o fim de semana e até cogitei trancar meu perfil no *Instagram*, mas pensei que poderia ser uma boa oportunidade de divulgar minha música.

Só espero que isso não acabe se virando contra mim.

— É só uma foto. — Dou de ombros.

Hoje o dia está ensolarado, de modo que há vários estudantes caminhando ao ar livre pelo campus.

Sage está vestindo roupas leves de verão, sua pele negra reluzindo sob os raios dourados do sol. A expressão que ela está carregando no rosto agora deixa óbvio que não concorda comigo.

— Toma cuidado, Blaze — adverte, preocupada.

— Estávamos em público, uma namorada de verdade teria o abraçado — argumento, mas a mentira está tão explícita em minha voz que não convence nem a mim mesma.

Sage levanta uma sobrancelha e me lança um olhar nem um pouco convicto por trás da lente de seus óculos.

— Você gosta dele — determina, me fazendo arregalar os olhos

— Não, não gosto.

Não gosto, certo?

Arkin não é tão ruim quanto pensei, mas ainda é um jogador. Posso ter esquecido disso por um momento, mas ele fez questão de me lembrar na nossa sessão de amassos na cozinha. Aquilo, de fato, foi perigoso para mim.

Decidi, naquele dia, que iria ignorá-lo quando não estivéssemos atuando em público, mas então vi como ele reagiu na casa de seu pai e não consegui continuar com meu plano. Nunca tinha visto Arkin Sawyer envergonhado até ontem e isso fez alguma coisa quebrar dentro de mim.

Me senti mal por ele. Meu instinto de consolá-lo falou mais alto e passei o resto do dia tentando fazê-lo se sentir melhor. Não foi nada que ele já não fez por mim antes, me contando a história do Eric e compartilhando sorvete em silêncio comigo quando eu precisava.

Foi inesperadamente bom me abrir sobre meu pai para alguém. Eu não falava sobre isso há muito tempo. Só Effy sabia da história toda e ela não estava mais aqui para conversar sobre isso comigo. Depois de contar para Arkin, me senti mais leve. Sabia que ele compreendia, porque tinha passado por algo semelhante com seu pai.

Consegui sentir a tensão no ar durante o almoço. Thomas Sawyer pode até não ter ido embora, mas abandonou emocionalmente seu filho, o que talvez seja até pior do que eu passei.

Do que adianta ter seu pai fisicamente presente, mas distante em todos os aspectos que você mais precisa?

Oh, merda. Será que Sage está certa? Eu posso *gostar* de Arkin Sawyer?

Queria que eu sentisse vontade de rir só de pensar nessa possibilidade. Mas não acho graça. Fico aterrorizada. Não pode ser,

certo? Talvez eu me sinta confortável demais na presença de Sawyer, em alguns momentos, mas não há nada além disso.

E mesmo se houvesse, eu morreria antes de deixar que ele soubesse disso. Além disso, gostar de sua companhia e de nossas conversas não significa que eu goste romanticamente dele. A atração física existe e, sim, é explosiva, mas também é destrutiva.

A corda sempre arrebenta no lado mais fraco e tenho certeza de que agora esse lado sou eu. Não tenho problema em ceder à atração física quando não é nada além disso, mas Arkin e eu estamos nos aproximando de outra forma, o que torna muito arriscado.

E eu seria extremamente tola de me apaixonar nessas circunstâncias. Sabendo que já temos data marcada para acabar e que, no final, ele vai partir para outra, porque é isso que ele faz. É quem ele é.

Um jogador, que não se compromete com nada e nem ninguém. Com exceção, talvez, do surfe. Ele realmente leva o esporte a sério.

— Ninguém abraça outra pessoa daquela forma por puro fingimento, B — Sage insiste, me fazendo suspirar.

Paro de andar e me viro para olhar em seus olhos.

— Ok, não foi fingimento — assumo, impaciente, mais alto do que pretendia. Olho ao redor para ver se alguém está prestando atenção na nossa conversa e me alivio ao perceber que todos que passam por nós parecem alheios à nossa conversa. — Fiquei feliz que ele ganhou o campeonato, por isso o abracei.

Sage apenas suspira, anuindo com a cabeça.

— Só não quero que você se machuque no final dessa história. Arkin tem uma péssima reputação, você sabe.

É, eu sei.

Ela não concorda com meu relacionamento falso com Arkin e eu sei que tem a ver com quem ele é e o que faz. Também tem a ver com Jay. Não sei direito o que aconteceu de tão ruim entre os dois, mas algo me diz que Sage nunca superou.

— O que houve entre você e o Jay? — pergunto de uma vez.

Sage desvia o olhar para o chão.

— Resumindo a história, eu pensava que o que tínhamos era sério, mas ele é totalmente contrário a relacionamentos que não sejam apenas casuais. No final, ele continuou com a vida dele como se nada tivesse acontecido e eu fiquei destruída — conta, com a voz baixa. Sage ainda está magoada e eu não tiro sua razão. Dá pra ver em seu rosto que foi difícil. — Eles são todos assim.

Ela está se referindo aos Seabirds, o que também engloba meu colega de apartamento e namorado falso. No fim, ela está certa e eu sei disso.

Preciso manter meu coração a salvo de Arkin Sawyer a todo custo.

— Sinto muito por isso, Sage. — Coloco uma mão sobre seu ombro em conforto.

Ela apenas assente e respira fundo, se recompondo antes de voltar a andar ao meu lado.

— Tudo bem, tenho parte da culpa no que aconteceu.

Relacionamentos são complicados porque pessoas são complicadas. É por isso que me mantive bem longe de tudo que não fosse simples e casual. Não quero terminar igual a minha mãe: esperando eternamente por alguém que não dá a mínima.

Estou cogitando voltar com meu plano de ignorar Arkin quando entro na cafeteria da faculdade. Meus olhos logo vão até a mesa em que Finn, Sage e eu nos sentamos regularmente. Meu amigo está sentado lá, mas, diferente do que eu esperava, não está sozinho.

Há outras quatro pessoas na mesa: Arkin, Lucas, Jay e Mia.

O primeiro rapidamente me vê e acena na minha direção, me chamando para ir até lá. Troco um olhar confuso com Sage antes de caminhar até a mesa.

— Hey, vocês demoraram — diz Finn, parecendo bem confortável cercado pelos amigos de Arkin.

Ocupo o assento vazio ao lado de Sawyer e ele me cumprimenta com um sorriso, se inclinando para depositar um beijo

cálido na minha têmpora. Ele tem um jeito de fazer isso naturalmente que mexe comigo.

Engulo em seco quando percebo que meu coração estúpido deu um salto.

Preciso me lembrar que é um ato fingido, uma cena para os amigos dele e todos à nossa volta. Não sei o que acontece comigo quando estou perto dele, é como se os pensamentos racionais simplesmente sumissem. Mesmo assim, não posso me acostumar a isso.

Não posso me acostumar a *nós.*

Arkin está bonito com sua postura despojada, cabelos bagunçados e sorriso ladino. Há um brilho juvenil em seus olhos desde ontem, quando brincamos na piscina com as crianças. Thomas ficou ultrajado, mas não nos repreendeu.

Não verbalmente, pelo menos.

Isso nos rendeu uma tarde tranquila e divertida, algo que eu não tinha há muito tempo.

— Ficaram sabendo do parque itinerante que tá na cidade? — Mia direciona a pergunta para mim.

Não falei com ela desde o *Easterns*, mas soube que venceu a categoria feminina que estava disputando. Preciso parabenizá-la depois.

Baixo o olhar quando Arkin cobre minha mão com a sua em cima da mesa. Seus dedos deslizam entre os meus e acho que não fui a única a notar o gesto carinhoso, porque Jay semicerra os olhos em desconfiança. Arkin, por outro lado, está completamente tranquilo.

Pigarreio, fingindo a mesma naturalidade que ele esbanja o tempo todo.

— Não sabia — finalmente respondo Mia. — Mal consigo lembrar a última vez em que estive num parque de diversões.

— Temos que ir então! — Mia quase grita. — Vai ser tão divertido.

A empolgação dela é interrompida pela onda de risadas de Sage, que atrai a atenção de todos na mesa.

— Desculpa, é que eu tô fora de tudo que envolva meu ex-namorado traidor — explica, meio passivo-agressiva, fuzilando Jay com os olhos.

— Por que, docinho? — rebate Jay, com um sorriso provocativo no canto da boca. — Tá com medo de se apaixonar por mim de novo?

Minha amiga arregala os olhos, ofendida.

— Eu não me apaixonaria por você nem se você fosse o último homem da Terra — vocifera Sage com tanta raiva que dá medo até em mim.

O resto de nós está assistindo aos dois discutindo como se fosse uma cena de filme e não pudéssemos perder nem um segundo. Seguro o sorriso ao observá-los, porque vendo a interação entre eles, tudo fica mais claro.

Tem muita tensão sexual reprimida entre eles. É meio engraçado, na verdade. Parece que só os dois não percebem o que está rolando aqui. Agora entendo porque Sage o odeia tanto.

Ela ainda é apaixonada por ele.

Ouço Arkin dar uma risada baixinha antes de se inclinar na minha direção.

— Eles parecem com a gente — sussurra, perto do meu ouvido.

Os dois ainda estão brigando como gato e rato, trocando ofensas e provocações como se estivessem em um duelo, alheio a todos ao redor. Ninguém os interrompe. Acho que todos estão se divertindo assistindo tudo.

— A diferença é que não estou apaixonada por você — rebato, baixinho para que só ele ouça.

Ele umedece o lábio inferior com a língua e sorri.

— *Ainda*.

Engasgo, colocando uma mão na boca para disfarçar.

A confiança na sua voz é tão palpável que, por um segundo, me pego temendo essa possibilidade.

Arkin apenas ri com minha reação, se afastando.

— Já que você não sente mais nada por mim, então não vai ter problema em ir comigo ao parque — Jay desafia, chamando minha atenção imediata.

Oh-oh.

Sage se levanta e apoia as mãos na mesa, olhando fixo para seu ex-namorado enquanto diz lenta e teatralmente:

— Eu *não sinto* mais nada por você.

— Então prove, querida.

Sage bufa alto e não me surpreenderia se ela voasse por cima da mesa só para estrangulá-lo. Ela está com tanta raiva agora que sinto pena de Jay ao pensar no que minha amiga deve estar querendo fazer com ele agora.

Me identifico com ela. Deus sabe que Arkin me tira do sério também.

— Tudo bem, eu vou com vocês nesse maldito parque — cede, impaciente. — Está feliz agora?

— Radiante — responde Jay, com um sorriso que toma todo o seu rosto. Ele se reclina contra o encosto da cadeira, colocando as mãos atrás da cabeça em satisfação.

— Babaca — Sage resmunga, caindo sentada de volta na cadeira.

— Então é isso. — Mia bate palmas de empolgação. — Encontro de casais no parque de diversões.

Sinto náuseas só de imaginar ter que fingir namorar Arkin durante tanto tempo e na frente de nossos amigos. Ele, por sua vez, não parece nem um pouco preocupado. Pelo contrário.

Está tão radiante quanto Jay. Parece até que está tramando alguma coisa.

Mordo o canto dos meus lábios, analisando com desconfiança o rosto bonito de Arkin, procurando qualquer pista do que ele está planejando para aquele encontro.

Me inclino não sua direção como se fosse beijar seu rosto, mas minha boca está na sua orelha, sussurrando para que só ele consiga ouvir:

— Sei que esse sorriso diabólico no seu rosto é um mau sinal. O que está aprontando?

Sawyer ri baixinho, e levanta uma mão para colocar uma parte do meu cabelo atrás da orelha, conseguindo acesso ao meu ouvido, para sussurrar de volta:

— Vai ter que esperar pra ver, gata.

Bufo em frustração, voltando para minha cadeira.

Cretino.



— Eles parecem crianças — resmunga Sage, de braços cruzados.

Levo meu olhar até a barraquinha de tiro ao alvo, onde Arkin, Jay, Lucas e Derek estão tentando a sorte. Eles estão competindo para ver quem consegue ganhar o urso gigante para nós. Sage, Mia, Finn e eu não estamos muito confiantes. Aqueles quatro são péssimos nisso e estão errando mais do que acertando.

Mas não posso negar que são esforçados.

É engraçado de observar, na verdade. Sage está um pouco certa. Eles parecem crianças disputando entre si. Estão se divertindo muito também, atraindo a atenção de todos ao redor. Sua energia é magnética.

Gosto de ver Arkin em seu ambiente natural: cercado por seus amigos, com um sorriso estampado no rosto e aquelas covinhas ridículas em suas bochechas. É bem diferente de seu jeito tenso e consternado que eu conheci ontem no almoço com sua família.

Há uma sensação nostálgica me envolvendo desde que cruzei os portões do parque. Mal consigo me lembrar da última vez em que estive em um lugar assim, apenas me divertindo com um grupo de amigos. Meu instinto de autopreservação me fez afastar muitas pessoas em Sacramento e, honestamente, não me arrependo. Tudo lá era extremamente complicado com minha mãe e Kyle era jovem demais.

Agora, cercada por essas pessoas, nesse lugar totalmente fora do comum para mim, é como se eu me sentisse abraçada. Pertencente a algum lugar, pela primeira vez. O que é muito estranho, porque eu nem gosto desta cidade e mal conheço metade dessas pessoas.

O crepúsculo está pintando o céu de tons de laranja, rosa e roxo acima de nós. Todos os brinquedos e atrações do parque itinerante estão iluminados com luzes coloridas. Músicas agitadas e divertidas tocam sem parar e seu som se mistura com a risada das crianças brincando. É impossível não me deixar contaminar pelo espírito de diversão.

O parque está cheio e, desde que chegamos, só nos aventuramos pelas barraquinhas. Estaríamos indo para a grande roda-gigante agora se os meninos não estivessem presos no tiro ao alvo há tanto tempo.

— Acredite em mim, eles conseguem ser bem piores quando estão reunidos — Mia diz, antes de enfiar na boca uma bola de algodão doce cor-de-rosa. — Tinha que vê-los na república. Aquele lugar fica uma zona.

O resto de nós que não está tentando a sorte atirando nos alvos móveis está sentado numa mesa a alguns metros. Finn e eu compartilhamos o milkshake gigante, uma atração de um dos quiosques do parque, e eu tinha certeza que não daria tempo de terminá-lo antes de algum dos rapazes finalmente ganhar o urso de pelúcia enorme. Ledo engano.

Provavelmente daria para tomar mais um milkshake gigante antes da competição chegar ao fim.

— Aposto que o Derek vai ganhar — Finn se gaba, observando seu quase-namorado de longe. — Ele é ótimo em acertar o alvo.

Dou risada com seu tom sugestivo.

Finn é tão competitivo quanto o resto dos meninos e só não se juntou a eles porque disse que estava morrendo de fome e que precisava urgentemente parar para comer.

— Vai nada — Mia discorda, olhando para eles também. — Lucas já levou essa.

— Estou quase indo lá para atirar também — Sage diz, entrando na conversa. — Aposto que consigo ganhar esse urso rapidinho se usar seu irmão como alvo.

Leva um segundo para eu entender a quem ela se referiu. Arregalo os olhos, surpresa.

— Você é irmã do Jay? — pergunto a Mia. Ela faz uma careta.

— Infelizmente.

Agora faz sentido a semelhança entre eles. Na verdade, não sei como não percebi antes. Eles são realmente muito parecidos.

— Não sabia que estava saindo com o Lucas — Finn diz, girando entre as mãos a enorme taça vazia de nosso milkshake.

— Não estou — Mia se apressa em negar, suas bochechas corando lentamente. — Quero dizer, é complicado.

Ela desvia os olhos para seu acompanhante da noite e percebo imediatamente um brilho diferenciado nos seus olhos claros. Mia gosta dele e acho que seu sentimento é correspondido. Não me passou despercebido a forma como ele não parava de olhar para ela desde que chegamos. Na verdade, é como se ela fosse a única pessoa ali para ele.

— Vocês ficam bem juntos — digo, oferecendo um sorriso cúmplice.

— Deveria dizer isso para ele — Mia murmura, deixando os ombros caírem. — Ele não tá nem aí pra mim.

— Mas esse é um encontro de casais, não é? — Sage entra na conversa. — E vocês estão aqui juntos.

— Como *amigos* — Mia ressalta, rolando os olhos como se essa palavra fosse ridícula. — E você também está aqui com Jay.

— Como *inimigos* — Sage esclarece, nos fazendo rir alto. — Não sou de dar segundas chances e você sabe que seu irmão não merece uma.

— Jay pode ser um grande babaca na maioria das vezes, mas não costuma dar a mínima para muita coisa — explica Mia. —

Ele não brigaria tanto com você se não sentisse nada, apenas iria ignorar e agir com indiferença.

Sage abre a boca para argumentar, mas não tem tempo. Um grito de comemoração soa atrás de nós, na direção da barraca de tiro ao alvo e não preciso nem me virar para saber quem foi.

— Gatinha, consegui o urso de pelúcia gigante pra você — Arkin grita tão alto que não sei se alguém nesse parque de diversões, ou em Cardeen Bay, não ouviu.

Sage, Finn e Mia começam a gargalhar sem parar e sinto minhas bochechas queimarem com o rubor.

Fecho os olhos e cubro o rosto com as mãos, como se isso pudesse me esconder de Arkin e essa situação.

Não acredito que ele vai realmente fazer o máximo para tornar tudo isso o mais desconfortável e constrangedor para mim.

Sinto ele se aproximar antes de ouvi-lo.

— Não adianta se esconder, pequena B — Arkin cantarola, assustadoramente perto. — Venha conhecer o Onofre.

— Não. — Me recuso, mantendo meus olhos bem fechados sob minha mão.

Então esse era o plano diabólico dele o tempo todo: fazer todos acreditarem que somos um desses casais bregas que fazem esse tipo de coisa.

Se Effy visse a situação em que estou agora, ela iria rir e caçoar de mim por meses.

Demonstrações de afeto e gestos romanticamente melosos nunca fizeram meu estilo. Na verdade, estive fugindo desse tipo de coisa desde que me lembro. Mas Arkin não vai me deixar escapar.

— Vai logo, *pequena B* — Sage zomba, imitando o tom de Arkin ao pronunciar meu apelido. — O Onofre tá esperando.

— Você está o deixando magoado — Arkin continua, causando mais risinhos.

Bufo e abro os olhos, encontrando um Arkin risonho e agitado, semelhante a um *Golden Retriever* babão e impossível. Eu até poderia revirar os olhos nesse momento se não fosse tão adorável e hipnotizante. Ele está segurando um urso de pelúcia que

tem a metade do seu tamanho — o que, considerando sua altura, não é pouca coisa. O bicho tem um coração vermelho na barriga e parece um pouco com um que eu tinha quando era mais nova.

Um que ganhei de aniversário do meu pai e que costumava ficar em cima da minha cama o tempo todo. Ele tinha cheiro de baunilha e eu sempre o abraçava com força antes de dormir para evitar os pesadelos. O nome era Barry e ele me consolava quando ninguém mais podia.

Esse aqui nas mãos do Arkin tem olhinhos pidões exatamente iguais aos do homem que o segura e, inconscientemente, meu coração aquece com um sentimento desconhecido de conforto.

É a coisa mais brega que eu já vi.

Eu amei.

Mas, obviamente, não vou deixar Arkin saber disso.

— Ele tem mesmo cara de Onofre — cedo, a contragosto.

Arkin ri alto, vitorioso, e me estende a pelúcia. Suspiro ao apanhá-lo, com dificuldade pelo seu grande tamanho, mas o abraço contra o peito. Esse tem um cheiro doce de chiclete.

— Vamos pra roda-gigante agora — determina Mia, com empolgação.

Eles lideram o caminho para o brinquedo enquanto Arkin e eu seguimos mais atrás. Ele me ajuda a carregar o urso, segura uma das patas felpudas dele enquanto eu seguro a outra. Em algum momento, começamos a balançar o urso para frente e para trás e nem estou mais me importando com o quão brega parecemos.

As crianças olham para nós quando passamos e Arkin parece orgulhoso de si mesmo enquanto conta sobre como derrotou seus oponentes e conseguiu ganhar o urso para mim.

Nesses momentos, enquanto rio feito boba das piadas idiotas de Arkin Sawyer, é difícil lembrar que ele não é meu namorado de verdade. Passei a ficar à vontade com sua presença e até me divertir perto dele. O maldito atua tão bem que está começando a confundir até a mim.

— Você adorou, não foi? — pergunta Arkin depois de um tempo, me provocando com um de seus olhares estreitos. — Assuma que adorou o Onofre.

Balanço a cabeça negativamente, resignada.

— Nunca.

Mas preciso virar o rosto para o outro lado para que ele não veja o sorriso idiota crescendo em meus lábios.

23

Arkin

— Nossa, dá pra ver a cidade toda daqui de cima.

O tom de entusiasmo na voz de Kingston teria atraído meus olhos direto para sua figura se eles não estivessem aterrorizados e presos na paisagem do lado de fora da cabine de vidro da atração.

O parque parece pequeno e irrelevante lá embaixo enquanto somos içados vários metros acima do solo. Apenas as luzes coloridas são visíveis, todo o resto não passa de uma silhueta ínfima da cidade de Cardeen Bay, escurecendo conforme a noite engole tudo.

Aperto com força a barra de metal que circunda toda a cabine. Tenho certeza de que ela não é tão segura quanto parece, ou então não estaria balançando levemente de um lado para o outro no ar.

Estou ficando enjoado.

Ao menos posso me sentir grato por Blaze e eu sermos os únicos aqui, ou então todos estariam me vendo suar frio de vertigem por causa de uma roda-gigante idiota.

Por que diabos concordei em subir aqui mesmo?

Blaze está ao meu lado, inclinada sobre a barra, os olhos vidrados no pôr-do-sol estonteante que ilumina o mar vasto. Daqui de cima há uma visão privilegiada da baía e eu estaria a apreciando também, se todos os meus esforços não estivessem concentrados em impedir que eu desmaie.

— Faz tanto tempo que não subo numa roda-gigante — Blaze murmura, pensativa.

— É, eu também — digo, respirando fundo para afastar a náusea. — E agora me lembro do porquê.

As íris castanhas de Kingston se viram para mim e ela semicerra os cílios, me analisando com astúcia.

— Você tem medo de altura — constata, em choque.

Bufo, balançando a gola da minha camisa como se isso pudesse me livrar da sensação de sufocamento. Sinto como se essa cabine tivesse um terço de seu tamanho real.

— Grande apontamento, Sherlock — resmungo, irritado.

Por que diabos achei que seria uma boa ideia entrar nesse brinquedo?

Acho que não estava pensando direito. Tinha certeza de que a sensação não passaria de um calafrio bobo que não me incomodaria. Acho que subestimei essa maldita fobia.

— Como pode ter medo de altura? — indaga Blaze, confusa. — Você salta ondas enormes e faz acrobacias no ar.

Fecho os olhos por um momento e me concentro no som de sua voz e na constância da minha respiração. Se prestar atenção nessa conversa, talvez eu possa esquecer que estou doze metros acima do solo.

— Bem, acho que quando estou no mar tenho outras preocupações além da altura.

— Como a possibilidade de cair e se afogar?

Dou risada.

— É, como isso.

Abro os olhos quando sinto as mãos de Blaze em meus ombros, me virando. Ela me coloca de costas para a vista pavorosa das janelas da cabine e de frente para ela. Suas mãos deslizam pelos meus braços e apanham minhas mãos enquanto seus olhos permanecem conectados aos meus.

Não sei quando o rosto de Blaze Kingston se tornou tão familiar para mim, mas não quero que essa sensação se vá. É reconfortante.

Acho que já decorei a forma de seus traços. Seu nariz pequeno e petulante, o contorno suave de sua boca e a maciez de seus lábios que me desperta uma vontade louca de prová-los... Os olhos profundamente castanhos e arredondados, sempre delineados pela maquiagem preta que a deixa com um ar sexy e perigoso, as maçãs do rosto pronunciadas que ficam avermelhadas quando ela está excitada...

Garota infernal.

— Tenho medo do mar — confessa Blaze de repente, me pegando de surpresa.

— O quê?

Ela levanta as sobrancelhas.

— O que foi? Esse não é o momento em que começamos a desabafar sobre nossos medos?

Sorrio.

— Não, quero dizer... Como pode ter medo do mar?

Praticamente cresci na baía da Carolina do Norte, indo de praia em praia, obcecado para absorver tudo o que o oceano tinha a oferecer. Sempre pareceu o lugar mais seguro do mundo para mim. O único lugar onde nunca haveria barreiras, onde tudo seria possível.

Obviamente, o oceano pode ser perigoso. Meu irmão é a prova disso. Tanto quanto eu, Eric sabia dos riscos. Mas ele nunca teve medo. Onde quer que ele esteja agora, acho que ainda não tem.

Acho que foi por isso que ele não quis parar mesmo após sua lesão. Me pergunto com frequência o que poderia ter feito para mudar sua cabeça. Sem dúvidas, eu deveria ter falado para ele parar de tentar se provar para o nosso pai. Mas como podia? Eu também queria provar algo a Thomas.

Acho que nossa busca por aprovação nos cegou.

— Da mesma forma que você tem medo de altura — rebate Blaze, dando de ombros. — O oceano é aterrorizante também. Profundo, escuro e desconhecido... — Um calafrio cruza o corpo dela só com o pensamento e Blaze treme, se encolhendo depois. — Uma vez, quando era criança, eu estava brincando no raso, mas as ondas me levaram para o fundo e não conseguia emergir. Foi a sensação mais horrível que já tive.

Escrutino seu rosto e consigo ver como isso é sério para ela. O medo transparece em suas íris escuras e me faz franzir o cenho.

— Como saiu de lá?

— O salva-vidas me viu agitando os braços na água sem parar e me tirou do mar — explica, baixando os olhos para o chão de metal da cabine. — Minha mãe nem tinha percebido que eu sumi.

Mordo o interior da bochecha, sentindo uma onda súbita de raiva aquecer meu corpo.

Não sei como os pais de Blaze puderam negligenciá-la tanto. Desde que coloquei os olhos nela pela primeira vez, percebi que ela era diferente de tudo o que eu já tinha visto antes. Quando éramos crianças, mal conseguia me manter longe dessa garotinha esperta o suficiente para odiar a maneira como ela me tratava.

Como seus próprios pais não eram fascinados por ela?

Eu com certeza fico mais fascinado a cada momento que compartilho com ela.

E odeio quando seu semblante é tomado pelo vazio quando ela fala sobre seus pais.

— Aposto que consigo fazer você enfrentar o medo do mar — provoco em tom malicioso, tentando desviar a mente dela dos pensamentos que a deixam chateada.

Acho que sou bem-sucedido, porque quando ela volta a levantar o rosto, está sorrindo.

— Você se acha muito.

— Qual é, gatinha? Está com medo de uma simples aposta? — Blaze crispa o canto dos lábios, considerando. — É melhor começar a pensar num prêmio grandioso para quando eu conseguir.

Blaze bufa e se afasta, cruzando os braços.

— Como foi que acabei namorando o idiota presunçoso que me infernizava na época da escola?

— Namorando *de mentira* — a recordo, mas me arrependo assim que Blaze revira os olhos.

Quando se entra numa relação falsa como essa, as linhas limítrofes ficam meio nebulosas. Principalmente considerando que Blaze e eu moramos juntos e que nossos círculos de amizade estão cada vez mais próximos. O fato de ela ser a garota mais atraente e enlouquecedora que já conheci também não facilita muito.

Na verdade, é difícil lembrar que tudo isso é uma farsa quando tudo o que eu quero é arrancar as roupas de Blaze e provar cada centímetro do seu corpo. Especialmente quando ela me olha com atrevimento assim.

A garota levanta o queixo e pigarreia.

— Então vai finalmente admitir que somos apenas uma mentira bem contada?

Nosso namoro pode ser uma mentira, mas essa atração ardente entre nós é bem real. Sei que Blaze sente também, ela só é orgulhosa demais para admitir. De qualquer forma, não preciso que ela admita, apenas que ceda.

Dou um passo em sua direção, sem me importar com o movimento que a cabine faz no ar. Nesse momento, mal consigo me lembrar que estou a vários metros de altura do chão. Blaze Kingston ocupa toda a minha mente, não deixando espaço para mais nada.

— Já ouviu falar que uma mentira contada mil vezes se torna verdade? — instigo, anulando o espaço entre nós. — E estamos no topo da roda-gigante, um namorado de verdade estaria te beijando neste exato momento.

Blaze aceita o desafio implícito no meu tom de voz e se aproxima também, sem desgrudar nossos olhares.

— Mas um namorado de mentira só faria isso se alguém estivesse olhando — retruca, cética.

— E...?

— E não tem ninguém nos olhando aqui em cima.

Levanto uma mão para colocar uma de suas mechas escuras atrás da orelha, liberando a visão de seu rosto delicado. Seus olhos estão impetuosos e hesitantes. Ela quer se afastar, mas não consegue. Sei bem como é essa sensação. Mas não tem para onde fugir aqui em cima. Neste instante, estamos presos um ao outro e a essa coisa confusa e totalmente real entre nós.

— E se eu quisesse te beijar mesmo assim? — devolvo.

Blaze morde o lábio inferior e balança a cabeça negativamente, mas não se afasta.

— Acho que isso iria complicar muito as coisas — sussurra.

— Gosto de complicações.

Seguro o rosto de Blaze entre minhas mãos, sentindo sua textura macia e suave sob meus dedos e aproximo nossos narizes. Sua respiração aquece minha pele e seu perfume age em mim como um convite.

Não há joguinhos ou mal-entendidos dessa vez. Beijar Blaze Kingston é uma necessidade tão urgente quanto respirar. A primeira vez me condenou e desde então só consigo pensar em como ter mais disso, mais dela.

Nossas bocas estão a um centímetro de se encontrarem quando o toque irritante e inoportuno de um celular soa alto, preenchendo toda a cabine da roda-gigante. O momento escorre por entre meus dedos como água quando Blaze se afasta imediatamente, checando o telefone em seu bolso.

Bufo, dando um passo para trás até encostar a base das minhas costas na barra de metal da parede da cabine.

A frustração, contudo, é logo substituída por preocupação quando noto o semblante no rosto de Blaze quando ela atende à ligação. Suas mãos começam a tremer, assim como seu queixo, e seus olhos são tomados pelo mais puro desespero.

— Blaze? — chamo, indo até ela. — O que houve?

— Minha... minha mãe. — Sua voz falha e ela me encara como se estivesse prestes a desabar no chão. — Tenho que ir para o hospital.



— Onde ela está?! — Blaze pergunta num grito assim que alcançamos a recepção do Hospital Memorial de Cardeen Bay.

A familiaridade da sala de espera me desperta arrepios e coloco as mãos nos bolsos da calça-jeans, tentando impedir que as memórias das últimas vezes em que estive aqui nublem meus pensamentos e me impeçam de me concentrar no que está acontecendo agora.

É difícil, principalmente porque as lembranças têm me assombrado por longos cinco anos. Nunca vou esquecer das

palavras que saíram da boca do médico quando ele explicou como Eric tinha morrido. Meu irmão não teve chance. Ninguém pôde salvá-lo.

Um soluço de Blaze me traz de volta à realidade e pisco algumas vezes, tentando me manter aqui.

Assim que a roda-gigante parou e nossa cabine voltou ao chão, Blaze saltou dela e saiu correndo como o furacão que ela é. Nem deu tempo de avisar aos nossos amigos. Apenas fui atrás dela e dirigi acima do limite de velocidade pelas ruas de Cardeen Bay até o hospital. Vou receber algumas multas por isso, mas estou pouco me fodendo.

Pelo pouco que Blaze disse no caminho, era Kyle no telefone. Ele não sabia de muita coisa. Não tinha nenhuma informação além de que sua mãe tinha sofrido um acidente de carro e estava hospitalizada.

Não preciso estar dentro da cabeça de Blaze para saber que ela está pensando nas piores hipóteses. Estou tentando não me ater a isso, porque os irmãos Kingston já passaram por muita coisa e não sei como iriam superar se algo acontecesse à sua mãe. Kyle é apenas um garoto, não é muito mais velho do que eu era quando perdi a minha mãe.

Ele não pode passar por isso também.

Blaze dá o nome completo de sua mãe na recepção e, enquanto a enfermeira procura no computador, a garota parece estar prestes a ter um colapso nervoso. Suas mãos e pernas estão tremendo tanto que não sei como ela ainda consegue ficar de pé.

Me aproximo e espalmo minha mão em suas costas, afagando para cima e para baixo como se isso pudesse dissipar seu medo e tensão. Blaze ainda está vestindo uma simples regata de banda de rock que não faz muito para protegê-la do ambiente gelado do hospital.

Não sei exatamente porque hospitais são tão frios. Talvez tenha a ver com a temperatura baixa do ar-condicionado, mas eu acho que é toda a aura sombria e triste que paira por esses corredores.

Depois de perder as duas pessoas mais importantes da minha vida e receber as notícias numa sala de espera exatamente como essa, fica difícil não sentir ojeriza em hospitais.

Retiro meu casaco de moletom e coloco sobre os ombros de Blaze, esperando que isso possa transmitir um pouco de acalento e conforto.

— Sua mãe está em observação na enfermaria — informa a enfermeira do outro lado do balcão. — Está estável, mas só o médico dela pode dar mais informações.

Expiro com alívio, sentindo meus ombros relaxarem um pouco. Ao menos ela está viva e seu quadro é estável.

Isso é uma boa notícia, certo?

Blaze engole em seco e se apoia com as mãos no balcão.

— Eu quero vê-la, eu...

— Blaze! — A voz urgente e familiar de Kyle interrompe a fala de sua irmã e nós dois nos viramos ao mesmo tempo para ver o garotinho correndo até nós.

Ele veio da direção de um dos corredores e, assim que nos alcança, se joga sobre Blaze num abraço apertado.

Os ombros de Kyle tremem com os soluços enquanto ele chora copiosamente. Sua irmã se abaixa para ampará-lo e dá para ver no rosto de Blaze que ela está se segurando muito para não chorar também.

— Ele ouviu sua voz do outro lado do hospital — diz uma mulher de meia-idade, se aproximando também. Ao seu lado há um homem alto e loiro vestindo um jaleco. É o médico da mãe deles, presumo.

— Maureen — cumprimenta Blaze, se levantando, mas ainda mantendo as mãos nos ombros de Ky. — Obrigada por cuidar do Kyle.

— Não foi nada, querida. — Ela sacode a mão no ar como se realmente não estivesse incomodada. Em seguida, me dá uma olhada breve, mas analítica, antes de voltar a fitar os irmãos. — Ouvimos o som da batida lá de casa. Kyle saiu correndo antes que eu pudesse impedir, é como se ele já soubesse que...

A mulher se cala, fechando os olhos por um segundo. Presumo que ela estava cuidando do irmão de Kyle no momento em que ocorreu o acidente.

Esse cenário me transporta há dez anos no passado, quando olhei nos olhos de um homem de jaleco e ouvi sobre como eles fizeram tudo o que foi possível para salvar minha mãe. É difícil explicar a um garotinho sobre a morte, mas, de alguma forma, eu soube exatamente o que ela significava pela reação do meu pai e do meu irmão.

Naquela noite, só consegui abraçar Eric e chorar até adormecer. Mas quando Eric se foi, não tive quem abraçar. Apenas me encolhi sentado no corredor do hospital, hiperventilando e rezando para tudo aquilo não passar de um pesadelo.

Os médicos tiveram que me dar calmantes para me tirar daquele estado de pânico.

Me forço a engolir em seco quando a voz de Blaze soa novamente.

— O que houve? Como ela está? — ela pergunta, dessa vez direcionando-se ao médico.

— Srta. Kingston, sua mãe está apenas com alguns arranhões e uma torção no pulso. Ela vai ficar bem — comunica, injetando alívio direto em nossas veias. Blaze fecha os olhos e suspira.

Mas vejo que a tranquilidade na voz do médico não atinge seus olhos. Sua testa está franzida e seus olhos transmitem relutância e preocupação.

Não sei de onde vem o instinto que me faz aproximar e apanhar sua mão na minha, apertando forte o suficiente para que ela saiba que não está sozinha agora. Acho que ela sente o conforto que isso transmite a nós dois, pois, aperta minha mão de volta.

— Posso vê-la? — pede ela.

— Sua mãe está dormindo neste momento, mas você pode vê-la por alguns minutos. — Ainda assim, o médico não faz menção de levar Blaze para a enfermaria.

Algo está errado.

Conheço esse semblante, é o mesmo que todos os médicos apresentam antes de dar uma má notícia.

— O que houve? — Blaze pergunta, provavelmente percebendo a hesitação do médico tanto quanto eu.

— Assim que sua mãe chegou ao hospital, fizemos alguns exames físicos e detectamos um crescimento anormal da tireoide, o que indica a presença de um nódulo.

Sinto meu sangue gelar e, por instinto, aperto a mão de Blaze com mais força. Percebo quando suas pernas fraquejam e ela se segura em mim, a cor sumindo de seu rosto.

— Um nódulo? — repete ela, num sussurro. — O que isso significa?

O médico reluta, alternando o olhar para um Kyle imóvel e silencioso ainda presente. Ele não quer falar o que está prestes a falar na frente de uma criança.

Porra, esse não é um bom sinal.

Maureen se prontifica e diz que vai levá-lo até a cantina. Dá para ver em seus olhos que ele não quer ir, mas ele vai mesmo assim, porque é um bom menino.

Assim que os dois se distanciam, o médico responde à pergunta de Blaze.

— Normalmente, não significa nada. Fizemos uma ultrassonografia da tireoide e encontramos características de um tumor. Seria necessário fazer uma punção aspirativa para detectar o tipo, mas...

Blaze pisca, como se não estivesse acreditando que isso está mesmo acontecendo. Eu também não estou e não sei o que fazer agora, só sei que preciso ficar ao lado dela, seja lá o que aconteça.

— Mas...?

— A Sra. Kingston me informou que já fez uma punção e que recebeu o diagnóstico de carcinoma papilífero.

— Câncer?

É quando as mãos de Blaze começam a tremer. Ela está se controlando, respirando pausadamente e mantendo seus olhos

concentrados nos do médico, mas consigo ver o desespero crescendo em seu semblante.

— É grave? — volta a perguntar, com a voz trêmula. — O que temos que fazer? Como vamos...

— Sua mãe recusou o tratamento assim que recebeu o diagnóstico, alguns meses atrás, então somente um especialista poderia dizer se houve o avanço da doença e qual o tratamento adequado — explica o médico. — Mas acredito que seja necessária intervenção cirúrgica.

Por que a mãe de Blaze recusaria tratamento contra câncer?

Kingston pisca novamente, colocando seus cabelos para trás enquanto respira fundo algumas vezes.

— Eu quero vê-la — é a única coisa que ela diz. O médico assente.

— Vou te acompanhar até a enfermaria — diz o médico. Dr. Connors, pelo que informa o crachá pendurado no bolso de seu jaleco. Assim que ele faz menção de se virar até o corredor e Blaze o segue, vou atrás. Contudo, ele me para com um olhar. — Somente familiares são permitidos.

Dr. Connors estreita os olhos para mim em desconfiança, mas Blaze apenas aperta minha mão com mais força e confiança.

— Ele é meu namorado.

Blaze nem titubeou antes de dizer essa palavra, esse *título*. E, mesmo sem querer, isso me atinge direto no peito.

O médico comprime os lábios numa linha fina e já sei o que está prestes a dizer antes que ele, de fato, diga.

— Sinto muito, sem exceções.

Suspiro, anuindo com a cabeça, e me viro para Blaze. Seus olhos estão assustados e seu nariz, vermelho. Ela está se segurando tanto para não desabar que quero enfrentar o médico e acompanhar Blaze só para que ela não se sinta sozinha. Não sei exatamente de onde vem esse instinto, mas acho que é porque já passei por uma situação semelhante. Duas vezes.

E em ambas eu saí do hospital deixando para trás uma pessoa que eu amava. Alguém que eu nunca mais veria.

Sei que é difícil e assustador e ela não merece passar por isso.

— Vou esperar você aqui.

— Pode ir para casa, se quiser — sugere Blaze, nervosa. — Maureen pode ficar de olho no Kyle até eu voltar.

— Não vou a lugar nenhum, gatinha — garanto, olhando fundo em seus olhos. Isso parece tranquilizá-la e atenuar o peso em seus ombros.

Blaze assente e solta minha mão com hesitação antes de se virar e seguir o médico pelo corredor.



Maureen foi embora há pouco menos de uma hora, quando Kyle já tinha pegado no sono deitado no sofá da sala de espera da enfermaria. Há poucas pessoas aqui e todas mantém o silêncio sepulcral do cômodo, o que, somado ao cansaço do garoto, facilitou para que ele adormecesse.

Conversei brevemente com a mulher, que disse morar na casa vizinha de Dinah. Não foi planejado que ela tomasse conta de Kyle hoje à noite, mas a mãe dele disse que precisava sair urgentemente e o deixou na casa dela. Na volta, Dinah bateu o carro contra um dos postes na rua de casa.

Estou sentado em uma das cadeiras, ainda esperando por Blaze. Há alguns minutos verifiquei meu celular, encontrando várias chamadas perdidas e mensagens dos meus amigos. Eles não costumam se importar com muita coisa além de uns com os outros. Desde a época da república, sempre cuidamos um do outro. Acho que ainda se preocupam, já que somos uma pequena família disfuncional desde o primeiro ano de faculdade.

Respondi apenas a mensagem de Lucas, dizendo que estava resolvendo uma emergência com Blaze. Não fui específico porque sei que ela mantém seus problemas pessoais de forma privada.

Acho que, se pudesse ter escolhido, ela nem iria querer que eu ficasse sabendo da doença da sua mãe.

Assim que ergo a cabeça para checar Kyle, que ainda está adormecido, vejo a mesma mulher da recepção se aproximando. Ela

segura uma prancheta e seu rosto está um pouco consternado, como se ela estivesse constrangida.

— Desculpe incomodar, mas você é parente de Dinah Kingston?

— Sou um... — Pigarreio, sem saber direito como proceder. Nunca estive numa situação assim antes, tendo que definir meu relacionamento com a família de uma garota. — Um amigo da família.

— Não queria incomodá-los com isso, mas como a alta da paciente foi agendada para amanhã e o acerto financeiro com as despesas hospitalares ainda está pendente...

A enfermeira para de falar e franze as sobrancelhas, incomodada com a situação. Seus olhos me pedem desculpas silenciosamente. Sei que não é sua culpa, são normas do hospital, mas, ainda assim, algo em sua fala me aflige e me endireito sobre o assento.

— Ela não tem plano de saúde?

— Nenhum que conste nos registros. — Dá de ombros. — O senhor sabe quem será o responsável financeiro pela conta hospitalar?

Não penso duas vezes antes de responder.

— Sou eu. Podemos deixar tudo acertado já?

— Claro, só preciso que informe seus dados e assine aqui.

Pego a prancheta de sua mão e começo a preencher tudo rapidamente, me apressando para acertar o pagamento da dívida antes que Blaze volte. Sei que ela não vai gostar nem um pouco disso e que seu orgulho vai querer brigar comigo, mas é o certo a se fazer. Ela já tem preocupações demais e vive no limite com o que ganha na lanchonete. Não tem que se preocupar com isso também.

Se Dinah fosse seguir adiante com o tratamento para câncer dessa vez, elas vão gastar muito dinheiro. Talvez mais do que tenham. E não faço a menor ideia de como posso ajudar. Nem sei se Blaze vai querer ajudar.

Depois de tudo resolvido, a enfermeira agradece e parece aliviada em poder dar fim à situação incômoda. Ela se vira e sai pelo

corredor, sumindo de vista pouco antes de Blaze aparecer. Ela está totalmente vestida com o meu casaco agora, as mãos nos bolsos do moletom, que parece grande demais em seu corpo encolhido.

Blaze se aproxima com cautela, checando a figura de seu pequeno irmão, enrolado em si mesmo no sofá, suspirando profundamente em seu sono. Quando percebe que Kyle está bem, ela desvia os olhos para mim e se senta na cadeira vazia ao meu lado.

— Como foi lá? — pergunto, me virando na sua direção.

Blaze ainda está encolhida, os braços cruzados contra o peito em sua tradicional pose de autoproteção. Isso me preocupa. Não sei o que está passando por sua cabeça agora, mas quero saber. Quero ajudar. Quero que ela não se sinta sozinha.

Meu instinto de proteção é acionado toda vez que ela está perto, então não consigo pensar em nada além disso. Não sei o motivo, nem se gosto dessa situação, mas não posso evitar. Como o belo furacão que é, Blaze bagunçou tudo assim que entrou na minha vida. Desde então, tudo está diferente.

E estou começando a me adaptar a essa mudança, embora não devesse.

— Não consegui falar com Dinah — diz ela, baixinho. — Ela ainda está dormindo.

Assinto com a cabeça devagar, tentando desvendar o sentimento por trás de suas palavras. Blaze é como um cubo mágico que estou sempre tentando resolver. Procurando significados ocultos e um caminho direto para sua compreensão.

Tirando cuidadosamente uma camada de cada vez enquanto tento não assustá-la.

— Blaze...

— Ela estava com dores — ela me interrompe. — Estava com dores há meses e usando analgésicos para suportar. Eles causam sono e, por isso, ela dormiu no volante e bateu no poste.

As lágrimas finalmente transbordam pelo canto de seus olhos, borrando a maquiagem e deixando um rastro fraco de tinta

por suas bochechas. Ela não está mais se segurando firme, está se permitindo ruir.

Sem pensar, puxo Blaze para mim e ela não resiste, caindo em meus braços e afundando o rosto em meu peito.

— Ela disse isso para o médico, mas nunca disse para mim — Blaze continua, entre soluços, espasmos de soluço fazem seu corpo tremer e ela se agarra à minha camiseta como se eu fosse a única coisa impedindo que ela desmorone. — Nós tínhamos uma relação de merda e a culpei por isso, a culpei por nunca estar presente e por ser uma desmiolada. Algumas vezes, eu a odiei. Fui tão cruel com ela e agora...

— Não é culpa sua, Blaze, você não sabia.

— Eu sei, mas... — Ela é interrompida por um soluço e fecha os olhos. — O Dr. Connors me disse que a taxa de sobrevida em *carcinoma papilífero* é alta, mas como podemos saber se a doença não evoluiu? Ela sabe do diagnóstico há meses e nunca me disse, ela nunca se tratou. Arkin, e se...

Seu corpo treme em seu choro e, de alguma forma, sinto isso doer em mim também. Blaze é jovem demais para enfrentar tudo isso sozinha. Se responsabilizar pela mãe e pelo irmão, tudo isso enquanto tenta resolver a própria vida e o próprio futuro... E agora tudo pode piorar com a doença de Dinah.

Isso é demais para qualquer um.

— Blaze — digo, afagando seus cabelos. — Não se martirize por coisas que você não tem certeza. Você vai conversar com a sua mãe. Vocês podem buscar um especialista e ele vai ajudar. Ele vai cuidar da sua mãe. Vai ficar tudo bem.

— Você não sabe disso — rebate ela, ainda em choro. — Não sabe se vai ficar tudo bem.

— Não, não sei, mas sei que precisamos sempre torcer pelo melhor.

É a única coisa que podemos fazer, na verdade.

E foi o que meu pai me disse quando a ambulância levou minha mãe quando seu aneurisma se rompeu. Mesmo sendo criança, me lembro claramente do quão assustador foi ver minha

mãe sufocando gritos de dor antes de perder a consciência. Durante todo o percurso até o hospital, meu pai ficava repetindo essas quatro palavras.

Vai ficar tudo bem.

Quando chegamos no hospital, descobrimos que, além da ruptura, minha mãe sofreu uma hemorragia e não resistiu. Depois disso, foi como se o mundo tivesse acabado para nós. Mas, durante os dez minutos em que estávamos no carro indo para o hospital, tudo ficou bem.

Tivemos esperança.

E é por isso que Blaze precisa acreditar que tudo vai dar certo. Se o quadro de sua mãe não for grave, então ela não vai ter sofrido antecipadamente. Se for, então ao menos quero que ela tenha esperança por mais que dez minutos.

— O que eu vou dizer ao Kyle? — ela sussurra, totalmente perdida. — Como ele vai passar por isso?

— *Shhh*. — Aperto Blaze contra mim, como se isso pudesse fazer todos os problemas dela desaparecerem. — Ele não vai passar por isso sozinho. Nem você.

Sinto Blaze mover a cabeça contra mim, anuindo, e sinto seu corpo relaxar um pouco. Permanecemos assim pelos próximos minutos: nos segurando um ao outro enquanto Kingston chora por sua mãe.

Assim que se acalma, a garota se afasta para encontrar meus olhos. Os seus estão vermelhos e inchados pelo choro, manchados com maquiagem preta. Ela ainda continua tão linda quanto o possível.

— Obrigada, Arkin. De verdade.

Dou um pequeno sorriso, secando suas lágrimas com a ponta dos dedos.

Queria poder ter feito algo realmente relevante que justificasse seu agradecimento, mas só fiquei aqui sentado, me sentindo impotente enquanto a vida da minha colega de apartamento — e namorada de mentira — desmorona bem na sua frente.

— Eu não fiz nada, gatinha — garanto, acariciando sua bochecha ainda úmida das lágrimas.

— Você ficou.

Então, ela volta a me abraçar.

Nunca quis cuidar de ninguém antes. Porra, eu nunca me importei o suficiente para isso.

Mas agora, com essa garota tão durona se desfazendo em meus braços, tudo o que quero é abraçá-la e impedir que qualquer um a faça chorar novamente. Quero fazer promessas que sei que não posso cumprir e ficar do seu lado por mais tempo do que ela vai me permitir, então apenas fico em silêncio e a abraço de volta.

Espero que isso seja o suficiente por enquanto.

24

Blaze

— Pare com isso, Blaze — pede Dinah, quebrando o silêncio sepulcral que se estabeleceu nesta casa desde que Kyle saiu para ir para a escola há algumas horas.

Não sei o que dizer, nem se há algo a ser dito de fato. Na verdade, minha mãe e eu mal nos encaramos nos olhos desde que ela acordou após o acidente. Trocamos breves palavras no percurso até sua casa, mas nada significativo.

Não sei o que pensar também. Passei a maior parte da noite chorando nos braços de alguém que pensei que odiava, sendo consumida por mais medo do que já senti na vida. Quando consegui parar de tremer, comecei a pesquisar tudo o que há na internet sobre carcinoma papilífero.

O diagnóstico precoce é essencial para um tratamento bem-sucedido de câncer. O tipo no qual minha mãe foi diagnosticada realmente possui grande taxa de sobrevida, mas tudo depende do quanto o câncer se espalhou, se ele já atingiu os ossos. E não sabemos isso ainda.

De qualquer forma, quando Dinah recebeu o diagnóstico, *há seis meses*, o tumor não era grande e a cirurgia de remoção seria de apenas uma parte da tireoide. Agora, o câncer cresceu e pode ter se espalhado.

Como devo prosseguir agora?

Não faço a menor ideia. Estou mais perdida e assustada do que nunca.

É por isso que estou há uma hora lavando todas as louças do nosso armário. Não consigo ficar parada, sendo consumida por todos os pensamentos que estão me atormentando desde a noite passada, então é melhor ocupar minha mente com algo produtivo como a louça.

— Blaze — minha mãe chama de novo atrás de mim e, dessa vez, eu realmente paro.

Solto o prato ensaboado dentro da pia e me viro para encontrá-la sentada na mesa da cozinha.

Sinto a mistura de água e sabão que estava usando para lavar a louça escorrer pelos meus dedos e pingar no chão, mas nem me importo com a bagunça. Encaro minha mãe diretamente pela primeira vez desde que ela abriu os olhos após o acidente.

Há olheiras profundas em seu rosto. Seu lábio inferior está ferido e há um curativo cobrindo o pequeno talho em seu supercílio. Há uma tala em seu pulso lesionado e um grande hematoma em seu maxilar e bochecha direita.

Na verdade, ela deu sorte de ser apenas isso. Quando ouvi a voz do Kyle naquele telefone, ainda atordoada do meu quase-beijo com Arkin, tudo o que pensei foi que havia morrido.

Desço o olhar por sua silhueta. Ela parece fisicamente intacta, mas sei que por dentro está em ruínas. Dá para ver através dos seus olhos.

Na verdade, não sei como não percebi antes que ela estava doente. Ela sempre pareceu bem. Ou, talvez, eu não tenha prestado atenção o suficiente.

Estava ocupada demais a odiando.

— Foi por isso que você quis voltar para Cardeen Bay, não é? — pergunto, após engolir em seco com pesar o nó na minha garganta. — Acha que está morrendo.

— Foi assim que sua avó morreu.

— Por que não me contou?

Eu sabia que a mãe de Dinah havia morrido quando ela era adolescente, mas ela nunca entrou em detalhes comigo. Lendo mais sobre nódulos na tireoide, descobri também que é hereditário, mas que costuma se manifestar entre os trinta e cinquenta anos.

O que significa que posso ter tendência a desenvolver um também.

Suspiro, jogando os braços para o alto. Acho que nunca me senti tão inútil e impotente na minha vida.

— Por que não me contou assim que descobriu? — questiono novamente, deixando meus ombros caírem.

Se ela precisava voltar para Cardeen Bay e ficar perto de seus velhos amigos porque achava que estava morrendo, eu compreenderia. Não sou tão egoísta. Teria ficado ao seu lado, mesmo depois de tudo.

— Não queria que passasse pelo que passei — confessa, baixando o olhar para o chão. — Você já enfrentava muita coisa sozinha.

— Por *sua causa*, mãe — explodo, antes de conseguir me conter. — *Você* nunca estava em casa. Nunca me contava nada sobre sua vida. Éramos estranhas. Ainda somos.

Dinah não se deixa afetar pelas minhas acusações. Talvez ela finalmente tenha admitido para si mesma que estou certeza. Talvez ela já saiba disso há muito tempo.

— Vou te pagar pela conta do hospital — diz, após um tempo, mudando de assunto. — Cada centavo.

Franzo o cenho, só então me lembrando da maldita conta do hospital. Levo os dedos à minha têmpora, massageando.

Como pude me esquecer disso?

Estava tão anestesiada pela situação que nem me lembrei. Só queria sair daquele hospital o mais rápido possível.

Mas ninguém mencionou uma conta a ser paga quando saímos hoje mais cedo.

— Eu não paguei conta nenhuma, mãe.

Dinah pisca, seus olhos escuros ganhando um brilho de esperança conforme seu semblante é preenchido por compreensão.

— Foi o seu pai.

— O quê?

— Joe ainda é meu contato de emergência. Ligaram para ele quando fui internada e ele atendeu. Acho que foi ele quem pagou a conta. — A voz de Dinah é tão otimista que me dá pena. Mesmo se Joe tiver pago as despesas hospitalares, isso não muda nada. Não muda oito anos de ausência. — As enfermeiras falaram que tudo

estava pago. Pensei que tinha sido você, mas agora faz sentido... *foi o Joe.*

Suspiro, me sentindo exausta.

Não sei o que precisa para que minha mãe entenda que Joe nos largou, nos abandonou sem remorso e nunca se interessou em checar como estávamos em mais de dez anos. Nem mesmo agora, diante de sua doença, ela consegue tirá-lo.

Oito anos, porra.

Da última vez que ele esteve aqui, Kyle nem sabia ler.

— Blaze, não me olhe assim.

— Isso não é sobre o desgraçado do meu pai. Isso é sobre você — digo, perdendo a paciência com a situação. — Você está doente, mãe.

Falo cada sílaba pausadamente, na tentativa de fazê-la entender a gravidade da circunstância em que nos encontramos agora.

— Não fale assim do Joe — repreende Dinah com rispidez. — Você não o conhece.

— Bem, é claro que eu não o conheço, ele foi embora.

Não sei se minha mãe já tinha se dado conta disso em algum momento ou se apenas agora está percebendo a verdade, porque seus olhos se enchem de lágrimas como se eu tivesse acabado de destruir o castelo de cartas que ela cuidadosamente empilhou durante os últimos oito anos.

— Blaze...

— Ele foi embora, mãe, há anos — a interrompo, irritada. Odeio falar sobre o babaca que tenho o desprazer de chamar de pai, mas Dinah fez questão de trazer isso à tona, mesmo agora. E, por isso, consigo odiá-lo ainda mais. — Ele nunca se deu ao trabalho de ligar para perguntar se estávamos vivos, ou se precisávamos de ajuda. Ele nunca se importou, mãe!

— Não diga isso, você não sabe o que está falando.

— O que eu sei é que você está se iludindo, se anestesiando para não ver a verdade. Mas você sabe disso também, não sabe? — questiono, andando até ela. Sinto meus olhos arderem com as

lágrimas que teimam em querer escapar, mas nem me incomodo com elas agora. — No fundo você sabe que ele nunca nos amou e isso dói. Eu sei que dói, mãe. Joe se foi, mas Kyle e eu ainda estamos aqui. Nós estamos bem aqui e você está nos perdendo. E nós estamos perdendo você.

Dinah balança a cabeça negativamente e cruza a cozinha, se apoiando nos móveis como se não pudesse se equilibrar. Ela vai para longe de onde estou e coloca as mãos no rosto, cobrindo os olhos.

— Joe nos amava, Blaze. Eu sei que ele ainda ama, ele só precisa se encontrar. Ele está tentando — insiste Dinah, me fazendo bufar. — Dr. Connors falou com seu pai ontem. Ele perguntou se eu estava bem!

— E onde ele está agora? — pergunto, levantando o tom de voz. — Se ele se importa tanto, por que não voou para cá no instante em que soube que você estava doente? — Ela não precisa responder, faço isso por ela. — Porque ele só dá a mínima para si mesmo, mãe. Sempre foi assim. E quer saber? Depois de tanto tempo eu posso finalmente dizer que estou feliz por ele ter partido, porque Joe só iria nos afundar ainda mais.

Dinah está chorando descontroladamente agora. Seus ombros sacodem com os soluços altos que ela solta, tremendo com violência. É impossível vê-la nesse estado e conter o choro também, então nem tento. Deixo as lágrimas saírem e lavarem para fora de mim toda a mágoa e dor que senti durante todos esses anos por causa de Dinah e Joe.

O ressentimento se mistura com o medo, a dor e a raiva e não consigo fazer nada além de chorar, mesmo sabendo que não deveria desabar agora. Tenho que permanecer firme nesse momento difícil. Tenho que ficar firme por Kyle e Dinah. Precisamos enfrentar essa situação e permanecermos fortes.

Arkin estava certo ontem. Temos que acreditar que vamos passar por essa, que tudo vai ficar bem. Temos que ser otimistas, porque essa é a única forma de lidar com isso de pé.

Dou passos cautelosos até onde minha mãe está e seguro seus ombros. Ela ainda está cobrindo seu rosto, me impedindo de

olhar em seus olhos, mas espero que ao menos meu toque ainda sirva de algum alívio e conforto.

— Você tem que lutar, mãe — peço, à beira de começar a implorar. Não sei o que vou fazer se Dinah continuar recusando o tratamento, mas não vou deixá-la desistir. *Nunca*. — Seu câncer não é letal. Você *vai* ficar bem, mas para isso precisamos lutar. Você, eu e Kyle. Nós três.

— Quando eu soube do tumor, tudo o que ouvi foi uma sentença — conta, entre soluços. — E eu não tinha motivos para tentar enfrentar isso. Você me odiava, o Kyle mal me conhecia e Joe... — Ela morde o lábio inferior com força. — Nenhum de vocês se importaria se eu estivesse viva ou morta.

Não sei se, alguma vez, já senti o tipo de dor que essas palavras me causam. Mas cada uma delas me destrói de dentro para fora e me fazem engasgar e quase perder o equilíbrio. Preciso me segurar na bancada para permanecer de pé diante da verdade.

A verdade dura que ninguém está preparado para ouvir.

Acho que estive me recusando a me colocar no lugar da minha mãe nos últimos dez anos e só agora vejo isso. Só agora sei como ela se sente. Me ressenti por ela não ter tentado construir qualquer tipo de relação comigo, mas também não tentei. Muito pelo contrário. A evitei tanto quanto pude.

Só conseguia enxergar nela tudo o que não tínhamos. Então, toda vez que ela estava em casa, eu saía, só para não ficar por perto. A odiei por seu jeito irresponsável e instável, desejando que ela fosse outra pessoa, em vez de tentar compreendê-la.

E só percebi o quanto eu tinha medo de perdê-la, mesmo com todos os seus defeitos e problemas, quando fiquei diante dessa possibilidade na noite passada.

— É *claro* que nos importamos com você — digo, após puxar uma respiração profunda. — Sinto muito se não demonstramos o suficiente.

— Tudo bem, docinho. — Ela coloca uma mão em meu ombro. — Eu também não demonstrei o suficiente.

— Por favor, mãe — imploro. — Por favor, lute. Lute por mim e pelo Kyle.

Mordo meu lábio inferior numa tentativa fracassada de impedir o choro. As lágrimas continuam a descer de qualquer forma.

Os olhos escuros da minha mãe estudam o meu rosto por segundos intermináveis até ela finalmente ceder e assentir, anuindo com a cabeça.

— Tudo bem. — Sua resposta me faz exalar o ar com alívio, meus ombros automaticamente se relaxando. — Vamos lutar.

— Vamos marcar uma consulta com um médico especialista em cabeça e pescoço — conto, tomando a iniciativa e o controle da situação. Estou acostumada a fazer isso, mas agora me sinto grata por tudo o que passei na adolescência. Precisar amadurecer rápido para cuidar do meu irmãozinho não é algo que deveria ter acontecido, mas, pela primeira vez, consigo tirar algo bom de uma situação ruim. Porque isso me preparou para o agora. — Ele vai fazer alguns exames para avaliar se o câncer se espalhou. Depois, você vai passar pelo tratamento, que inclui cirurgia.

Dinah ouve a tudo atentamente, os olhos arregalados e apavorados enquanto me encara. Sei que ela está com medo, eu também estou. Mas não podemos deixar o medo nos atropelar.

— Certo — minha mãe concorda por fim.

Sinto a pressão em meu peito se afrouxar e fecho os olhos, me concentrando em respirar ritmicamente.

Volto a me aproximar da minha mãe e, pela primeira vez em mais de dez anos, lhe dou um abraço. Aperto seu corpo lânguido contra o meu e garanto que tudo vai ficar bem, embora eu não tenha certeza.

Não posso controlar tudo, mas posso fazer tudo o que está em meu alcance para salvar o que sobrou dessa família.



Torço o nariz enquanto leio os comentários do vídeo que acabei de publicar no *YouTube* e no *Instagram*. É um *cover* que gravei há, literalmente, vinte minutos. Não foi planejado, mas

precisava desabafar de alguma forma e, como sempre, fiz isso através da música.

A consulta com o único médico especialista em cabeça e pescoço de Cardeen Bay foi marcada para quarta-feira à tarde, o que significa que, até lá, vamos ter que tentar permanecer calmos. Dependendo do que o médico falar após a análise dos exames, vamos avaliar a melhor forma de contar para Kyle.

Sei que ele está desconfiando de que algo está errado, mas Dinah e eu não queremos que ele sofra mais do que o necessário com essa situação.

Pela primeira vez, minha mãe e eu estamos agindo como uma equipe. É bom saber que ela não vai mais enfrentar essa situação sozinha. Temos longos anos de dor e ressentimento a serem reparados, mas vamos trabalhar nisso juntas.

Tudo o que importa agora é ela se curar.

Quando cheguei na universidade hoje, utilizei o estúdio da faculdade para gravar o *cover* de uma das minhas músicas preferidas. *American Girl*, do *Tom Petty and the Heartbreakers*. Basicamente, a letra conta sobre uma garota perdida, com muitos sonhos e nenhuma ideia do que fazer com eles.

Mais familiar do que eu gostaria.

O *feedback* do vídeo está sendo muito bom. Vários comentários elogiam minha performance e a maneira como renovei o clássico hit de *Petty*.

Foi difícil tomar coragem para expor meus vídeos cantando na internet pela primeira vez. Nunca gostei de ficar muito em evidência. Temi que os comentários maldosos e vexatórios fossem destruir minha autoestima e me desestimular a continuar a produzir música. Obviamente, houveram comentários negativos, mas nada tão ruim quanto eu esperava.

Ao menos, até agora.

Minhas redes sociais nunca foram tão populares assim. Desde que meu namoro falso com a maior promessa atual do surfe se tornou público, os curiosos caíram de paraquedas nos meus perfis. Grande parte acabou ficando porque gostou dos meus *covers*, mas

houve uma minoria que só queria fofoca e ficou desapontada por não conseguir isso nas minhas páginas.

Arkin é bem mais empenhado em sustentar essa farsa do que eu. Ele costuma postar algumas fotos em que estou presente e sempre me menciona. Às vezes, posta fotos e vídeos nos quais não sei que estou sendo gravada. Semana passada, postou no *Instagram* uma filmagem minha ensaiando para a audição da *Global Records*. Eu nem sabia que ele estava prestando atenção em mim, mas quando me dei conta lá estava o vídeo correndo solto na internet.

Tem algumas fotos nossas juntos em seu *feed* também. Detesto tirar fotografias, mas Arkin sempre me convence falando alguma besteira que desmonta minha feição emburrada e me faz rir. É nesses momentos que ele captura as fotos: quando estou rindo espontaneamente de alguma de suas palhaçadas.

Para ser justa, as fotos sempre ficam incríveis.

Deve ser por isso que acham que somos um grande casal. Olhando nossas redes sociais, eu também acreditaria nisso, se já não soubesse a verdade.

Suspiro, bloqueando a tela do celular e voltando a olhar para o teto do palco do teatro da universidade.

Está totalmente vazio. É tão grande e silencioso. Pacífico.

Difícil acreditar que daqui uma semana estarei sobre esse palco novamente, cantando para uma porção de jurados que vão definir meu futuro na música.

É aterrorizante.

— Finalmente te encontrei! — A voz de Finn faz eu me levantar e olhar para trás. Ele está saindo de uma das coxias e andando apressadamente na minha direção. — Procurei você pelo campus inteiro. Está tentando me deixar maluco?

Dou risada, me endireitando sobre o tablado de madeira do palco. Estou sentada no chão, o que me faz sentir ainda menor comparada à grandiosidade do teatro. É um dos mais bonitos que já entrei.

— Desculpa, estava querendo ficar sozinha um pouco — digo quando ele se junta a mim, se sentando no chão ao meu lado.

— Você sumiu ontem, ficamos preocupados.

— É, eu sei. Sinto muito. Tive que resolver umas coisas com a minha mãe.

Tento ao máximo ser evasiva para que ele não insista em perguntar sobre o assunto. Gosto muito de Finn e sei que ele é confiável, mas ainda não consigo me abrir sobre todas as coisas com ele.

Queria contar para Effy, mas sei que ela vai se preocupar e vai querer vir até aqui, então acho que vou esperar até depois da cirurgia para dizer alguma coisa. Até lá, a única pessoa que sabe de tudo será Arkin Sawyer.

Eu nunca imaginaria isso e agora não sei como vou conseguir encará-lo agora.

— Você perdeu a melhor parte da noite: Sage e Jay saindo de fininho para transar — anuncia Finn com os olhos arregalados. Meu queixo cai.

— Não acredito!

— Pois é, mas não diga a Sage que fui eu quem contei. Acho que ela quer fingir que nada aconteceu.

Rio baixinho. Pelo pouco que conheço ela, tenho certeza de que está se recriminando até o último fio de cabelo por isso. Seu ódio por Jay Harlow é tanto que poderia ser difícil de acreditar que ainda houvesse alguma faísca entre eles.

Mas eu sei na bem como é odiar alguém e ainda tê-lo infiltrado sob a pele, tomando conta de cada pensamento seu.

Sacudo a cabeça para me livrar da imagem de Arkin assim que seu rosto surge na minha mente.

— Espero que eles se resolvam — é o que me limito a dizer.

— Eu também, mas não me importaria se demorassem bastante. Gosto de assistir ao drama deles como um *reality show*.

Dou risada e balanço a cabeça.

Típico do Finn.

— Falando em drama... — continua ele, com um tom de voz que eu conheço muito bem. — Seu *namorado* andou perguntando sobre você. Disse que você não dormiu em casa.

Faço uma careta e desvio o olhar para as poltronas vazias na plateia.

Ontem à noite, convenci Arkin a ir para casa e me deixar no hospital com Kyle. Ele tinha treino bem cedo na manhã seguinte e, considerando que seu lugar na próxima temporada do QS é garantido, ele precisa estar tão preparado quanto o possível.

Além disso, não sabia mais como me comportar perto dele. Não depois de desabar em lágrimas em seu colo como uma criança. Só me dei conta do que fiz horas mais tarde.

Isso nunca acontece comigo. Nunca permito alguém se aproximar tanto assim. Agora não sei o que fazer. Não quero nem olhar para Arkin novamente, porque sei que, quando o fizer, ele não vai ver a Blaze Kingston que eu cuidadosamente construí sobre muros e barreiras que me mantinham segura.

Agora não tenho mais como manter a mim e o meu coração a salvo dele.

Não o vi desde ontem à noite no hospital e pretendo continuar assim pelo máximo de tempo que conseguir. Conheço os horários de Arkin e, enquanto ele estiver fora, pretendo ir pegar umas peças de roupa no apartamento.

Vou ficar na casa da minha mãe por enquanto. Quero ficar de olho nela e em Kyle — e, evidentemente, também quero fugir do meu namorado falso.

— Terra chamando Blaze. — Finn faz uma voz robótica engraçada que me faz rir e despertar dos meus devaneios. — Ouviu o que eu disse sobre seu namorado?

— Não somos namorados de verdade, Finn — recordo, fazendo questão de fixar isso na minha cabeça. — Além disso, não devo satisfação alguma para o Sawyer. Se ele quer saber sobre mim, então pode ligar ou me perguntar pessoalmente.

— Entendido, general. — Finn bate continência de forma teatral.

Talvez eu não esteja sendo justa, uma vez que Arkin não foi nada além de incrível ontem, num dos momentos mais assustadores que já passei. Mas eu aprendi bem cedo que são nos nossos momentos mais vulneráveis que perdemos nosso coração para outra pessoa. E, depois disso, não tem volta.

Preciso lutar ao máximo para manter o meu bem aqui, seguro em meu peito, por mais que Arkin Sawyer esteja se esforçando para conquistá-lo.

25

Blaze

Checo duas vezes o pedido antes de pegá-lo no balcão e organizá-lo sobre a bandeja. Em seguida, equilibro tudo cuidadosamente enquanto atravesso o salão do Meg's em direção à mesa sete.

Estive trabalhando feito louca todos os dias dessa semana e fazendo todas as horas-extra que posso. Acho que só percebi o quão perto estive de perder o emprego quando meu chefe, Mason, elogiou meu desempenho nos últimos dias.

Não tenho a menor ideia do que faria se fosse demitida, principalmente agora que vou ter inúmeros gastos com despesas médicas. Essa manhã, tive que faltar na faculdade para levar minha mãe para a clínica onde ela fez todos os exames que o médico pediu na quarta-feira.

Minha mãe nem sequer tinha os documentos dos exames que fez em Sacramento e que levou ao diagnóstico de câncer, então tudo precisaria ser refeito. O Dr. Neeman não quis nos dar nenhuma garantia de antemão, antes de avaliar os exames, mas ele nos tranquilizou bastante sobre a forma como câncer de tireoide progride.

Também nos explicou a diferença de cada tipo de tumor na tireoide. O que a minha avó tinha era um carcinoma medular, raro e com altas taxas de mortalidade. Já o carcinoma papilífero é um tipo comum, com baixas taxas de mortalidade a depender da expansão das células cancerosas pelo corpo.

Minha mãe ficou mais calma ao saber que tinha muitas chances de sair dessa situação e eu também. Nem consigo imaginar como foi para ela conviver com o medo da morte por seis meses. Ao menos agora esse pesadelo está perto de acabar.

Infelizmente, sua preocupação pela doença foi substituída pela preocupação com o dinheiro. Pagar por todos os gastos

clínicos e a cirurgia não vai ser nem um pouco fácil. Estaria mentindo se dissesse que também não estou preocupada.

Com o meu salário na lanchonete e o salário dela no salão de beleza, conseguimos dar conta de uma parte, mas não de tudo. Nem mesmo tirando dinheiro da minha reserva para o futuro, que consegui juntar economizando em Sacramento, eu conseguiria.

Não sei o que vou fazer se não conseguir um contrato na *Global Records.* Agora, mais do que nunca, preciso me sair bem na audição, porque apenas com esse dinheiro vou conseguir pagar o tratamento da minha mãe.

Tudo está ainda mais difícil agora.

Depois de servir a mesa sete, composta por uma família cheia de crianças, estou fazendo meu caminho de volta ao balcão quando me deparo com os *Seabirds* sentados em seu lugar de sempre, próximo da janela.

Eles me avistam antes que eu possa me esconder.

— Kingston! — Maddox chama, balançando os braços no ar.

Comprimo os lábios numa linha fina antes de me aproximar com hesitação. Assim que percebo que Arkin não está na mesa, relaxo.

Já faz quase cinco dias que não apareço em casa. Da última vez que fui lá, para buscar algumas mudas de roupa, deixei um *post-it* colado na geladeira dizendo onde estava, mas não respondi às mensagens nem ligações de Sawyer. Depois do terceiro dia, ele desistiu.

— Você é exatamente quem eu estava procurando — Maddox diz, como se estivesse aliviado em me ver.

Checo o resto da mesa. Somente Maddox, Lucas e Charlie estão presentes hoje. O loiro acena para mim com um entusiasmo que me faz sorrir.

— Oi, pessoal.

— Estou apaixonado e só você pode me ajudar. — Maddox continua, me olhando fixamente, como se para que eu não duvidasse da seriedade de seu problema.

— Certo — digo, com cautela. — Não sei se vou gostar do rumo dessa conversa.

— Olha, B, releve tudo o que o meu amigo vai dizer agora porque ele está com fome e isso o deixa meio perturbado — Charlie aconselha, entrando na conversa.

— Você é quem é perturbado! — retruca Maddox. Reviro os olhos e cruzo os braços, esperando. Sob o riso baixinho de Charlie, Mad se volta para mim. — A ruiva gata das fotos no seu *Instagram*, preciso muito do número do telefone dela. O que você quer para me ajudar?

Levo um segundo para entender do que ele está falando.

— Effy?

— Isso, exatamente — Maddox assente, com os olhos brilhando feito uma criança. — Acho que vou me casar com ela.

Não consigo conter a risada alta que me escapa.

Acho que nunca pensei que veria um homem grande, tatuado e intimidador como Maddox dizendo essas coisas sentimentais, mas estou me divertindo com a coisa toda. Isso só ficaria melhor se eu contasse à Effy.

Ela iria pirar.

Na verdade, acho que ela ia acabar gostando de Mad. Os caras que parecem perigosos e problemáticos sempre a atraíram. Houve um desgraçado em Sacramento que quase acabou com ela há uns dois anos. Testemunhei de perto o quão difícil foi para a minha amiga superar e seguir em frente depois do rastro de destruição que ele deixou em sua vida.

Não sei se Maddox pode ser tão ruim quanto o ex-namorado de Effy, mas os *Seabirds* têm fama de galinhas.

Não me importaria se minha amiga tivesse algo casual com Maddox. Ele é lindo. Mas aprendi outra coisa sobre os *Seabirds* também. É difícil manter as coisas apenas casuais com eles. Há alguma coisa nesses cretinos que faz com que garotas percam a razão. Sage e eu somos provas vivas disso.

Eles são difíceis de superar.

— Por mais que seja tentadora a ideia de ver você tentar sair com a minha melhor amiga, acho que isso vai ser um pouco difícil agora.

— O quê? — Maddox quase grita. — Por quê?!

— Ela mora do outro lado do país — explico. — Em Los Angeles, pra ser mais exata.

Charlie e Lucas riem, sem se controlar.

— Você realmente é um desgraçado sem sorte, Mad. — Lucas dá um tapinha no ombro do amigo, mas só recebe um olhar mortal em resposta.

O semblante de Maddox murcha e seus ombros encolhem quando ele leva o olhar desanimado para longe. Sinto um pouco de pena por ter destruído seu entusiasmo. Acho que joguei um belo balde de água fria em suas expectativas.

É até meio estranho que Maddox tenha ficado tão encantado por Effy. De todos da equipe de surfe, ele parece ser o mais desapegado. Também tem fama de nunca passar mais de uma noite com a mesma mulher. O lance com ele é estritamente sobre sexo, o que lhe rendeu uma coleção de corações partidos por onde passa.

Ao menos, é o que Sage e Finn dizem.

Me pergunto se as garotas que ficam com Arkin ganham o mesmo destino. *Provavelmente.*

— Mas não perca as esperanças, cara — conforta Charlie, com tom otimista. — Nunca imaginávamos que o Ark iria namorar sério antes de se formar e olha só onde estamos agora. Não somos mais filhos de um pai solteiro.

Quase engasgo com a comparação.

— O quê?

— Ark é nosso capitão e você é a namorada dele, o que torna você a nossa mãe — Charlie esclarece, parecendo todo orgulhoso de seu raciocínio sem sentido.

Comprimo os lábios para evitar rir.

Conheço muito pouco os amigos de Arkin, mas já comecei a entender como cada um deles funciona. Charlie é o brincalhão da turma e está sempre fazendo alguma piadinha idiota que faz todo

mundo dar risada. Seu jeito bobo acaba conquistando as pessoas. Por outro lado, Jay é fechado e mau humorado. Nunca conversei muito com ele.

Lucas parece ser o mais quieto e responsável, enquanto Arkin e Maddox são os festeiros e mulherengos.

— Parece um pesadelo — murmuro em resposta, mas Charlie não se deixa afetar pela minha falta de entusiasmo.

Na verdade, estaria mentindo para mim mesma se dissesse que não estou me afeiçoando um pouco a esses caras. Eles são uns idiotas às vezes e deixam uma bagunça digna de uma guerra mundial quando resolvem se reunir lá em casa, mas são espirituosos e estão sempre animados. Seu alto astral levanta o meu.

Arkin e seus amigos sempre me fazem rir.

— Falando nisso, não temos visto você e o Sawyer ultimamente. — Lucas muda de assunto. — Problemas no paraíso?

Faço uma careta ao ser lembrada do tópico que estou evitando há quase uma semana.

É óbvio que sou uma covarde que foge dos próprios problemas em vez de enfrentá-los, mas é mais fácil assim.

Não sei o que está passando na cabeça de Arkin depois do que houve no hospital e, honestamente, estou com medo de saber. Medo de que ele tente se aproximar de novo, porque sei que não vou consegui-lo impedir mais e, ao mesmo tempo, medo de que ele sinta pena de mim.

Por outro lado, embora Arkin esteja tentando mudar a visão que todos tem sobre ele ser um irresponsável que foge de qualquer tipo de compromisso sério, sei que ele não iria querer esse tipo de complicação perto dele. Ele disse que gosta de complicações, mas, na prática, ele iria fugir.

Ou seja, não quero que ele vá, porque desde que embarcamos nesse namoro maluco minha vida mudou para melhor. Mas também tenho medo do que aconteceria se ele ficasse.

Porque a única coisa que eu sei é que ninguém fica para sempre. Todo mundo vai embora em algum momento. Quanto antes

forem, menos doloroso é.

— Arkin e eu não vivemos grudados — respondo após um pigarreio. — Cada um tem sua própria vida.

— Mas você vai na festa amanhã à noite, né?

Alterno o peso de perna, confusa.

Arkin não contou sobre festa nenhuma e essa percepção me atinge como uma facada no ego.

Isso só confirma o que eu estava imaginando. As coisas mudaram depois daquela noite no hospital.

— Vai ser só uma reuniãozinha na república, pra comemorar as vitórias nos *Easterns* — Maddox explica, tentando me convencer.

— Reuniãozinha? — Charlie ri. — A universidade inteira vai. Incluindo as líderes de torcida da equipe de futebol.

O sorriso sugestivo que surge em seu rosto ao mencioná-las quase me faz revirar os olhos.

— Acho que a Jill não vai acreditar que o Ark tá comprometido — Maddox diz, continuando a conversa casualmente.

— Jill? — pergunto, sem conseguir me segurar.

— Jill Tyler. É a capitã das líderes de torcida dos Red Lions — explica Charlie. — A maior gata.

— Ark e ela costumavam ser amigos bom benefícios antes de... Ai! — Maddox é calado por um empurrão nada sutil de Lucas, que está sentado ao seu lado. É só então que Maddox percebe que falou demais e levanta o olhar na minha direção. — Foi mal, B.

Amigos com benefícios.

É por isso que Arkin não me enviou uma mensagem sobre a festa? Por que ele quer encontrar a líder de torcida gata? Sua *amiga com benefícios?*

Um gosto de bile invade minha boca.

Cerro o maxilar, sentindo um incômodo corrosivo queimar dentro de mim. É quase como raiva, só que pior. Me faz piscar uma dúzia de vezes enquanto tento compreender porque comecei a me sentir assim de repente.

Quero dizer, Arkin não me deve nada. Nossa única ligação é esse acordo estúpido de namoro falso. Quando acabar, não vai sobrar nada. Arkin vai voltar para sua vida de festas e garotas intermináveis. Sequer vamos nos ver novamente, uma vez que ele estuda do outro lado do campus.

Vai ser como se nada tivesse acontecido e vai ser melhor assim, porque tenho problemas demais para lidar agora. Não preciso de mais um.

Sempre soube que seria assim, então por que pensar nisso me machuca tanto? Não é exatamente isso o que eu queria?

Engulo em seco.

É apenas por causa desse namoro falso, digo a mim mesma. Não quero ficar conhecida na cidade como a pobre garota que Arkin Sawyer chamou de namorada apenas para trair sem discrição.

Quero sair desse namoro com o mínimo de orgulho e dignidade.

— Não se preocupem, rapazes — intervenho, me endireitando. — Vou estar nessa festa.



A república está lotada.

Charlie não estava brincando, parece mesmo que o campus inteiro compareceu. A música está alta e, a julgar pela forma irreverente com que alguns deles dançam na sala de estar, parece que muitos já estão bêbados.

Enquanto vou me esgueirando por eles, estico o pescoço e tento olhar ao redor em busca de Arkin. Minha altura, contudo, não coopera e tudo o que vejo são mais cabeças e rostos desconhecidos.

Assim que encontro uma brecha na direção da cozinha, corro até lá na esperança de que o cômodo esteja mais vazio.

Para a minha sorte, realmente há menos pessoas por aqui e consigo ao menos respirar. Estou prestes a pegar meu celular e ligar para Arkin apenas para perguntar onde diabos ele está quando vejo um rosto familiar.

Jay está bebendo uma cerveja, o quadril apoiado contra um dos gabinetes da cozinha e o rosto virado na direção da sala de jantar, onde há outra aglomeração. Seu semblante não esbanja nenhum humor e basta que eu siga seu olhar incisivo para encontrar a razão.

Sage está no meio da multidão, dançando no ritmo de uma música de batida lenta que toca no aparelho de som e balançando o corpo de maneira sensual. Há alguns caras ao seu redor, babando pela garota e tentando se aproximar dela.

Então é por isso que Jay está emburrado.

— Noite ruim? — pergunto alto, acima da música, e me aproximo.

Jay me olha por cima do ombro por um segundo antes de voltar sua atenção para Sage.

— *Semana* ruim, Kingston — corrige, mal-humorado.

Finn disse que Jay e Sage dormiram juntos recentemente e, pelo desenrolar das coisas, parece que o status da relação complicada deles não mudou. Se conheço Sage, ela está fugindo dos próprios sentimentos como o diabo foge da cruz.

Me identifico com esse instinto. No fim das contas, ela só não quer ser magoada de novo. Tenho certeza de que a situação iria mudar se Jay fosse honesto e tentasse conquistar sua confiança.

— Deveria dizer a Sage que gosta dela de verdade — sugiro, cruzando os braços. Ele vira os olhos azuis para mim.

— Eu não gosto — rebate rápido, na defensiva.

— Então por que está tão afetado?

— Não estou afetado.

Difícil acreditar, já que ele está tão vermelho de ciúmes que parece prestes a explodir.

A carranca em seu rosto é tão grande que possivelmente pode ser vista do outro lado de Cardeen Bay. Ele está tentando se controlar, porque não admite nem para si mesmo o que sente. De qualquer forma, não está funcionando.

Não me surpreenderia se ele começasse a rosnar a qualquer momento.

— Parece com ciúmes — provoco, achando graça de sua reação.

— Ah, cala a boca — resmunga, voltando a olhar para Sage. Seguro um risinho de vitória. — Deveria ir atrás do seu namorado.

Suspiro, cruzando os braços.

Agora que estou aqui, perdi um pouco a coragem de encarar Arkin.

Ele deve estar por aí se divertindo com a *Jill*.

Um gosto amargo invade minha boca e fico nauseada com esse pensamento. O ciúme me corta fundo como uma faca quente e sinto vontade de sair correndo daqui.

Acho que vir a essa festa foi uma péssima ideia.

Continuar fugindo de Sawyer era a opção mais segura, apesar de não estar fazendo muito para mudar como me sinto em relação a ele. Daria qualquer coisa para me livrar da parte de mim que é vulnerável a Arkin.

Se eu apenas pudesse voltar a odiá-lo...

Por que as coisas não podem ser simples assim?

Nas últimas semanas, tem sido cada vez mais difícil me lembrar dos motivos pelos quais já detestei Arkin. Apesar de ele ainda conseguir me deixar louca, conheci partes dele que são impossíveis de ignorar. É impossível não deixar isso mexer com a minha cabeça e meu coração.

Nem mesmo os últimos dias distante me fez desejá-lo menos. Devo ser uma desgraçada sem sorte, porque o que aconteceu foi exatamente o oposto.

Isso está me enlouquecendo.

— Sabe onde ele está? — pergunto, forçando um tom casual que não convence nem mesmo a mim.

— Não. — A resposta me faz bufar de frustração. Aparentemente, o cretino sumiu. — Ele não me conta muita coisa, Blaze. Não desde que saímos no soco.

Franzo a testa, sem entender.

— O quê?

Seus olhos claros se voltam para mim e ele inclina o rosto para o lado.

— Ele não te disse que nos estranhamos quando eu descobri que ele dormiu com a minha irmã?

Minhas sobrancelhas se erguem conforme arregalo os olhos.

Arkin e Mia? Uau, ele realmente não perde uma chance.

— Não, não disse.

Não há nada surpreendente nessa descoberta, por mais que tenha me deixado em choque por um instante. Sage avisou que Arkin era o maior galinha da universidade e eu mesma pude testemunhar isso com meus próprios olhos algumas vezes.

— Depois de uns dias, até tentei dizer que não me importaria se ele voltasse, mas ele já tinha embarcado nessa montanha-russa com você — Jay conta. Então ele ri e balança a cabeça. — Agora é óbvio porque ele não queria voltar.

Quase dou risada com o absurdo.

Não sei por que Arkin decidiu ficar no apartamento quando podia voltar a morar com seus amigos na república, mas com certeza não tem a ver comigo. A gente demorou semanas até conseguir ficar no mesmo ambiente sem brigar. Mesmo agora, mais de um mês depois, ainda temos uma relação esquisita e disfuncional que não consigo definir e muito menos explicar.

— Você faz bem pra ele, sabia? — Jay continua, sem se importar com meu estado estático. Meu cenho está franzido e meus lábios, entreabertos. Estou mais do que confusa. — Arkin estava passando por uma fase complicada desde o que aconteceu com Eric. Acho que estava totalmente perdido. Se meteu em algumas brigas com Alex Jackson e quase foi expulso da equipe no ano passado. Ele está diferente desde que começou a namorar com você. Acho que, em nome de toda a equipe, devo te agradecer por isso.

Balanço a cabeça, negando. Não posso levar o crédito por isso.

Nunca vi ninguém tão dedicado a alguma coisa quanto Arkin é em relação ao surfe. É o que o move. Ele treina duro sete dias por

semana e está se esforçando para provar a todo mundo que leva o esporte a sério. Talvez o pontapé inicial tenha sido a possibilidade de perder o patrocínio. Ele precisava mudar sua imagem e reputação e está conseguindo.

Mas, no fundo, Arkin não é um canalha. Ele pode ter se metido em confusões na adolescência e perdido o rumo depois da morte de Eric, o que foi, segundo ele mesmo disse, ampliado pela mídia e pelas fofocas, mas, no fim das contas, Arkin é um cara legal.

— Eu não fiz nada.

— Se acredita mesmo nisso, então não é tão esperta quanto pensei que fosse.

Sou interrompida de dar uma resposta por um gritinho agudo vindo da sala de jantar. Nós dois olhamos para lá ao mesmo tempo.

Sage está tentando sair do aglomerado de gente dançando, mas está se desequilibrando um pouco. Provavelmente, bebeu um pouco demais. Assim que alguns dos homens começam a cercá-la, Jay se prontifica a correr até lá antes que se aproximem demais dela. Ele a guia para o outro lado da casa, na direção dos sofás, onde se senta ao seu lado.

Acho que minha amiga está em boas mãos. Não importa o que Harlow diga, ele se importa com ela.

Dou mais uma olhada à minha volta e não vejo sinal algum de Arkin. Agora que parei para pensar, percebo que não faço ideia do que diria a ele se o encontrasse. Que vim aqui por que a possibilidade de ele estar com outra garota me incomodou de uma forma que nunca aconteceu antes?

Porra, nós só nos beijamos algumas vezes. Eu fui muito mais longe com outros caras e nunca cheguei nem perto de sentir ciúmes deles. Nem me importei com o que eles pensavam de mim. O que mudou agora? Por que Arkin tem esse tipo de poder sobre mim?

Não sei a resposta para essas perguntas, mas, talvez por esse motivo, seja melhor não falar com Arkin essa noite. Não penso racionalmente quando estou perto dele.

Tenho que ir embora.

Não sinto a mínima vontade de festejar com o resto dessas pessoas, de qualquer forma. A última semana foi péssima e tudo o que quero agora é me afundar num pote de sorvete *Ben & Jerry's* sabor cookie de chocolate com menta e fazer uma maratona de filmes de terror de qualidade questionável.

Acho que é hora de finalmente voltar para o apartamento do qual estive fugindo.

Estou prestes a ir em direção à porta quando me viro e vou de encontro a um peito largo e firme, trombando contra ele. Ergo a cabeça e encontro o rosto sorridente e petulante de Alex Jackson.

— B, como é bom te ver!

Ele me olha dos pés à cabeça, seu olhar se prendendo em meu decote por mais tempo do que deveria.

É difícil acreditar que já tive algum tipo de relação com esse cara e, pior ainda, que, de alguma forma, confiei um pouco nele.

Nunca vou me perdoar por não ter visto os sinais vermelhos antes.

Reviro os olhos.

— Pena que não posso dizer o mesmo — retruco, fazendo uma careta, e tento passar por ele.

Contudo, Alex desliza para o lado, colocando-se no meu caminho e me impedindo de continuar.

Bufo e ergo meus olhos para encontrar os seus, que estão injetados e com as pupilas dilatadas.

Ótimo, além de tudo ele está chapado.

— Eu estava querendo falar com você — diz, dando um passo na minha direção. Dou outro para trás, e mais um até bater com as costas na bancada da cozinha. — Acho que temos que conversar.

Jackson está usando a camiseta dos *Sharks* e está suado. Seu hálito é de cerveja, o que explica sua fala arrastada.

Qualquer conversa que eu tentar ter com ele agora vai acabar terminando em confusão e mal-entendido.

— Você está alto, Alex. — Aponto o óbvio. — Conversamos depois.

Tento passar de novo, mas estou encurralada.

— O babaca do Sawyer não merece você.

— É mesmo? E quem merece? Você?

— Cometi um erro, B.

— Já ouvi isso várias vezes e não muda nada.

— Mas mudou para o Sawyer, huh? — Ele ri sem humor. — Eu lembro de quando ele te humilhou na frente da escola toda. Lembro de como você ficou arrasada e chorou por dias.

Obrigada por me lembrar.

Jackson está mesmo querendo comparar as duas situações? Deus... que babaca.

— A diferença foi que ele fez isso aos doze anos e você fez no mês passado. Você mentiu e me expôs da forma mais vulgar que conseguiu — acuso, saindo do sério. Jackson consegue me irritar de verdade. — Essa conversa acabou, saia da minha frente antes que eu faça você sair.

Não terei problema nenhum em dar uma joelhada nas bolas desse babaca se ele continuar me cercando.

Jackson aproxima seu rosto do meu para tentar me intimidar e estou quase colocando meu plano em prática quando ele diz:

— E quanto ao que o Sawyer fez esta noite?

Pisco, meu corpo se tencionando no mesmo instante.

— O quê?

— Ele estava por aí desfilando com Jill Tyler pendurada em seu pescoço. — Alex ri, zombando de mim. Se ele queria fazer eu me sentir patética, conseguiu com louvor. E Jackson percebe que minha confiança estremeceu, porque continua: — Eles provavelmente devem estar trepando em algum dos quartos no andar de cima agora.

Ele não mede as palavras por um só motivo: quer me machucar. Ao que parece, me humilhar publicamente e me chamar de vadia não foi o bastante.

De qualquer forma, a culpa é minha por deixá-lo entrar na minha cabeça. O que não aconteceria se eu não estivesse abalada por causa do maldito Arkin Sawyer. Ele derrubou minhas defesas e agora não sei o que fazer sem elas.

Me sinto vulnerável a droga do tempo todo.

Engulo em seco e forço minha passagem por Jackson, esbarrando forte em seu ombro de propósito.

Seja lá o que Arkin esteja fazendo, vou resolver diretamente com ele depois.

Dou alguns passos na direção da sala, ainda mais determinada a ir embora daqui, mas paro assim que o vejo.

Arkin está descendo o último degrau das escadas. Seu braço está ao redor da cintura de uma garota alta e muito magra. Os cabelos dela são vermelhos, assim como o uniforme de líder de torcida que abraça seu corpo.

Sinto Jackson se aproximar por trás de mim e parar ao meu lado para observar também. Estou tão estática que nem me afasto dele.

Arkin a guia até a porta da casa, onde há um grupo de garotas usando o mesmo uniforme. Ele está conversando com elas, inclinado em sua direção para ouvi-las através da música alta, quando sua cabeça se vira e seus olhos me encontram. O ar relaxado some de seu rosto e seu semblante endurece.

Não consigo desviar o olhar, então só fico ali parada, sem saber o que pensar. Só sei o que eu vi: Arkin acabou de descer do andar dos quartos com o braço ao redor de outra garota.

Novamente, sinto aquela sensação impertinente queimar sob minha pele. Porra, eu não posso me chatear com isso. Não posso sentir ciúmes de Arkin Sawyer, isso vai estragar tudo.

Mas eu sinto. Está bem aqui, me consumindo desde que soube de Jill e depois de Mia. Não faz sentido, nem tenho o direito de sentir isso, mas saber que é errado não torna menos real. Não posso simplesmente engolir a seco meus sentimentos como se fossem um remédio amargo. Se eu pudesse, tudo seria bem mais fácil.

Se eu pudesse, fingiria que não me importo. Mas não consigo. Tenho certeza de que está bem estampado na minha cara agora.

Jackson está certo, eu sou patética.

Sawyer acena para as garotas numa despedida apressada antes de se afastar de lá e vir na minha direção.

— Terminou rápido, hein, Sawyer? — Alex provoca. — Não precisa se envergonhar, cara, ouvi dizer que é bem comum e...

— Sugiro que cale a boca agora, Jackson — adverte Arkin com impaciência e irritação, apontando um dedo ameaçador para ele antes que seus orbes verdes voltem a pousar sobre mim. — Hey, o que faz aqui?

Sua voz se suaviza ao se direcionar a mim, mas isso não muda nada.

Não respondo, apenas balanço a cabeça com desgosto e passo reto por ele.

Não vou ter essa conversa na frente do Jackson, nem no meio dessa música alta.

Sigo para as escadas, me encolhendo para passar pelos vãos apertados entre o mar de universitários bêbados na sala e começo a subir os degraus com pressa. Não demora até que eu ouça os passos de alguém atrás de mim. Sei que é Arkin me seguindo.

No corredor do andar de cima, rapidamente identifico um banheiro, que está com a porta aberta e, por sorte, vazio. Arkin e eu entramos e ele fecha a porta antes de me olhar com as mãos na cintura, impaciente.

— Você não respondeu minhas mensagens — acusa, cedendo à irritação. Acho que ele deu adeus ao seu autocontrole. — Já faz quase uma semana, Blaze.

Me distancio dele até encostar contra a pia. Arkin não tenta se aproximar.

O banheiro é pequeno e ele, com seu um metro e noventa de altura e ombros largos, parece ocupar todo o espaço. Me faz sentir pressionada.

Arkin está bonito, como sempre. Está usando um boné virado para trás e uma camiseta azul-marinho que se agarra aos músculos dos seus bíceps quando ele cruza os braços. A cólera domina seu semblante, da mesma forma que aconteceu quando brigamos no dia seguinte ao campeonato.

Só espero que dessa vez não termine comigo fazendo papel de boba de novo. É fácil perder a razão quando Arkin está por perto.

Pigarreio e me forço a erguer o olhar para seu rosto e não para as veias sensuais em seus braços.

— Eu precisava de um tempo — declaro, erguendo o queixo. Meu argumento não o convence, porque ele ainda parece muito bravo. *Droga.* — Estava com medo.

— Medo? — repete, descrente. — Por quê?

Não acredito que vou mesmo ter que dizer a verdade para ele em voz alta. Cogito, por um instante, fugir desse banheiro rapidamente, mas o olhar de determinação no rosto de Arkin me impede. Ele não vai me deixar escapar agora.

Suspiro, cruzando os braços, e engulo em seco um nó pesado que está alojado em minha garganta, me sufocando há uma semana.

— Por sua causa, tá legal? — admito, olhando para o chão, ainda incapaz de encará-lo. — Nunca deixo alguém se aproximar o suficiente pra me ver desmoronar. Também tive medo que quisesse se afastar agora que viu como minha vida é complicada. Não seria a primeira vez que isso acontece. As pessoas fogem quando as coisas ficam difíceis.

Colocar para fora cada uma dessas palavras em voz alta é tão difícil quanto admitir para mim mesma que não quero que Arkin se afaste.

A única outra vez em que gostei de um cara eu tinha quinze anos. Ele era tão desajustado quanto eu na época da escola, então pensei que ele me entenderia. Jack era legal, também era músico. Perdi minha virgindade com ele e, na mesma noite, ele me pediu em namoro.

Mas ele voltou atrás quando soube de todas as minhas responsabilidades. Eu trabalhava em dois empregos em Sacramento e ainda cuidava do meu irmão mais novo. Tudo isso foi demais para ele. Ele só queria algo fácil e descomplicado, então deu o fora.

Nunca planejei me apegar à presença de outra pessoa, mas Arkin não pediu permissão antes de entrar na minha mente e bagunçar tudo.

Gosto da nossa rotina no apartamento. Gosto que ele cozinhe para mim, me busque no trabalho e conte piadinhas para me animar. Gosto da forma como ele me olha e da sensação de conforto que encontro nos seus braços. Gosto de como não me sinto tão sozinha e vazia quando estou com ele.

Deus... eu gosto tanto dele que fico totalmente perdida. Isso faz eu odiá-lo um pouco. Acho que me odeio também.

— Está falando sério?

Sua pergunta me irrita.

Ele não está vendo o quanto é difícil ser honesta e colocar tudo para fora? O quanto estou lutando para não inventar uma mentira qualquer e fugir?

Bufo alto, voltando a olhar para ele. Seu rosto está visivelmente confuso.

— Sim, Arkin, eu *estou* falando sério.

É a sua vez de suspirar.

— Blaze...

Não o deixo continuar. A imagem de Arkin com a líder de torcida ruiva ainda está estampada na minha mente, queimando como brasa, e a raiva se mistura muito bem à dor que isso causou.

— Uma semana fora e você pensou que poderia se vingar por isso me traindo publicamente para que eu ficasse conhecida como a maior corna do campus?

Cuspo as palavras com raiva e decepção, sem conseguir esconder o ciúme evidente em cada uma delas.

Suas sobrancelhas se levantam com incredulidade e ele abre a boca para dizer algo, mas então a fecha logo em seguida.

Arkin dá uma risada anasalada e balança a cabeça negativamente, tão decepcionado quanto eu.

Talvez ele esteja perto de desistir de tudo o que tem a ver comigo e simplesmente me dar as costas e partir, assim como todo mundo acaba fazendo. Talvez eu finalmente tenha conseguido afastá-lo.

O arrependimento não demora a chegar, junto com a culpa e o medo.

Ninguém nunca fez isso comigo antes. Ninguém nunca conseguiu mexer tanto assim com meus sentimentos. Isso me deixa tão assustada que faz meu senso de fuga disparar.

Me surpreendendo, Arkin pergunta:

— Você sempre presume o pior de todos ou é só de mim?

Abro a boca para retrucar, mas não encontro resposta.

Não tenho como refutá-lo, porque ele está certo. Estive esperando o pior de Arkin desde que cruzei com ele novamente depois de tantos anos. Tudo o que eu via era o garoto cruel que quebrou meu coração pela primeira vez. Todos os boatos sobre sua reputação na universidade também não ajudaram.

É difícil não lutar contra ele, não ceder ao medo e aos meus julgamentos e inseguranças. Parece que sempre estive lutando contra todo mundo que entra na minha vida.

Não consigo simplesmente me abrir e confiar. É arriscado e perigoso demais.

Ainda assim, Arkin tem quebrado cada uma dessas barreiras. Pela primeira vez em muito tempo, realmente quero estar errada sobre alguém.

Engulo em seco.

— Jackson disse...

— Jackson pode ir se foder — ele me interrompe e vem até mim, o aroma do seu perfume entorpecendo meus sentidos. Seus olhos verdes como oliva ainda estão me fuzilando e suas narinas estão dilatadas pela raiva, mas ele não eleva o tom de voz. — E para sua informação, Jill bebeu demais e passou mal. Acompanhei

ela ao banheiro para garantir que não ficasse sozinha e depois a ajudei a encontrar suas amigas.

Merda.

Fecho os olhos, escapando do contato visual com ele.

Perfeito, agora estou me sentindo uma idiota.

Arkin estava apenas sendo legal, porque é assim que ele é.

Ele cuidou de mim da última vez que fiquei bêbada, sendo que mal nos suportávamos naquela época. Foi gentil e me ajudou, da mesma forma que deve ter feito com Jill hoje.

— E você nem deveria ouvir porra nenhuma do que aquele babaca fala — continua, um pouco irritado demais. Semicerro os olhos enquanto analiso sua expressão. Sua mandíbula está dura e cerrada e há uma veia saltada em seu pescoço. — Ele estava em cima de você feito um abutre.

De repente, reconheço esse olhar em seu rosto. É o mesmo olhar que tenho certeza que eu estava exibindo quando o vi com a líder de torcida e o mesmo tom estrangulado de voz.

Arkin Sawyer está com ciúmes?

— Isso te incomodou? — tomo coragem para perguntar.

Ele nem titubeia antes de responder, entredentes:

— É claro que sim.

— Ótimo! — Abro um sorriso. Ao menos não sou a única que está perigosamente perto de cruzar os limites. — Sabe o que me incomodou? Saber por outra pessoa que você transou com Mia.

— O quê?

— Mia, Jill... quantas amigas com benefícios você tem exatamente?

Arkin parece verdadeiramente perplexo e tento ler a expressão em seu rosto. Há um vinco de confusão estampado em sua testa, bem entre as sobrancelhas.

— Mia e eu não temos esse tipo de relação — esclarece, me olhando diretamente nos olhos. — Transamos só uma vez e estávamos bêbados.

Respiro fundo, irritada comigo mesma por dar a mínima para isso.

Nada do que Arkin faz deveria me incomodar, especialmente as garotas que ele leva para a cama.

— Não me importo — minto descaradamente para nós dois. O mero pensamento de outra pessoa tocando Arkin faz minhas entranhas se contorcerem. Tento não deixar transparecer e permaneço com o queixo erguido. — Depois que esse namoro estúpido terminar, vocês podem transar todos os dias se quiserem.

Espero uma resposta irritada, mas ela não vem. Em vez disso, o semblante de Arkin se suaviza, como se a raiva se dissipasse. Ele tomba a cabeça para o lado e umedece os lábios com a língua antes de sorrir como se tivesse entendido tudo. Suas íris correm pelo meu resto, me perscrutando como se estivesse em busca de algo enquanto continua em silêncio.

O calor que preenche esse banheiro é quase insuportável e começa a me sufocar. Está me deixando impaciente.

Não posso continuar aqui.

Desvio de Arkin e abro a porta para correr para o mais longe possível dele. Contudo, antes que eu possa sair, ele segura meu pulso, me obrigando a voltar a olhá-lo.

— Sabia que você fica linda quando está com ciúmes?

Sinto vontade de rir.

— Eu não estou com ciúmes — nego, ofendida por ele ter percebido tão rápido a verdade. — Estou apenas esclarecendo os limites do nosso acordo.

Ele não me dá ouvidos e volta a se aproximar, até nossos pés se tocarem. Arkin segura meu rosto entre as mãos, me obrigando a manter meus olhos fixos nos dele e me impedindo de tentar fugir de novo.

— Escuta, também não costumo permitir que as pessoas se aproximem de mim, mas você fez isso. Já me viu vulnerável. Agora estamos quites e não te acho menos forte por causa disso, muito pelo contrário. — Ele dá uma piscadela e, no mesmo instante, me lembro do almoço na casa de seu pai. Arkin realmente estava

vulnerável naquele dia. — Não vou me afastar de você só porque está passando por uma fase difícil. Não sei com que tipo de otário você está acostumada, mas não sou um deles. — Cada palavra sua apazigua a tempestade de inseguranças dentro de mim e aquece sentimentos adormecidos que estive tentando manter afastados e esquecidos toda vez que olho para Arkin. — Mia e eu somos apenas amigos. Ela é apaixonada por Lucas e eu...

Arkin para e suspira, deixando os ombros caírem.

Engulo em seco, ansiando que ele complete a frase.

— Você...?

Meu coração está batendo tão rápido agora que parece que vai saltar do meu peito a qualquer momento.

Ele dá um sorriso terno.

— Eu estou num relacionamento complicado com a garota que finge ser minha namorada.

Um sorriso também surge no meu rosto antes que eu possa impedir e levanto uma mão, cobrindo com ela a sua que está meu rosto. Deslizo meus dedos por entre os seus, sentindo as faíscas da corrente elétrica que corre entre nós toda vez que nos tocamos.

— E o que você vai fazer a respeito? — pergunto, em um sussurro.

Seu olhar cai para a minha boca e a determinação domina seu semblante.

— Vou facilitar as coisas.

E então, Arkin me beija.

26

Arkin

É impossível não me viciar no gosto de Blaze Kingston.

Na verdade, é impossível não me viciar em tudo sobre ela. Na sensação de seus cabelos entranhados em meus dedos, no som de satisfação semelhante a um ronronar que ela solta quando inclino sua cabeça para trás para aprofundar o beijo...

A combinação de tudo isso quase me faz perder os sentidos.

Estou pressionando-a contra o batente da porta do banheiro, meu corpo prendendo o seu enquanto sua língua desliza contra a minha e sua mão percorre minha nuca, ávida. Afundo os dedos em sua cintura, apertando firme do jeito que sei que ela gosta. Em resposta, ela chupa e morde meu lábio inferior, com o mesmo desejo intenso que eu sinto percorrendo minhas veias agora.

Seu corpo responde ao meu como se estivéssemos em perfeita sintonia. Esperamos tanto por cada beijo e cada toque que agora a urgência domina nossos movimentos.

Por mais que eu goste de provocá-la, estou cansado dos nossos joguinhos. Eu quero essa garota e isso tem sido tudo em que consigo pensar nos últimos dias. Blaze Kingston está morando em minha mente, dominando cada um dos meus pensamentos e vontades. Não sei como isso aconteceu, mas não quero saber das consequências agora.

Só quero me afogar neste mar profundo e inexplorado e me perder em suas ondas.

Acho que foi por isso que fiquei tão irritado quando ela sumiu na semana passada. Pensei que estávamos avançando e progredindo, mas ela me afastou. *De novo*.

E então apareceu nessa festa, louca de ciúme, achando que eu estava transando com Jill Tyler. Bem que ela tentou, mas não senti vontade nenhuma.

Porra, por que diabos Blaze não consegue ver que eu sou louco por ela?

Não consigo nem pensar em foder outra garota há dias. Não desde que nos beijamos na cozinha.

Também não sei o que há em Kingston que me deixa tão maluco, mas tem sido assim desde que consigo me lembrar. Só estive esperando-a perceber que quer a mesma coisa que eu. Agora que essa diabinha admitiu, não vou mais deixá-la fugir.

Segurando em seu quadril, impulsiono seu corpo para cima. Blaze automaticamente engancha suas pernas ao meu redor e se segura em meus ombros sem tirar sua boca da minha.

A nova posição permite que eu aproveite as curvas do corpo espetacular dela e é exatamente isso o que eu faço. Corro minhas mãos por cada centímetro seu, desejando rasgar suas roupas bem aqui para poder provar a textura da sua pele.

Quero lambê-la inteira. Sentir seu gosto na minha boca e no meu pau.

Blaze está sem sutiã. Consigo sentir seus seios pressionados contra meu peito e meu pau fica duro feito pedra em velocidade recorde. Um gemido delicioso sai de seus lábios quando aperto sua bunda sobre o jeans justo que ela está vestindo.

Porra, essa garota vai acabar comigo.

O cheiro dela é delicioso. Não sei se é um perfume específico ou se é apenas a fragrância natural dela. Não é forte, mas levemente adocicado. Como cereja. Esse cheiro deve estar por toda parte em seu quarto e sua cama.

Por mais que a curiosidade de ver seu quarto tenha me corroído no último mês, nunca entrei lá. Mas eu quero muito.

Quero conhecer cada mísera parte de Blaze Kingston. Começando pelo seu corpo.

Sem fôlego, Blaze tomba a cabeça para trás no batente de madeira e seus olhos brilhantes me encontram. Então, nos olhamos de verdade.

Seus lábios estão vermelhos e inchados dos nossos beijos e suas bochechas estão coradas pelo frenesi. Suas pernas ainda

estão fixas em meus quadris e seus braços estão ao redor do meu pescoço enquanto ela se segura em mim.

Levo uma das minhas mãos até seu rosto e acaricio uma de suas bochechas.

— Você é tão linda — digo, fascinado e hipnotizado.

Ela fica ainda mais enrubescida e desvia o olhar.

— E você é um paquerador.

— Talvez — admito, fazendo-a rir. — Mas estou falando a verdade.

Blaze balança a cabeça e vejo seus ombros se retraírem. Sua postura muda, enrijecendo, e ela fica tensa. Franzo o cenho.

Daria qualquer coisa para ler seus pensamentos agora. Mais do que isso, queria poder apagar cada medo e insegurança da sua mente que a impede de se entregar de verdade a isso. A *nós.*

— Ei, olha para mim — peço, levantando seu queixo com a curva do meu dedo. Quando encontro seus olhos novamente, eles estão repletos de dúvida, receio e... *medo?* Coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha para poder ver melhor seu rosto delicado. Depois dos acontecimentos recentes, a última coisa que eu quero é que Blaze não se sinta a vontade perto de mim. — Sou eu, gatinha.

Ela pode fugir e negar o quanto quiser, mas não sou qualquer um para ela, assim como ela não é para mim. Moramos juntos há mais de um mês e não estamos no mesmo lugar que estávamos no início. Nos conhecemos e criamos uma espécie de conexão que nunca tive com ninguém.

Nunca quis que alguém me conhecesse dessa forma antes.

Ainda há muito mais que eu quero descobrir sobre Blaze e vou ser paciente com isso. Vou acabar com cada uma de suas barreiras.

Ela pisca e, aos poucos, um sorriso suave surge em seu rosto.

Desço a mão pela lateral do seu corpo até sua barriga. Em seguida, começo a fazer cócegas com meus dedos. Me pegando de surpresa, Blaze explode em uma gargalhada gostosa que eu nunca

tinha visto ela dar, se debatendo para me fazer parar. Começo a rir também, meus olhos vidrados em seu sorriso brilhante.

— Babaca — xinga ela, ainda rindo. Levo minha mão de volta para sua cintura com um sorriso de satisfação no rosto. É nítido em seus olhos que a tensão se dissipou. Eles estão leves ao me olhar. — Me beija, Sawyer.

Obviamente, obedeço.

Assim que nossas bocas se encontram, Blaze me beija de volta com ainda mais determinação.

Essa é a confirmação que preciso para, segurando-a com um braço ao redor de sua cintura, caminhar com ela para o corredor.

Seu peso é irrisório e seus beijos molhados e quentes me distraem tanto que quase tropeço no carpete. Por sorte, meu quarto antigo é a porta mais próxima do banheiro, então não preciso andar muito.

Fico grato mais uma vez à aposta que ganhei quando me mudei para a república, pois me garantiu o quarto mais bem localizado quando distribuímos os dormitórios.

Separo nossas bocas apenas para abrir a porta e entrar. Acendo a luz e Blaze se afasta para checar ao redor.

O dormitório está exatamente igual como o deixei, exceto pela minha bagunça, que não está espalhada pelos móveis e chão.

Blaze desliza para baixo, pisando de volta no chão. Em seguida, corre seus olhos curiosos por todo o quarto, analisando.

— Onde estamos?

— Esse é o meu quarto — digo, fechando a porta atrás de nós. Mas logo corrijo: — Bem, ele *era*. Agora eu moro com uma espertinha de um metro e meio que adora me tirar do sério.

Blaze abre a boca, ofendida, e semicerra os olhos zangados para mim. Fico esperando uma resposta à altura, mas ela apenas estende o braço para trancar a porta antes de ordenar:

— Cala a boca e tira logo a roupa

Dou risada.

— Tão mandona...

Puxo minha camiseta para cima pela gola e a atiro em algum canto qualquer do quarto junto com o boné.

Blaze desce seu escrutínio pelo meu abdômen lentamente, aquecendo cada centímetro de pele que ela toca com seus olhos cheios de volúpia. Depois, ela volta a me encarar enquanto sobe sua camiseta lentamente pelo seu corpo, me torturando enquanto o faz.

Quando ela finalmente arranca a peça pela cabeça, confirmo o que eu imaginava. Ela está sem sutiã.

Seus seios são lindos. Redondos e empinados, com mamilos rígidos que imploram pela minha boca e a fazem salivar. A pele ao redor parece tão macia quanto pêssego. Me faz querer marcá-la inteira.

— Porra, Kingston, está tentando me matar? — pergunto, puxando-a para mim pela cintura.

— Sabe que essa é a missão da minha vida, Sawyer.

— *Tsc, tsc.* — Estalo a língua. — Acho que vou ter que te punir por me provocar.

Sem esperar que ela responda, a jogo na minha cama de casal no centro do quarto.

Se o corpo nu e delicioso de Blaze não me matar, a antecipação com certeza vai.

Assim que o corpo dela encontra o colchão, levo meus dedos apressados para o cós da sua calça, abaixando-a de uma vez. Então, finalmente tenho Blaze Kingston só de calcinha na minha cama. Me afasto e tomo um segundo para admirá-la.

Seus cabelos escuros estão espalhados no lençol branco e ela está arrepiada, mas não se cobre. Ela não se esconde. Quer que eu a veja, que a deseje.

Bem, está funcionando.

Sua calcinha é pequena e preta e aposto que já está totalmente molhada. Há um piercing metálico em seu umbigo que só me deixa mais louco de tesão por essa mulher.

Blaze apoia a cabeça numa das mãos para me observar.

— Disse que ia me punir, estou esperando, Sawyer.

Ela morde o canto da boca, conseguindo me provocar ainda mais, e apenas observa enquanto tiro minha própria calça.

Seus olhos queimam de lascívia ao se fixarem na ereção em minha pélvis.

Em breve esses olhos vão queimar pelo orgasmo.

Ajoelho no colchão entre suas pernas e me abaixo lentamente sobre seu corpo. Começo beijando o canto da sua boca e vou descendo aos poucos pelo seu pescoço, clavícula, até os seus seios. Lambo ao redor de um mamilo, experimentando o gosto de sua pele, antes de colocá-lo inteiro na boca e chupá-lo.

Blaze estrangula um gemido na garganta, mas afunda as unhas nas minhas costas, o que só me incentiva a continuar. Ela ainda está se controlando, mas pretendo mudar isso.

Levo minha boca para o outro mamilo, raspando meus dentes levemente na ponta antes de chupar. Enquanto isso, desço minha mão por sua barriga, passando pelo piercing até alcançar sua calcinha. Esfrego seu clitóris por cima do tecido fino e ela se contorce sob mim.

— Arkin... — geme, em alto e bom tom dessa vez. Sorrio satisfeito e mergulho meus dedos sob a calcinha.

A encontro quente e molhada, pronta para mim. Meu sorriso só aumenta.

— Você está encharcada — provoco, voltando-me para seu rosto. Blaze está com os olhos fechados enquanto massageio seu clitóris pulsante em movimentos circulares. — Acho que gosta de mim no fim das contas, huh?

— Nem mesmo um pouco — ela sopra, sôfrega, me fazendo rir baixinho.

Sempre tão teimosa...

— Acho que sei como fazer você mudar de opinião.

Arranco sua calcinha de uma vez e levo o tecido ao nariz, inalando o seu cheiro doce. Mal posso esperar para prová-la com a língua.

Deixo sua calcinha na mesa de cabeceira e, com as mãos atrás de seus joelhos, levanto as pernas de Blaze, acomodando-as

em meus ombros antes de me abaixar.

Passo a língua pela extensão molhada de sua boceta e sinto Blaze agarrar meus cabelos como resposta.

Porra, seu sabor é algo de outro mundo. Ela é deliciosa.

Coloco seu clitóris na boca e chupo com vontade. Deslizo meus dedos por sua entrada, fazendo-a se contorcer sob mim.

— Ah, Deus — Blaze geme mais alto, fechando os olhos apertado.

Não tiro meu olhar dela quando a penetro com dois dedos de uma vez. Quero ver cada reação que vou lhe proporcionar.

Seu interior quente e úmido aperta meus dedos e meu pau pulsa. Não sei se vou aguentar mais de um minuto dentro dela. Estou tão duro que dói.

Blaze arqueia as costas e joga a cabeça para trás quando aumento a velocidade e passo a fodê-la com os dedos enquanto sugo e lambo seu clitóris. Com a mão livre, seguro seu quadril para mantê-la parada.

— Para de se segurar, linda — peço, curvando os dedos dentro dela para alcançar seu ponto G. Devo ter conseguido, porque seu corpo começa a tremer e ela rebola em meus dedos. — Goza pra mim.

E ela faz.

Blaze goza forte assim que levo meus lábios de volta para seu clitóris. Ela grita meu nome alto e duvido que a música lá de baixo seja capaz de disfarçar o som. Não que eu me importe, de qualquer forma.

Lambo cada gota de seu orgasmo e saboreio o gosto em minha língua.

Quando levanto para olhá-la, encontro uma cena surreal.

Caralho.

Blaze Kingston é linda, mas quando goza ela fica magnífica. Os cabelos suados grudados na testa, os olhos nublados de tesão, os lábios inchados de tanto ela morder para abafar os gemidos de prazer...

De repente, fico irado imaginando que outros homens já viram e apreciaram essa obra de arte. Quero enquadrá-la e mantê-la bem ao lado da minha cama. Quero que ela seja minha.

— Imaginei tantas vezes como iria foder você por todo aquele apartamento — confesso, afastando o cabelo de seu rosto e subindo meus dedos pelo seu corpo. A sinto se arrepiar sob mim. — No balcão da cozinha, no chão da sala... na sua cama, pra você se lembrar, todas as noites antes de dormir, de como eu te fiz gozar gostoso.

Blaze morde o lábio inferior e fecha as pernas, excitada e em busca de fricção.

Dividir aquele apartamento com ela tem sido um desafio constante à minha sanidade. É uma tortura do caralho dormir tão perto dela e não poder tocá-la.

— Então me fode, Sawyer — pede, em tom de desafio. Blaze levanta a mão, os olhos rebeldes presos aos meus enquanto ela desce as unhas pelo meu abdômen até alcançar o cós da minha cueca. Ela coloca a mão em meu pau e aperta na medida certa. — Você tem camisinha?

Levanto uma sobrancelha.

— Está mesmo me perguntando isso?

Ela rola os olhos, impaciente.

— *Idiota*.

Dou risada e saio da cama para apanhar a carteira no bolso de trás da minha calça, que está jogada no chão. Tiro uma camisinha de lá e a visto na velocidade da luz.

Blaze abre as pernas e me posiciono entre elas antes de erguer o rosto para fitá-la. Ela está com os olhos sedentos conectados aos meus quando guio meu pau para sua boceta. Esfrego a cabeça por sua extensão molhada e em seu clitóris sensível antes de roçar sua entrada apertada.

Preciso de todo meu autocontrole para não penetrá-la de uma só vez. Não quero que isso acabe rápido, porque não sei se haverá uma próxima vez. Quero aproveitar cada segundo do corpo quente de Blaze colado ao meu.

— *Arkin* — Blaze implora baixinho, esfregando-se em mim, desesperada.

Seguro seus quadris e a mantenho parada enquanto a penetro bem devagar. Seus olhos rolam para trás e Blaze ergue um braço para segurar na cabeceira da cama atrás dela. A outra mão permanece em meu ombro, suas unhas se fincando na minha pele.

— Porra, Kingston — xingo, ao me enterrar completamente dentro dela.

Sinto descargas elétricas percorrendo todo o meu corpo, queimando de dentro para fora quando começo a entrar e sair dela devagar. Blaze rebola e empurra sua pélvis na direção da minha, buscando por mais.

— Mais rápido — pede, me fazendo sorrir.

Então, eu vou mais rápido. E mais forte.

Eu fodo Blaze como se estivesse tentando fundir nossos corpos. Como se não pudesse decidir entre puni-la por me enlouquecer ou adorá-la por isso. Então faço os dois.

Seguro uma de suas pernas no ar para ir mais fundo e sinto minhas costas arderem quando Blaze arranha com força. A dor alimenta o prazer e, por um instante, penso que vou explodir. A pressão na região bem sob meu umbigo ganha força e abaixo meu corpo sobre o de Blaze.

Beijo e lambo seu pescoço antes de levar minha boca para a dela.

O som da cabeceira batendo rápido contra a parede se mistura ao barulho dos nossos corpos suados colidindo e dos gemidos incessantes que sai das nossas bocas. Os seios de Blaze saltam e ela rebola mais intensamente, movimentando o quadril para frente e para trás de encontro ao meu.

— Meu Deus — Blaze grita quando levo meu polegar para seu clitóris, então seu corpo inteiro é tomado por espasmos.

Não consigo aguentar mais um segundo e gozo também, me segurando na parede enquanto um milhão de supernovas explodem atrás dos meus olhos. Espasmos de prazer percorrem meu corpo e meus braços tremem.

Caio ao lado de Blaze com o corpo mole e suado, meu peito subindo e descendo freneticamente no ritmo da minha respiração ofegante.

Melhor. Sexo. Da. Porra. Da. Minha. Vida.

Viro a cabeça para o lado, vendo Blaze encarando o teto. Ela está suada e vermelha, mas parece completamente nas nuvens, tão satisfeita quanto eu.

Não há nada melhor que isso. Esse olhar no rosto dela e saber que fui eu que causei. Mesmo que apenas por um momento, Blaze Kingston se entregou completamente para mim. Por um momento, tudo além de nós dois deixou de existir.

— Isso foi... — ela começa, mas então para e me olha. É como se não encontrasse a palavra perfeita para definir. Entendo totalmente.

— Eu sei.

Quero dizer, eu sabia que nossa química era explosiva. Sabia que o sexo seria incrível, mas isso? Isso foi além de qualquer coisa que poderia imaginar. A expectativa de ter Blaze não se comparava a como era, de fato, tê-la.

— Arkin? — Blaze chama, atraindo minha atenção.

— Sim?

— Você está cansado?

Franzo o cenho, apoiando minha cabeça na mão para olhá-la.

— Por quê?

Blaze morde o lábio inferior com malícia antes de abrir um sorriso safado que me deixa duro de novo em questão de segundos.

— Vamos pra segunda rodada.

Levanto as sobrancelhas e passo a língua pelos meus lábios, já sentindo falta do gosto da sua pele na minha boca.

— Acha que não aguento?

Ela dá de ombros inocentemente.

— Bem...

Vou para cima dela com tudo, a pegando desprevenida. Blaze solta um gritinho de surpresa quando a puxo para mim e pressiono minha ereção na sua barriga.

— Vou te ensinar a não me subestimar, Kingston.

Ela ri, me abraçando de volta.

— Tudo bem, mas não pense que vamos dormir abraçadinhos depois. — Ela se antecipa, me olhando com seriedade. — Não sou do tipo que gosta de carinho depois do sexo.

Bem, é melhor assim. É só sexo, certo?

Mas algo parece errado. Se fosse qualquer outra garota me falando isso, eu ia ficar feliz da vida. Quanto mais fácil e menos compromissado, melhor.

O problema é que Blaze não é uma desconhecida qualquer que eu levo para a cama. Seu corte me atinge direto no ego — e talvez em algum lugar mais profundo. Mas tento afastar esse pensamento.

Eu tenho uma garota nua e gostosa bem aqui ao meu lado que quer transar comigo a noite toda. Não vou me preocupar com nada além do aqui e agora.

— Como quiser.



Blaze *é* do tipo que gosta de carinho depois do sexo.

E eu só descobri isso porque, quando acabou, ela estava exausta demais para fingir, então apenas subiu em cima de mim e desmaiou. Ela não apoiou apenas a cabeça sobre o meu peito, mas literalmente acomodou seu corpo em cima do meu antes de dormir. Talvez eu tivesse achado desconfortável dormir dessa forma, mas estava tão cansado quanto, então nem liguei.

Na verdade, mesmo se estivesse me incomodando não iria tirá-la dali. Ela é pequena e leve e foi estranhamente bom ter seu corpo em total contato contra o meu. Sua cabeça sob meu queixo, seu peito colado ao meu e suas pernas entre as minhas. Seus braços ficaram ao meu redor, me abraçando enquanto ela suspirava em seu sono.

Foi o sono mais tranquilo que tive em anos.

E saber que Blaze buscou o conforto dos meus braços para dormir me deixou mais feliz do que deveria.

Acordei há alguns minutos. Já passa do meio-dia. Ainda bem que é domingo.

Tive que rolar Blaze para o lado para ir ao banheiro, então agora ela está esparramada de bruços no colchão. *Nua*.

Acho que essa é a exata visão do paraíso.

Infelizmente, não posso apreciar por muito tempo. Logo depois, ela acorda e se vira para mim com os olhos abertos, mas sonolentos. Seu cabelo está uma total bagunça ao redor da sua cabeça. É adorável.

— Oi — diz, com a voz rouca e arrastada de sono.

— Oi.

— Que horas são?

— Bem tarde.

Blaze faz uma careta e cai de volta de costas na cama. Fica encarando o teto por alguns segundos.

— Não acredito que dormimos tanto.

— Depois da noite de ontem, é uma surpresa não estarmos dormindo pelo resto do dia. — Meu tom sugestivo a faz arregalar os olhos. Dou risada, lembrando também.

Fomos dormir depois das quatro da manhã. Depois da segunda rodada, fomos para o chuveiro, onde tivemos nossa terceira rodada. Simplesmente não conseguimos manter nossas mãos longe um do outro.

— Oh, meu Deus. — Blaze começa a corar, um sorriso de descrença estampado no seu rosto antes dela cobri-lo com as mãos.

— Aliás, você ronca — provoco, cutucando-a nas costelas com um dedo. — É uma gracinha. Saiba que pretendo usar isso contra você.

Blaze se contorce, sentindo cócegas.

— Não ronco não.

— Como pode saber? Está dormindo quando ronca.

— Eu não ronco, idiota. — Blaze revira os olhos e se senta, jogando os cabelos emaranhadas para trás. — E vamos deixar o que aconteceu ontem restrito a essa madrugada.

Levanto as sobrancelhas, surpreso e um pouco decepcionado.

Blaze vira o rosto, fugindo do meu olhar, e coloca as pernas para fora da cama, fazendo menção de se levantar.

— Ah, não vamos mesmo. — A puxo de volta para a cama e a mantenho presa com um braço ao redor de sua cintura.

Blaze arregala os olhos, mas não consegue disfarçar o sorrisinho no canto da boca.

Ela tem o costume de fugir e sei que isso tem a ver com alguma insegurança sua. Talvez tenha medo de rejeição, por causa do seu pai. Percebi isso depois de encontrá-la chorando no banheiro por causa do otário do Jackson. Mas ela não precisa ter medo comigo.

— O quê?

— Olha só, pequena B — começo, atraindo sua atenção para meu rosto. — Nós dois fazemos o sexo mais explosivo do mundo. Está bem óbvio que nascemos para isso.

Já fiz sexo bom antes, mas nada se compara a como foi ontem à noite. Talvez tenha a ver com o fato de Blaze não ser uma desconhecida qualquer que levei para cama. Há alguma coisa aqui, uma fagulha desconhecida que quero explorar e ver onde pode levar. Temos algo especial acontecendo entre nós e sei que Blaze, no fundo, reconhece isso também.

— Ah, é?

— E isso significa que temos que continuar transando.

— Nós temos?

— Não finja que você não está doida pra repetir a dose — instigo, baixando o olhar para seu colo. Seus mamilos já estão rígidos só com o pensamento de fazer sexo comido de novo. Blaze morde o lábio inferior e desvia o olhar. — Nós moramos juntos e não

podemos transar com mais ninguém enquanto estivermos namorando de mentira. Podemos unir o útil ao agradável.

Parece um pensamento bem lógico para mim.

Blaze e eu nos conectamos. Seja durante o sexo ou fora. Seria tolice não aproveitar isso ao máximo. Poderíamos descobrir que somos bons juntos, sei lá.

— Como amigos com benefícios? — ela sugere, fazendo uma careta. — Não somos amigos, Arkin.

Ouch.

Mas ela está certa. Não somos amigos. Nunca nos permitimos uma aproximação de verdade. Ainda assim, compartilhamos coisas um com o outro que mais ninguém sabe.

Seja lá o que somos, quero descobrir o que é. Acho que é algo que vale a pena. Blaze Kingston vale a pena.

— Então o que somos?

Blaze dá de ombros, fazendo charme.

— Não sei, mas lembre-se que eu te odeio.

Agora eu gargalho alto, porque sei muito bem que ela está mentindo. Até ela mesma sabe disso.

Blaze morde um sorriso travesso e pega minha mão na sua, baixando o olhar para nossos dedos quando os entrelaça carinhosamente.

— Me odeia, huh? — provoco, me inclinando na sua direção. Roço o nariz em seu pescoço, aspirando seu cheiro gostoso para mim antes de subir minha boca para o pé do seu ouvido. — Vamos ser *inimigos* com benefícios então.

Honestamente, não importa o rótulo. Não importa o que Blaze diz a si mesma para se convencer de que o que temos não é real. O que importa realmente é o que ela sente.

O que ela sente quando toco sua pele e beijo sua boca.

Me distancio para buscar seus olhos. Blaze está com as sobrancelhas erguidas, descrente. Provavelmente está esperando que eu volte atrás ou diga que minha proposta não passa de uma brincadeira.

Quando continuo a encará-la em silêncio, ela pergunta:

— Você ficou maluco de vez? Isso não pode acontecer.

— Por quê?

Blaze abre a boca para responder, mas então a fecha logo em seguida e comprime os lábios numa linha fina. Ela não tem um bom argumento.

Seus olhos castanhos se voltam para o teto novamente.

— Vamos, gatinha. O que você tem a perder? Ainda temos mais de um mês juntos pela frente.

Um gosto amargo invade minha boca ao pensar nisso e franzo o cenho.

Menos de dois meses até o casamento do meu pai e o fim do nosso acordo. Até o *nosso* fim.

A não ser que eu a faça mudar de ideia até lá.

Blaze hesita, ficando em silêncio durante algum tempo enquanto pensa.

Não sou conhecido por jogar limpo, então a ajudo a pensar com beijos suaves por todo seu maxilar, pescoço e clavícula. Blaze praticamente ronrona quando passo meus lábios atrás de sua orelha.

Ela não consegue se conter, então balança a cabeça, sua mão encontrando um caminho de volta para minha nuca. Seus dedos se enterram nas ondas curtas do meu cabelo.

— Vou me arrepender disso, não vou?

— Nem um pouco.

Blaze sorri, colando nossos lábios num selinho demorado. Quando se distancia, ela parece lembrar de algo que a faz lamentar.

— Não acredito que vou fazer uma caminhada da vergonha na sua república.

— Não é uma caminhada da vergonha quando você é minha namorada, gatinha.

E pela primeira vez, essa palavra não soa esquisita quando digo em voz alta.

27

Blaze

Estou zonza quando, finalmente, Dinah e eu nos sentamos diante da mesa do Dr. Neeman. Ele tem cabelos brancos e olhos doces e gentis, mas nem mesmo isso consegue me acalmar quando ele passa minutos intermináveis lendo e analisando a bateria de exames que ele pediu e que minha mãe fez na semana passada.

Sua sala no Hospital Memorial é simples, mas elegantemente decorada. Os tons pastéis da mobília são harmônicos, presumo que para transmitir alguma calma. O tiquetaquear do relógio pendurado na parede atrás do médico é o único som que quebra o silêncio perturbador que foi estabelecido desde que Neeman começou a estudar os exames.

Tudo isso é quase insuportável.

Quero ouvir de sua boca, por menos provável que seja, que o câncer da minha mãe não evoluiu durante os últimos seis meses em que ela não se tratou. Quero que ele diga que as células cancerosas não se espalharam pelo corpo inteiro dela até os ossos, é que uma simples cirurgia vai resolver tudo.

Quero que ele diga que minha mãe vai viver e que ainda vamos ter muitos anos para consertar nossa relação disfuncional e aprendermos a ser uma família.

Minhas mãos estão suando e sinto que todo o oxigênio disponível nessa sala não é o suficiente. Mal consigo respirar.

Dinah, por incrível que pareça, está mais calma do que eu. O semblante em seu rosto é sereno e ela apenas fica lá, sentada na poltrona ao meu lado, esperando pacientemente pelo parecer do médico.

Acho que nunca o tempo passou tão devagar. Demora uma eternidade até que o doutor suspire, abaixando os papéis e erguendo seu olhar para nós. Suas íris verde-claras se movem

conforme ele alterna seu escrutínio de mim para minha mãe uma porção de vezes.

— Bem, Sra. Kingston, como deve saber, o tumor está presente nos dois lobos da sua tireoide. Por isso, será necessária a remoção total da glândula. Infelizmente, o câncer atingiu alguns gânglios linfáticos cervicais, que também precisarão ser removidos.

Minha mãe assente lentamente com a cabeça, assimilando as palavras do médico.

— Ela vai precisar de cirurgia — presumo.

— Sim.

— E o que acontece depois? — pergunto, ansiosa. — A cirurgia é complicada?

— Não precisa se preocupar, a cirurgia não apresenta grandes riscos — tranquiliza Neeman. — Iremos remover todo o tumor e as células cancerosas que restarem serão eliminadas através das sessões de iodoterapia. Sua mãe irá precisar fazer reposição hormonal pelo resto da vida depois disso, mas ela vai ficar bem.

Exalo o ar com alívio, sentindo o peso enorme que esteve me atormentando por dias a fio ser retirado dos meus ombros. Fecho os olhos, repetindo aquilo mentalmente.

Ela vai ficar bem.

Ela vai ficar bem.

Ela vai ficar bem.

Minha mãe apanha minha mão na sua, apertando-a calorosamente. Sinto o conforto ser transmitido pelo gesto e aplacar meu medo é minhas preocupações.

— A iodoterapia não é fácil e requer uma série de cuidados, mas não chega nem perto de ser tão invasiva quanto uma quimioterapia — explica ele. — Por ora, vamos marcar a cirurgia.

Me desassocio um pouco do que ele está dizendo, porque minha mente não absorve mais nenhuma informação além do alívio crescente em mim.

Mesmo sabendo que o câncer da minha mãe não era grave e que ela tinha muitas chances de sair dessa viva e bem, a

descoberta do tumor foi impactante para mim. Principalmente, porque Dinah estava doente há meses e eu sequer percebi. Ela não me contou porque achou que eu não me importava e, por mais doloroso que tenha sido ouvir isso, ao menos serviu para me alertar de como a relação com a minha mãe estava em frangalhos.

Não que eu já não soubesse, mas acho que meu ressentimento me impedia de fazer algo para mudar isso. E foi apenas por causa do medo de perdê-la que percebi que, se minha mãe morresse antes que pudéssemos nos reconciliar, eu nunca me perdoaria.

É tão triste e trágico que, algumas vezes, só percebemos o quanto amamos alguém quando sentimentos na pele o medo de perdê-lo.

A cirurgia é marcada para o próximo mês e, após agradecer várias vezes ao Dr. Neeman, minha mãe e eu saímos de seu consultório.

A sala de espera do lado de fora está lotada, um indicativo da boa reputação do médico. Agora não consigo nem me preocupar sobre o quanto tudo isso vai custar, porque sei que vai valer a pena.

— Ei, docinho. — Minha mãe coloca a mão em meu ombro e me viro em sua direção. Suas mãos geladas levantam meu rosto para encontrar meus olhos. — Vai ficar tudo bem. Não precisa mais se preocupar.

Anuo com a cabeça, concordando.

— Vamos pra casa — digo, colocando minha mão sobre a sua.

Então ela arregala os olhos castanhos e faz uma careta.

— Tenho que ir ao banheiro.

Dinah me pede para esperar antes de se virar e correr para o corredor em direção ao banheiro.

Dou uma risada anasalada e balanço a cabeça, atravessando a ala de espera para ir até o elevador.

Sem conseguir me segurar, pego meu celular e envio uma mensagem contando sobre a novidade para Arkin.

Blaze Kingston: *Ela vai ficar bem.*

Blaze Kingston: *Explico tudo mais tarde.*

Foi difícil sair da cama de Arkin na república e, sendo bem sincera, não me importaria de ter continuado lá pelo resto do dia, mas eu queria e *precisava* acompanhar minha mãe na consulta. Na verdade, os pensamentos preocupantes sobre o resultado dos exames voltaram a tomar minha cabeça assim que abri os olhos.

De qualquer forma, Jay praticamente nos expulsou do quarto. Quase morri de susto quando ele bateu na porta de repente. Pensando bem, o verbo bater é um eufemismo.

Ele praticamente *esmurrou.*

Jay Harlow e sua delicadeza impressionante.

Ele e os outros caras precisavam limpar a casa, que ficou uma zona depois da festa de ontem. Arkin continuou lá, ajudando na tarefa, mas eu tive que sair para acompanhar Dinah.

Sawyer pediu para que eu lhe mandasse notícias assim que pudesse.

No fim das contas, acho que ele realmente se importa.

Foi difícil quando Arkin me viu naquela situação no hospital. Não soube como reagir, porque não estou acostumada a ter ninguém por perto quando passo por uma situação difícil e desmorono.

Nem mesmo Effy esteve presente em todos os meus momentos ruins, porque não lhe permitia. Não queria que ela ficasse preocupada ou que tivesse que lidar com meus problemas também.

Meu celular vibra com a chegada de uma nova mensagem e abro um sorriso assim que a leio.

Arkin Sawyer: *Vou fazer um jantar de comemoração.*

Sinto um frio na barriga com a expectativa e meu coração se aquece.

Não sei quando foi que comecei a ansiar pelo momento em que volto para casa só porque sei que Arkin estará lá, mas se tornou quase natural.

Não sei explicar, mas Arkin torna as coisas melhores. Ele é tudo o que eu não mereço. É como um dia ensolarado de verão que

você deseja que dure para sempre.

— Blaze?

Uma voz familiar chama minha atenção e me viro apenas para encontrar Mia parada com uma prancheta nas mãos. Ela está me encarando com um olhar confuso, mas a primeira coisa que reparo é em como ela parece diferente das outras vezes em que a vi.

Ela usa calças jeans, tênis é um colete azul-marinho com o logo do Hospital Memorial. Seus cabelos loiros estão presos num rabo de cavalo baixo.

— Ei — cumprimento, franzindo o cenho. — O que faz aqui?

Mia se aproxima com um sorriso ameno nos lábios.

— Sou voluntária. — Aponta para o colete. — E você? O que está fazendo aqui?

Começo a falar, mas nenhuma resposta sai, apenas um gaguejo relutante.

Mia olha ao redor antes de unir as sobrancelhas em preocupação.

— Você está bem? — pergunta, alarmada.

Essa é a ala da Oncologia, afinal. Com certeza isso não passou despercebido por ela.

— Estou, claro. — Suspiro, me envolvendo com os braços. — Agora está tudo bem.

Mia percebe que estou sendo vaga, mas, diferente do que eu esperava, ela não me pressiona. Em vez disso, me dá um sorriso de cumplicidade.

— Se precisar conversar, pode contar comigo — garante, antes de seu semblante murchar com uma tristeza repentina e ela acrescentar: — Acredite, eu entendo.

É nítido em seu olhar opaco que ela está falando a verdade. Ela realmente entende.

Me pergunto se já enfrentou alguma doença, mas não a pressiono para falar a respeito. Seu tom vago é um reflexo do meu,

o que significa que, seja lá pelo que ela passou que a faz se identificar comigo, ela não está pronta para dizer.

E a compreendo perfeitamente.

Mia limpa a garganta, se endireitando e limpando a expressão triste de seu rosto, substituindo-a por um sorriso.

— Bem, tenho que ir — Mia diz e dá um passo para trás. — Não sei se vou te ver até lá, então boa sorte na audição.

Mia me lança uma piscadela cúmplice e então se vira, caminhando de volta para o corredor que leva aos quartos.

Arkin deve ter lhe contado sobre minha audição, porque não falei para ninguém além de Sage e Finn. Não sei como vou me sair, principalmente considerando que não tive muito tempo para ensaiar nos últimos dias. Para falar a verdade, não estou muito otimista.

Só que agora não posso mais pensar em falhar. Mais do que nunca, o dinheiro que viria junto com o contrato com uma gravadora grande como a *Global Records* é primordial.

Logo essa preocupação é apagada da minha mente e pensamentos sobre Arkin a substituem. Memórias da noite de ontem passam diante dos meus olhos como um filme, devolvendo um sorriso ao meu rosto.

Quando acordei ao seu lado na cama hoje de manhã, meu primeiro instinto foi de fugir. Talvez eu devesse ter fugido mesmo em vez de deixá-lo me convencer a embarcar nessa *inimizade colorida*. Não posso me apaixonar por Arkin.

Mas estaria mentindo se dissesse que não adorei transar com ele e que não quero fazer isso de novo várias vezes. Preciso confiar que, quando tudo isso acabar em algumas semanas, vou conseguir deixar para trás. Preciso confiar na minha capacidade de manter as coisas casuais. Sempre consegui fazer isso antes, sequer precisei me esforçar.

Com todos os outros caras que entraram na minha vida, foi fácil não me pagar.

O problema é que não sei se Arkin é como esses outros caras.



Passei o resto da tarde com minha mãe e Kyle.

Expliquei a situação para Mason no telefone assim que voltamos do hospital. Dizer a ele que posso precisar faltar algumas vezes nas próximas semanas, por causa da cirurgia e do tratamento da minha mãe, foi um risco que eu precisei tomar.

Sei que ele poderia não ter compreendido e me demitido, o que me deixaria numa situação financeira bem pior do que a que eu já me encontro, mas precisei dizer. Não podia simplesmente faltar sem lhe dar satisfações, também não iria deixar minha mãe enfrentar dias e mais dias sozinha no hospital.

Em casa, nós três assistimos à TV e comemos guloseimas no sofá da sala. Nunca tínhamos feito isso antes. Foi diferente, mas bom. Muito bom. Nos parecemos com uma família normal e não me lembro da última vez que isso aconteceu.

Ainda não contamos ao meu irmão sobre a situação da nossa mãe. Dinah disse que queria aproveitar o máximo que podia conosco antes da cirurgia e do início do tratamento.

Pelo que o médico disse — e de acordo com minhas pesquisas no *Google* —, o tratamento com iodo radioativo, apesar de não ser tão pesado quanto radioterapia ou quimioterapia, exige que o paciente fique internado em isolamento por dois dias no hospital toda vez que há a administração do medicamento, devido à radioatividade. Também há a possibilidade de haver alguns efeitos colaterais.

Ou seja, vou ter que ficar com a minha mãe, porque me recuso a deixá-la continuar enfrentando isso sozinha. Não importa as coisas que ainda estão mal resolvidas entre nós. Sei que o passado não vai ser superado de um dia para o outro e que vai ser difícil perdoar algumas coisas, mas, no fim das contas, Dinah é minha mãe e a amo apesar de tudo. Vou ficar ao seu lado.

Tive sorte e Mason compreendeu. Surpreendentemente, acho que o desespero em minha voz acabou amolecendo seu coração.

Enquanto estou no *Uber*, voltando para o apartamento pela primeira vez depois de uma semana, não posso evitar me sentir um

pouco ansiosa. Minhas mãos estão suando com a expectativa de ver Arkin novamente. Me sinto como uma adolescente que está saindo com um garoto pela primeira vez.

É bobo, mas também é bom.

Não sei o que pode acontecer, mas quero ver onde tudo isso vai levar.

Já no corredor, antes mesmo de entrar no 43B, ouço uma música alta tocando. Quando abro a porta, já estou me preparando para me deparar com uma festa louca acontecendo. O que encontro, entretanto, é um Arkin Sawyer na cozinha, usando apenas calça de moletom.

Ele está no fogão, de costas para onde estou, e move o corpo grande e atlético no ritmo de *Sway* do Michael Bublé. O cheiro de comida fresca está paira no ar e, no mesmo instante, desperta meu estômago, que ronca alto.

Arkin é um cozinheiro fantástico. Na verdade, me pergunto se ele é ruim e alguma coisa que se propõe a fazer. É injusto que alguém possa se dar bem em absolutamente tudo o que faz — no sexo então, nem se fala. Me arrependo de ter julgado a pobre garota que gritava no quarto com Arkin quando começamos a morar juntos.

Agora sei que sua reação é totalmente justificável. O desgraçado sabe o que faz na cama.

Continuo em silêncio, observando-o. Ele está distraído enquanto cozinha o jantar e dança com animação.

Seguro um sorriso enquanto o observo de longe, percebendo, com um aperto alarmante no coração, como a presença de Arkin neste apartamento se tornou familiar para mim. Pensei que nunca me acostumaria, que tudo ao seu respeito me irritaria.

Bem... ele ainda me tira do sério como ninguém. Mas me acostumei a isso também.

Não cozinhei desde que comecei a morar com Arkin. Não sou a maior fã de cozinhar, fazia apenas por necessidade. Mas Sawyer é ótimo nisso. Ele faz comidas diferentes todos os dias e todas são muito saborosas.

Vai ser difícil me acostumar de novo à minha comida simples e sem graça depois que Arkin for embora.

Vai ser difícil me acostumar de novo a estar sozinha aqui.

Assim que Arkin se vira para ir até uma das bancadas, seus olhos me encontram e um sorriso grande ilumina seu rosto, trazendo suas covinhas à tona.

— Apreciando a vista, pequena B?

Reviro os olhos teatralmente, fingindo incômodo, e vou até o balcão da cozinha americana.

Preciso ficar na ponta dos pés para tentar espiar o que ele está fazendo. Parece *chili* com carne na panela, mas não é só isso. Há pelo menos outros três pratos prontos no gabinete do outro lado da cozinha. *Nachos*, batatas fritas, molho cheddar...

— Estou apreciando a vista do meu jantar — minto, apoiando os braços na superfície de madeira para me debruçar. Arkin vem na minha direção, parando do outro lado do balcão.

— Espero que não esteja falando do *chili* — diz, abrindo um sorriso malicioso capaz de molhar qualquer calcinha.

Odeio Arkin por ser tão sexy fazendo coisas totalmente comuns.

Ele se inclina sobre o balcão, aproximando seu rosto do meu para me dar um selinho. Seus cabelos estão úmidos do banho recém tomado quando afundo meus dedos nos fios castanhos e abro a boca para aprofundar o beijo. Sua língua também se tornou familiar bem rápido para mim, de modo que agora nosso beijo se encaixa automaticamente, como se nos conectássemos com facilidade.

Estou quase subindo em cima do balcão para me aproximar ainda mais dele quando um cheiro esquisito alcança meu nariz e sou obrigada a romper o beijo.

— Acho que tem alguma coisa queimando. — Meu tom aflito faz Arkin arregalar os olhos e correr apressado de volta para o fogão.

Ele abaixa a intensidade do fogo e volta a mexer o *chili*, que está borbulhando. Ele não se desespera, como eu provavelmente

faria na cozinha. Apenas contorna a situação.

E sua comida parece tão boa que faz minha boca salivar e meu estômago roncar novamente.

— Você me distrai — reclama Arkin, na brincadeira. Dou risada e vou até a caixa de som para abaixar um pouco o volume.

Na sala, encontro a tela da *Netflix* aberta na TV. Ela exibe um filme pronto para ser reproduzido.

— Carga explosiva? — pergunto em voz alta antes de me virar para Arkin. — Sério?

— Você precisa conhecer o Jason Statham — afirma, categórico, ao tirar a panela do fogão e levar para a bancada. — Não queremos que um babaca por aí te engane usando o nome dele novamente.

Rio alto, me lembrando de como eu realmente acreditei que Jason Statham tinha me mandado um e-mail interessado em dividir o apartamento comigo.

Não fazia ideia de quem ele era. Não sou muito adepta aos filmes de ação.

Pensando nisso agora, é estranho imaginar dividir o apartamento com qualquer outra pessoa que não Arkin Sawyer.

No começo, eu mal podia esperar pelo fim dos três meses. Agora, já faz alguns dias que não checo minha caixa de e-mails para ver se tem alguém ainda interessado na vaga. Não retirei os anúncios, eles ainda estão espalhados pelos corredores da CBC. Sei que alguém pode ter enviado algo, mas não tenho interesse em checar.

— Então o que é isso? Noite do filme? — pergunto, retirando meus coturnos para ficar mais confortável. Os deixo no canto da sala, sob o aparador.

— Exatamente. — Quando noto que Arkin começa a servir o jantar, vou até lá para ajudá-lo. De fato, ele fez muita comida. Mas, certamente, vai comer a maior parte de tudo sozinho, já que tem a fome de um batalhão inteiro. — Vou te apresentar a todos os filmes clássicos de Ação.

Faço uma careta, mas não estou realmente reclamando. Nada é entediante com Arkin por perto.

— Só se você assistir a todos os clássicos de terror também.

Levamos a comida até a sala de estar, colocando os pratos e os copos sobre a mesinha de centro. Mal posso esperar para poder atacar tudo isso. Eu amo guacamole e Arkin fez uma tigela inteira. Parece até que ele adivinhou.

— Fechado — concorda, me fazendo sorrir.

Nos acomodamos confortavelmente nas almofadas no chão e não espero antes de capturar algumas *tortillas* e jogá-las na boca. São frescas e crocantes. Espero Arkin dar o *play* no filme, mas ele não o faz de imediato ao apanhar o controle remoto.

Em vez disso, olha para mim e pergunta:

— Como foi no hospital?

Seu rosto está sério, os olhos grudados em mim e as sobrancelhas unidas num semblante consternado.

Suspiro e começo a repetir exatamente o que o Dr. Neeman nos disse hoje mais cedo. É bom lembrar a mim mesma de tudo isso.

Acho que a cada vez que repito que tudo vai ficar bem, assimilo um pouco mais essa realidade. Acho que sempre me preparo para más notícias e decepções, o que acaba me consumindo por dentro.

Foi muito bom estar errada.

— Isso é ótimo, Blaze — diz Arkin, sem segurar o sorriso de alívio também. — É ótimo mesmo.

— Vai mesmo ficar tudo bem, afinal. — Sorrio também, me sentindo otimista pela primeira vez em muito tempo.

— Eu disse que iria. — Ele me empurra levemente com o ombro. — Deveria me escutar com mais frequência, gatinha. Vai se surpreender com o quanto posso ser sábio.

Dessa vez, dou risada.

— E muito modesto também — retruco, com ironia.

Arkin ri e me puxa para perto, só então dando *play* no filme, que começa a rodar. Rapidamente me esqueço dos problemas que estavam ocupando minha mente. Essa é a melhor parte de estar com ele. Me sinto como uma garota comum, com uma vida despreocupada.

É impossível não me distrair com Arkin fazendo comentários e piadinhas durante todo o filme. Aposto que ele já assistiu a esse aqui um milhão de vezes, mesmo assim ele fica tão imerso na história que briga com os personagens toda vez que eles cometem um erro e fica nervoso em todos os momentos de tensão.

Prestei mais atenção nele do que, de fato, no longa-metragem. Quero filmar esses momentos para poder assistir repetidamente quando tudo acabar.

Depois de Carga Explosiva, fico aliviada em poder finalmente tomar as rédeas do controle remoto.

— Ficou entediada? — pergunta Sawyer enquanto percorro a página principal da *Netflix* em busca de um filme mais empolgante.

— Totalmente — reclamo. Arkin apenas dá risada, sem se importar com meu desdém.

— Talvez devesse ter prestado atenção ao filme em vez de ficar me encarando e me imaginando pelado. — Seu tom presunçoso faz meu queixo cair e viro meus olhos falsamente ofendidos para ele.

— Como você é convencido — acuso, falhando em parecer brava. — Quem disse que eu estava pensando em você pelado?

— Não estava? — Ele levanta uma sobrancelha.

Minha ausência de resposta faz ele rir alto, se sentindo vitorioso.

Em minha defesa, é difícil pra caramba ficar tão perto de Arkin sabendo tudo o que há sob essas roupas. Especialmente depois da noite de ontem.

Acho que não vou esquecer tão cedo dela. Como poderia? Sawyer simplesmente me fez desmaiar de exaustão depois de gozar umas quatro vezes seguidas. Eu ainda sentia uma ardência bem-vinda entre as pernas quando acordei hoje de manhã.

— Precisava encontrar algo pra fazer durante o filme — justifico, mas tenho quase certeza de que nada que eu disser será capaz de diminuir o ego inflado de Arkin agora. — Mas não se preocupe, vou te apresentar a um clássico de verdade agora.

— E tenho certeza de que ele está cheio de sangue e tripas, não é? — Sawyer torce o nariz. — Mal posso esperar.

— Se ficar entediado, você pode *me* imaginar pelada — provoco, mas me arrependo assim que os olhos de Arkin ganham um brilho de malícia e ele dá um sorriso torto que faz algo se aquecer dentro de mim.

— E quem disse que eu não te imagino pelada o tempo todo? — Um riso de choque me escapa. — Com sorte, agora não preciso mais imaginar.

Como eu disse, ego fortemente inflado.

— Mas, se quiser ver com os próprios olhos de novo, vai ter que assistir ao clássico dos clássicos comigo.

— Como você é cruel, gatinha — diz, fazendo um beicinho que quase me convence a terminar a noite do filme mais cedo só para poder atacar esse homem de uma vez. — Mas tudo bem, eu resistirei bravamente. Qual o filme?

Dou um sorriso maligno antes de responder:

— O Massacre da Serra Elétrica.

Ele faz uma careta.

— Pelo menos vai ser o *remake* com aquela garota que fez Percy Jackson?

— O quê? Claro que não. Esse é o original de 1974, Sawyer — explico, colocando o filme na tela da TV. — Nenhum *remake* pode se comparar à obra que mudou a história do horror no cinema. Esse filme é uma crítica à sociedade americana e ao consumo de carne e...

Paro quando percebo que ele está me encarando um brilho jovial nos olhos e um sorriso leve nos lábios

— O que foi?

— Você é adorável, sabia?

Abro a boca para responder, mas não tenho nenhuma resposta afiada na ponta da língua. Mais uma vez, Arkin me pega desprevenida e consegue desmontar minhas barreiras.

Assim, apenas dou um sorriso tímido e me volto para a TV, finalmente apertando o *play*.

Nos minutos seguintes, minha barriga quase dói de tanto rir com as caretas que Arkin faz nas cenas nojentas. Em alguns momentos, penso que ele vai vomitar. Felizmente, ele aguenta firme até o final.

Terminamos a noite ali mesmo, no chão da sala.

Pelados, é claro.

28

Blaze

— Senhorita Kingston — o professor Hayword chama, assim que faço menção de ir em direção à saída no fim do período. — Podemos conversar um instante?

Paro, ajeitando minha bolsa no ombro, e cruzo a sala de aula do Laboratório de Orquestra. Os outros alunos continuam seguindo na direção das portas duplas que levam ao corredor quando alcanço a mesa do professor.

Ele está sentado atrás dela, com uma pilha de papéis à sua frente. O semblante em seu rosto não me dá nenhuma pista do assunto que ele pretende tratar comigo, o que só me deixa mais apreensiva.

Minha audição é em três dias e a ansiedade está me matando. Por mais que esteja ensaiando no meu tempo livre, ainda continuo preocupada com meu desempenho. Não tive o mesmo tempo de preparação que os outros alunos, que estão ensaiando desde o verão, quando as inscrições para a *Global Records* abriram.

E agora só consigo olhar para Hayword e pensar em todas as más notícias que ele pode estar prestes a me dar e que me deixariam sem rumo.

O professor não fala até que cada aluno tenha saído e a sala esteja vazia. Só então ele levanta seu rosto para mim, após reorganizar o monte de folhas sulfite em sua mesa.

— A Sra. Gonzalez me mostrou uma de suas composições ontem — conta, se referindo à minha professora de Letra e Composição.

Basta apenas um olhar para o papel que ele tem em mãos para ver que é a composição que fiz como parte do trabalho disciplinar que Gonzalez nos passou no início do semestre, há mais de um mês atrás.

Ela disse que queria ter uma ideia de que tipo de compositores seus alunos eram, então nos deu um tema — Carolina do Norte — e pediu que escrevêssemos uma música sobre isso. A professora exigiu apenas a letra, sem o arranjo. Não foi difícil escrever sobre o estado para qual tive que voltar, apesar de todos os planos que fiz sobre Los Angeles.

Acho que a letra ficou meio agressiva. Nunca soube o que a Sra. Gonzalez pensa a respeito, porque ela não nos deu nota, nem qualquer tipo de retorno depois que entregamos a tarefa.

Talvez esteja péssimo e Hayword esteja repensando minha vaga na audição.

Minhas mãos começam a suar e abro a boca para dizer alguma coisa, mas o que sai é um gaguejo inaudível.

— Por favor, me diga que vai cantar uma de suas composições na sexta.

Exalo com alívio, sentindo meus ombros relaxarem.

— Você gostou da música?

— É claro que sim — diz, como se fosse óbvio. — As rimas precisam ser refinadas, mas o que a letra transmite é cru e real. Ficaria ótima no violão. Não posso ser parcial nas audições, mas preciso dizer que você tem uma pedra preciosa nas mãos, senhorita. Basta que seja lapidada para se tornar uma joia.

Pisco, absorvendo suas palavras enquanto examino seu rosto, em busca de qualquer vestígio de que esteja me pregando uma peça. Mas Hayword não faria isso. Seu semblante está totalmente sério agora e seus olhos escuros parecem determinados.

Ainda assim, não consigo acreditar. Rabisquei aquela composição num dos meus intervalos no Meg's. Mal tive tempo para revisá-la ou reescrevê-la. Talvez por isso fosse tão crua e real, como Hayword disse.

— Na verdade, estive ensaiando uma música da Janis Joplin para a audição.

— Janis é ótima, mas deveria repensar sua decisão. Sua composição impressionaria os jurados. — Os olhos de Hayword se

desviam para algo atrás de mim por um segundo antes de voltarem ao meu rosto. — Pense nisso.

Olho para trás e, através das janelinhas de vidro na porta, vejo Sage e Finn me esperando.

— Certo, obrigada, professor — agradeço, voltando-me para Hayword. Ele acena uma vez com a cabeça num cumprimento e me viro, indo até a porta.

Será que foi um erro não escolher tocar uma composição própria na audição? Quero dizer, apesar do que o Hayword disse, não sei realmente se tenho algo para impressionar a *Global Records.* Uma música autoral poderia me salvar ou me condenar. Se fosse ruim, a banca de jurados ficaria triplamente decepcionada.

Cantando uma música que já é reverenciada por ser excelente, só precisaria me preocupar com meu desempenho vocal e instrumental, em vez de pensar se a letra está ou não boa. Além disso, não ensaiei uma música autoral. Se optasse por fazer a mudança agora, em cima da hora, poderia não estar preparada no dia da audição e meu próprio nervosismo iria me condenar.

Ainda estou pensando nos prós e contras de aceitar o conselho de Hayword quando vou de encontro a Sage e Finn no corredor.

— Que cara é essa? — ele pergunta assim que me vê. — Parece que está prestes a ter um colapso.

— Acho que estou mesmo — concordo com um suspiro.

— Aconteceu alguma coisa? — Sage para e me inspeciona.

— Não, só estou confusa sobre a audição de sexta-feira.

— Não precisa se preocupar, vai arrasar. — Ela aperta meu ombro, tentando me incentivar.

— Você, minha cara, vai ficar muito famosa — Finn acrescenta, me fazendo dar um sorriso. — É sério. É melhor eu começar a guardar seus chicletes mascados para vender por milhões de dólares quando você estiver na calçada da fama.

Sage e eu rimos alto.

Sinto o nó de tensão em minha nuca se afrouxar um pouco. Sempre me sinto melhor quando estou perto dos meus amigos, o

que me lembra de Effy e como nossa frequência de contato está diminuindo.

Acho que isso é normal. Estamos em lados opostos do país e, assim como minha vida ficou corrida e atarefada, a dela provavelmente está da mesma forma. O afastamento é esperado, mas, mesmo assim, me deixa um pouco triste. Queria estar compartilhando todas as reviravoltas e confusões da minha vida com minha melhor amiga.

Sinto sua falta.

— Vamos almoçar no Danny's? — sugere Finn, enquanto descemos as escadas do prédio da faculdade. — Só um hambúrguer bem calórico pode me deixar feliz agora. Não aguento mais meus alunos da tutoria.

Pensei que o café da manhã generoso que Arkin fez hoje de manhã tinha me saciado pelo resto do dia, mas minha fome desperta ao ouvir a palavra hambúrguer. O *Danny's Burger* faz o melhor *smash burger* que eu já vi. Só de pensar nisso fico com água na boca.

— Tudo bem, mas não posso ficar muito tempo — digo, colocando as mãos nos bolsos da jaqueta assim que saímos para o campus da CBC. — Vou levar o Kyle para assistir ao treino dos *Seabirds* antes da aula de surfe dele.

Ao saber que o Meg's ficaria fechado hoje, Arkin me convidou para ocupar minha folga assistindo ao treino deles no mar e não pude dizer não. Gosto de vê-lo surfar. Além disso, ele disse que a aula de surfe que daria hoje seria muito importante. Como as aulas que ele tem lecionado a Kyle costumam acontecer no fim de tarde, quando o sol está menos rigoroso, pensei em unir o útil ao agradável e passar o resto do dia na praia.

Kyle amou a ideia e Arkin mais ainda.

— E você nem nos convidou? — Finn questiona, indignado. — Sabe que não perco uma oportunidade de ver surfistas sem camisa.

Dou risada.

— Falando nisso, vocês vieram juntos hoje, né? — Sage semicerra os olhos de forma desconfiada. Mordo meu lábio inferior, culpada. — E você sumiu com ele na festa de sábado.

— Você estava bêbada na festa de sábado — rebato, mas Sage não desiste do assunto.

— Não tão bêbada para não ter visto vocês juntos.

Penso em inventar uma mentira que me livre de precisar explicar os novos termos da minha relação com Arkin — que é confusa demais até para que eu mesma consiga entender —, mas então desisto.

Sage e Finn esperam por uma resposta durante o curto percurso até a vaga de estacionamento onde o carro dela está.

— Nós transamos — confesso de uma vez assim que me acomodo no assento do passageiro.

— O quê?! — Finn e Sage exclamam em uníssono.

Suspiro.

— Não é nada demais.

— Eu duvido muito disso. — Finn revira os olhos. — Como foi?

— Foi bom — respondo, mas logo percebo que essa pequena palavra não chega nem perto de definir como foi a experiência do sexo com Arkin. — Foi muito, muito bom.

— Eu sabia! — Finn ri e bate palmas com uma empolgação exagerada. — Ninguém sem segundas intenções olha para outra pessoa como você e Sawyer olham um para o outro.

— Acho que estamos ferradas — lamenta Sage, apoiando a cabeça no volante, ainda sem ligar o carro. — Transei com Jay na semana passada.

Sua confissão não surpreende nenhum de nós, mas não dizemos isso em voz alta. Sage parece estar se culpando por ter cedido aos encantos de Harlow. Sei como é isso, porque foi exatamente assim que fiquei depois da minha primeira sessão de amassos com Arkin na cozinha de casa. A tensão sexual entre nós estava nos matando antes de finalmente transarmos.

Agora, nenhum de nós precisa mais se sentir culpado. Por mais que o receio de como meu coração vai ficar no fim do nosso acordo de *inimigos com benefícios* ainda esteja presente, a ideia de transar com meu colega de apartamento e namorado falso, uma vez que temos química e não podemos ficar com ninguém até o fim do trato, parece bastante lógica e intuitiva agora. Podemos aproveitar um com o outro.

Apenas sexo.

Só que nunca pareceu tão difícil ter uma relação casual. Como posso passar tanto tempo com alguém, morar com ele, conhecê-lo e deixar que me conheça, e ainda transar com ele, tudo isso sem me apegar?

Bem, não sei, mas é melhor descobrir a resposta logo.

Com qualquer outra pessoa poderia ser fácil, mas não Arkin Sawyer.

— E agora? — pergunto, olhando para ela.

Acho que nós duas estamos em situações bem similares. Reféns de uma atração avassaladora, que está nos deixando confusas e perdidas.

— Não sei — ela admite. — Mas conheço o lugar para onde esse caminho leva e não é bonito. Jay e eu somos incompatíveis. Nunca vamos dar certo. Por que insistir em algo que só vai acabar me machucando? No fim das contas, ele vai sair ileso. Vai sempre escolher não ter compromisso com nada nem ninguém.

— Você não tem certeza disso — Finn tenta argumentar.

— Ele não vai voltar para a faculdade depois do inverno. — A voz de Sage está cheia de decepção e ressentimento. — Ele quer começar as disputar os torneios de surfe em ondas gigantes em Nazaré. Fica em Portugal, então ele provavelmente vai se mudar para lá antes da próxima temporada — explica, levando seu olhar magoado para a janela. Ela está tentando esconder seu semblante triste de nós, mas não dá certo. É óbvio que ela está arrasada com a partida iminente de Jay. — Eu sabia que seria assim. É a vida que todos eles querem. Viajar pelo mundo, curtir com dúzias de

mulheres. Se eu me apaixonar de novo por Jay, ele vai me deixar para trás, assim como fez da outra vez.

Cada uma de suas palavras penetram na minha mente e me fazem refletir. Mesmo quando Sage e Finn mudam de assunto para um tópico mais leve, após alguns minutos de um silêncio pesado, ainda não consigo parar de pensar no que ela disse.

Preciso manter na minha cabeça a certeza de que, mesmo se eu quisesse algo mais sério com Arkin, ele nunca poderia embarcar nisso. Como seu pai disse, ele é avesso a compromissos. Arkin mesmo falou que sua única prioridade sempre será o surfe. Ele pode se importar comigo e me tratar bem, mas não quer um relacionamento. Acho que ele nem mesmo conseguiria manter um.

É por esse motivo que precisa ser estritamente sobre sexo. Se eu me apaixonar, ele vai me deixar para trás.

É como isso tudo vai terminar se eu não tomar cuidado.



A brisa leve do fim de tarde sopra meus cabelos, que estão soltos numa bagunça ao redor da minha cabeça. Passo meus dedos pela areia branca, sentindo a textura macia e aquecida enquanto mantenho meus olhos no mar.

Por sorte, coloquei biquíni sob a roupa. Não teria aguentado ficar a tarde toda sob o sol naquela praia usando roupas comuns.

O sol só começou a baixar há alguns minutos, o que indica que o treino dos *Seabirds* está próximo do fim, para a infelicidade de Kyle.

Não duvido que meu irmão poderia ficar um dia inteiro assistindo a equipe surfar. Não o culpo também. Posso estar me tornando uma fã do esporte, porque, assim como ele, gostei de assistir ao treino.

O treino feminino terminou há uma hora e as garotas se agruparam numa tenda na areia, próximas do treinador. Desde então, os rapazes estão no mar. Eles disputam ondas e fazem manobras difíceis, impressionando todo mundo que assiste. Não são poucas pessoas.

Aparentemente, o treino dos *Seabirds* é uma atração local, porque há várias pessoas acomodadas na areia, observando tudo. Não pude deixar de reparar que as líderes de torcida do time de futebol da CBC está aqui também, o que inclui Jill Tyler.

Mas não presto atenção nela. Assim que Arkin entra no mar, ele é tudo o que eu vejo. Todo o resto perde o foco.

Sawyer se alterna entre momentos em que fica parado sentado na prancha, esperando a aproximação de uma boa onda, e os momentos em que brilha totalmente: de pé em cima de uma prancha, sobre uma onda quebrando.

— Quero ser como Ark um dia — Kyle diz, ao se aproximar e se sentar perto de mim por um instante.

Meu irmão não consegue ficar parado e sentando enquanto assiste. O surfe o deixa tão empolgado que Kyle precisa estar de pé, andando pela areia enquanto acompanha o percurso dos surfistas no mar.

É meio fofo.

O tom de admiração em sua voz sempre que ele fala no Arkin também é adorável. Acho que a amizade entre eles e as aulas de surfe estão fazendo muito bem ao meu irmão. Me sinto grata a Sawyer por isso. Ele não precisava ter feito isso, principalmente porque tudo começou quando a gente ainda se odiava.

Que bom que ele insistiu.

— É para isso que ele está te treinando. — Levo a mão até os cabelos lisos de Kyle e os bagunço. Ele está tão entretido que nem se importa. — Ei, como estão as coisas?

Sei que Dinah e eu deveríamos estar sendo honestas com Kyle, principalmente agora que temos certeza de que ela vai ficar bem, mas meu irmão já passou por tanta coisa com tão pouca idade que é difícil lhe dizer que sua mãe está doente.

— Tá tudo bem — diz, dando de ombros. — E a mamãe está bem, que é o mais importante. — Levanto as sobrancelhas e arregalo os olhos, mas Kyle nem liga. — Não sou mais criança, Blaze, eu presto atenção nas coisas. Sei que ela está doente.

Reprimo um grunhido de frustração e desvio o olhar para baixo.

Acho que subestimei meu irmãozinho. Ele sempre foi muito esperto, mas acho que pode ter razão. Cuidei dele durante toda a infância, então acho que ainda o vejo daquela forma: como uma criança que precisa ser protegida.

— Não te contamos porque estávamos tentando te poupar o máximo possível — justifico, mas vejo em seus olhos que ele não compra essa desculpa.

— Não preciso ser poupado, B. Posso lidar com a verdade, por mais difícil que seja.

E ele pode mesmo. Diferente de mim, meu irmão nunca se iludiu achando que nosso pai voltaria. Talvez porque ele era muito pequeno quando Joe foi embora, mas Kyle simplesmente seguiu em frente e nunca mais tocou em seu nome.

Ele também não se deixava afetar tanto pela irresponsabilidade e negligência de Dinah quando estávamos em Sacramento. Ele apenas enfrentava a situação sem desmoronar, sem sentir medo ou raiva. Ele era sempre compreensivo.

— Ela vai ficar bem, sabia? — Dou um sorriso animador. — Vai fazer uma cirurgia e passar por um tratamento complicado, mas vai ficar bem.

Kyle retribuiu o sorriso antes de voltar sua atenção para o mar.

— Eu sei.

— Sabe?

— Aham. — Ele dá de ombros de novo. — Se não estivesse tudo bem, eu saberia só de olhar para você.

Fico pensando nisso quando afago seus cabelos de novo e me estico para dar um beijo no topo de sua cabeça.

Me pergunto quantas vezes Kyle me viu desmoronar, me preocupar e me apavorar. Quantas vezes ele me viu sentir raiva e alimentar meu ressentimento de nossos pais. Ele viu tudo isso, mas sempre permaneceu firme e forte ao meu lado, colaborando sempre

que eu precisava tomar as rédeas da nossa vida porque nossa mãe estava ausente.

Definitivamente, tenho o melhor irmão do mundo.

— Ela terminou com o Dave ontem — Kyle conta, sem conseguir esconder o sorriso da felicidade que sente com isso.

Talvez agora Dinah possa passar mais tempo com seu filho.

Nós duas não conversamos sobre nossa relação nos últimos dias. Sei que ainda há muito a ser acertado, mas quero fazer isso depois que ela tiver passado pelo tratamento. Sinto que vamos precisar conversar de novo sobre meu pai.

Temo que, mesmo depois do que eu lhe disse após seu acidente, ela ainda esteja criando expectativas sobre o retorno de Joe. Acho que isso só intensificou depois que ele arcou com os custos de sua conta do hospital e atendeu ao telefonema do médico.

Ele nunca nos pagou nada antes, então isso pode ter deixado minha mãe otimista. Ela deve achar que o próximo passo é Joe aparecer na porta de casa com um pedido de desculpas na ponta da língua e uma promessa de que tudo pode voltar a ser como era quando eles tinham vinte e poucos anos.

Conheço bem demais meu progenitor para saber que isso não vai acontecer. Não sei o que fez ele querer ajudar com a conta, talvez consciência pesada, mas ele ainda prefere qualquer coisa a ter que assumir compromisso e responsabilidade com uma família.

Ele disse várias vezes que ter filhos nunca esteve em seus planos.

Quando o treino chega ao fim, o crepúsculo já tomou conta do céu. Está escurecendo e já não tenho mais certeza se a aula de Kyle poderá acontecer hoje. As pessoas estão começando a ir embora da praia.

Assim que os últimos *Seabirds* saem da água, eles se reúnem ao redor do treinador na areia. Kyle e eu nos levantamos e nos aproximamos, mas ainda ficamos a alguns metros de distância. Depois do término da reunião, os surfistas começam a se dispersar, cada um indo para um lado.

Alguns deles vestem o traje completo da maior equipe de surfe da Carolina do Norte: neoprene de mangas compridas com o símbolo dos *Seabirds* estampado orgulhosamente no peito. Outros, como Arkin, treinam apenas de bermuda e sem camisa.

Vejo de longe Sawyer nos procurar, olhando ao redor. Assim que nos encontra, ele abre um sorriso, jogando os cabelos molhados para trás antes de vir até nós, ainda segurando sua prancha. Jay o acompanha de perto.

Recebo um selinho de Arkin quando ele se aproxima. Kyle quase pula de felicidade perto dele e os dois se cumprimentam com um *high-five*.

— E aí, parceiro, o que achou do treino?

Acho que Sawyer vai se arrepender de ter perguntado, porque, assim que meu irmão começa a falar com toda sua empolgação, parece que não vai parar mais.

Alterno meus olhos para Harlow. Ele está muito sério e quieto. Suas sobrancelhas estão unidas e seus olhos, nebulosos quando ele pergunta baixinho para mim:

— Cadê a Sage?

— Foi embora com o Finn há algumas horas — respondo, me sentindo apreensiva por ele.

Sage tinha que estudar para uma prova e Finn precisava voltar para casa e fazer o jantar para seus irmãos, então eles não ficaram muito tempo aqui na praia.

Jay bufa, frustrado, e passa as mãos pelos cabelos loiros, parecendo estar em um dilema.

— Valeu — agradece ele antes de fazer menção de se virar e ir embora também.

— Tá tudo bem?

Jay volta a me olhar apenas para anuir com a cabeça.

— Eu só precisava falar com ela.

— Deveria ligar, ela atenderia.

— Duvido muito disso.

Então, Jay se vira e anda para longe, na direção da avenida, sem dizer mais nada.

De fato, as coisas entre esses dois são muito confusas.

Levo meu olhar de volta a Arkin e o encontro já me encarando. Há a sombra de um sorriso em seu rosto enquanto meu irmão não para de tagarelar.

— E quanto a aula? — Kyle indaga, ansioso. — Ainda vamos surfar hoje?

— Não vamos surfar hoje, mas essa noite você vai ter uma das aulas mais importantes sobre o esporte.

Tanto Kyle quanto eu franzimos o cenho, sem entender. Sawyer não explica. Em vez disso, nos guia para longe da praia, em direção à rua. Mais especificamente, a um estabelecimento feito de madeira. É uma loja. O entalhe na placa acima da fachada diz *Offshore.*

Assim que passamos pela entrada, me deparo com a visão de diversas pranchas de surfe coloridas penduradas nas paredes. Não só isso, mas há muitas estantes e prateleiras repletas de artigos para o esporte. É um lugar bem legal e diferente de qualquer outro em que já estive.

Uma música suave e praiana toca no fundo.

— Vou guardar minha prancha lá nos fundos — Arkin informa, deixando Kyle e eu sozinhos na loja ao desaparecer em um corredor atrás do balcão.

Meu irmão mal percebe, está hipnotizado demais pelas pranchas.

Minha atenção, por outro lado, é atraída para alguns quadros pendurados na parede de tábuas atrás do balcão onde um vendedor deveria estar. Caminho até lá, passando meus olhos pelas fotografias sob as molduras.

A maioria dos retratos são de surfistas famosos capturados enquanto estavam fazendo sua mágica nas ondas. Mas há um, especificamente, que me faz prender a respiração por um segundo. Nele, há dois rapazes jovens segurando suas pranchas, perto do mar.

Arkin é um deles.

Já o vi em momentos felizes e de diversão, mas acho que nunca o vi sorrir da maneira como faz na foto. Seus olhos irradiam alegria e seu braço está ao redor do outro surfista ao seu lado.

Eric.

Por que sua foto estaria na parede de uma loja de surfe aleatória?

Analiso o retrato mais de perto.

Eric e Arkin eram tão parecidos que poderia ser assustador.

Quando eu era criança e convivia com os irmãos Sawyer, as diferenças entre eles eram tão evidentes para mim que acho que nunca notei todas as semelhanças. Mesmos cabelos escuros e sorriso matador. Por outro lado, Sawyer se tornou mais alto que seu irmão mais velho e mais forte também. Eric era mais magro e tinha muitas tatuagens pelos braços.

Ele estava segurando um troféu de alguma competição de surfe e parecia tão feliz quanto seu irmão. Acho que a fotografia é uma das mais recentes antes da tragédia, o que torna tudo mais triste ainda.

Sonhos que nunca se realizariam estavam brilhando nos olhos de Eric. No momento em que a foto foi tirada, tudo era possível. Ele estava cheio de expectativas, pronto para conquistar o mundo.

Agora está mais claro porque Arkin não fala muito sobre seu irmão. A ferida está aberta. Faz o quê? Cinco anos desde que Eric morreu? É muito recente.

Como se supera algo assim? Principalmente considerando que eles eram apenas adolescentes quando tudo aconteceu.

Só de pensar em perder Kyle, sinto o ar se esvair dos meus pulmões e meu peito apertar de forma sufocante.

Ainda estou imersa nesses pensamentos tristes quando vozes soam vindo do corredor. Elas ficam mais altas conforme se aproximam, até que Arkin surge acompanhado de uma mulher mais velha. Ela parece ter cinquenta e poucos anos, tem cabelos

ondulados num loiro queimado pelo sol e olhos estreitos, com algumas rugas nos cantos.

Ela vira a cabeça para me olhar assim que detecta a minha presença, interrompendo sua conversa com Sawyer.

— Kiera, estes são Blaze e Kyle — Arkin apresenta, vindo para perto de mim com as mãos nos bolsos da bermuda ainda úmida da água do mar. — Pessoal, esta é a Kiera. Ela ensinou tudo o que meu irmão sabia sobre surfe. Depois, Eric me ensinou.

Agora faz sentido a foto de Arkin e Eric na parede, também o fato de Arkin guardar suas pranchas aqui. Sempre me perguntei onde elas ficavam, uma vez que ele não as levava para o apartamento.

Dá para perceber o carinho que Arkin nutre por Kiera. Ele a olha com admiração.

— É um prazer conhecê-la. — Ofereço um sorriso para a mulher, mas ela apenas acena para mim com a cabeça uma vez, meio desconfiada.

Entretanto, seu rosto se suaviza quando seus olhos pousam no meu irmão e ela abre um sorriso amigável.

— Ky, sua aula hoje vai ser aqui — Arkin continua. — Kiera vai te ensinar tudo o que você precisa saber sobre pranchas de surfe.

— Oba! — Kyle comemora, se virando para Kiera.

Ele a faz uma pergunta específica sobre quilhas, seja lá o que isso seja. Quando ela inicia a explicação, desvio minha atenção para Arkin.

Identifico rapidamente o olhar em seu rosto e o sorriso torto de quem sabe mais do que está contando.

— Hoje a aula no mar vai ser com você — ele explica antes que eu pergunte.

Minhas sobrancelhas quase batem no teto e sinto meu ritmo cardíaco acelerar instantaneamente.

— Arkin, eu não entro no mar.

— Vai entrar hoje. — Balanço a cabeça, negativamente. Só de pensar na água do mar me cercando, as ondas batendo contra

meu corpo e me levando, meu sangue gela. O toque quente de Arkin no meu ombro me traz de volta e me forço a concentrar em seu rosto. — Ei, confia em mim?

Hesito.

Já faz muitos anos desde que entrei no mar. Não tenho problema com piscinas, nem nada do tipo. Meu medo se relaciona especificamente com o oceano. As ondas são violentas e o fluxo da água nos carrega para longe da costa. É fácil perder o controle numa situação assim.

O medo percorre meu corpo num calafrio angustiante e sou transportada para dez anos atrás. Lembro do mar me levando como se não fosse nada. As ondas me desequilibrando, me fazendo submergir. Lembro dos meus pés não conseguirem alcançar o solo e da minha garganta queimando quando comecei a engolir água. Lembro de pensar na minha mãe e gritar mentalmente para que ela me salvasse.

Porra, acho que naquele dia gritei até pelo meu pai.

— Gatinha — Arkin chama, então sinto suas mãos em meu rosto, levantando meu queixo até nossos olhos se encontrarem. — Se você não quiser, não fazemos isso. Mas você pode enfrentar e superar qualquer coisa. Não acha que vai se sentir melhor se livrando desse medo?

Respiro fundo, deixando que o calor dos seus olhos gentis me acalmem. Mordo meu lábio inferior, tentando afastar minhas ressalvas.

— Confia em mim — ele pede de novo.

Eu quero. *Muito*.

Ao mesmo tempo, não sei se devo. Quantas coisas poderiam dar errado?

Ainda assim, uma voz dentro de mim me implora desesperadamente para ceder. Para deixá-lo tomar o controle dessa vez.

Droga, me sinto à beira de um abismo, em dúvida se devo ou não dar um passo adiante no que não conheço e não posso controlar. Arkin está me pedindo muito mais do que acha quando

quer que eu confie nele e o deixe me ajudar a enfrentar um dos meus medos.

Normalmente, essa é a hora em que fujo o mais rápido possível. Mas não quero entrar nesse ciclo vicioso de novo, porque ele sempre me leva para o mesmo lugar.

Exalo o ar com força e fecho os olhos. Limpo minha cabeça de todos os pensamentos e preocupações. Me convenço de que vai ficar tudo bem.

Então, dou aquele passo adiante no desconhecido e incontrolável.

Eu caio, esperando que Arkin Sawyer me pegue antes que atinja o chão.

29

Arkin

— Eu confio em você.

Quando essas quatro palavras saem da boca de Blaze, sei que ela não está se referindo apenas à minha tentativa de fazê-la perder o medo da água do mar. A seriedade em seu olhar e tom de voz me dizem que é muito mais do que isso.

E é por isso que não posso foder tudo agora.

Blaze não confia em todo mundo que entra em sua vida. Ela tem mais medo de deixar alguém se aproximar dela do que de se afogar no oceano. Quando percebe que isso está acontecendo, ela se afasta. Foi assim depois do *Easterns*, e após o episódio no hospital... Se eu não a tivesse impedido, teria sido assim depois que transamos pela primeira vez também.

Ela é como um filhote selvagem e arisco, com medo de ser ferido de novo.

Desconfio que, se eu quebrasse essa confiança ou a decepcionasse, seria irreversível. Ela não iria me perdoar de novo. Porra, eu nem sei se ela me perdoou por magoá-la no Ensino Fundamental. Nunca pedi desculpas por isso, porque tenho medo de entrar nesse assunto e ela se lembrar do porquê me odiava.

Tenho vergonha também, porque fui um idiota mimado e insensível. Não sei se é assim que ela ainda me enxerga, mas acho que conseguimos fazer um grande progresso desde que nos reencontramos no início do semestre. Não somos mais quem éramos naquela época.

Esse nunca foi o meu plano.

Não programei me aproximar de Blaze Kingston, nem tentar penetrar suas barreiras, tentar mudar o conceito que ela tinha de mim. Só aconteceu. Foi natural e me pegou antes que eu pudesse prever ou me preparar.

Quando percebi, já estava me importando com a garota que dorme do outro lado do corredor e tomado pelo ímpeto incontrolável de conhecê-la de verdade.

Acho que estou fodido.

Depois de deixar sua bolsa atrás do balcão da Offshore, Blaze me segue de volta para a praia. Sua mão está apertando a minha, buscando segurança nos nossos dedos entrelaçados.

Caminhamos por um tempo até a ponta da praia, onde não há rua ou prédios, apenas árvores e rochas. Não há ninguém aqui a essa hora, o que vai nos dar um pouco de privacidade.

Deixo meus chinelos na areia e Blaze faz o mesmo, mas ela se afasta e fica parada quando começo a entrar na água do mar. As ondas são muito tranquilas nessa área da praia, por isso planejei trazê-la para cá. É mais seguro. De qualquer forma, não pretendo levá-la na parte funda ou pressioná-la.

Tudo tem que ser feito no tempo dela.

Deixo as ondas baixas da beira do mar lamberem meus tornozelos enquanto olho para trás.

Blaze está com os pés fincados na areia. Ela mexe sem parar em seus dedos, nervosa.

A garota está usando um biquíni preto que não posso analisar por muito tempo. Do contrário, não vou conseguir me concentrar na importância do que estamos fazendo. Vou querer levá-la até meu jipe e arrancar o biquíni de seu corpo com os dentes.

Caralho.

Acho que isso é exatamente o que eu quero fazer agora.

Meus pensamentos pervertidos são interrompidos pelo passo incerto que Blaze dá adiante, os pés pálidos e descalços se aproximando cautelosamente da água rasa.

Nunca tive o tipo de medo do mar que Blaze tem, mas fiquei assustado na primeira vez em que caí de uma prancha no *outside.* Obviamente, eu não estava preparado, aos catorze anos, para surfar tão longe no oceano, na parte profunda.

Felizmente, não cheguei nem perto de me afogar, mas o susto me deixou irado. Jurei aos quatro cantos do mundo que nunca mais surfaria na vida.

Naquele dia, Kiera me deu uma lição sobre como superar o medo da água no surfe.

Pelo que entendi, Blaze teme mais as ondas do que a profundidade da água em si.

Bem, a melhor maneira de superar o medo do afogamento é garantindo que você estará preparado se submergir. Uma onda no *outside* pode nos deixar submersos por mais de dez segundos, é por isso que precisamos treinar condicionamento físico, natação e apneia.

Com um bom desempenho cardiorrespiratório, conseguimos, praticando exercícios simples, aumentar o tempo em que suportamos ficar debaixo da água sem respirar. Dominar a técnica ao submergir numa onda também é muito importante.

Portanto, para superar o medo da água é importante ter a confiança de que se está preparado para enfrentar uma submersão sem entrar em pânico. Mas como o medo de Blaze é decorrente de um trauma, acho que pode ser um pouco mais complicado que isso.

— Olhe pra mim, Blaze — peço, quando ela finalmente permite que os pés entrem na água totalmente. Ela levanta a cabeça, seus orbes castanhos e temerosos me encontrando. — Não vamos no fundo. Você não tá em perigo. Eu estou aqui, ok? Apenas sinta a água.

A temperatura está agradavelmente morna, resultado de um dia quente de sol.

Blaze respirou fundo e dá mais alguns passos, a água chegando rapidamente na altura de seus joelhos quando ela me alcançou.

— Só olhe para mim, não se preocupe com o mar ao redor.

— Você não é tão agradável de se olhar, Sawyer — reclama Blaze, com seu usual tom de tédio que me faz rir.

Mesmo tentando disfarçar, a incerteza está mascarada em seus olhos e percebo quando ela busca por segurança, se

aproximando de mim até nossos pés se tocarem sob a água.

— Você adora me olhar, pequena B.

— Gosto apenas de olhar seus músculos.

O vento balança levemente os cabelos castanhos de Blaze e, assim que ela ergue o rosto para mim, um sorriso brincalhão paira em seus lábios. O pôr do sol acende suas íris castanhas com uma luz alaranjada.

Levanto a mão só para colocar uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e poder vê-la melhor. Seu rosto sem maquiagem está um pouco corado pela tarde de sol, seus longos cílios escuros tocam suas bochechas quando ela fecha os olhos, aproveitando o calor suave dos últimos raios solares e a brisa fresca.

Linda.

Blaze Kingston é tão bonita e inalcançável que dói fisicamente quando a olho, porque sei que ela nunca vai ser minha.

Desejá-la é como desejar ter o sol ou o mar. É simplesmente impossível.

— Viu? Não é tão ruim entrar na água.

— Parece bem ruim para mim. — Blaze faz um beicinho manhoso.

— O que será que posso fazer para tornar melhor? — pergunto, sugestivo, apertando sua cintura para aproximá-la de mim.

Seus braços automaticamente vêm para o meu pescoço e ela se coloca na ponta dos pés para diminuir nossa diferença de altura.

— Pode usar essa boca para algo mais útil do que tagarelar.

Sorrio antes de inclinar meu rosto na direção do seu, aproximando nossos narizes até nossos lábios se tocarem. Blaze me abraça, puxando-me para si enquanto me beija, pela primeira vez, com algo além de desejo.

É... *carinho?*

Quando se afasta, Blaze está sorrindo.

— Vamos mais para o fundo — sugere, mas logo acrescenta: — Só um pouco. A água está boa.

Com nossas mãos unidas, guio Blaze para um metro adiante no mar. Agora, a água está na atura do alto de suas coxas.

— Se abaixa — peço, e ela o faz.

Nos abaixamos ao mesmo tempo, para a água cobrir além da nossa cintura. Blaze aproveita para estender os braços e enlaçar as pernas em meus quadris, nos mantendo tão perto quanto o possível.

Ela fecha os olhos e joga a cabeça para trás, aproveitando a sensação de tomar um banho de mar pela primeira vez em muito tempo. A seguro e a mantenho por perto. Quero que se sinta segura para relaxar.

Depois de alguns minutos apenas curtindo a água e a visão privilegiada do pôr do sol de Cardeen Bay, Blaze volta a me olhar pensativa, mordendo o canto dos lábios, receosa sobre alguma coisa.

Depois de várias semanas morando juntos, já aprendi algumas de suas manias. Quando ela quer dizer alguma coisa, mas tem medo, ela morde o canto dos lábios dessa maneira.

— Obrigada por isso — agradece Blaze, depois de respirar fundo. — Acho que nunca teria entrado no mar de novo se não fosse por você.

— Quando vai parar de me agradecer?

Toda vez que Blaze me agradece por tratá-la decentemente, algo me incomoda. Fico pensando em todas às vezes que alguém foi um idiota com ela. Inclusive eu mesmo, várias vezes.

Devo estar doente, porque não sei identificar o momento em que tudo mudou entre nós. Quando paramos de querer nos matar e passamos a procurar conforto um no outro? Quando foi que escolhi jogar todas as minhas regras sobre relacionamentos fora e passei a desejar ver o rosto dela todas as manhãs quando acordo?

Não faço ideia, mas não me arrependo. Talvez, quando Blaze perceber que não sou mais aquele cara, que posso ser responsável e me dedicar a um compromisso, sua ideia sobre sermos *apenas sexo* mude.

É óbvio que já cruzamos essa linha há muito tempo. Não há nada de *apenas sexo* entre Blaze e eu. Sei disso porque todas as

relações que já tive na minha vida foram de *apenas sexo.*

Isso aqui é diferente.

— Quando você parar de ser tão legal comigo.

— Pelo menos agora você e o resto do mundo concordam em algo. Todos sabem que eu sou muito legal. — Cutuco as costelas de Blaze, fazendo-a rir e se encolher. — Não tem que me agradecer por isso, gatinha. Acredite ou não, não é nenhum sacrifício pra mim.

Aprecio esses momentos tanto quanto ela.

Blaze passa a língua entre os lábios, umedecendo-os.

— O que você vai fazer depois que se formar no ano que vem?

Levanto as sobrancelhas, surpreso com sua mudança de assunto.

É um pouco estranho pensar que minha vida vai mudar muito em breve.

No início, via os *Seabirds* como uma oportunidade de conseguir um bom patrocínio. Era apenas um meio para um fim. Depois de três anos com os caras, admito que vai ser difícil abandonar a equipe.

Ainda assim, as possibilidades para o futuro parecem infinitas. Gosto de Cardeen Bay, mas, porra... Não vejo a hora de surfar em vários lugares do mundo.

Tem tantos países que quero conhecer. Vai além do meu desejo de surfar profissionalmente na Liga Mundial. Quero viver tudo o que meu irmão não pôde.

— Não vou descansar até chegar no WCT — resumo.

A divisão de elite é tudo com que um surfista profissional sonha. Estar ao lado dos maiores campeões mundiais. Kelly Slater, Tom Caroll, Andy Irons...

O WCT é a disputa dos melhores entre melhores. Esse tem sido meu objetivo desde que escolhi o surfe profissional. Dois meses atrás, era apenas isso o que dominava minha mente.

Até o furacão Blaze bagunçar tudo.

— Sage disse que o Jay pretende largar a faculdade e surfar em tempo integral — continua ela. — Por que você não faz isso?

Jay nunca se deu bem com os estudos. Ficar sentado numa sala de aula, ouvindo um professor falar por horas a fio, não é a sua praia. Além disso, ele sempre sonhou com o *Big Waves*. Acho que ele gosta mais do que eu de adrenalina, porque é obcecado pela modalidade do surfe que é apenas reservada aos loucos: surfe em ondas gigantes.

Modéstia à parte, tenho facilidade com os estudos e quero ter um diploma. Sei que é o que minha mãe gostaria também. Posso não ter convivido com ela por muitos anos, mas a conheço o suficiente para saber que me apoiaria com a ideia de surfar profissionalmente, mas também iria querer que eu tivesse um plano B.

Meu silêncio se prolonga e a resposta paira em cima da minha cabeça enquanto as lembranças do passado surgem de uma vez e me atingem com força.

Estreito os olhos para Blaze antes de suspirar. Ela continua me encarando e esperando.

Às vezes, queria contar tudo para ela. Queria expor cada um dos meus erros e das decisões ruins que já tomei. Quero confessar minha parcela de culpa no rancor que meu pai nutre por mim e quero dizer toda a verdade sobre a morte de Eric.

Estive mantendo tudo isso guardado tão profundo dentro de mim que parece que isso está me matando lentamente. Não só por causa dos pesadelos que me assombram vez ou outra, mas também porque sinto como se nunca experimentasse paz de verdade.

— Eric e eu fizemos umas merdas imprudentes na adolescência — conto, baixando o olhar para a água cristalina que nos envolve. — Éramos inconsequentes e rebeldes. Nosso pai não queria que a gente surfasse, então surfávamos da maneira mais perigosa possível só pra desafiá-lo. As coisas mudaram quando meu irmão se fraturou e teve que ficar uns meses parado.

“Cogitei, por um milésimo de segundo, ir para a faculdade e cursar Medicina como a minha mãe. Meu pai ficou feliz da vida com

essa possibilidade. Depois que Eric morreu, tudo perdeu ainda mais o sentido. Comecei a trabalhar na loja da Kiera pra juntar dinheiro e não precisar depender do meu pai e foi lá que percebi que nunca seria feliz fazendo nada além do surfe. Ela me ajudou a me reconectar com o mar e com o esporte, a levar o surfe a sério. Foi quando desisti da Medicina. Como você pode imaginar, meu pai surtou. Perdi o resto da credibilidade que ainda tinha com ele. Não podia abandonar a ideia de ir para a Universidade, porque se eu entrasse num bom programa de surfe como os *Seabirds*, então poderia ganhar um patrocínio e não precisar de um centavo da grana do meu pai. É irônico que eu esteja nessa situação agora, dependendo justamente dele."

Se eu conseguir manter meu patrocínio com Scott, vou provar para o meu pai que tudo o que ele pensa sobre mim está errado. Vou superar e deixar o passado para trás. Ao menos, uma parte dele.

Não é só sobre conseguir a aprovação do meu pai, embora eu não saiba porque ainda me importo em tentar conseguir isso. É sobre me libertar também.

Ao menos, um pouco.

Sei que a culpa vai estar presente para sempre e que nunca vou me livrar disso. Nem quero, porque sei que essa é uma penitência mais leve do que eu mereço.

Não conto para Blaze sobre os desafios que Eric e eu fazíamos um com o outro. Também não lhe conto como, se não fosse por mim, ele nunca teria ido a Pipeline e surfado uma onda para a qual não estava preparado. Como ele ainda estaria vivo se eu não fosse um cretino inconsequente.

No fim das contas, acho que ele também estava tentando provar algo. Principalmente ao nosso pai.

O pensamento sobre Eric me faz engolir em seco e meus músculos de retesarem um a um. Cerro a mandíbula, fazendo menção de me afastar, mas Blaze me segura e me impede.

Ela segura meu rosto entre as mãos e se inclina na minha direção, os olhos fixos nos meus. Ela está totalmente séria agora e

me encara tão profundamente que temo que ela consiga ler meus pensamentos e descobrir do que estou fugindo.

— Você não vai perder o patrocínio, Arkin. — Ela passa o polegar pela minha bochecha, acariciando levemente. — E garanto que se seu pai duvidava do seu valor antes, ele não o faz agora. Não depois do *Easterns*. Ele sabe que você é um aluno brilhante?

O canto dos meus lábios se repuxam num sorriso.

— Andou perguntando sobre mim por aí, Kingston?

Ela faz cara de inocente.

— Apenas fazendo minha lição de casa.

Dou risada.

— Gosto do curso de Nutrição Esportiva — digo, dando de ombros. — Quero fazer as coisas da maneira certa daqui pra frente. Depois da morte do Eric, quase me perdi de novo. Não quero sentir isso nunca mais. Quero seguir um plano, pra variar.

Acho que essa é a única forma de não ser surpreendido por mais uma tragédia na minha vida.

Se tivéssemos sido cautelosos, Eric ainda estaria vivo. Se não fosse pelos malditos desafios, nossa obsessão por adrenalina e a vontade de atingir nosso pai de alguma forma, tudo seria diferente.

E não importa o quanto eu tente fugir da realidade, a verdade continua me assombrando. Algumas vezes, a culpa é quase insuportável. Torna tudo mais doloroso.

Pensei que as festas e o álcool ajudariam a anestesiar a dor de saber que fui o responsável pela morte do meu irmão, então mergulhei de cabeça nisso. Mas não ajudou em nada, porque esse sentimento ainda está aqui, me corroendo por dentro. Tudo o que isso fez foi ajudar a piorar minha reputação e me fazer quase perder o patrocínio da Maximus.

— Ei, não faz isso. — Blaze coloca a mão no meu rosto, me obrigando a manter meus olhos nos seus. — Você está se culpando pelo que aconteceu com Eric. Dá pra ver no seu rosto.

— Eu *sou* o culpado, Blaze.

Não vou entrar nessa discussão com ela. Não só porque ela não sabe de toda a verdade, mas porque não estou pronto para

conversar abertamente sobre o que aconteceu com Eric.

Isso ainda consegue mexer comigo, mesmo depois de dois anos. Quando lembro de como foi quando recebi a notícia por telefone, de como as horas de voo até o Havaí foram agonizantes e como minhas mãos tremiam sem parar.

O semblante no rosto do meu pai quando chegamos lá e recebemos a notícia de que Eric não tinha sobrevivido quase me matou.

A apreensão cresce dentro do meu peito e desvio os olhos de Blaze, incapaz de continuar a encará-lo.

— Seu irmão sabia dos riscos do surfe, Arkin. Foi uma tragédia. Não é culpa de ninguém.

Engulo em seco.

Como Blaze olharia para mim se soubesse da verdade? Certamente, ela nunca mais confiaria em mim. Nem me deixaria chegar perto de seu irmão.

— Deveria seguir seus próprios conselhos, sabia? — rebato. — Se culpou depois do acidente da sua mãe e acho que ainda se culpa.

— Talvez, mas estou tentando mudar isso — admite ela.

Quando o silêncio recai entre nós, Blaze não deixa de me estudar com seus olhos perspicazes. Não sei se ela consegue perceber que há mais nessa história do que estou contando, mas me apresso em mudar de assunto.

— Eu ganhei aposta, mereço um prêmio.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Que aposta?

— Aquela que fizemos na roda-gigante — recordo, deslizando minha mão para suas costas, perigosamente perto do nó que amarra seu biquíni. — Disse que conseguiria fazer você enfrentar seu medo do mar.

— Não me lembro de ter aceitado aposta alguma.

— Mas você está aqui, não está? — provoco, aproximando meus dedos do ponto sensível bem abaixo de suas costelas onde

ela sente cócegas. Essa se tornou minha estratégia para desarmar Blaze. — Quero meu prêmio.

— E o que você quer?

Abro um sorriso diabólico.

— Quero que admita que gosta de mim.

Há semanas estou tentando fazê-la confessar, mas Blaze é resistente em seu ódio a mim.

— E o que acontece se eu não fizer isso? — Ela semicerra os olhos em minha direção, mas o ar brincalhão está presente em seu semblante.

A diabinha ama me provocar.

Balanço a cabeça negativamente.

— Você não vai querer descobrir. — Blaze empina o nariz com audácia, mas a diversão está brilhando em seus olhos. — Tem cinco segundos para admitir.

Fico feliz pelo clima descontraído ter retornado. Não quero pensar em mais nada quando estou com Blaze.

— Ou o quê? — desafia Blaze novamente.

— Um, dois, três... — começo a contar, num sussurro ameaçador. Ela arregala os olhos e se afasta, se levantando. — Quaaatro...

Me levanto também e dou mais alguns passos na água, na direção de Blaze.

Dou uma última chance para Blaze dar o braço a torcer, mas, como o esperado, seu orgulho vence.

— *Cinco*.

Kingston dá um gritinho de susto e, antes mesmo que eu faça qualquer movimento, ela sai correndo de volta para a areia, seus passos apressados espirrando água para todos os lados.

Dou risada, mas vou atrás dela.

Ela não tem chance de correr de mim, porque a alcanço assim que ela pisa na areia. A pego pela cintura e a jogo por cima do meu ombro com facilidade, segurando-a de cabeça para baixo.

— *Sawyeeeeer* — berra em desespero, batendo em minhas costas com os punhos e sacudindo as pernas. — Seu cretino.

— Pronta para admitir o quanto gosta de mim?

Provocar Blaze sempre foi meu passatempo favorito, mas ficou ainda melhor desde nosso *status* de inimigos com benefícios. Definitivamente, tudo ficou muito mais interessante depois que conheci a sensação de me enterrar em seu corpo.

— Eu odeio você.

— *Mentirosa*.

Carrego Blaze em meus ombros pela areia, mas então ela começa a se debater como um peixe fora d'água.

Quem imaginaria que uma garota tão pequena pode ser tão forte?

Os impulsos de sua perna no ar me fazem perder o equilíbrio e tropeçar em uma pedra na areia. Caio de cara no chão, conseguindo, no último segundo, estender meu braço para não enfiar o rosto na areia.

Blaze rola por cima de mim, caindo também. Mas ela se recupera rápido, porque, assim que me viro, ela me ataca.

A garota sobe em meus quadris, colocando uma perna de cada lado do meu corpo. Eu poderia ser mais rápido e inverter nossas posições com facilidade, mas quero ver o que ela pretende fazer.

Ela pega meus pulsos e prende meus braços acima da minha cabeça. Em seguida, se inclina para baixo. Sua respiração quente atinge meu rosto e é inevitável descer o olhar até seus peitos.

Eles estão bem na minha linha de visão. Redondos, empinados... *perfeitos*.

— Quem está no controle agora? — sibila, sentindo prazer em me ver sob ela.

Não posso negar que também estou gostando.

Se estivéssemos pelados no meu quarto seria ainda melhor.

Um sorriso sugestivo surge em meu rosto quando desvencilho um dos meus braços de seu domínio. Levo minha mão

até suas costas, na base de sua coluna. Gotículas de água do mar ainda escorrem por sua pele, que está gelada e arrepiada. Vou subindo meus dedos até encontrar o nó de seu biquíni.

Puxo o laço antes que ela possa me impedir. Quando Blaze faz menção de segurar a parte da frente do biquíni, finalmente inverto nossas posições e a coloco debaixo de mim na areia, me alojando entre suas pernas. É a minha vez de prender seus pulsos acima da sua cabeça com uma só mão.

E, diferente de mim, ela não pode escapar.

— *Arkin.* — Ofega Blaze quando levanto seu biquíni, revelando seus mamilos rosados e duros. Ela levanta o quadril, roçando sua pélvis na minha.

Uma onda eletrizante desce direto para meu pau.

Desço meus lábios para o vale entre os seus seios e distribuo beijos até chegar em um de seus mamilos, que rapidamente coloco na boca e chupo devagar. Blaze geme baixinho e se contorce debaixo de mim, o que só me incentiva a continuar.

— Diz que gosta de mim, Kingston — ordeno, baixando minha mão para sua calcinha. A toco por cima do biquíni molhado, fazendo movimentos circulares com os dedos sobre o clitóris.

Blaze joga a cabeça para trás e rebola na minha mão, buscando por mais.

Gatinha insaciável.

— Sawyer? — chama, entre um gemido sôfrego e outro.

— Sim?

— Eu te odeio.

— Resposta errada.

Coloco meus dedos sob o biquíni e belisco seu clitóris. Blaze morde o lábio inferior com força para não soltar um grito.

Me abaixo e volto a lamber e chupar seus seios, alternando entre um e outro, enquanto a penetro com dois dedos. Eles ficam melados com sua umidade. Ela geme, ofega e mexe os quadris de encontro aos meus dedos a cada movimento que faço.

O corpo de Blaze responde ao meu como se transássemos há anos. Não é uma surpresa que o sexo seja tão bom.

Com o polegar, estímulo seu clitóris pulsante, sem parar de fodê-la com os dedos.

Ela está se segurando para não gemer alto, embora estejamos sozinhos nessa parte da praia. Seus dentes estão fincados com força em seu lábio inferior e não posso conter um sorriso de satisfação ao vê-la se contorcendo de tesão sob mim.

Fazê-la gozar pode ter se tornado meu novo passatempo favorito.

E basta que eu dê mais uma mordiscada em seu mamilo para que Blaze exploda em um orgasmo intenso que faz seu corpo todo tremer. Sua boceta se contrai ao redor dos meus dedos, me apertando e ela agarra meus cabelos, se esfregando em mim.

É nesse momento que coloco mais um dedo dentro dela, prologando seu orgasmo até ela sentir que está prestes a entrar em combustão. Blaze levanta os quadris e coloca uma mão na boca, sufocando um grito de êxtase enquanto os últimos espasmos percorrem seu corpo.

Quando ela volta a abrir os olhos, retiro meus dedos lentamente de dentro dela. Mas, antes que eu os possa levá-los à minha boca para saborear com prazer seu gosto, Blaze puxa minha mão para si.

Observo a volúpia transbordar de seus olhos quando ela leva meus dedos para sua boca e os chupa, um de cada vez, provando do seu próprio sabor.

Caralho.

Poderia ter gozado nas calças como um maldito adolescente só com essa visão.

Blaze Kingston não parece ser deste mundo.

Cubro seu corpo com o meu novamente, minha boca buscando a sua. A mão dela encontra caminho para seu lugar favorito: minha nuca, onde ela enrola em seu dedo as mechas onduladas do meu cabelo.

— Você é deliciosa.

Sinto as unhas de Blaze arranharem meus ombros, peito e abdômen, conforme ela desce uma mão até minha virilha para acariciar meu pau por cima da bermuda.

— Quero você na minha boca, Sawyer.

Meu corpo esquenta só de imaginar ter a boquinha atrevida de Blaze Kingston em volta do meu pau. Adoraria ver isso, mas não podemos continuar as coisas aqui nessa praia.

— Em casa — prometo, apoiando minhas mãos na areia para erguer meu corpo. — Onde eu posso tomar meu tempo para te comer bem devagar, do jeito que você gosta.

— Para o seu próprio bem, espero que isso seja uma promessa.

Dou risada, me levantando e ajudando Blaze a amarrar o biquíni de volta no lugar. Está anoitecendo e ainda temos que buscar Kyle.

Se deixar, Kiera poderia ficar a noite toda falando de surfe para o pobre garoto.

— Arkin? — Blaze chama antes que a gente caminhe de volta para o percurso até a Offshore. Paro e me viro para ela.

Blaze vem até mim e enlaça meu pescoço com seus braços, ficando na ponta dos pés para me dar um selinho.

— Eu gosto de você — confessa, baixinho.

Um raio de satisfação dispara dentro de mim, me atingindo direto no peito.

Eu poderia ouvir isso um milhão de vezes.

— Eu sei. — Sorrio, vitorioso, e seguro sua cintura. — Eu também gosto de você, Kingston.

Ela sorri e balança a cabeça, mas a diversão sumiu de seu rosto. Em vez disso, parece ter dado lugar à frustração.

Blaze suspira, apoiando a testa no meu peito. Massageio suas costas, esperando que ela dê voz aos seus pensamentos conflituosos e preocupados.

— Quando isso aqui terminar, vai nos destruir, não vai?

Abro a boca, mas não encontro uma resposta para falar.

Mesmo assim, meu silêncio diz tudo.

Sei o que ela quer dizer. Sei o que isso significa e agora tenho certeza de que Blaze também sabe.

Estamos fodidos.

30

Blaze

— Gostei do relógio — o rapaz sentado ao meu lado diz baixinho, quebrando o silêncio sepulcral estabelecido na antessala onde os candidatos esperam pela audição.

Levanto o olhar da tela do meu celular e observo o relógio infantil do Homem-Aranha que está em meu pulso esquerdo antes de, finalmente, encarar meu concorrente pela vaga na *Global Records.*

Ele é jovem, mas não é um calouro como eu. Tem uma beleza do tipo capa de revista. É alto, tem a pele negra e olhos reluzentes da cor de mel. Seu sorriso é brilhante e há uma covinha em seu queixo. Suas roupas parecem caras e estilosas.

Poderia muito bem estar em uma *boyband.*

Sei que é aluno de Música, mas nunca o vi pelo campus ou em alguma das aulas.

— É o relógio da sorte do meu irmãozinho — explico, pensando em Kyle.

Ele me deu seu relógio hoje de manhã, antes de eu vir para a universidade. Disse que me traria sorte e me faria ganhar.

Duvido que até mesmo o Homem-Aranha possa me ajudar agora. Acho que sou um caso perdido.

Minhas mãos suam tanto que meu celular escorrega entre elas. Meu ritmo cardíaco está tão acelerado que não consigo sentir nada além do martelar incessante do meu coração em meu peito. Tenho medo dos meus dedos tremerem a ponto de não conseguir tocar as cordas do violão no momento da audição.

Nunca fiquei nervosa desse jeito. Quando se trata de música, eu me preparo e executo. Simples assim. Não tenho controle sobre como as pessoas vão reagir em relação aos meus *covers* na internet, mas tento seguir em frente com a certeza de que é impossível agradar todo mundo.

Só que agora me encontro numa situação totalmente distinta. Nada me preparou para isso.

A pior parte é que, se eu não conseguir, não sei se terei outra oportunidade dessas antes de me formar. Essa audição é, *literalmente*, minha última esperança. Antes, ela significava a abertura de uma porta que me levaria ao meu sonho. Agora, significa a única maneira de ter o dinheiro para pagar o tratamento da minha mãe.

Talvez não devesse ser assim, mas é como as coisas são. A vida não acontece da maneira que planejamos ou desejamos. Tento, ao máximo, manter minhas expectativas baixas para não me frustrar ainda mais, mas é tão difícil.

Sem a música, me sinto perdida, como se não tivesse um propósito, um objetivo. Reprimir tudo isso enquanto tento me concentrar em fazer o que preciso não está funcionando muito bem. Me sinto pressionada por mim mesma e os sonhos que temo nunca realizar.

— Aposto que vai mesmo te dar sorte — o desconhecido continua, me lançando uma piscadela. — Sou Gabriel.

Ele estende a mão em cumprimento.

— Blaze — respondo, simplesmente, apertando sua mão.

— Nome legal — elogia, dando mais um de seus sorrisos. Tenho quase certeza de que está flertando. — Você não é a namorada de Arkin Sawyer, é?

— Culpada.

Acho que não há ninguém em Cardeen Bay que não conheça meu colega de apartamento. É engraçado pensar que o conheci quando era apenas um pirralho que fazia travessuras pela vizinhança. Mas não posso dizer que estou surpresa por ele ter se tornado um astro.

Numa cidade pequena e costeira como Cardeen Bay, o surfe tem grande relevância. E, mesmo aos doze anos, Arkin já encantava as pessoas. Não sei se tem a ver com aqueles olhos verdes e singulares ou com sua personalidade extrovertida, mas todos o adoravam.

É claro que eu nunca entendi o porquê, já que ele não era nada além de um cretino comigo.

Dou um breve sorriso para Gabriel e desvio o olhar para meu telefone assim que a tele acende com a chegada de uma nova mensagem.

Effy Richards: *Boa sorte na audição, sei q vai conseguir.*

Effy Richards: *N vejo a hora de estarmos em LA juntas.*

Contenho um grunhido de frustração.

Minha melhor amiga já conta como certa a minha vitória. Se ela soubesse a situação em que me encontro, mudaria de ideia rapidinho.

Antes que eu possa digitar uma resposta rápida e otimista para ela, a porta da antessala é aberta e a garota que tinha entrado antes passa por ela em um choro gutural. Ela está com a mão na boca, tentando conter os soluços, e não espera para sair correndo em direção à saída.

Arregalo os olhos, um nó gigantesco se formando na minha garganta.

Não sou de me assustar com facilidade, mas o estado daquela garota é, definitivamente, alarmante. E eu sou a próxima.

Formidável.

— Kingston — uma mulher com uma prancheta chama, surgindo na porta.

Sinto todos os outros candidatos sentados na sala virarem seus olhos para mim e engulo em seco, me levantando e apanhando a *case* do meu violão que está na cadeira desocupada do meu outro lado.

A mulher que vai me guiar para o palco está vestida com a camiseta da *Global Records.* Seu olhar é severo e me inspeciona de cima a baixo antes que ela gire nos calcanhares e volte pelo corredor atrás dela.

Respiro fundo, tentando apaziguar meus nervos, e vou em direção à porta.

— Boa sorte — Gabriel deseja quando passo por ele.

Maneio a cabeça num agradecimento e entro de uma vez no corredor que vai me levar à apresentação mais importante da minha vida.

Toquei em alguns bares e shows pequenos em Sacramento. Nada muito relevante. A multidão não me apavorou como pensei que iria. Mas, de alguma forma, as quatro pessoas sentadas na segunda fileira do auditório da universidade me deixaram aterrorizada.

Vejo eles assim que saio da coxia e adentro ao palco no qual já estive algumas vezes. Ele nunca pareceu tão grande e assustador quanto agora.

Os holofotes estão todos sobre uma única cadeira no centro do palco. Há um pianista no canto direito, caso algum candidato vá apresentar uma música que necessite desse arranjo instrumental.

Felizmente, tenho meu bom e velho violão comigo.

Os quatro jurados não parecem mais amigáveis do que a mulher que me guiou até o palco. Seus rostos estão impacientes e, quando me analisam, me sinto pequena diante de seus olhares.

— Seu nome? — um deles, uma mulher loira que usa óculos retangulares, pergunta.

— Blaze Kingston — respondo, em alto e bom tom, tentando não me deixar intimidar.

— Qual música vai apresentar para nós hoje?

— *Little Girl Blue* da Janis Joplin.

Amo o quão dolorosamente triste essa música soa na voz da Janis. Foi uma das primeiras que aprendi a tocar no violão. Costumava me conectar muito a ela durante minha adolescência na Califórnia. Provavelmente, é a música que mais toquei na vida.

A sei de cor, de trás para frente.

E estou tomando o risco de cantá-la em vez de uma composição autoral, como o professor Hayword sugeriu. Ele gostou muito da minha letra, disse que ela era promissora. Mas fiquei insegura demais em relação a ela. Acho que, desde que cheguei em Cardeen Bay, estou insegura sobre muitas coisas que não

costumava ficar. Sempre confiei na minha habilidade musical, mas isso se abala sempre que penso na exposição que a música exige.

E, apesar de gostar da composição, não acho que ela seja boa o suficiente para este momento. Espero muito que essa não seja a escolha errada. É o mais seguro, no fim das contas. Além de que *Little Girl Blue* é especial para mim por conseguir traduzir o quão perdida e sem rumo me sinto algumas vezes. Estou mais confiante com ela do que estaria com algo autoral.

— Muito bem, quando estiver pronta.

Respiro fundo e me sento na cadeira solitária. Tiro o violão da *case* e o posiciono no meu colo. Engulo em seco mais uma vez, levantando os olhos para a plateia vazia.

Todas as poltronas, além daquelas quatro com os jurados, estão desocupadas. De alguma forma, isso me deixa mais nervosa. Acho que me sentiria melhor se meus amigos estivessem aqui.

Effy, Finn, Sage...

Arkin.

Exalo o ar entre os lábios e fecho os olhos, rompendo a visão assustadora dos jurados. Começo a dedilhar os acordes. Quando abro a boca, a letra da música sai naturalmente na minha voz.

Não tenho a voz de Janis, muito menos a de Nina Simone, que cantaram essa música da forma mais profunda possível. Ainda assim, a ensaiei tantas vezes que os versos se tornaram familiares em minha voz.

Permaneço toda a performance com os olhos fechados, porque sei que, se eu ver as feições dos jurados, não vou conseguir me concentrar na música. Vou tentar adivinhar o que estão pensando e, certamente, vou me questionar. Não posso pensar nisso agora.

Em vez disso, deixo a sensação da música me preencher. Permito que os acordes e a letra saiam de mim com toda a intensidade que sinto. Deixo que se liberte, como todos os sentimentos e medos que tenho escondido e reprimido.

E, automaticamente, me sinto leve, como se flutuasse. Quase sorrio, porque é a melhor sensação do mundo. É como se tudo

fizesse sentido e se encaixasse, pela primeira vez em muito tempo. Me sinto pertencer a isso, apesar dos meus receios e inseguranças. E agora, me sinto ligada a essa parte de mim, mais do que nunca.

Quando finalizo, ainda continuo com os olhos fechados por alguns segundos, ouvindo o silêncio tomar conta do grande salão do teatro. Quero prolongar essa sensação boa o máximo que puder, porque sei que, assim que pisar fora desse palco, vou colidir contra a realidade. Uma realidade que, talvez, esteja me afastando da música.

É quando o som estridente de palmas explode ao fundo.

Levanto as pálpebras e a primeira coisa que identifico são os quatro jurados virados para trás. Sigo seus olhares e um sorriso involuntário de choque e felicidade surge no meu rosto.

Sawyer está aqui.

E ele está me ovacionando como um louco.

Cubro a boca com a mão para esconder uma risada e me levanto.

Arkin está no fundo do auditório, no corredor que divide os dois grupos de assentos. E ele não para de gritar elogios.

Os jurados lentamente se viram de volta para mim e, por um instante, fico paralisada, sem saber o que fazer. Mas então, um deles, um careca vestido com um terno verde-escuro, apenas diz:

— Obrigado, senhorita.

Acho que eles estão tão chocados quanto eu.

Mas não é só isso.

Sinto o nervosismo se esvair do meu corpo e uma dose relaxante de Arkin Sawyer ser injetada nas minhas veias, me impedindo de parar de sorrir.

Não acredito que ele conseguiu entrar aqui.

Guardo meu violão e, em vez de voltar pela coxia até a antessala onde os convidados esperam, desço os degraus na lateral do palco e passo pelos jurados até o corredor em que Arkin está.

— Ficou maluco? — indago, num sussurro alto. — Não pode entrar aqui.

Mas não estou brava com ele. Nem um pouco. Sequer consigo disfarçar o sorriso delator em meu rosto.

— Sabe que eu gosto de quebrar regras, gatinha. — Ele se inclina para depositar um beijo rápido na minha bochecha. — Não podia deixar que esses almofadinhas fossem sua única plateia.

Ele sussurra a última parte, mas ainda tenho que morder meu sorriso e olhar para trás para me certificar de que os almofadinhas em questão não ouviram. Os quatro jurados parecem concentrados em debater minha performance entre eles.

— Arkin — repreendo baixinho, pegando em seu braço. — Vamos sair daqui.

Puxo Sawyer para fora, mas não consigo conter as risadas.

Quando finalmente saímos do auditório, de volta ao andar principal do prédio da faculdade de Música, relaxo totalmente.

Arkin coloca um braço ao redor dos meus ombros, me aproximando de seu corpo.

— Você foi absolutamente incrível — elogia Arkin, me acompanhando até a saída. — Nunca vi alguém cantar como você.

— Não exagera, Sawyer.

— Não estou exagerando. Você é talentosa pra caralho.

Aprendi que, quando não está me provocando até me deixar à beira da loucura, Arkin gosta de me bajular. Ele sabe fazer uma garota se sentir especial.

Acho que, apesar de suas ressalvas com relacionamentos românticos, ele daria um bom namorado de verdade.

Uma pontada de desapontamento me pressiona por dentro e levo meus olhos para longe dele.

Como seria namorar Arkin Sawyer de verdade? Acho que isso envolveria compromisso e planos para o futuro. Para ele, essas duas coisas se resumem apenas ao surfe.

Quanto a mim... não faço a mínima ideia.

Ainda estou totalmente perdida em relação ao futuro. É uma droga crescer, sair da casa dos seus pais, ir para a universidade e ainda não ter nenhuma ideia a longo prazo, nenhum plano.

Ao menos Arkin sabe o caminho para chegar onde quer. Só sei que quero viver da música. O lugar mais promissor em relação a isso é Los Angeles. Mas, se eu não conseguir um contrato com a *Global Records*, o que vou fazer? Não só em relação aos gastos com o tratamento da minha mãe, mas com a minha vida. Meu futuro.

Daqui três anos e meio, após me formar na faculdade, espero que minha mãe já esteja melhor. Meu irmão estará crescido. Então eu poderia finalmente ir para Los Angeles.

Mas e depois?

Vou de porta em porta nas centenas de gravadoras implorando por uma oportunidade?

Meu pai está nessa há trinta anos e ainda não conseguiu nada. Será que vou acabar igual a ele?

Essa possibilidade me faz estremecer.

As preocupações são varridas da minha cabeça assim que avisto Finn, Sage e Charlie, do lado de fora. Eles estão esperando por nós, porque Sage corre para mim assim que me vê.

Ela me dá um abraço apertado que poderia ter me sufocado se eu não estivesse feliz por vê-la também.

— E aí? — pergunta, eufórica. — Como foi?

Arkin responde por mim.

— Ela arrasou — diz, com orgulho.

Sage dá um gritinho e volta a me abraçar.

Não pensei que essa audição seria tão importante para eles, mas acho que subestimei o quanto se importam comigo. Até mesmo Sawyer.

Principalmente ele, na verdade.

— Temos que comemorar — Charlie diz, se aproximando para me parabenizar também.

— Vocês sabem que eu ainda não fui contratada, né? — Cruzo os braços.

Mas acho que nenhum deles dá a mínima para isso, porque sua empolgação não diminui.

— Mas você *vai*, aí vamos comemorar pela segunda vez — Finn argumenta. — Nenhuma desculpa para beber até cair é desperdiçada, pequena B.

Dou risada, balançando a cabeça. Acho que vai ser impossível convencê-los a desistir dessa ideia. E não nego que tomar uma cerveja me faria bem hoje.

Em seguida, Charlie e Sage entram numa discussão sobre onde a comemoração deve ser feita: na república ou no Outpost. Finn, eventualmente, faz um comentário opinativo.

Arkin e eu apenas observamos o grupo, achando graça. Até que ele baixa sua boca para a altura do meu ouvido e diz, baixinho, para que apenas eu ouça:

— Tenho uma comemoração especial para você mais tarde.



— Essa é a melhor pizza que já comi em toda a minha vida — Charlie diz, entusiasmado, ainda com a boca cheia.

— Você diz isso toda vez que pedimos pizza no Malloney's — Arkin rebate, revirando os olhos.

— O que posso fazer se eles têm a melhor pizza do mundo?

Dou risada, balançando a cabeça.

Estou sentada no sofá da república agora. Ou melhor, Arkin está sentado no sofá e eu estou sentada em cima dele, horizontalmente. Minhas costas descansam contra o braço macio da mobília e minhas pernas estão dobradas, os pés descalços repousando no estofado.

Assim como eu, Arkin tem uma garrafa de cerveja em uma das mãos, enquanto a outra está confortavelmente localizada na lateral da minha coxa, fazendo carinho para cima e para baixo sobre a calça jeans.

É quase fim do semestre, então ninguém teve o pique para mais uma festa. A maioria de nós está atolada com as provas finais. A grande comemoração que Finn, Sage e Charlie quiseram planejar acabou se transformando numa noite tranquila da pizza e do surfe, porque é só isso que os *Seabirds* têm na cabeça.

E é exatamente o que está passando na TV agora. O último treino deles no mar foi filmado e agora eles estão assistindo tudo. Parece que isso é algo que eles fazem regularmente, porque olhar de fora os ajuda a identificarem possíveis falhas técnicas.

Ao menos foi o que Arkin me disse.

— Ali! — Maddox grita, batendo a mão contra a mesa de centro ao lado da qual está sentado, no chão. De soslaio, vejo Finn pular de susto. Maddox pausa a gravação e se levanta, apontando para a tela onde ele está sendo exibido, no meio de uma manobra no ar. — Isso, senhoras e senhores, é um aéreo reverso de *frontside* perfeito. Sawyer, eu deveria te dar umas aulas.

— Espere por isso sentado, Northwood — Arkin murmura antes de jogar uma azeitona no amigo.

É a minha vez de revirar os olhos.

Tem testosterona demais reunida nessa sala. Com sorte, Jay e Lucas não estão aqui. Não sei onde o primeiro deles se meteu, mas o último saiu com Mia. Sage ainda não chegou porque ficou até mais tarde no Meg's, o que significa que sou a única garota aqui.

E os *Seabirds* estão me enlouquecendo.

— Dá logo o *play* e para de falar — Charlie reclama do chão, no lado oposto à mesinha onde várias caixas de pizza estão quase vazias.

— Maddox bufa, mas obedece, voltando a se sentar no chão.

— B, quer o último pedaço de marguerita? — ele pergunta, virando o rosto para mim.

— Mal estou aguentando engolir minha própria saliva de tanto que já comi — reclamo, me sentindo cheia. — Pode comer.

— Beleza.

Três pedaços de pizza são o suficiente para me sentir mais do que saciada. Mas essa quantidade não chega nem perto do limite dos *Seabirds.* Me choquei quando eles pediram dez pizzas, mas agora é totalmente compreensível.

Acho que o próprio Arkin poderia comer uma inteira.

Derek também não fica muito atrás. É engraçado ver Finn se preocupando que seu namorado vai acabar passando mal depois de

comer tanto. A dinâmica entre os dois está ótima, parece que estão num compromisso sério. É bom que não exista nenhuma complicação entre eles nesse sentido.

Eles se jogaram de cabeça no que sentiam e está dando certo.

Espero que continue assim, porque meu amigo merece ser feliz.

— Onde o Harlow se meteu, afinal? — Arkin indaga, checando a hora no relógio em seu pulso.

— Não faço ideia — Maddox responde. — Ele tá esquisito pra caralho nos últimos dias.

— Será que tem a ver com a Sage? — pergunto, preocupada.

— Eu duvido. — Charlie entra na conversa. — Mas seria bom se ela estivesse com o Jay agora. Ao menos ela consegue colocar um pouco de juízo na cabeça dele.

— Vou ligar para ela e ver se eles estão juntos. — Finn toma a iniciativa, puxando o celular do bolso.

Mas antes que ele possa fazer isso, a campainha toca e o tilintar reverbera por toda a casa.

— Deve ser ela — digo, olhando para trás na direção da porta. — Eu atendo.

Com muito custo, deslizo para longe do conforto caloroso do colo de Arkin e me levanto.

Como o esperado, assim que que abro a porta, encontro Sage. Mas ela não está sozinha.

— Effy?

— Surpresa! — Minha melhor amiga se joga nos meus braços, me apertando contra si.

Minha boca está aberta em choque, mas consigo me mover o suficiente para abraçá-la de volta. Nem mesmo senti-la fisicamente está contribuindo para acreditar que ela é real.

Não acredito que Effy está mesmo aqui.

Me afasto para olhar em seu rosto. Ela parece cansada. Seu rosto está sem maquiagem, possibilitando a visão das olheiras escuras ao redor de seus olhos. Ainda assim, ela está tão bonita quanto o possível.

Effy é alta e parece uma supermodelo. Seus cabelos são alaranjados e lisos e estão presos num rabo de cavalo despojado. Ela usa um vestido verde-escuro, jaqueta de couro e botas. Seu rosto é repleto de sardas, que normalmente ela cobre com maquiagem, mas que agora estão visíveis.

— Effy foi no Meg's te procurar — Sage explica, entrando na república. — Ela não acreditou quando eu contei que você estava no covil dos *Seabirds.*

— O que você tá fazendo aqui? — pergunto para Effy, ainda incrédula.

— Hoje era um dia importante, eu precisava estar aqui — diz, colocando as mãos nos bolsos da jaqueta. — Meu voo era para ontem, mas foi cancelado. Sinto muito por perder sua audição.

Quase sinto vontade de chorar.

Conheci Effy no primeiro ano do Ensino Médio. Eu tinha aula de Música e ela de Teatro, então a gente se esbarrava com frequência no auditório da escola. Participamos de uma peça musical juntas e nos tornamos melhores amigas entre um ensaio e outro. Ela era a líder de torcida popular, cheia de amigos, enquanto eu era a menina deslocada tentando se encaixar.

Somos um clichê ambulante.

De qualquer forma, ela é uma das pessoas mais importantes da minha vida e mal consigo acreditar que ela está mesmo aqui.

— Eu...

Não consigo dizer nada, então apenas puxo Effy para outro abraço.

— Estou feliz que você veio.

— Eu também. — Alívio transborda de sua voz e de seus olhos quando voltamos a nos encarar. — Agora você vai ou não me apresentar aos seus amigos atletas?

Sorrio e lidero o caminho para a sala de estar da república. Os cinco rapazes lá estão nos olhando em interrogação.

— Pessoal, esta é Effy, minha amiga de Sacramento — apresento. — Effy, estes são meus amigos de Cardeen Bay.

Aponto para cada um deles e digo seus nomes em voz alta. Depois de seus olhos se prenderem aos de Maddox por mais tempo do que deveria, Effy analisa Arkin com desconfiança.

Ele se aproxima para cumprimentá-la, mas Effy recua, seu olhar alternando entre nós dois conforme ela nos estuda em silêncio. Engulo em seco, fugindo de seu escrutínio.

Se ela me conhece bem — e sei que conhece — ela vai adivinhar, pelo olhar culpado em meu rosto, que estou transando com meu inimigo de infância.

— Ouvi muito sobre você, Sawyer.

— Apenas coisas boas, imagino. — Ele dá um sorriso arrogante que não chega nem perto de amaciar o coração de Effy.

Ela sabe que ele me magoou quando éramos mais novos e o quanto isso me afetou. Effy não vai pegar leve com ele.

— Você não tem tanta sorte. — Ela semicerra os olhos, olhando-o dos pés à cabeça antes de crispar o nariz e sair andando.

Arkin faz uma careta.

— Sua amiga me odeia.

— Ela vai superar — garanto, apesar de não ter tanta certeza disso. — Eu superei.

Dou uma piscadela para ele e vou até a cozinha para pegar outra cerveja na geladeira.

Encontro Effy lá, encostada contra um dos gabinetes da cozinha, os olhos atentos à tela do celular em suas mãos. Uma ruga de preocupação está aparente entre suas sobrancelhas.

Quando ela nota minha presença, guarda o telefone rapidamente.

— Hey. — Oferece um sorriso.

Uso o abridor de garrafas pendurado na lateral da geladeira para me livrar da tampinha da minha cerveja e bebo um gole.

— Hey. — Sorrio também. — Então, quanto tempo planeja ficar?

Ela dá de ombros.

— Não comprei passagem de volta, então acho que vou ficar algumas semanas — diz, pensativa. — Não sei ainda.

Pelo que eu sei, Effy passou o verão fazendo testes de atuação em Hollywood. Ela estava vivendo a vida dos sonhos, curtindo e conhecendo lugares novos.

Em suas mensagens, Effy dizia que estava perto de realizar seus objetivos. No último *story* que vi em seu *Instagram*, ela estava no *set* de filmagens de uma série.

Agora, do nada, ela voa para a Carolina do Norte por tempo indefinido?

Algo está errado.

— Tá tudo bem?

Ela franze o cenho.

— Claro, por que não estaria?

— Não me entenda mal, Effy, eu estou muito feliz por você estar aqui — prometo, com honestidade. — Mas e quanto ao seu trabalho em Los Angeles?

Effy suspira, baixando os olhos para o chão.

— Não tem mais nenhum trabalho em L.A., Blaze.

— O quê? Como assim?

— Eu só preciso de um tempo de toda aquela loucura.

Ela está sendo evasiva, o que significa que tem algo que não quer que eu saiba. Já aconteceu antes e geralmente ela acaba falando depois, só precisa se sentir pronta.

Não vou pressioná-la.

— Tudo bem, fique o tempo que quiser. Vou gostar de te ter por perto de novo.

Ela sorri, esticando o braço para alcançar minha mão.

— Obrigada, B. — Ela aperta minha mão na sua antes de levantar uma sobrancelha na minha direção, o tom do seu olhar mudando. — Mas e quanto a você e o Sawyer?

— O que tem? — Finjo inocência.

— Vocês estão transando.

Suspiro e bebo mais um gole generoso de cerveja.

Como eu disse, não consigo esconder muita coisa da minha melhor amiga.

— Como isso aconteceu? — volta a perguntar.

— Não faço ideia — confesso. — Mas eu gosto.

— Se fosse qualquer outro cara, eu iria ser a primeira a te incentivar. Você passou muito tempo sem se apegar a alguém — recorda, inclinando a cabeça ao me escrutinar. — Mas esse cara já te magoou no passado.

— Eu sei.

— Ele mexe com a sua cabeça, não é?

— Não vai durar, Effy — garanto, falando baixinho para que os outros na sala de estar não ouçam. — Temos prazo de validade pra acabar.

— O que diabos isso significa?

— Depois eu te conto.

Tenho muita coisa para atualizar Effy. As últimas semanas foram malucas.

Minha amiga não faz ideia da confusão em que me meti.

31

Arkin

As semanas passaram rápido e Blaze e eu entramos numa rotina confortável. Acho que nos familiarizamos com a presença um do outro no apartamento.

Não brigamos mais pela água do chuveiro porque, na maioria das vezes, tomamos banho juntos.

Nossa noite de filmes se consolidou aos domingos e se tornou meu dia favorito da semana. Seguimos a mesma dinâmica da primeira vez: cada um escolhe um filme e nós assistimos aos dois.

No último domingo, minha escolha foi *Titanic*. E sim, eu também fiquei pasmo ao descobrir que Blaze nunca tinha assistido ao grande clássico do Leonardo DiCaprio.

Ela garantiu que não choraria no final, mas Kingston não tem o coração de pedra que quer que todos acreditem que tem.

Ela chorou.

Como revanche, ela me obrigou a assistir *Evil Dead* — o clássico de 1981. Blaze tem alguma coisa contra *remakes*.

Mas esse não foi o único filme de terror que assisti nos últimos dias. Foram muitos. Alguns, devo admitir, são muito bons, como *O Exorcista* e *O Iluminado*. Outros, porém, poderiam ter me dado pesadelos.

Por algum motivo, Blaze os assiste como se fosse um passeio no parque.

Sei que já pensei, antes da nossa relação evoluir, que, se eu transasse com Blaze, isso faria ela sair do meu sistema. Bem, não poderia estar mais errado. Não estou nem perto de superar isso.

Kingston está, mais do que nunca, na minha corrente sanguínea.

Seu perfume está impregnado nos meus lençóis, embora não durmamos juntos desde a nossa primeira vez. Blaze sempre volta

para o próprio quarto depois do sexo. Não sei ao certo o motivo, mas faço uma ideia.

Ela não quer se apegar.

Blaze já confessou que gosta de mim e eu consigo ter a certeza disso em seu sorriso o tempo todo, mas ela ainda não está pronta para se entregar totalmente a uma relação.

Porra, nem sei se eu estou. Nunca fiz isso antes. Nunca nem achei que poderia fazer.

Mas por Blaze eu tentaria.

— Sawyer!

A voz do treinador Jenkins interrompe meus pensamentos e pisco, virando a cabeça para olhá-lo.

Os *Seabirds* estão na academia do centro esportivo de Cardeen Bay para nosso treino funcional. A temporada de surfe pode ter acabado, mas nosso ritmo de treinos técnicos e de condicionamento físico não para.

Na verdade, temos que pegar ainda mais pesado. O início do QS é em pouco mais de três meses, afinal.

Cada um dos meus colegas de equipe está fazendo um dos exercícios indicado por Alicia Gibbs, nossa preparadora física. Exceto eu.

Depois do meu alongamento, me distraí e fiquei perdido em pensamentos sobre Blaze em vez de estar treinando como os outros.

— Onde você está com a cabeça? — pergunta Jenkins, com seu tom severo e seu olhar repreensivo.

Ele marcha até mim e alguns dos meus colegas desviam sua atenção dos exercícios para ver o que está acontecendo.

— Eu...

Mas Jenkins não me deixa terminar, ele mesmo responde à sua pergunta.

— Tenho certeza de que não é no *Qualifying Series*.

E não é mesmo. Mas, obviamente, não vou dizer isso em voz alta.

Sei que Jenkins não pega no meu pé apenas para garantir que ainda estou levando o surfe a sério. Ele acredita que posso chegar no CT. Só preciso ser um dos dez primeiros no ranking do QS.

O que eu não vou conseguir se continuar perdendo o foco.

— Desculpe, treinador.

Não tenho justificativa, então apenas suspiro e vou até a treinadora Gibbs para dar início ao treino funcional do dia, esperando que minha mente não comece a vagar novamente.



— O que houve com você no treino hoje? — Lucas pergunta, caminhando ao meu lado enquanto cruzamos o estacionamento do centro esportivo. — Pensando em como você vai ganhar sua liberdade daqui duas semanas?

Não sei do que ele está falando de imediato, mas então lembro que o casamento do meu pai é em quinze dias.

Não o vi desde o almoço desastroso na casa dele, mas sei que ele está mais do que ciente sobre a seriedade do meu namoro com Blaze, já que enviou um convite de casamento para ela.

Também falei com Lisa no telefone, quando ela ligou para garantir que eu ainda pretendia ir à cerimônia, e minha madrasta informou que ela e meu pai estão muito felizes pelo meu relacionamento com Blaze.

Não tem como ela não ter visto todas as nossas fotos nas redes sociais ao longo dos últimos dois meses. Isso sem mencionar como os boatos correm numa cidade pequena como esta. Todo mundo acredita que meu namoro é sério.

Eles não fazem a menor ideia...

Minha reputação de festeiro descompromissado e irresponsável está mudando. Ninguém mais fala sobre as festas malucas que eu costumava frequentar ou sobre os problemas que já causei no passado.

Bem, de qualquer forma, o acordo está perto de terminar. Blaze e eu vamos convencer meu pai e Scott no casamento. Vou

garantir meu patrocínio para o QS e, com sorte, o CT.

Vou embora do apartamento de Blaze e de sua vida.

Tudo vai voltar a ser como planejei. Eu deveria estar feliz.

Então por que diabos não estou?

— Porra, Arkin — Lucas reclama, parando de andar.

Me volto para ele, franzindo o cenho.

— O que foi?

— Esse olhar triste do Gato de Botas que tá na sua cara — aponta, com desgosto. — Você se apaixonou por ela, não foi?

— O quê? — Quase rio. — É claro que não.

Não me apaixonei, não é?

Não posso.

Primeiro de tudo: nunca me apaixonei antes, então não saberia como é. Eu era jovem demais quando minha mãe morreu para poder aprender sobre seu relacionamento com meu pai, então também não tenho nenhum parâmetro.

Nenhum além de Mia, que está apaixonada por Lucas há quase dois anos. E o que ela conseguiu com isso? Nada além de decepção e ausência de reciprocidade.

Durante toda a minha vida, amor e relacionamento sempre foram sinônimos de perda de tempo e de foco no que verdadeiramente deveria importar: o surfe.

Desde que entrei na universidade e comecei a curtir realmente o que vida de solteiro pode proporcionar, estive fugindo de compromisso sério. Era sempre *apenas sexo.* Mas bastou que essas duas palavras saíssem pela boca de Blaze ao definir o que nós temos para que algo mudasse em mim.

Não quero apenas sexo com Blaze. Talvez no começo eu quisesse, mas então a conheci de verdade.

— Se apaixonou sim — contradiz Lucas, incisivamente. — Você está cem por cento apaixonado por Blaze Kingston.

Bufo, olhando para os lados. Ninguém está por perto neste estacionamento para ouvir a nossa conversa.

Abro a boca para negar novamente, mas não o faço.

Passo as mãos pelos cabelos, pensando nela e nos nossos dias naquele apartamento. Penso no som da sua risada e na maneira como seus olhos brilham com diversão quando ela me provoca. Penso na sensação do seu beijo e de passar minhas mãos pelo seu corpo.

E em como sinto que meu dia só começa depois que a vejo pela manhã.

Puta que pariu.

Eu estou apaixonado por Blaze.

— Não importa o que eu sinto — digo, voltando a andar em direção ao carro. — Blaze não quer nada sério comigo.

— Como você sabe?

— Porque ela disse — ressalto, sentindo meu humor mudar completamente. — Ela sempre vai me ver como um galinha irresponsável que não leva nada a sério.

— Sem ofensas, cara, mas você realmente era assim.

— É, eu *era.*

Para Blaze e o meu pai, nunca deixei de ser. Ela ainda não confia em mim totalmente. Nem sei se algum dia irá.

— Deveria conversar com ela e dizer o que sente.

— Talvez.

De qualquer forma, não vou saber se não tentar.

32

Blaze

Acordo com sons de gritos.

Meus olhos se abrem e me sento sobre a cama na penumbra azulada da madrugada, meus ouvidos em alerta. Olho ao redor do meu quarto imerso na escuridão da noite, mas tudo está perfeitamente calmo.

Antes que eu possa deduzir que estava apenas sonhando, mais gritos soam.

— Não! — A voz de desesperada de Arkin me faz saltar da cama e correr até a porta do meu quarto.

Movida totalmente pela preocupação, nem penso antes de sair para o corredor e abrir também a porta do quarto localizado bem em frente ao meu.

A cena que encontro me deixa totalmente paralisada por alguns segundos.

Arkin está deitado de costas na cama, o edredom cobrindo apenas abaixo de sua cintura. Seus braços estão estendidos, as mãos se segurando com firmeza no lençol que cobre o colchão. A testa está franzida como se ele estivesse fechando os olhos com força e sentindo dor.

Ele está tendo um pesadelo.

— Ah meu Deus — sussurro, caminhando para dentro do quarto até a cama.

— Não, não! — volta a gritar, virando a cabeça para os lados como se estivesse fugindo de alguma coisa.

Seu rosto está completamente atormentado, tanto que faz um aperto doloroso surgir em meu peito, como se fosse eu mesma a estar sofrendo pelo pesadelo. Os braços dele tremem e ele se debate sobre o colchão, em agonia.

Me sento ao seu lado na cama e toco cautelosamente em seu ombro, sem saber o que fazer.

— Arkin — chamo, apreensiva. — Arkin, acorde.

Seus cabelos escuros estão grudados na testa e na têmpora pela camada de suor que cobre seu corpo. Ao ouvir minha voz, ele parece apenas apertar ainda mais os olhos para mantê-los fechados, como se não quisesse despertar.

O que diabos está perturbando-o tanto?

Seguro seu rosto, consternada e incapaz de não sentir o mesmo desespero que está afligindo Arkin. Vê-lo assim quebra uma parte de mim.

Me lembra da fase em que Kyle teve terror noturno, aos oito anos. Era exatamente igual. Os gritos, os tremores, o desespero estampado em seu rosto... O médico disse que seus pesadelos eram gerados pelas situações de estresse que meu irmão enfrentava no dia a dia.

Devido à rotina instável que vivíamos em Sacramento, provavelmente.

Mas Kyle nunca me contou o que tinha em seus sonhos que o despertava tanto medo. Depois de alguns dias, o terror noturno desapareceu. Entretanto, não saber o que era capaz de aterrorizar tanto meu irmãozinho sempre me preocupou.

Agora é como se estivesse tendo um déjà-vu.

— Arkin, por favor — peço, passando os dedos por suas bochechas. Sua pele está quente, quase febril, e seu peito sobe e desce com uma respiração urgente e inconstante. — Arkin, acorda!

Quando levanto o tom de voz, seus olhos finalmente se abrem e suas íris verdes e assombradas me encontram. O ritmo de sua respiração começa a se regularizar lentamente depois que ele cobre uma das minhas mãos com a sua, deslizando seus dedos por entre os meus.

— Respire — instruo. — Tá tudo bem. Você está bem.

Arkin entreabre os lábios para facilitar sua respiração e fecha os olhos novamente por apenas um momento, se tranquilizando pouco a pouco.

Não faço a menor ideia do tipo de pesadelo capaz de deixar alguém nesse estado, mas meu coração está martelando

incessantemente em meu peito, tão assustada quanto ele. Testemunhar Arkin dessa forma me deixou com tanto medo que ainda estou um pouco estática.

Arkin estava simplesmente apavorado.

Mais do que isso, ele parecia estar sofrendo.

— Arkin — chamo, num sussurro trêmulo. Ele volta a abrir os olhos. Agora, eles parecem mais calmos. — Você teve um pesadelo.

Sawyer parece começar a se lembrar, porque afasta suas íris das minhas e tira minhas mãos dos seu rosto, se levantando.

A impotência me mantém parada no mesmo lugar e apenas observo Arkin se sentar na beirada oposta da cama, de costas para mim. Sua cabeça está baixa e percebo a tensão mantendo seus ombros rígidos.

Seja lá com o que ele estava sonhando, não era apenas um sonho. É algo que realmente o afetou. Deu para ver nos seus olhos antes e agora na maneira como ele está querendo fugir em vez de me encarar.

E eu quero que ele compartilhe isso comigo. Quero que sinta que pode abrir e quero poder ajudá-lo.

— Me diz o que houve — peço, ainda aflita pelo anseio de afastar o que está atormentando-o. — *Por favor.*

Ele não responde de imediato e, por um par de minutos, sua respiração pesada é o único som que prevalece no ambiente.

Até que a voz de Arkin soa, extremamente rouca.

— Ele bateu a cabeça numa pedra pontiaguda em um *reef*. — No mesmo instante, meu corpo fica tão tenso quanto o dele, meu olhar fixo em suas costas nuas. Sei imediatamente de quem ele está falando, o que torna o aperto em meu peito ainda mais intenso. Arkin faz uma pausa longa e torturante antes de continuar: — Sofreu traumatismo craniano e teve hemorragia cerebral. Mesmo se não tivesse se afogado, teria morrido pelo sangramento.

Suas palavras transbordam de uma dor que parece quase insuportável e, cada uma delas, parte meu coração.

Junto minhas mãos e as aperto uma na outra, tentando segurar meu choque, mas é impossível. A crueza com que Arkin

detalha a morte de seu irmão me paralisa, porque sei que ele está apenas colocando para fora as coisas que mantém guardado para si mesmo, sofrendo em silêncio, por muito tempo.

Consigo sentir a dificuldade que ele tem em dizer tudo em voz alta e me identifico com isso. Como eu, parece que ele não costuma se abrir com frequência. Ao menos, não quando o assunto é a morte de seu irmão.

— Às vezes, sonho que estou na areia, assistindo tudo sem poder fazer nada. — Continua Arkin, a voz ainda mais sombria do que antes. — É como se meus pés estivessem fixos no chão, porque não consigo me mover. Não consigo salvá-lo.

Sinto meus olhos arderem com o anúncio das lágrimas iminentes e pisco, tentando afastá-las, mas não consigo.

Arkin consegue transmitir toda a dor, o medo e a impotência em suas palavras e tudo isso me atinge como uma onda arrebatadora.

Consigo imaginar Eric no mar, desesperado. Mais do que tudo, consigo me colocar no lugar de Arkin.

Cinco anos não são suficientes para superar algo assim. Droga, talvez nem uma vida inteira seja suficiente.

Todos os dias, Arkin sai de casa e vai para o mar. Provavelmente, se lembra de Eric toda vez em que sobe numa prancha, pensando em como aquilo que eles tanto amavam tirou a vida de seu irmão.

É por isso que a culpa que Arkin sente e emana é tão palpável que chega a ser quase sufocante. Tudo isso é demais.

— Arkin... — gaguejo, sem saber o que dizer para tentar confortá-lo.

Ele vira ligeiramente a cabeça para trás, me olhando por cima de seu ombro.

— Por favor, não diga que sente muito. — Me calo instantaneamente. — Eu o mandei para lá. A culpa é minha.

Não.

Não vou deixá-lo se culpar por isso. Esse é um fardo pesado demais para Arkin carregar. Para qualquer um carregar, na verdade.

Subo por inteiro na cama e vou até o outro lado, onde Arkin está sentado, encarando as próprias mãos em seu colo. O abraço por trás e colo minha bochecha em suas costas, sentindo sua pele quente ardendo contra a minha. Ele permanece imóvel sob meu toque.

— Não pode se culpar por uma tragédia, Arkin.

— Posso sim, porque eu o desafiei a surfar em Pipeline. — Sua confissão me pega de surpresa e arregalo os olhos. — Não achei que ele iria. Nem em um milhão de anos pensei que ele iria viajar até o Havaí só pra cumprir um de nossos desafios idiotas.

Franzo as sobrancelhas, sem entender.

— Que desafios?

Instantaneamente me recordo do que Mia disse sobre a imprudência de Arkin na adolescência. Ele mesmo me disse, quando entramos no mar, que ele e seu irmão surfavam de maneira imprudente para desafiar seu pai.

Mas nunca imaginei que tivesse ido tão longe assim.

— Meu irmão e eu tínhamos um jogo quando éramos adolescentes. Nós nos desafiávamos a surfar em condições perigosas, como durante a noite ou em tempestades, e a fazer manobras complicadas. Isso deixou meu pai maluco. Algumas pessoas sabiam o que fazíamos, iam lá para assistir. Quando Eric rompeu um ligamento depois de um dos desafios estúpidos, soube que era o momento de parar. Algo pior poderia acontecer se continuássemos assim.

“Nosso pai ficou furioso, disse que sabia que isso ia acabar acontecendo. Ele pensou que nunca mais surfaríamos depois disso, mas essa ideia não estava em nossos planos. Quando Eric disse que voltaria a surfar depois que se recuperasse, Thomas surtou e o expulsou de casa. Depois disso, Eric disse que ia provar que estava bem, que conseguia. Pediu para eu desafiá-lo. Eu disse que não era uma boa ideia, mas ele insistiu tanto que disse para ele surfar em Pipeline, um dos *spots* mais difíceis e desafiadores de surfar. Pensei que isso iria intimidá-lo.

Nunca imaginaria que ele realmente iria, mas Eric foi, mesmo sabendo que não estava pronto e totalmente recuperado da lesão. Em um fim de semana qualquer, ele simplesmente me ligou pelo *FaceTime* e mostrou onde estava. Não acreditei que ele ia mesmo fazer essa loucura."

Arkin é interrompido por um soluço e ele se encolhe. Não consigo ver seu rosto, mas sei que está chorando. Sei disso porque meus olhos também estão marejados. Consigo sentir a agonia de Arkin, o peso de seus arrependimentos e a culpa que ele tem carregado por cinco longos anos.

Tudo isso é evidente em sua voz e na maneira como ele conta como tudo aconteceu. Não preciso ver seus olhos para saber que eles estão mais assombrados do que nunca.

O abraço com mais força, como se isso pudesse apaziguar seus demônios internos e afastar toda aquela dor.

— Você não sabia que ele ia mesmo até lá, Arkin. Se soubesse, teria impedido.

Arkin mesmo disse que sabia que era loucura, por isso falou em Pipeline. Achou que Eric também pensaria assim, mas acho que seu irmão estava desesperado demais para tentar provar algo para si mesmo e, principalmente, para seu pai.

Eles eram apenas adolescentes, no fim das contas. Sim, eram imprudentes e faziam bobagem, mas que jovem da sua idade não faz isso? Eu mesma fiz um monte de besteiras que me colocaram em perigo quando era uma adolescente jovem e rebelde na Califórnia.

Claro que era diferente, porque eu tinha que tomar conta de Kyle, mas isso não me impediu de descontar minhas frustrações e revoltas em noites de festa e bebedeira. Acho que poderia ter sido pior se eu não tivesse a responsabilidade sobre meu irmãozinho sempre pairando em meus ombros, me impedindo de ir muito longe nas loucuras.

Arkin não pode tomar para si a responsabilidade pela morte de Eric por causa disso. É tortura demais.

Agora consigo entender por que Arkin disse que se culpava, quando estávamos no mar. Também compreendo, finalmente, o motivo de Alex ter insinuado, um pouco antes do *Easterns,* que Arkin era responsável pela morte do irmão. Foi por isso que Mia o chamou de covarde. Ele realmente é um filho da puta covarde por ter usado algo tão pesado para afetar Arkin em sua rivalidade ridícula.

— Eu daria qualquer coisa para trocar de lugar com ele — murmura Sawyer, embargado pelo choro.

Fecho os olhos, apoiando minha testa em suas costas. Meus braços estão ao redor de sua cintura, segurando-o contra mim tão forte quanto sou capaz.

— Eu sei, mas você não pode — digo, desejando que tudo isso entre em sua cabeça e mude a forma como ele tem enxergado as coisas. — Sei que você teria impedido Eric se soubesse que ele ia mesmo para lá. Mas você também não pode voltar no tempo.

— Ainda assim, a culpa é minha.

— A culpa é tão sua quanto de Eric, se quiser insistir em ver as coisas dessa forma — argumento. — Ele insistiu em continuar com os desafios, mesmo já tendo se machucado. Além disso, ele conhecia os riscos de surfar em Pipeline. Ele quis enfrentá-los, Arkin.

Todo mundo que tem contato com o surfe já ouviu falar, em algum momento, sobre *Banzai Pipeline.* Além de ser um dos destinos do tour do WCT, é um local visto por muitos surfistas como um desafio. A meta de muitos deles é surfar lá. As ondas são grandes e cativantes, mas também violentas e perigosas.

Isso porque a costa é composta por diversos *reefs* de corais rasos, que podem ser letais em um acidente.

Eric tinha o conhecimento disso, mas ele foi mesmo assim, igual a outros milhares de surfistas que enfrentam as ondas de lá todos os anos.

O que aconteceu ao irmão de Eric é uma tragédia e entendo o motivo de Arkin se autoflagelar com a culpa. Eu faria a mesma coisa se isso tivesse acontecido comigo. Acho que é impossível não

se sentir responsável nessas circunstâncias, mas isso não significa que exista, de fato, uma culpa.

E acho que isso está o matando por dentro há anos.

— As pessoas chamam isso de acidente por um motivo, Arkin, porque não temos como controlar — continuo, me lembrando de todas as vezes que já li sobre acidentes envolvendo surfistas. Alguns acontecem até mesmo em praias comuns, que não são *spots* de surfe e, nem de longe, tão perigosas como Pipeline. — Não podemos prever o futuro, nem mudar o passado.

Arkin vira o rosto para mim. Suas sobrancelhas estão unidas, um vinco profundo entre elas. Mas sua expressão se suaviza assim que nossos olhares se encontram.

— Nunca contei nada disso para ninguém além de Mia e Lucas — admite, passando os olhos pelo meu rosto, como se analisasse algo. — Exceto pelo meu pai. Tive que dizer a ele o motivo do meu irmão estar no Havaí, quando o hospital o ligou para informar sobre Eric. Acho que, depois disso, ele passou a me odiar ainda mais.

Arkin dá um riso anasalado sem humor, afastando para trás os cabelos que caem em sua testa.

Me endireito e deslizo para o seu lado para poder ver seu rosto.

Thomas Sawyer pode ser um homem severo que está acostumado que todos façam tudo do seu jeito, mas duvido que ele realmente odeie o próprio filho. Há muito ressentimento entre os dois, isso ficou nítido naquele almoço, mas acho que, no fundo, o pai de Arkin o ama e se importa com ele. Obviamente, ele tem uma péssima forma de demonstrar isso, mas, se ele realmente odiasse Arkin, não teria lhe ajudado com o patrocínio. Nem sequer se importaria se o filho continuasse surfando, apesar do perigo.

Acho que ele tem medo de perdê-lo da mesma forma que perdeu Eric.

— Seu pai não te odeia, Arkin.

— Como pode saber?

— Bem, porque acho que é impossível que alguém que realmente te conheça te odeie.

Ele umedece o lábio inferior com a língua antes de sorrir. A expressão atormentada se atenua lentamente e dá lugar ao semblante típico de Arkin Sawyer, ao qual sou tão familiarizada e que aprendi a gostar.

Também aprendi a gostar de seu sorriso de canto e de suas piadinhas levemente arrogantes. E de como ele flerta descaradamente e me despe com os olhos toda vez que me vê.

Mais do que tudo, aprendi a gostar de como meu corpo desperta na sua presença, da maneira que meu coração bate mais rápido e das borboletas que se agitam no meu estômago quando ele me toca.

Acho que passei minha adolescência buscando sentir tudo isso, mas depois de tanto tempo, pensei que nunca aconteceria comigo.

Queria poder ler a mente de Arkin e descobrir se o faço sentir da mesma forma.

— Você costumava me odiar — recorda ele, com um tom divertido que desperta o brilho sacana em seus olhos.

— É verdade — admito. — Acho que não é tão impossível, no fim das contas.

Mordo meu lábio inferior para segurar um sorriso e, neste exato momento, o olhar de Arkin baixa para minha boca e ele volta a ficar sério. Em seguida, ele levanta uma mão e toca meu rosto, contornando o formato dos meus lábios com a ponta dos dedos.

— Você não tem ideia do quanto eu amo esse seu sorriso.

Sinto minhas bochechas corarem e desvio os olhos.

Arkin consegue fazer algo dentro de mim se aquecer toda vez que está por perto. Ao mesmo tempo que é uma sensação boa, sei que não é um bom sinal.

Nosso namoro falso está perto de chegar ao fim e, quando Arkin diz essas coisas para mim, me encho de uma esperança que sei que não deveria sentir, porque só vai tornar mais doloroso quando tudo acabar. E *sei* que vai acabar. Arkin vai partir e voltar

para a sua vida de antes, porque sou apenas mais um capítulo de seu livro de aventuras, um que ele vai superar antes de seguir para outra.

— Você não pode dizer coisas assim.

— Por quê?

Dou um suspiro e faço menção de me levantar da cama. Contudo, antes que eu possa, Arkin agarra minha cintura e me puxa para o seu colo. Por instinto, me apoio em seus ombros, minhas pernas indo parar na lateral de seus quadris.

A contragosto, levanto meu olhar para ele assim que Arkin volta a tocar meu rosto, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Não pode fazer eu me apaixonar por você, Sawyer — digo, olhando diretamente para dentro de suas íris extraordinariamente verdes. — É muito cruel.

Não posso deixá-lo quebrar meu coração pela segunda vez, porque não sei se eu conseguiria superar isso.

— Não temos que nos apaixonar, Kingston — argumenta, descendo o toque quente da sua mão para o meu pescoço. Um sorriso descontraído surge em seu rosto logo antes dele dizer: — Podemos ser inimigos com benefícios para sempre.

Dou um sorriso fraco.

— Não somos inimigos, Arkin.

Se fôssemos, seria muito mais fácil.

— Eu sei.

Então, ele me beija.

Quando sua boca encontra a minha, sinto como se gerasse faíscas. Uma corrente elétrica percorre todo o meu corpo instantaneamente, despertando cada sentido meu.

Me agarro a Arkin como se ele pudesse desaparecer a qualquer instante e deixo minhas mãos percorrerem seu torso nu enquanto seu gosto se mistura ao meu em uma explosão quente. Ele chupa e morde meus lábios como se quisesse me devorar.

E é exatamente isso o que ele faz toda vez que transamos. Ele não fode apenas meu corpo, mas me arruína para sempre. Porque acho que nunca vou sentir essa conexão com outra pessoa. Meu corpo nunca respondeu a alguém como responde a cada toque e beijo de Arkin.

É como se ele tivesse decorado o manual de instruções do meu corpo, porque ele sabe exatamente como me levar à loucura.

Pressiono meu quadril contra o seu numa fricção lenta e torturante, enquanto Arkin desce seus beijos para o meu queixo, percorrendo a linha do meu maxilar com a boca até alcançar meu pescoço.

Levanto os braços para o alto no mesmo instante em que ele puxa para cima a camiseta que uso como pijama, jogando-a no chão logo em seguida. Seus beijos e lambidas continuam descendo pelo meu colo até ele colocar um mamilo intumescido na boca.

Jogo a cabeça para trás, fechando os olhos e afundando meus dedos na bagunça de seus cabelos conforme Arkin chupa e mordisca a ponta do meu seio. Giro meus quadris sobre os seus, rebolando devagar em sua ereção. Um som rouco de prazer sai de sua garganta e ele aperta minha cintura com mais força.

Seus olhos cheios de lascívia se prendem aos meus e ele retira uma das mãos que uso para me segurar em seus ombros e a guia lentamente para baixo, até o cós da minha calcinha. Seus dedos levam os meus até o clitóris inchado.

— Quero ver você se tocar enquanto rebola no meu pau — diz, sua voz enviando um arrepio de tesão direto para meu baixo ventre.

Faço o que ele pede.

Coloco meus dedos por dentro da calcinha, me encontrando úmida e quente, e os giro sobre meu clitóris. Nem sequer me esforço para conter os gemidos ofegantes que se acumulam em minha garganta.

Aumento a velocidade quando Arkin segura minha cintura e dita os meus movimentos para frente e para trás, me esfregando em sua pélvis e, consequentemente, nos meus dedos.

Fecho os olhos apertados, sentindo o acúmulo daquela tensão gostosa crescer. Meus dentes afundam em meu lábio e, com a outra mão, agarro meu seio esquerdo, massageando-o.

O pau de Arkin está duro sob mim e estou prestes a acabar com essa tontura e tirá-lo da cueca para montá-lo sem nada entre nós quando sinto um tapa ardido estalar em minha bunda.

Gemo alto, despencando contra o peito de Arkin enquanto ele continua movendo meus quadris, pressionando-me para baixo contra seu pau enquanto rebolo. Sinto minhas pernas começarem a tremer quando transbordo, colidindo contra um clímax intenso que me faz perder a força sobre meu corpo e enxergar fogos de artifício explodindo atrás das minhas pálpebras.

Mal atravessei o orgasmo totalmente quando Arkin perde todo seu autocontrole e me vira na cama, arrancando minha calcinha com uma pressa quase bruta. Me contorço sobre o colchão, ansiosa para senti-lo finalmente dentro de mim.

Arkin toma seu tempo para me observar nua em sua cama, os olhos transbordando de desejo enquanto passeiam por cada centímetro do meu corpo.

Deslizo meus dedos por entre as dobras quentes e molhadas da minha boceta, voltando a estimular meu clitóris sem romper o contato visual.

— Você vai vir logo ou vou precisar terminar sem você?

Um sorriso diabólico cresce em seu rosto e ele toma isso como um desafio, porque se apressa em apanhar um pacote de camisinha, rasgá-lo com os dentes e deslizá-lo por seu pau. Tudo isso em velocidade recorde antes de ele se virar de volta para mim.

— De quatro, Kingston.

Levanto as sobrancelhas, em surpresa.

— Acha que você me dá ordens, Sawyer?

— Quando estamos fodendo, sim — diz, autoritário. — A menos que queira terminar sem mim.

Me seguro para não sorrir com seu atrevimento quando ele usa minha própria ameaça contra mim.

— Você é muito corajoso.

O cretino sabe que nossas provocações me excitam. Gosto quando ele revida, porque, de um jeito ou de outro, eu sempre ganho.

Não consigo mais esconder o sorriso quando me viro e faço o que ele mandou. Me apoiando em meus antebraços, empino a bunda e mais um tapa estala antes que Arkin me penetre de uma só vez, me fazendo gritar alto.

Sawyer me segura pela cintura enquanto me fode duro e rápido, me atingindo tão fundo que é impossível não enlouquecer. Me seguro no lençol sobre o colchão, sem conseguir controlar o prazer que volta a tomar meu corpo. Meus seios saltam com a intensidade de suas investidas e sinto como se estivesse prestes a explodir.

Os gemidos sôfregos que saem da minha boca parecem apenas incentivar Arkin, que vai cada vez mais forte e intenso.

E antes que eu possa atingir o orgasmo novamente, Arkin sai de dentro de mim. Solto um grunhido de protesto, mas logo ele me vira novamente, se deitando por cima de mim entre minhas pernas, nossos olhos se conectando.

Abraço seu corpo quente contra o meu, inalando o cheiro de seu perfume misturado à suor e sexo.

É ótimo transar de quatro, mas nada se compara à sensação do meu peito colado ao de Arkin, nossas peles se encostando e deslizando uma sobre a outra. Isso aqui é como o paraíso e quando ele guia seu pau de volta para à minha entrada, sinto o dobro do prazer, só por poder tocá-lo.

Pode ser um pouco careta, mas é minha posição favorita. Ao menos, quando se trata de Arkin Sawyer. E acho que ele sente a mesma coisa, porque diz:

— Gosto de olhar para o seu rosto quando te faço gozar.

Ele volta a me foder, mas dessa vez faz devagar, aproveitando nossos corpos unidos como se fosse a última vez. Puxo seu rosto para o meu, beijando-o também como se fosse a última vez.

Passo as unhas por sua nuca, arranhando do jeito que sei que ele gosta. Arkin quase ronrona na minha boca e, em resposta, coloca uma mão entre nós. Ela desce até que seus dedos alcancem meu clitóris e, assim que ele começa e me masturbar, atinjo o segundo orgasmo, gritando seu nome. Sawyer se afasta para ver o prazer em meu rosto, mas também não dura muito tempo.

Os espasmos ainda estão percorrendo meu corpo quando Arkin goza, enterrando a cabeça em meu pescoço e permanecendo lá por alguns segundos.

Nossos peitos se movem em conjunto com o ritmo de nossa respiração ofegante e acaricio seus cabelos suados, aproveitando a sensação antes que finalmente termine.

Quando Arkin rola para o lado e sai da cama para se livrar do preservativo, me levanto também. Pesco minha camiseta no chão e a visto.

Esse é o momento em que vou para o meu próprio quarto, dormir sozinha, mesmo não querendo. É mais fácil assim.

Estender minhas noites na cama de Arkin, dormindo embalada pela segurança de seus braços e a fragrância de seu perfume, só vai servir para me iludir.

Dessa vez, porém, hesito em sair. Não sei exatamente o motivo, mas tudo o que quero é rastejar de volta para a cama com Sawyer.

— Dorme comigo hoje. — A voz de Arkin soa do outro lado do quarto, atraindo minha atenção.

Sei que ele não vai me pressionar se eu recusar, mas seu pedido é tudo o que preciso para afastar os pensamentos racionais da minha cabeça e voltar a me deitar na cama quente.

Depois de vestir de volta a cueca boxer preta, Arkin desliza atrás de mim no colchão. Ele me puxa para colar minhas costas em seu peito e o calor de seu corpo me envolve imediatamente num conforto que desejo que possa durar para sempre.

Sinto sua respiração em meu pescoço e fecho os olhos. Arkin passa um braço por cima da minha cintura e se aconchega a mim.

Dou um sorriso ao pensar em como o grande e inatingível Arkin Sawyer gosta de dormir de conchinha.

Na verdade, tenho que admitir que mudei meu conceito sobre carinho pós-sexo. Ou, talvez, eu só goste de carinho pós-sexo com Arkin.

— Blaze — Arkin chama quando estou quase cedendo ao sono.

— Hum?

— Me desculpe por ter lido o seu diário. — Abro os olhos de novo, encarando nada além do escuro do quarto. — Eu deveria ter dito isso antes. Quero que saiba que me arrependo.

Engulo em seco, franzindo o cenho.

De repente, sou transportada de volta aos doze anos de idade, quando eu passava as aulas do Ensino Fundamental encarando Arkin Sawyer do outro lado da sala. Esperava ansiosamente pelo horário do almoço, porque eu sabia que ele viria até mim só para implicar comigo.

Eu provocava de volta, porque esse era o nosso jogo. Ele apenas ignorava as outras garotas e, às vezes, até os seus amigos só para passar seu tempo pegando no meu pé. No fundo, eu gostava de ser o alvo de sua atenção. Gostava de infernizá-lo também.

Até que ele foi longe demais e roubou meu diário do meu armário.

— Pensei que era apenas uma agenda — continua ele. — Se eu soubesse o que estava escrito nele, não teria lido em voz alta no refeitório.

Essa foi a pior parte. A humilhação. Todos começaram a zombar de mim por ter uma *paixonite* por Sawyer e por descrevê-la com detalhes em todas as páginas do meu diário. Claro que alguém teve que filmar quando Arkin leu tudo em voz alta.

A gravação foi parar no *Facebook* e todos pegaram no meu pé por isso durante meses.

Escrevia meus sentimentos naquele diário porque não tinha para quem contar, nenhum amigo próximo. Por isso doeu tanto e

demorei a esquecer e superar meu ódio por ele.

Mas Arkin e eu não temos mais doze anos.

Não estava mentindo quando disse a Arkin que é impossível odiá-lo depois de conhecê-lo de verdade. Nem se eu quisesse conseguiria. O sacana me conquistou.

Agora sei que não tem mais volta, porque meu medo se concretizou. Parece que isso está claro há semanas, mas só agora consigo enxergar.

— Eu te perdoo, Arkin.

Eu o perdoo por me fazer odiá-lo, mas nunca vou perdoá-lo por ter feito me apaixonar por ele.

33

Arkin

O cheiro do café da manhã tomou toda a cozinha, como de costume.

Enquanto os ovos e bacon fritam na frigideira, mantenho um olho no fogão e o outro na folha de papel em minha mão, onde está impresso meu artigo de quinze laudas para a aula de Bioquímica. Acho que já reli tudo umas dez vezes, mas ainda acho que está ruim.

Talvez não *ruim*, mas com certeza não é bom o suficiente.

O Dr. Peltz, nosso professor, não passa nenhuma prova ou avaliação em sua matéria, mas os artigos que ele nos obriga a escrever são piores do que qualquer outra coisa. A rigidez de Peltz não ajuda em nada. Seu maior hobby é reprovar todos os alunos que não atingirem a média de nota, até mesmo aqueles que estiverem precisando apenas de uma fração risível de pontos para passar.

O cara é cruel.

Hoje é o dia da entrega do maldito artigo acadêmico. E tudo o que posso fazer é torcer para atingir a nota mínima, porque sou péssimo nessa disciplina.

Afasto o artigo para retirar o café da manhã da frigideira e o sirvo em dois pratos na bancada da ilha. Também checo o café preto sem açúcar que Blaze toma religiosamente em grandes quantidades. A cafeína é praticamente o combustível dela.

Ela ainda está dormindo, mas vou ter que acordá-la antes que se atrase para a aula.

Pensar em Blaze me faz lembrar da noite anterior. Já tive pesadelos envolvendo meu irmão algumas vezes, mas nunca tive uma reação tão forte como ontem.

Quando Blaze me viu naquele estado, senti medo. Me senti mais vulnerável do que nunca. A sensação ruim logo passou,

porém. Tê-la por perto fez eu me sentir melhor. Mesmo se ela não tivesse tentando me consolar e só ficado ali em silêncio ao meu lado, já teria feito toda a diferença.

A culpa ainda está aqui e, honestamente, não vai sumir tão cedo. Não depois de cinco longos anos em que tudo o que consegui pensar era em como tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse agido diferente. Mas Blaze está certa, preciso administrar essa culpa em vez de deixá-la me consumir.

Afinal, não há como mudar o passado.

Estou quase indo em direção ao meu quarto, onde Blaze ainda está, quando a campainha toca e me faz bufar.

São sete da manhã, porra.

Apanho uma camiseta minha que está jogada no aparador e a visto antes de abrir a porta e me deparar com Thomas Sawyer, em seu terno de grife e habitual olhar desaprovador.

Dou um suspiro cansado e cruzo os braços.

— Oi, pai — cumprimento, sem nenhum entusiasmo. — O que faz aqui tão cedo?

Sei que não deve ser por um bom motivo. Dá para ver pela expressão em seu rosto que ele não está nem um pouco feliz. Na verdade, não me lembro do último encontro feliz que tive com meu pai.

Entre nós há apenas um clima desagradável decorrente de anos de ressentimento.

— Deve ter esquecido que temos o mesmo contador. — Sua voz é severa e, por um segundo, franzo cenho sem entender, mas logo a compreensão recai sobre mim e murmuro um palavrão. — Precisava saber por que gastou dois mil dólares em um hospital se nós temos plano de saúde.

Porra.

Desde que possíveis patrocinadores começaram a demonstrar interesse sobre mim, Thomas colocou minhas contas sob administração do contador da família. Ele deve ter ficado desconfiado e informado meu pai sobre as despesas no hospital.

Fecho os olhos, me repreendendo mentalmente por ter me esquecido disso.

Thomas continua em silêncio, esperando pela minha resposta.

— A mãe da Blaze se acidentou e precisou de cuidados médicos — digo a verdade, sem ter outra alternativa. — Elas não têm plano de saúde, então ajudei.

— Você *pagou* pelas despesas? — repete com descrença. — Perdeu a cabeça, Arkin?

— Não, pai, não perdi. Era a coisa certa a se fazer. — Ele não concorda, obviamente. — Olha, eu passei minha adolescência inteira ouvindo você dizer que sou um irresponsável que não leva a sério nenhum compromisso. Bem, eu estou agora. Namoro essa garota e levo nosso relacionamento muito a sério. Ela precisava de ajuda e a ajudei. Não me arrependo e faria de novo.

Thomas pisca, ainda um pouco descrente, mas vejo que a firmeza e a seriedade em meu tom de voz o pegam de surpresa.

— Você mal conhece essa garota.

— Na verdade, a conheço desde os doze anos.

Não paguei as contas da mãe da Blaze apenas por levar a sério o nosso acordo de namoro falso. Fiz porque me importo com ela e não quero que esse seja o único compromisso entre nós.

Se eu ainda tinha alguma dúvida, elas se dissiparam na noite passada. Estou apaixonado por Blaze e não a quero apenas como minha namorada falsa, muito menos como uma foda casual.

Não entendo como as coisas chegaram a esse ponto, mas não quero continuar fugindo disso. Aconteceu antes que eu pudesse impedir ou até mesmo prever. Foi natural, se construindo em cada dia de convivência neste apartamento e a cada camada que conhecemos mais a fundo um no outro.

Agora, só consigo pensar em como quero Blaze Kingston na minha vida. Não só pelo sexo. Gosto de estar com ela, de *compartilhar* com ela.

— Tem certeza do que está fazendo? — pergunta ele, incerto.

— Eu tenho — respondo sem titubear. — Por favor, confie em mim. Nunca senti isso por outra pessoa antes.

Espero que Thomas entenda. Posso ter diversas críticas a fazê-lo como pai, mas sei de uma coisa: ele amou minha mãe mais do que qualquer outra coisa no mundo. Acho que foi por isso que ele se afastou de nós depois da morte dele.

Ele demorou a superar.

Imagino que ele saiba como é esse sentimento. Sentir que você poderia fazer qualquer coisa só para ver o sorriso de alguém.

Meu pai vai embora logo depois, parecendo bem menos irritado do que quando apareceu em minha porta. Se o conheço bem, ele deve ter pensado que a conta do hospital estava ligada a alguma encrenca na qual me meti.

Mas assim que fecho a porta e me viro para o interior do apartamento, encontro Blaze parada, de braços cruzados. Ainda está vestida apenas com a camiseta larga com que dormiu. Os cabelos castanhos estão totalmente bagunçados, emoldurando seu rosto em formato de coração.

O semblante em seu rosto me diz que ela ouviu toda a conversa.

E sei exatamente o que isso significa.

Merda.

— Blaze... — começo, mas ela não me deixa continuar.

— Você *pagou* a conta do hospital da minha mãe? — questiona, dando um passo na minha direção. — E não me contou?

— Eu sabia o que você ia pensar.

— E como diabos você sabia disso?

— Porque eu te conheço, Blaze.

Ela morde o canto da boca e balança a cabeça negativamente.

Blaze não parece exatamente decepcionada agora. Parece *frustrada.*

Não pretendia lhe contar sobre o hospital porque sei como as coisas funcionam para Blaze Kingston. Ela tenta manter todo mundo

o mais longe possível de sua vida pessoal, porque acha que assim evitará decepções. Ela não quer se apegar, porque não quer se machucar.

Parece mais fácil assim e a entendo, de verdade. Mas pensei que depois que quase três meses convivendo juntos, alguma coisa teria mudado.

— Você não me conhece — diz, pausadamente.

Isso machuca.

E acho que essa é exatamente sua intenção, porque Blaze sabe que eu a conheço. Talvez mais do que qualquer outro de Cardeen Bay.

— É assim que vai querer fazer, então?

Blaze dá mais alguns passos adiante, seus olhos escuros esquadrinhando meu rosto em busca de alguma coisa.

— Eu não quero ser um projeto de caridade pra você e o seu pai, Sawyer.

Balanço a cabeça, inconformado.

Não sei como pode ser tão difícil para Blaze aceitar que as pessoas se importam com ela e confiar nos outros. Quase três meses e ainda sinto que estou trancado do lado de fora dessa fortaleza que ela construiu ao redor de si mesma.

— Você não é um projeto de caridade, Blaze, meu Deus.

— Então por que você fez isso?

— Será que você não consegue ver o que está bem na sua frente? — rebato, impaciente. — Eu fiz isso porque me *importo* com você. Porque eu *gosto* de você — confesso, em alto e bom som. — Mas essa discussão não é realmente sobre a conta do hospital, é?

Ela está procurando mais uma razão para fugir, porque ela sabe a verdade. Ela sente a mesma coisa que eu e não consegue disfarçar tão bem quanto pensa. Blaze pode mentir para si mesma, mas não consegue fingir. Está nítido em seus olhos. Ela só tem medo demais para admitir.

Blaze pisca, comprimindo os lábios numa linha fina. Consigo sentir sua hesitação. Ela está em conflito consigo mesma.

— O que estamos fazendo, Arkin? Você e eu? Era pra ser apenas sexo.

— Você sabe muito bem que isso não é verdade.

— E o que vai acontecer quando esse acordo acabar? — O medo está presente em sua voz. Suas sobrancelhas estão unidas em um vinco e seus olhos estão inquietos, correndo por todo o meu rosto. — Você não tem relacionamentos sérios, Arkin. Disse que isso não era pra você, lembra?

É, eu lembro.

E eu realmente achava que não. Nunca pensei que um dia eu iria querer um compromisso com alguém. Sempre vi isso como distração. E eu não podia tirar minha cabeça dos meus objetivos, não depois de ter me perdido no caminho.

Eu só vivia para o surfe porque achei que, depois da morte de Eric e de tudo o que diziam sobre mim, isso era tudo o que eu tinha. Pensei que deveria me concentrar no esporte, uma vez que não poderia ter nada além disso. Ao menos eu provaria que meu pai estava errado.

Mas não quero mais apenas isso. O surfe sempre vai ser meu objetivo, mas a vida não se resume apenas a isso. Quero sentir isso que Blaze despertou em mim. Esse desejo de ser minha melhor versão e ter alguém por quem lutar.

E preciso fazê-la acreditar nisso.

Respiro fundo e prendo os olhos de Blaze nos meus.

— Escuta, Blaze, sei o que eu disse no início sobre minha prioridade ser sempre o surfe e que nunca me comprometeria com nada além disso. Mas eu só precisava de *uma* razão para viver além das ondas. Acho que estive procurando por isso há muito tempo, eu só não sabia ainda. E soube quando você entrou na minha vida. Você é a minha razão e acho que sempre vai ser. — Blaze fica totalmente parada enquanto me escuta. Seu nariz está vermelho, do jeito que fica quando ela chora, e os olhos brilham marejados. Me aproximo mais, até apanhar o rosto dela entre as mãos. Ela não me impede. — *Você* é tudo o que eu quero, apenas você. E, se você me quiser, eu sou seu.

Nunca pensei que diria isso a alguém antes, mas é como se tirasse um peso das minhas costas. Estou sendo totalmente sincero, principalmente comigo mesmo. E é bom colocar para fora tudo o que eu sinto pela primeira vez em muito tempo.

Mas a relutância de Blaze me deixa apreensivo. Fico esperando uma resposta, meu coração batendo tão forte que parece que vai saltar para fora a qualquer instante.

Gosto do desafio das complicações, mas gosto mais ainda quando as coisas são simples. Quero que seja assim entre Blaze e eu. Quero que tudo esteja claro e que seja honesto, porque essa é a única forma de ela confiar em mim realmente. Não quero mais acordos, nem prazo de validade.

Apenas Blaze.

Porque apenas ela consegue tirar o melhor de mim e me enlouquecer totalmente, tudo ao mesmo tempo.

— E depois, Arkin? — pergunta baixinho e dá um passo para trás. Minhas mãos caem de volta na lateral do meu corpo. — Até quando você vai querer isso? Diz que vai se comprometer agora, mas você sabe que é conhecido por não levar nada a sério por muito tempo. E eu não posso arriscar.

Sinto como se ela tivesse fincado uma faca bem no meio do meu peito. Acho que Blaze sente isso também, porque parece estar lutando contra si mesma.

Apenas balanço a cabeça e, dessa vez, me afasto.

Sinto a dor da decepção crescer até quase esmagar o meu peito. Trinco os dentes, tentando entender o que significa essa enxurrada de sentimentos que está me varrendo por dentro, fazendo tudo desmoronar.

Já fui subestimado por quase todo mundo na minha vida. Já ouvi da boca do meu próprio pai que não sou confiável. Sem mencionar em como os sites de fofoca diziam o tempo todo que não passo de um encrenqueiro problemático que nunca chegaria ao surfe profissional se não fosse pelo seu sobrenome.

Mas, de alguma forma, ouvir isso de Blaze, a pessoa para quem abri meu coração e abandonei todas as minhas regras sobre

relacionamentos, é muito pior. E dói pra caralho.

Porque, mesmo tentando me afastar dos comentários destrutivos na *Internet*, eu duvidava de mim um pouco mais a cada vez que alguém duvidava também. Não importava o quão bom eu sabia que eu era no surfe, nem quando as pessoas me diziam isso. Tudo o que eu pensava era nas coisas que eu não merecia, nas coisas que eu nunca teria.

— É isso o que você acha de mim, mesmo depois de tudo? Uau, acho que realmente não nos conhecemos. — Talvez eu tenha mesmo me enganado ao pensar que Blaze tinha mudado seu conceito sobre mim. Ela pensa a mesma coisa que todos. — Você prefere se esconder atrás dos seus julgamentos, não é?

— Eu já vi esse filme antes, Arkin! — insiste ela. — Vi isso acontecer com meus pais bem diante dos meus olhos. É assim que os relacionamentos acabam, alguém sempre vai embora.

Então é isso. É assim que ela prefere fazer as coisas.

Acho que fui ingênuo pensando que poderia ser de outra forma.

— E você quer garantir que vai ser a primeira a partir, não é? — Solto uma risada anasalada. — Você é uma covarde, Blaze Kingston. Quer saber? Não posso fazer isso. Não vou fazer isso.

Me viro, incapaz de continuar neste apartamento.

Calço meus chinelos sobre o aparador e pego meu casaco pendurado ao lado da porta, vestindo-o rapidamente.

Se Blaze não tem coragem para enfrentar os próprios sentimentos e assumir riscos por causa do que há entre nós, não posso fazer nada. Mas me sinto mais estúpido do que nunca. Por um momento, pensei que tudo seria diferente.

Ao menos Blaze me fez lembrar do motivo pelo qual não me envolvo emocionalmente com as garotas com quem vou para a cama. É exatamente por isso que escolhi me dedicar apenas ao surfe.

Um esporte não pode partir meu maldito coração.

— Olha só, quem diria que você iria pular fora tão rápido — Blaze diz, sarcasticamente, atrás de mim.

Pelo tom de suas palavras, ela parece estar tripudiando. Mas quando me viro e encontro seu rosto, ela está tão desolada quanto me sinto. Só que não vai lutar contra isso, contra seu medo, porque é uma covarde.

Kingston prefere continuar fugindo e não vou ficar por perto para que ela me use como uma desculpa para isso. Blaze quer uma razão para não se arriscar e eu sou essa razão.

Ela já está fazendo isso há tempo demais e fui idiota pensando que *eu* seria capaz de fazê-la mudar de ideia.

— Isso não é desistir, Blaze. É saber a hora de parar de insistir em um caso perdido.

Em seguida, abro a porta e saio.

34

Blaze

Se me dissessem, três meses atrás, que eu iria preferir passar a noite na casa da minha mãe em vez de ficar em um apartamento sem Arkin Sawyer, eu iria rir até minha barriga doer. Muita coisa mudou em muito pouco tempo e ainda não sei como me sinto em relação a isso.

Já faz dois dias que Arkin saiu do apartamento após nossa discussão e não voltou mais. Deve estar na república com os outros caras da equipe de surfe. À noite, antes de dormir, repasso mentalmente cada palavra de nosso diálogo e fico me remoendo em remorso.

Ele disse que me queria mais do que como uma foda casual, mais do que sua namorada falsa. E o que eu fiz? Fugi como a covarde que sou. Entrei em pânico, pensando nas chances de Arkin quebrar meu coração assim que o entregasse a ele.

— É “realocar”. — A voz de Kyle me tira do transe e franzo a testa, sem entender. — A palavra vertical de número dezoito.

Ele aponta para o espaço em branco no tabuleiro de palavras cruzadas que nós — Kyle, Effy e eu — estamos jogando na mesinha de centro da sala de estar. Levanto as sobrancelhas, seguindo a direção indicada por seu dedo.

É a minha vez de tentar formar uma palavra, mas acho que estou há tanto tempo em silêncio, pensativa, que Kyle deve ter achado que eu não estava conseguindo achar uma resposta para a charada.

— Tem razão — digo, apanhando as letras esculpidas nos quadradinhos de madeira e as posicionando verticalmente sobre o espaço de número dezoito no tabuleiro.

Enquanto faço isso, sinto o olhar minucioso de Effy sobre mim. Quando levanto a cabeça novamente, suas íris cinzentas me

encaram e ela levanta uma sobrancelha. Effy está passando algum tempo em Cardeen Bay.

Ela se hospedou num hotel quando chegou, mas tem dormido no apartamento comigo desde que Arkin foi embora.

Também estive fugindo de falar sobre esse assunto com qualquer um que pergunte, principalmente Effy. Não que ela não saiba o que está acontecendo. Ela me conhece bem demais para não perceber.

Minha amiga só não me pressiona a falar porque entramos num consenso. Não pergunto a ela sobre o que aconteceu em Los Angeles e ela não me pergunta sobre meus sentimentos por Arkin. É uma maneira bem covarde de levar as coisas, admito, mas nenhuma de nós está pronta para se abrir ainda.

Não quero encarar meus próprios sentimentos. Principalmente, porque sei que assim que expor tudo o que aconteceu para alguém, vou finalmente perceber o grande erro que cometi. Vou ter que lidar com o fato de que estive me sabotando por puro medo. Não há ninguém para culpar nesta história além de mim mesma.

— Vou beber um pouco d'água — anuncio, me levantando e indo na direção da cozinha.

Não demoro a ouvir os sons descontraídos da tagarelice de Kyle e Effy retornarem.

Minha amiga bancava a babá em Sacramento quando eu precisava trabalhar, então ela se aproximou muito do meu irmão. Os dois se dão tão bem que Kyle *literalmente* pulou de alegria quando soube que Effy ficaria um tempo aqui em Cardeen Bay.

Assim que entro na cozinha, encontro minha mãe cortando legumes na tábua sobre a bancada enquanto cantarola uma música da Cher. Ela está fazendo o jantar. Ao menos, está tentando. A cenoura em suas mãos está totalmente destruída em pedaços irregulares e disformes.

Dou uma risada anasalada quando me aproximo o suficiente para ver o estado dos outros legumes que ela cortou.

— Quer ajuda? — ofereço, apanhando um tomate maduro.

Dinah afasta o cabelo escuro do rosto e sorri, me entregando outra faca. Em silêncio, ouvindo Kyle e Effy rirem no cômodo ao lado, cortamos os legumes para a sopa que Dinah quer preparar. Um velho caderno de receitas está aberto em um dos gabinetes da cozinha. Aposto que é da minha avó materna.

A única vez que Dinah tinha falado sobre sua mãe, antes de eu descobrir que ela morrera de câncer, foi para dizer que ela era uma ótima cozinheira. Imagino que seja dela o caderno de páginas amareladas e rabiscos quase apagados.

Dessa vez, não posso acusar minha mãe de não se esforçar. Acho que o medo do câncer sacudiu todos nós e nos trouxe de volta para a realidade, para o que verdadeiramente importa.

— Por que nunca me disse que estava namorando aquele surfista que seu irmão gosta? — minha mãe pergunta, de repente. Viro meu rosto para olhá-la, mas ela está com os olhos fixos na batata que começou a descascar. — Kyle fala dele e das aulas de surfe o tempo todo. Disse que esse rapaz faz você feliz.

Abro a boca para responder, mas minha surpresa me mantém calada por um segundo. O sentimento de culpa me faz largar a faca e suspirar.

Cortei minha mãe da minha vida há muito tempo, então nunca pensei em lhe contar sobre as coisas que são importantes para mim, como a audição e meu colega de apartamento. Nem consigo me lembrar da última vez que compartilhei algo pessoal com ela.

Acho que nossa relação se degenerou mais do que eu imaginava.

— Desculpa, eu deveria ter avisado sobre as aulas de surfe — digo, com sinceridade. — Kyle é seu filho.

Dinah apenas dá de ombros, mas vejo o semblante triste tomar conta de seu rosto.

— Tudo bem, docinho, sei que você cuida dele mais do que eu. É só que... — Ela faz uma pausa e finalmente se vira para mim. — Parece que todo mundo estava sabendo sobre esse namoro, menos eu. Sheila estava falando sobre isso semana passada.

Sheila é a amiga mais antiga de Dinah e proprietária do salão de beleza onde minha mãe trabalha. Ela também é uma grande fofoqueira, mas isso não vem ao caso agora.

Não sei o que dizer à minha mãe. Devo confessar que o namoro era uma mentira ou continuar sustentando essa farsa? Sei que dei minha palavra ao Arkin, mas não sei como as coisas vão continuar em relação ao acordo.

Tenho certeza de que ele não quer nem olhar na minha cara agora, quanto mais me levar ao casamento do seu pai, que está cada vez mais próximo. Se ele precisar que eu vá, eu vou, porque ele não merece perder o patrocínio. Mas duvido que ele vá me pedir mais alguma coisa depois das palavras cruéis que despejei nele da última vez que nos falamos.

Eu queria ficar brava com ele também, mas não consigo, porque sei que ele está totalmente certo. Realmente consegui afastá-lo.

Percebendo a expressão de angústia em meu rosto, Dinah larga a faca também e se vira por completo na minha direção. Seus olhos castanhos me perscrutam por um segundo e fico esperando ela dizer a coisa errada, como ela já fez tantas vezes, mas ela apenas pergunta:

— O que houve, Blaze?

Então, eu conto tudo. Cada detalhe. Desde como tudo começou quando éramos crianças que adoravam implicar uma com a outra, até que comecei a gostar dele e ele me magoou na frente de todo mundo. Conto sobre como ele me enlouqueceu nos primeiros dias em que tivemos que dividir o apartamento, mas como ele mudou a percepção que tinha sobre ele. Conto sobre como me apaixonei e o magoei antes que ele pudesse me magoar de novo.

Depois que coloco tudo para fora pela primeira vez, me sinto mais leve.

O vinco de preocupação na testa de Dinah se intensifica e sua boca se abre em choque e confusão.

— Ele pagou a minha conta do hospital?

Anuo com a cabeça, assentindo.

— É, ele pagou.

Essa informação também me pegou de surpresa. Quando ouvi a conversa entre Arkin e seu pai, fiquei com receio de que ele estivesse com pena de mim e acreditasse que precisava me ajudar. Mas então, esse receio foi substituído pelo medo genuíno quando percebi que ele fez isso por outro motivo. Porque ele se *importa*.

Percebi também que não podia mais usá-lo como desculpa para não assumir meus sentimentos, porque ele fez isso primeiro. Ele estaria disposto a algo sério entre nós, se eu também estivesse. Isso disparou um alerta para o meu senso de autopreservação.

Eu o queria muito. Ainda quero. Mas se confiar nele, se abaixar minhas defesas e deixar que ele entre no meu coração, ficarei vulnerável. Ele poderia me deixar para trás da mesma forma que meu pai fez e isso doeria como o inferno. Ou, um dia, poderia simplesmente decidir que relacionamentos não são mesmo para ele.

Não embarco em relacionamentos porque sei como a maioria deles termina. Não é bonito, nem fácil. Durante toda minha vida, amor foi sinônimo de destruição. Vi acontecer com a minha mãe e com Effy. Como garantir que algo bom como o que Arkin e eu temos — ou tínhamos — não vai se transformar numa bagunça caótica que vai nos machucar?

— Parece que somos mais parecidas do que imaginávamos — Dinah continua a falar, após engolir em seco e se recompor da surpresa de saber que Joe ainda não fez merda nenhuma por nós. — Também gosto dos relacionamentos complicados.

Faço uma careta.

— Existe algum relacionamento que não seja complicado?

— Não que eu saiba. — Dinah ri antes de colocar uma mão no meu ombro. — Você está se apaixonando pela primeira vez, Blaze. É normal ficar confusa.

Encolho os ombros e desvio meu olhar para o chão.

—Tenho medo de não dar certo e eu não conseguir superar o coração partido. Não quero passar anos esperando por alguém, sem seguir em frente.

— Não quer ficar igual a mim — ela conclui.

— Você ainda espera pelo meu pai — explico, me apoiando na bancada. — Mesmo depois de quase dez anos.

— Esse é o problema com o amor, eu acho. Você nunca para de esperar por ele — diz, dando um sorriso sem humor. — Mas não se engane, docinho, o que eu tinha com o seu pai não era realmente amor. Era dependência, por isso me afundou. E eu sei que deveria tentar deixar isso pra trás e buscar a superação, mas quando penso na minha vida, quando lembro dos bons tempos com Joe, penso que isso é tudo o que me resta. Ter a consciência de que me faz mal não impediu que eu esperasse que, um dia, se tornasse algo melhor, algo bom.

A tristeza que transborda dos olhos e das palavras de Dinah me atinge também e tenho vontade de abraçá-la. Coloco minha mão sobre a sua na bancada e aperto seus dedos com carinho.

— Mãe...

— Tá tudo bem, docinho — garante, forçando um sorriso. — Se eu posso te dar um conselho sobre isso é que você vai saber quando o risco de amar alguém valer a pena. Amor de verdade não precisa ser transformado em outra coisa, ele é bom por natureza.

— Mas como vou saber se vale a pena se eu nunca senti isso antes?

Dinah pensa por um segundo antes de responder.

— Como é quando você está com esse rapaz?

Não preciso nem pensar, porque a resposta surge automaticamente na minha cabeça.

— É como se tudo fosse ficar bem.

Minha mãe dá um grande sorriso dessa vez.

— Então você não deve se preocupar se um dia isso acabar.

Ela dá uma piscadela e abro um sorriso, sentindo um calor reconfortante aquecer meu peito.

Não estou acostumada a ter esse tipo de conversa com a minha mãe. Desde seu acidente, estamos tentando construir uma relação baseada em compreensão e honestidade. Acho que passamos tempo demais presumindo o que a outra sentia e pensava, em vez de simplesmente perguntar.

Olhando em retrospecto, parece que tudo entre nós poderia ter sido facilmente resolvido se tivéssemos apenas dialogado, mas sei que, na prática, não é assim. Havia muito ressentimento. Admito que ainda há um pouco, mas estou tentando deixar tudo isso ir. Estou tentando seguir em frente, sabendo que Dinah também está disposta a isso.

Afinal, como eu mesma já disse para o Arkin, é impossível alterar o passado e de nada adianta ficar tentando adivinhar o que poderia ter acontecido se Dinah e eu tivéssemos agido diferente.

— Obrigada, mãe — digo, atraindo sua atenção de volta para mim. — Acho que gosto de conversar com você.

Acho que nunca conheci minha mãe de verdade, apenas a julguei durante todos os últimos anos.

— Também gosto de conversar com você, filha. — Ela retribui o sorriso com um brilho de alegria e satisfação nos olhos. — Me desculpe por ter demorado demais para agir como uma mãe. Deveria ter te aconselhado e te apoiado durante a adolescência, mas fui egoísta achando que a partida do seu pai só tinha afetado a mim. Fiquei tão entorpecida pelo meu próprio sentimento que não percebi o que isso tinha causado a você.

— Eu fiquei bem, mãe — prometo. — Não me importo com a ausência de Joe.

A mentira deve estar escancarada na minha cara, porque Dinah balança a cabeça negativamente e dá outro suspiro.

— Você se virou sozinha e agiu como adulta, cuidando de todos nós depois que ele se foi, por isso achei que você estava bem. Mas você não estava, Blaze. Ainda não está. — Mordo o interior da bochecha, tentada a negar mais uma vez, mas logo ela continua. — Kyle era muito jovem para entender o que acontecia e eu estava em negação até pouco tempo atrás, mas você sempre viu com clareza. Você sempre soube do que aquilo se tratava.

Abandono.

Era disso que se tratava.

Viro o rosto para o outro lado para ela não perceber meus olhos cobertos pelas lágrimas.

Não importa o quanto eu tente mascarar, está bem aqui. Esse vazio deixado pelo meu pai. Um buraco fundo e escuro que costumava engolir tudo quando eu era criança. Aprendi a escondê-lo bem, mas nunca diminuiu.

Ainda dói, como se ele tivesse partido há dez dias, não há dez anos.

— Demorei tempo demais para perceber e peço desculpas por isso também. — Dinah toca em meu braço, mas continuo com o olhar distante. — Quero que saiba que eu o odeio por ter machucado você e Ky. Não preciso ser formada em psicologia nem nada do tipo para perceber como a ausência dele transformou você, filha. Você tem medo de ser abandonada de novo.

A verdade que Dinah joga na minha cara me paralisa. Não quero admitir nem a mim mesma essa possibilidade, porque isso seria escancarar mais uma das minhas vulnerabilidades. Não quero que Joe tenha causado isso. Seria dar a ele um poder sobre mim que ele, definitivamente, não merece.

Mas, apesar de tudo, acho que sempre soube que este era mais um dos danos causados pelo abandono de Joe Carter. Ouvir isso de outra pessoa em voz alta torna tudo mais claro. Parece que tudo faz sentido agora.

O instinto que sempre chamei de *autopreservação* não passa, na verdade, do mais puro e simples *medo.* Medo de sentir tudo aquilo de novo. Se eu não era motivo suficiente para fazer meu próprio pai ficar na minha vida, então quem ficaria? É mais fácil decepcionar do que ser decepcionado, então estive fazendo isso minha vida inteira.

Fiz isso com Arkin.

Droga, acho que fiz isso até com a minha mãe. Abandonei ela emocionalmente assim que senti crescer um distanciamento entre nós. Pensei que ela também partiria em breve, então preferi me afastar primeiro, assim doeria menos quando ela fosse embora como meu pai.

Mas acho que, no fim das contas, nunca dói menos.

Só consigo voltar a olhar para a minha mãe quando ela me envolve em seus braços e me aperta contra si, oferecendo o conforto e o carinho que não tive enquanto crescia. Não digo nada, só fecho os olhos e aproveito a sensação de acolhimento.

Por um instante, sinto como se tivesse onze anos de novo.



— O que é isso?

A pergunta de Effy me faz erguer a cabeça e procurá-la com os olhos. Estou deitada na minha cama, tentando estudar para o exame oral de História da Arte que vou ter na segunda, mas minha melhor amiga está especialmente agitada hoje.

Ela está do outro lado do quarto, encarando o grande urso de pelúcia de nariz vermelho que coloquei carinhosamente em cima da poltrona no canto do cômodo, perto do meu armário. O nariz franzido de Effy e o tom chocado de sua pergunta é compreensível, já que o urso que ganhei de Arkin no parque não parece se encaixar em nada com a decoração do meu quarto.

Em meio aos pôsteres de filmes de terror e bandas de rock pendurados na parede, a pelúcia está totalmente deslocada. Mas não consigo vê-la em nenhum outro lugar. Desenvolvi um apego emocional por esse urso idiota.

É como se houvesse um toque de Arkin Sawyer presente no quarto também.

— É o Onofre — apresento, voltando meu olhar para as palavras miúdas no calhamaço que estou lendo.

Ou *tentando* ler.

Effy solta uma risada alta.

— Esse é o pior nome que eu já vi em um bicho de pelúcia.

— É um ótimo nome — contrario. — Não o ofenda.

Ela acha graça.

— Você sabe que é um objeto inanimado, não é?

Reviro os olhos, e passo a página do livro. Mas aí percebo que não prestei atenção em absolutamente nada que li nas últimas

duas páginas, então retorno para elas. Estou tentando muito me concentrar em uma coisa de cada vez, para não deixar as preocupações invadirem minha mente. Principalmente no resultado da audição. A espera tá me matando.

Quanto mais eu penso nisso, menos otimista fico, o que só me deixa ansiosa. E quando estou assim, fico inquieta e não consigo trabalhar ou estudar.

O colchão sacode quando Effy se joga de costas na cama. Ela fica deitada encarando o teto.

Se a conheço bem, ela está entediada.

Não posso culpá-la, se não fosse pelas aulas e o trabalho no Meg's, Cardeen Bay também me entediaria. Os últimos dias estão especialmente arrastados. Entre esperar pelo resultado da audição, me preparar para as provas finais e fazer toda hora-extra que puder, pensei que as semanas passariam correndo.

Mas tudo está passando torturantemente devagar.

— Nós vamos ao luau de hoje, né? — pergunta, voltando a quebrar o silêncio.

— *Nope*.

— Por quê?! — Effy quase grita, ultrajada.

— Porque estou estudando — aponto o óbvio. — Tenho prova na segunda.

— Mas hoje é sexta e você tá estudando desde que chegou do Meg's — argumenta, virando a cabeça para trás para me olhar. — Temos que comemorar seu aniversário de alguma forma, já que você não quer fazer uma festa.

Faço uma careta ao ser lembrada do assunto que estou me esforçando para esquecer.

Completo vinte anos de idade no domingo, mas isso não significa muita coisa para mim. Effy, por outro lado, faz questão de me obrigar a comemorar todos os anos.

— Mesmo se eu estudasse o fim de semana inteiro, ainda não seria o suficiente — rebato, estressada com aquele livro. — E você sabe que não gosto dessa data.

— Você não gosta de nenhuma data comemorativa. — Ela tem um ponto. — Vamos, Blaze, *por favorzinho.* Vai ser minha primeira festa em Cardeen Bay.

Bufo e desisto de vez da leitura, fechando o livro de capa dura num ruído abafado. Ele é tão velho que as páginas cheiram a mofo e a poeira, fazendo meu nariz coçar.

Acho que esse vai ser o último luau antes do recesso de fim de ano. Com o inverno se aproximando, as festas na praia vão ser substituídas para festas nas repúblicas e fraternidades.

Os estudos não são realmente meu motivo para não querer ir, uma vez que tenho o resto do fim de semana para me preparar para a prova de História da Arte. O problema tem nome e sobrenome e um sorriso lindo.

— Arkin vai estar lá — admito, na minha última tentativa de tentar me livrar da insistência de Effy.

— E daí? — pergunta ela, levantando as sobrancelhas. — Você foi honesta com ele, agora ele tem que seguir em frente.

Contei toda a história para Effy depois que ela ouviu minha conversa com minha mãe há alguns dias. Aparentemente, isso só fez ela gostar menos ainda de Arkin. Talvez não seja justo com ele, mas minha melhor amiga *sempre* fica do meu lado.

— Eu não fui honesta. Fui uma covarde.

— Então vai poder aproveitar a oportunidade pra conversar com ele e esclarecer as coisas.

Suspiro, deslizando até deitar na cama completamente.

— Você não vai parar de me perturbar, vai?

— Não mesmo.

Solto um grunhido.

Mas, pensando bem, talvez ela esteja certa. Se não quero continuar fugindo dos meus sentimentos, preciso arriscar, como minha mãe disse. Preciso confiar que Arkin não vai quebrar meu coração. Afinal, o que nós temos é o tipo de coisa que vale a pena, não é?

Só não sei o que vou dizer a ele. Já afastei Arkin muitas vezes e talvez essa tenha sido a última. Talvez ele não queira mais

nada comigo.

— Você o ama? — Effy pergunta.

— Não sei.

Sei que sinto todos os sinais de algo que, com certeza, vai além da paixão. Arkin é mais do que o cara com quem estou transando. Ele é meu amigo. É a pessoa em quem penso sempre que acordo e quando vou dormir. É como se eu estivesse com uma febre que nunca vai embora.

O canalha está por toda a parte neste apartamento *e* na minha cabeça. Esquecer dele é impossível e, sendo bem sincera, não é algo que quero fazer. Quero me agarrar aos momentos que compartilhamos, quando tudo parecia extremamente fácil. Quando parecia que tudo daria certo.

— Tem que dizer a ele o que sente, Blaze — Effy aconselha. — Não pode se sabotar dessa forma. Se aquele babaca gosta de você tanto quanto você gosta dele, é um desperdício não ficarem juntos.

— E se ele não quiser mais nada comigo?

— Bem, então ele vai confirmar tudo o que penso sobre ele não te merecer.

Dou um suspiro alto.

Algumas coisas valem a pena o risco.

— Tudo bem, vamos ao luau, mas vamos voltar cedo. E você vai parar de falar em festa de aniversário.

Effy dá um gritinho de empolgação e se joga em mim para um abraço.

— Não prometo nada.

35

Blaze

Assim que chegamos ao luau, Effy observa tudo ao redor com interesse, como se estivesse em um lugar mágico. Devo admitir que, embora não seja uma grande fã de mar e areia, as festas na praia que os estudantes da CBC organizam são muito legais.

O ambiente do luau é lindo. Há uma grande fogueira crepitando na areia, ao redor do qual algumas pessoas conversam e bebem. Cordões com luzinhas claras estão pendurados sobre nossas cabeças, iluminando a escuridão noturna. A música vem, principalmente, das pessoas que cantam e tocam violão, mas o som das conversas e risadas prevalecem.

Tento repassar para minha amiga tudo o que aprendi sobre a universidade e a cidade como um todo. Apesar de não estar aqui há muito tempo, me familiarizei com tudo a respeito de Cardeen Bay. Quase me sinto em casa aqui, o que é estranho. Nunca pensei que um dia iria sentir algo além de desgosto por esse lugar.

Effy quer conhecer tudo e todos, então está prestando atenção em cada rosto que passa por nós e em cada palavra que eu digo.

— Aqueles com a jaqueta do time de futebol são os caras da Kappa Phi Nu e algumas das líderes de torcida. — Indico com o dedo os atletas altos e populares perto da mesa de bebidas. Jill Taylor está a alguns metros dali, conversando com suas amigas. Em seguida, alterno para o grupo que está cantando e tocando violão ao redor da fogueira. Reconheço alguns deles das aulas. — Aqueles na fogueira são os artistas. Faculdade de Música e Artes Cênicas. E aqueles... — Nossa atenção se volta para os caras brincando na água da beira da praia. — Aqueles você já conhece. São os *Seabirds.*

Ao menos, uma boa parte deles.

Apesar de estarem um pouco longe, reconheço as tatuagens de Maddox e o cabelo loiro esvoaçante de Mia entre o grupo. Não

encontro Arkin, e não sei se isso é algo bom ou ruim.

Ainda não decidi o que vou dizer a ele.

— Isso é incrível, B — diz Effy, empolgada. — É como estar dentro de *Meninas Malvadas.*

Dou risada antes de manear a cabeça na direção da mesa de bebidas.

— Vem, vamos pegar uma cerveja.

Nós duas estamos descalças após deixar nossos calçados na entrada da festa, então a areia macia cobre nossos pés enquanto caminhamos. Assim que nos aproximamos da mesa, meus olhos encontram os de Gabriel, o rapaz bonito que conheci na sala de espera da audição.

Quando me vê, ele logo abre um sorriso brilhante.

— Olha só quem está aqui. — Seus olhos descem e sobem pela minha silhueta antes de retornarem ao meu rosto. — Você está muito bonita.

Na verdade, minhas roupas não poderiam estar mais simples. Diferentemente da primeira vez em que vim a uma festa na praia em Cardeen Bay, agora uso apenas um short jeans desfiado e um cropped preto de manga curta. Effy, por outro lado, está deslumbrante. Ela nunca sai sem estar vestida para matar.

— Obrigada — respondo, apanhando uma garrafa de cerveja do balde de gelo.

Effy me cutuca sugestivamente, um sorriso de interesse está escancarado na sua boca.

— B, não vai me apresentar ao seu amigo?

É claro que ela está interessada. Gabriel é lindo a ponto de parecer um modelo. Acho que eu também estaria interessada, se minha mente já não estivesse dominada pelo capitão dos *Seabirds*. Não me passou despercebido o flerte no olhar de Gabriel.

— Effy, esse é Gabriel. Ele também está concorrendo à vaga na *Global Records.* — Assim que menciono a gravadora, sou dominada por apreensão. — Gabriel, esta é minha amiga Effy. Ela acabou de chegar de Los Angeles.

Finalmente, ele olha para Effy e a cumprimenta.

— Então, estão ansiosos para resultado da seleção para a gravadora? — minha amiga pergunta, puxando assunto.

Gabriel responde enquanto bebo um gole generoso da cerveja.

— Eu tô quase morrendo. — Ele dá risada. — O professor Hayword disse que não foi uma escolha fácil.

A apreensão apenas cresce, embrulhando meu estômago. Resolvo afastar a cerveja e dou um suspiro.

O resultado deve sair até amanhã, o que me deixa ainda mais apreensiva. Não faço ideia de qual será a decisão da *Global Records*, mas não estou confiante com minha performance. Foi boa, é claro, mas não sei se é o suficiente.

Ainda assim, nada vai mudar a forma como me senti quando me apresentei em um palco profissionalmente pela primeira vez. Mesmo que eu não tenha sido escolhida e que precise mudar todos os planos, sempre vou guardar com carinho a memória da audição. Acho que foi o momento em que percebi que nada poderia desviar meu caminho da música.

Sempre vou pertencer a isso, não importa se estou em Los Angeles, Cardeen Bay ou no Alasca. Sempre vai fazer parte de mim.

— Acho que você tem grandes chances, Blaze — Gabriel continua, trazendo seu escrutínio de volta para mim. — Dei uma olhada nos seus *covers* no *YouTube*. Você é fantástica.

— Ela é mesmo, não é? — Effy concorda. — A Blaze é a melhor compositora que eu já vi.

— Ah, você também compõe? — Gabriel pergunta.

— É, um pouco.

Não tenho escrito nenhuma música ultimamente. Acho que estou passando por algum tipo de bloqueio criativo, o que é uma droga.

— Ela está sendo modesta — Effy intervém, voltando-se para mim. — Você tocou uma de suas composições na audição?

— Não — confesso, me recriminando mentalmente.

Esse foi mais um risco que não quis tomar.

— Blaze! — repreende Effy.

— Tenho certeza de que você foi incrível, independente do que cantou. — Gabriel volta a sorrir, galanteador.

— Espero que sim — murmuro, baixo.

Se não for aceita, vou ter que pensar em um plano B bem rápido. Apenas o meu salário no Meg's não vai dar conta do tratamento da minha mãe. Isso sem falar que já devo estar sem um colega de apartamento para dividir as contas comigo. Talvez eu realmente tenha que voltar a morar com minha mãe, afinal.

— Mostrei seus vídeos para a minha irmã — Gabriel continua, atraindo minha atenção de volta para seu rosto. — Ela é proprietária de uma gravadora por aqui. É a maior do estado, se quer saber. Já levou muitos artistas locais para turnês nacionais.

Levanto as sobrancelhas, impressionada.

— Por que você não trabalha com ela?

— Seria muito fácil. — Ele dá de ombros, voltando a sorrir. — Gosto de me desafiar sempre que possível.

Então é por isso que ele está tentando uma gravadora do outro lado do país.

Ao menos, ele tem escolha.

Gabriel e Effy começam a conversar sobre Los Angeles logo em seguida e me afasto para procurar Sage e Finn. Eles me avisaram que viriam, então devem estar por aqui em algum lugar.

Enquanto caminho pela festa, continuo pensando em todas as possibilidades a respeito da *Global Records*. Se eu ganhar o contrato, vou ter que ir embora de Cardeen Bay. Ir para Los Angeles sempre foi meu sonho, mas essa ideia se desvaneceu com o tempo. Não quero mais deixar meu irmão e os amigos que fiz aqui.

Acho que encontrei nesta cidade algo ainda mais importante para mim do que a música.

Mas, se eu não for escolhida, então teria que, provavelmente, largar a faculdade e conseguir outro emprego que pudesse pagar o tratamento de Dinah.

Acho que estou ferrada de qualquer jeito.

Puxo meu maço de cigarros do bolso traseiro do meu short e acendo um. Quando dou uma tragada, sinto aliviar a tensão, mas também lembro de quando o médico deu o diagnóstico de câncer para a minha mãe.

Faço uma careta e tiro o cigarro dos lábios.

Minha família já tem histórico dessa doença, não posso brincar com a sorte e continuar contribuindo para aumentar minhas chances de desenvolvê-la.

A contragosto, jogo o cigarro e maço em meu bolso na primeira lixeira que encontro. Acho que finalmente chegou o momento de tentar parar com esse hábito terrível.

— Estou orgulhoso. — A voz de Jackson soa atrás de mim, me fazendo fechar os olhos e praguejar baixinho. — Finalmente vai parar de destruir sua própria saúde?

O que preciso fazer para me livrar desse babaca de uma vez por todas?

— Jackson — murmuro com desgosto, me virando para encará-lo. O sorriso prepotente em seu rosto delineado e bronzeado me irrita imediatamente. — Quando eu disse que não queria mais nada com você, significava que não queria mais nem falar com você. Acho que não fui específica o bastante.

— Calma aí, linda. — Ele levanta as mãos na altura dos ombros, fazendo cara de inocente. — Só queria ver se você estava bem.

Franzo o cenho, sem entender.

— Por que não estaria?

— Olha, ninguém vai te culpar — garante com a voz mansa, dando um passo na minha direção. — Agora está claro como ele apenas te usou.

Estreito meus olhos ao encará-lo, buscando os indícios de que ele está tentando tirar uma com a minha cara. No entanto, ele parece bem sério.

Eu enlouqueci ou Alex está dizendo um monte de coisas sem sentido?

— Do que está falando, Jackson? — pergunto, sem paciência.

Ele arregala os olhos antes de curvar as sobrancelhas e comprimir os lábios como se sentisse pena de mim.

— Você ainda não viu? Deus, B... — Alex suspira, balançando a cabeça. — Sinto muito mesmo. Sawyer não vale nada.

Em seguida, Jackson acessa algo em seu celular e vira a tela para mim.

Hesito por um segundo, mantendo meus olhos em seu rosto em vez de olhar para o celular.

Por que diabos estou dando ouvidos a algo que o canalha do Jackson está dizendo? Eu deveria deixá-lo falando sozinho e me afastar. Mas não é o que eu faço.

Tenho um déjà vu, me lembrando de quando Mia me mostrou o vídeo em que Alex falava de mim. Só que agora, no telefone de Jackson, me deparo com a foto de Arkin na capa de uma matéria jornalística no site de fofocas de Cardeen Bay.

"*Astro da maior equipe de surfe da Carolina do Norte admite namoro falso com aspirante à cantora. Tudo não passou de uma jogada de marketing em sua carreira.*"

Pisco, sem acreditar no que meus olhos estão vendo. Então releio uma, duas, três vezes, até me convencer de que aquelas palavras não vão desaparecer magicamente.

Não pode ser. Não é verdade.

Apanho o celular da mão de Alex e o seguro com tanta força que poderia esmagá-lo. Começo a ler a matéria completa com uma euforia que me faz enxergar tudo turvo. Ela menciona uma gravação que foi enviada e que continha toda a verdade. O arquivo de áudio está disponível bem abaixo na matéria e, com as mãos tremendo, aperto o *play*.

Quando a voz de Arkin começa a ser reproduzida, engasgo com o nó em minha garganta.

— *Era tudo mentira. Blaze e eu nunca namoramos de verdade. Sinto muito por ter mentido para vocês, mas não vi outra*

opção. Eu só... não imaginei onde tudo isso me levaria. Foi um erro. Tudo isso foi um erro.

Mordo meu lábio inferior com força quando continuo deslizando a página para baixo, até a caixa de comentários. Mesmo tendo sido publicada há apenas trinta minutos, a matéria já tem mais de cem comentários.

"*Sempre soube que essa garota não prestava.*"

"*Ela é uma grande de uma oportunista por ter aceitado, isso sim."*

"*Ela estava apenas se aproveitando dele para alavancar a própria carreira."*

A cada comentário que leio, sinto meu estômago embrulhar mais e mais.

— Blaze — Jackson chama, me trazendo de volta à realidade.

Deixo seu celular escorregar da minha mão e cair na areia e me viro, atordoada. Sinto como se estivesse me desassociando da realidade, porque tudo parece ficar em *slow motion*. Todos os momentos em que confiei a Arkin, tudo o que nunca confiei a ninguém passam bem diante dos meus olhos.

Parece que ele acabou de jogar gasolina e incendiar tudo o que vivemos.

Como ele pôde fazer isso comigo? Ele sabia como eu tinha ficado arrasada com o vídeo de Alex. Ele sabe como odeio ser exposta assim.

Eu confiei nele e ele quebrou isso como se não fosse nada. Passou por cima das coisas que lhe confidenciei, dos meus medos.

E, de repente, sou transportada novamente para o momento em que ele leu meu diário. Ouço novamente as risadas, os comentários vexatórios, a humilhação...

Começo a suar, atordoada pela memória que, rapidamente, é substituída pela de Jackson e as coisas que ele falou sobre mim naquele vídeo. Sei o que vem pela frente. Mais comentários, mais fofoca, mais exposição.

Tudo o que nunca consegui evitar que me afetasse e que, por isso, sempre me fez sentir vulnerável e impotente.

As lágrimas embaçam meus olhos e me fazem tropeçar em meu caminho de volta à avenida da beira da praia. Meu peito dói tanto que sinto como se estivesse sendo sufocada. Paro e me apoio em uma das vigas de madeira, me obrigando a respirar fundo e pausadamente enquanto cubro minha boca com força, impedindo que qualquer soluço escape e me faça parecer ainda mais patética.

Não quero chorar na frente dessa festa inteira, mas não consigo evitar.

Foi um erro.

Nós dois fomos um erro, desde o começo. E agora, mesmo sabendo disso, me machuca lembrar de como ele disse em voz alta, para todo mundo.

Meu Deus... como fui idiota. Mesmo sabendo que isso aconteceria, eu continuei. E eu ia arriscar, como minha mãe disse. Ia arriscar porque pensei que poderia confiar meu coração a ele.

Uma mentira nunca foi tão doce e real antes. Mas, no fim das contas, uma mentira sempre vai ser uma mentira, mesmo se contada mil vezes.

E fui idiota por ter pensado em qualquer outra coisa além disso. Fui idiota por ter confiado em Arkin Sawyer. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele iria me destruir.

Só não imaginei que seria tão doloroso.

Coloco a mão sobre meu coração, sentindo uma dor quase física. As palavras nos comentários ecoam na minha cabeça, me levando para baixo.

— Blaze!

Meu nome é chamado de novo, só que dessa vez é por uma voz muito diferente.

Uma voz que nunca mais quero ouvir.

Meu rosto está manchado pelas lágrimas e, provavelmente, por maquiagem. E sei que deveria continuar andando, sem olhar para trás, até estar bem longe de Arkin e suas mentiras.

Mas acho que ainda sou tola, porque me viro para olhar em seus olhos. Preciso olhar para aquelas íris verdes de novo e deixá-lo saber que ele estragou tudo.

Contudo, quando nossos olhares finalmente se encontram, me arrependo amargamente de não ter continuado andando.

Parece o mesmo Arkin de antes, com que compartilhei sorrisos, lágrimas e segredos. O mesmo cara que baixou minha guarda antes que eu pudesse notar, só para poder me apunhalar pelas costas.

Ele é tão bonito que posso odiá-lo por isso também. E quero muito odiá-lo. Quero poder olhar para ele e não sentir meu coração errar uma batida e minha pele se arrepiar inteira.

Quero não sentir que estou prestes a implorar para que ele diga que isso não está acontecendo, que ele não fez isso. Que podemos voltar para aquele apartamento, nosso pequeno refúgio seguro, e que tudo vai ficar bem.

Mais lágrimas correm pelo meu rosto e preciso conter um soluço de mágoa e decepção.

Seu rosto está assustado, a boca entreaberta e os olhos correndo pelo meu rosto. Ele parece tão paralisado quanto eu, mas perceber isso só faz com que minha dor seja substituída por raiva.

Ele causou tudo isso.

— Blaze, eu...

— Não — o interrompo. Seco meu rosto com o dorso das mãos e me afasto com um passo para trás. — Não diga nada. Só fica longe de mim.

Não quero ouvi-lo, não quero saber de mais nada, porque isso não vai fazer parar de doer. Não vai me fazer esquecer as coisas horríveis que li ao meu respeito naquela matéria e, principalmente nos comentários de pessoas que sequer me conhecem.

Só quero afundar na minha cama, fechar os olhos e me encolher até desaparecer.

Dessa vez, realmente preciso fugir. Preciso me virar e correr para longe de Arkin Sawyer e todo o estrago que ele causa.

Então é exatamente isso o que faço.

36

Arkin

Acho que nunca me senti pior.

O olhar que Blaze me deu antes de ir embora me destruiu. A dor estampada em seu rosto já bastaria para me machucar, mas nada pode se comparar ao que vi em seus olhos. Era mais do que dor. Era decepção, arrependimento... tudo isso estava transbordando em suas íris castanhas. A maquiagem escorria por seu rosto e sua voz estava rouca pelo impacto e o choro.

Porra, acho que nunca me odiei tanto quanto agora.

Ainda estou parado no mesmo lugar que a vi partir, há alguns minutos, encarando a rua vazia na qual ela entrou em um táxi e sumiu. Quero, mais do que nunca, conseguir voltar o tempo e mudar como tudo aconteceu. Mas o dano está feito.

Eu fiz a garota que amo chorar.

Levo as mãos à cabeça, sem saber o que fazer.

Blaze nunca vai me perdoar. Ela não quis nem me ouvir. E sei que está certa, porque, por minha causa, ela foi exposta na internet mais uma vez. Estão julgando a nós dois, mas com ela está sendo muito pior. E eu quero acabar com todos eles. Com todo mundo que está falando coisas ruins sobre ela.

Porque Blaze não merece nada disso.

Droga, acho que preciso socar alguma coisa. Ou *quebrar* alguma coisa. Honestamente, quero quebrar tudo. Quero gritar e correr atrás de Blaze. Quero que ela saiba que não fiz isso com ela. Que eu *nunca* faria isso com ela.

— Arkin. — Ouço a voz de Lucas no mesmo instante em que ele entra no meu campo de visão, acompanhado de Mia. — O que houve?

Só então percebo que a atenção de todos na festa está em mim. A música parou e os burburinhos começaram. Os olhos estão virados na minha direção, ansiosos para o que vou fazer a seguir.

Alterno meu olhar de Lucas para Mia. Os dois estão confusos. Provavelmente, ainda não perceberam que a porra do meu mundo está desmoronando. Eu também não teria percebido, já que nem leio o site de fofocas local. Se não fosse pelo meu celular vibrando feito louco com todas as notificações de mensagens, não teria visto tão rápido o que aconteceu.

Várias pessoas me enviaram o link da matéria. Quando vi, também não acreditei. Ninguém além dos meus amigos estavam presentes naquele vestiário quando senti que precisava contar a verdade sobre Blaze e eu.

Maddox, Lucas, Mia, Charlie e Jay já tinham percebido que algo estava errado depois que passei a semana inteira dormindo na república em vez de estar no apartamento que divido com Blaze. Eu poderia ter inventado alguma coisa para explicar, mas, honestamente, já estava cansado pra caralho dessa mentira.

Eu precisava desabafar, então contei a verdade aos meus amigos. Só não pensei que havia um filho da puta gravando tudo. E sei muito bem quem faria algo assim.

Olho ao redor, procurando, e logo encontro o sorriso satisfeito de Alex Jackson. Ele está a alguns metros, observando a cena toda com o celular na mão.

— Seu desgraçado — xingo, partindo para cima dele.

Quebrar a cara dele em um milhão de pedaços não vai resolver todo o inferno que ele causou, mas vai me fazer sentir muito melhor. Só que antes que eu possa desferir o primeiro soco, Mia entra na minha frente e Lucas me segura.

— Arkin, ficou maluco?! — ela grita, me empurrando para trás.

Tento me desvencilhar de Lucas, mas Maddox rapidamente se junta a ele, me segurando também. E mesmo tentando sair, não tem como passar por cima de Northwood. O cara é enorme.

— Ele gravou nossa conversa no vestiário — acuso, apontando para a cara cínica de Jackson. — Eu vou matar você.

— Está bravo porque ela finalmente descobriu que tipo de canalha você é? — O desgraçado ri. — Soltem ele, quero ver o que

ele acha que é capaz de fazer comigo.

A cólera queima em minhas veias e tudo o que eu quero é dar uma surra nele. Não consigo ver com clareza agora, porque tudo está vermelho. O rosto de Blaze coberto por lágrimas está tatuado na minha memória e é só o que consigo ver. Sua dor é só o que consigo sentir.

E isso está me consumindo de dentro para fora.

Mia olha para trás, na direção de Alex. Seu rosto está enojado.

— Cala a porra da boca, Jackson — xinga, furiosamente, de uma maneira que nunca vi antes.

Mia costuma ser o retrato da calma e da diplomacia. Ela sempre é ponderada e pensa em todas as partes antes de iniciar uma briga, mas agora ela parece tão irada quanto eu.

— É isso o que ele quer, cara — Maddox diz, me segurando com mais força quando tento me soltar novamente. Se não fosse por eles, eu já teria quebrado todos os dentes do cretino do Jackson. — Ele quer que você seja expulso da equipe. Sabe que o Jenkins não vai te dar outra chance se se meter em confusão de novo.

— Ele arruinou tudo, porra. A Blaze...

Nem consigo terminar de falar.

Não estou pensando nas consequências de ter meu namoro desmascarado, nem nas consequências de dar a surra pela qual Jackson está há meses implorando. Todo o meu plano para mudar minha reputação já era, mas o maldito patrocínio nem passa na minha cabeça agora. Estou pouco me fodendo para tudo isso.

Se ele quisesse ferrar comigo por causa da nossa rixa ridícula, tudo bem. Eu não iria perder o controle por causa disso. Mas ele mexeu com a Blaze. Ele a prejudicou, por *minha* causa.

E isso eu não vou deixar pra lá.

— E o treinador dos *Sharks* vai ficar sabendo disso — garante Mia antes de voltar a olhar para seu ex-namorado com a mandíbula cerrada. — Também vai ficar sabendo do seu *esqueminha* de *dopping*.

— Sua vadia — vocifera Jackson, saindo do seu humor de vitorioso e cedendo à raiva.

— Dê o fora daqui Jackson! — Jay aparece, passando pela pequena multidão que se aglomerou para assistir à confusão. — Antes que eu mesmo acabe com você.

Alex dá uma risada anasalada, mas alterna o olhar entre cada um de nós antes de bufar e se virar, se afastando. Lucas e Maddox só me soltando quando Jackson some completamente de vista.

— E o que vocês estão olhando? — Mia diz com irritação, encarando as pessoas ao redor. — Deem o fora também ou comecem a pagar para assistir ao show.

Me viro, me voltando para a direção do mar tranquilo mergulhado no breu da noite. As ondas continuam quebrando na orla. Tento me concentrar nisso. Tento respirar fundo e me conter para não ir atrás de Jackson e acabar com ele como prometi.

Eu a perdi para sempre.

Talvez já tivesse antes. Quando saí do apartamento após nossa discussão, tinha certeza de que não ficaríamos juntos. Pensei que era o fim. Mas, naquele dia, eu ainda não sabia como o fim realmente se parecia.

Agora é o fim.

Ela voltou a me odiar.

— Ark — Lucas chama, colocando uma mão em meu ombro.

— Ela nunca vai me perdoar — digo, encarando o horizonte escuro e vazio.

— Não foi culpa sua. — Meu amigo tenta consolar. — Quando ouvir a história toda, ela vai ser razoável. Vocês vão conversar e vão se resolver. Só dê um tempo a ela.

Balanço a cabeça, anuindo. Mas sei que tempo nenhum é capaz de restabelecer uma confiança perdida. Talvez ela entenda, quando souber a verdade, mas nunca vai olhar para mim da mesma forma.

Nunca será como antes.



Assim que abro a porta do escritório do meu pai, me deparo com seus olhos já fixos em mim. Ele não está sentado em sua mesa, como presumi quando bati na porta, segundos atrás. Thomas está acomodado confortavelmente numa das poltronas no canto da sala, perto da grande estante abarrotada de livros e artigos de decoração.

Entro em seu escritório com passos incertos e vou até o assento vazio ao seu lado, me sentando também. Encaramos o chão em silêncio por algum tempo.

É sábado e todo o caos que a minha vida se tornou depois do que Alex fez não desapareceu magicamente durante a madrugada mal dormida. Percebi que também não iria sumir se eu ficasse preso em meu quarto na república, ignorando os telefonemas e e-mails que não paravam de chegar.

Toda a reputação que tentei salvar nos últimos meses havia sido jogada na lama de novo. E deve estar sendo péssimo para o meu pai. A mídia já ficava em cima de nós antes, esperando surgir qualquer fofoca e boato sobre nossa família para espalhar por toda a internet. Agora, está muito pior.

Desde ontem, evitei olhar meu celular, porque sabia que iria acabar me deparando com todo esse inferno nas redes sociais.

É como se todos estivessem apenas esperando uma oportunidade para me trucidar. Agora eles têm combustível o suficiente para dizer coisas horríveis sobre mim o quanto quiserem. Por mais difícil que seja, teria lidado com isso. Teria seguido em frente, porque já aprendi a não deixar que comentários maldosos e infundados me atinjam mais profundamente.

Mas odeio que Blaze esteja envolvida nisso.

E ela é o outro motivo pelo qual não quero saber o que estão dizendo na Internet. Vou ficar louco se ver mais alguém falando merda sobre Blaze.

— É verdade, não é? — Thomas quebra o silêncio minutos depois, ainda sem olhar na minha direção.

— Pensei que, se você visse como eu levava um relacionamento a sério, iria acreditar que eu mudei — confesso, encolhendo os ombros. — Pensei que isso iria mudar a visão que todos tinham de mim.

— E funcionou? — ele pergunta, levantando o rosto para olhar diretamente em meus olhos.

— Não sei, me diz você.

Thomas suspira.

— Não tinha que fazer isso, Arkin.

Balanço a cabeça negativamente.

— Eu precisava provar que podia levar algo a sério. Você nunca confiaria em mim e na minha palavra.

Não sei se meu namoro falso mudou o que ele pensava sobre mim, mas, com certeza, melhorou minha imagem enquanto durou. Mas quando olho para trás e penso nessa loucura toda, não é o plano bem-sucedido que impactou na minha vida.

Foi tudo o que houve entre Blaze e eu. Ela mudou tudo.

— Não era que eu não confiava em você — argumenta meu pai. — Eu estava tentando colocar algum juízo na sua cabeça para que sua imprudência não custasse a sua vida. Para que você não fosse tirado de mim da mesma forma que seu irmão foi.

Suas palavras me pegam de surpresa.

Franzo o cenho, estudando o olhar em seu rosto em busca de um indicativo que ele não está sendo sincero. Mas não encontro nada. Pelo contrário.

Parece que estamos tendo uma conversa honesta pela primeira vez na vida.

— Pai...

— Vocês dois são muito parecidos — ele me interrompe, desviando o olhar para um dos porta-retratos que decoram sua estante. É a mesma foto que está pendurada na parede da *Offshore.* Eric e eu sorrindo na beira da praia. Foi tirada poucos meses antes de ele tomar a pior decisão da sua vida. — Tão apaixonados pela vida, pela aventura... — Ele dá um sorriso

nostálgico. — Mas eu perdi a mãe de vocês e não podia perder vocês também.

— Deveria ter nos dito isso em vez de simplesmente se afastar.

Nada que ele diga vai compensar ou justificar os anos de ausência. Ele se afundou no trabalho em vez de estar lá para Eric e eu quando precisávamos dele. Nossa mãe tinha acabado de morrer e a gente só pôde contar um com o outro.

— Eu sei, eu errei — concorda meu pai, abaixando a cabeça. — Não deveria ter subestimado tanto vocês que vocês acharam que precisavam provar alguma coisa. Não deveria ter sido tão duro com você também, depois que Eric se foi. Mas eu não podia deixar a história se repetir.

Embora não goste disso, tenho que admitir que podia ter se repetido. Ao menos, nas primeiras semanas depois da morte do meu irmão. Não conseguia ver nada além da raiva e do luto. Eu tinha raiva de tudo, incluindo de mim mesmo:

— Eu não deveria ter desafiado ele para ir a Pipeline — digo, fechando os olhos.

Lembro daquele dia com tanta clareza. Se me concentrar, ainda consigo sentir tudo como se tivesse acontecido ontem. Já revivi aquele momento decisivo milhares de vezes nos últimos cinco anos.

Algumas vezes, finjo que tudo aconteceu de outra forma. Finjo que nós dois não tomamos decisões impulsivas e imprudentes. Então, imagino Eric aqui. Imagino o que ele me diria se visse a encrenca na qual me meti.

Ele teria feito tanta coisa. Teria se apaixonado é realizado seus sonhos. Teria viajado o mundo inteiro e surfado no WCT ao lado das lendas que ele admirava.

— Não se culpe, Arkin — ordena Thomas, categoricamente. — Você conhecia seu irmão. Acha mesmo que havia algo no mundo capaz de impedi-lo de fazer alguma coisa?

Engulo em seco.

— Nunca vamos saber, não é?

É impossível ter certeza. E, mesmo se um dia a culpa se atenuar, nunca vou deixar de me perguntar o que teria acontecido se eu tivesse agido de outra forma no passado.

Só me resta me arrepender pelo resto da minha vida.

O silêncio recai entre nós mais uma vez, mas não dura muito, porque Thomas diz, sem nem um pingo de dúvida:

— Não era realmente mentira entre você e aquela garota. — Franzo o cenho, voltando a encará-lo. — Eu olhava para a sua mãe da mesma forma que você olha para ela.

Suspiro, deixando meus ombros caírem.

— Não importa. Acabou.

— *Agora* estou decepcionado. — Thomas balança a cabeça. — Pensei que meus filhos não fossem do tipo que desiste facilmente.

Dou uma risada anasalada.

Pensei que encontraria meu pai furioso pelo golpe na reputação da nossa família. Mais do que todos, ele odeia os boatos. Estou aliviado por não estarmos gritando um com o outro agora.

— Você não vai perder o patrocínio, Arkin — garante, embora nenhum de nós possa ter certeza disso. A decisão cabe única e exclusivamente a Liam Scott e, honestamente, duvido que ele vá querer continuar com nossa parceria depois daquela matéria do *Cardeen Bay Gossip*. — Mas talvez perca essa garota de vez se não tentar mudar as coisas.

Não sei se ainda posso fazer alguma coisa para salvar o que tínhamos, mas meu pai está certo. Ao menos a respeito de tentar mudar as coisas. Blaze e eu podemos nunca ficar juntos, mas não suporto que ela pense que eu faria algo assim com ela de propósito.

Quando saio da casa do meu pai, fico perdido, sem saber para onde ir exatamente. Não quero voltar para a república, porque isso implicaria em conversar com os meus amigos e não quero fazer isso agora. Tenho que ficar sozinho.

A decisão de ir surfar é quase instintiva e, antes que possa me dar conta, já estou buscando uma das minhas pranchas na *Offshore* e indo para o mar. O céu está nublado e cinzento, da

mesma forma como me sinto, e quando começo a remar na direção das ondas, as coisas parecem se anestesiar.

Lembro da minha mãe e de como ela amava o mar. Ela costumava dizer que não existe dor que a água salgada não possa lavar. Queria que isso fosse verdade. Que tudo isso pudesse sumir magicamente quando entro no oceano, em vez de apenas ser anestesiado.

Eu conseguia fugir dos meus próprios pensamentos e da culpa quando surfava, mas isso foi antes de Blaze. Ela se infiltrou na minha cabeça e no meu coração e agora é como se nada pudesse mudar isso. Acho que ela deixou uma marca permanente em mim quando voltou para a minha vida. É por isso que tudo a seu respeito mexe tanto comigo.

Queria poder conversar com a minha mãe agora. Ou com Eric. Eles saberiam o que fazer, tenho certeza. Eu, por outro lado, sou igualzinho ao meu pai. Sempre consigo ferrar com as coisas ainda mais quando tento consertá-las.

E eu nem sei se deveria tentar consertar agora. Blaze deixou claro o que pensa sobre mim. O que *sempre* pensou, talvez.

Acho que, quando tudo isso começou, nenhum de nós esperava que terminaria com nós dois magoando um ao outro dessa forma.

Com a superfície plana da prancha colada ao peito, mergulho sob as ondas, passando por baixo de cada uma delas até a parte mais funda do mar. A água fica muito gelada por aqui nesta época do ano, o que faz com que as praias se esvaziem e os turistas vão embora.

Sou o único no mar agora, o que é bom. Preciso aprender a aproveitar a sensação de estar sozinho no mar, numa prancha de surfe, sem querer descontar minha raiva e frustração nas ondas. Afinal, foi assim que minha vida saiu do controle, pra começar.

Me concentro em remar até passar pela arrebentação e, quando me distancio dela, finalmente me sento sobre a prancha e ergo a cabeça para olhar para a linha do horizonte.

O frio da água e do vento gelado não me afetam enquanto observo a vastidão imensurável do oceano. Eric e eu gostávamos de fazer isso depois de surfar. Era um de nossos rituais. Sentar e olhar para o mar na calmaria.

Foi uma das lições de Kiera quando ela ensinou meu irmão a surfar. Ela disse que isso ajudava a enxergar o que verdadeiramente importa.

Quando você se dá conta do quão minúsculo é comparado ao oceano, começa a ver a vida de outra forma. Nada parece impossível, nem mesmo conseguir recuperar a garota que eu amo.

37

Arkin

Quando paro diante do apartamento 43B, sou preenchido com uma sensação triste de nostalgia. Me lembro de quando entrei aqui pela primeira vez, tão desesperado para encontrar um lugar para morar que nem pensei direito. Eu deveria ter imaginado que não iria dar certo.

Não apenas porque Blaze me odiava, mas porque ela é tão incrível que nem parece ser de verdade. Eu me conheço, é óbvio que não iria conseguir apenas dividir o teto com uma garota capaz de me deixar louco. Iria querer mais. Iria querer tudo com ela, porque uma parte apenas não seria o suficiente.

E agora, as memórias dos dias em que passamos nesse apartamento não são o suficiente.

Mas antes que eu possa levantar minha mão e bater na porta, percebo a música tocando do outro lado. É um *pop* agitado que Blaze jamais ouviria.

É uma festa?

Franzo o cenho e, finalmente, bato na porta. Sei que ainda tenho a chave e poderia entrar, porque ainda moro aqui. *Tecnicamente.*

Mas não conseguiria fazer isso.

É o início da noite do domingo e ainda não sei o que vou dizer a Blaze quando ela abrir essa porta. Lucas disse que eu deveria lhe dar um tempo para pensar, mas não sei se apenas o fim de semana foi o suficiente.

Antes que eu possa chegar a uma conclusão comigo mesmo, a porta é aberta. Mas não são os olhos profundamente castanhos de Blaze que me encaram. São as íris cinzentas de sua melhor amiga — e, provavelmente, a presidente do clube de odiadores de Arkin Sawyer.

E, definitivamente, ela está vestida como se estivesse em uma festa.

A ruiva cruza os braços e escora o ombro no batente da porta. Mas ainda consigo ver parcialmente o interior do lugar. Está cheio de balões coloridos e há várias pessoas ali dentro. Reconheço Derek, o namorado de Finn, passando pelo corredor e acho que escuto a voz de Kyle também.

— O que *você* faz aqui?

O tom hostil em sua voz me faz cerrar os olhos.

— Sabe que eu moro aqui, não é?

— Não mais — retruca ela, empinado o nariz fino. — Perdeu o direito quando partiu o coração da sua colega de apartamento.

Suspiro.

Merda, isso não vai mesmo ser fácil.

— Posso falar com ela?

— Não, não pode.

— Effy, eu tenho que me explicar. Sei o que ela deve estar pensando e...

— Não, você não sabe — me interrompe com irritação.

— O quê?

— Você não sabe de nada, Sawyer — acusa, dando um passo para fora do apartamento na minha direção.

Seu dedo está apontado para o meu peito e não duvido nada que, se nos aproximarmos demais da escada, ela vai me jogar lá embaixo.

— Sei que mereço toda sua hostilidade e muito mais. Na verdade, mereço até mesmo a hostilidade de Blaze e ela pode me odiar o quanto quiser depois que eu falar com ela. Só preciso esclarecer as coisas. Preciso que ela saiba a verdade.

Effy deixa os braços caírem e me encara com a testa franzida em descrença. Há o mais puro desprezo em seu olhar.

— Você é tão egoísta. Por acaso entrou nas redes sociais da Blaze nos últimos dias? — Nego com a cabeça, mas já consigo

imaginar o que está acontecendo. Suspiro. *Merda.* — Por que não dá uma olhada então?

Voltando a cruzar os braços, Effy levanta as sobrancelhas, esperando.

Sei que vai ser muito ruim mesmo antes de apanhar meu celular e acessar o perfil de Blaze no *Instagram*. Sinto meu estômago se embrulhar e preciso cerrar a mandíbula a ponto de ouvir meus dentes rangerem para aguentar o que vou ver.

A foto mais recente é um retrato em que Blaze e eu estamos abraçando Kyle ao mesmo tempo. Quando clico sobre a foto, quero fechar os olhos ao perceber que tem mais de duzentos comentários. Mas me obrigo a continuar olhando. Me obrigo a ler cada um deles.

"*Interesseira.*"

"*Pode parar de fingir, sabemos que ele teve que te pagar para fingir namorar com você.*"

"*Você não tem talento nenhum, por isso precisou se escorar na carreira dele.*"

— Porra — xingo baixinho, sentindo algo invisível esmagar meu peito.

Talvez seja a culpa, a repulsa de saber que Blaze está passando por isso por minha causa. Eu a trouxa para essa loucura de namoro falso. E mesmo agora, depois de tudo, vim até sua porta porque não quero que ela me odeie.

Effy está certa. Sou um cretino egoísta.

— Pois é. E nem queira ver o que estão dizendo nos comentários dos vídeos de música dela no *YouTube*.

Balanço a cabeça, baixando o olhar para o chão. Sinto vergonha e raiva de todo mundo, mas principalmente de mim mesmo.

— Como ela está?

— Como você acha? Além de tudo, ela recebeu a notícia de que não foi aceita na *Global Records*.

Praguejo novamente, sem acreditar.

Não é só o meu mundo que está desmoronando. Na verdade, o que eu estou enfrentando nem se compara ao que Blaze está passando. A música é tudo para ela. Ela sonhava há meses com a audição.

Mais do que tudo, ela contava com isso para pagar o tratamento de sua mãe.

Só de imaginá-la triste, tentando segurar o choro e se questionando... Isso acaba comigo. Quero abraçá-la como fiz no hospital. Apenas segurá-la contra mim e garantir que vai ficar tudo bem. Quero estar ao seu lado.

— Tenho que falar com ela.

Dou um passo adiante na porta aberta do apartamento, mas Effy se coloca no meu caminho, me impedindo de ir em frente.

— Não, você tem que deixá-la em paz. É o aniversário dela, Arkin, pelo amor de Deus!

Aniversário?

— O quê?

— Catorze de novembro — diz pausadamente, como se eu fosse uma criança. — Você não sabia?

— É claro que não.

É aniversário de Blaze e eu nem tenho a porra de um presente. E, além de tudo, ela tem que passar por essa data com um mundo inteiro de preocupações sobre seus ombros.

Mas, se a conheço bem, ela iria querer passar essa noite se afogando em um pote de sorvete de cookie de chocolate e menta, não dando uma festa.

Levo meu olhar para o interior do apartamento. Por cima do ombro de Effy, que é bem alta, consigo ver parte da sala de estar. E é como se o tempo parasse quando encontro Blaze com uma garrafa de cerveja na mão. Ela está linda, como sempre.

Está usando um vestido preto curto, que abraça suas curvas perfeitamente. Os cabelos estão presos, expondo uma das minhas partes preferidas de seu corpo: o pescoço. Se fechar os olhos agora, vou conseguir lembrar exatamente do cheiro da sua pele e do som que ela faz quando beijo o ponto atrás de sua orelha.

Seu rosto está sem maquiagem e, surpreendentemente, há um sorriso nos seus lábios cheios. Sigo a direção de seus olhos e encontro o motivo.

Travo a mandíbula e fecho minha mão em punho.

Acho que ele é um dos caras da Kappa Phi Nu. Me lembro vagamente de tê-lo visto em alguma festa, mas não recordo seu nome. Acho que é Gabriel.

De qualquer forma, não importa. Porque seu corpo está inclinado na direção de Blaze e tenho certeza que suas mãos estão coçando para tocá-la.

Quero, mais do que nunca, entrar nesse apartamento. Quero puxar essa garota para mim e beijá-la até dizer chega. Quero passar o inverno inteiro convencendo-a a me perdoar e a compensando por tudo o que ela passou só por aceitar minha proposta maluca.

Mas então, volto a olhar para Blaze. E o sorriso estampado em seu rosto que brilha com otimismo, apesar de tudo.

— Ela odeia essa data, mas eu precisava encontrar uma maneira de tirar a cabeça dela de todas as coisas que deram errado ultimamente — continua Effy, olhando para trás na mesma direção que eu antes de retornar os olhos para mim. — Não estrague a noite dela, por favor.

Estragar algo para Blaze era a última coisa que eu queria. Ela não merece nada disso, não depois de tudo o que passou na adolescência.

Eu a admiro por ser tão forte e cuidar tão bem do seu irmão. Blaze sempre encontra uma maneira de seguir em frente, apesar de tudo.

— Acho que eu a amo — digo, colocando pra fora o que esteve me consumindo há semanas. — Nunca senti nada nem perto disso. E ela precisa saber o que significa pra mim. Precisa saber que eu não a magoaria dessa forma.

— Mas você magoou, Arkin. E ela quer seguir em frente.

Seguir em frente.

Devo deixá-la seguir em frente sem saber a verdade, porque, talvez, isso seja o melhor pra ela? Ela quer deixar para trás o que

tivemos, então não me resta respeitar? Blaze já passou por muita coisa.

Fui egoísta diversas vezes na vida e me arrependo pra caralho disso. Quando inventei esse namoro falso maluco, só estava pensando em beneficiar a mim mesmo e agora Blaze está sendo prejudicada por isso. Pelas *minhas* decisões, *meu* egoísmo. Não pensei em como isso afetaria ela. Não pensei em nada além do que era melhor para mim.

Blaze passou por um monte de merdas, mas agora ela parece bem. Tenho que deixá-la assim.

Engulo em seco e guardo meu celular de volta no bolso da calça, então dou uma última olhada na minha colega de apartamento antes de anuir com a cabeça para Effy.

No fim das contas, não importa se Blaze sabe ou não sobre o que realmente aconteceu.

Talvez Effy esteja certa. Blaze não precisa que eu lhe explique a verdade e tente fazê-la me perdoar. Ela só precisa que eu a deixe em paz.

E é o que vou fazer.

38

Blaze

Através da janela do carro de Sage, dou uma olhada nada otimista para a fachada do meu prédio. A parede externa é feita de tijolinhos marrom-escuros e há uma pequena escada na entrada, por onde algumas pessoas vem e vão.

O tempo está nublado e chuvoso, o que não é muito animador também. Já estou há tempo demais sentada aqui com o carro estacionado, postergando o inevitável e fazendo Sage perder seu tempo. Mas não sei se estou pronta para me deparar com aquele apartamento semivazio de novo. Nunca pensei que seria difícil me habituar a morar sozinha, mas aqui estou eu.

Fiquei sabendo, através de Sage, que hoje é o dia em que Arkin iria retirar todas as suas coisas do apartamento e se mudaria de vez de volta para a república. Acho que, à essa hora, seus últimos pertences já se foram.

O último fim de semana foi uma droga. Mesmo com Effy tentando, a todo custo, melhorar meu humor, nada adiantou. Só consigo sentir o vazio. É da mesma forma que me sentia nos meus primeiros dias de volta à cidade.

De qualquer modo, acho que não vou ficar à mercê da minha solidão naquele apartamento por muito tempo. Sem alguém para me ajudar a pagar as contar, é impossível continuar lá. E não tenho a mínima vontade de procurar outro colega de apartamento.

— Quer que eu suba com você? — Sage pergunta, rompendo o silêncio no interior do veículo.

— Não, tá tudo bem. Não é nada demais

Tento me convencer disso. De que é melhor parar de pensar em tudo o que aconteceu nos últimos dias e seguir em frente. Mas é mais fácil falar do que fazer.

Deixar tudo para trás parece impossível. Não dá para simplesmente esquecer e superar. Era exatamente isso o que eu

temia quando percebi que me envolvi emocionalmente com Arkin. Sabia que não ia acabar bem para mim.

— Como foi na prova hoje? — ela volta a perguntar. Dou um grunhido de frustação como resposta, tombando a cabeça para trás no assento. — Nossa, tão ruim assim?

— Foi pior do que palavras podem expressar. Durante o teste, só conseguia ficar pensando naquele maldito e-mail.

"*A Global Records lamenta informar...*"

Fico me perguntando qual foi o erro que me eliminou. Se for a escolha do *cover* em vez de ter cantado algo autoral, nunca vou me perdoar. Afinal, o professor Hayword me advertiu, mas eu deixei o medo me impedir.

De novo.

Acho que o que mais me chateou não foi o fato de que agora, meu sonho de ir para Los Angeles num futuro próximo já era. Mas quando li aquelas palavras, só conseguia me lembrar dos comentários negativos que começaram a deixar nos meus vídeos no *YouTube* depois daquela matéria jornalística envolvendo Arkin.

Senti que, sem a gravadora, eu não tinha a validação artística que buscava em relação à música. Durante todo o fim de semana, questionei meu talento, minha habilidade... Odeio me sentir assim, como se não fosse o suficiente.

E odeio mais ainda que tudo isso tenha sido causado por causa de simples comentários na Internet. Pensei que tinha aprendido a lidar com isso, mas eles ainda me afetam.

Sage suspira, inclinando a cabeça para o lado ao me analisar.

— Você vai superar isso. Acredite em mim, falo isso como alguém que foi recusada em Harvard duas vezes. — Ela sorri. A admiro por encarar a situação com tanto otimismo. Sage está, desde os dezessete anos, tentando ser aceita na faculdade de Medicina de Harvard. Ela estuda tanto que não sei como ainda não conseguiu, mas ela está confiante que irá conseguir no ano que vem. — Apenas não desista.

Entre Finn, Sage e Effy, não sei qual dos três está me vigiando mais. Eles parecem achar que estou prestes a desmoronar a qualquer momento, então não saem do meu lado. Aprecio o cuidado e o carinho deles mais do que qualquer coisa e, por um lado, entendo sua preocupação. Afinal, depois do luau de sexta, simplesmente engoli o choro e não me permiti desabar. Quando recebi o resultado da audição, também me convenci de que não era nada demais.

Simplesmente, tentei ocupar minha mente com qualquer outra coisa que não fosse a tristeza e a frustração. Obviamente, não funcionou. Reprimir meus sentimentos e me obrigar a fingir que estou perfeitamente bem não está convencendo a ninguém, nem a mim mesma. Por dentro, estou estilhaçada.

— Eu precisava do dinheiro e da validação que a *Global Records* representa — confesso, evitando seu olhar. — Mas não sei se ir para L.A. ainda é meu sonho. Isso é o que eu queria fazer quando estava em Sacramento, desesperada para fugir da minha própria vida. Aquela garota não é mais quem eu sou. Não quero mais fugir.

Fugir não está adiantando de nada.

Mesmo que a única coisa que eu queira seja me esconder em minha cama e nunca mais insistir no meu sonho na música, sei que Sage está certa. Não posso parar por causa de uma oportunidade perdida. E, com certeza, não posso permitir que comentários negativos feitos por pessoas que só se importam com fofoca me façam desistir.

— Então não fuja — Sage diz, colocando uma mão em meu ombro. — Não fuja do que você quer e, acima do que tudo, do que você sente. Tudo bem não estar bem. Muita coisa aconteceu nos últimos dias.

— Queria que tudo isso simplesmente desaparecesse.

Os boatos e os comentários ruins não são nadas comparados à dor da decepção. Queria sentir raiva de Arkin. Se fosse há alguns meses, eu sentiria. Agora, no entanto, só consigo lamentar. Me sinto tão idiota por ter me colocado nessa situação, mas me sinto mais idiota ainda por não conseguir apenas desligar esses sentimentos.

— Não vai desaparecer. Você vai ter que enfrentar — insiste Sage. — Não acha que toda essa história do Sawyer está muito mal contada?

A pior parte é que eu acho. Não sei por que Arkin contaria para um site de fofoca sobre o nosso namoro falso. Com a cabeça quente, pensei que ele tinha feito isso de propósito. Mas não posso ser injusta. Conheço Arkin. Moramos juntos por quase três meses. Ele não faria isso com a gente.

Mas aquela maldita gravação ainda martela na minha cabeça.

Só de lembrar como me senti exposta e *usada* quando vi tudo aquilo no meio da festa, as náuseas retornam.

— Por que ele não veio falar comigo então? — rebato, irritada ao lembrar de toda a situação. — Por que não tentou se explicar?

Esperei por uma reviravolta durante todo o fim de semana. Em alguns momentos, até tentei me convencer de que não era verdade, que haveria uma explicação para tudo aquilo. Mas aquilo se prolongou. A agonia, a tristeza, a frustração... Tudo persistiu. Arkin deixou isso acontecer. Foi escolha dele.

Agora, tenho que juntar os meus estilhaços e reconstruir tudo do zero. Sem ele.

— Não tenho essas respostas, mas não acha que ele merece o benefício da dúvida?

— Está do lado dele? — indago, um pouco surpresa. — Pensei que detestasse os *Seabirds*.

— Eu detesto, mas até eu preciso admitir que ele parece gostar mesmo de você. — Fico em silêncio dessa vez, porque também acreditava nisso. Mas esse pensamento agora só traz dor e ressentimento. Porque nós dois estragamos tudo. — Pensa nisso, ok?

Apenas assinto e, sem dizer nada, saio do carro e atravesso a rua.

É melhor arrancar esse *band-aid* de uma vez e enfrentar logo aquele apartamento vazio. Arkin se foi e não vai voltar. É melhor assim. Preciso enfiar isso na minha cabeça antes que eu

enlouqueça. Não vou superar e seguir em frente se não parar de sentir sua falta e lamentar a forma como tudo acabou.

Só que, assim que abro a porta do apartamento 43B, meu queixo cai com o que vejo.

Há um sofá na sala de estar. Um sofá grande e bonito. Parece ser macio também. Sua cor é cinza-escuro, combinando com as almofadas que antes ficavam espalhadas pelo chão e com a estante onde guardo minha coleção de discos.

Dou alguns passos para frente, incerta de como prosseguir.

Como este sofá veio parar aqui?

O barulho de uma porta se fechando no corredor dos quartos faz eu me virar e logo estou encarando a resposta para minha pergunta anterior.

Arkin está vestido com um moletom canguru preto. Há uma mochila pendurada em seu ombro e ele está segurando uma caixa de papelão contendo alguns de seus pertences. Reconheço a luminária de sua escrivaninha lá dentro.

E quando meus olhos encontram os seus, quase me sinto sufocar.

Encará-lo traz à tona a dor que se estabeleceu dentro de mim desde que ele foi embora, então não consigo continuar fazendo isso por muito mais tempo. Desvio o olhar para baixo, para qualquer outro canto da sala que não seja aquelas íris verdes e familiares.

Quero mandá-lo dar o fora daqui, mas não consigo dizer nada. De repente, todas as palavras somem do meu vocabulário e só resta um nó sufocante na minha garganta.

A expressão triste em seu rosto não me passou despercebida, mas agora quero culpá-lo até por isso.

— Já estou indo embora, só vim levar o resto das minhas coisas — ele diz. Cada palavra em sua voz rouca parece sair com dificuldade. — Blaze, olha só, eu juro que vou sair por essa porta e você nunca mais vai precisar me ver. Apenas me escute por um momento.

Me obrigo a erguer o rosto e me forço a olhar em seus olhos, por mais difícil e torturante que seja.

Não sei se quero ouvi-lo. Tenho certeza de que só vai tornar tudo mais difícil. Mas ainda há uma parte de mim que quer saber o que aconteceu, mesmo que não mude nada.

Acho que preciso ouvir isso da sua boca. Então, estará acabado. Sage disse que eu deveria dar a ele o benefício da dúvida. Vou fazer isso, mas depois será o fim. Vou me forçar a seguir em frente e deixar tudo para trás.

— Sei que não quer me ouvir e que não confia em mim. Que, na verdade, nunca confiou — continua ele. — Mas só quero que saiba que sinto muito por ter causado tudo isso. Se eu pudesse voltar no tempo, nunca teria te arrastado para essa loucura, porque você não deveria passar por nada disso. — Ele faz uma pausa, mas ainda mantém nossos olhos conectados. E é tão intenso que quase posso senti-lo me tocar. Entreabro os lábios, exalando o ar pela boca com dificuldade. — Eu só... *Me desculpe*

Arkin faz menção de se virar para ir até a porta. Quase digo para ele não ir, só que acho que minha voz também sumiu. Como se pudesse ler meus pensamentos, ele se detém e volta a me olhar.

— E sobre o sofá... — Arkin suspira, balançando a cabeça. — Todo mundo precisa de um lar, um lugar seguro para o qual voltar — diz, se referindo ao que eu lhe contei, algum tempo atrás, sobre o motivo de não ter um sofá no apartamento. Eu não queria que Cardeen Bay fosse o meu lar. — E você merece isso, Blaze. De verdade.

Dessa vez, ele se vira e realmente vai embora. E leva meu coração com ele quando sai e fecha a porta atrás de si.

Mordo meu lábio inferior, deixando meu corpo cair sentado sobre o sofá. Então, me permito chorar e desabar em vez de fugir mais uma vez. A dor está aqui e não vai sumir se eu continuar fingindo que não existe. Não posso continuar fingindo que não amo Arkin Sawyer e que o fim não me destruiu.

Não sei direito com isso aconteceu, como deixei meu coração se apegar tanto a esse sentimento. Como isso cresceu em nossa convivência e se tornou algo tão forte, capaz de doer tanto. Acho que subestimei tudo isso. Não percebi o que era quando ainda podia

fazer alguma coisa e agora acabou. Estava com tanto medo de sentir isso que o afastei.

Então eu choro, porque, por mais que seja doloroso, não me arrependo dos momentos que compartilhamos e da intensidade do que ele me fez sentir. Choro porque acabou e porque isso magoou a nós dois. Choro porque, mesmo depois de tudo, Arkin ainda se importa de uma forma que ninguém nunca fez.

Mas, principalmente, choro porque, por três meses, esse apartamento foi um lar com Arkin aqui. E eu só percebi isso quando ele partiu.



Hoje sou a responsável por abrir a lanchonete e, por mais que não sinta a mínima vontade de trabalhar, não tenho o luxo de poder faltar. As coisas já estão ruins com esse emprego, sem ele seria muito pior.

Essa é mais uma das várias partes ruins de crescer e se tornar adulta. Não dá para deixar de cumprir com suas responsabilidades só porque está triste.

Alice chega pouco tempo depois de mim e me ajuda a limpar o lugar e deixar tudo preparado para a chegada dos clientes. Ligo meu *iPod* e coloco a música no máximo nos fones de ouvido, em mais uma tentativa fracassada de tentar me distrair.

Trabalho no automático, porque minha cabeça não está aqui. E continuo aérea até Sage chegar, vinte minutos depois.

Assim que coloco meus olhos nela, vejo que está agitada. Ela até prendeu os cabelos de qualquer jeito, o que nunca costuma fazer. Ela é bem metódica e organizada com tudo o que faz, incluindo a maneira como arruma o próprio cabelo.

Ela atravessa o salão do Meg's correndo e vem até o balcão, jogando a bolsa em cima dele. Paro de secar o prato em minhas mãos e franzo o cenho, retirando os fones do ouvido.

— O que houve?

Um sorriso malvado surge em seu rosto e seus olhos brilham com satisfação quando ela anuncia:

— Alex Jackson foi expulso da equipe de natação.

Arregalo os olhos, sem acreditar.

— Mas ele é o *capitão* dos *Sharks*.

— Pois é.

Quero muito ficar feliz com essa notícia, afinal, Jackson é o maior babaca que conheço. Mas apenas fico confusa.

— Por quê?

— Ele não foi o único — acrescenta, falando baixo como se mais alguém aqui pudesse nos ouvir. — Aparentemente, havia um grande esquema para burlar os exames *antidoping* que eles fazem constantemente.

— Isso é horrível! — Alice entra na conversa.

— E tem mais — Sage continua, ajeitando os óculos sobre o nariz. — A permanência deles na universidade ainda está sendo avaliada pela reitoria.

Então foi realmente um escândalo.

Nunca presenciei Alex usando nenhum tipo de droga além dos baseados que ele fuma esporadicamente. Mas, pensando bem, já o vi bem chapado em algumas festas. Mesmo assim, nunca imaginei que ele pudesse estar envolvido com algo desse tipo.

— Como você conseguiu essa fofoca antes de todo mundo? — pergunto para Sage, sem segurar o riso.

Ela empina o nariz, se gabando.

— Fazer parte do Conselho Estudantil tem suas vantagens.

Alice e eu rimos.

Sage tem muito orgulho de ser *nerd*. Ela está, desde o Ensino Médio, incrementando seu currículo e fazendo tudo o que pode para torná-lo o mais perfeito possível para Harvard. Ela se dedica muito para conseguir uma bolsa e tenho certeza que ela está muito perto disso.

Como será que descobriram sobre esse esquema dos *Sharks*? Se era grande, então certamente era sigiloso também.

Fico pensando nisso mesmo depois que abrimos o Meg's e os clientes começam a chegar. É bom ter alguma outra coisa

ocupando minha mente além dos meus próprios problemas. O fluxo está calmo hoje, o que permite que Sage e eu conversemos um pouco entre o serviço de uma mesa e outra.

Estou ouvindo mais uma fofoca quente de Sage, dessa vez sobre seu professor de Biologia Avançada quando reconheço, com o canto do olho, uma silhueta familiar. Tenho minha confirmação quando viro a cabeça e encontro Mia.

Ela está usando o mesmo colete da Associação de Voluntários do Hospital Memorial no qual a vi uma vez. Seus cabelos loiros estão presos num coque e se rosto está sério quando ela entra na lanchonete segurando a mochila em seu ombro.

Respiro fundo quando ela vem na minha direção.

— Hey. — Ela oferece um de seus sorrisos doces. — Como você está?

Dou de ombros, sem saber ao certo o que dizer.

— Uma bagunça — admito. — Mas estou indo.

Ela comprime os lábios e suspira.

— Podemos conversar um instante?

Hesito, tentando prever o que ela quer me dizer. Levando em consideração que é a melhor amiga de Arkin, tenho uma vaga ideia.

Olho para Sage e ela assente na minha direção.

— Pode ir, cubro você.

Agradeço e guio Mia até o beco nos fundos da lanchonete. Saímos para o vento gelado do exterior e cruzo os braços.

— Se você veio até aqui defender o Arkin...

— Não é isso — ela se adianta, erguendo os braços. — Só acho que você precisa saber a verdade.

Há alguma outra verdade?

Umedeço os lábios com a língua e coloco as mãos nos bolsos do avental, me preparando para o que pode estar por vir. Anuo com a cabeça, concordando e, logo depois, Mia continua.

— Aquele áudio que foi publicado na *Cardeen Bay Gossip* é de uma conversa que Arkin teve comigo e os caras. Ele estava arrasado depois da discussão de vocês e admitiu o namoro falso. —

Pisco, surpresa e um pouco atordoada com o que ela está dizendo. Mas Mia não para. — Ele também disse que gostava de você de verdade.

Balanço a cabeça, sem entender. E me viro, apoiando minhas costas na parede externa do Meg's.

— O que... — gaguejo, confusa.

— Alex estava ouvindo e gravou uma parte da conversa. Achamos que ele mandou para o CBG para tentar fazer o Arkin ser expulso dos *Seabirds*. Ele quase conseguiu, porque quando Ark percebeu o que aconteceu, quase bateu no Jackson.

Porra.

Agora faz sentido.

Aquele desgraçado do Jackson.

Cerro a mandíbula, sentindo o rancor que sinto por ele crescer ainda mais.

— Foi você que o dedurou sobre o lance com o *antidoping,* não foi? — pergunto, estreitando meus olhos para ela.

— Culpada. — Ela abre um sorriso. — Soube de tudo na época que a gente namorava, mas acho que ele pensou que eu era boazinha demais para delatá-lo.

Sorrio também.

Aquele canalha estava merecendo que alguém o colocasse no lugar.

Mas logo o bom humor da revanche some e o sorriso morre em minha boca, porque penso em Arkin. Em como ele se desculpou hoje mais cedo, sem nem mencionar tudo o que o Jackson fez. Sem nem tentar explicar.

E me sinto péssima quando penso que nem lhe dei o benefício da dúvida. Confiamos um no outro e ele tentou lutar por mim, tentou acabar com meus muros e se abriu, o que imagino que tenha sido difícil para ele. Ele ficou do meu lado nos meus momentos difíceis, mas quando tudo desmoronou o que eu fiz? O escorracei.

Fui uma verdadeira covarde.

— Por que ele não me disse a verdade?

Mia dá de ombros.

Dá para ver em seu rosto que ela também lamenta pela situação. Acho que está sofrendo pelo seu amigo.

— Presumo que ele ache que você está melhor sem ele.

Bufo, desviando os olhos.

Por que diabos ele acharia isso? Como ele pode achar isso?

Bem, Blaze, talvez seja porque você o afastou em absolutamente todas as oportunidades que teve.

Praguejo mentalmente, me sentindo culpada. Deixei que minhas complicações e meus traumas o afastassem, o magoassem. E, com isso, também me magoei. Me auto sabotei, porque eu sabia o que eu queria.

Desde o começo, eu o queria. Mas, mesmo assim, continuei buscando qualquer oportunidade para destruir tudo entre nós só porque tinha medo.

— Olha, sei que não deveria me meter. Vocês dois são adultos e sabem o que fazem. Arkin não é santo, mas... — Ela se detém, unindo as sobrancelhas como se estivesse intrigada.

— Mas...? — incentivo.

— Mas havia um motivo pelo qual todos acreditavam que o namoro era real — diz Mia. — E acho que, no fundo, você sempre soube disso.

Havia atração, obviamente. Mas não era só isso.

Droga, *nunca* foi só isso.

Por que eu não pude ver isso antes? Por que tive que ser tão medrosa?

Como pudemos perder um ao outro dessa forma?

— É tarde demais, não é? — pergunto em voz alta dessa vez, levando meus olhos até às íris azuis de Mia.

— Nunca é tarde demais, B. — Ela dá um sorriso terno. — A beleza do mundo é que ele está repleto de segundas chances.

Mas ter a coragem para aceitá-las é o verdadeiro desafio.

39

Arkin

— Cara — Maddox quebra o silêncio confortavelmente estabelecido em nossa mesa. — Parece que você está em um velório, não num casamento.

Bufo, jogando a cabeça para trás.

Estou feliz pelo meu pai. De verdade. Mas um ambiente romântico, cheio de flores, músicas de amor e casais apaixonados dançando na pista de dança, não é o lugar onde queria estar neste momento. Definitivamente.

A última semana foi uma tortura excruciante e, mesmo tentando não usar o surfe como válvula de escape para fugir dos meus sentimentos, tem sido inevitável. Passo o dia treinando, mesmo sem ter um porquê. Quando não estou no mar ou no Centro Esportivo, estou na biblioteca estudando para as provas finais.

As festas não pararam na CBC, mas não tenho humor para ir a nenhuma delas, mesmo com os caras tentando me arrastar, Dizer a mim mesmo que preciso esquecer Blaze e deixá-la em paz não é o suficiente para fazer meu cérebro desapegar dos pensamentos que a envolvem.

Não a vejo na universidade, já que estudamos em partes opostas do campus e também não tenho visto Kyle, já que eles não apareceram para as aulas de surfe. Sinto falta dos dois. Nunca pensei que poderia me apegar a uma criança, mas passar tempo com Kyle me faz lembrar de como era passar um tempo com meu irmão.

Ele é um bom garoto, como Eric era.

— Se eu fosse o Sawyer, iria preferir estar num velório agora — Jay responde, um pouco antes de beber o resto do conteúdo de sua garrafa de cerveja.

A festa de casamento de Thomas e Lisa está acontecendo no jardim da casa. A cerimônia foi na igreja, bem tradicional. Acho que

foi só durante os votos do meu pai que percebi que estive agindo como um babaca em relação ao casamento dos dois.

Senti raiva de Thomas por estar seguindo frente depois do que aconteceu à Eric e nossa mãe. Principalmente, senti *inveja* dos filhos de Lisa, Kevin e Ellie, porque eles teriam a chance de crescer com a presença do meu pai. Um luxo que Eric e eu nunca tivemos.

Mas acho que agora entendo. Thomas sabe que errou comigo e meu irmão, por isso está tentando fazer diferente com sua nova família. Sei que isso é bom, mas uma parte de mim sempre vai se ressentir da infância que meu pai relegou a Eric e eu.

Só que esse não é o único motivo pelo qual estive tão desconfortável desde que entrei naquela igreja.

Foi porque a coisa toda só me lembrou de que eu deveria estar aqui com Blaze. Era para ela ser minha acompanhante. Mais do que isso. Era para ela ser minha *namorada*. E não me refiro ao nosso acordo de namoro fingido. Não a queria aqui dessa forma.

A decoração está bonita. Meu pai certamente gastou vários milhares de dólares para deixar a coisa toda à altura dos Sawyer.

Há mesas redondas forradas com linho e decoradas com flores lilás espalhadas por todo o jardim, ao redor da piscina. Garçons transitam por toda a festa com servindo canapés e champanhe, mas há também um bar montado na varanda. A pista de dança foi montada em frente ao palco onde uma banda careta toca músicas melodramáticas e está abarrotada de casais dançando lento.

Incluindo Mia e Lucas.

De onde saiu tanta gente apaixonada em Cardeen Bay?

Se não tivesse meus amigos, solteiros convictos, para me fazer companhia aqui, acho que iria surtar.

Falando neles, o último da tropa se aproxima segurando um drink tão grande e colorido que faz meus olhos doerem ao olhar.

— Vocês parecem três velhos ranzinzas sentados nessa mesa em vez de estar dançando. — Charlie observa, se jogando na última cadeira vazia entre Jay e eu.

— Bem, eu me sinto como um velho ranzinza — murmuro, passando os olhos pela multidão.

Tirando meus amigos, que estão aqui para me dar apoio moral e minha família, não há mais ninguém na festa que eu conheço. A maioria dos convidados são os amigos de trabalho do meu pai. Há também os parentes distantes de Lisa, que viajaram o país inteiro para vê-la se casar. Por parte da família do meu pai, meu avô e meu tio estão aqui. Minha avó paterna morreu há alguns anos e não tenho contato com meus avós maternos.

Eles não são muito fãs dos Sawyer. Acho que, depois que minha mãe se foi, eles cortaram contato de vez.

— Pobre Arkin e seu coração partido — Jay zomba, os olhos azuis debochados na minha direção.

— Cala a boca ou vou te afogar naquela piscina, Harlow — retruco, de mau humor.

— Como se ele tivesse muita moral para falar algo sobre corações partidos. — Maddox ri. — Todos sabem como você está arrasado desde que a Sage te deu o fora.

Charlie e eu acompanhamos Mad na risada, mas a carranca de Jay só cresce.

Faz mais ou menos uma semana desde que Sage chutou Harlow, encerrando a relação esquisita deles de uma vez por todas. Desde então, meu amigo tem estado com o humor um pouco *volátil* — para dizer o mínimo.

— É só vocês se embriagarem como eu que vão ficar felizes rapidinho — Charlie diz, nos fazendo dar risada.

— Só você pra ficar bêbado antes da primeira hora de festa. — Balanço a cabeça, ainda rindo.

Charlie consegue ficar bêbado em absolutamente qualquer evento que tenha a mínima quantidade de álcool.

— Pelo menos eu sei me divertir — retruca o loiro, bebendo de seu drink esquisito.

O silêncio volta a recair em nossa mesa conforme observamos as pessoas ao redor. Em especial, Mia e Lucas. Eles chamam a atenção como se fossem celebridades irradiando uma

espécie de brilho dourado. O foco de todos é atraído para eles e sua dança naturalmente.

Porque, assim que a música muda para uma balada agitada, eles dão um show de sincronia, dançando como se tivessem ensaiado uma coreografia profissional. A parte mais legal de ver é o rosto deles, porque os dois não param de sorrir, como se estivessem sozinhos ali, se divertindo.

— Minha irmã parece tão... — Jay não completa a frase de imediato, parando para pensar.

— Feliz? — sugiro, e ele faz uma careta.

— Eu ia dizer *diferente*.

— É o que o amor faz — Maddox murmura, pensativo. — Fode com a cabeça das pessoas.

— Não é amor — discorda Jay, mas dá para ver em seu rosto que ele não está tão convencido.

Amor.

Uma grande perda de tempo, pelo que eu sei.

Basta que eu comece a pensar nisso para que Blaze Kingston volte a dominar meus pensamentos e o aperto de apreensão volte a surgir em meu peito.

Suspiro e me ajeito sobre o assento, inquieto.

Mas não consigo relaxar e esquecer. Meu corpo inteiro está tenso, cheio de um misto de arrependimento, raiva e tristeza.

Quando vi Blaze em sua festa de aniversário, conversando sorridente com aquele cara, tudo o que consegui pensar por dias foi que a última vez em que esteve comigo, ela chorou de uma forma que me quebrou totalmente. Mas ela estava feliz sem mim naquele apartamento. Estava sorrindo, como deveria.

Não quis atrapalhar isso. Trouxe consequências negativas demais para sua vida desde que entrei nela. Depois dos anos conturbados com sua mãe e a responsabilidade sobre seu irmão, Blaze não precisa de mais nenhuma complicação. Eu sou uma. Minha vida é complicada e turbulenta desde que me lembro.

E se pudesse ter mudado como tudo aconteceu entre Blaze e eu para evitar que essas merdas a atingissem, eu o faria. Ainda

assim, não posso dizer que me arrependo. Acho que não estava vivendo de verdade antes de ela aparecer no meu caminho.

Ela me fez ver a minha vida e o futuro de uma forma diferente. Me acordou para as coisas que realmente valem a pena.

E uma vida sem sentir o tipo de coisa que Blaze desperta em mim não é uma vida que eu quero.

Ir embora daquele apartamento foi a coisa mais difícil que já fiz. Jurei a mim mesmo que não seria tão forte para resistir se Blaze tentasse me impedir. Mas ela não tentou.

Acho que é melhor assim, para nós dois.

Droga.

A quem eu quero enganar? É melhor porra nenhuma.

Nunca mais vou ser o mesmo. Não dá mais para mentir e dizer que estou melhor sem ela, porque não estou. Não quero ficar sem Blaze. Mas ela não quer ficar comigo, então, talvez, ela esteja melhor sem mim.

E pensar nisso machuca pra caralho.

Acho que Maddox está certo. O amor fode com a cabeça das pessoas.

— Acho que vou aceitar seu conselho — digo para Charlie, me levantando. — Preciso ficar bêbado.

E rápido.

Saio para a direção do bar, passando por Lucas e Mia no canto da pista de dança. Eles sussurram e dão risadinhas como se realmente fossem os únicos no lugar. É bonito de ver, porque eles combinam como poucas pessoas que já vi. É como se tivesse uma conexão.

É um grande desperdício duas pessoas assim não ficarem juntas, por isso espero que eles encontrem um caminho um para o outro.

Sinto um pouco de inveja.

Nossa, acho que realmente me tornei um amargurado.

Preciso beber várias doses de uísque até esquecer disso.

Assim que chego no bar, encontro meu pai apanhando duas taças de champanhe. Acho que nunca o vi tão feliz quanto agora. Os seus sorrisos, tão escassos, agora são distribuídos aos montes.

— Uísque com gelo, por favor — peço ao barman, que assente e começa a preparar a bebida.

Vejo, com o canto do olho, meu pai parar ao meu lado e torcer o nariz para minha escolha.

— Não se preocupe, estou comemorando — digo, mas ele não se convence.

— Por que parece que quer afogar as mágoas, então?

— Não tem nada a ver com seu casamento — garanto, voltando a olhar para a pista de dança. Os casais se dispersaram um pouco. Localizo Liza com seu enorme vestido de noiva, rodopiando com seus filhos no centro da pista. Ela está reluzindo de felicidade. — Gosto da Lisa. Acho que a mamãe iria gostar dela.

O semblante de preocupação de meu pai se desfaz e dá lugar a um sorriso genuíno.

— É, eu também.

Minha mãe era generosa e altruísta o suficiente para desejar que meu pai seguisse em frente e buscasse a felicidade de novo. E, embora seja difícil assistir isso tudo de fora, tenho que aceitar.

— Você sempre vai ser meu filho, Arkin — meu pai diz depois de um instante. — Sabe disso, não é?

— Eu sei, pai.

De alguma forma, isso soa como a melhor reconciliação que poderíamos ter.

Acho que nunca vamos ter a relação que eu desejaria ter com um pai, porque, para isso, precisaria voltar no tempo e mudar a forma como Thomas agiu durante parte da minha infância e toda a minha adolescência.

Apanho minha bebida no balcão e estou prestes a entorná-la quando algo parece chamar a atenção de Thomas. Ele vira o rosto para o outro lado e levanta as sobrancelhas, surpreso.

— Arkin — chama ele, me fazendo olhar na mesma direção.

É quando meus olhos a encontram.

Blaze está aqui.

Ela está usando um vestido longo e vermelho, um tomara-que-caia que evidencia todas as curvas de seu corpo. O busto pequeno, a cintura fina e os quadris largos, os braços finos e pálidos... Seu cabelo está solto e meio bagunçado, como se ela saiu às pressas. Ainda assim, está perfeita pra caralho.

Cada detalhe em Blaze Kingston é perfeito e eu passei os últimos três meses decorando todos eles. Desde a maneira como ela sorri com os olhos quando está genuinamente feliz até a maneira como ela abraça com força e intensidade, como se sempre estivesse esperando que seja a última vez.

Sempre que penso que já guardei na memória tudo sobre essa garota, ela me surpreende de novo. Quando a olho, é sempre como se fosse a primeira vez. Sinto a mesma confusão de sentimentos. A antecipação, o desejo, o medo... tudo misturado. Parece que vou morrer se não a sentir em meus braços.

E agora ela está caminhando pelo jardim enquanto procura por algo ao redor, perdida. Mas não consigo observá-la de longe por muito tempo, porque nossos olhares não demoram a se conectar.

Blaze para de andar, parando perto do gazebo do outro lado da pista de dança, e inclina a cabeça para o lado. O vinco profundo entre suas sobrancelhas se dissolve e um pequeno sorriso de reconhecimento surge em sua boca vermelha. Sinto meu coração acelerar instantaneamente e me obrigo a engolir em seco.

— O que está esperando? Vá até ela. — Meu pai acena na direção de Blaze e, finalmente, saio do transe e pisco, voltando a mim. — E vê se não a perde dessa vez.

Meus pés começam a se mover na direção de Blaze como se encontrassem o caminho até ela naturalmente. Assim que ficamos diante um do outro, sinto que preciso segurar a respiração.

— Por que veio? — pergunto, confuso.

Não era para Blaze estar aqui, não agora que nosso acordo já era.

Ela dá de ombros.

— Prometi que estaria aqui — responde, simplesmente.

De perto, consigo ver como suas bochechas estão coradas e como ela está respirando ofegante.

— Blaze, não precisava... — Não tenho chance de concluir, porque ela me interrompe e diz, rápido.

— Mia me contou o que aconteceu de verdade. — Franzo o cenho, sem entender de imediato do que ela está falando. — O áudio, a conversa no vestiário, Jackson... *tudo*.

Oh.

Mia não deveria ter dito nada. Blaze não precisava saber. Ela estava bem da forma como tudo acabou. Prometi a mim mesmo que a deixaria em paz e não tocaria mais nessa história, mesmo que isso estivesse me matando por dentro.

— Sinto muito por ter julgado mal toda a situação — continua Blaze.

Dá para ver em seus olhos que ela está mesmo arrependida. Mais do que isso, ela parece agoniada. Não para de morder o canto da boca, nervosa.

Odeio o que tudo entre nós se tornou. Parece que somos dois estranhos agora, sem conseguir se abrir de verdade um com o outro. O clima entre nós está tenso, como se não soubéssemos como agir na presença um do outro.

Perceber como tudo mudou e aquilo que antes era tão fácil e confortável se transformou nessa bagunça de palavras não ditas e sentimentos reprimidos dói mais do que qualquer outra coisa.

— Não tem problema — garanto, dando um passo para trás.

Sei porque ela ficou tão magoada quando leu aquela matéria na *Cardeen Bay Gossip*. Foi a mesma coisa que aconteceu com ela quando me filmaram lendo suas declarações para mim em seu diário. E quando Jackson falou merda dela também. Blaze sentiu humilhada e traída, da mesma forma que ocorreu antes.

Ainda assim, pensei que ela ao menos me deixaria explicar. Que confiaria em mim e no que vivemos durante as últimas semanas. Pensei que ela me daria esse crédito ou, ao menos, o benefício da dúvida.

Mas ela me deixou para trás. Não a culpo por isso, mas também não sei se teria como as coisas serem diferentes entre nós. Blaze tem problemas de confiança e, mais do que isso, ela é uma fugitiva nata. Não sei se algum dia vai se abrir realmente comigo, embora essa seja a coisa que eu mais queira no mundo. Queria que ela se rendesse como eu me rendi.

— Tem sim — discorda ela, incisiva. — Eu faço isso o tempo todo. Sempre presumo o pior de todo mundo, porque acho que isso vai evitar decepções.

Sua confissão me surpreende e me pega desprevenido. Assumir que presumiu o pior de uma situação que, realmente, foi bem ruim, é uma coisa. Agora, se abrir dessa forma é algo que nunca pensei que Blaze faria comigo. Ela tem medo da vulnerabilidade. Ou *costumava* ter.

Porque essa garota na minha frente, definitivamente, não é alguém que está fugindo.

— Blaze...

Tento falar para ela que está tudo bem, mas ela me corta novamente, agitada.

Nunca a vi assim antes. Blaze parece apavorada e ansiosa, mas ela nunca desvia os olhos dos meus e diz cada palavra com seriedade.

— Deixa eu terminar — pede ela. — Aquele dia foi sua vez de falar, agora é a minha. Apenas escuta, por favor. — Engulo em seco, mas assinto em anuência. Não faço ideia do que ela está prestes a dizer, mas parece ser difícil e importante para ela. — Você estava certo quando disse que eu era uma covarde. *Droga*... você estava certo sobre tudo. Desde que consigo me lembrar, estive fugindo dos meus próprios sentimentos, achando que, assim, não me machucaria. Você foi minha paixão de infância e quando me rejeitou na frente de todo mundo... aquilo doeu. — Ela dá um sorriso tristonho antes de continuar. — Eu nunca mais quis passar por isso. Então, passei os últimos anos garantindo que era a primeira a ir embora de qualquer relação, para não me decepcionar.

Cerro a mandíbula, ouvindo tudo com apreensão. Blaze não para. Seus olhos escuros ainda estão presos aos meus quando ela

dá um passo na minha direção, aproximando nossos corpos.

— Só que você entrou na minha vida de novo, depois de tantos anos. Você fez eu me apaixonar por você e tornou tão difícil que eu fosse embora... — Ela sorri com nostalgia e vejo, refletido em seus olhos, todos os momentos que compartilhamos nos últimos tempos. Tudo aconteceu muito rápido, mas foi intenso como nada que eu tenha vivido antes. — Tive medo de que não conseguisse te superar pela segunda vez, então fugi. *De novo.* E te machuquei no caminho. Por isso, peço desculpas. Não tinha haver com quem você é, mas com os meus próprios medos. Você é uma pessoa incrível que eu afastei porque tinha muito medo de perder. — Blaze dá um suspiro e balança a cabeça. — Mas estou cansada disso. Não quero mais fugir.

Ela sorri de novo depois de que fala tudo isso e vejo que Blaze está aliviada por ter colocado tudo para fora. Seus olhos brilham quando ela continua.

— Você me ensinou que, para poder viver as melhores coisas da vida, temos que aceitar o risco de nos machucar no caminho. Porque, no fim, tudo vale a pena. Sinto muito por ter demorado tanto tempo para entender tudo isso e superar os meus medos. Mas, se você ainda me quiser, eu quero correr o risco com você. Porque você vale a pena, Arkin.

Toda a relutância e apreensão que estavam guardadas no meu peito, se esvaem e preciso piscar mais uma vez para ter certeza de que isso é real. De que Blaze é real. Acho que sonhei e desejei tanto que tivéssemos uma nova chance, mesmo sabendo que poderia dar tudo errado, que não consigo acreditar que está mesmo acontecendo.

Mas ela está aqui, bem na minha frente. Ela está abaixando todos os seus escudos diante dos meus olhos e me deixando entrar. Deixando alguém entrar, pela primeira vez.

E não vou deixá-la escapar novamente. Não posso. Quero que essa garota volte a bagunçar minha vida como um furacão. Quero suas risadas e seus segredos. Acima de tudo, quero sua confiança.

Preciso me conter para não agarrá-la e enchê-la de beijos agora, mas é só nisso que consigo pensar. Faz apenas duas semanas que tudo desandou entre nós, mas sinto falta de Blaze como se fosse uma eternidade.

Acho que meu silêncio se prolonga por tempo demais, porque Blaze encolhe os ombros e volta a morder o canto da boca, nervosa.

— Pode dizer alguma coisa, por favor?

Acabo com a distância entre nós e faço o que estive pensando em fazer desde que a vi nesse vestido vermelho: a beijo. Seguro seu rosto entre as mãos e pressiono nossos lábios com urgência.

Blaze hesita por um segundo, surpreendida, mas logo amolece em meus braços. Ela abre a boca, permitindo que nossas línguas se encontrem e solta um gemido baixinho de satisfação e saudade quando nossos gostos se misturam novamente. Blaze me segura pelo blazer do *smoking* e me puxa para si.

Sentir seu calor e seu cheiro de novo é tão bom que me faz esquecer de onde estamos. Acho que, no fim das contas, subestimei a intensidade do que sinto por Blaze. Sou mais louco por ela do que imaginava.

Quando perdemos o fôlego e nos afastamos, mantemos nossas testas unidas, respirando ofegantes, atordoados pela impetuosidade dos nossos sentimentos.

— Eu amo você — sussurro em sua boca.

Não é só paixão, amizade ou carinho. Nós dois demoramos demais para aceitar o que realmente é. Negamos, fugimos, lutamos contra isso. Chamamos por outro nome. Mas não temos que ter medo dessa palavra, nem do que ela significa.

Porque tudo isso vale o risco.

Blaze sorri.

— Você ama?

— Eu amo. Muito — repito, me sentindo um pouco aliviado por colocar isso para fora também. Me afasto o suficiente para podermos nos olharmos diretamente. Preciso dizer isso olhando no fundo de suas íris, para que ela nunca duvide. Toco em sua

bochecha rosada com a lateral do polegar, sentindo a textura macia e quente contra minha pele. — E quero que me deixe te amar. Quero que me deixe cuidar de você e ser seu amigo. Quero que confie a mim os seus segredos e que saiba que nunca vou trair sua confiança. Quero que me revele seus medos e que me deixe enfrentá-los com você. Quero que pare de me afastar e de lutar contra o amor. Porque isso aqui, Blaze, isso aqui é raro.

Blaze assente, anuindo com a cabeça.

— Eu também te amo.

Não consigo segurar o sorriso quando escuto isso. A sensação é tão boa que não sei porque estive correndo desse sentimento durante toda a minha vida.

E assim, selamos uma promessa.

Uma promessa de nunca mais lutar contra o que existe entre nós. De confiar tanto um no outro que podemos nos render e baixar a guarda. De aproveitar tudo, os bons e maus momentos, porque algumas coisas são únicas e o que há entre Blaze e eu é uma delas.

Acho que nós dois aprendemos algo depois dos últimos três meses: não importa o quão arriscado seja abrir o coração para alguém, a jornada sempre vale a pena. Eu passaria por toda a turbulência de novo, apenas para encontrar a calmaria dos braços de Blaze todas as vezes.

40

Blaze

Arkin e eu nos juntamos aos casais dançando na pista de dança no jardim da casa de seu pai.

Durante os minutos da música lenta, não dizemos nada. Apenas ficamos abraçados um ao outro, nos movimentando no ritmo da melodia. Meus olhos estão fechados e minha cabeça está repousando contra seu peito, de forma que posso ouvir as batidas agitadas de seu coração. O meu está tão acelerado quanto.

Acho que a adrenalina ainda está correndo em minhas veias. Passei os últimos dias desde a conversa com Mia me remoendo em desgosto e arrependimentos. Muita coisa passou pela minha cabeça desde que ela me contou a verdade. Percebi o quanto eu tinha errado com Arkin, o afastando sempre que me sentia ameaçada pelos sentimentos que tenho por ele.

No fundo, já sabia há um bom tempo que estava apaixonada por ele. Não era apenas atração. Acho que nunca foi. Mas tive tanto medo que ele me magoasse que escolhi magoá-lo primeiro. Busquei motivos para fugir do que existe entre nós, mas não consegui ir muito longe. Não dá para se enganar tanto assim.

E relutei em dizer a Arkin o que sentia, depois que ele se foi e descobri a verdade, porque tive medo que ele não me quisesse mais. Temi que ele realmente achasse que sou um caso perdido e que não me daria uma segunda chance.

Novamente, deixei meu medo dominar minhas decisões.

Só que hoje de manhã, olhei para o convite de casamento de Thomas e Lisa, que está em cima da minha escrivaninha desde que chegou pelo correio há algumas semanas. Acho que fiquei encarando aquele envelope ornamentado por vários minutos, lutando contra mim mesma mais uma vez.

Mas, dessa vez, engoli meus medos e receios. Coloquei o único vestido apropriado para a ocasião que encontrei em meu

armário e saí correndo de casa. Tudo sumiu da minha cabeça e só o que conseguia pensar é que precisava ver Arkin. Precisava abrir meu coração, pela primeira vez.

Ele pareceu meio intimidador com esse *smoking* caro e elegante e seu cabelo arrumado para trás. Estava muito sério também. Mas assim que comecei a falar, a colocar tudo para fora, revivi na minha cabeça os últimos três meses.

Arkin Sawyer não é mais o moleque que implicava comigo na escola. Também não é mais o atleta arrogante de quem me ressenti quando reencontrei. Ele também não é apenas meu colega de apartamento e namorado falso. Ele é o meu amigo e o meu amor.

E sei que posso confiar meu coração a ele.

Quero que todos os meus dias sejam como eram quando morávamos juntos, porque ninguém me faz sentir tão feliz ou completa como Arkin Sawyer.

Os dedos de Arkin estão tocando minhas costas desnudas pelo decote de trás do vestido e o carinho lento que ele começa a fazer me arrepia. Abro os olhos e me encontro cercada por um mar de casais que dançam em conjunto. Meu olhar se fixa em um, em especial.

Mia está com a cabeça deitada no peito de Lucas enquanto eles também dançam. Ela olha para mim com felicidade e abre um sorriso antes de levantar o polegar em sinal positivo, aprovando Arkin e eu.

Sou muito grata a ela por ser uma boa amiga, tanto para Arkin quanto para mim. E algo me diz que, não importa o quanto ela e Lucas achem que as coisas estão resolvidas entre eles, ainda há muita história para acontecer entre esses dois. Eles foram feitos um para o outro.

Quando a música acaba e outra mais agitada começa, Arkin e eu paramos de dançar. Sinto meus dedos dos pés latejarem e faço uma careta, me apoiando no ombro dele.

— Podemos sentar um pouco? — pergunto para Sawyer. — Acho que esses coturnos não foram feitos para tantas danças.

Arkin levanta uma sobrancelha, sem acreditar.

— Você está usando coturnos?

— Estou — confirmo, levantando um pouco a saia do vestido longo para mostrar minhas botas de couro.

Me vesti com pressa. Já tinha perdido a cerimônia de casamento, não podia perder a oportunidade de falar com Arkin na festa também. Prometi que estaria aqui. Coloquei o primeiro par de sapatos que vi pela frente, sem pensar se iria ou não combinar com o traje. Afinal, a barra do vestido iria cobrir os calçados de qualquer forma.

Assim que Arkin dá uma olhada nos coturnos, cai na gargalhada.

— Você não existe mesmo.

— Você ama esses coturnos — instigo, empurrando-o com o ombro.

— Amo mesmo — concorda, se inclinando para dar um beijo na minha bochecha antes de apanhar minha mão na sua. — Vem, vamos sentar.

Com nossos dedos entrelaçados, Arkin me guia por entre as pessoas para fora da pista de dança. E, ao atravessarmos o jardim, vejo Thomas e Lisa, a noiva mais linda que já vi, sentados em uma mesa enfeitada de flores.

— Quando cheguei, você e seu pai estavam conversando — digo, apreensiva. Depois que Mia me contou tudo, finalmente percebi que a exposição pública do nosso namoro falso teria implicações para ele também. Tudo isso começou porque Arkin queria mudar sua reputação e manter seu patrocínio, afinal. — Tá tudo bem?

Estive evitando ver a repercussão que a matéria do *Cardeen Bay Gossip* teve na internet, então não sei direito como isso impactou Arkin. Só sei que todos ficaram falando sobre isso por dias. Fingi não notar os olhares e os burburinhos na universidade, mas eles estavam lá. E passar por tudo isso foi ainda mais difícil sem ter Arkin por perto.

— Está, sim — ele responde, apertando minha mão na sua quando nos aproximamos de uma mesa vazia. — Acho que ele

precisou ver o quão longe eu iria para conseguir sua aprovação, porque só quando soube do namoro falso que ele percebeu que estava errado em não confiar em mim e na minha mudança.

Dou um sorriso, me sentando ao seu lado.

— Fico feliz com isso, Ark. Vocês tinham que se resolver.

Thomas não é uma pessoa ruim. Ele é difícil, sem dúvidas. Às vezes, age como um babaca e, com certeza, falhou como pai várias vezes. Mas, como Mia mesmo disse, o mundo está cheio de segundas chances. Se ele realmente quiser mudar sua relação com seu filho, então vou lhe dar um voto de confiança.

— É, um passo de cada vez. — Arkin suspira, franzindo o cenho. — Sinto muito pela *Global Records.*

Faço uma careta ao lembrar da decepção que senti ao ler aquele e-mail de rejeição. Mas logo algo passa pela minha cabeça.

— Como sabe disso?

Ele dá de ombros.

— Effy me contou.

— Quando?

— Na sua festa de aniversário na semana passada — confessa, relutante.

Arregalo os olhos em choque.

— Esteve na festa? Por que não falou comigo?

Effy não mencionou nada e não o vi por lá. Estava tão concentrada em beber todas as cervejas que podia para me esquecer daquela péssima semana que duvido que teria notado.

— Você parecia bem — diz, desviando os olhos. — Estava rindo com um cara da Kappa Phi Nu.

O tom ácido ao dizer a última parte quase me faz dar uma risada incrédula. O ciúme está estampado em seu rosto.

— Gabriel é só um amigo — garanto. — Ele foi o escolhido na audição, mas me indicou para a gravadora da irmã dele.

Hesitei um pouco em aceitar, mas minhas dúvidas desapareceram quando visitei o lugar ontem e conversei com Natalie, irmã de Gabriel. Além de me passar confiança e me mostrar

as bandas que gerenciou e lançou nos últimos anos, ela também pareceu muito profissional.

— Acho que desgosto um pouco menos dele agora — Arkin diz, contrariado.

Gabriel é lindo e tenho que admitir que ele tentou flertar comigo na festa, depois de ficar sabendo, assim como todo mundo, que o namoro entre Arkin e eu era de mentira. Mas expliquei a situação para ele e Gabriel compreendeu.

O namoro era falso, mas a paixão sempre foi bem real.

— Acho que vai *gostar* dele quando souber que estou prestes a fechar um contrato bem generoso com a irmã dele — revelo, sem conseguir conter o sorriso em meu rosto. — Ela me garantiu que vai me colocar em turnê nacional no ano que vem.

O sorriso que surge no rosto de Arkin é tão grande quanto o meu e nos levantamos ao mesmo tempo só para nos abraçar.

Fico nervosa só de imaginar em subir num palco e fazer um show de verdade para centenas de pessoas. Parece aterrorizante e empolgante, na mesma proporção. Sei que deveria estar receosa, por causa de todas as fofocas e comentários ruins que me cercaram na internet nos últimos dias, mas tudo isso só faz eu me sentir desafiada. Quero dar o meu melhor na música.

Quero provar que eles estão errados. Acima de tudo, quero provar a mim mesma que consigo. Porque isso tem sido a única coisa com que sonhei durante toda a minha vida.

Música.

Esse é meu futuro e meu objetivo e não vou deixar nada me impedir de correr atrás disso.

— Puta merda, estou tão orgulhoso de você.

Sinto que meu coração poderia explodir de felicidade neste momento.

A reconciliação com minha mãe, a vinda de Effy para Cardeen Bay e agora o contrato com a *Sanford Records*... Só o que precisava para tudo ficar completo era me acertar com Arkin novamente.

Agora, sinto como se minha vida estivesse finalmente entrando nos trilhos. Não é, nem de longe, como imaginei que meu futuro seria: numa cidadezinha da Carolina do Norte, apaixonada por um surfista que passei toda minha adolescência odiando, mas, mesmo assim, é perfeito.

É engraçado como a vida nos leva para caminhos inesperados que, no fim, são os ideais.

Dou um gritinho de surpresa, que logo se transforma em risadas, quando Arkin me abraça mais forte, me levantando, e rodopia comigo em seus braços.

Nosso momento, contudo, é interrompido quando alguém limpa a garganta atrás de nós. Arkin e eu nos afastamos e nos viramos, ficando diante de um homem baixo e loiro, que usa óculos redondos sobre o nariz reto. Ele está vestindo um terno risca de giz e parece meio esnobe, na verdade.

— Scott — Arkin diz, se endireitando e ficando sério de repente.

— Arkin — retribui o homem antes de alternar o olhar altivo para mim. — E você deve ser a namorada falsa.

Há certa diversão em sua voz quando diz isso, mas meu semblante se fecha mesmo assim.

— Blaze — corrijo.

— É um prazer conhecê-la, *Blaze.* — Ele sorri. — Sou um grande amigo do pai de Arkin.

— E CEO da *Maximus* — acrescenta Arkin.

Levanto as sobrancelhas.

— A bebida energética? — questiono em voz alta, mas logo a compreensão recai sobre mim. — *Você é o patrocinador*.

Minha constatação parece mais uma acusação, mas não me importo.

Este é o homem que esteve receoso de patrocinar Arkin nas disputas mundiais de surfe por causa da reputação dele. O motivo por trás do acordo maluco de namoro entre nós.

— Culpado. — Ele dá uma risada curta e um pouco constrangedora.

— Se você está aqui para dizer que não vai patrocinar o Arkin por causa de fofocas estúpidas, saiba que cometerá o maior erro da sua vida. Sawyer é o surfista mais promissor no cenário nacional e...

Scott levanta a mão, me impedindo de continuar.

— Não quero romper nosso contrato.

— Não?! — Arkin e eu indagamos em uníssono.

— Não — repete Scott, impaciente. Ele se vira para Arkin em seguida. — Na verdade, gostaria de marcar uma reunião com você antes do feriado de Ação de Graças, se for possível.

Sawyer está mais do que surpreso, está em choque. Acho que ele também não fazia ideia de qual seria a decisão de Scott acerca do patrocínio.

Mas é uma surpresa maravilhosa.

— Sério? — Arkin pergunta de novo, mas logo acrescenta: — Quero dizer, claro.

Preciso me segurar para não rir da forma como o confiante Arkin Sawyer ficou todo sem jeito agora.

Mas não o culpo. Isso diz respeito a seu futuro, afinal. E ele leva o surfe muito a sério.

— Se você consegue se comprometer em fingir um namoro por três meses, acho que consegue se comprometer em surfar sério nos *tours* mundiais.

— Eu vou surfar sério nos *tours* mundiais — Arkin afirma, com veemência.

— Então não há problemas. — Scott estala a língua com satisfação. — Entrarei em contato para marcar nossa reunião.

E, com um aceno de cabeça, Scott se distancia, deixando Arkin e eu nos entreolhando.

— Ah. Meu. Deus — digo, pausadamente. — Você vai para os mundiais.

— Eu vou. — Ele ri.

Acho que nunca estive tão orgulhosa de Arkin. Ele dá muito duro pelo surfe e tem se dedicado feito louco para conseguir chegar

ao QS e, posteriormente, ao CT, principalmente depois do que aconteceu com seu irmão.

Arkin merece alcançar seu sonho e acho que ele fará isso por Eric também.

Paro de sorrir quando percebo que o semblante de Arkin está sério enquanto ele me perscruta intensamente com suas íris esverdeadas.

— O que foi?

Arkin suspira, voltando a se aproximar de mim. Ele me puxa para perto pela cintura e, automaticamente, coloco meus braços ao redor do seu pescoço.

Seus olhos estão brilhando e seu rosto está corado. Arkin nunca pareceu tão vivo e tão feliz antes. Essa visão aquece meu coração e, de alguma forma, faz eu me apaixonar ainda mais por ele.

— Quer sair daqui?

Meu sorriso sugestivo é a única resposta que ele precisava.



Arkin e eu estamos nos esgueirando para fora da festa, tentando fugir dos olhares curiosos e das perguntas de nossos amigos. Contudo, assim que Maddox, Mia e Charlie nos veem, começam a tagarelar, perguntando como tudo aconteceu e o que vamos fazer agora.

Honestamente, acho que Arkin e eu não fazemos ideia. Quando se trata de nós, tudo ocorre tão rápido e intensamente que somos praticamente atropelados pelos acontecimentos.

Diferente dos outros, Lucas apenas sorri sugestivamente, como se já esperasse que, uma hora ou outra, as coisas entre Arkin e eu fossem se resolver. Jay, por outro lado, mantém o mesmo semblante pensativo de sempre, com exceção de um pequeno sorriso que direciona a nós dois. Seu coração de pedra pode não ser tão impenetrável quanto ele quer fazer todos acreditarem, no fim das contas.

Sage, há alguns dias, terminou de vez a relação complicada entre eles. Agora, não haverá mais beijos roubados ou transas furtivas. Eles estão de volta à estaca zero e eu deveria ter imaginado que minha amiga não foi a única que ficou abalada com isso. Acho que ela se arrependeu de sua decisão e que Jay não está nem um pouco satisfeito também.

De qualquer forma, eu sei que também vou enfrentar um interrogatório de Effy e Finn quando eles souberem que eu, finalmente, confessei meus sentimentos para Arkin. Por isso, arranjo a primeira desculpa que surge na minha cabeça só pra evitar de responder mais perguntas agora. Digo que meu irmão está precisando de nós, então arrasto Arkin para longe do círculo que nossos amigos formaram ao nosso redor.

Eu só quero ficar um tempo a sós com ele e acho que Sawyer também pensa nisso, porque quando nos afastamos do jardim, ele nem espera sairmos da casa do seu pai para me atacar. Assim que passamos por uma porta no corredor que levava à sala de estar, ele me puxa para dentro.

O banheiro, tal como o resto da mansão, é enorme e iluminado, mas nem consigo reparar nos detalhes. A boca de Arkin Sawyer está na minha, devorando e chupando meus lábios e é só nisso que consigo me concentrar.

Tudo o que sinto são as sensações quentes e juvenis que Arkin desperta em mim. As borboletas no estômago, o arrepio da antecipação e a velocidade com que meu coração dispara assim que nos conectamos. É familiar e natural, como peças que se encaixam perfeitamente em um quebra-cabeças.

E eu estive morrendo de saudades disso. Ficamos pouco mais de duas semanas longe, mas foi o suficiente para que eu percebesse que não quero, nunca mais, me distanciar desse sacana que eu aprendi a amar.

— Diz aquilo de novo — pede Arkin quando tira a boca da minha, num sussurro rouco que me faz ficar molhada imediatamente.

— Eu amo você, Arkin Sawyer — respondo, incapaz de tirar esse sorriso imenso do meu rosto.

— Porra, nunca pensei que essas palavras pudessem ser tão sexy.

Dou risada, porque sei exatamente do que ele está falando.

Acho que subestimei o poder desse sentimento. Estive fugindo dele há tanto tempo que não consegui identificá-lo nem quando ele me arrebatou. Na verdade, posso até ter percebido os sinais. Fiquei em negação por muito tempo, mas, no fundo, sempre soube que o que havia entre Arkin e eu era muito mais do que eu queria aceitar.

Mas agora que, finalmente, nos libertamos de todas as barreiras que tínhamos quanto ao amor, é tão bom. Cada toque parece mais quente e cada beijo é mais especial. Acho que, se Arkin colocasse agora uma das músicas da Taylor Swift que ele tanto gosta, eu poderia até me identificar com suas letras românticas que sempre achei um pouco *piegas.*

Parece tão fácil, agora que me rendi, que sinto um pouco de raiva de mim mesma por não ter feito isso antes.

Minha atenção se volta completamente ao aqui e o agora quando Arkin me pega pela cintura e me coloca em cima da bancada de mármore ao lado da pia. Ele se acomoda entre as minhas pernas e levanta meu vestido, embolando-o na minha cintura. Seus dedos se fincam na lateral das minhas coxas e jogo a cabeça para trás ao mesmo tempo em que sua boca encontra a parte do meu pescoço que parece ter sido feita apenas para ser beijada por Sawyer.

E quando ele começa a lamber e morder o ponto abaixo da minha orelha, é impossível segurar os suspiros e gemidos.

— Senti falta de ouvir os sons que você faz quando tá com tesão — ele diz, sem se preocupar que alguém passando no corredor lá fora possa nos ouvir.

Honestamente, também não dou a mínima.

Sinto a ereção saliente na calça de Arkin roçar contra meu clitóris por cima da calcinha e comprimo os lábios para evitar de gemer. Ele pressiona sua pélvis com mais força contra a minha, me arrancando um grunhido.

— Quem disse que eu tô com tesão? — provoco, sem nem conseguir esconder o sorriso no meu rosto.

Arkin levanta as sobrancelhas, mas não diz nada. Em vez disso, leva uma das mãos para dentro da minha calcinha, me encontrando encharcada.

— Você ainda não consegue fingir *isso*, gatinha. — Ele circula o polegar sobre meu clitóris antes de me penetrar com dois dedos de uma vez.

Preciso tampar minha boca com a mão para conter o grito.

Meu corpo inteiro reage a cada toque de Arkin como se estivesse ansiando por isso há décadas, como se também tivesse sentido falta dele.

Com a mão livre, agarro a gola de seu paletó, puxando-o na minha direção enquanto seus dedos se movem sem pressa dentro de mim. Nossas bocas se unem novamente e, quando sinto que estou prestes a gozar sob a calidez de seus beijos, Arkin se afasta para me fitar com um brilho diabólico em suas íris.

Sem tirar os olhos dos meus, ele desliza minha calcinha pelas minhas pernas, tirando-a antes de tomar seu tempo abrindo a calça de forma lenta e torturante.

Fecho as pernas, esfregando as coxas uma na outra. Arkin passa sua língua pelo lábio inferior, umedecendo-os da forma mais sexy possível, o que, combinado com esse olhar que ele está me dando agora, quase me deixa louca.

É impossível não sentir tesão com esse homem. Ele exala sexo por seus poros.

Tenho certeza de que estou uma bagunça agora, com lábios vermelhos e inchados, cabelos desgrenhados e vestido amarrotado, mas Arkin ainda parece perfeitamente intocado. Se não fosse pelos fios desalinhados de seu cabelo, ninguém que o visse agora diria que ele está prestes a dar uma rapidinha no banheiro de uma festa de casamento.

Ele puxa a carteira do bolso e tira de lá uma camisinha.

— Sempre preparado, huh? — brinco.

Arkin sorri e me puxa para a beira da bancada. Automaticamente, abro as pernas para ele e as coloco em sua cintura.

— Nunca se sabe quando posso encontrar com uma diabinha de coturnos que me deixa louco.

Sorrio, passando meus braços em volta de seu pescoço. Aproximo minha boca da sua até elas estarem quase se tocando. Estremeço de prazer quando Arkin guia seu pau para minha entrada e provoca, roçando apenas a ponta em mim.

— Para o seu bem, espero que eu seja a única — sussurro em seus lábios.

— Você sempre vai ser a única, pequena B.

Então, Arkin empurra seus quadris para frente, me preenchendo, e começa a se mover. Ele vai devagar dessa vez e nunca tira os olhos dos meus. É como se estivesse me saboreando, porque beija cada parte do meu rosto.

E eu o abraço contra mim. Exploro cada centímetro de sua pele que está exposta pelo seu *smoking.* Passo meus dedos por seu cabelo, sua nuca, sua garganta... Sua pele está febril como a minha.

Inclino meus quadris para cima, levando-o mais fundo e mordo meu lábio inferior com força para impedir que eu gema alto demais. Quero fechar os olhos para aproveitar todas as sensações que correm meu corpo como descargas elétricas, mas não o faço porque essa conexão entre nossos olhos é tudo.

Gosto quando fodemos forte e rápido, mas nada chega nem perto disso aqui.

Isso aqui somos nós dois fazendo amor.

E eu nunca tinha experimentado isso antes de Arkin. Na verdade, não tinha experimentado muitas coisas antes dele.

Suspiro, sentindo todo meu corpo vivo e elétrico. Cada parte de mim parece pulsar com uma sensação desconhecida, mas bem-vinda. Me sinto feliz e completa, como se estivesse exatamente onde deveria estar. Com *quem* deveria estar.

— Eu amo você — Arkin sussurra, levando uma mão para meu rosto enquanto vai fundo dentro de mim novamente.

Meu coração enche ao ouvir essa palavras de novo e me agarro aos seus ombros com mais firmeza, levando meus quadris de encontro aos seus.

Seus olhos estão acesos e vivos, os lábios entreabertos e algumas mechas escuras de seus cabelos estão molhadas de suor, grudadas na testa. É a visão do próprio pecado. E é todo meu.

E assim, sentindo Arkin em cada mísera parte do meu corpo e do meu sistema, o orgasmo me arrebata em espasmos intensos. Logo em seguida, Arkin goza com um gemido rouco em meu ouvido.

Sem desgrudar nossos corpos, ele me abraça, colando nossos peitos juntos e eu repito aquelas palavras de novo. É um tipo de emoção diferente para nós dois, mas acho que é por isso que também é tão avassalador.

E eu quero sentir isso pra sempre.

EPÍLOGO

Blaze

JANEIRO

Sinto o suor escorrer na base da minha coluna. Meu coração tá batendo tão rápido que me deixaria assustada se eu não soubesse exatamente o motivo. A adrenalina bem-vinda corre nas minhas veias, trazendo à vida cada parte dentro de mim. A euforia me dominou completamente.

Não consigo tirar esse sorriso enorme do meu rosto. Na verdade, ele cresce ainda mais quando abro meus olhos e encontro dezenas de pessoas me olhando. Eles não estão me vaiando ou xingando, como imaginei que pudesse acontecer em meu primeiro show. Na verdade, eles estão gritando e aplaudindo, tão eufóricos quanto eu.

Essa é minha primeira apresentação para um público relevante. No mês passado, o Outpost fez um noite musical e me convidou para cantar. Fiquei morrendo de medo, embora o público fosse limitado. Mas deu tudo certo. Foi incrível e me senti como no dia da audição para a *Global Records*.

Há algumas semanas, fui chamada para cantar no festival de inverno de Seaside View, uma cidade vizinha bem maior que Cardeen Bay. E aqui estou, depois de cantar a minha última música da noite no *Seaside Hall*, o grande espaço de shows onde o festival está acontecendo.

Não estou mais deixando o medo me impedir de ir atrás do que eu amo e, honestamente, essa foi a melhor decisão da minha vida.

As luzes coloridas dos holofotes passam pelos rostos da plateia e as sigo com meus olhos. Rapidamente encontro aquele que grita mais do que todos os outros, até sua garganta doer. Ele fez a mesma coisa no meu show no Outpost e não se importou nem

um pouco que todos tenham olhado para ele com estranheza por isso.

Arkin está com meu irmão sentado em seus ombros e os dois continuam vibrando mesmo quando termino de cantar e me movo até a coxia, para que o próximo músico suba no palco.

Alicia, minha nova produtora musical, está esperando do lado de fora, com uma garrafa d'água.

Quando comecei com as apresentações, não fazia ideia de como funcionava. Sempre cantei como hobby e compunha apenas para desabafar. O cenário profissional da música era um terreno desconhecido para mim. Alicia Sanford, irmã de Gabriel e proprietária da gravadora com a qual assinei contrato recentemente, tem me guiado por tudo isso.

É meio turbulento, mas eu amo.

— Como foi? — ela pergunta enquanto bebo metade da garrafa de água de uma só vez.

Alicia é muito parecida com seu irmão. Tem o mesmo sorriso cativante. E ela sabe tudo sobre a indústria musical, o que tem me ajudado muito.

— Como se fosse a primeira vez que canto — confesso, ainda sorrindo. — Vai ser sempre assim?

Não estou acostumada a cantar para uma plateia, muito menos a ter pessoas cantando comigo, *vibrando* comigo. Alicia diz que isso não é nada, que as proporções vão aumentar cada vez mais.

Pensar nisso é um pouco aterrorizante, mas também muito excitante.

É como se tudo estivesse em seu devido lugar, seguindo o curso que sempre sonhei, mas com um *plus*. Nunca imaginei que teria alguém tão próximo com quem compartilharia essa aventura. E é ótimo dividir isso com meus amigos, principalmente com Effy, que resolveu ficar de vez m Cardeen Bay.

Mas dividir tudo com Arkin é diferente. Ele me faz sentir como se eu pudesse começar a brilhar de felicidade a qualquer momento. Está sempre por perto, apesar de seus treinos exaustivos e rotina

agitada. Ele está sempre lá, do meu lado, garantindo que nada seja menos do que incrível para mim.

Ele torna tudo mais incrível.

— Acho que vai ficar ainda melhor — Alicia instiga, apertando meu ombro. — Espere só até estar em turnê.

Alicia não para de falar em uma turnê nacional desde que começamos a trabalhar no meu álbum de estreia. Mas, para isso, preciso compor mais cinco faixas inéditas, o que não está sendo nada fácil.

Principalmente com Arkin Sawyer me distraindo em toda e qualquer oportunidade em que ficamos sozinhos.

E eu amo ser distraída por ele.

O que me faz pensar que, muito em breve, esses momentos vão se tornar muito escassos.

O sorriso morre em meu rosto e dou um suspiro, olhando para os meus pés.

— Blaze? — Alicia chama, atraindo minha atenção de volta para ela. — Tudo bem?

Respiro fundo e me recomponho, erguendo a cabeça.

— Sim, tudo bem.

Tenho que aprender a me adaptar a mudanças. Rápido.

A partir de agora, mal vou conseguir acompanhar o ritmo da minha vida. Muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo.

O tratamento da minha mãe com as sessões de iodoterapia começaram há uma semana, pouco depois da cirurgia que ela fez em dezembro. Precisei ficar ainda mais presente em casa, por causa de Ky, já que Dinah tem que ficar no hospital por um ou dois dias depois de cada sessão. Nesses dias, meu irmão fica no apartamento com Arkin e eu.

Ele adora.

Isso consolidou minha decisão de me demitir do Meg's. Eu teria que sair para me dedicar em tempo integral à música, de qualquer forma. Fiquei um pouco nostálgica no último dia, me lembrando de quando, quase seis meses atrás, quis matar Sawyer

por ele me fazer derrubar um monte de *milkshake* em mim mesma no meio da lanchonete.

— Podemos conversar depois? — pergunto para Alicia. — Tenho que ver alguém

Ela dá um sorriso, porque sabe exatamente de quem estou falando, e acena positivamente.

Desço as escadas e passo pelo corredor até voltar para o salão do *Seaside Hall*. Está lotado hoje, principalmente na área mais próxima do palco.

Passo pelas pessoas, procurando, e logo localizo Arkin, Kyle e Finn perto do balcão do bar. Dou um sorriso ao me aproximar e, assim que o faço, eles se viram para mim.

Meu irmão está sentado numa das banquetas altas, devorando um pacote de batatas fritas.

— Garota, você arrasou tanto! — Finn praticamente grita, por cima da nova música que já começou a tocar lá na frente. Ele me ataca com um abraço de urso que me faz sorrir.

Finn também está me ajudando muito nessa minha jornada pela carreira musical. Ele gerencia comigo minhas redes sociais e parte do *marketing*. Não me surpreendi ao descobrir que ele é ótimo nisso também. E tornou bem mais fácil para mim lidar com toda a exposição na internet, que ainda é algo que me deixa nervosa.

Principalmente depois de tudo o que aconteceu com a *Cardeen Bay Gossip*. Ainda sinto náuseas quando lembro disso.

— Acha mesmo? — pergunto, mordendo o canto dos lábios com um pouco de insegurança.

Minha experiência no palco tem sido sempre perfeita, mas o grande motivo disso é minha conexão com a música. Quando canto, me sinto muito bem. Amo tanto isso que deixo que essa sensação me domine e não penso em mais nada, nem mesmo nas minhas inseguranças.

E algumas delas ainda estão aqui. Acho que é normal. Elas não desaparecem de um dia pro outro, mas devem diminuir com o tempo. Espero que a experiência realmente leve à confiança, como Alicia diz.

— Está brincando? Foi perfeito — Finn garante, olhando nos meus olhos.

— Foi mesmo — Arkin concorda.

Ele está especialmente bonito hoje em suas roupas casuais. Os cabelos estão desalinhados do jeito que eu gosto e seu rosto está corado.

— Sua opinião não conta — digo, me virando para ele. — Você sempre acha que foi perfeito.

— Mas você é sempre perfeita, pequena B.

E lá estão elas de novo. As malditas borboletas que se agitam no meu estômago toda vez que Arkin diz coisas assim — o que ele faz com mais frequência que deveria. Pensei que elas fossem sumir conforme nos adequávamos novamente à boa e velha rotina no apartamento 43B, mas não. Elas ainda estão aqui.

Até quando Arkin Sawyer vai fazer eu me apaixonar por ele? Sinto que, a cada dia, tenho um novo motivo para entregar meu coração a ele.

São as pequenas coisas. A maneira como ele assiste filmes de terror comigo, como acaricia o dorso da minha mão com o polegar toda vez que andamos de mãos dadas... É a maneira como ele é atencioso e dedicado com Kyle e como sempre sabe qual o momento certo de tirar o *Ben & Jerry's* sabor cookie de chocolate com menta do congelador.

Acho que é a maneira como ele se importa. Isso resume tudo. Nunca imaginei que encontraria alguém assim.

Merda. Vou sentir falta desse cretino.

— Você estava mesmo perfeita — Kyle concorda também, dando um sorriso.

— Obrigada, meninos. — Estendo a mão para bagunçar os cabelos do meu irmão. Ele detesta quando faço isso, mas sempre me deixa fazer. Talvez, no fundo, ele não deteste tanto assim. — O que seria de mim sem vocês?

— Boa pergunta — Finn cantarola.

Assim que uma nova música começa a ser tocada, Kyle e Finn se afastam de nós para ir até o palco assistir a banda de perto,

deixando Arkin e eu no bar do salão.

Ele se senta num dos banquinhos e me puxa para perto.

— O que foi, gatinha? Reconheço esse olhar.

Suspiro, sem conseguir encará-lo nos olhos.

— Não é nada, é só que... — Dou de ombros. — Não sei, acho que tudo tá mudando muito rápido. Você vai pra Flórida em *dez dias*.

A série qualificatória do campeonato mundial vai iniciar em breve, o que significa que Arkin vai começar a viajar pelo mundo para surfar. A primeira parada é em um parque estadual próximo de Melbourne Beach, na Flórida. Se ele fizer os 1.000 pontos exigidos para passar para a próxima disputa, então ele vai para Havaí e assim por diante, enquanto conseguir os pontos necessários para permanecer no *tour*.

Se tudo der certo no QS, Arkin vai para o CS — *Challenger Series*. E vai ser assim pelos próximos meses, razão pela qual ele adiou a matrícula do seu último ano na CBC. O que significa que não vamos mais passar tanto tempo juntos.

— Vai sentir minha falta, huh? — Arkin provoca, me fazendo revirar os olhos.

— Rá! Até parece.

Sawyer e eu ainda vivemos entre provocações e joguinhos e eu *ainda* não costumo dar o braço a torcer. Mas, às vezes, ele consegue ver a verdade em meus olhos. Não consigo esconder.

Arkin estende a mão e toca meu rosto com carinho, escovando os dedos na minha bochecha.

— Eu vou sentir sua falta também, Kingston.

Estou feliz que o Sawyer está realizando seu sonho. Ele vai conquistar um monte de coisas e ficar ainda mais famoso e isso é incrível. Ele lutou muito por isso e merece se dar bem. Mas é sentir saudades é inevitável. Ele nem foi ainda e já sinto falta da nossa rotina juntos.

Arkin me convidou para viajar os *tours* com ele e, por um instante, imaginei como seria. Viajaria o mundo vendo-o surfar. Seria maravilhoso, mas nós dois sabemos que não posso ir. Tenho

meus próprios sonhos para realizar e, daqui um tempo, sou eu quem vai estar viajando sem parar para os shows.

Só que eu estaria mentindo se dissesse que tudo isso não me assusta um pouco. Já vi relacionamentos terminarem por muito menos. Como Arkin e eu vamos conciliar nossas rotinas malucas? Será que o que temos vai sobreviver à distância?

Essas perguntas têm me consumindo cada vez mais.

— Como vamos fazer dar certo? — pergunto, apreensiva.

Sei o que todos estão falando. Tento não ligar para as fofocas, mas elas sempre chegam aos meus ouvidos de alguma forma. E desde que foi confirmado que Arkin disputaria os mundiais esse ano, todos estão achando que nossa relação não vai durar. Acham que Arkin não vai resistir e vai querer curtir as viagens do *tour* como o festeiro mulherengo que ele costumava ser.

Confio nele de verdade, então não é isso o que me preocupa. Só fico pensando se essa conexão entre nós vai durar mesmo quando deixarmos de passar tanto tempo juntos.

— Eu não sei como, mas sei que vamos conseguir — responde, tranquilo. — Sei disso porque *isso aqui* é real. E se os próximos meses forem difíceis, vamos enfrentar tudo juntos. Eu e você. — Arkin se inclina para deixar um beijo suave em minha testa. — Não importa para onde a gente vá, porque sempre voltaremos para casa. E minha casa não é aquele apartamento, apesar de gostar muito dele. Minha casa é você, Blaze. Então, onde quer que você esteja ou para onde quer que esteja indo, essa é a direção que vou seguir. *Sempre*.

E, simples assim, ele consegue afastar todos os medos e preocupações que estavam me afligindo.

Sua voz está cheia de certeza, assim como seus olhos, e acredito nisso. Acredito e confio nele. Confio em *nós dois* para encontrar uma maneira de ficarmos juntos, não importando o que aconteça ou onde nós dois estejamos.

O sorriso que surge em meus lábios suaviza meu semblante e seguro o rosto de Arkin entre as mãos.

— Você consegue dizer coisas muito fofas quando quer, sabia?

— Eu sou um cara fofo, gata, só você não percebeu ainda.

Dou risada e o puxo para um abraço.

Sentir seu perfume familiar e o calor do seu corpo próximo ao meu sempre me faz sentir que tudo vai ficar bem. É como se o futuro fosse menos assustador, porque sei que não vou enfrentá-lo sozinha.

— Kingston?

— Hm?

Me afasto para olhar para ele. Seus olhos verdes estão brilhando, conectados diretamente aos meus. Ele está sério agora.

— Quer ser minha namorada de verdade?

Arkin nunca me fez essa pergunta.

Depois do casamento de seu pai, simplesmente voltamos a ficar juntos, sem pensar em rótulos. Não pensei que ouvir essa pergunta iria me deixar tão feliz, mas o grande sorriso em meu rosto quase faz minhas bochechas doerem.

— Pensei que nunca fosse perguntar, Sawyer.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por ter colocado esse livro na minha vida no exato momento em que eu precisava e por sempre me dar força para continuar. Além das Ondas, muitas vezes, foi mais do que apenas um trabalho que eu precisava concluir. Se tornou uma parte especial de mim e me ajudou nos momentos difíceis e, por isso, agradeço imensamente.

Agradeço também a esses personagens, que falaram comigo enquanto eu os escrevia e que sempre pareceram tão reais. Ser escritor é uma profissão solitária, mas, durante todos os meses em que passei escrevendo ADO, Blaze e Arkin me fizeram companhia e se tornaram pedaços de mim que coloquei nessas páginas.

Quero agradecer à minha família por acreditar tanto no que eu faço e em quem eu sou. Em especial, quero agradecer à minha mãe. Tudo o que você fez e faz por mim sempre vai ser inacreditável.

Agraço às minhas amigas e parceiras de escrita. Tay, Lovely e I.C., ter vocês ao meu lado sempre me motiva a continuar. Obrigada pelas risadas, pelos incentivos e por tornarem tudo mais leve. Vocês são únicas.

Agradeço imensamente às minhas betas, Indy e Alice, que aturaram todos os meus surtos durante a escrita e me ajudaram a conseguir concluir essa obra. Seus conselhos e incentivos foram essenciais para mim. Obrigada mesmo.

Por fim, quero agradecer aos meus leitores. Tanto aqueles que me acompanham desde o meu primeiro livro, quanto aos novos. Quero agradecer a você, que chegou até o fim desse livro. Porque cada um de vocês faz parte dessa jornada comigo.

Mal posso esperar para encontrá-los no meu próximo livro. Até mais.

Com todo o amor do mundo,
Sam

REDES SOCIAIS DA AUTORA

Instagram